

"ATERRORIZADOR
E AUTÊNTICO."
>Simon Sebag
Montefiore

"O NOVO
JOHN LE CARRÉ."
>Brad Thor

DAVID McCLOSKEY

Autor de *ESTAÇÃO DAMASCO*

MOSCOVO

X



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

PERKIN WILKINSON
LONDON
© 2001
All Rights Reserved

DAVID

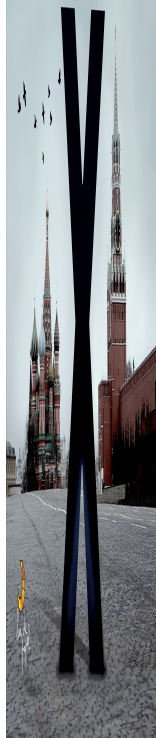
YOUNG
AND RUBICAM
LONDON
All Rights Reserved

McCloskey

Produced by
PERKIN WILKINSON

McCloskey

Y



DAVID
MOSKOVY

MOSCOW

X

1987

1987

Ficha Técnica

Título: Moscovo X
Título Original: Moscovo X
Autor: David McCloskey
Revisão: Laura Alves
Capa: Rui Rosa
ISBN: 9789892362380

LUA DE PAPEL

[Uma chancela do grupo Leya]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37

©2023, David McCloskey
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

luadepapel@leya.pt
www.luadepapel.leya.com
www.leya.com



Este livro é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares ou acontecimentos são fruto da imaginação do autor ou utilizados de forma fictícia. Qualquer semelhança com locais, acontecimentos, pessoas, vivas ou já falecidas, é pura coincidência.

Ficha Técnica

PARTE I Zagavor/Conspiração

- 1 Dunshanbe, Tajiquistão
- 2 Langley
- 3 São Petersburgo
- 4 RusFarm, perto de São Petersburgo
- 5 Londres
- 6 Moscovo
- 7 São Petersburgo
- 8 Repino/São Petersburgo/Londres
- 9 San Cristobal, México
- 10 Langley
- 11 Palo Alto

PARTE II Razrabotka/Desenvolvimento

- 12 San Cristobal
- 13 Moscovo
- 14 Moscovo
- 15 San Cristobal
- 16 San Cristobal
- 17 San Cristobal
- 18 San Cristobal
- 19 San Cristobal/Langley
- 20 RusFarm
- 21 St. Ives, Cornualha
- 22 St. Ives
- 23 Moscovo

24 RusFarm

PARTE III Zakhvat/Armadilha

25 RusFarm

26 RusFarm

27 RusFarm

28 RusFarm

29 RusFarm

30 RusFarm

31 RusFarm

32 St. Ives

33 St. Ives

34 Washington, D.C.

35 Moscovo

36 Falls City, Oregon/Palo Alto

37 Moscovo/Genebra/Gimmelwald

38 Gimmelwald

39 Gimmelwald

40 Gimmelwald

41 Moscovo

PARTE IV Tyazhelyi/Pesados

42 Moscovo/São Petersburgo

43 São Petersburgo/RusFarm

44 Palo Alto/Parcellville

45 Moscovo

46 Moscovo/Estrada para RusFarm

47 Langley

48 San Cristobal

49 Vale de Napa

50 Moscovo/São Petersburgo

51 RusFarm

52 St. Ives

PARTE V Predatel/Traidor

53 São Petersburgo/RusFarm

54 RusFarm

55 Palo Alto

56 RusFarm

57 RusFarm/Palo Alto

58 RusFarm

59 RusFarm

60 RusFarm

61 RusFarm

62 RusFarm

63 Palo Alto

64 RusFarm/Palo Alto

65 RusFarm

66 RusFarm

67 Palo Alto/Washington

68 Langley

69 Karelia

70 Karelia

71 Moscovo

72 Moscovo

73 Moscovo/Sochi/Cabo Idokopas/Quinta da Anna

AGRADECIMENTOS

Para Abby, meu amor

Ela ama, ama o sangue

Esta terra russa.

– Anna Akhmatova, em MCMXXI, da Era Cristã

PARTE I

Zagavor/Conspiração

Dunshanbe, Tajiquistão

Presente

Foi assim que Artemis Aphrodite Procter ficou de castigo no banco.

Acordou com um estranho cheiro almiscarado de uma atmosfera enevoadada, no meio da escuridão, com os dentes a bater como se fossem um brinquedo de corda. As suas pálpebras, pesadas, resistiam a abrir-se. A madeira dura gelava-lhe a pele. Procter pestanejou através do emaranhado de caracóis negros, tentando ver o outro extremo do chão de um compartimento que não conhecia.

Depois, ouviu passos e uma mão peluda ergueu-lhe suavemente os caracóis do rosto. Um homem ajoelhou e acenou-lhe.

– Bom dia, Artemis – disse-lhe em russo num tom alegre.

A mente dela vacilou, girou, e os seus pensamentos perderam-se na escuridão. Examinou o compartimento. Uma mesa. Duas cadeiras junto à janela. As suas cuecas com um padrão de ananases amarradas no chão. Uma garrafa de *vodka* vazia caída ao seu lado, com a marca de um batom alheio no gargalo.

Sentou-se num sofá, completamente nua e gelada. O russo dirigiu-se a um cadeirão junto à janela. Acendeu um cigarro. Ela puxou os joelhos para o peito e fechou os olhos, porque o compartimento girava à sua volta.

– Foi cá uma noite – exclamou o russo. – Vi coisas que nenhum homem devia ver. – A seguir fez estalar a língua. – És uma mulherzinha monstruosa.

– Quem és tu? – perguntou Procter, também em russo e com os olhos ainda fechados. A luz provocava-lhe tonturas e vertigem.

– Anton – respondeu.

Um minuto depois, Procter levantou-se com dificuldade e procurou a roupa. Além das cuecas, encontrou só o casaco de cabedal e os *Reebok* cheios de lama. E apercebeu-se de repente de um enorme buraco na memória, um completo apagão, desde que tinha pedido as bebidas na noite anterior. Tinha estado com um prostituto russo com acesso a pesos-pesados: o Kremlin, os serviços de segurança. E, ou ele estava morto, ou estava metido naquilo. Provavelmente as duas coisas.

Já com a visão mais firme, Procter apercebeu-se das cores dourada e azul da cúpula da Biblioteca Nacional através da janela. Salpicos de chuva batiam no vidro. A mesa diante de Anton estava cheia de pratos de comida, que parecia ser carne de cavalo, massa frita pegajosa e arroz gorduroso.

Com alguma dificuldade, enfiou as cuecas e os *Reebok*, quase perdendo o equilíbrio por duas vezes e, a seguir, fez uma pausa para respirar antes de apanhar o casaco. Apalpou-o e sentiu os bolsos vazios: sem o telemóvel, as chaves e a navalha de ponta e mola. Deixou-se então cair numa cadeira diante do russo.

Anton soltou uma gargalhada.

– Artemis Aphrodite Procter. Chefe de posto da CIA. Funcionária pública mal paga. E, segundo as minhas fontes, mais uma vez ultrapassada na corrida à promoção para o SIS. Enviada de Amã para um fim do mundo como Dushanbe. E tudo por causa de critérios não especificados.

– Os meus critérios – disse Procter –, foram bem especificados.

Anton aplaudiu com as suas mãos peludas, e riu-se, com um cigarro pendurado nos dentes.

– Sim, a simpática Procter. Viajante sexual. Uma pervertida com certos... – fixou-a com uma expressão grave. – ...Apetites.

– E as mãos sujas de sangue russo – disse ela.

Uma nuvem toldou o olhar de Anton. Esmagou o cigarro no cinzeiro de metal e começou a preparar um prato.

Um litro de leite de égua fermentado transpirava numa garrafa de vidro. Uma coisa boa em Dushanbe, o leite de égua. Mas quando Anton lhe serviu um copo, ela atirou-o ao chão.

O russo soltou uma gargalhada abafada e passou por cima do rio branco e escorregadio para apanhar um dossiê pardacento de cima do sofá. Entregou-o a Procter e voltou à sua refeição.

– Temos muito mais fotografias, claro. Isto é só um aperitivo. Havia algumas tuas de barriga para baixo, por exemplo, mas acho que não estão aqui. Mas devo dizer que tenho alguma curiosidade em relação às tatuagens. E porquê nove? Tenho a certeza de que as histórias são fascinantes. De qualquer forma, vá lá, espreita. – Começou a comer com os dedos.

Procter percorreu uma mão-cheia de fotografias suas, nua, tiradas depois de ter sido drogada. Algumas eram bastante imaginativas, artísticas até. Duas ou três, quase perfeitas: a iluminação, a energia, os ângulos íntimos, aqueles que apropriadamente capturavam aquilo que Procter considerava serem os

espíritos animalescos da sua *persona* sexual. Outras eram banais e excessivas: indignas da profissão, até no mais manhoso mercado da carne. Procter, que nunca se envergonhava, não achou nenhuma delas embaraçosa. As mamas, pensou, pareciam de um modo geral, muito bem. Atirou o dossiê para uma poça de leite de égua.

– Vai-te foder!

Anton acendeu outro cigarro.

– Artemis, por favor. É que se não cooperas, então, estas infelizes fotos vão ser publicadas *online*. E pomos-te fora da CIA.

– De qualquer maneira é o que vão fazer, Anton, não é verdade? Agora diz-me onde estão as minhas malditas calças?

O mundo tinha deixado de andar à roda. Levantou-se lentamente e começou a andar pelo compartimento.

– Vais ser mandada para casa, Artemis. Mais uma nódoa na tua carreira.

– A tua conversa até cheira mal. A ideia é mandarem-me para casa. Andas atrás de mim porque eu gosto de dormir com russos. Queres que eu me ponha a andar. De qualquer forma, devias investir num fotógrafo melhor, porque há aqui algumas – espetou o dedo no dossiê ensopado em leite –, horríveis. A minha resposta é esta. Vai-te foder! Vou-me embora daqui e vou reportar isto tudo a Langley e ao embaixador. Olha, uma ideia melhor. E se, em vez de eu mandar uma mensagem que te vai fazer parecer um idiota chapado, espiasses para mim? Que dizes?

Anton lançou um jato de fumo para cima da comida.

– Vai-te foder, Artemis.

Procter sorria.

– Creio que nos entendemos. Então? Onde estão as minhas calças?

Atirou algumas almofadas para o chão numa busca vã. Sentia-se irritada, pois as calças não apareciam. Uma quebra das regras, pensou. Pouco profissional. Muito mau. Virou o quarto do avesso enquanto Anton fumava. Teria mesmo deitado fora as calças?

– Vá lá, Anton. Está frio e sou uma mulher decente. Não posso bazar daqui com umas cuecas com ananases e um casaco de cabelo.

Procter ficou de pé à frente dele, com as mãos na cintura, a vê-lo acabar de fumar o cigarro. O riso dele ao ouvir a palavra *decente*, fez com que perigosas fantasias atravessassem a mente de Procter.

– Artemis, pensa na tua equipa. Se fores para casa não terão chefe. E ouvi dizer que alguns dos teus colegas partiram recentemente. Uma infeliz situação médica.

Dois meses antes, o subchefe do posto de Procter e a família tinham acordado no apartamento com vertigens e dores de cabeça. A mulher ficara cega de um olho. Procter suspeitava de um ataque de energia dirigida. Síndrome de Havana. Micro-ondas que fritavam o cérebro.

Anton sorria enquanto lhe observava as pernas nuas.

Procter olhou para as calças de Anton com cara de poucos amigos. Uma

sirene tinha-lhe na cabeça.

Depois, agarrou na garrafa de *vodka* vazia, partiu-a contra a mesa para ficar com o gargalo estilhaçado e, antes que Anton se pudesse baixar, cortou-o na face e enfiou-lhe o vidro na carne do ombro esquerdo, onde ficou com o gargalo pintado de violeta a apontar diretamente para o teto.

Anton berrou, tentou levantar-se e retirar o vidro, mas ela deu-lhe um pontapé no peito e ele caiu na cadeira. Um fio de sangue escorria-lhe pela cara. Ela esmurrou-lhe o nariz uma, duas, três vezes, até ouvir um rangido húmido e doce e um gemido entrecortado sair dos lábios dele. Depois agarrou na garrafa do leite que estava sobre a mesa e partiu-lha no crânio. A cabeça dele curvou-se e o leite e o sangue misturaram-se em cordões cor-de-rosa.

Procter voltou a mesa e atirou-a de encontro à parede, para arrancar dela uma perna cheia de farpas e esmagar o joelho de Anton. Depois de algumas pancadas, a luz encontrou caminho por entre a escuridão da sua raiva, ela atirou a perna da mesa para o lado e esbofeteou-o para o acordar. Em vão.

– Anton – chamou. – Acorda. Entusiasmei-me um coche. Anton estás a ouvir-me? – Fez estalar os dedos em frente à cara dele. – Anton?

Encostou-lhe os dedos ao pescoço. Sentiu a pulsação.

Nunca pensou sentir-se satisfeita por saber que um agente secreto russo estava vivo, mas graças a Deus.

Olhou então em volta do quarto destruído, e depois pela janela, perguntando-se se ele teria colegas ou uma equipa a vigiar com câmaras. Tirou-lhe as calças, vestiu-as e disse ao russo inconsciente:

– Isto é por me teres gamado as calças.

O homem era muito mais alto e gordo, por isso, enrolou trinta centímetros de tecido nas pernas e apertou o cinto até onde deu. Meteu o dossiê com as fotografias dentro do casaco. Mas depois voltou a tirá-lo e folheou as fotos até encontrar uma: um belo instantâneo que enquadrava a sua flexibilidade e robusta feminilidade. A sua maldita força silenciosa. Amachucou a fotografia numa bola e enfiou-a nas cuecas de Anton. Depois saiu porta fora.

O dia continuou a desenrolar-se. Na embaixada houve uma sessão de autocrítica com o cretino do embaixador. Ela enviou uma mensagem a contar as suas dificuldades e recebeu uma reação desagradável da parte do Diretor e dos manda-chuvas de Langley. Depois, uma conversa entrecortada com o subdiretor Bradley, com palavras e um tom que evocava murmúrios tranquilizadores a um muito amado cão antes de lhe ser praticada a eutanásia.

Hora do jantar: as fotos apareceram em vários sites anónimos, com os *links* amplificados por *bots* nas plataformas das redes sociais. Também indicavam Procter como chefe de equipa de Dushanbe.

A informação oficial recordava-a de que Langley chegaria ao final da tarde. A missão acabara. Teria de apanhar o primeiro avião a sair de manhã. Agentes de apoio fechar-lhe-iam o apartamento e enviariam os seus pertences para a Virgínia. O ataque violara uma data de leis do Tajiquistão e, mais importante ainda, levantava o espectro da ciber retaliação pela hospitalização daquele que, desde então, a CIA soubera ser um importante agente secreto enviado de Moscovo. Os médicos esperavam a sua recuperação, dizia um memorando do oficial de ligação que praticava *oversharing* com a CIA por dinheiro. Mas Anton ficaria com sequelas, nomeadamente, um conjunto de cicatrizes, um defeito no andar derivado do trabalho de Procter nos seus joelhos e, graças a uma garrafa de leite de égua, o eterno espectro de uma diminuída capacidade mental. Alguns intrépidos membros do posto organizaram uma apressada e afetuosa despedida da Chefe, trazendo um bolo em que estava escrito, com um erro: *Vamos sentir a sua falta Chef*.

Quando a Equipa se retirou para ir descansar, Procter fechou o computador e colocou o disco rígido no cofre. Tinha pouca coisa para guardar: no seu estéril gabinete não havia fotos de família, nem *Me Wall* com presentes ou bugigangas ou arte. Nada de decorações de qualquer espécie. A sua única cedência era um bastão de basebol autografado por todos os membros da equipa dos Cleveland Indians do Campeonato de 1997: a receita administrativa secreta para incentivar a produtividade da equipa. Em Damasco guardava uma espingarda no gabinete, mas em Amã tinha havido queixas e agora tinha o bastão. Levava-o sempre consigo; olhava-o com uma expressão ansiosa durante as reuniões operacionais da manhã; mantinha-o encostado a um canto da parede, visível durante as chamadas de vídeo com a sede.

Procter balançou o bastão num arco preguiçoso através do ar reciclado do seu gabinete. Sabia que não podia ficar em Dushanbe, mas desprezava a colmeia que era a sede, a zumbir de graxistas, mais ansiosos por terem acesso e pelos *donuts* do que pelos frutos da espionagem. Que merda de dia.

Bateu com o bastão na mesa de contraplacado do seu gabinete. Fez um risco. Depois repetiu o golpe, rachou a mesa e continuou até a destruir completamente e se sentir satisfeita e a transpirar. Apagou as luzes do gabinete. Com o bastão ao ombro, começou a fechar o Posto.

A sede, Deus do céu! Mas que mais podiam fazer com Procter, uma réproba impulsiva e também uma chefe e operacional respeitada com anos de experiência no campo internacional?

Estava de castigo no banco. Uma estada de dois anos na sede sob apertada supervisão. Uma vez completada a punição de forma satisfatória, poderia um dia voltar a chefiar um Posto. Porque era competente, não uma merdosa incapaz de gerir as operações. O subdiretor Bradley tinha sugerido que lhe ia encontrar qualquer coisa importante. Procter assegurou-se de que não ficava um único papel sobre as secretárias. Confirmou que os cofres

estavam fechados. Depois trancou a pesada porta de metal do Posto de Dushanbe pela última vez.

Langley

Na manhã seguinte a ter chegado aos Estados Unidos, a sofrer de *jet-lag*, com os ouvidos a zunir de exaustão, Procter aguardava para se encontrar com Ed Bradley, subdiretor da CIA, sentada num dos sofás à entrada do gabinete que ele ocupava no sétimo piso. A sala de espera fora decorada a partir de um catálogo de aquisições do governo: toda a mobília em madeira falsa, levemente lascada, a descascar ou partida. Havia uma mesinha levemente manchada, cheia de revistas. Como em todas as salas de espera de todos os tempos e em toda a parte, o material de leitura estava, tal como o mobiliário, havia muito, fora de prazo.

Quando por fim a deixaram entrar, Bradley estava sentado à secretária, inclinado sobre o MLP, um telefone seguro, com as dimensões de uma impressora, que ligava as principais 14 entidades nacionais. Um botão para o Diretor, outro para o Conselheiro de Segurança Nacional, outro para o Secretário de Estado, para o da Defesa, e por aí adiante. O gabinete tinha janelas enormes com vista para as árvores próximas do Potomac, agora cor de ouro, vermelho e laranja. Bradley tinha um metro e oitenta e oito, fora defesa na Universidade do Texas e um lendário *case agent* que se aposentara depois de ter sido chefe da antiga Divisão do Próximo Oriente. O novo diretor pedira-lhe que regressasse como adjunto. Ele e Procter conheciam-se havia décadas.

O placard por trás da secretária de Bradley estava quase vazio, tal como ela se lembrava. Mas sobre o aparador havia fotografias da mulher e das filhas, juntamente com alguns presentes de amigos especiais. Procter reconheceu uma lasca de metal retorcido, de quando ela ajudara a explodir a porta de um *Mitsubishi Pajero* na baixa de Damasco, havia já uma eternidade. E, pregados na parede, encontravam-se os favoritos de Bradley – um míssil neutralizado, que lhe fora oferecido por ter liderado o programa de Stinger

contra os soviéticos no Afeganistão e, mais recentemente, um lança-mísseis pela ação de trabalho infiltrado na Ucrânia, contra os russos.

Procter arrastou-se até uma cadeira fora do alcance dos lançadores enquanto Bradley revia as fichas contidas na sua agenda diária. O seu olhar de desagrado variou entre a ficha e o MLP, como se não pudesse suportar a tarefa seguinte. A ficha desapareceu no seu bolso, quando ergueu os olhos e a viu. Lançou-lhe um breve sorriso.

– Há uma eternidade – disse ela, melancólica, a olhar para os lançadores.
– Mais uma ajuda para a indústria russa dos caixões de zinco. O que está feito, está feito, e tudo o mais. Ámen.

Bradley disse ámen e deu-lhe um grande abraço.

– Artemis, como tens passado?

– Do melhor, Ed.

Ele fez uma careta.

– Lamento. Malditos russos.

– Devíamos mandar estampar isso numa *t-shirt*.

– Tens tudo aquilo de que precisas? Os médicos e os psicólogos dizem...

Ela ergueu a mão.

– Já percebi que estou de castigo no banco. Mas não me obrigues a ficar sem fazer nada. Estou bem, mas preciso de trabalhar. De fazer qualquer coisa.

– Devias mesmo descansar.

– E a fazer o quê?

– Diria que tratasses de te pôr realmente boa. Endireita essa cabeça.

– Vá lá, Ed. Conhecemo-nos há mais de 20 anos. Isso foi chão que já deu uvas.

– Estou preocupado contigo, Artemis. – Uma breve tristeza passou pelo estoico semblante de Bradley, mas desapareceu quando Procter emitiu um breve gemido.

– Estás a ficar piegas com o passar dos anos, Ed. Caramba, já te disse que estou bem. Se quiseres que não fique bem, então vai em frente e põe-me de licença administrativa para eu beber até morrer no Reston Town Center. É isso que queres? A bôfia a ligar-te para casa porque estou a emborcar *shots* de tequila e a gritar coisas sobre a CIA no parque de estacionamento?

– O Diretor queria despedir-te. Disse que o teria feito se isto fosse uma empresa normal.

– Uma empresa normal nunca me contrataria. Então e os russos? Emitiram um protesto?

– Nem um pio, por enquanto.

– E como pensamos nós reagir? – Bradley desviou o olhar e fechou um punho com força. – Credo, Ed, a sério? Nada? Os russos drogaram-me. Tiraram-me um monte de fotografias em pelo. Lançaram um ataque de energia dirigida ao meu vice...

– Essa investigação ainda está a decorrer, Artemis.

– Fizemos uma análise a provar que equipas assassinas chegaram a Dushanbe três dias antes de isso acontecer.

– E eu concordo com essa análise. Digo-te apenas que está a decorrer uma investigação. E que, até aqui, a Casa Branca se tem mostrado relutante em ponderar opções retaliatórias agressivas.

– Se nada fizermos, os russos vão continuar a picar-nos – rosnou Procter.
– São uns bárbaros sem limites nem moral, Ed. É assim que funcionam. E não se trata de mim. Mais ou menos nos últimos dez anos, todos vimos o Putin provocar e espicaçar-nos e lixar a CIA e os Estados Unidos com a mais completa impunidade. Ultrapassa os limites e nada fazemos. Invade a Georgia. Deseja a Ucrânia, provoca uma pequena insurreição, depois invade e comete uma quantidade enorme de crimes de guerra. Fecha centrais elétricas. Anda a brincar dentro da nossa rede a planear sabe-se lá o quê... – Bradley ergueu delicadamente a mão, que Procter impediu. – Provocou-nos com ondas de ciberataques e de *malware*. Os vampiros dele envenenaram e assassinaram gente em todo o mundo: Reino Unido, Bulgária, que raio, até aqui em Washington. Tentaram orquestrar um golpe de Estado no Montenegro. Na merda do Montenegro, Ed! Os russos atacaram fisicamente os nossos agentes em Moscovo. O merdas do diretor do FSB esmurrou um deles na cabeça! Na cabeça, Ed, depois de ter sido preso! As milícias abateram um avião malaio sobre a Ucrânia. Os russos pagaram subornos aos talibãs para matarem soldados americanos. Confundiram-nos a cabeça nas redes sociais aqui no país. Deram cabo do cérebro de dezenas de agentes da CIA com armas de energia dirigida. E sim, drogaram-me e tiraram fotografias das minhas partes íntimas. E nada disso – pigarreou – resultou em mais do que um aviso. Temos de começar a demarcar a merda de uma linha que essa barata do Kremlin não possa ultrapassar.

– Concordo cem por cento contigo, Artemis – disse Bradley. – Inteiramente.

– Quero participar – disse Procter. – E ouvi dizer que há uma vaga, a nova loja secreta que trata de todas as arrepiantes operações russas. A Moscovo X.

– A história da Moscovo X? Artemis, o diretor não é teu fã, especialmente depois...

– Das coisas desagradáveis em Amã. E agora Dushanbe.

– Certo. Esse desagrado faz com que sejas difícil de aceitar.

– Então, onde me queres colocar?

Bradley olhou para os lançadores.

– Quero-te a trabalhar a Rússia.

– Pois então trata disso.

A manhã de outono estava invulgarmente quente e húmida quando Procter atravessou o parque de estacionamento da sede original da CIA (OHB). Em

Langley, a multidão apressada para chegar ao emprego corria à sua volta como água. Uma sentença de dois anos neste campo de prisioneiros, pensou. Inacreditável. A vantagem seria que se Bradley conseguisse convencer o Diretor a dar-lhe a missão Moscovo X, teria uma melhor oportunidade de destruir russos a partir de Langley do que de outro lado qualquer. E tinha ideias maravilhosas para os lixar bem lixados. Saiu com o seu *Prius* do recinto e dirigiu-se ao Vienna Inn, o bar que tinha acomodado inúmeras horas felizes, celebrações, promoções e até um ou dois velórios irlandeses depois dos funerais dos camaradas da Agência. Procter pensava abancar aí para uma farra de duas, talvez três noites.

Procter arrancou para a Virgínia do Norte, excitada por uma visão escabrosa do caos em Moscovo, ao som da bela melodia do *Lago dos Cisnes*. Se fosse uma mulher religiosa, poderia ter acreditado que a mão de Deus a tinha pintado na sua mente. Não sabia o que de facto pensar acerca de Deus, mas calculava que, por aquela altura, qualquer divindade razoável teria contas a ajustar com o Kremlin. Depois do que tinham feito, Deus não a ia impedir de dirigir uma sólida operação contra os russos.

São Petersburgo

Às primeiras horas de uma noite chuvosa em São Petersburgo, um homem, vestindo um fato de bom corte, saiu de um *Mercedes* negro do governo e entrou no átrio de um banco. Embora, nessa noite, a sua intenção fosse o roubo, não levava consigo uma faca ou uma arma de fogo. Aliás, a arma era uma pilha de documentos oficiais que lhe permitiam retirar uma enorme quantidade de barras de ouro das reservas do banco, guardadas numa caixa-forte, quatro pisos abaixo da rua, que a essa hora era vigiada por uma equipa de guardas fortemente armados e vários funcionários, alguns dos quais a dormir nesse momento.

Os documentos autorizavam o homem de fato, o tenente-coronel Konstantin Konstantinovich Chernov, do *Federal'naya Sluzhba Bezopasnosti*, o FSB, o Serviço de Segurança Federal da Rússia, a transferir duzentas e vinte e uma barras de ouro do banco, para uma reserva estratégica no leste.

Os *Ferragamo* negros de Chernov batiam ruidosamente no vestíbulo de mármore e os seus impecáveis calcanhares eram seguidos por uma equipa de polícias que puxava carrinhos e caixotes. A polícia tinha sido, para seu desgosto, requisitada pelo FSB para o trabalho difícil dessa noite. O espólio era afinal pesado: cada barra pesava um pouco mais de 12 quilogramas. O chefe da segurança do Banco Rossiya recebeu Chernov no átrio. O homem fora coronel do exército soviético e conhecia o jogo. O FSB tinha dezenas de espões dentro do banco. O FSB cumpria as regras. Chernov podia fazer o que quisesse.

Trocaram um cumprimento gelado. Chernov era frio e firme, mas educado. A papelada era aborrecida e oficial, mas embora o ambiente fosse tenso, não houve qualquer discussão ou conflito, nem sequer vozes alteradas. Chernov fora soldado e sacerdote, por isso sabia que não havia outra lei senão a de Deus, e que Deus só transmitia a sua lei através da Rússia. Nessa noite,

as suas ordens teriam sido consideradas arbitrárias, até mesmo ilegais em muitas sociedades, mas, para Chernov, podiam ter sido sopradas por Deus, com o mesmo valor das Sagradas Escrituras ou de um decreto do Kremlin.

As feições de Chernov eram vulgares, excetuando a sua considerável altura. Era pálido, calvo e de faces rosadas. Tinha um olhar calmo e contemplativo. O fato negro era de Saville Row, chegava-lhe pela mala diplomática e era feito por medida, tendo em conta a sua enorme estatura. As suas palavras eram frequentemente as primeiras sugestões de loucura e, nessa noite, pronunciara poucas.

A partir do átrio, Chernov seguiu o chefe da segurança até um gabinete espaçoso, sobranceiro à praça. Aí surgiu o primeiro protesto da noite: seria necessário telefonar àquela hora a Andrei Agapov, principal acionista do banco, para lhe dar a conhecer a requisição do Estado de uma quantidade de barras de ouro no valor de quase 200 milhões de dólares.

– Ele devia ao menos saber o que está a acontecer – disse o chefe da segurança a Chernov, apertando o telefone com as suas mãos brancas. Estava preparado para ligar a Agapov, mas aguardava permissão. Chernov anuiu.

O chefe da segurança falou com Agapov durante uns minutos. Leu os pontos principais dos documentos. Informou-o do nome de Chernov, patente e departamento. Pediu instruções a Agapov. Depois desligou.

– Vai recusar? – perguntou Chernov, com os olhos brilhantes de curiosidade.

– Não – respondeu o chefe da segurança. – Mas não lhe devo facilitar as coisas.

– Acha isso sensato? – perguntou Chernov.

Concordaram que não o era. Que o chefe da segurança nada faria para atrasar ou complicar a transferência, mas que, se o pressionassem, Chernov insistiria no facto de que a resistência seria irritante, até mesmo perigosa. Depois, desceram à caixa-forte, cujos corredores Chernov atravessou, fazendo deslizar os dedos pelos caixotes que continham as barras de ouro, com um dos agentes policiais atrás dele para verificar os números de série mencionados nos papéis que levavam para tornar o roubo legal. Assim que Chernov se mostrou satisfeito, os seus homens começaram a empacotar. Encheram o fundo de cada caixote e taparam o ouro com um pano grosso. Acrescentaram mais duas camadas, até recearem que o ouro pudesse deformar os caixotes. Depois, selaram as tampas com parafusos de madeira, fixando etiquetas já prontas que indicavam a lista dos números de série que cada caixote continha. Os homens da segurança do banco não ergueram as armas; nenhum deles tocou nos rádios ou nos telefones. Estavam mudos e em sentido. O que haviam de fazer quando a polícia os roubava?

O chefe da segurança via os caixotes passar com a expressão aflita de um homem que vê a própria casa ser assaltada.

Depois, incapaz de se conter, resmungou algo acerca de Chernov estar a roubar o ouro de Andrei Agapov.

Chernov voltou-se para ele.

– Está a dizer que este ouro pertence a Agapov? – Falava em voz contida, embora sentisse o sangue a ferver, agitado dentro de si como mercúrio. Sentiu na ponta da língua um leve sabor a sal e a metal.

O chefe da segurança examinou o seu reflexo nos sapatos, levou as mãos às ancas, zangado, mas conteve-se.

– Perguntei – continuou Chernov –, se, na sua opinião, este ouro pertence a Andrei Agapov.

O homem ergueu a cabeça, mas não olhou Chernov nos olhos.

– Os documentos admitem-no.

– Então pergunto-lhe isto – insistiu Chernov. – A quem pertence Andrei Agapov?

O chefe da segurança tocou na gravata. Fungava. A sua maçã-de-adão subia e descia.

Chernov suspirou. Poucos compreendiam.

– O poder anárquico da Rússia redime Deus – declarou Chernov. – Um Deus falhado unifica-se com a Rússia através do seu trabalho redentor. Por isso, lá no fundo, é a Deus que este ouro pertence. Percebe?

Agora o homem engolia em seco e puxava com força o nó da gravata. Não respondeu. Não olhou de frente para Chernov. Os caixotes deslizaram diante dele.

Agarrando-lhe o ombro, Chernov conduziu o outro na direção de um caixote vazio. Um polícia colava uma etiqueta na madeira. Chernov pediu-lhe que se afastasse, que lhes desse um momento. O sabor era agora mais forte. Teria mordido a língua? Limpou a boca com um dedo, mas este mostrava-se completamente limpo.

– As ideias – disse Chernov –, são as únicas armas capazes de obliterar a história, os factos e a verdade. Tal como os russos, o senhor e eu temos noção do seu poder. No século passado, milhões dos nossos compatriotas sofreram nobremente sob uma causa de ideias outrora obscuras. Espero e acredito que muitos mais façam o mesmo naquele que aí vem. – Continuando a apertar o ombro do homem, Chernov apontou para o caixote vazio. – Entre!

– Como?

Chernov apertou-lhe mais o ombro. Espreitou para dentro do caixote e chegou ao fundo de um buraco escuro do campo da Síria, onde o tinham metido durante vários meses. E sabia que a vinha negra que se estendia através do seu corpo era o que o banqueiro devia estar a sentir nesse momento.

Chernov emergiu da Síria para ver passar outro caixote em direção aos elevadores de carga.

– Entre. – Uma linha de suor manchava a testa do homem. A enorme mão de Chernov passou-lhe ao de leve pelo lóbulo da orelha e depois suavemente até ao pescoço.

– Por favor – pediu o homem. – Por favor.

– Entre. – O polegar de Chernov entrou no ouvido do homem. Olharam-se por momentos. O homem entrou no caixote. – Sente-se! – O homem dobrou as pernas trémulas e sentou-se.

Chernov inclinou-se sobre ele.

– Vejo a Rússia como um corpo. Um corpo perfeito, nascido de Deus, virginal. Feito de células, exatamente como o nosso. E essas células têm funções. Cada uma delas tem o seu próprio papel. Se uma célula não funcionar, então tem de ser cortada do corpo.

– Por favor – pediu o outro. – Não faça isso.

– Deite-se! – ordenou Chernov. – É para ficar aconchegado.

O homem obedeceu. Depois fechou os olhos. Chernov agarrou na tampa e lançou a sua sombra sobre o caixote. Mordeu o interior da bochecha até que, por fim, o sangue lhe rebentou na boca.

– Tenho uma mensagem do meu chefe para o Agapov: preocupa-nos que a vossa célula já não funcione. Que procure uma liberdade pecaminosa. Que o teimoso ex-general da KGB, o industrial conflituoso, o orgulhoso proprietário, se tenha convencido de que a sua própria pessoa, família e dinheiro possam ser separados do Estado russo. Que Agapov, como um indivíduo com direitos e proteção ao abrigo da lei... bem, esse velho louco imagina que pode fazer o que lhe apetece. Mas a perda do seu ouro esta noite deve demonstrar que a lei é apenas um ritual, um gesto glorioso de subjugação da parte do nosso líder. O poder e a violência superam a lei, e seguir-se-á a violência se Agapov continuar a colocar os seus interesses acima dos da Rússia. O mal começa onde a pessoa começa. Há apenas a nação russa, não há pessoas. Agapov não existe.

Depois Chernov colocou a tampa. Pegou num berbequim e pô-lo no máximo para meter o primeiro parafuso na madeira.

– Valha-me Deus – gritou o homem. – Valha-me Deus.

RusFarm, perto de São Petersburgo

Anna Andreevna Agapova ouviu o chiar dos travões e sentiu a mansão pressioná-la lá de cima. Olhou pela janela do carro: quase todas as divisões estavam às escuras. Quatro elementos do pessoal aproximaram-se cuidadosamente, pisando os degraus húmidos sob a luz dos candeeiros e das terríveis gárgulas. Alegrava-a sempre ver as consequências das horríveis sensibilidades artísticas do marido, mas, infelizmente, ninguém do pessoal escorregou nas pedras resvaladiças. Uma mulher atarracada abriu a porta e Anna meteu as suas botas *Louboutin* vermelho sangue na gravilha e as mãos nos bolsos.

Olhou mais uma vez para a casa, mas nesse momento a visão irritou-a, por isso, voltou-se e semicerrou os olhos na direção das luzes que iluminavam o hipódromo e os telhados dos estábulos, mais atrás. Quantos cavalos estavam lá agora? Provavelmente mais de uma centena. O vento rápido trazia lascas de água gelada, e era apenas outubro. Meu Deus, como detestava o inverno de São Petersburgo. Húmido, gélido e de um cinzento metálico. A inspiração para uma litania de literatura russa suicida.

Como toda a gente, Anna chamava *Piter* à cidade. Com os olhos ainda nos estábulos, perguntou à mulher:

- Onde está ele?
- No gabinete – disse a mulher. – Mas está...
- Minha querida – a voz do pai interrompeu-a.

Voltou-se para ver Andrei Agapov surgir no vestíbulo. O pessoal ficou silencioso e imóvel na presença dele. Tinha o cabelo branco impecavelmente penteado. Estava bem-vestido, com calças largas e uma camisola de caxemira, mas os seus olhos revelavam exaustão. O seu rosto tinha a palidez de um

cinzeiro.

Anna não sabia pormenores, mas a urgência desse encontro e a transferência dele para RusFarm apontavam para um homem na mira de uma conspiração.

– Que tal a viagem? – perguntou ele.

– Ótima. Fácil – Ela deteve-se no cimo dos degraus, antes da entrada.

– Gostava de falar já contigo – disse ele e fez sinal aos empregados para que pegassem na bagagem de Anna.

A mulher atarracada abriu a mala do carro e ficou a olhar. Estava vazia.

– Não vou passar aqui a noite – declarou Anna.

Agapov conduziu a filha até ao vestíbulo com cara de poucos amigos. Ela abanou a cabeça.

Ele inclinou a sua para o lado.

– É só um momento – pediu. – Está frio. Entra. Vou buscar o meu casaco. Depois podemos falar lá fora, na neve – apontou para o gelo –, caso contrário podemos acabar a limpar esta porcaria nos confins da Sibéria. – Acenou novamente e disse: *Entra, menina*.

Anna sorriu e soprou o hálito gelado para o céu perante o eufemismo de prisão. Fez um gesto brusco com a cabeça na direção oposta à casa.

– Espero lá fora enquanto vais buscar o teu casaco. E se falássemos no hipódromo ou no estábulo? – Depois Anna ouviu um leve zumbido. Voltou-se para ouvir o som aumentar. Pás a cortar o ar. Conhecia o som. – A CIA? – perguntou.

Ele riu, abanou a cabeça e entrou em casa para ir buscar o casaco.

O helicóptero preferido do pai pertencera outrora à CIA. Era de fabrico soviético, motor gémeo Mil Mi-17, que Langley usara nos primeiros dias da guerra contra os Talibãs em 2001. Quando os mulás reconquistaram Cabul, tinham-no capturado e enviado para Moscovo de presente.

O pai dissera que o tinha ganho numa aposta com o ministro da Defesa. Ela nunca lhe perguntou o que é que ele apostara.

No helicóptero partilharam uma pequena garrafa de *Dagestani*, o conhaque preferido do pai. Havia vários estojos de armas e bainhas, alguns bastante grandes. Um caixote cheio de munições. No chão via-se o que parecia ser um lança-granadas propulsadas por foguete. Dois pilotos silenciosos. Os dois Agapov, pai e filha.

Essa carga foi suspensa, destinada à carreira de tiro no limite meridional da RusFarm. Uma Lua esfarrapada espreitava por entre as nuvens. Nem sequer tentaram falar por cima do ruído das hélices. O helicóptero fez uma pausa momentânea antes de balançar e dar início à descida. Ana firmou-se, agarrando-se a um puxador.

Desceram por entre a deslocação do ar provocada pelas pás para o caminho de gravilha que levava à carreira de tiro. Os pilotos descarregaram as

armas. O pai bebeu mais um gole de conhaque enquanto ficava a ver. A água-neve transformara-se em grossos flocos.

– Há já muito tempo que não disparamos juntos, Anya – disse ele, pousando a mão no ombro da filha. – Pensei que seria agradável.

O pai ligou um interruptor e a luz iluminou o campo. Os pilotos deixaram as armas sobre uma mesa de madeira atrás da linha de fogo e deram meia-volta para se irem aquecer dentro do helicóptero.

Anna examinou as armas. Havia uma pistola semiautomática MP-443, conhecida como PYa, ou *pistolet yarygina*, a convencional arma militar russa para usar na anca. Demasiado maçadora para a coleção do pai – o que fazia ali? Havia uma metralhadora RPK-74 com bipé, um lança-granadas Kalashnikov. Onde estava a sua preferida? O pai tinha-se esquecido? Viu um fuzil de assalto para mergulhadores de combate ADS. Depois uma antiga AK-47 fabricada para as experiências militares soviéticas em 1947. Ainda funcionava.

Encontrou-a por fim: um estojo negro, aveludado, com o comprimento de uma caneta. Abriu-o e sorriu ao ver o tubo. Uma arma batom. O Beijo da Morte. O desenho original datava dos tempos da KGB: de disparo único, 4,5 milímetros, totalmente imprecisa, nunca usada em campo. Nos anos 1990, os técnicos atualizaram o modelo do pai. O único objetivo operacional fora o divertimento. O tubo disparava agora uma munição de 9 milímetros. Para tornar as armas mais fáceis de esconder, o dispositivo de disparo tinha sido desenhado de modo que o verdadeiro batom pudesse ficar por cima dele, por baixo da tampa. Mas o velho modelo do pai perdera há muito a sua cobertura de cera cor-de-rosa.

Ele viu-a girar a arma nas mãos.

– Tu e essa maldita coisa – disse.

Ela fechou-a e devolveu-a ao estojo. O pai escolheu a AK-47. Havia alvos de aço pendurados diante de uma berma de terra à altura de um prédio de dois andares. Disparou, ajustando a pontaria até que soou o prolongado ruído metálico das balas a chocarem contra o aço. Depois o *clic* do carregador vazio.

– Porque estás na quinta? – perguntou ela.

– Tenho dois homens a fazerem uma limpeza em Repino – disse. – Preocupa-me que possa haver escutas. Entretanto precisava de um lugar para trabalhar. Toma – entregou-lhe a AK-47.

Anna colocou um carregador novo. Retirou a segurança. Pousou a coronha no ombro e enfiou a mão esquerda por baixo da arma, com os dedos estendidos, para não os arranhar no recetor. Recuou rapidamente o carregador com o polegar. Parecia desanimada. Dobrou os joelhos, endireitou os ombros e inclinou-se um pouco. Aproximou o ombro da coronha, até a aconchegar à clavícula. Agarrou no carregador. Baixou os olhos para a placa de aço. Apertou o gatilho. O seu corpo esguio aguentou o recuou. *Clink*.

Mais vinte tiros, dezoito *clinks*. Nada mau, embora o pai não lhe

dirigisse uma palavra amável. Continuaram a disparar até terem avançado. E levaram algum tempo. Ela acionou a segurança e pôs a arma. Ele foi ter com ela à mesa, estendeu-lhe a pequena garrafa e retirou um dossiê de dentro do seu sobretudo de pele de carneiro. Colocou-lho no colo.

– Já vi que trouxeste o teu escritório de Repino dentro do casaco – disse ela entre goles de conhaque. – O que é isso?

– Algo que eu não devia ter. Mas, antes de mais, vou dizer-te por que razão o tenho. – Pegou no conhaque. – Ontem à noite, um agente FSB da Segurança Interna, um tenente-coronel chamado Chernov, chegou ao banco com papéis que o autorizavam a transferir o meu ouro para uma reserva estratégica, supostamente um *bunker* militar no leste. Mentiras, claro está. Nada mais do que um roubo, puro e simples. Abotoaram-se com mais de duzentas barras de ouro. Meteram o meu chefe da segurança num maldito caixote e enviaram-mo com uma mensagem psicótica a dizer que eu teria de dobrar a porra do joelho. O pobre idiota ficou com os dedos em sangue a arranhar as paredes do caixote. Foram precisas quase três horas para conseguir que se acalmasse e estivesse em condições de passar a mensagem.

Tinha um olhar furioso e os punhos cerrados com tanta força que, quando os abriu, tinha uma mancha de sangue na palma da mão, no sítio onde enfiara uma unha. Chupou o corte.

Anna bebeu conhaque até o pai conseguir falar.

– Este Chernov trabalha para o Ganso, Anya – murmurou ele depois. – A mensagem vem do Ganso.

O nome pareceu abrir-lhe o casaco para o inverno de Piter que se aproximava. Vassily Platonovich Gusev. O Ganso. Ex-diretor do FSB, atual secretário do Conselho de Segurança, um dos conselheiros mais próximos de Putin. Durante três décadas, o pai dela e o Ganso tinham empreendido uma digna luta russa pelo poder – longa em termos de sangue, curta no que dizia respeito a vitórias. Porém, os capitães mantinham-se ainda a observar-se um ao outro de cada lado do campo.

– Disseram que se deteriam depois de me terem levado o estaleiro – continuou o pai. – Mas agora isto? Um assalto ao banco? Há cada vez menos de tudo e continuam a fazer-nos pagar desta maneira. Será que querem guerra?

– Não podes falar com o *khozyain*? – perguntou Anna. O Mestre, o presidente Putin.

– O *khozyain* nada fez depois da falência do estaleiro. Vou voltar a tentar. Mas, entretanto, temos um avanço. Vamos combatê-los! – O pai bateu com a palma da mão no dossiê.

Anna abriu-o e procurou nas primeiras páginas selos oficiais ou as riscas azuis de um relatório operacional. Nada viu e fechou a pasta.

– Onde arranjaste isto? – perguntou

– Lê e pronto – insistiu o pai. Pegou na garrafa e engoliu mais conhaque. – Temos uma pessoa que ouve por nossa conta e que escutou uma coisa muito

interessante. *Neofitsialnye mery*.

Medidas não oficiais. Sem autorizações judiciais para as escutas. Sem garantia de que a origem daquilo estivesse no âmbito da lei dos telefones, obscuros telefonemas do Kremlin com diretivas secretas. Aquilo vinha apenas do pai dela. Uma voz no seu íntimo aconselhava-a a levantar-se e a ir-se embora, mas ele nunca a chamara daquela maneira. Vem à quinta, dissera, vem já, Anya. Havia mais de um ano que ela não visitava a RusFarm. E sentia curiosidade acerca das informações secretas, eram dedos macios de uma criança sobre uma caixa embrulhada em papel de presente. O que poderia estar lá dentro?

Abriu o dossiê e folheou os papéis. Transcrições. Uma pilha grossa.

– Eis as coisas mais importantes – disse o pai. – Temos prestado atenção a alguns financeiros do Ganso na Europa. Londres, Grécia, Suíça. E numa das transcrições de Londres há um deslize fantástico, porque dois deles falam acerca das ações e de como deviam mandar os advogados organizar os assuntos para que tudo fique à maneira deles, e dizem que o *khozyain* não faz parte deste. Trata-se de um fundo estratégico separado.

– Merda – resmungou Anna.

O pai pousou-lhe a mão no ombro.

– O Ganso roubou-me o dinheiro e está a escondê-lo do Presidente.

Anna pegou na garrafa. Olhou-a com curiosidade, como se os seus dedos não lhe pertencessem. Escutava o bater do seu coração enquanto a sua mente fazia as ligações. Talvez o pai tivesse inventado tudo. Disse-lho.

– Estás a falar a sério, Anya? Valha-me Deus. – E riu-se.

– Tens o áudio?

– Sim.

Ela estendeu a mão com a palma voltada para o céu.

– Não comigo. – Um floco de neve esvoaçou e pousou-lhe na mão aberta.

Ele revirou os olhos, retirou uma *pen* do bolso e meteu-lha na mão.

– Não lighes isto a um computador ligado à internet.

Anna meteu a *pen* no bolso do casaco e levantou-se para retirar a arma batom da caixa. Sorriu quando a abriu para carregar uma munição no tubo. Quando se afastou, teve o cuidado de manter o tubo apontado para longe de si. Uma arma batom não tinha segurança. Queria pensar, por isso caminhou até chegar ao alvo de contraplacado perto da berma. Com aquelas armas era preciso estar próximo. Apenas tinham precisão a uns metros – se tanto.

Deteve-se mais ou menos a dois metros do alvo. Apontou e pensou que estava um pouco longe. Avançou um passo avantajado. Apontou o tubo ao alvo e fê-lo girar, até ouvir o estalido. Disparou. Falhou. Maldita coisa. Anna repôs a tábua e meteu o tubo na respetiva caixa.

– O que acha o Vadim da corrida no Dubai? – perguntou. – O cavalo está preparado?

– Pergunta-lhe tu. Ele é teu marido.

– Qual é o que vai correr?

– O *Judo Master*.

Anna fez uma careta.

– Inútil!

– Talvez – disse o pai, limpando uma gota de conhaque do queixo. – Vamos discutir o desagradável relatório que te entreguei e não a história dos cavalos que abandonaste de forma deselegante. Ou qualquer outra distração.

Ela voltou-lhe as costas, vencida. A última coisa de que precisava era ter sido chamada àquela quinta horrível.

Mas ele falou mais suavemente:

– Anya, sabes o que o Ganso nos pode fazer?

Ela fazia ideia. Toda a sua vida vira homens poderosos a discutir. Quando era pequena tinha havido uma luta sangrenta em Piter na sombra do colapso soviético. No meio da violência do bairro do crime, o pai enviara-a a ela e à mãe para aquela quinta, então uma cooperativa soviética. Ainda se lembrava dos homens do pai a examinarem cuidadosamente o carro por baixo, com espelhos ligados a varas muito compridas, em busca de bombas.

Na sua adolescência, o pai deixou o Serviço para subir nas fileiras dos antigos homens da segurança que haviam arrancado a Rússia ao caos. Era agora presidente da Rossiya Industrial, um conglomerado, engrossado por alguns dos trunfos mais estratégicos do Estado: principalmente o fabrico e exportação de armas, um dos campeões do petróleo, o segundo maior fundo de pensões do país e uma cadeia de padarias.

Contudo, o preço da ascensão do pai fora exorbitante. Comprara a lealdade através de uma aliança com a família Kovalchuk: banqueiros, que geriam grande parte do dinheiro de Putin.

E pagara com a filha.

Anna tocou no dedo anelar, agora nu.

– Sei o que vai acontecer, pai.

– O Ganso vai espremer-nos para que vendamos mais ativos – disse o pai. – Talvez tente exilar-nos com todos os malditos artistas, bailarinas e professores que fizeram as malas quando a guerra endureceu. Talvez dar cabo de alguns desses cavalos, valha-me Deus.

Falava calmamente, para a escuridão, profetizando com a certeza de um homem que fizera tudo aquilo aos outros.

– A ti – corrigiu ela. – Ele vai esganar-te a ti, não a mim.

– Eu não existo – respondeu. – Só existimos nós. E se não vês isso, Anya, então, Deus nos ajude a todos.

Ela estremeceu e apertou mais o casaco, sem saber quem tinha razão.

– O que queres, pai?

– Precisamos de mais provas antes de irmos ter com o *khozyain*. Quero que descubras onde esconderam o maldito dinheiro. – Deu uma pancada no dossiê. – Aqui há pistas. A Hynes Dawson, uma firma de advogados de Londres, está envolvida. Eu começaria por aí. Devem ser eles que tratam das

contas. Os advogados compreenderão toda a estrutura. Provavelmente terão procuração para algumas contas. Podem ajudar-nos a roubar o dinheiro para o reavermos. Investiga, arranja uma proposta de ações. Chegou o momento de reagirmos. Mostra-lhe que não nos vamos humilhar, que merda!

– Percebo – disse Anna franzindo os lábios num sorriso irónico.

O pai corou.

– Qual é a graça?

– Durante seis anos, queixaste-te do meu trabalho. Disseste que devia desistir e tratar de ter filhos.

– E?

– E agora queres servir-te dele. É por isso que estou a sorrir, pai.

– Então para com isso, Anna.

– Estou a tratar de outros casos. Um em Genebra, por exemplo. Que queres que lhes faça?

Ele recusou responder.

– Vais ajudar-me, ou ficas sentada a ver?

Ela bateu com o joelho no dele e o pai passou-lhe a garrafa. Anna bebeu.

– Tens alguém que possa ajudar com o expediente?

O pai anuiu.

– Podes falar com o Maximov, em Moscovo.

A silenciosa floresta de bétulas agitou-se subitamente com o som longínquo das pás.

Ela ergueu os olhos.

– É o helicóptero do Vadim?

O pai anuiu.

– Provavelmente o teu marido quer certificar-se das coisas com os treinadores, antes de meter o cavalo no avião para o Dubai.

Depois ela levantou-se, dizendo que regressaria a Moscovo nessa mesma noite.

– Porque não passas aqui a noite, Anya? – gritou o pai ainda sentado. – Voltas logo de manhã. Arranjo-te outro helicóptero.

O ruído aumentava. Anna olhou para o céu e a neve fresca magoava-lhe o rosto. O helicóptero de Vadim passou por eles em direção ao heliporto perto da mansão. Ela apontou com a cabeça para o helicóptero do pai na clareira mais adiante.

– Vou mandá-los levarem-me já para Moscovo. Há algum problema?

– Anya, fica esta noite.

– Queres que te ajude ou não?

O pai sorriu, suspirou e despediu-se com um aceno.

Londres

Como acontecia com as melhores histórias, Sia Fox ouviu, em primeira mão, a do ouro do Ganso da boca de um bêbado com um sotaque incrível. O bêbado era Mickey Lyadov; o sotaque, uma encantadora mistura de inglês de Eton e russo de uma fábrica de cimento siberiana. Estavam na sala privada forrada a madeira do Berkeley, onde a sua firma de advogados recebia os russos importantes. Mickey emborcava champanhe enquanto perguntava a Sia de onde vinha o sotaque dela.

– Então, querida, o que é? – dizia Mickey. – Tenho estado a pensar perguntar-te desde que começámos a trabalhar juntos. O rolar dos *rr*. Fabuloso. Delicioso até, se aceitas um elogio.

– Africânder – esclareceu Sia. – Cidade do Cabo.

– Perfeito – elogiou Mickey. – Uma perfeição.

A tarde aproximava-se do fim e há muito que Sia deixara de beber o seu champanhe. Mas acompanhava Mickey, fingindo beber com ele para revolver a história do dinheiro. Os sócios da Hynes Dawson tinham recebido as deixas habituais durante o cansativo jantar formal: acerca dos clientes de Mickey terem decidido, sem mais nem menos e naturalmente, transferir uma enorme quantia, de proveniência desconhecida, para uma estrutura de contas do tipo matrioska, controlada por empresas de fachada metidas dentro de outras. Nas Ilhas Virgens Britânicas. Nevis. Suíça. Na Ilha de Man. Localidades com reputações impecáveis de sigilo e discrição.

Sia sabia que Mickey movimentava dinheiro para o Ganso. Todos os sócios seniores da Hynes Dawson o sabiam, embora ninguém falasse do assunto. O que Sia queria saber era de onde viera aquela tranche. E Mickey, pensava ela, queria contar-lhe. Havia ali uma história, os olhos dele diziam que era uma boa história. Voltou a encher-lhe o copo de champanhe.

– É muito dinheiro, Micks – disse ela. – Mesmo para ti e para os teus

clientes. Cento e cinquenta milhões de dólares, assim de repente? Uma quantia muito considerável. Há alguma coisa interessante ou é tudo extremamente misterioso e russo?

– Bem, é incrivelmente importante para o meu povo – disse Mickey. – Mesmo incrivelmente importante. – *Zayebeese* – disse a seguir. Sia franziu a testa e Mickey riu. – Desculpa lá – continuou. – Estou a dizer que o meu trabalho é tão, mas tão importante, que o meu patrão me lixa completamente se eu der cabo disto.

Mikhail Lyadov riu-se mais uma vez, depois bebeu mais champanhe e puxou-a mais para junto dele, e estava talvez demasiado excitado ou embriagado, quando disse que o dinheiro era de ouro.

– Ouro? – perguntou Sia, com uma expressão alegre. – Uau, Micks, isso é incrível, a sério. Mas diria que estás a exagerar.

Ele riu-se, mas logo a seguir ficou sério.

– Não, juro. – Ouro. De um banco russo.

Ouvira rumores de que fora roubado, mas provavelmente a história era demasiado boa para ser verdade. Demasiado sexy, caraças. A verdade seria provavelmente uma seca, declarou, sorumbático, é ouro que os meus clientes precisam de fazer sair do país e de enviar clandestinamente para a Europa, transformado em dinheiro lavado por simpáticos empresários suíços e devidamente escondido nas húmidas ilhas, pela Hynes Dawson e pelos banqueiros. O habitual, para transformar em moeda forte e isso. Bebeu mais um gole de champanhe. Mas começou por ser ouro, insistiu, jurando com a mão no peito, vindo do cofre forte de um banco de São Petersburgo.

– Micks, como diabo tiraram de lá as barras de ouro? – perguntou Sia. Estavam inclinados sobre a mesa comprida, a falar em tom conspirativo.

– Ouvi dizer que as meteram em caixotes do Hermitage – disse ele, e piscou o olho. – Enviaram-nas para Florença, tinham uma parceria com o museu, claro, e depois num camião, só Deus sabe para onde. Provavelmente para a Suíça – o sorriso dele esmoreceu, desapontado, – Mesmo assim, receio que isto seja demasiado bom para ser verdade.

Ela queria perguntar que diabo planeava o Ganso fazer com o dinheiro, mas Micks não sabia. A questão fez com que ficasse impaciente e hesitante no seu elegante sotaque.

– Outra coisa – disse ela, inclinando-se sobre a mesa, sem dizer exatamente o que pretendia. – Ouvi dizer que os teus amigos na Rússia estão a ter problemas com um empresário. *Oligarga*? É essa a palavra certa? Segundo me disseram, não possui clubes de futebol nem iates, mas está cheio de dinheiro. Não sei bem como se chama. Ago, qualquer coisa...

– Agapov – disse Mickey. – Trata-se do general Andrei Borisovich Agapov. Mas está aposentado, querida – disse, enquanto fazia rodar a *flute* de champanhe pelo pé. – O Agapov vendeu recentemente o estaleiro a muito bom preço – continuou Mickey. – E agora este negócio com o banco. – Acenou com ar entendido, e veio mais champanhe.

– O banco também é do Agapov? – perguntou Sia.

– O Agapov é o acionista principal – esclareceu Mickey. – Claro que o homem tem certos inimigos. E alguns muito espertos, de facto. Do tipo dos que se mexem bem dentro do Kremlin. – Sorriu e fez girar a *flute* vazia.

Tinham (Mickey, claro) acabado o champanhe. Sia agarrou numa garrafa de *brandy* do carrinho para lhe encher o copo.

– Não tens um balão? Credo, Sia, és uma selvagem – disse ele. – Os Visigodos é que serviam o *brandy* em *flutes*, minha querida. Os Visigodos e os Vândalos.

– Isso foi às portas de Roma, Micks. – Serviu-se também de uma *flute* e bebeu um gole insignificante. Um criado entrou na sala, mas ela acenou-lhe para que se retirasse. Depois cruzou as mãos sobre a mesa e aproximou-se para murmurar novamente. – Estavas a falar de inimigos, Micks. Dos inimigos do Andrei Agapov.

– Pois, pois. Bem, afinal todos os temos, não é verdade, Sia? – perguntou Mickey. Olha aqui para o teu velho Micks. Neste momento nos copos com uma Visigoda. Completamente rodeado. – Soltou uma gargalhada e depois olhou para o relógio, como se tivesse de ir a outro sítio.

Precisa de um empurrão, pensou Sia. Uma ajudinha.

– Só oiço os boatos que vêm desde Moscovo para esta Londres horrorosa – declarou. – Mas ouvi dizer que o Ganso quer prejudicar o Agapov. Noutros tempos muito beras, o Ganso era o *big boss* do FSB, creio eu. Agora tem um gabinete no fim do corredor do Putin. Que raio, Micks, li um artigo que dizia que o Ganso estava por trás da extorsão do estaleiro do Agapov. O que se passa? Alguma porcária debaixo dos lençóis do Kremlin?

Mickey fez o gesto de fechar a boca e lançar uma chave imaginária para dentro do conhaque. Depois emborcou a *flute*. Sia voltou a enchê-la.

– Pronto, Micks, a chave está outra vez no teu copo. Bebes e talvez possamos abrir os teus lábios.

Ele encolheu os ombros e esboçou um breve sorriso depois de um gole longo e lento. Tamborilou sobre a toalha. Depois, como passara a ser o método preferido de Mickey partilhar os segredos, falou num seletivo tempo da voz passiva. A ativa teria requerido que atribuisse ao Ganso a responsabilidade por certas coisas e não devia fazê-lo.

– O ouro do Agapov foi, pode dizer-se, roubado. Com objetivos estratégicos que, evidentemente, são um mistério para o teu humilde e velho Micks. Mas o ouro foi roubado, o estaleiro também, e alguns dos meus passarinhos em Rodina vieram segredar-me que o velho Andrei está a ser castigado porque não joga segundo as regras. Tem de pagar o tributo, sabes, e está a ser muito teimoso em relação a isso. Falaste no Ganso, mas eu não comento. Sabes que aqui os jornais levantam todo o tipo de calúnias e gostam de difamar os russos patriotas. Mas os passarinhos disseram-me que o Ganso e o Agapov se desprezam. São ambos legados da KGB de Leninegrado. E a semente do ódio mútuo é intemporal: uma rapariga. Que mais havia de ser?

Há a Helena de Troia, há a Galina de São Petersburgo, Deus lhe tenha a alma em descanso. A Galina estava com o Ganso antes de casar com o Agapov. Agora o Ganso está em ascensão, tem de alimentar os seus gansos pequeninos, e está a fazer aquilo que qualquer homem sensato deve fazer, não é verdade Sia?

– E o que é, Micks? Roubar tudo ao seu velho rival?

Mickey abanou a cabeça.

– Isso e mais ainda. O Agapov formou uma aliança poderosa com a família Kovalchuk. O Agapov e o Kovalchuk tornaram-se amigos do peito. Caramba, foi o Agapov que ficou com o controlo financeiro do banco, quando o Kovalchuk sénior morreu há uns anos. O Agapov casou até a filha, Anna, com o filho dele. Vadim Kovalchuk. Ficamos a pensar que aqui o jogo foi uma doce vingança e uma boa política. Deitar abaixo um velho rival e esmagar uma aliança poderosa. Dois coelhos e isso.

– Fascinante, Micks – disse Sia. – Os teus clientes estão a transbordar de intriga estalinista.

– Têm sangue nas mãos – disse ele, limpando as suas com um sorriso satisfeito. – Tal como tu.

Dois beijos rápidos nas faces de Mick, um curto passeio ao luar em Mayfair e Sia voltou para a Hynes Dawson, onde uma série de extenuados associados entrava na décima sétima hora do seu dia de trabalho. Subiu a escada íngreme que rangia e entrou no seu gabinete, fechou logo a porta e ficou a olhar pelo vidro sujo para os maltratados arbustos que ladeavam o pátio de gravilha, lá em baixo.

A fonte estava seca. Nunca a vira funcionar. Benny Hynes, o único fundador sobrevivente da firma, emérito sócio-gerente, insistira num escritório com uma combinação eclética de imobiliário topo de gama e decoração decadente. Muitas firmas da City exibiam escritórios elegantes, ultramodernos, a par de facilidades para compensarem o pessoal pela sua escravatura corporativa.

Mas não a Hynes Dawson. A casa de Mayfair podia muito bem ter sido o lar de uma família excêntrica. As paredes dos corredores e dos gabinetes estavam cobertas de estantes e também de quadros a óleo não relacionados com a sociedade, com os clientes ou com a prática do Direito: a Batalha de Trafalgar, uma paisagem pastoral da Cornualha, um pato pintado pelo próprio Benny Hynes. O espaço era pouco. O gabinete de Sia tinha outrora sido o quarto das crianças.

O plano da firma era simples: o pagamento era cinco vezes superior ao das outras firmas de advogados de Londres. Num ano bom, o plano da comparticipação dos lucros da firma fazia com que fosse sete. O dinheiro compensava o caótico espaço de trabalho. Procurava igualmente compensar uma lista de clientes que abarcava desde os mais suspeitos aos

impenitentemente corruptos. As mãos dos clientes estavam metidas em dinheiro sujo de todas as partes do mundo. E muitas dessas mãos eram algo assassinas: Assad, Putin, Al Saud, Khamenei. Esses nomes não apareciam nos documentos, mas os sócios principais da firma de Oxbridge sabiam que aqueles que representavam eram os clientes mais valiosos da Hynes Dawson.

Bateram à porta.

– Entre – disse Sia.

Benny Hynes entrou lentamente no gabinete. Tinha 74 anos, era magro, de cabelo branco, e usava um fato antracite de três peças. O seu relógio de bolso pertencera a Churchill. Estava acordado e a trabalhar à 1h03 da manhã. Sentaram-se no sofá de couro verde e, por momentos, ficaram a observar pela janela um transeunte lá em baixo na rua.

– Estiveste a conversar com o Mickey Lyadov? – perguntou, continuando a olhar pela janela.

– Ele gosta de conversar.

– Mexericos do Kremlin?

– Não é sempre assim? O dinheiro pertencia a Andrei Agapov. O Ganso ficou com ele. Há problemas a ebulir em Moscovo, fações em guerra e tudo o mais. O habitual, com os russos.

Ele resmungou, compôs a gravata.

– Isso explica as tretas que nos serviram ao jantar. Há riscos para nós se os ajudarmos a lavar o dinheiro? O Mickey acha que estamos na mira?

– Não mais do que o costume.

– Que raio vão fazer com isso?

– O Mickey não sabe.

– Nunca sabe o que é importante.

– Ele só recolhe o dinheiro.

Benny levantou-se e esticou-se.

– Acabaram de nos mandar o contrato para começarmos a trabalhar. Prepara-o para eles, sim Sia? Aquilo que quiserem, e vão querer o habitual: empresas-fantasma, sobre empresas-fantasma, sobre empresas-fantasma, até que tudo desapareça. A menos que pensemos que o Agapov ou qualquer outro bandido do Kremlin vem queimar este escritório, ajudamos o Ganso a esconder o dinheiro. Afinal, quem se importa? É o nosso trabalho. É para isso que existimos, que se lixe. – Uma pancadinha simpática no joelho dela e Benny dirigiu-se para a porta.

E foi por isso que me esgueirei para a tua empresazinha mercenária, pensou, mas não o disse. Preferiu passar à frente de Benny e abrir-lhe a porta para ele sair, com uma palmadinha no ombro e a promessa solene de que, à hora do almoço, o mais tardar à hora do lanche, arranjará imediatamente uma equipa impecável para esconder uma tranche do dinheiro roubado a Agapov numa conta inócua nas Caraíbas.

Mickey acertara em quase tudo. Os caixotes chegaram a Florença no porão de um avião de carga alugado pelo Ministério da Cultura. As trocas com o

Museu tinham continuado a bom ritmo, mesmo com a guerra. Chernov, cujos documentos oficiais o descreviam como um conservador ligado ao Museu do Hermitage em São Petersburgo, acompanhava o conjunto das caixas. Os verdadeiros conservadores que viajavam para vigiar uma carga de quadros e esculturas, outrora pertencentes a Catarina, a Grande, mantinham-se sensatamente à distância.

Os caixotes de Chernov eram de cor azul forte e não tinham qualquer identificação, tirando um número de série e uma marca amarela que dizia ABRIR DESTE LADO em italiano, russo e inglês. Chernov supervisionou a descarga na plataforma em Florença, cumprimentando ao mesmo tempo um homem que apenas conhecia pela pouco imaginativa alcunha do FSB: Miguel Ângelo. O homem era dono e operava uma empresa de camionagem que se tinha especializado em transportar quadros, esculturas e outros valores para toda a Europa. Duas das suas filhas tinham estudado Economia em Londres, graças aos pagamentos que recebia do FSB russo.

A partir de Florença, os camiões de Miguel Ângelo transportaram os caixotes por via terrestre para uma fundição de ouro nos arredores de Dresden, onde o metal seria derretido e moldado com novas inscrições para disfarçar a sua proveniência. As medidas contra a lavagem de dinheiro no negócio da fundição do ouro eram pouco reforçadas – principalmente quando o dono e o diretor executivo eram pagos pelo FSB.

O caminho do ouro partia da refinaria, sendo vendido a duas sucursais comerciais alemãs, cujos executivos estavam igualmente endividados com os pagadores de Lubyanka. Sem dúvida que a ganância incentivava os conspiradores a ignorarem a névoa que cobria a origem do ouro, mas aqueles com questões pendentes ou talvez temendo represálias – legais ou não – podiam também consolar-se com o simples facto de o Banco de Rossiya não denunciar o roubo. Pois como Chernov insistira, não se tratava de um roubo, já que o ouro pertencia à Rússia e, por isso, a Deus, e tudo pertencia a Deus. Para qualquer organização interessada ou governo, os lingotes permaneceriam sepultados em segurança dentro de Rodina.

Uma vez vendido o ouro nos mercados de divisas, os pagadores do Ganso, o chefe de Mikhail Lyadov entre eles, tratavam de que os lucros seguissem para uma estrutura bizantina de contas em *offshores*, mantidas por empresas-fantasma: Sandalwood Ltd; Brockton Development, QRE Solutions, etc. Os nomes não queriam dizer nada. As empresas existiam apenas no papel.

Sia Fox era a advogada de Londres destinada a ser a criadora da vertiginosa estrutura de participações financeiras *offshore* do Ganso, a arquiteta e construtora de um extenso e avançado posto financeiro bem longe das fronteiras de Rodina. Para a maioria dos observadores a sua criação seria tremendamente aborrecida, chata e complexa. Porém, vista de cima e com a luz adequada, podia vislumbrar-se a sua verdadeira forma. Tratava-se do campo de batalha de uma feroz luta dos russos pelo poder. E era também possivelmente o maior roubo de barras de ouro desde o saque feito pelos nazis

à Europa durante a Segunda Guerra Mundial.

Sia sabia quais as contas dentro das fronteiras do Ganso, embora nenhuma estivesse em nome dele. Sabia como movimentar o dinheiro.

Isto porque havia homens poderosos dentro do Kremlin que confiavam na Hynes Dawson. E, embora não soubessem o nome dela, na realidade, confiavam em Sia Fox.

O que, pensava ela, era um erro terrível.

Moscovo

Anna virou na circular de Moscovo para uma saída no Distrito de Yasenevo, marcada com as palavras PROIBIDA A ENTRADA em cirílico e inglês. Enfiou o *Range Rover* numa estrada estreita e passou outro sinal em que se lia CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E CIÊNCIA e penetrou numa mata de pinheiros e freixos até chegar a uma simples guarita envolvida pela luz de uma lâmpada de sódio. De lá surgiu um único guarda. Anna não tinha um crachá *bordeaux*, por isso o guarda limitou-se a olhar, perguntando-se talvez se a pequena loura não teria virado na saída errada. Olhou para os postes e para as placas de metal colocadas no pavimento que ele levantaria se o carro tentasse fugir ao controlo de identificação. Anna sabia que isso tinha acontecido uma vez, quando um bêbado tentara passar pelo portão, acabando por estampar o seu *Lada* numa barreira de aço que saltara da estrada. Entregou então a carta de condução com um sorriso agradável e explicou que ele devia ligar imediatamente para o gabinete do Terceiro Vice-Diretor; ela não era conhecida ali.

Encostou a viatura enquanto o guarda ligava. Minutos depois, o homem saiu apressadamente da guarita com a identificação dela, a trave subiu em direção ao céu, ela passou por cima das placas e entrou no empreendimento.

No enorme parque de estacionamento, Anna desligou o telemóvel e meteu-o no porta-luvas. Ainda era cedo, mas podia ver que muitos gabinetes já estavam iluminados, incluindo a suite executiva do segundo andar, antigamente ocupada pelo pai. Por trás do edifício principal de sete andares, erguia-se um arranha-céus de vinte e dois, o cortiço das abelhas obreiras. Diretamente a oeste do infundável – e cada vez mais cheio – parque de estacionamento, parecia precipitar-se um edifício que exibia um armazém de artigos de baixo preço, duas saunas, uma piscina olímpica, três ginásios e um conjunto de campos de ténis. *Dachas* particulares, outrora pertencentes aos

líderes do Diretório Principal da KGB, pontilhavam o bosque no interior do gradeamento de segurança.

Depois do colapso do regime soviético, a organização que ocupava o empreendimento de Yasenevo fora rebatizada com o nome de SVR, Sluzhba Vneshney Razvedki, os Serviços Secretos Estrangeiros. O pai dela, como todos os outros, não se importara com o novo nome, porque nunca ninguém o usava. Fechando os olhos, Anna escutou o zumbido da subestação de eletricidade e o restolhar dos pinheiros no vento frio da manhã. A sede do SVR. Ela, como o pai, conheciam-na apenas como a Floresta.

O Terceiro Vice-Diretor Maximov servia-se ostensivamente de um gabinete enorme no segundo andar das suites executivas. Os janelões davam para as árvores, dividindo o nevoeiro como fantasmas na bruma da manhã. Maximov, como todos os outros, tinha uma parede de fotografias e recordações numa estante envidraçada por cima do aparador atrás da sua secretária (bola de baseball assinada por Fidel Castro, fotografia de um aperto de mão com o moribundo Kim Philby, Kalashnikov oferecida pelo ministro sírio da Defesa.)

Com a cabeça metida num monte de papéis, murmurou-lhe que se sentasse à mesa lacada, que se estendia por todo o comprimento da sala, fabricada com a madeira de pinho que outrora adornara um navio da companhia de navegação comissionada por Pedro, *o Grande*, nas guerras contra a Suécia. No extremo do gabinete, outra mesa gemia sob o peso de um ornamentado samovar de prata, roubado do Palácio Terem de Moscovo, durante a Revolução. O desenho quase apagado da bicéfala águia imperial dos Romanov era visível do outro lado da sala, mesmo através dos sonolentos olhos de Anna.

Maximov era corpulento, com uma farta cabeleira branca dos lados da cabeça, mas careca no cimo. Berrava com frequência – o problema do volume fora levantado durante as avaliações do pessoal nos últimos anos da década de 2000 – contudo, apesar do barulho, fora considerado operacionalmente moderado. Era um homem do *statu quo*, quase certamente desconfiado do desejo do pai dela em posicioná-los como peças de xadrez no seu confronto com o Ganso: colocando-a a ela e a Maximov – afinal o SVR – a trabalharem para encontrar o dinheiro que lhe tinham roubado. Porém, felizmente, ao contrário de outras criaturas do segundo andar, Maximov não se preocupava com o facto de Anna não ter um pénis. Beijou-a em ambas as faces e sentou-se à mesa junto dela.

– Tenho um gabinete num dos edifícios exteriores que podes usar durante uns dias – afirmou. – E alguns técnicos de suporte operacional para te ajudarem com a análise. Nada de papel. Nada de contabilidade operacional. Usa o teu discernimento.

– Claro.

– Quando tiveres um alvo, não quero saber. Preciso de distância disto.

Trata de acordar esses detalhes com o teu pai.

– Compreendido.

– Mas dentro do SVR, só respondes à minha pessoa Anya. Manténs os outros casos nos canais normais, mas não este.

Ela olhou-o como se ele fosse um velho tonto por ter tido de dizer aquilo em voz alta.

– Quero estar de bem com a minha consciência – resmungou.

– Claro. – Anna encolheu os ombros, bateu no tampo da mesa e olhou por cima das copas das árvores. – Talvez necessite de recursos de vigilância – disse.

– Compreendido. Quando chegar o momento.

Junto à porta, aproximou-se dela e segredou-lhe ao ouvido:

– O teu pai estaria orgulhoso de ti, Anya. Está orgulhoso.

Ela sabia que o antigo agente de operações que ainda existia dentro de Maximov manobrava a pequena Anya, animando-a e colando-a a toda aquela sórdida empresa para que pudesse avançar, mesmo que as coisas se tornassem desagradáveis, o que seria normal, pois iriam opor-se ao Ganso.

– Uma mentira piedosa – disse ela. – Ele sorriu, abriu a porta e beijou-lhe a face para se despedir dela.

Ela fechou-se dentro do edifício exterior da Floresta durante três dias, sustentada a um infinito abastecimento de chá. A equipa de planeamento, composta por técnicos de confiança selecionados por Maximov, alojou-se numa delapidada sala de reuniões com vidros sujos que davam para a floresta. Foi aqui que ela caminhou por entre o nevoeiro que envolvia Hynes Dawson.

No primeiro dia encontraram uma morada de Londres no registo de empresas do Reino Unido, uma casa em Mayfair, numa rua sossegada a poucos quarteirões de Hyde Park. O Google Street View mostrava uma velha propriedade com um gradeamento cheio de ferrugem, a pintura a cair e pedras manchadas. Não parecia tratar-se de uma empresa usada por pessoas ricas para esconderem dinheiro — o que talvez fosse a ideia.

Investigando oficiosamente a alfândega do Reino Unido e a base de dados das finanças, os técnicos fizeram uma lista dos empregados da Hynes Dawson. Anna queria as pessoas a trabalhar nas contas do Ganso. O ideal seria não serem os sócios seniores – visíveis para o pessoal do Ganso, menos vulneráveis a adulações financeiras... nem pessoal de nível mais baixo sem acesso direto. Queria empregados sobrecarregados, a meio da pirâmide e a aceder a informações, mas também fora do radar do Ganso. Anna exigia também um alvo que se adequasse à sua cobertura comercial do SVR como banqueira russa.

E foi aqui que a equipa esbarrou com uma sócia da Hynes Dawson, chamada Hortensia Rose Fox. Um artigo do *Guardian* com detalhes do impacto das sanções à City e às antigas firmas de advogados de Londres

citavam-na como “uma advogada focada na Rússia e na Europa de Leste”.

Investigaram então Hortensia. A sua fotografia mais recente datava de 18 meses antes e mostrava uma mulher alta, de cabelo preto, olhos cinzentos e nariz aquilino.

Tinha dupla nacionalidade sul-africana e britânica. Nas suas contas das redes sociais, em grande parte adormecidas desde que entrara para a Hynes Dawson, identificava-se com o nome de Sia.

Fazia sentido. Hortensia, dissera Anna a Grigory, um dos técnicos, que nome horrível era aquele? Não era africânder. Ele encolheu os ombros. Ninguém antes ouvira aquele nome.

A equipa preparou uma biografia incompleta. Criada na Cidade do Cabo. Tinha estudado Direito na Universidade de Cambridge. Depois, uma mudança estranha. Partira para São Francisco para entrar na Lyric, uma empresa de tecnologia. Encontraram fotografias de Sia com o fundador e CEO da Lyric, Harry Hamilton. Muitas. A sorrir, a rir, abraçados. Há cinco anos, tinha trocado a Lyric pela Hynes Dawson. Anna gostou do aspeto da Lyric – se qualquer outro dos patrões dentro do SVR lhe perguntasse o que andava a fazer, podia acenar com o valor da investigação acerca de uma grande companhia tecnológica americana com um portfólio de contratos de defesa no valor de vários biliões de dólares.

Conseguiram o número do telemóvel dela a partir dos registos obtidos nas finanças de forma não oficial. Depois, através de uma fonte do SVR – uma firma de contabilidade com sede na Turquia e sucursal em Genebra – a equipa obteve resmas de informações publicamente disponíveis a partir de empresas que reuniam e vendiam dados de aplicações vulgares. Um cientista de dados construiu mapas de calor para mostrar os movimentos de Sia em Londres e em zonas rurais do Reino Unido. Souberam como se dirigia para o escritório, quais os seus médicos, a mercearia onde fazia as compras.

O que achas, perguntou Anna a Gregory enquanto examinavam os mapas. Uma advogada chata, respondeu ele, passando o dedo pelo curto caminho percorrido por ela desde o apartamento em Mayfair até aos escritórios da Hynes Dawson.

– Trabalha quinze, dezasseis horas por dia – disse ele. – Come comida pronta, leva os clientes a jantares elegantes, corre aos fins de semana – declarou com um bocejo.

No fim da terceira noite, Anna ficou sozinha, sentada na sala de reuniões a refletir sobre o caso. Como de costume, começou com as suas coisas favoritas: as opções mais básicas. Sia podia receber telefonemas ameaçadores e Anna podia aparecer como uma maneira de acabar com eles. Os animais de estimação podiam ser mortos, mas Sia aparentemente não tinha nenhum (os dados de geolocalização sugeriam que não fazia caminhadas noturnas; não visitava lojas de animais para comprar comida). Porém, as abordagens agressivas eram prematuras. Anna ainda não conhecia os pontos fracos de Sia, as suas vulnerabilidades, os seus vícios. E a mulher não era russa, nem estava

na Rússia. Por enquanto.

Anna passou os dedos pela borda do copo de chá de esferovite e refletiu no problema do acesso. Podia lançar um isco que Sia considerasse interessante. Talvez um cliente lucrativo. Um russo rico e influenciável, cujo dinheiro pudesse ser tentador. Não seria um mau começo. Embora pudesse chamar a atenção do Ganso se o caso fosse descoberto, ela poderia explicá-lo com toda a inocência: *Escondemos dinheiro, tal como o senhor.*

Vestiu o casaco, calçou as luvas e atravessou o parque de estacionamento em direção ao *Range Rover*.

Retirou o telemóvel do porta-luvas e ligou ao pai. Disse-lhe aquilo de que precisava. Ele respondeu, dizendo o que queria que ela fizesse,

– Vá lá, pai. Não posso. Há outras maneiras.

– Talvez haja, Anya, talvez. Mas o teu marido já está por dentro do assunto. Eu disse-lhe. Por isso vai falar com ele. Vê se vocês os dois conseguem pensar em qualquer coisa.

Anna encostou a cabeça ao volante. O marido. *Blyad*. Caraças.

Nessa noite, acrescentou uns quantos conhaques a meia garrafa de vinho da Geórgia e assistiu, distraída, ao que diziam os apresentadores de *Time Will Tell* na penumbra do seu apartamento do bairro de Ostozhenka em Moscovo, comprado nos primeiros anos infelizes do seu casamento e que era mais um local que não lhe agradava. Sempre que a sua mente recordava a conversa com o pai, bebia mais conhaque. Na televisão, havia um debate aceso acerca dos métodos violentos que os americanos talvez empregassem para resolver a “Questão Russa” e a correspondente necessidade de autopurificação nacional, quando, por fim, Anna adormeceu.

Na manhã seguinte acordou enrolada no roupão, por cima dos lençóis amarrotados. Não se lembrava de ter ido para o quarto. Estava cheia de dores de cabeça, com dificuldade em abrir os olhos, quanto mais pôr os pensamentos em ordem. Resolveu ir nadar para o clube no andar térreo. Duas braçadas lentas e sentiu-se cansada. Foi à sauna para retirar o álcool do corpo. Estava mais perto dos quarenta do que dos trinta, mas tinha um ventre liso e pernas musculadas, herança do lado da mãe. A ideia entristeceu-a. Tomou duche no balneário, encaracolou ao de leve o cabelo louro e maquilhou-se, ignorando o papos sob os olhos. Anna uniu os lábios vermelhos para os fazer estalar e sorriu para ter a certeza de que não tinha batom nos dentes.

Tinha chegado a hora.

Há quatro semanas que Anna não falava com Vadim e não o via há seis. Rangia os dentes quando via o nome dele na sua lista de contactos. Esticou os braços, abriu e fechou os maxilares e enfrentou a habitual confusão emocional que o marido lhe provocava. Fincou as mãos na bancada de mármore e, quando as levantou, observou que o contorno húmido dos seus dedos se evaporava lentamente.

Marcou o número dele.

– Alô – respondeu ele, mesmo antes de a chamada ir parar ao *voice mail*.

Ela sabia que Vadim, tal como ela, ficava por vezes a olhar para o telefone, a pensar se devia ou não atender. Anna disse-lhe que precisava de estar com ele. Podia ela ir a Piter, se ele estivesse na cidade?

– Sim, estou cá – respondeu ele em voz triste. – Vamos jantar?

– Pois sim. Temos uns assuntos para discutir. – Imaginou a expressão desagradável da cara dele.

– Vou pedir à minha assistente que faça a reserva. Qual a noite que mais te convém?

– Que tal esta noite?

– Ótimo – respondeu ele. – Ficas no apartamento?

– Onde mais havia de ficar?

Ele tossiu.

– Onde mais havia de ficar? – repetiu ela.

– Com o teu pai.

– Vadim, não sou uma menina pequena. Tens alguma delas a viver contigo?

– Anya, por favor. Não está aqui ninguém. Claro que podes ficar no apartamento. Tudo bem. Estava só a perguntar.

Mas porquê, porque perguntaste? Inquiriu ela em silêncio. *Porque perguntaste, Vadim?* Andaram em círculos em silêncio, ouvindo apenas a respiração um do outro. Ela cerrou os dentes.

– Vou ter contigo esta noite – disse por fim.

Ele desligou primeiro, como sempre.

São Petersburgo

O apartamento ficava num dos poucos edifícios residenciais do Dique do Neva, ocupando três andares de uma mansão que fora a embaixada de França no tempo em que Piter era a capital imperial dos Romanov. Anna apanhou o Sapsan, o comboio de alta velocidade, para fazer uma confortável viagem de quatro horas a partir de Moscovo. No exterior, juntou-se a um grupo de turistas chineses a olhar para a fortaleza de São Pedro e São Paulo do outro lado do rio. Mas ela estava a olhar na direção oposta, para as ornamentadas fachadas de pedra do edifício, de um rosa brilhante na luz esbatida da tarde. Embora já tivesse sido escrita uma prosa muito bela sobre este lugar, os historiadores ponderavam as implicações da incrível violência do surgir de uma capital imperial guarnecida a *Fabergé*, nos pântanos fronteiriços.

Porém, Anna nunca fugira às simples verdades que a linguagem poética não podia captar. Aqui nascera, fora criada, amada e vendida (tecnicamente casada), ignorada e, aqui em Piter, teria de resistir. Baixou a cabeça e entrou.

O cheiro a desinfetante e lixívia atingiu-a quando abriu a porta do apartamento. Dirigiu-se ao quarto e viu um tapete aspirado, as mesas de vidro a brilhar, as camas acabadas de fazer primorosamente com os pirosos lençóis de padrão zebrado, e as almofadas cuidadosamente afofadas. Aquilo que uma esposa feliz teria interpretado como um atencioso gesto conjugal, foi imediatamente registado como prova de que Vadim contratara apressadamente profissionais de limpeza para eliminarem provas do cortejo de acompanhantes que por ali passava regularmente.

Enfiou um vestido de cetim vermelho com cinto e calçou uns *Louboutin* de dez centímetros que trouxera para a viagem. Examinando as suas joias, escolheu um colar de pérolas *Tiffany* e brincos a condizer. Viu-se ao espelho e alisou o vestido. Pensando nas damas pouco asseadas de Vadim, Anna ligou ao seu médico em Moscovo e para a farmácia para que lhe preparassem os

medicamentos.

Durante os anos soviéticos, o controlo de natalidade significara em grande parte abortos. A pílula não estava disponível e os preservativos soviéticos eram cobertos de pó de talco e grossos como galochas, sendo os segundos produtos mais importantes feitos na fábrica em Bavorsky, a seguir às máscaras de gás. Agora a pílula estava amplamente disponível. O problema era que a maioria dos maridos queria filhos. Anna disfarçava as pílulas num frasco de *Aspirina* quando Vadim estava presente. Engoliu a sua dose noturna. Depois, dirigiu-se ao bar da sala para procurar um dos conhaques mais caros do marido. Correção: um dos conhaques mais caros *dela* e do marido. Encheu o fundo do balão e bebeu um grande gole. Ainda era cedo, podia cortar o álcool com comida. Mas aquela ia ser uma noite longa, e acabara de se servir da segunda bebida quando ouviu Vadim abrir a porta. Voltou-se e forçou um sorriso na direção do marido, que falava ao telefone. Este desculpou-se com um gesto pelo telefonema e dirigiu-se ao quarto passando por ela.

A escuridão começava a cobrir o Neva e Anna estava sozinha com os seus pensamentos e a sua bebida.

O motorista de Vadim levou-os ao restaurante Palkin no *Maybach* blindado. Começaram por tomar *Martinis*, sentados em cadeiras de couro sangue-de-boi na atmosfera cor de mel do bar. A conversa foi pouco fluente. Vadim perguntou-lhe pelo trabalho, ela pouco disse, depois fez ela a mesma pergunta. Ele era bonito, alto, de ombros largos e doces olhos castanhos que ela apreciara durante uma temporada, quando eram jovens. Durante uma das muitas pausas na conversa, Anna deu por si a desejar poder pelo menos tolerar os estranhos confins daquele casamento pseudo arranjado. Viviam separados a maior parte do tempo, o que tornava as coisas mais fáceis. Para preencher o silêncio, ela perguntou-lhe acerca dos preparativos para o Dubai.

– Os treinadores nem conseguem entender-se – disse Vadim, passando a língua pelos dentes de baixo, com o rosto sombrio. Ela ergueu as sobrancelhas. Fim. Acabou a conversa.

Vadim fez sinal para pedir outro *Martini* enquanto passavam para a mesa. O chão de madeira envernizado da sala de jantar Art Deco estalava agradavelmente debaixo dos *Louboutin*. A mesa ficava numa alcova sossegada, junto a uma janela sobranceira ao movimentado Bairro Nevsky. Os sedosos reposteiros verdes estavam abertos e o brilho das luzes da rua cintilava sobre talheres e copos. Uma morena esguia, que exibia o decote sentada no bar, olhou para Vadim quando passaram. Anna mexeu nervosamente nas pérolas.

A sua Piter era a segunda cidade do novo *Russkiy mir*, o mundo russo fortificado contra o hostil e degenerado Ocidente. Mas as trincheiras, o derramamento de sangue, as sirenes dos raids aéreos, bom, para Anna, nessa noite eram leves trovoadas num horizonte longínquo. A operação militar

especial na Ucrânia, a guerra, torcera profundamente a alma russa, mas fora lenta a desfigurar o corpo. As lojas da *Apple* e da *Nike* tinham desaparecido, o McDonald's chamava-se agora "Tasty and That's It", as peças para os carros ocidentais tinham de ser compradas a vendedores *online* e, de vez em quando, havia limitações e falhas no abastecimento das mercearias e armazéns. Mas, tal como Anna ouvira dizer dos tempos soviéticos e experimentara ela própria em jovem no final do império nos loucos anos 1990, a capacidade de sofrimento dos russos era ilimitada e incomensurável. E o presente nada era, uma leve passagem por um corpo sulcado por profundas cicatrizes. Nessa noite comeriam bem e caro. Seria como sempre. Anna fez sinal para pedir outro *Martini*.

Vadim mandou vir caviar beluga sem lhe perguntar o que queria. Espalharam bocados sobre ovos de codorniz cobertos de natas azedas, tocaram os copos, sem qualquer contacto visual, e depois beberam em silêncio enquanto Vadim consultava o telemóvel.

– Então – disse ele, por fim, pondo de lado o telefone. – O teu pai falou-me acerca daquele... assunto.

A chegada do empregado interrompeu a conversa. Vadim escolheu um vinho francês, um *Petrus*, engarrafado no ano do nascimento de Anna, cujo preço era o equivalente a cerca de seis meses do salário médio russo. Vadim pediu bife *Wagyu* e Anna um *stroganoff*, um prato simples pelos escandalosos critérios do Palkin.

– Tenho um alvo, mas precisamos de um isco – disse ela quando o empregado os deixou. – Algo com que acenar.

As palavras iam surgir dos lábios de Vadim, mas o empregado aproximou-se com o vinho. Vadim permitiu que fosse Anna a provar. Depois de ela ter assentido, ele pediu ao empregado que lhes desse uns momentos de privacidade.

Mas nessa altura o Ganso entrou no campo visual de Anna, passando pelo chefe de sala que lhe pedira tempo para preparar a mesa. A equipa de segurança irrompeu por ali.

Anna praguejou em surdina e disse a Vadim.

Uma jovem loura caminhava um passo atrás do Ganso com os modos delicados de uma filha que vem a um jantar especial com o papá. Mas esta não vinha fazer o papel de filha. O Ganso avistou-os a caminho da mesa e foi então a vez de Vadim praguejar em surdina quando se levantou para o cumprimentar.

– Não tenho escolha, Anya, lamento – murmurou ele, enquanto os outros pintavam enormes sorrisos no rosto para o saudarem.

O Ganso apertou a mão a Vadim e apresentou-os a Irina de olhos doces. Anna recordou-se de que Irina era também o nome da segunda mulher dele. Anna apertou a mão à jovem e, habituada a ser empurrada na direção das esposas, namoradas, amantes e prostitutas, para os homens poderem conversar, afastou-se de Irina e voltou-se para os homens.

O Ganso arqueou uma sobrancelha ao vê-la e disse para Vadim:

– Estamos desejosos por ver o que acontece no Dubai. Gastámos muito nessa quinta. Quando espera que comecemos a ganhar as corridas?

Vadim fez aquela passagem da língua pelos dentes e estava a começar a explicar que levava tempo, mas o Ganso olhava para ela. Anna encontrara-o várias vezes e sentira sempre que a sua presença o agitava. Era a recordação viva de que ele não tivera filhos com Galina. Que ela era filha de Andrei. Anna sorriu-lhe enquanto Vadim falava. Seria tão bom dar cabo de ti, pensou. Talvez isto me agrade.

Estavam agora a discutir estupidamente, Vadim irritado, o Ganso a sorrir, ao ver como era fácil balançar o barco. Anna deixou de ouvir. Olhou para o rosto perfeito de Irina, e logo pintou um agradável sorriso no seu, antes de perder completamente o interesse à espera de que a discussão terminasse. Olhou para as plantas para se distrair. Vadim afastou-se, Irina esboçou um sorriso gelado e voltaram para a mesa. A comida chegara.

– É por isto que não gosto do Palkin – declarou ela, compondo o guardanapo no colo. – É uma treta.

Vadim emborcou o resto do vinho e olhou para ela.

– É a vida, Anya. Só lutas.

Mas não as minhas, pensou, só que não disse. A separação física de ambos significava que não tinha de andar pendurada no braço dele em discotecas e restaurantes de Piter e Moscovo a participar naquelas discussões. Tinham experimentado isso durante uma temporada.

– O isco – comentou Anna em voz baixa. – Creio que devias ser tu.

Vadim, tecnicamente um vice-presidente, geria a Divisão das Fortunas Privadas no Banco Rossiya. O pai apoderara-se do banco nos princípios da década de 1990. Nos anos de Putin, Rossiya tornara-se um dos maiores bancos da Rússia, convertendo-se por fim num conglomerado apoiado pelo Estado e governado por uma aliança entre os Agapov e os Kovalchuk.

Geralmente, Vadim sentia-se cansado depois de beber álcool, porém, outras vezes, a raiva vinha à superfície e havia um brilho no seu olhar ao contemplar o papel importante que ela tinha nesta operação. Vadim odiava o trabalho no SVR, a independência dela. Tu brincas aos espíões, eu conto o dinheiro, gritara-lhe uma vez, nos dias obscuros, antes de ela fazer as malas e partir finalmente para Moscovo.

Acenou com a mão num floreado raivoso: *Continua*.

– O perfil é pouco complicado – disse Anna, erguendo três dedos. – Leal. Rico. Capaz de viajar comigo durante uns dias. Pronto. Encaixas perfeitamente.

Vadim olhou para o Ganso no outro extremo da sala de jantar. Os comensais estavam a sair, mas, em vez do alívio que devia acompanhar o final da noite, a equipa parecia nervosa. Estavam ali presos até o Ganso e Irina terminarem.

– Tudo bem – disse Vadim. – Tudo bem. Mas em troca quero fazer-te

uma pergunta.

Ela olhou para o *strogonoff*, preocupada com o que ele lhe poderia perguntar.

– Claro.

Vadim chamou o empregado para pedir gelado coberto de conhaque. Comeu o seu, mas Anna viu o dela derreter-se e bebeu o chocolate quente que o acompanhava. Vadim pediu mais conhaque e, quando o empregado se retirou, ergueu o balão numa fingida deferência ao Ganso e a Irina, e depois a Anna. Observou o vestido vermelho que ela trazia e Anna reconheceu o brilhozinho nos seus antigamente maravilhosos olhos, o brilho de fúria que cintilava quando se rodeavam naquele ritual cruel. Por vezes gostaria de saber se o seu rosto se transformava assim. Se os sentimentos de Vadim espelhavam os seus. Nunca perguntara.

Vadim recostou-se na cadeira e viu as horas no relógio de ouro rosa que o pai dela lhe oferecera no dia do casamento. Estava embriagado, queria fazer perguntas a que ela nunca iria responder, estava interessado nela nessa noite, por razões que ela desejava não entender. Não queria voltar com ele para o apartamento.

– Quanto dinheiro teremos de arriscar? – perguntou por fim Vadim, empurrando para o lado o prato do gelado.

– É possível que tenhamos de investir um pouco na operação. Nada material. E nada ficará em perigo.

A língua de Vadim limpava mais uma vez os dentes.

– Muito bem. Diz-me o que precisas de mim.

– Obrigada, Vadim. Já te digo. Agora, a tua pergunta?

Ele não respondeu. Atirou com o guardanapo para cima da mesa e levantou-se, embriagado, para sair. Anna seguiu-o, sem pronunciar palavra, passando pela mesa do Ganso.

Seguiram para casa em silêncio, olhando ambos pelas respetivas janelas do assento traseiro do *Maybach*, vendo a baixa de Piter desenrolar-se. No prédio, Vadim encostou-se às paredes de cerejeira do elevador. Quando chegaram lá acima, Anna disse que estava cansada e sem disposição e beijou-lhe estupidamente o pescoço, prometendo que na noite seguinte estaria menos exausta. Ele não gostou. Agarrou-a pelo pulso e empurrou-a para o quarto, onde caiu na cama para começar a abrir o fecho das calças. Despiu a roupa interior com alguma dificuldade, acabando por atirá-la para o chão. Deixou ficar as meias. Vadim desabotoava a camisa, quando olhou para ela, a seu lado ao luar. Estava completamente vestida, na esperança de que ele se apagasse. Ficaram assim durante uns momentos.

– Não fiz a minha pergunta – disse ele em voz arrastada.

– Então faz.

– Esta noite não. Mais tarde.

Vadim levantou-se e empurrou-a para a cama. Anna pensou em resistir. Aquilo acontecera algumas vezes, mas, de manhã, ele não se lembrava. Porém, lá no fundo, na parte em que Anna desejava que o casamento ardesse em fogo lento, sem os consumir num fogo ardente, havia uma voz que insistia para que fosse uma Boa Esposa. Outras partes incentivavam-na a dar luta, mas a Boa Esposa abafou os gritos. A manhã chegaria. Então, quando ele a agarrou pelos cabelos, não lhe esmurrou o nariz com a testa. Quando ele a empurrou de barriga para baixo para os lençóis, não lhe partiu o joelho. Quando ele lhe perguntou se ela ainda tomava a pílula, mentiu e disse que não, para que ele terminasse rapidamente. Deus ofereceu-lhe essa graça.

Quando terminou, Vadim adormeceu enrolado nos lençóis, ressonando na almofada manchada do batom dela. Junto do seu pescoço encontrava-se um dos brincos *Tiffany*. Procurou o outro na orelha. Ainda lá estava. Na cozinha, Anna descobriu onde as empregadas guardavam os sacos do lixo. Retirou um. Passou pelo marido adormecido e apanhou os *Louboutin* do chão. Na casa de banho voltou-se para a janela, de costas para o espelho. Despiu o vestido, retirou o brinco *Tiffany* que restava e o colar, bem como o sutiã. Atirou tudo para dentro do saco do lixo e meteu-o na mala, para que Vadim não reparasse. Deitaria tudo fora de manhã, depois de ele ter ido trabalhar.

Anna tomou um duche quente e, enquanto a água lhe corria por cima do cabelo, das costas e das pálpebras fechadas, imaginava-se a galope, com o sol quente a banhar-lhe o rosto, o cabelo louro a ondular ao vento. Cavalgavam a toda a velocidade. Anna encorajava o cavalo e prometia que tudo correria bem, se continuassem a correr.

Repino/São Petersburgo/Londres

Anna parou o carro junto aos portões da *villa* do pai e tocou a buzina, porque o guarda estava por vezes a dormir. Aninhada junto à estância balnear de Repino, o pai chamava *dacha* àquele lugar, mas este não tinha a mínima semelhança com a casa da quinta da antiga cooperativa que comprara na década de 1990. A terra que se transformara na RusFarm. A casa da quinta era pequena, talvez com menos de 100 metros quadrados. Esta *villa* tinha mais de mil. Da sua cabana no outro lado, o guarda carregou no botão e, lentamente, os portões abriram-se para dentro. Enfiando o carro pelo longo caminho de acesso ladeado por bétulas, estacionou e pegou na mala que continha a pasta dos documentos. Pousou por um momento a mão no fecho da porta; ouviu o repuxo e a fonte gorgolejar. Respirou fundo e depois entrou.

Encontrou o pai descontraído na sala, um leopardo reclinado sobre uma cadeira de camurça a assistir a um jogo de futebol da Primeira Liga. Tossiu para se fazer anunciar. A antiga *dacha* teria cabido confortavelmente dentro daquela sala de dois andares. A caverna abobadada fazia-a sentir-se uma suplicante numa vasta catedral, recordando a todos os que entrassem que não passavam de partículas de pó no rosto de um Deus poderoso e gigantesco. O eco da tosse manteve-se, fazendo ricochete nas paredes e no chão de pedra.

– Pai – disse ela quando ele se aproximou do átrio. Abraçaram-se e ela seguiu-o pela flutuante escada de pedra até ao gabinete do andar de cima.

O pai passou para trás de uma enorme secretária de mogno diante de duas cintilantes janelas trapezoidais que se uniam para formar um bico. Atrás dele via-se uma grande varanda projetada sobre as bétulas e os pinheiros.

– Como está o Vadim? – perguntou ele, formando um arco com as mãos. Anna cruzou as pernas e sacudiu a sujidade da sua bota de cabedal

negro. Sentiu um estalo no maxilar.

– Bem – respondeu ela.

O pai resmungou. Ainda bem.

Ela deixou cair o dossiê que retirara da mala na secretária do pai.

– Temos um alvo – garantiu. E pô-lo ao corrente da Hynes Dawson e de Hortensia Fox.

O pai ficou a ouvi-la com agrado, acenando com a cabeça. De vez em quando levantava-se para olhar pela janela. Interrompeu-a dez minutos depois.

– Estou convencido – afirmou. – Diz-me como vais fazer.

– Está tudo aí – declarou Anna, apontando para o dossiê.

– Que raio, Anya, isso sei eu – resmungou. – Fala-me das coisas básicas.

Dos pontos importantes.

Ela assim fez, detendo-se quando ele resmungou novamente, para mostrar a sua concordância.

– E se a gente do Ganso já a estiver a vigiar e tiver as comunicações dela assinaladas? Ou, caraças, se ela for contar tudo a um dos vermes dele? Qual é a tua proteção?

– Porque diabo precisaria eu de proteção, pai?

Ele recostou-se na cadeira. O início de um sorriso franzia-lhe o rosto.

Ela prosseguiu:

– Usam a Hynes Dawson para esconder dinheiro e nós também. Se espremerem alguém, será o advogado, por ser insensato e ter aceitado outros clientes russos. – Anna encolheu os ombros e estendeu a mão para limpar os restos de lama seca da outra bota. Escolhera um verniz vermelho-escuro a condizer com os seus óculos *Chanel*, que fazia agora rodopiar por entre os dedos. Não tinham sido receitados, mas ela por vezes usava-os para parecer mais séria perante homens mais irritáveis como o pai.

Este folheou rapidamente o resto do dossiê. Ela compôs a saia e voltou a pôr os óculos.

– Muito bem – disse o pai. – Quando vais fazer a chamada?

– Amanhã.

Ele anuiu. Aprovou. Ela voltou a guardar o dossiê na pasta, deu a volta à chave e guardou-a na mala. Os documentos seriam destruídos no apartamento. O pai levantou-se. Ela deixou-se ficar sentada e abriu as mãos, voltando-as para o chão. Ele hesitou, depois obedeceu e sentou-se.

– Já conseguiste um tempo com o *khozyain*? – perguntou ela.

– Estou a tratar disso – respondeu o pai. A menção de Putin fê-lo bater com os dedos na secretária. – O Ganso controla o acesso. Controla quem guarda os portões.

– Claro, paizinho – declarou Anna, mostrando os dentes num sorriso que lhe franzia a boca. – Como podia esquecer-me?

O pai mordeu o lábio.

Anna sabia que o pai queria que ela parasse, mas ela continuou.

– Temos de ter o tempo em conta, pai. Assim que tratarmos do advogado, precisamos de levar as provas ao Presidente – afirmou Anna. – Como nos podemos aproximar do Ganso para...

– Já chega! – O pai desferiu uma pancada na mesa de mogno. – Estou a tratar do assunto. Anya, consegues ser uma peste. Faz o teu papel que eu farei o meu. – E apontou para a porta.

Malditos velhos que lhe escondiam tudo e tudo lhe exigiam. Ainda assim, porquê lutar se não se podia vencer? Empurrou os óculos para o alto da cabeça e pôs a mala ao ombro.

– Faça-te o relatório depois de Londres. – Um sorriso formal e saiu porta fora.

O papel de Anna como *apparat prikomandirovannyh sotrudnikov*, APS ou membro do grupo de “funcionários vinculados” ao banco, significava que tinha um gabinete na sede do Rossiya na Praça Rastrelli. Embora o seu trabalho para o SVR fosse um segredo de Estado, a maior parte dos funcionários dentro da Divisão de Fortunas Privadas tinha conhecimento. O medo que tinham de Anna, e que ela cultivava e apreciava, significava que a deixavam em paz. Anna abriu a porta do gabinete e acendeu as luzes.

Olhou em volta e, a seguir, verificou o nome na placa. Dizia A. KOVALCHUK, DIRETORA GERAL. *Blyad*. Não é o meu apelido. A mobília barroca e de mau gosto – tudo novo – atravancava o compartimento. Anna afundou-se numa cadeira de pernas de bronze dourado e passou os dedos pelos elementos bacanalianos gravados nos braços. Aparentemente, Vadim, o VP da divisão, tinha mudado a decoração da sala. E tinha um gosto muito especial. Borlas de cor púrpura pendiam do assento da cadeira. Anna brincava com uma delas quando ouviu o ruído de chávenas de chá no hall.

A sua secretária, uma menina virginal com uma gaguez imprevisível, apareceu com um tabuleiro que tilintou ao pousá-lo sobre a mesa.

– Quando foi que isto aconteceu? – Anna soprou o chá enquanto andava pelo gabinete.

– Há du-du-duas semanas.

– O meu marido trouxe isto tudo para aqui?

A jovem assentiu.

Anna parou e pousou a chávena.

– Vou lá abaixo receber um cliente para a próxima reunião. Quando voltar quero todo este lixo empilhado no átrio. Percebeu?

– S-s-s-im – três acenos de cabeça.

À saída, Anna arrancou a placa com o nome e atirou-a para o lixo.

– Resolva isso – gritou para Katerina.

Vinte minutos depois, Anna e Grigory, o técnico de Linha OT, apareceram novamente à porta do gabinete. Havia mesas e cadeiras empilhadas no átrio. Uma equipa de funcionários em fato-macaco apressava-se a empurrar a

mobília na direção do elevador de carga. Uma mesa de madeira pouco sólida e duas cadeiras articuladas tinham suplantado o pesadelo cigano e rococó. Grigory e os outros técnicos examinaram a sala em busca de escutas e depois prepararam o telefone para gravar a conversa. Anna, lutando contra uma onda de fadiga, acabava de beber o seu chá frio.

– O que pensas dela, Grigory?

– De quem? – Remexia num conjunto de cabos do telefone para os ligar ao seu computador.

– Da Sia.

– É uma advogada chata – declarou Grigory.

Anna olhou para uma das fotografias do processo de Sia. Provavelmente era verdade.

– Achas que é atraente? – perguntou Anna.

– Sim.

– Talvez seja demasiado alta para ti. – Nos vídeos retirados de forma não oficial das câmaras de circuito fechado de Londres, Anna percebera que o modo de Sia se movimentar era mais afetado do que um caminhar normal ou empertigado. E isso era interessante.

– O que achas da maneira como ela se desloca? – perguntou Anna. – É esquisito, não é?

Grigory sentou-se diante dela.

– Cresceu nos arredores da Cidade do Cabo. Numa quinta.

– E então?

– Então temos uma campónia que é agora uma advogada elegante de Londres. Veste-se como uma mulher habituada ao nível superior, mas caminha como quem se sente à vontade no extremo mais violento da escada, aquele que dá apoio à elite de qualquer sociedade ocidental.

Anna riu-se.

– És louco, Grigory.

O técnico encolheu os ombros.

Anna bebeu o chá e reviu o guião. Ela era Anna Agapova, diretora-geral do Banco Rossiya, a investigar se a Hynes Dawson poderia fornecer os serviços de que ela e o marido, indivíduos ricos e, como tal, vulneráveis, desesperadamente precisavam. Mexeu na correia vermelha do seu *Piaget*. Eram quase 4 horas da tarde em Londres. Os advogados da Hynes Dawson estavam sem dúvida a trabalhar. Anna olhou para Grigory, que assentiu.

– Pronto.

Anna marcou o número da linha de Sia. Para manter as coisas controladas, havia sobre a mesa várias páginas de respostas preparadas. Graças à estada do pai em Londres, Anna falava inglês fluentemente, mas estava um pouco enferrujada e passara a noite anterior a praticar o discurso. Puxou os papéis para si quando o telefone tocou.

[Início da gravação: 19:00 Hora de Moscovo]

Hortensia Fox: Está?

Anna Andreevna Agapova: Estou? Estou a falar com Hortensia Fox, da Hynes Dawson?

Hortensia Fox: Sim. Por favor, trate-me por Sia. Posso saber com quem estou a falar?

Anna Andreevna Agapova: Com certeza, Sia. Chamo-me Anna Agapova e sou diretora-geral da Divisão de Fortunas Pessoais do Banco Rossiya. Estou a ligar-lhe em nome de alguns dos meus clientes.

Hortensia Fox: Entendo. [pausa de três segundos] Posso saber como chegou à Hynes Dawson? Costumamos funcionar com base em referências.

Anna Andreevna Agapova: [A ler as notas] Represento vários clientes na Rússia, embora provavelmente seja melhor não os mencionar pelo telefone. A Hynes Dawson surgiu recentemente nas minhas conversas com eles. E especificamente a sua pessoa, Sia. Ótimas críticas. [Risos]

Hortensia Fox: [Rindo também] Fico sempre satisfeita com críticas positivas.

Anna Andreevna Agapova: Bem, a razão do meu telefonema é que, o meu marido... que também é banqueiro aqui... e eu, iremos a Londres na próxima semana e estava a pensar se poderíamos jantar. Gostávamos de saber um pouco mais sobre a Hynes Dawson e se a sua firma pode oferecer oportunidades para vários dos nossos clientes.

Hortensia Fox: [Som de teclas... comentário do técnico da Linha OT: provavelmente um teclado] Muito interessante, Anna. Bom, um encontro pessoal será certamente ideal para essas discussões iniciais. Acho que as horríveis videochamadas são incrivelmente impessoais.

Anna Andreevna Agapova: Estou inteiramente de acordo, Sia. Que me diz então a jantarmos? Talvez quarta ou quinta?

Hortensia Fox: [Pausa... comentário da Linha OT: provavelmente a consultar a agenda] Bom, ótimo. Porque não deixamos que os nossos assistentes o coordenem? O meu email é hfox@hynesdawson.com. [soletra]

Anna Andreevna Agapova: Perfeito, Sia. Fico ansiosa pelo nosso jantar.

Hortensia Fox: Igualmente, Anna. Até lá.

Anna Andreevna Agapova: Até lá.

[Hortensia Fox termina o telefonema. Final da gravação: 19:04 hora de Moscovo]

Sia pôs o telefone no descanso com a energia a ondular de um coração acelerado para as mãos serenas. O Ganso roubou Agapov e eu fui encarregada de esconder o dinheiro, pensou. Depois uma Agapov telefona-me. Trabalho na sombra. Baseara a sua vida na adição a este sentimento. Apenas nele se podia concentrar. E não conseguia sossegar.

Apertando o cinto do seu casaco de caxemira, Sia desceu ruidosamente a escada circular e saiu para uma feia tarde de outono, encaminhando-se para o seu apartamento a fim de poder pensar. Um sol pálido filtrava-se através das nuvens. Não atendeu as chamadas de três nervosos associados enquanto passava por quarteirões de casas de estuque, lojas de bijuteria e uma galeria de arte que exibia uma aguarela de Balmoral pintada pelo rei. Aquilo despertou-lhe o interesse, até um vendedor com um código de barras tatuado no pulso aparecer e Sia se afastar. Comprou frango para o jantar numa sofisticada mercearia de Belgravia e foi para casa.

No apartamento, abriu uma garrafa de vinho branco e, como acontecia com quase todas as refeições, comeu sozinha no sofá. Voltou a encher o copo e instalou-se na cadeira de couro no canto do seu quarto, sob um candeeiro de leitura. Sia não sabia exatamente como, mas a cadeira encontrara caminho até ao contentor do navio que trouxera os seu pertences terrenos do outro lado do Atlântico, quando ela saíra da Lyric em São Francisco em direção à Hynes Dawson em Londres.

Retirou a almofada e usou o polegar esquerdo para encontrar o sítio certo da armação; pressionou e encontrou um segundo ponto por baixo do braço da cadeira, tocou com o polegar direito até que ouviu um *pop* suave e o dispositivo de ocultação dentro do assento abriu-se. Lá dentro Sia guardava 45 mil dólares em dinheiro – uniformemente repartido entre dólares, euros e libras – três impecáveis passaportes com nomes falsos, um nariz protético, dentes falsos, óculos de disfarce, um portátil, um revólver 38 *Special* e uma caixa de munições para os quais não tinha documentação.

Retirou o portátil e fechou o compartimento. O computador tinha sido entregue pela Hynes Dawson, mas passara uns dias com uma equipa técnica durante uma das primeiras viagens de Sia aos Estados Unidos. Sia digitou uma longa sequência – números, letras, símbolos, pressionando simultaneamente várias teclas – até que o ecrã azul cintilou para indicar que conseguira entrar na segunda partição do computador, que estava ligada à internet.

Um generoso gole de vinho e ligou-se ao *software* de dimensionamento de cabos. Comunicar com Langley era uma merda, pois era uma NOC, uma agente sem cobertura oficial. Agia sozinha, coisa que lhe agradava, mas o isolamento das comunicações era terrível. Enviaria uma mensagem para Langley, eles devolvê-la-iam, e assim sucessivamente.

Voltou a encher o copo de vinho e sentiu a adrenalina invadi-la quando refletiu sobre o caso. Estava a nadar numa piscina de peixe russo, alvos de interesse evidente e imediato para Moscovo X. Estes eram as variedades

biológicas do escalpe russo – ricos, corruptos, bem relacionados – que podiam encaminhar a sua promoção para o GS-14 e fazer por fim esquecer certas avaliações de desempenho pouco claras, feitas pelo seu antigo superior que a acusara, e com razão, de ter filtrado informações dos seus contactos que impediriam Langley de aprovar as suas operações.

Acabou de transcrever o telefonema de Agapova e submeteu a Langley os pedidos de localização. Assinalou a pouca solidez da sua área de contacto com dois grupos rivais de russos nojentamente ricos, mas considerou o facto uma oportunidade. E assim era.

Sia pressionou a mesma sequência de teclas e viu surgir o ecrã normal do seu computador. O Wi-Fi estava ligado, enviando clandestinamente *blobs* encriptados da partição para Langley. Emborcou o resto do vinho. Agradavelmente embriagada, fechou o portátil no compartimento oculto e caiu na cama. Adormeceu em segundos, mas o seu último pensamento acordada foi que devia ter despido a blusa. Ou, pelo menos, meter-se por baixo do edredão.

San Cristobal, México

Maximiliano Castillo sentia a trovoadas a desabar do cimo das montanhas. A pressão, a mudança no ar, instalavam-lhe uma dor surda dentro do crânio. E a chuva eminente era algo que ninguém iria querer que uma personalidade da realeza dos Emirados tivesse de suportar, mesmo que Sua Alteza, o príncipe Saeed bin Makyoun bin Hasher al Maktoum, fosse um representante menor, um terceiro primo vagabundo do *sheik* do Dubai. Mas o emiradense queria andar a cavalo, e então andaria. Max queria quebrar o emiradense e talvez a chuva ajudasse.

O bom príncipe privara com cavalos toda a sua vida; palavras dele. Tinha sido enviado para San Cristobal para examinar os cavalos, mas, na opinião de Max, pouco sabia desses animais e, provavelmente, ainda menos acerca de chuva, e Max estava cansado; dois dias com o príncipe e era-lhe difícil manter o sorriso e ainda mais pensar em piadas. Era como picar uma égua que já nada tinha para dar. *Pinche Arabe*.

Cabrão do emiradense.

Levantou-se da cama e foi para a janela olhar para a zona oeste da sua *hacienda*.

O quarto fora do pai e da mãe, e, antes disso, dos seus avós. E remontava a cinco gerações atrás, até chegar a uma *villa* nos arredores de Toledo, que ele visitara uma vez com o pai, quando tinha 10 anos. Vinha desse tempo o nome Castillo e o último sobrevivente estava ali a ver uma égua ruana andar a meio galope pela pastagem oeste. A égua chamava-se *Valeria*. Uma égua reprodutora de quatro anos, filha de um cavalo mais velho, *Rex*, e de uma égua, *Dona Elena*. Havia mais humidade e os cavalos, tal como ele, sentiam a tempestade. Queria ir sozinho para os estábulos, jogar bilhar e beber e depois falar com Roberto acerca dos cavalos. Maldito emiradense.

Os seus olhos percorreram a capela de estuque, agora a tumba do seu pai

em vida, e dirigiram-se para o horizonte a ocidente. O sol escoava-se.

Max vestiu as calças e uma camisa branca, pendurada na casa de banho, ainda quente do ferro de Martina. Deitou mescal num copo e bebeu-o. Pegou num par de botas de crocodilo que Alejandra Garza Sada lhe oferecera na última noite que tinham passado juntos antes do casamento dela. Sentou-se e enfiou metade do pé direito, mas deteve-se. Ainda não acreditava que ela tivesse levado aquilo adiante. Teria de assistir, claro, um Castillo não podia faltar a um casamento Gaza Sada, mesmo que o Castillo em questão tivesse passado grande parte da sua vida de adulto apaixonado pela noiva, muitas vezes em segredo. Os lençóis que revolvera durante a sua sesta solitária traziam-lhe recordações agrídoces de Alejandra, por isso rangeu os dentes, voltou a meter as botas no armário e ficou à janela a olhar para as suas terras. O céu parecia mau: com uma orla cinzento-esverdeada, aberto como uma abóbada, a tempestade aproximava-se, transformando-se em vento que agitava as ervas altas, o zimbros, o *piñon* e o agave. Quem não conhecesse aquele céu, não saberia o que se aproximava. Dir-se-ia que um pôr do sol claro e luminoso anunciava a noite.

Calçou as botas de antílope e colocou o cinto que tinha sido do avô, bem como o fio de ouro com a cruz que atravessara o Atlântico em 1782 de Toledo a Sevilha, depois até Veracruz e Monterrey. Ninguém que usara aquela cruz tinha passado dos 50 anos até ao avô de Max. Tinham morrido em todo o tipo de acidentes e violência assassina, mas só recentemente de idade avançada. Olhando para a antiga *capilla* convertida, pensou que a velhice não era uma assassina bondosa. Teria preferido saber que o pai fora esfaqueado num bordel de Sevilha àquilo que agora o matava.

Lá em baixo, Max sentou-se com Roberto no salão. O relógio do hall marcava as horas. A bisavó olhava para ele através de um quadro pendurado na parede. Uma garrafa de champanhe por abrir suave, rodeada de gelo picado. Na privacidade de San Cristobal, o príncipe começara a beber sem limites. Como um padre num bordel. *Tic tic tic*. Olhou para Roberto.

- Vamos fazer o Passo Sierra, depois deste assunto?
- *Pátron*? Vai chover muito. E vai levar-nos pela noite dentro.
- O príncipe disse que queria uma experiência. E está atrasado.

Com um estalar de dedos, Max mandou um dos homens de Roberto espreitar o átrio. Quando este regressou, segredou a Max:

- O guarda-costas do príncipe envia as suas desculpas e pede mais quinze minutos.
- Enviou mesmo as suas desculpas? – perguntou Max.

O homem franziu o nariz; tossiu e abanou lentamente a cabeça.

Max foi lá fora. Bebeu outro mescal na varanda e fumou um charuto. Entregou ao homem de Roberto o que tencionava dar ao emiradense e não teve de dizer nada para que este desaparecesse dentro do humidor. Enviou uma curta mensagem para um número de telefone desconhecido. Sentiu Roberto atrás de si.

- Tem havido pumas no Paso desde junho – afirmou Roberto. – E o emiradense está...
- Trata de que haja casacos – ordenou Max.
- A chuva vai ser desagradável, *patrón*. O príncipe não está habituado, creio eu.
- Sim, o nosso amigo é um homem do deserto. Mas não podemos ser culpados pelo tempo, pois não?

Max instalou-se à secretária da biblioteca como um senhor feudal. Tomou notas no *stud book* e reviu mais uma vez os documentos para os 12 cavalos que os consultores da raça e o treinador do emiradense haviam escolhido. Max conhecia as linhagens de cada animal até à quarta geração ou anteriores e, embora aquilo fizesse parte do seu negócio, não lhe agradava separar-se dos seus cavalos. Mas a operação dos Emirados era sólida. O elegante príncipe desempenhava um papel operacional menor; era um emissário enviado para tratar de uma simples transação. Um homem perturbado que precisava de uma tarefa.

Tinham estado no quarto do emiradense, claro, e sabiam dos comprimidos do príncipe para se concentrar e para o seu murcho desempenho sexual. As câmaras não tinham sido instaladas para melhorar a estratégia de negócios de San Cristobal, mas não prejudicavam; Max conhecia exatamente o preço dele e conseguiria mais porque o emiradense podia pagar e não podia regressar sem cavalos. Muito poucos visitantes saíam dali sem cavalos. Max retirou da gaveta da secretária de noqueira um grosso cartão de visita, gravado a ouro, com o logótipo em relevo da fazenda San Cristobal e um código QR. Meteu-o no bolso do seu casaco desportivo.

Fez notas por escrito para Roberto – acerca da renovação dos abrigos para a cobrição, depois a chegada de uma égua de uma empresa brasileira com um contrato de cria com *Smokey Joe*, um garanhão premiado de San Cristobal que corra pela última vez. O relógio do escritório avançava e, embora Max preferisse este trabalho a estar com o seu convidado, passada uma hora, aquilo parecia fazer parte da estratégia de negócios do emiradense, o que o levou a bater com o lápis na capa de couro do *stud book*. Chamou Roberto.

– *Sí, patrón?*

– Põe as corridas na televisão.

Max vestiu o casaco desportivo e foi para o escritório, ouvindo o agradável bater das suas botas no chão de tijoleira já gasta.

A sala de cinema fora uma capela privada até 1949. Cheirava a mofo e a podre e um lustre de ferro pendia da cúpula, preso por uma corrente. As paredes ainda exibiam frescos quase apagados, mas os bancos tinham sido transformados em aparadores encostados aos lados do aposento e, geralmente,

durante as corridas, gemiam sob o peso de comida e bebida.

– *Pátron*, quer que peça à Manuela que traga alguma coisa? – perguntou Roberto, olhando para a sala vazia.

Max assentiu e sentou-se num dos sofás diante da televisão.

– Diz ao príncipe que venha quando quiser.

A cobertura da pré-corrida passava lá em cima na televisão. Max foi buscar mais um charuto ao humidor e, quando voltou, o príncipe estava sentado no sofá a mexer no telemóvel.

– Alteza – cumprimentou Max. Sentou-se ao lado do príncipe e soprou o fumo para o alto. Manuela apareceu empurrando um carrinho com garrafas, misturadores e copos. Pousou um tabuleiro com frutos secos, pipocas, fatias de tortilha e molhos a acompanhar e saiu. – Assuntos de trabalho no país? – perguntou.

O emiradense olhou avidamente para o charuto, aguardando uma oferta que não chegou. Depois disse:

– Assuntos urgentes.

– Bom, tenho a certeza de que os resolveu. O nosso negócio aqui precisa de atenção. Os seus números não estão bem. Demasiado baixos. – Pousou o charuto na borda de um cinzeiro de latão com a forma de um garanhão a galope e levantou-se para preparar uma bebida.

A garganta do príncipe emitiu um som rouco.

– O que prefere? – perguntou Max voltando as garrafas aqui e ali, mostrando os rótulos.

– *Johnnie Blue*. Simples.

Max serviu três dedos generosos para o príncipe e, para si, um mescal fumado. Regressou ao seu lugar, puxou uma fumaça do charuto, retirou do bolso o cartão com o código QR e colocou-o sobre o joelho do príncipe, tendo o cuidado de tocar com os dedos nas calças dele e de carregar no cartão com mais força do que devia, marcando o tecido por um breve instante. Os olhos do príncipe brilharam, mas a violação era demasiado vaga, demasiado circunstancial para merecer protesto. Não disse nada e olhou para o cartão.

– Tem aqui todo o inventário dos cavalos de San Cristobal e o mais recente estudo de mercado – disse Max. – Espreite. Vai ver que está muito abaixo, Alteza.

A família alargada do príncipe governava o Dubai e alguém lhe explicara sem dúvida a loucura a que ele se propunha. Mas Sua Alteza era um emissário de mãos vazias numa terra de pagãos, agitado pelo desrespeito calculado e propenso ao disparate. Então, tirou o *iPhone* do bolso, enquadrou-o sobre o cartão e pressionou o botãozinho azul que piscava. Max contou lenta e silenciosamente um, dois, três, quatro, cinco, e o príncipe estava a rever um relatório sobre 12 cavalos, mas algo, profundo e invisível, já se enfiava no seu telefone, um presente dos amigos menos convencionais de Max. Sentiu um formigueiro familiar percorrer-lhe os testículos.

Na televisão, Max via um jóquei com o seu fato de montar branco, azul e

vermelho levar um potro a trote até às portas de partida.

– RusFarm? – perguntou Max, apontando com o charuto para o ecrã.

O príncipe ergueu os olhos do telefone.

– O meu primo achou que os russos deviam ser convidados. Os cavalos estão acima dos desentendimentos internacionais. Porque não haviam os russos de correr, só por causa da guerra? E, afinal, a RusFarm é uma coudelaria privada. Já lá estive uma vez – disse com o seu sotaque inglês. – É um lugar escuro na floresta, mas as instalações são ótimas, o pessoal que adquiriram é excelente e, do ponto de vista do *pedigree*, estavam a fazer progressos antes de deixarem de comprar aos Estados Unidos e ao Reino Unido. – O príncipe franziu o nariz. – Malditas sanções.

– Ouvi dizer que pertence ao Putin. – O comentário de Max pairou no ar.

– Ora, ora, ora. Boatos desagradáveis. E quem raio quer saber quem é o dono? Afinal, trata-se de cavalos.

Max ergueu o copo, o príncipe tocou-lhe com o seu. Beberam.

As portas de partida abriram e Max viu o cavalo da RusFarm avançar. O puro-sangue castanho, *Judo Master*, ganhou velocidade e passou rapidamente para a nona posição. O cavalo manteve a sua posição e galopou com o que Max considerou serem passos demasiado curtos para a sua altura. Atrapalhado após a partida. No fim da primeira volta passara para décimo segundo, a quinze distâncias do primeiro, um cavalo pertencente aos estábulos do Sheik Mohammed bin Rashid Al Maktoum, governante do Dubai e anfitrião da corrida. Primo em terceiro grau do atual hóspede de Max, como o príncipe fez questão de lhe recordar.

Max tentou examinar os olhos do cavalo através da televisão. Podia ver-se o coração de um cavalo através dos seus olhos, e ele queria ver como era o daquele animal. *Judo Master* era um espécimen de físico impressionante – bem musculado, alto, pernas enormes, ótima estrutura – mas era o coração que ganhava as corridas e, à segunda volta, Max sabia que o cavalo não o tinha. Com o líder já a meio do lado oposto da pista, *Judo Master* passara para décimo terceiro e o jóquei trabalhava inutilmente com o chicote para evitar a humilhação de um último lugar. A opinião de Max não contava, mas tinha a certeza de que quando tivessem dado a última volta para o lado oposto da pista, o jóquei teria atingido ou excedido o limite das dez utilizações do chicote. No Dubai um cavalo só podia ser chicoteado doze vezes durante uma corrida.

Com o cavalo de Putin agora a afastar-se por mais de vinte distâncias, Max voltou a sua atenção para a disputa entre o do Sheik Mohammed e o que pertencia a um milionário japonês. A 50 metros da meta, o cavalo do Sheik foi buscar forças a uma reserva extra e começou a aproximar-se da meta. Atravessou-a três distâncias à frente. *Judo Master* acabou por ser o último, quase trinta distâncias atrás.

– Nove milhões certos pelos doze – disse o príncipe. – Nem mais um tostão. – Havia um toque de hesitação na sua voz; de qualquer forma tinham o

compartimento sob escuta e sabiam que o príncipe podia subir o preço.

Max esmagou o cigarro no cinzeiro e acabou o mescal.

– Descobri que me apetece montar a cavalo depois de assistir a uma corrida. Vamos cavalgar um pouco e continuar esta discussão ao ar livre. Que me diz? Há um trilho que atravessa as pastagens e sobe até às montanhas. É uma bela região. Voltamos ao escurecer.

– Estou com pouco tempo, receio. Por isso não, obrigado. Fica para a próxima. Esta é a oferta final, Castillo. Estão a abastecer o avião e esperam-me amanhã no Dubai. – O príncipe levantou-se, espreguiçou-se, fingiu bocejar, fitou Max, mas não conseguiu manter o olhar.

– Tem alguma coisa a dizer? – perguntou o príncipe num tom mais firme.

Outro homem podia ter cedido. Podia ter perguntado a si mesmo se tinha exagerado ao negociar contra uma das coudelarias de puros-sangues mais importante do mundo. Mas outro homem não tinha acesso a comunicações interceptadas que revelavam o *bluff* do príncipe. Era verdade que o esperavam no Dubai no dia seguinte. Com os cavalos.

– Não – respondeu Max. – Creio que não.

Max apoiou-se no capô da carrinha na plataforma da pista, a ver os homens de Roberto carregarem as malas no *G800* dos Emirados. O príncipe tinha-se despedido e desapareceu dentro da cabina e as hospedeiras, duas esbeltas escravas, louras, com saltos demasiado altos e uniformes demasiado justos, conversavam uma com a outra, olhando para Max com manifesto interesse. Quando ele olhou para elas e sorriu, elas corresponderam, riram, voltaram-lhe as costas e partilharam um segredo. Alguém as chamou de dentro do avião, de modo que subiram os degraus e desapareceram dentro do aparelho com um aceno sensual. A porta fechou-se. Os motores rugiram. As luzes piscaram. Max cuspiu para a pista de asfalto. O avião avançou. Parou. Os motores pararam. Por um momento ali ficou. Depois a porta abriu-se, as escadas desceram e o guarda-costas do príncipe saiu e foi ter com ele.

Mais tarde, nessa noite, com o príncipe nos céus rumo ao Golfo, Max retirou a sela a *Penelope*, a sua égua favorita, escovou-a, e deu-lhe de comer. Tomou um demorado duche quente e foi buscar um *iPad* a um cofre no seu armário. Levou o mescal para a cadeira do quarto, onde lhe tinham lido histórias quando era menino e, agora que era homem, se sentava sozinho.

No *iPad*, em vez da habitual palavra-passe de seis dígitos ou a impressão digital, digitou uma sequência alfanumérica de 26 elementos para abrir um disco rígido compartimentado, escondido no dispositivo. Abriu a aplicação, idêntica às Notes pré-instaladas em todos os produtos da Apple. Viu uma curta nota de Artemis a explicar que tinham sido bem-sucedidos no acesso ao

telemóvel do príncipe. Em anexo, havia uma referência ao bónus que devia ser transferido através do labirinto habitual para chegar a uma conta de uma empresa-fantasma pertencente a uma filial da San Cristobal. O pai explicara-lhe como tudo aquilo funcionava, mas as quantias eram tão pequenas que havia dois anos que não verificava os saldos. Os Castillos não o faziam por dinheiro, pelo menos não agora, desde os primeiros anos na década de 1960, muito antes do seu nascimento, e embora ele entendesse por que razão o dinheiro era necessário para que todos se sentissem bem, não queria ter de o enfrentar nem pensar em tal assunto. Apagou a nota.

Escreveu uma breve mensagem a resumir a visita do príncipe. Depois serviu-se de outro copo de mescal, desfrutando do fogo branco que lhe inundava a garganta, tocou numa combinação específica de números até que a mensagem desapareceu. Fechou o *iPad*, e inseriu a sua habitual palavra-passe de seis dígitos para garantir que tudo estava conforme.

Encontrou Roberto a comer um bife na varanda ao som do cantar dos grilos e do correr murmurante das fontes da piscina. Max sentou-se. Manuela trouxe *arrachera*, bife da aba tratado com especiarias, cortado sobre uma cama de pimentos assados e cebolas, uma tigela de pedra do seu molho vermelho e um prato quente com *tortillas* tapado por um pano. Espremeu o sumo de meia lima sobre a carne e desrolhou uma garrafa de Tecate. Max beijou-a na face e segurou-lhe a mão pálida e cruzada de veias por um breve momento. Ela deixou-os sós. Depois das primeiras garfadas, Roberto fez deslizar um envelope sobre a mesa. Max conhecia o certificado dos Emirados desde que fizera as imagens do quarto do príncipe, e conhecia o leve torcer dos lábios de Roberto desde o tempo em que ele o ajudara a domar os cavalos, quando ainda era muito jovem.

Langley

Certa vez, Artemis Procter participou involuntariamente num grupo de discussão orientado por um consultor, com o tema da “Modernização” da CIA. O consultor explicou o conceito a Procter, descrevendo a reorganização integral da CIA, usando termos como “saúde organizacional”, “melhoria de processos nas empresas” e “agilidade empresarial”. Falou acerca de abertura e partilha de informações, o que Procter interpretou como desconhecidos a convidarem-na a relaxar, a mandarem matar os seus agentes, arrastando-os pelas ruas com as orelhas e outras coisas arrancadas. Na sua opinião, o foco da experiência de grupo era semelhante a uma episiotomia recreacional e foi o que escreveu no formulário de avaliação.

Procter tinha decidido parar a marcha da Modernização às portas de Moscovo X. O seu reinado como Chefe seria caracterizado por regras, decididamente pré-Iluminismo. No primeiro dia colou na porta do seu gabinete um poster com a cabeça de Putin num espeto e as palavras REGRESSO À IDADE DAS TREVAS gravadas por cima. A modernização que se danasse.

Parte do acordo com Bradley era não lhe ser exigido situar Moscovo X nos espaços principais da Casa da Rússia. Achava-os atravancados e incómodos, cheios de mobília descartada, postes, bandeiras e estantes que a faziam sentir que estava a trabalhar num armazém de móveis bombardeado. Procter instalou a sede do Moscovo X numa sala que pertencera a uma entidade agora fechada, que dava pelo nome de Equipa de Apoio e Aconselhamento ao NOC da Casa da Rússia ou RH/NAST. Mas porque turistas e estrangeiros pouco esclarecidos se dirigiam todos os dias a Langley, da placa prateada da porta foram retirados o CASA DA RÚSSIA e o NOC e ficou simplesmente EQUIPA DE APOIO E ACONSELHAMENTO. Todos lhe chamavam NASTy. Os seus membros eram conhecidos pelos Nasties. As

pessoas mantinham-se afastadas na maior parte do tempo e Procter gostava das coisas assim.

Moscovo X, como a maioria dos componentes de Langley, ocupava um pequeno compartimento de cubículos, embora a casa-forte contasse com duas enormes janelas que davam para o telhado coberto de gravilha do OHB, o edifício da sede original. A maior parte das casas-fortes exibia bandeiras, recordações e fotografias. No outro extremo do átrio, dentro da própria Casa da Rússia, bandeiras soviéticas flutuavam no ar reciclado e, junto à porta, havia um busto em bronze de Gorbachev. As pessoas passavam a mão pelo seu sinal cor de vinho quando entravam e saíam. As paredes da Casa da Rússia estavam cheias de fotografias de Putin a agir como um excêntrico, a cair durante um jogo de hóquei, a sorrir para uma manifestante em *topless*, a beijar um jovem na barriga, a apontar um arco a uma baleia cinzenta. Mas não a casa-forte de Moscovo X. Procter franziu a testa perante aquele alegre sentimentalismo.

E embora o Moscovo X estivesse entre os componentes mais isolados e secretos da CIA, dentro das suas paredes os boatos e a tagarelice fluíam como água. Em breve, os rumores do sórdido caso em torno da partida de Dushanbe da nova Chefe chegavam aos ouvidos dos próprios agentes mais inferiores. As alfinetadas elevavam a lenda de Procter, enquanto a disponibilidade *online* de centenas de fotografias de nudez aumentou durante alguns dias o braço-de-ferro, um dilema que opunha a curiosidade aos castigos que seriam certamente atribuídos àqueles que se sabia ou se suspeitava de terem prevaricado.

Uma semana depois do início do governo de Procter, um analista GS-9 mencionou as fotografias numa conversa de mensagens e, no dia seguinte, desapareceu do Moscovo X. Reapareceu semanas depois, exilado num turno de dois anos na tipografia de Langley, com um braço ao peito e coxeando ao de leve. Caí pelas escadas, gaguejou a um colega à hora do almoço, na cafetaria, escondido numa mesa discreta com o cheiro químico a pão da loja Subway ali perto. Uma queda chata. Sou um desastrado. O assunto ficou tratado a favor do castigo e as fotografias, embora não esquecidas, nunca mais seriam mencionadas.

O novo gabinete de Procter ficava no extremo da casa-forte. Sobre a sua secretária incidia uma única luz e havia apenas uma cadeira de metal encostada à parede, provavelmente para convidados especiais, embora não se previssem muitos visitantes. Num televisor montado na parede, um anúncio a calças curtas e largas berrava no canal de televendas QVC. O antigo bastão de basebol dos Cleveland estava encostado à parede. Neste ambiente reconfortante, Procter abriu um saco de *Twizzlers* e começou a investigar as mensagens do grupo de NOCs do Moscovo X.

Abriu a mensagem de Sia Fox. Quando terminou, o cordão de alçaçuz escorria-lhe da boca até ao teclado.

Não só Anna Agapova era uma bem relacionada filha da Rússia, mas também a mulher de Vadim Kovalchuk, gestor financeiro de Putin. Uma

dádiva dos deuses da espionagem, resmungou Procter para si mesma, o Natal chegara mais cedo à CIA. Tanto potencial.

Recorria a um anafado analista de dados para alguns trabalhos. Abrindo a porta com força, gritou para que Debman se apresentasse ali imediatamente. Procter, que soubera que na algaraviada de alguns relatórios de avaliação tinha sido considerada como tendo os instintos de liderança de uma centopeia do deserto, instruiu Debman para que não abandonasse o edifício até ter terminado o relatório. Ele desapareceu no seu cubículo para procurar pistas e fazer uma primeira pesquisa.

Debman regressou ao gabinete dela ao fim da noite e colocou os resultados diante de Procter, como se de um sacrifício religioso se tratasse, e tomou a extravagante liberdade de se sentar na cadeira dos convidados, enquanto ela lia. Procter abriu a embalagem de *Twizzlers*, e começou a ler:

1.
AS INFORMAÇÕES SOBRE ANNA ANDREEVNA AGAPOVA REVELAM QUE TEM 36 ANOS, É CIDADÃ RUSSA E TRABALHA ATUALMENTE NO BANCO ROSSIYA. NASCEU EM LENINEGRADO/SÃO PETERSBURGO EM 1987, FILHA DO MAJOR GENERAL APOSENTADO DA KGB/SVR E ATUAL PRESIDENTE DO ROSSIYA INDUSTRIAL, ANDREI AGAPOV, E DE GALINA TIMOFAYEVNA PETROVA (FALECIDA – 1998).
2.
É LICENCIADA PELA UNIVERSIDADE LOMONOSOV DE MOSCOVO (2009). REF A ADICIONAL INDICA QUE TRABALHOU NO BANCO ROSSIYA EM GENEVRA (2010-2014) ANTES DE REGRESSAR À RÚSSIA.
3.
CASOU COM VADIM YURIVICH KOVALCHUK, FILHO DO ANTIGO PRESIDENTE E CEO DO BANCO ROSSIYA, YURI KOVALCHUK (FALECIDO— 2017), NUMA CERIMÓNIA CIVIL, SÃO PETERSBURGO, 2011.
4.
VADIM KOVALCHUK É O PRINCIPAL DONO E EMPRESÁRIO DE RUSFARM, UMA COUDELARIA DE CAVALOS PURO-SANGUE. REF B ADICIONAL INDICA QUE A QUINTA É APOIADA POR UM CONSÓRCIO QUE INCLUI ANDREI AGAPOV E O PRESIDENTE RUSSO.

Ao se recostar na cadeira, Procter apercebeu-se de que Debman ainda lá estava.

– Que raio, homem – disse, meio engasgada. – Pregaste-me um susto de morte.

Enxotando Debman do gabinete, Procter comeu mais umas tiras de alcaçuz e desligou o único candeeiro da secretária.

Deitou-se no chão.

Para um qualquer observador, Procter teria aparentemente entrado num espaço liminar, em que o seu corpo se mantinha deitado no escritório e o seu espírito se evaporara há muito. Tinha os olhos fechados, as palmas das mãos voltadas para o teto, o seu peito subia e baixava lentamente, como se estivesse em coma. Os seus músculos adutores estavam queimados do árduo trabalho

dessa tarde no ginásio.

Uma hora depois, surgiu-lhe a primeira ideia. Duas horas depois, Procter pensou que tinha o suficiente para se pôr a trabalhar.

Sentou-se e limpou os cantos da boca. Algures durante aquele período adormecera por algum tempo. Comeu mais alcaçuz, perguntando a si mesma se devia envolver Bradley. Não. Estamos enfiados até aos olhos nesta sopa operacional, pensou, não é preciso preocupar o patrão.

Abriu a base de dados e introduziu um criptónimo, TX/MANCUB, no motor de busca. Quase todos os elementos valiosos da CIA eram cidadãos estrangeiros. O dígrafo TX revelava o estranho facto de MANCUB, cujo verdadeiro nome era Harry Hamilton, ser americano, fundador e CEO da companhia de tecnologia Lyric. Harry permitira que a CIA usasse a Lyric como cobertura de alguns dos seus NOCs e geralmente cooperava quando Procter lhe pedia ajuda.

Mas, dessa vez, Procter imaginava que seria diferente. Sozinha no gabinete, observou as informações dos preços do leilão dos puros-sangues de corrida e soltou uma gargalhada. Harry não se interessava minimamente por cavalos. Não tinha cavalo. Não ia às corridas. Talvez nunca tivesse montado. Harry não ia gostar daquilo.

Palo Alto

Max atravessou a zona de carga do aeroporto de Palo Alto, passando pelo encarregado da CIA *Air Branch* quando chegou ao cimo da escada e entrou no *Gulfstream G550*. O uso prodigioso de madeira falsa no seu interior e alcatifa cor de vômito indicavam que aquele avião não pertencia a uma celebridade, a um bilionário, nem sequer ao seu rancho, mas a uma burocracia governamental, cujos mecanismos de aprovisionamento, apesar da vantagem de um intermediário corporativo, haviam sido incapazes de atualizar os estofos para algo mais contemporâneo do que o “abacate havaiano”. Do outro lado da pista estava o seu próprio jato, o *San Cristobal G650ER*. A partir das mensagens, entendera que Procter tinha uma proposta a fazer-lhe, e que a advogada NOC Hortensia Fox estava de uma maneira ou de outra envolvida. Também percebia que o pedido era pouco convencional. Artemis incluía alguns detalhes na sua mensagem que não podiam ter outra explicação.

Max arrastou os pés sobre a alcatifa manchada e dirigiu-se a Procter, que lhe apertou a mão. Hortensia Fox entrou no avião com passo seguro, agressivo até, e no ar que a rodeava pairava um perfume cítrico e floral que o transportou aos jardins de San Cristobal. A palma da mão que ela lhe estendia roçou agradavelmente a sua.

– Max Castillo – apresentou-se. – Prazer em conhecê-la, Hortensia.

– Sia Fox – retorquiu ela, retirando a mão. – Nada de Hortensia. Hortensia nunca.

Por seu lado, Procter exibia um aspeto mafioso: um fato de treino de veludo vermelho e sapatos de ténis azuis. Seis latas de *Coors Light* arrefeciam num balde de gelo sobre a mesa, com uma garrafa de mescal ao lado. Sia sentou-se diante dele, ao lado de Procter, que abriu uma cerveja. Max examinou o mescal, decidindo arriscar, embora não reconhecesse o rótulo – pela sua experiência com Procter, os rótulos eram tipicamente irreconhecíveis.

– Mescal? – perguntou a Sia, erguendo a garrafa. – Não respondo pela qualidade, contudo.

Ela abanou a cabeça de um modo quase indelicado e retirou uma garrafa de água da sua bolsa.

– Que bom ver-te, Artemis – disse Max. – Estás com bom aspeto.

Na verdade, tinha um ar mais envelhecido, murcho. Mas o seu cabelo negro dava, como sempre, a impressão de que a sua possuidora metera os dedos numa tomada elétrica. Ele conhecera Procter, anos antes, quando ajudara a CIA a conseguir acesso ao computador de um empresário jordano. Nessa altura, ela trabalhava no quartel da CIA em Amã. Não sabia bem com que função. Não lhe forneciam essas informações. A menos que as pedisse, e Max nunca as pedia.

– É muito simpático da tua parte – disse Procter. – Tu também não estás nada mal. Os cavalos têm-te tratado bem.

– Geralmente acontece.

– E parabéns pela operação contra os Emirados. As informações foram úteis para os analistas que trabalham sobre as redes russas que vão contra as sanções do Golfo. – Procter ergueu a cerveja num brinde e bebeu um gole sedento. Max retribuiu com um gole rápido de mescal.

– E Sia – disse Procter. – Também estás com ótimo aspeto. Que bom ver-te, querida. Obrigada por teres vindo do outro lado do mar para isto.

– Claro, Artemis. Estou a morrer de curiosidade por saber o que prepararam.

Max lançou um olhar a Sia. Cabelo escuro e comprido, olhos cinzentos cor de bruma, pele bronzada pelo sol. Um interessante sotaque. E era alta, quase tão alta como ele, elegantemente vestida, apostava que o vestido e os sapatos de salto vinham de algures em Londres ou Milão. Tinha visto mulheres assim chegarem e partirem de San Cristobal, geralmente pelo braço de um homem rico e mais velho. A maioria parecia abertamente acessível. Tão acessíveis, naturais e apreciadoras de jogos de sedução que se sabia que não haveria desafio, nem dança, e se não era necessário esforço, também não dera trabalho a outros homens. Tinha as costas direitas, eretas, por um qualquer motor dentro dela, que não deixava de girar, mesmo quando devia. Ou podia. Sentiu que os olhos dela o trespassavam, avaliavam, procurando perigo, ameaças, fraquezas. Conheciam-se havia cinco minutos e ela já pensava em quebrá-lo. Normalmente apreciava aquele olhar, mas nunca lhe acontecera durante uma operação. Bebeu um pouco do sofrível mescal. Não sabia o que pensar daquela Hortensia Fox.

– As mensagens eram vagas – começou Procter. – Lamento. Fico enervada quando tenho de pôr ideias tão incríveis nos canais formais. Fico com urticária. – De uma pasta que trazia na bolsa retirou fotografias que espalhou sobre a mesa. – Vadim Kovalchuk – disse. – Filho do já falecido Yuri

Kovalchuk, um dos amigos de infância do Putin. Vadim gere uma parte do gabinete privado do Presidente russo a partir do Banco Rossiya em São Petersburgo. Tanto quanto as finanças de Putin podem ser separadas do Estado, é aqui que isso acontece. É ele que sabe onde a massa pessoal de Putin está espalhada e enterrada. Um alvo de alta prioridade. E acontece que aqui o Vadim também trata da coudelaria de puros-sangues do primeiro-ministro russo. Uma pequena versão russa de San Cristobal. Sabias, Max?

– Claro. Embora tenham sido arrasados no Dubai, a RusFarm tem-se mexido bastante ultimamente. Investimentos sem precedentes nas melhores linhagens do Golfo e, se os boatos se confirmarem, dos Estados Unidos e do Reino Unido, quando conseguirem encontrar a maneira certa de contornar as sanções. Há também rumores desagradáveis acerca de dopagem de cavalos, embora, segundo sei, nada tenha sido confirmado. Porém, nunca estive com o Kovalchuk. E nunca visitei a quinta.

– Espere. Você é um FNO ou um NOC? – perguntou-lhe Sia.

Um NOC era um cidadão americano, por vezes com um passaporte estrangeiro. Max era um agente estrangeiro, um não-americano de confiança, que efetuava um trabalho contratual sensível para a CIA. Os NOCs tinham de jogar com a burocracia – notas das despesas, tabela salarial da função pública, enviar uma mensagem de cada vez que se coçavam. Max não o fazia. A pergunta de Sia fazia sentido, mas os NOCs geralmente melindravam-se com a distinção e a voz dela parecia conter um tom amargo, resultante da presunção do seu estatuto de segunda classe.

– A família trabalha com a CIA desde os anos 1960 – disse Max. Não reconheceu o título de FNO. A CIA podia registá-lo nas suas bases de dados como bem lhe parecesse. O acrónimo não o afetava.

Sia parecia tensa, mas Procter continuou sem o notar.

– É aqui que temos sorte. Porque o nosso amiguinho Vadim é casado com uma cliente em perspectiva da Sia, Anna Andreevna Agapova. – Max recebeu a fotografia que parecia ter sido retirada do site do banco Rossiya. Tinha cabelo loiro, olhos azuis gélidos e maçãs do rosto salientes. O seu rosto mandava a câmara à merda. Max gostou imediatamente dela.

Devolveu a fotografia a Procter.

– Apelidos diferentes?

Procter resmungou.

– Podem estar separados. Quem sabe?

– Combinei um encontro com a Anna em Londres para a próxima semana – disse Sia, voltando-se para ele. E ela vai levar o Vadim.

– Mas o problema é este – disse Procter. – A Sia conseguiu o acesso ao casal russo através da sua firma de advogados. O Max tem a quinta... um lugar onde podemos agir, lançar o isco de um cavalo e ver se mordem. Vadim, Anna, Max e Sia. – Procter contou-os até ter erguido quatro dedos, que agitou diante de cada um deles. – Falta uma ligação entre este alegre quarteto – disse. – Isto é, entre vocês os dois. Então esta menina aqui pôs-se a pensar. Qual a

melhor maneira de seduzir o Vadim Kovalchuk? – Procter empurrou a cerveja e abriu sobre a mesa uma folha de papel com notas quase ilegíveis.

Max ergueu os olhos das notas, lançou-os às pernas vigorosas de Sia e a seguir ao seu rosto furioso.

– Harry e eu não éramos amantes, Artemis – disse Sia.

– Pensei mal – disse Procter. Abriu a caneta e riscou *ex-amante*. Depois a Chefe atou o cabelo com um elástico e disse: – Imaginem: vocês dois conheceram-se por acaso, por intermédio de um tal Harry Hamilton. Este encontrou de repente um milionário desejoso de arranjar cavalos, e claro que convidou o Maximiliano aqui para Palo Alto para uma pequena conversa. O velho Harry trouxe também a sua antiga funcionária e amiga Sia, da Lyric, para assistir à conversa. O encontro que mencionei na minha breve mensagem será – Procter olhou para o relógio – dentro de três horas. Nesse encontro vocês os dois e Harry terão uma bela conversa sobre cavalos e sobre o que ele poderá comprar em San Cristobal. Maximiliano, no final vais dizer, porque não vamos todos a San Cristobal para uma visita de reconhecimento? Por acaso, vocês os dois pensam que o outro é muito giro. Comportam-se à antiga maneira mexicana: vinho, tequila, tacos, andar a cavalo sem sela e merdas assim. Depois a Sia tem uma ideia genial. Anna e o marido devem ir jantar ao México em vez de visitar Londres. São russos podres de ricos e ir de jato a San Cristobal durante uns dias deve ser fácil. Que raio, nestes tempos deve ser mais fácil para eles tratar dos papéis para ir ao México do que ao Reino Unido. Estamos a fazer-lhes um favor. E mais, com tudo o que a Sia faz em Londres, assim não terei de me informar acerca dos ingleses.

Procter abriu outra *Coors*.

– Vocês os dois brincam ao Romeu e Julieta e nós acedemos à tecnologia de Vadim de acordo com o argumento. Estadia especial de dois dias em San Cristobal. Raios, talvez possamos verificar se temos algo sobre o Vadim? Deem uma olhadela ao caso, vejam o que lhe interessa, investiguem o seu potencial para recrutamento. – Fez uma pausa, engoliu metade da cerveja enquanto olhava em volta para ver o efeito, depois insistiu. – Bom, antes que vocês se chateiem, comecem a queixar-se acerca dos riscos e blá, blá, blá, vamos pôr-nos de acordo em relação a certos termos. Primeiro, isto é temporário. Não é necessário convencerem os russos de que estão apaixonados um pelo outro durante muito tempo. Depois o território é nosso. Não são terras russas e aqui o dono da fazenda é nosso amigo. Os russos fazem o nosso jogo, umas cócegas exploratórias nos pelos dos seus ventres escravos, não implica muito risco para as vossas plataformas. Mais, agora nestes tempos não teremos de interagir com muitos russos, com a Ucrânia e assim, e logo que pudermos tomamos a iniciativa. O acesso ao dinheiro do Putin dar-nos-ia belas oportunidades para fazermos asneiras e provocarmos o caos. Agora calo-me. Max, o que achas? Estás disposto a isto? – Terminou a *Coors* e abriu outra e a espuma correu pelos lados da lata e pelos dedos dela. Procter pareceu não notar.

Ele olhou para Sia. Percebeu que Procter não tinha pedido a opinião de Sia. Que se dirigira a Max, que era a ele que fazia o pedido, mas que para ela era uma ordem, e percebia que aquilo exasperara Sia, pois o pé direito da rapariga começara a saltitar no chão e ela remexia no cabelo impecavelmente penteado, evitando olhar para ele.

– Sia – disse ele, por fim –, há quanto tempo trabalhas com a Anna?

– O primeiro encontro vai ser esse, o da próxima semana – respondeu Sia.

– Nunca estiveste com ela pessoalmente?

– Não.

– E foi ela que te contactou?

– Sim.

– Porquê?

– A minha firma de advogados, a minha plataforma NOC, esconde dinheiro sujo. Pequenas operações retorcidas a partir de Londres. A Anna está interessada nos nossos serviços para alguns dos seus clientes. E provavelmente para o Vadim.

– Mas porquê *tu*?

– Grande parte do meu trabalho tem a ver com dinheiro sujo russo. – O seu tom de voz tornava-se mais agudo a cada resposta.

– E qual seria a tua posição? Ajudar a Anna ou o Vadim?

Desta vez ela limitou-se a olhar.

Max ergueu a mão e bebeu um gole de mescal.

– Não importa. Há tempo para isso mais tarde.

Exasperada, Sia resfolegou. Afastou uma madeixa de cabelo escuro do rosto e voltou-se para a janela, passando a perna esquerda sobre a direita. Max notou-lhe o brilho da raiva nos olhos e percebeu que ela se sentia bem a discutir, talvez até gostasse, e que ele lhe desagradara imediatamente e de modo geral. E talvez até nos pormenores, não tinha a certeza.

De qualquer forma já se apercebera do cenário. Sia conseguira crédito – e, como tal, promoções, aumentos e prestígio – sobretudo pelos recrutamentos. Ainda não tinha começado a manipular Anna, e Procter ofereceu-lhe um papel secundário num esquema para *o* ajudar a manipular Vadim. Seria ele a dar-lhe o golpe final e não ela.

– O que achas, Maximiliano? – perguntou Procter. – Uma pequena viagem preparatória com o Harry e a Sia e depois os russos vêm aqui passar dois dias?

E embora o vestido de Sia lhe cobrisse os joelhos, ele apercebeu-se, a partir do movimento frustrado das canelas, do seu porte e altura, que ela possuía pernas atléticas e musculadas, e também muito compridas, e que se a cor fosse semelhante à do seu rosto, estariam agradavelmente bronzeadas. Olhou para Procter e disse.

– Ajudo com todo o prazer. O plano é bom.

Voltou-se para Sia a tempo de se aperceber de outro resfolegar das suas

narinas abertas.

– Artemis – começou ela. – Se a Anna estiver altamente relacionada como pensamos, por que diabo a estamos a ver como um caminho para chegar ao Vadim? Ela própria é um alvo valioso. E a minha posição é a melhor para tratar desse alvo.

Procter arrancou o anel da lata da *Coors* e voltou-o com um floreado para Sia, que acabara por se calar.

– Vá querida, termina a tua ideia, que não ofenderás a velha Artemis.

– Não creio que tenhamos de fazer isto desta maneira. Posso tratar da Anna sozinha. Não preciso – olhou para Max –, de a transportar para um rancho mexicano do outro lado do mundo. Posso tratar dela no Reino Unido, na Europa, raios, posso tratar dela na Rússia, se for preciso – disse Sia, lançando um olhar de soslaio a Max.

– Ela é um belo alvo – disse Procter. – Concordo. Mas, tanto quanto sei, não é ela que gere o dinheiro do Putin. Eu quero o dinheiro. É o Vadim Kovalchuk que sabe para onde vai uma bela parte do dinheiro do Presidente.

– Deixa-me tentar com a Anna – pediu Sia. – Vejamos primeiro o que acontece.

Procter abanou a cabeça.

– Porquê? O meu caminho é mais direto. Precisas que te faça um desenho, querida? Além do mais, se a Anna acabar por ser, por si só, um alvo valioso, podes tratar dela. Um colega ajuda-te, Hortensia. E olhem, não estou a pedir-vos que se andem a comer um ao outro ou isso. Beijem-se na cara, e talvez possam dar as mãos à frente deles.

Sia serviu-se de uns dedos de mescal e recostou-se na cadeira. Bebeu um pouco, com ar agitado, e fixou os olhos em Max com má cara.

– E sei que adoras cavalos – continuou Procter. – És uma miúda do rancho, Sia. Os cavalos são *bueno*. Não tenho razão?

Ela olhou para Procter.

– Sim, Artemis. Sabes que eu adoro cavalos. Cresci junto deles – Sia voltou-se para Max. – Há aqui mais alguém que esteja envolvido na ligação com a CIA?

– Só o meu pai, que já não está bem. Princípio de Alzheimer. Vive na propriedade, mas numa casa separada, escondido dos visitantes. A discrição acima de tudo, no que diz respeito ao pessoal.

Seguiu-se um silêncio incómodo.

Procter olhou primeiro para um e depois para o outro.

– Tudo em ordem com o plano para o encontro com o Harry e os próximos dias?

– Sim – disse Max. – Tudo em ordem.

Sia resmungou a sua concordância.

Ele levantou-se e apertou a mão de Procter, depois estendeu a sua a Sia, que aceitou com um aperto maravilhosamente firme e um olhar de leve desagrado.

Adios vaya com dios, disse Procter, no seu muito mau espanhol de *gringa*, quando o encarregado da carga fechou a porta. Max separou-se de Sia, em silêncio, no fundo da escada, e encaminhou-se para o seu carro para se dirigir ao escritório de Harry Hamilton, admirando como a mulher caminhava e como, nem uma única vez, se voltou para olhar para ele.

Maggie Geller preparara inúmeros encontros bizarros nos seus 27 anos como sofredora assistente executiva de Harry Hamilton. Um *pow-wow* formal entre Harry, o rei da Jordânia e um rancheiro do Texas. Uma tarde turbulenta para Harry, Bono e um sem-abrigo de Berkeley. Um fim de semana longo em casa de Harry, em Jackson Hole, com um empresário russo que mais tarde seria morto por estrangulamento na sua casa de banho, e outro que seria simplesmente atirado da varanda de um hotel. O casal que agora fazia entrar no gabinete de Harry era menos bizarro, mas, mesmo assim, algo estranho. Tinham passado vinte minutos em silêncio na sala de espera junto ao gabinete de Harry, como se se preparassem para uma emboscada, ou talvez uma deprimente sessão de terapia de casal.

Nos calcanhares de Maggie, seguia Hortensia Fox, ex-aluna da Lyric e há muito protegida de Hamilton, que fugira para Londres para ganhar ainda mais dinheiro. Harry gostava de mulheres jovens e, anos antes, tinha havido desagradáveis sugestões de que eles tinham sido amantes. Nessa altura, Maggie pouco ligara aos boatos, mas agora reconsiderava. Harry convidara Hortensia para vir do outro lado do mundo para se juntar a ele numa das suas viagens impulsivas. Desta vez – e até a endurecida Maggie se esforçara por aceitar aquilo – desta vez Harry andava em busca de cavalos de corrida. No México. Talvez a salva de abertura da sua terceira ou quarta crise de meia-idade.

– Sr. Hamilton – dissera ela, pois recusava-se a tratá-lo por Harry –, cavalos? – A entoação era de incredulidade, porém delicada. Ele sentara-se na cadeira da sua secretária, evitando-lhe o olhar e disse sim, sim, era um raio de um bilionário e estava a ficar aborrecido. Cavalos, disse já sem convicção, os cavalos eram interessantes.

– Mas, Sr. Hamilton – protestou ela, cada vez mais preocupada com a segurança de Harry. – O senhor alguma vez montou a cavalo?

Ele riu.

– É o que isso tem de belo. Todos esses ricos que têm cavalos não os montam. Limitam-se a fazer-lhes umas festas quando eles ganham as corridas. Adapto-me muito bem a isso. Caraças, vou mesmo gostar de cavalos.

Os cavalos eram a razão do segundo visitante, um homem bem-parecido chamado Maximiliano Castillo. Tinha uma coudelaria para criação e corridas de cavalos nos arredores de Monterrey, México. Harry pedira a Maggie que o convidasse a vir a Palo Alto, para conversarem. Harry insistiu que se interessava por alguns cavalos de Castillo. Hortensia e Maximiliano apertaram

a mão a Harry e sentaram-se todos. Maggie fechou rapidamente a porta, grata, como sempre, pois apesar de ter de suportar o desagrado de preparar as reuniões, não tinha de aguentar o fardo de participar nelas.

PARTE II

Razrabotka/Desenvolvimento

San Cristobal

O piloto de Harry sobrevoou várias vezes San Cristobal para que Sia pudesse abarcar tudo. Os ranchos do Big Bend da sua juventude eram grandes, mas estavam já degradados e em mau estado, e não era invulgar a parte central da propriedade ser uma casa de um só piso e dois quartos, com um telhado de telha ondulada e a tinta a cair. Mas voando por cima de San Cristobal, através das nuvens finas, Sia avistou os estábulos da fazenda com telhados de terracota e uma mansão em forma de U, com uma piscina cintilante. Havia pelo menos quatro, talvez cinco estábulos, o que significava que San Cristobal podia conter mais de uma centena de puros-sangues. Quando o *G800* começou a descida, houve um detalhe que denunciou especialmente a grandiosidade de San Cristobal: uma vedação pintada de branco rodeava toda a propriedade e dividia as pastagens, os cercados dos cavalos e as cavalariaças. Manter quilómetros de vedações era uma dor de cabeça para qualquer fazendeiro, inúmeras horas da sua juventude tinham sido passadas a reparar as do rancho da família com a ajuda da irmã. Mas garantir a pintura? Bom, isso era inimaginável no Big Bend.

Harry, sentado diante dela, ergueu os olhos da revista e espreitou pela janela.

– Raios – disse.

As recordações do passado dissiparam-se quando o avião aterrou. O motorista que os aguardava levou-os à casa principal, onde Max iria ter com eles para o jantar dessa noite. Deram a volta ao estábulo com telhado de terracota e depois percorreram quilómetros de vedação branca, vendo as éguas e os potros a olhar para os carros que passavam. A vegetação luxuriante e castanha atapetava as pastagens, a pintura creme da vedação estava imaculada e a casa no cimo da colina tinha três pisos de pedra enroscados num belo caos de alpendres erguidos sobre pilares, jardins em socacos e enormes palmeiras.

Muitos rancheiros tinham terras, mas não palácios como aquele. O local era enorme e maravilhoso, e a experiência de Sia com locais enormes e maravilhosos era que geralmente pertenciam a cretinos.

Houve um momento previsível em que os funcionários conduziram Sia e Harry ao mesmo quarto. Harry riu-se e, como de costume, entrou sem corrigir o erro. Quando anos antes aquilo acontecera pela primeira vez, pouco depois de ela ter aceitado o emprego na Lyric, Sia corara e irritara-se com Harry por permitir que os boatos se mantivessem. Desta vez explicou calmamente o erro e a funcionária de faces rosadas conduziu-a a um quarto imponente com teto abobadado, traves de carvalho expostas e uma lareira do tamanho de um automóvel. Sia entrou na casa de banho: mármore, azulejos ornamentados no duche a vapor, um termostato que controlava o chão aquecido. Pegou numa das toalhas e sorriu. Quando ficavam em bons sítios, o pai gostava de dizer que ia roubar as toalhas. Sia recordava-se da frase quando se fingia rica: numa qualquer ilha grega, numa mansão de Knightsbridge, ou aqui, naquilo que parecia ser uma fazenda feudal no norte do México. Era o tipo de lugar para roubar toalhas. Meteu uma na mala.

Quando Harry entrou na biblioteca, Max meteu-lhe um copo de *whiskey* na mão e, seguindo as instruções de Procter, passou a meia hora seguinte a explicar as linhagens da coudelaria, os prémios das corridas e a filosofia da criação dos cavalos, para o caso de alguém, no regresso, questionar Harry acerca da visita. Max apresentou-lhe um livro volumoso, de capa de couro com o brasão de San Cristobal, para mostrar a árvore genealógica dos potros que estava a oferecer generosamente a Harry, em vez de os levar aos mercados em Keeneland e Saratoga. Por duas vezes Harry tentou dizer a Max que era desnecessário.

– Sei que a Artemis iria apreciar o seu esforço, e penso que este lugar é o máximo, mas a Artemis não está aqui e eu tenho uma fome de lobo. Venda-me os malditos cavalos em que está a pensar e vamos lá jantar – protestou.

Sia ouvira o suficiente da discussão entre Max e Harry acerca dos mapas da linhagem.

– Eu dou uma olhadela – disse, com uma nota de charme, e arrancou-lhes o livro antes que qualquer um deles pudesse protestar. – Tudo bem – disse a Max com um aceno desenvolto. – De qualquer forma, na vida real, ele nunca ia consultar as árvores genealógicas. Pois não, Harry?

Harry riu-se e olhou através de um dos janelões da biblioteca. A vista dava para uma colina suave que seguia até ao estábulo de telhado vermelho onde os cavalos eram treinados.

– Que raio vou fazer com estes animais depois de os ter comprado?

Sem erguer os olhos do livro, Sia disse:

– Vais descobrir, Harry, é por isso que gostamos tanto de ti.

Tal como Sia esperava, a farsa esvaziava rapidamente o que restava do pouco profundo poço de paciência de Harry. Visitaram as instalações para o treino, os abrigos para a cobrição (não estava a ser utilizado – “Não quero ver essa merda”, resmungou Harry) e uma das pastagens dos potros. Harry estava colado ao telefone enquanto os moços de estrebaria conduziam os potros que ele involuntariamente comprava. O sorriso divertido de Harry e o seu silêncio receberam o maioral quando este perguntou se o magnata da tecnologia ou os amigos tinham perguntas ou dúvidas. Embora, já perto do fim, tenha ficado animado ao ver um cavalo caminhar sobre uma passadeira equina submersa e outro mergulhar num banho de água salgada.

– Cabrões dos cavalos, vivem melhor do que eu – observou sarcástico.

Ao pôr do sol brindaram com copos de champanhe numa varanda coberta de vinhas, sob arcos de pedra sobranceiros a uma pastagem ondulada. O ar quente, pouco próprio da estação, trouxe ao nariz de Sia o cheiro de pinheiros e agave. E embora Harry estivesse voltado para a pastagem, Sia ouviu um discreto arrote e o bater da *flute* de champanhe sobre a mesa de pedra. A bebida de Harry desaparecera num só gole.

Agradecendo a Max pela sua hospitalidade, Harry anunciou que se sentia uma merda e declarou que se ia deitar.

– Fica, Sia – disse. – Diverte-te. – Apertou a mão a Max e retirou-se. Max murmurou qualquer coisa ao chefe de mesa que, acompanhado por outros, regressou da cozinha trazendo travessas de salada verde e *cabrito al pastor*, rodeado por *tortillas*, cebola cortada, coentros e limas. O chefe de mesa mergulhou outra garrafa de champanhe no balde de gelo e abriu uma garrafa de tinto que deixou sobre a mesa, depois de Max ter completado o ritual do vinho. Max agradeceu-lhe e os empregados partiram. Estavam sós, o sol estava dez minutos acima do horizonte e, na luz que se desvanecia, o adobe branco era agora rosado. Depois, a mente de Sia mudou de direção. O cenário pitoresco, a bela apresentação da comida, o desdém que Max mostrara durante todo o dia – baniu tudo isso da sua mente com um único pensamento. Era tempo de trabalhar.

– Diga-me como vai convencer o Vadim – disse ela em tom militarista.

– Tenho aqui um garanhão, o *Smokey Joe*, que é meio-irmão do meu garanhão mais velho, o *Rex*. – A frase foi pontuada pelo bater do garfo no prato de carne de cabrito.

– O garanhão mais velho?

– O meu mais valioso cavalo de cobrição. O *Smokey Joe* é um garanhão com um recorde de competição exemplar. Venceu o Travers há uns meses, durante a sua campanha de três anos. Teve uma complicação médica. Não te vou aborrecer com pormenores, mas não vai voltar a correr.

A corrida nada significava para ela, mas Sia absteve-se de o comentar.

– A questão é que vai ser guardado para ser reprodutor – continuou Max.

– A sua linhagem, adaptação e rendimento, torná-lo-iam uma compra extremamente atraente para quem tivesse os garanhões em vista. E, baseado

naquilo que sei acerca das linhagens da RusFarm, devem estar interessados. O mais normal seria eu oferecer este tipo de puros-sangues num leilão ou enviá-lo para a criação no Kentucky, mas há vendas privadas a toda a hora. O Vadim vai gostar. Principalmente porque a linhagem russa complica-lhe os negócios no Kentucky ou no Reino Unido.

Comeram num penoso silêncio, quebrado apenas pelo som dos talheres. Sia sentia-se cada vez mais agitada por estarem a sacrificar oportunidades de preparar a sua história. O plano da operação requeria que partilhassem e decorassem alguns factos básicos e histórias com graça acerca um do outro, antes de os russos chegarem. Não teria de ser muita coisa, apenas o suficiente para demonstrar a intimidade de uma relação de semanas.

– É este o esquema – disse ela. – Os cavalos são o negócio da tua família desde os anos 1960? – Usava agora a sua voz de advogada.

– O meu avô começou o negócio dos cavalos em 1963 – disse ele. – Antes, a empresa tratava principalmente de gado.

Sia permitiu-se pensar friamente em como se ia sentir se fosse uma pessoa diferente. O vinho, as lanternas, o brilho das estrelas, o luar sobre os telhados e o adobe e o ocasional relincho de um cavalo. Observou-o. Bonito, com olhos castanhos-escuros e o cabelo negro semelhante ao seu. Calças de cáqui de bom corte, belas botas, de avestruz, certo? Os dois botões da camisa abertos revelavam o contorno de um tronco trabalhado. Trabalharia mesmo na fazenda? Não acreditava que fosse possível – as provas? O jato, a casa, o pessoal – mas parecia-lhe forte e vital, como um homem que se cuidava e trabalhava ao ar livre usando as mãos. Tinha os cantos da boca levemente levantados, mesmo quando cerrava os lábios, fazendo-o parecer perpetuamente à beira do riso. Gostava de saber porque não havia uma namorada.

Fizeram uma lista num guardanapo de todos os tópicos que são mencionados num primeiro encontro, verificando-os como se se tratasse de uma lista de tarefas empresarial. Sia insistira nos métodos de espionagem apropriados, de modo que, mais tarde, rasgou o papel em tiras, meteu-os na sanita e puxou o autoclismo.

Começou pela família dela. A mãe era sul-africana, esse lado da família possuía e geria uma quinta vinícola nos arredores da Cidade do Cabo. O pai era inglês. Tinham-se conhecido durante uns semestres de estudo no estrangeiro em Austin, casaram e estabeleceram-se no Texas, na região do Big Bend. Sia nascera durante uma estada na Cidade do Cabo, e por isso tinha a nacionalidade sul-africana, uma vantagem que anos mais tarde a tornaram interessante para o programa dos NOCs da CIA. A sua cidadania americana e os documentos relativos ao Texas tinham sido eliminados durante o processo de ligação a Langley. Os verões infernais do Texas foram trocados pelos invernos na quinta vinícola da Cidade do Cabo, explicou sem entusiasmo. Tinha pensado ficar por ali, mas deu por si a apresentar-se como voluntária.

– A minha mãe queria que eu e a Daisy aprendêssemos africânder.

– Daisy[1]? – Max ergueu os olhos do prato com um sorriso.

Sia sentiu-se corar e, irritada, queria dizer-lhe que aquilo não era da conta dele. Mas considerou que, naquele contexto, até era. Afinal, acabou por explicar.

– Esses horríveis nomes de flores foram ideia do meu pai – disse com uma careta. – Não percebo porque é que a minha mãe concordou. De qualquer forma, durante essas viagens só falávamos africânder. Daí o sotaque. Quando chegou a altura da universidade, o meu avô, que estudou em Cambridge, disse que pagava para eu ir para lá. Fui e estudei Direito, porque não tinha outra ideia melhor.

Retomando o assunto, passou confiante pela sua relação com Harry, a Lyric e a mudança para Londres e o trabalho na Hynes Dawson. À parte essa má decisão, debitou tudo aquilo como se fossem informações formais.

Quando terminou, Max perguntou-lhe se queria mais vinho. Abanou a cabeça e voltou a cadeira para olhar para a varanda e para as pastagens. Apontou com o queixo para a lista que ambos tinham feito.

– É a tua vez.

A família Castillo começara a trabalhar para a CIA décadas antes de Max ter nascido. Como tantos estrangeiros que decidem trabalhar para a Agência, Arturo, avô de Max, estudou na América: quatro anos na UCLA no final dos anos 1950. Foi nos Estados Unidos que Arturo viu a primeira corrida de puros-sangues em Santa Anita e se apaixonou pelo negócio dos cavalos. Foi também nos Estados Unidos que encontrou um homem chamado Hoyt, um caçador de talentos para a CIA. A princípio, Arturo não fazia ideia de quem era o verdadeiro patrão de Hoyt. Nos primeiros anos da década de 1960 começara a Guerra Suja do México. Grupos de guerrilha, muitos de inspiração marxista, recrutavam camponeses e trabalhadores das quintas. Nas montanhas próximas a San Cristobal apareceram grupos armados. Assaltavam o rancho. Roubavam vacas. Queimavam os celeiros. Em 1963 mataram a tiro dois trabalhadores do rancho que reparavam uma sebe partida. O regime mexicano foi-se abaixo. Seguiram-se ciclos de violência e repressão. E a empresa de gado começou a ter dificuldades. Ameaçado pelos bandidos e pela falência, Arturo recebeu o que podia acontecer a San Cristobal e Hoyt tentou convencê-lo: Trabalha para a CIA, ajuda-nos a vigiar as incursões feitas pelos comunistas em Coahuila em troca de armas e dinheiro. Arturo aproveitou o negócio, pensando que duraria poucos anos.

Mas, pelos vistos, a família Castillo e a CIA eram parceiros genuínos

E, por fim, tudo se ligaria à própria terra.

Os mais de 9300 hectares da atual San Cristobal tinham feito parte de uma *hacienda* mexicana ainda mais vasta: uma propriedade enorme doada à família Castillo por Carlos III de Espanha em 1781. Em meados do século seguinte seria uma das mais vastas propriedades privadas do Novo Mundo e

ia, de norte a sul, por mais de 150 milhas através de montanhas, pradarias e o deserto de Chihuahua. A falta de riqueza em minério tornava a terra aproveitável para poucas atividades lucrativas, exceto criar gado e cavalos. E o clima árido significava que as extensões de terreno tinham de ser imensas para manter os animais. Tal como o seu vizinho a norte, no Big Bend, disse Max. De qualquer forma, a *hacienda* encolheu com as restrições das leis da colonização a seguir à independência de Espanha e, mais uma vez, com uma apropriação em 1866. Era um pequeno milagre, explicou Max, que o rancho tivesse agora as seis léguas quadradas permitidas pelo governo da independência e que San Cristobal tivesse sobrevivido às reformas agrárias de 1917. No tempo do seu avô, San Cristobal era uma empresa de criação de gado. Não havia puros-sangues, não havia corridas.

Sia interrompeu-o com um sorriso desagradável.

– Normalmente falas disto tudo num primeiro encontro?

– Geralmente não. As mulheres costumam ser de Monterrey. A terra é a família e a família é a terra – respondeu. – E a maior parte das mulheres que tive a felicidade de conhecer, bom, também conheciam a terra – encolheu os ombros, despreocupado, e cortou um grande bocado de carne. – Mas se preferires...

– Não, não, continua. Fazes bem. Um passado profundo – lançou-lhe um sorriso irónico.

Quando as pessoas perdiam o interesse pelo rancho, Max perdia geralmente o interesse por elas. Também desprezou o sorriso trocista. Serviu-se de outro copo de vinho.

Mas na década de 1980, continuou, depois de um gole generoso, o mundo elitista da criação de puros-sangues e das corridas tinha-se transformado num clube luxuoso e cosmopolita para a classe milionária global. A CIA estava interessada em muitos donos. O pai de Max, Angel, estava agora envolvido nas ligações da CIA. Hoyt fizera-lhe a pergunta a ele e a Arturo: Aceitariam o capital inicial da CIA para começar uma coudelaria? Se falhasse – como acontece com quase todas as coudelarias de puros-sangues – tudo bem. Mas, se crescesse, podiam construir um Rolodex global que Langley podia consultar. Aquilo passara-se em 1982, dois anos antes do nascimento de Max.

No fim, foram bem-sucedidos por duas razões: dinheiro e sorte. A CIA entrou com o capital inicial e os Castillos adquiriram as melhores linhagens nos grandes leilões dos Estados Unidos. Construíram um estábulo de linhagens de alta qualidade. Com o tempo ganharam corridas. Depois venderam os direitos da criação dos seus ganhões. O círculo virtuoso girou. E, entretanto, Arturo e Angel trabalhavam para a CIA.

– Trabalhavas a terra com as tuas mãos ou contratavas gente, quando vivias no Texas? – perguntou Max, observando como a mão dela apertava com força o copo de vinho.

– Claro que tínhamos trabalhadores, mas fiz todo o tipo de trabalhos –

respondeu Sia. – Arranjei tanques de água, aramei cercas... as nossas eram apenas de arame farpado preso em estacas de cedro nodoso, não isto. Cacei coiotes, cobras e porcos, limpei estábulos. – É verdade que tinha as mãos com veias salientes e o seu aperto de mão era forte, mas era uma advogada inglesa com sotaque africânder e ele ficou a pensar se aquilo não seria uma agradável aldrabice.

– Fiz o mesmo – declarou. – Fui criado na terra. Acordava antes do sol nascer para ir trabalhar para as pastagens e para os estábulos. Dei de comer aos cavalos e tratei deles. Arranjei quilómetros de vedações partidas e também as pinteí. Gelei nas pastagens à meia-noite, à espera que as éguas dessem à luz. As minhas primeiras recordações são de correr pelos estábulos para ver os cavalos no hipódromo. A minha mãe ensinou-me a montar. Neste negócio, há donos que se mantêm longe dos animais. A família Castillo não faz isso. Somos cavaleiros e rancheiros.

Ela olhou para a piscina brilhante e repetiu o seu sorriso irónico.

– Cavaleiros e rancheiros, é isso?

– Sou um homem simples, Hortensia.

Ela ergueu a mão.

– Não. Me. Chames. Isso.

Ele fingiu render-se.

– Claro, claro. Desculpa.

Reparou que ela olhava com uma expressão zangada para a varanda, para a piscina, para a casa.

– O casamento deste lugar com a CIA não é aquilo a que eu chamo simples – declarou.

– Eu sim. Nada disto existiria sem a CIA. A *hacienda* teria sido dividida, a terra vendida. Esta casa, construída em grande parte entre 1783 e 1787, seria um hotel para *gringos* ricos e para *chilangos* que viriam passar o fim de semana no campo. Este local é uma *joint venture*. O negócio são os cavalos. E quando a CIA pede ajuda, tento fazer-lhes a vontade. Simples, conforme eu disse.

– O nosso rancho quase matou o meu pai – confessou ela. – Ele dizia que lhe parecia uma prisão.

Max pensou que aquilo já não parecia aldrabice.

– Isso é porque a terra está viva. San Cristobal até podia respirar. Todas as coisas vivas têm as suas exigências, não é verdade? Quando eu era novo parecia-me que me podia engolir. Queria estudar na UCLA, como o meu avô. Talvez ir para Nova Iorque depois de terminar o secundário. Nunca aconteceu.

– Quando te falaram da CIA? – perguntou Sia. – Sei que isto não tem nada a ver com o nosso pequeno encontro. Mas tenho curiosidade. Parece uma conversa complicada.

Ele bebeu mais vinho.

– Queres saber a história?

– Claro.

Na noite no seu décimo sexto aniversário, Max disse ao pai e à mãe que queria ir para Los Angeles. Para sua grande surpresa, não houve discussões nem resistência. O pai de dentes cerrados, mas sem pronunciar palavra. Na manhã seguinte o pai de Max acordou-o cedo. Antes do nascer do sol já cavalgavam em silêncio pela pastagem ocidental. Pararam junto a um ribeiro para dar de beber aos cavalos. Max não perguntara porque estavam ali. Era melhor ter a boca calada junto do velho.

– Dentro de poucos dias vamos fazer uma viagem, Maximiliano – disse o pai. – A Washington. Tu, eu e o teu avô.

– Porquê?

– Para aprenderes.

Quando o pai estacionou o carro no GW Parkway, Max gritou-lhe que desse meia-volta. As placas diziam que aquilo era a CIA. Enganou-se, papá! Temos coisas que fazer aqui, dissera o pai. Max olhou para o avô no lugar do passageiro. O velho pousou a mão na dele e assentiu.

Seria a primeira e única entrada de Max na sede da CIA em Langley. Havia uma cerimónia de prémios à porta fechada com o Diretor. Hoyt, o caçador de talentos, que usava o crachá verde daquilo que Max soube mais tarde ser um contratador, apertou-lhe a mão. Entregou ao avô de Max um exemplar emoldurado da mensagem de louvor que delineara para Arturo em setembro de 1963. Em 1978, o avô fora codificado JY/COWBOY, o pai, JY/MUSTANG. O Diretor presenteou-os com uma placa que não podia deixar Langley. Da sala de eventos, sem janelas, foram levados para a sala de jantar da Agência, que fora esvaziada para a comemoração. Durante quase todo o dia, Max sentiu-se como se estivesse a assistir a um filme. Aqueles homens eram o pai e o avô de outra pessoa. Aquilo era um filme. Quando conseguiu concentrar-se durante a cerimónia, sentiu-se quase sempre orgulhoso.

Mas a caminho do almoço, deslizando suavemente pelo mármore de Langley com os seus sapatos elegantes demasiado grandes, as mentiras desenvolveram-se-lhe nas entranhas e o orgulho transformou-se em raiva. Tinham-no traído.

Hoyt sentou-se ao lado dele na sala de jantar, que mais tarde Max descobriu ser um cenário. Max e o pai não se davam bem. Hoyt era o homem perfeito para entregar uma mensagem de duas gerações de homens Castillo e a CIA. A princípio a raiva permitiu que ignorasse o homem. Max comeu um pouco de salada e um bife demasiado passado e olhou quase sempre pela janela para as copas das árvores.

– Estás chateado com o teu velho? – perguntou-lhe Hoyt por fim, num espanhol perfeito. – Eu também estaria. Deves estar. Tomaram decisões há muito. Tu és aquele que terá de viver com as consequências.

Max mastigou o bife e nada disse.

– Parece-me – disse Hoyt –, que tens basicamente duas opções. Fugir ou adaptares-te.

– Já lhes disse – declarou Max. – Vou para a UCLA como o meu avô. Depois para Nova Iorque. Não vou morrer no rancho.

– Também não vais lá viver, pois não? – continuou Hoyt. – Parece-me que a opção será a de fugir.

– Não vou fugir.

– Então como chamas a isso?

– Partir.

– Bom, suponho que tenhas razão – disse Hoyt. – Tecnicamente. Mas ambos sabemos a diferença entre partir porque és atraído para uma coisa de que gostas, e partir porque detestas o sítio onde estás.

– Então será essa. Detesto onde estou.

Hoyt meteu na boca uma garfada de batatas fritas e um bocado de bife. Com uma careta empurrou um bocado de cartilagem viscosa para a beira do prato.

– Por vezes a comida aqui não é muito boa – declarou. Bebeu um copo de água com gás. – Max, conheço o teu avô desde 1959. Vi o teu pai pela primeira vez quando ele tinha três dias, e a ti quando estavas há mais ou menos oito dias neste mundo. Percorri quase todos os hectares de San Cristobal, conheci a fazenda quando era apenas uma empresa de criação de gado. Montei os cavalos, aguntei os cozinhados da tua mãe. Não que os nossos sejam muito melhores – apontou com o queixo para o bife.

Max sorriu com esse gesto.

– Deixa que um velho te diga uma coisa que não devia – prosseguiu Hoyt. – Uma coisa que eles – apontou com o cotovelo para o diretor no extremo da mesa – ocultaram acerca dos elegantes comentários que eu fiz há pouco tempo acerca de dois velhos. Algo para te dar uma ideia da diferença que San Cristobal e a família Castillo fizeram no decorrer da história: dez mil pessoas. Pelo menos. Talvez mais.

– Como?

– Creio que hoje estão vivas pelo menos dez mil pessoas que, de contrário, teriam morrido se a tua família não trabalhasse para a CIA.

O primeiro instinto de Max foi dizer que aquilo não passava de uma treta, mas, apesar de tudo, começava a gostar de Hoyt, e queria ouvi-lo.

– Desde os anos 1980 que existem grupos terroristas muito desagradáveis no Médio Oriente, que gostam de incitar ao caos. Atentados à bomba, sequestros, raptos. Palestínianos, um grupo de loucos chamados Al Qaeda. Então, os tipos que fazem os atentados à bomba e os assassinatos não estão envolvidos no negócio dos cavalos. Mas muitos ricos que passam os cheques estão. Financeiros da Arábia Saudita, dos Emirados, do Egipto. San Cristobal vende e negocia em cavalos com tipos desses países, não é verdade? O teu pai disse-me que já te tinha metido no negócio. Estes países significam alguma coisa para ti?

Max anuiu.

– Pois bem, pensas que é fácil os agentes da CIA terem acesso às redes

financeiras clandestinas dessas terras? Saberem por onde passa o dinheiro e esse tipo de coisas? De facto, é difícil como um raio. Precisamos de entrar de uma maneira diferente. De uma maneira criativa.

Max usava no casaco um emblema com o brasão de San Cristobal. O avô dera-lho no vestíbulo da CIA. Hoyt carregou nele ao de leve.

– Olha, isto é criativo – disse. – Imagina que um saudita está interessado em visitar uma excelente coudelaria fora do Kentucky. Pode ser convidado a ir a San Cristobal. Ou podes ser tu a visitá-lo e a passar algum tempo em sua casa. Podes saber coisas da sua família, dos seus amigos, das suas crenças. Ele deixa o telemóvel no quarto em San Cristobal e nós temos maneiras de entrar lá dentro. Estás a perceber onde quero chegar?

Max assentiu. Hoyt carregou de novo no emblema.

– Está a parecer-me, Max, que voltamos à nossa escolha original: fugir ou ficar. Foges, creio eu, para fazeres algo por ti. Ficas para fazer parte de algo maior do que tu.

Depois do almoço encontraram-se com alguns agentes que tinham usado as informações secretas que o pai e o avô tinham fornecido. Depois, Max caminhou pelo átrio ao lado de Hoyt.

– O meu pai e o meu avô espiaram o México? – perguntou.

Hoyt abanou a cabeça.

– Quando a relação da CIA com San Cristobal começou, sim, falámos com o teu avô acerca dos grupos que tinham como alvo o rancho e o governo. Mas, desde o princípio dos anos 70, ou seja, há quase trinta anos, fizemos um acordo em que não pedimos ao teu pai e ao teu avô para nos darem informações sobre o México.

– O que aconteceria se o governo mexicano descobrisse?

– Não lhes agradaria.

– Porque somos traidores.

Hoyt pousou-lhe a mão no ombro. Max viu que o pai olhava para eles. Quando os olhos de ambos se encontraram, o pai desviou os seus.

– Dez mil vidas – disse Hoyt. – Lembra-te disso. Mas, olha, dou-te uma ideia. Não precisas de acreditar em mim. Experimenta durante um tempo e vê se o que eu estou a dizer faz sentido. O teu pai e o teu avô trouxeram-te aqui hoje porque te querem com eles. Queriam que visses o legado de San Cristobal e que tivesses as informações necessárias para que a decisão fizesse sentido aqui – Hoyt levou um dedo à testa. – E aqui – e apontou para o coração.

– Devo tentar ser agente da CIA? E se não gostar, despeço-me?

– Bem, sim, basicamente. Qual é o mal? Mas as palavras são importantes, Max. É verdade que, quando eu comecei a trabalhar com o teu avô, ele era agente da CIA. Ou um elemento valioso. É igual. Fazia coisas para nós. Mas não pertencia exatamente à CIA. Não era empregado da CIA. Faz sentido?

– Sim.

– Sugiro algo diferente no teu caso. Quero trazer-te, por assim dizer, para a família. Temos décadas de história com os Castillo. Conhecemos a tua família melhor do que conhecemos a maioria dos nossos agentes. A CIA tem um grupo de pessoas, como a tua família, que trabalha para nós. Podemos ensinar-te tudo o que os nossos agentes sabem. Aprendes tudo o que há para saber.

– E o que acontece se eu disser que não?

– Nada. Separamo-nos como amigos. Tu vais para a UCLA e para Nova Iorque. Arranjas uma nova vida para ti.

– E se disser que sim?

– Então começamos.

Max terminou e Sia acabou o vinho.

– Se a Procter não se tivesse responsabilizado por ti – disse –, ia concluir que essa história é uma treta.

– Por vezes, quem me dera que fosse.

Max levantou-se e, com a mão estendida, fez um gesto para que ela o seguisse, em volta da piscina até ao quarto. Nessa noite não havia aberturas da parte dela. Não baixava a guarda. Estava a trabalhar, concentrada, tensa.

– A Procter disse que ainda montas – disse ele, enquanto caminhavam. Pela sua experiência, as mulheres que gostavam de cavalos gostavam de San Cristobal, e geralmente gostavam de montar com ele. E ele só amara mulheres que se davam bem com cavalos.

– Sim, mas já passou bastante tempo.

– Se quiseses, amanhã podemos-nos levantar cedo para dar um passeio antes da tua partida. Seria bom veres mais da coudelaria. Antes de ligares à Anna.

– Claro.

Ele deu-lhe as boas-noites à porta do quarto e já avançara uns passos no corredor quando ouviu:

– Oh, Max, quase me esqueci. – Sia tinha uma lista na mão quando ele se voltou – Como começámos a namorar – murmurou –, calculo que não tenhas namorada. Sou solteira. Só tenho de ter a certeza de que estás disponível.

– Nada de namoradas – replicou. – E Sia, valha-me Deus, não teria concordado se tivesse.

E ouviu Alejandra explicar que ia acabar com tudo e que dessa vez era diferente, tinha de ser um rompimento limpo e verdadeiro, de uma vez por todas, naquele longo amor, complicado e sórdido. Que, depois do casamento, nunca mais ali voltaria.

– Alguma coisa que tivéssemos contado um ao outro nos nossos primeiros encontros? – perguntou Sia. – Aquelas confissões dolorosas. Casamentos passados?

- Não.
- Filhos? – simulou um tom grave.
- Não.
- Noivados rompidos?

E depois ouviu os pés de Alejandra pisarem a tijoleira, encurtando a distância entre a cama e a casa de banho. A sua pele macia cintilava ao luar. Fechou a porta e vestiu-se e quando ela voltou já não lhe pertencia.

– Infelizmente não – respondeu ele. E, dando-lhe as boas-noites, deu meia-volta e foi-se embora.

Ao nascer do sol encontravam-se numa das cavalições. Sia sentiu-se grata por Max lhe ter trazido café e bebeu-o lentamente enquanto observava os moços de estrebaria aparelharem duas éguas.

– A tua é a *Rosa*. Eu monto a *Penelope* – disse Max, apontando para a outra.

Sia pousou a mão no focinho de *Rosa* e falou ao animal com palavras suaves. Sentia que Max observava a forma como o animal reagia. Os animais eram inteligentes, nobres, sentiam o medo ou o desconforto nos seus equivalentes humanos. Mas, pelo brilho do olhar do animal, Sia sabia que *Rosa* não sentiria nada disso e, como tal, sentou-se comodamente na sela.

Cavalgaram entre as sebes das pastagens, até chegarem a uma extensão plana e coberta de erva, dividida em vários caminhos. A energia de *Rosa* tornava-se palpável: queria correr. Sia pôs a égua a trote ao lado de Max. Este montava com confiança, à vontade, seguro. Não como muitos donos de cavalos que tinham medo dos animais. Tinha por isso sido honesto aquando do seu monólogo na noite anterior.

O orvalho brilhava sobre a erva e tudo cheirava a terra molhada, mas limpa. A vida de Sia era uma roda-viva entre o escritório, jantares com os clientes, aviões e o seu apartamento, e apercebeu-se de que ultimamente se esquecera da falta que lhe fazia o campo, onde o céu não tinha teto e a terra se desenrolava em todas as direções. Fazia-a sentir-se temerária, livre ou vulnerável ou tudo ao mesmo tempo. Um céu tão aberto invocava nela muitas emoções.

Era interessante que, ao contrário do discurso da noite anterior, ele abstinha-se de contar coisas. Parecia querer deixar a terra falar por si.

Por duas ou três vezes, Sia sentiu que os olhos dele a observavam. E, embora estivesse habituada aos olhares de admiração da parte dos homens, aquele era diferente. Não parecia tanto admirá-la, mas antes observar como o corpo dela se fundia com o cavalo. O olhar dele concentrava-se agora no modo como as pernas de Sia apertavam os quartos do cavalo e se apoiavam nos estribos. As pernas que eram instrumentos de equitação. Como seria o seu estilo? Sentia-se um pouco constrangida, afinal já não montava há algum tempo, mas aquilo dissolveu-se rapidamente em frustração. Porque desejava

que ele aprovasse a sua maneira de montar? Quando chegaram a um estreitamento do trilho que subia para as montanhas, ele pareceu entender a sua agitação.

– Ou não te sentes satisfeita com o passeio – sugeriu ele –, ou com o plano da Procter. – E parece-me que o passeio foi esplêndido.

– Trata-se de uma pergunta?

– Não.

Tocou a égua para avançar e subir o trilho. Ali o caminho era mais largo, um espaço amplo entre pedregulhos, e ele colocou-se ao lado dela para a subida.

– Entendo a tua posição – disse Max. – Receias que eu tenha roubado ou esteja a roubar, a tua presa. Mas garanto-te, Sia, não me apetece. Não me interessa essa refeição, só a caçada. E não me importo de caçar contigo. Talvez até nos possamos divertir.

– Não te apetece – repetiu ela apertando as rédeas. – Até parece que é verdade. Recebes um bónus e uma palmadinha nas costas da CIA se conseguirmos o acesso ao computador do Vadim ou recrutá-lo, mas eu vivo num mundo diferente. Preciso de ser promovida. Tenho uma conta não oficial em Langley. E tenho de preencher os relatórios das despesas. Tenho de devolver às Finanças dos Estados Unidos a diferença entre o vencimento pago pela minha firma de advogados e o meu salário do GS-13. Entretanto, vivo no centro de Londres. Não tens de te preocupar com nada disto. Não precisas disto. Podias ter dito à Procter *no gracias* e ela não podia fazer merda nenhuma. Não posso dar-me ao luxo de dizer que não. E apetece-me, porque como o que mato. O que não percebo é o que tu...

Ouviu-se um restolhar e um chocalhar vindos das pedras do outro lado do trilho e a égua de Sia assustou-se e tomou o freio nos dentes. Sia viu a sombra turva de Max fazer o mesmo e arrancar trilho acima a toda a velocidade. Deixou de ter ligação com o cavalo, e viu-se sobre um animal aterrorizado, antes de pôr em prática o que aprendera por experiência própria, e puxar bruscamente a rédea direita para obrigar a égua a executar um círculo mais lentamente e conseguir recuperar o controlo. Depois puxou com mais força, com palavrões em africânder a sair-lhe dos lábios apertados enquanto se debatia para que a rédea quase lhe chegasse ao joelho. As voltas da égua eram lentas e apertadas e, felizmente, não desatara aos coices. O animal relinchou, as suas narinas lançaram uma respiração quente, mas Sia encostou a boca às orelhas do animal, incentivou-a e acariciou-lhe a cabeça. Quando por fim ergueu os olhos, Max estava ainda na sela, a controlar a situação, e a olhar para Sia com ar de aprovação, como se esta tivesse passado um teste surpresa.

– Caraças – disse ela, pondo a égua a trote para ir ter com ele.

– *Pinche vivoras* – disse ele cuspiendo enojado. Putas das cobras.

[1] Daisy é, além de nome próprio, o nome de uma flor, equivalente a Margarida em

Moscovo

Chernov levantou-se da secretária para arrumar os dossiês no cofre. Desde madrugada que os estivera a ler: dossiês amarelecidos, selados com lacre vermelho desde os dias de Brejnev, blocos de notas encadernados dos anos de Yeltsin, documentos datilografados no tempo de Putin. Estudara os dossiês de Agapov com grande atenção aos pormenores. Memorizara nomes, frases, anos. Lera relatórios arquivados pelos professores de Agapov na Escola Secundária n.º 211 de Leninegrado. Reviu todo um conjunto de testes, exames psicológicos e avaliações do partido feitos pela Escola Superior da KGB de Moscovo. Leu todos os relatórios arquivados por Agapov enquanto *rezident* em Londres. Reviu fotografias da família de Agapov. A filha, Anna. A falecida mulher, Galina. O genro, Vadim. Nada de netos. Estranho.

O gabinete de Chernov tinha uma janela que dava para a Praça de Lubyanka. No centro, erguia-se a estátua de Felix Dzerzhinsky, regressada do parque arborizado para onde tinha sido levada depois do colapso soviético. O sangue derramado na Ucrânia trouxera de volta algumas memórias dos velhos tempos e, felizmente, Iron Felix era uma delas. O revolucionário profissional e fundador da Cheka estava coberto de neve e rodeado por um grupo tagarela de crianças que puxavam trenós, seguidas pelos pais. Mas Chernov não lhes prestava atenção; girou o disco do cofre para o fechar e pegou no casaco enquanto preparava as ideias para a batalha com Agapov, que, nessa tarde, teria lugar atrás das muralhas do Kremlin.

Há dois sistemas de metro em Moscovo. Um, oficial e frenético, exhibe estações cavernosas cheias de arcadas, frisos patrióticos, vitrais, estátuas e mármore, cada uma delas um testamento ricamente iluminado à União Soviética, um palácio do povo cheio de ar quente e oleoso. Outro, o D6, não oficial e calmo, exhibe meramente sigilo e o privilégio de acesso. Sete andares por baixo de Moscovo, por vezes paralelas às linhas oficiais, outras

percorrendo os túneis escavados no tempo de Ivan, o *Terrível*, as cinco linhas do D6 ligam as instalações mais sensíveis de Moscovo: aeródromos, *bunkers* de VIP, uma cidade subterrânea, o quartel-general dos serviços militares e de segurança da Rússia. Não tendo sido usadas durante décadas, a guerra soprou uma nova vida no mundo subterrâneo do D6. Agora as suas linhas funcionam. Uma delas percorre a curta distância entre a sede do FSB e o Kremlin.

As portas do elevador abriram-se na espaçosa estação D6 por baixo da Lubyanka. Os sapatos negros de Chernov rangeram ao pisar um mosaico mostrando seis determinados homens de uniforme, cada um celebrando a gloriosa evolução dos serviços de segurança da Rússia: a Cheka leninista, a NKVD estalinista, a OGPU estalinista, a MGB estalinista, a KGB de Brejnev, o FSB de Putin. Tiveram de omitir algumas repetições, pois simplesmente o chão não tinha dimensões suficientes. Chernov sentou-se num dos assentos de couro vermelho do silencioso comboio.

Em menos de cinco minutos estava na estação exatamente a nordeste do Kremlin, perto de Staraya Ploshchad. Chernov subiu os degraus e as escadas rolantes. Escapou aos detetores de metais, mas deixou o telemóvel num cubículo fechado à chave. Mostrou credenciais a três guardas diferentes, todas mulheres robustas e pouco sorridentes entre os 40 e os 50 e alguns anos – os alicerces das burocracias da Rússia – que as verificaram respeitosamente nas suas listas. No terceiro andar entrou numa zona de gabinetes na qual estava incluída a Administração Presidencial. Como uma corte imperial, o poder russo espalha-se externamente, em círculos, e o gabinete de Putin ficava no centro. Embora, no crepúsculo do seu reinado, muitas vezes estivesse ausente, preferindo a sua propriedade em Idokopas no Mar Negro. Porém, o Ganso raras vezes se ausenta. O Ganso é eterno.

O Ganso chamou Chernov ao seu gabinete: um aposento abobadado com paredes pesadamente apaineladas e teto coberto com um elaborado trabalho floral de gesso. No meio do gabinete encontrava-se uma comprida mesa lacada, rodeada por cadeiras estofadas com tecido dourado. Duas bandeiras russas flanqueavam a enorme secretária que formava o poiso oficial do Conselho de Segurança do Secretário da Rússia. Um assessor, que regava os fetos enquanto o Ganso trabalhava, pediu licença e retirou-se. Chernov ocupou um lugar à mesa e aguardou. O Ganso tirou os óculos de ver ao perto e enrolou um relatório. Tinha o rosto enrugado, os dedos ossudos, e enrolava e desenrolava os documentos, perdido nos seus pensamentos.

O assessor reapareceu com um tabuleiro de chávenas de chá e um prato de *pryaniki*. Colocou o tabuleiro sobre a secretária do Ganso e desapareceu. O Ganso pegou em vários bolinhos de especiarias, cobertos de mel, batendo com o pé no tapete azul de pelúcia enquanto comia. Lambeu o dedo, depois passou-o pelo prato para apanhar as migalhas. Meteu outro *pryaniki* na boca.

- Diga-me o que pensa que fará o Agapov – pediu por fim.
- Vai recusar – respondeu Chernov.
- Claro. E depois?

– Depois, paga.
– Sim. E depois?
– Depende de como pagar.
– Nada de sangue.
– Então creio que temos de tratar com a filha. Confia nela. Entregar-lhe-á todos os seus assuntos se for afastado.
– Ainda bem – disse o Ganso. – Maldito idiota. – Frustrado, bebeu três goles de água, depois apontou com o queixo para a porta e perguntou: – Há quanto tempo está ele à espera?

Chernov olhou para a parede atrás da secretária do Ganso – um relógio para cada um dos 11 fusos horários da Rússia, mais os de Washington, Londres, Berlim, Damasco e Pequim.

– Três horas – disse Chernov.

O Ganso voltou para os seus documentos.

– Vamos dar-lhe mais uma.

Chernov fez telefonemas e fumou no gabinete ao lado. Quando a hora de Agapov terminou, regressou para encontrar o Ganso ainda a examinar os seus papéis. Chernov colocou a única cadeira diante da secretária, a que tinha pernas fortes que usavam para as visitas.

Agarrando com força no telefone seguro de cor castanha, o Ganso berrou a um assessor que mandasse entrar Agapov.

Chernov sentou-se à mesa comprida. O Ganso manteve-se à secretária. Agapov abriu a porta com violência e empurrou o assessor espantado, que imediatamente desapareceu do aposento. Agapov aproximou-se da secretária, olhou para a cadeira e manteve-se de pé. O homem estava tenso: punhos fechados, maxilar erguido, uma veia azulada erguendo-se no seu pescoço manchado.

– Deixaste-me à espera quatro horas, Ganso? És um cretino. Podemos odiar, mas sabemos ser decentes nestas coisas. Estamos todos ocupados.

O Ganso levou os dedos à boca e olhou para lá de Agapov, para as plantas no extremo oposto do gabinete.

– Porque queres falar com o Presidente, Andrei?

– Isso é comigo.

– Ai é? – perguntou o Ganso com genuína incredulidade. – Credo, porque não te sentas? Queres chá?

Agapov bateu nas costas de madeira da cadeira baixa. Sorriu para o Ganso. O Ganso respondeu a Agapov com um sorriso irónico. Chernov sorriu para si mesmo.

– Bom, vou beber uma chávena – disse o Ganso.

Agapov manteve-se de pé enquanto o Ganso pedia o chá e, também, à espera de que o assessor chegasse com o chá. Manteve-se de pé enquanto o Ganso se serviu do chá e enquanto o Ganso mexeu o açúcar. Manteve-se de

pé enquanto o Ganso pousou a colher e limpou as mãos. Manteve-se de pé enquanto o Ganso provou o chá em pequenos goles.

Agapov estava ainda de pé quando se voltou para Chernov.

– És Konstantin Konstantinovich Chernov, não é verdade? O que roubou o meu banco. És tu?

– Sou – disse Chernov. – E conforme disse ao teu homem no banco, não foi um roubo. Todos pertencemos à Rússia, Andrei Borisovich. O ouro é da Rússia. E a Rússia fará o que tem a fazer.

Agapov riu com tristeza. Abanou a cabeça e Chernov fez o mesmo. Alisou a gravata. Esperou que o patrão interviesse. Sentia pena e não raiva. Agapov estava cego. Em breve seria cortado do corpo da Rússia. E não havia destino pior do que ser arrancado do abraço da Rússia.

– Porque queres falar com o nosso Presidente, Andrei? – repetiu o Ganso.

– Vamos ao que interessa – disse Agapov. – Passei quatro horas de merda a aboborar na tua sala de espera. Tenho mais que fazer, por isso diz-me: o que queres? Quais são os termos da tua próxima extorsão?

O Ganso bateu com o punho na mesa. A chávena estremeceu, o chá entornou-se e molhou os documentos. Os cantos da boca de Agapov subiram como se ele fosse capaz de rir.

– Extorsão? – perguntou o Ganso, agitando um dedo. – Não. Não, não. Estamos a pedir a todos os russos patriotas que contribuam para os fundos de guerra. E o que me irrita, meu velho amigo, é o facto de seres como isto funciona. Sabes muito bem. Por amor de Deus, tu e eu fizemos a nossa parte para acabar com os antigos oligarcas há 20 anos. E agora tu, tu, Andrei Borisovich, ages como se fosses um deles. Ocultas do Estado a tua riqueza e recursos. É uma maldita chamada de capital, Andrei, e tu não respondes.

– Mas quem está a chamar, Ganso? Não é o Estado. És tu! Disseste que precisavas do meu estaleiro. Vendi-to por 10 por cento do seu valor real...

– Mentira! – gritou o Ganso. – Toda aquela sucata não valia metade do que te paguei.

– Queres dizer, o que o teu filho pagou, não é verdade? E não estás bom da cabeça, Ganso. O preço foi feito por banqueiros e consultores e deste-me só 10 por cento.

– Banqueiros – escarneceu o Ganso. – Achas que devo confiar num grupo de banqueiros europeus para que me digam o preço certo?

Agapov soltou a cadeira e encostou os punhos à cintura, como se receasse partir alguma coisa.

– Ficaste com o meu estaleiro. E mandaste este – apontou com o dedo para Chernov – para me roubar o ouro.

O Ganso pôs-se de pé e apontou para o outro lado da secretária.

– Andrei Borisovich, esse ouro foi retirado do teu banco como precaução. Está em *bunkers* na zona oriental, com o resto da nossa reserva estratégica.

Agapov riu mais uma vez.

– Ainda está na Rússia, é? Os teus banqueiros e advogados manhosos não o ocultaram numa conta anónima nas Caraíbas? Dizes-me que o dinheiro está em Rodina e que a *khozyain* aprovou a transferência?

O Ganso endireitou a chávena de chá.

– Isso, meu amigo, é exatamente o que te estou a dizer.

Olharam um para o outro, Agapov sem saber se havia de questionar a mentira.

O Ganso inclinou-se para diante, com as palmas das mãos sobre a secretária, os olhos distantes e frios.

– É assim que vai ser, Andrei Borisovich. Vais vender-nos a Rossiya Industrial a 8 por cento daquilo que os teus banqueiros disserem que vale. Vais vender as tuas ações do Banco Rossiya com o mesmo desconto. Vais vender-me os arrendamentos das tuas terras, de Moscovo, Piter, Sochi. Incluindo a coudelaria. Vais convencer o teu genro a participar na venda. Vais sentar-te algures muito quietinho como um bom menino. A oferta é essa. E é a minha última palavra.

Agapov deu um passo em direção à secretária e começou a gritar.

– O que pensa o *khozyain* disso, Ganso? Se ele está de acordo, porque afastar-me? Posso ir a Idokopas esta noite. Posso ouvi-lo da sua própria boca!

O Ganso desferiu um novo murro na secretária.

– Fui encarregado de cobrar dos nossos boiardos, Andrei Borisovich. És um boiardo! Vais pagar a tua parte! – Foi o golpe final do seu punho ossudo.

– Não posso deixar de reparar, Ganso – disse Agapov em voz baixa, – que mais nenhum dos outros está a receber um castigo tão severo. Estarei a ser punido por te ter tirado a Galina, por tê-la feito feliz para que ela não passasse o resto da vida a ser espancada na tua cozinha?

Os lábios do Ganso franziram-se num sorriso perverso. Depois riu-se. Apontou para Agapov com a colher do açúcar.

– Tu, meu velho amigo, és um idiota. – Bateu com a colher no tabuleiro de prata. – Esta conversa, por muito agradável que tenha sido, terminou. Qual é a tua resposta? E, valha-me Deus, homem, sabes o que vai acontecer se disseres que não. Por isso diz que sim e acabamos com isto.

Agapov abotoou o casaco, alisou a gravata, passou os dedos pelo cabelo branco.

– A Galina teria dito não. Eu digo não. A resposta é não, Ganso. Não.

O Ganso pousou a testa na secretária e falou para os seus sapatos.

– A Galina está morta, meu idiota teimoso. E, se não estivesse, não ia querer que cometesses um suicídio como este. Seria sensata. Ia ver de que lado está a razão.

– Da maneira como via quando tu a espancavas? – perguntou Agapov.

Olharam um para o outro, os olhos a estalar de energia e violência, até o Ganso fazer sinal para que Agapov saísse, voltando a pôr os óculos de ver ao perto para se enterrar nos seus documentos. Mas Agapov não testemunhou a

sua despedida formal. Tendo já feito alguns gestos desagradáveis na direção do Ganso e depois na de Chernov, deu meia-volta e dirigiu-se à saída, onde parou para fazer um aceno quase impercetível ao retrato de Putin antes de bater com a porta, fazendo-o inclinar-se levemente na parede.

Moscovo

Anna Andreevna Agapova: Olá Sia, como está? Acabei de ver as notas trocadas entre os assistentes e pensei em ligar-lhe diretamente. O México pode ser possível, sim, mas deixe-me confirmar essas datas com o meu marido.

Hortensia Fox: Ótimo. Bem sei que é em cima da hora, mas assim que soube da ligação do seu marido à RusFarm, pensei que a oportunidade era tão perfeita que não devia desperdiçá-la.

Anna Andreevna Agapova: Sim, claro, claro. O seu namorado, Max, é ele que gere a San Cristobal que mencionou no seu email?

Hortensia Fox: Sim, Maximiliano Castillo. Conhecemo-nos através de um amigo que me convenceu a ir ao México para o ajudar a observar cavalos.

Anna Andreevna Agapova: Pelas fotografias, a San Cristobal parece um sítio ótimo.

Hortensia Fox: Sim, é. E devo dizer que passei grande parte da minha vida em escritórios tristes e restaurantes abafados de Londres. O ar livre é um tónico. E, nesta altura, o tempo em Monterrey é um pouco melhor do que em Londres.

Anna Andreevna Agapova: Já para não falar de Moscovo ou São Petersburgo!

[As duas interlocutoras riem]

Hortensia Fox: Precisamente, precisamente!

[O riso esbate-se]

Hortensia Fox: Então que me diz? Vamos cavalgar no México? Passar lá um fim de semana?

Anna Andreevna Agapova: Os horários são sempre difíceis, mas já

verei. Ainda há coisas a resolver.

Hortensia Fox: Cruze os dedos. Falamos em breve!

[Anna Andreevna Agapova termina a chamada às 19:46 hora de Moscovo]

Anna afundou-se ainda mais na banheira do seu grandioso e desinteressante apartamento de Ostozhenka, retirando a espuma do nariz, olhando para o friso do teto. Cenas pastorais de árvores, veados, uma raposa. A mulher tinha-se antecipado com o convite para o México, que a intrigava e, ao mesmo tempo a enfurecia. Enfurecia-a porque atrasava a inevitável extorsão dentro de Rodina, intrigava-a porque a RusFarm, não os gabinetes em Piter, podia de facto ser o melhor local a partir do qual fazer a extorsão. Deixou correr mais água a esquentar na banheira que já arrefecia e reviu tudo uma e outra vez, até sentir que podia defender o seu desempenho perante o pai.

Anna retirou o sabão do corpo com um duche morno e limpou-se, perguntando a si mesma se conseguiria manter Vadim fora daquilo. Achava que não. O pai iria insistir que Vadim participasse.

Apetecia-lhe *brandy*. Serviu-se de um copo de *Laubade* e folheou distraidamente uma revista para limpar a cabeça. Era uma tristeza tratar tão mal um *brandy* tão bom, mas fê-lo, emborcando-o demasiado depressa e aguardando na beira da cama até poder saborear a sensação de leveza e alheamento. Refletira sobre se o devia fazer pessoalmente, mas estava impaciente. E ele ia mostrar-se menos espertalhão e desagradável em linha aberta. Não faria tantas perguntas.

Ligou para Vadim. Foi para o *voice mail*, onde ela raramente deixava mensagem. Mas desta vez deixou, e disse que era urgente. Por favor, liga-me de volta. E ele devolveu a chamada, dez minutos depois.

– Qual é o problema? – perguntou.

– Também tenho muito prazer em ouvir a tua voz – disse ela.

Um suspiro.

– Que se passa?

– Fomos convidados para passar o fim de semana no México.

Uma gargalhada, verdadeira.

– Estou a falar a sério – disse ela. – Em San Cristobal. A coudelaria. Parece que o dono é o namorado da advogada. Faz sentido para as coisas em que estamos a trabalhar. Querido.

– Alguém de lá tentou marcar um encontro comigo, talvez há um ano – disse ele. – Não aconteceu, mas San Cristobal tem boa reputação. Gostava de lá ir.

– Podes sair de Piter no fim de semana?

– Vou ver – respondeu ele.

Anna andou pelo quarto. Encheu um copo de água para tomar a pílula e

bateu com ele na bancada.

– Tenho a certeza de que ela não se importa que a deixes durante um fim de semana. Afinal, como se chama ela? Aquela a quem arranjaste um apartamento em Kammeny e ofereceste um buldogue francês?

– A Aliona é relações públicas no banco – esclareceu. – Trabalha para mim.

– Bom, e pode pagar um apartamento em Kamenny?

Ele continuou.

– É este fim de semana?

– Sim. Vou ter contigo a Piter e podemos sair da lá na sexta-feira de manhã.

– E que mais? – perguntou ele.

– É tudo.

Vadim desligou.

Anna tinha dois apartamentos em Moscovo. O primeiro no topo de uma cintilante caixa de vidro em Ostozhenka, para onde ia o seu correio e onde de vez em quando recebia o pai ou, Deus a ajudasse, também Vadim. O interior do monstruoso apartamento era ultramoderno; branco e linear, como um hospital psiquiátrico, pensou ela. Havia um retrato do Presidente pendurado no vestíbulo.

Anna preparou uma mochila e trocou de roupa para umas calças de ganga, uma camisola branca e ténis *Nike* gastos. Enfiou um gorro e enrolou um cachecol no pescoço. Olhou para o curso do Moskva por baixo da sua janela. Retirou do cofre o telefone que ninguém sabia que possuía. Marcou um número. Ele atendeu imediatamente – era uma das coisas que lhe agradava.

– Sentimos a tua falta ontem à noite – disse ele.

– “Sentimos”, quem? – perguntou ela.

– Senti a tua falta.

– Jean Martel às dez? – disse ela.

Ele assobiou.

– Amanhã de manhã tenho de trabalhar.

– Também eu. Não te vou reter por muito tempo.

– Espero que não seja verdade.

– Levas o tabuleiro? – perguntou ela.

– Claro. – Uma pausa. – Sinto que talvez ganhe esta noite. Só queria que soubesses. Sonhei com isso.

– Não vais. Mas é simpático teres-me avisado. – Anna desligou. Por um instante pensou em como o pai ia ficar zangado quando se apercebesse de que ela não lhe ligara para o pôr ao corrente. Mas não podia fazê-lo de outro modo.

No seu segundo apartamento, Anna desfez a mala e ligou o aquecimento. Dois andares de tijolo, inclinados para o edifício vizinho, com chão de madeira, luz suave e um fresco de anjos a desintegrar-se sobre a porta. Fora uma mansão anterior à Revolução pertencente a uma família moscovita já esquecida, construída quando Piter era a capital imperial e Moscovo um fim do mundo cheio de dinheiro antigo. Os donos tinham tido azar. A família fora presa e depois morta a tiro a seguir à Revolução, o apartamento passara a ser comunitário e, a seguir, os novos habitantes foram todos presos e mortos durante o Terror.

Havia uma enorme lareira de pedra e janelas emperradas, tanto abertas como fechadas. O aquecimento não conseguia dar conta do frio. A tremer, vestiu um polar por baixo da camisola, retocou o batom e viu-se ao espelho. Os seus olhos pareciam mais suaves aqui, pensou. Meteu um maço de *Dunhills* na mala e saiu.

Fumou enquanto caminhava com todo o vagar, embora uma madeixa molhada de cabelo tivesse endurecido e sentisse os dedos gelados dentro das luvas. Andando em ziguezague por entre arcadas e pátios, Anna avançava dentro de uma nuvem de fumo e hálito gelado ao longo da Street of All-Holidays. Aquilo era Moscovo entre a linha de junção dos arranha-céus, as colossais avenidas estalinistas e o betão brutal do tempo de Brejnev. Estava iluminada e era agradável, um canto eclético do mundo russo que não tinha sido demolido e transformado num cintilante nada pelos promotores imobiliários. Havia um bar no extremo oposto dos pátios vizinhos, um local de fácil acesso chamado Jean Martel.

Embora ela soubesse que não era exatamente assim, aqui sentia-se nova e limpa. Quando Anna, menina de 9 anos, perguntara como tinha sido estar sob os soviéticos, o pai dera-lhe uma resposta folclórica e inútil, mas a mãe disse-lhe a verdade. Disse-lhe que a vida era um jogo de mentiras. Fingíamos amar o Estado, disse ela a Anna, e o Estado fingia tomar conta de nós. Estávamos todos ligados num enorme projeto que nos ia destruir. E porque aquele jogo tinha a ver com o engano, tinha de ser feito a sós. Mas alguma coisa tinha de ser verdade, mamã, insistira ela. E a mãe lançou-lhe, simplesmente, um sorriso triste.

Anna entrou no ambiente quente do Jean Martel e encontrou Luka sentado no seu reservado preferido. Na mesa havia uma garrafa de *brandy* arménio e uma faca a sair de um limão. Luka estava a preparar o tabuleiro de xadrez. O dono tentara recriar o ambiente de um bar de imigrantes da Rússia Branca na época do Jazz Band em Paris; espelhos de bronze dourado, murais com cenas inverniais açucaradas, dos tempos da Piter imperial, castiçais florais apressadamente arrancados das paredes de um palácio, na fuga dos bolcheviques. Mas as mesas estavam cobertas de pó, os espelhos rachados e embaciados, os murais desbotados. O local estava vazio, à exceção de um velho embriagado e um jovem casal sentado ao balcão.

Ela atirou com o casaco para uma cadeira e sentou-se. Luka serviu-lhe

um *brandy*. Espremeu um limão e entregou-lhe o copo. Por um instante ela olhou-o nos olhos com um sorriso. Depois aceitou a bebida.

– Brancas ou pretas? – perguntou ele.

– Pretas.

Ele voltou o tabuleiro.

– Como te disse, sonhei que te ganhava. Talvez tenha sido um sonho profético. Quem sabe?

– Jogamos xadrez nos teus sonhos? – a brincar, ela tocou-lhe na perna por baixo da mesa.

Ele sorriu e coçou a cabeça.

– Tenho uma mente pura, Anya.

Muitos anos antes, numa vida já esbatida, Anna tinha participado em competições de xadrez, tal como Luka. Tinham-se conhecido por acaso num grande armazém, ambos a comprar tabuleiros. Ela apreciara-lhe os olhos azuis, o cabelo louro despenteado, e o facto de ele se vestir de forma desportiva, ao contrário dos funcionários do Banco Rossiya ou do SVR. Não tinha os olhos castanhos e o cabelo escuro de Vadim. Era confiante, mas não se comportava de modo ameaçador, como os homens que lhe governavam a vida. Na fila para a caixa perguntara-lhe se ela gostaria de jogar com ele numa altura qualquer. Desde aí tinham disputados inúmeras partidas. Anna tinha uma larga margem de vantagem.

Ele avançou um peão e ela imitou-o. Ele avançou o segundo, rapidamente para junto do primeiro.

Ela fez estalar a língua.

– És previsível.

Depois avançou um peão para o lado do que colocara no meio do tabuleiro, reduzindo-lhe o espaço. O começo de um agressivo contra-ataque.

– E tu não és, Anya – disse ele, a pensar.

Luka defendeu-se bem, trocaram as rainhas, ele avançou perfeitamente com os cavalos, ela serviu outro copo de *brandy* e ficou a vê-lo evitar várias armadilhas, até que, por fim, atacou agressivamente.

Ele sorriu.

– O sonho era verdadeiro. – Ergueu a mão, ela agarrou-a e ele beijou a dela.

– O teu drama é doentio – disse ela, agarrando no cachecol. – Vem fumar comigo.

Agasalharam-se para saírem para o frio e foram fumar para um banco fora do bar.

– Vi umas notícias acerca do banco – disse ele.

Ela soprou o fumo para a cara dele com ar carrancudo.

– As regras, Luka.

– Bem sei, bem sei – disse ele, afastando a nuvem. – Só queria dizer que lamento que tenhas sido arrastada para isso. Mais nada.

Ela pôs-se de pé e apagou o *Dunhill* num monte de neve.

– Vamos a outro.

Os dois jogos seguintes desenrolaram-se em silêncio. Ela jogou ambos com destreza. Depois ele pegou na garrafa e caminharam no frio da meia-noite pela Street of All-Holidays, passando pela luz fraca dos candeeiros e pelo *smog* que saía dos canos. Passaram por uma jovem apressada, com a cabeça baixa, que nem olhou para eles. Porém, se tivesse olhado, pensou Anna, apenas teria visto um homem bonito, com o cabelo a espreitar do gorro, uma garrafa de *brandy* a balançar no bolso do sobretudo, a mão enluvada a apertar a de uma loura que levava um tabuleiro de xadrez debaixo do outro braço. Riam. Pareciam felizes como pessoas sem segredos. Ela gostava de pensar que não eram segredos se ele não quisesse saber.

Ele beijou-lhe o pescoço, quando meteu a chave na porta. Ela voltou-se para lhe beijar os lábios e disse, vamos acender o lume porque vai estar um gelo aqui dentro. A porta abriu-se com um rangido.

Ele ligou o gás, acendeu o lume e distraíram-se, porque no quarto, à procura de cobertores, ele beijou-lhe novamente o pescoço e ela estremeceu com ele atrás de si. Procurou-lhe os cabelos e tocou-lhe na face com os lábios. Ele beijava-lhe a nuca quando ela o afastou.

– Concentra-te, Luka, precisamos de cobertores – disse. – Até vejo a minha respiração.

Pondo-se na ponta dos pés, Anna procurou nas prateleiras de um armário bolorento, enquanto Luka lhe passava as mãos no traseiro e entre as pernas. Tentou descer-lhe as calças. Ela afastou-lhe as mãos, dizendo:

– Podias chegar aqui, sabes? Seria mais fácil.

O canto de um cobertor espreitou da prateleira de cima. Quando Anna se esticou para o apanhar, as calças deslizaram-lhe do traseiro e foram substituídas por beijos suaves.

– Não consigo ajudar – declarou ele. – Estou distraído.

Ela cobriu os ombros com o cobertor, deu-lhe a mão e conduziu-o até à sala. Ele apagou a luz, despiram-se e deitaram-se no sofá, aquecendo-se ao lume. Ela rodeou-se mais uma vez com o cobertor, prendendo-o na cintura e tapando as pernas nuas.

Durante grande parte da sua vida, Anna tinha sido uma corajosa praticante de sexo mecânico. Acabara por acreditar que essa parte dela desaparecera pelo caminho, algures entre a fraca afeição de um namorado da faculdade, provavelmente gay, e a errática atenção de Vadim, que balançava descontroladamente entre um frio desinteresse e um desejo ardente e desvairado, projetado com violência. Mas, com Luka, não era mecânico – era divertido e fácil. Mesmo na primeira vez, em que esperara algo robótico, descobriu que o apetite de Luka por ela era voraz, que ele tinha curiosidade em descobrir o que ela gostava e que conseguiam movimentar-se em sintonia.

Luka cobriu-a de beijos suaves. Ela puxou-lhe o cabelo. Ele olhou-a.

– Quero-te – disse ela.

– Ainda não – respondeu ele a sorrir.

Luka voltou a beijá-la e ela puxou-lhe o cabelo. Ele levantou-se com a testa suavemente encostada à dela, provocando-a de forma astuta, até ela sorrir, maliciosa, o agarrar pela cintura e o conduzir para dentro de si. Manteve os olhos fixos nos dele e beijou-o. Ele riu.

– Qual é a graça? – perguntou Anna.

– Ganhei – respondeu ele. – Nem posso acreditar.

– Uma de três – recordou-lhe ela.

– E aquela? Foi quase.

Luka inclinou-se para encontrar um sítio bom e ela disse-lhe que já conseguira, puxando-o para si.

Agora ele movimentava-se bem. Tinha passado muito tempo, estava tudo tão perfeitamente ligado. Anna encostou a cabeça ao braço do sofá. Viu as sombras das chamas dançarem no teto e esqueceu a operação, o mundo, a família, para sentir o corpo dissolver-se.

Quando terminaram, deixaram-se ficar nus, sobre o cobertor, para se acalmarem. Ele acariciava-lhe a nuca, enquanto olhavam para o lume.

– Dorme aqui – disse ela por fim

Ele desligou a lareira e puxou o cobertor para cima de ambos. Ela aconchegou-se a ele. Estavam pegajosos, mas ela sentia-se exausta e ele cheirava ao sexo de ambos, o que lhe agradava. O seu último pensamento antes de adormecer foi que ele a vencera no xadrez. Ela perdera. E depois trouxera-o para o seu apartamento e fizera amor com ele, como se não tivesse importância. Como se ele estivesse em segurança.

San Cristobal

Jogar em casa é sempre importante no jogo da espionagem. No seu próprio campo, uma agência de espionagem pode colocar escutas e câmaras no quarto de hotel, vigiar o computador e o telemóvel da outra pessoa, entrar-lhe no quarto – talvez até legalmente – revistar os seus pertences, fazer uma vigilância imensa e conseguir recursos para espiar os seus movimentos. Por isso, quando uma mensagem com uma comunicação clandestina de Sia Fox caiu na secretária de Procter em Langley, transmitindo que Anna Agapova e Vadim Kovalchuk tinham concordado em visitar San Cristobal, o seu grito de entusiasmo chegou aos cantos mais longínquos do feudo do Moscovo X. Dois dias com o homem que geria os dinheiros de Putin talvez acontecesse uma vez em toda uma carreira. Todos os esforços seriam envidados.

– Quero que aprove o meu envio de uma equipa de Acesso para preparar o rancho – pediu Procter a Bradley pela linha telefónica verde. – A maior parte do local tem escutas, claro, mas vão lá os russos e podes achar que sou louca, mas são um pouco mais suspeitos do que os nossos recentes hóspedes dos Emirados. – Não precisavam dos que abriam fechaduras, afinal tratava-se da casa de Max. Não, precisavam dos tipos do Acesso que preparavam os quartos para os operacionais de invasão e arrombamento.

A maioria dos empregados a tempo inteiro de San Cristobal prestava pouca atenção à agitação que antecedia a chegada dos importantes compradores russos. O *chef* criou os menus e mandou o pessoal comprar alimentos e bebidas alcoólicas. Max mandou chamar à biblioteca o gerente do rancho, o veterinário, o treinador e o encarregado da criação, para discutirem o interesse de Vadim no *Smokey Joe*, interesse esse que fora transmitido por uma equipa de agentes e advogados da RusFarm. O garanhão, alvo de mais cuidados e atenção do que muitos humanos, não teve o seu tratamento, acasalamento, dieta ou regime de exercício minimamente alterado.

Por entre o tumulto anterior à chegada dos últimos potenciais compradores, a única pessoa que reparou que Max tivera um encontro cara-a-cara com um consultor de audiovisual americano fora o desmazelado gestor de tecnologias de informação da quinta, que fungou com ar de desafio perante tal desconsideração, mas em privado sentiu-se triste por ter sido excluído.

Dois dias antes de os russos aterrarem, chegou Sia, a nova namorada. Uma das governantas rangeu os dentes ao ver a estrangeira – *puta!* – puxar o *trolley* para dentro do quarto de Maximiliano. Se o velho *hacendado* ainda estivesse no seu perfeito juízo, esbofetearia Maximiliano e poria a tentadora na rua, com o rabo entre as suas pernas abertas.

Sia viu o *Dassault Falcon 7X* russo deslizar pelo céu azul e beijar a pista. Vadim saiu primeiro, sorrindo e acenando em direção a eles. Max e Sia corresponderam. Anna apareceu a seguir, depois um homem que Sia não reconheceu. Talvez um dos consultores para a compra de cavalos de Vadim.

Os casais cumprimentaram-se com apertos de mão e beijos na face. Sia vira várias fotografias de Vadim e lera a breve biografia que a CIA possuía. Mas ao conhecê-lo, ao sentir-lhe o aperto de mão, de olhos nos seus, ao absorver a *persona* faladora, quase autoritária que ele adotara junto de Max, esses parcos segundos em carne e osso, transmitiram-lhe mais do que qualquer pesquisa feita à secretária poderia fazer. Vadim Kovalchuk, pensou, recordou-lhe vários dos seus clientes ricos, um perfil a que ela chamava *Quarterback* de Escola Secundária. Bonito. À vontade. Patriota. Autoritário. Capaz de criar relações políticas para avançar a sua própria posição. Bem-sucedido nos negócios. Anna, pensou, era mais fria, reservada. Um desafio a estudar.

Os funcionários entraram no avião em busca da bagagem.

– Anna – disse Sia. – Talvez queiras vir comigo. Para os rapazes terem tempo de se conhecer.

– Claro – concordou Anna.

Max e Vadim subiram para o *GWagon* da frente e dirigiram-se para casa. Sia indicou a Anna o seu veículo e seguiram Max a toda a velocidade.

– Isto vai ser muito divertido – declarou Sia. – Que tal foi o voo?

– Fácil. Estamos entusiasmados por termos conseguido vir. – Anna olhava em volta da fazenda. – Maravilhosa – murmurou. – Absolutamente maravilhosa.

Quando o comboio de veículos chegou à bifurcação da estrada de gravilha, Max voltou à esquerda para os estábulos em vez de seguir para a direita em direção à casa e ao jantar.

– Bom, tudo bem – resmungou Sia para consigo. O condutor seguiu-os.

– O Vadim está impaciente – comentou Anna, como que por acaso. – Está de olho num garanhão e creio que já o disse ao teu namorado.

A *GWagon* estacionou à entrada do estábulo dos treinos. Devido à

mudança de planos, o treinador, o veterinário e os moços de estrebaria estavam ausentes. O estábulo do garanhão era comprido, com duas filas de baias e um carreiro em volta para que os cavalos pudessem caminhar lá dentro. Max falava enquanto davam a volta. Recitava de cor as linhagens. Indicava o local específico da fazenda onde vários animais tinham nascido. Citou os tempos do *Smokey Joe* e de alguns dos melhores executantes.

Um afogueado moço de estrebaria entrou no estábulo precisamente quando chegavam à baia do *Smokey Joe*. O cavalo meteu a cabeça na abertura da porta. Tal como o seu nome sugeria, o garanhão era cinzento cor de fumo, apesar da mancha branca que lhe descia pelo nariz, que Max acariciava suavemente. Sia reparou que Vadim não fazia o mínimo movimento para tocar no cavalo, nem sequer esboçava um sorriso. O moço de cavalaria retirou o *Smokey Joe* da baia e levou-o para o pátio, onde o podiam ver caminhar.

Os puros-sangues têm duas características, a velocidade e a resistência. Por esses parâmetros, o *Smokey Joe* era uma obra-prima.

Segundo o recém-chegado treinador, o garanhão tinha 1,74 metros de altura. A sua força vinha dos quartos dianteiros bem musculados, ossos longos nas coxas e ancas generosas. Um pescoço longo estruturava-lhe um passo fluido, de 7 metros e meio, apenas a 30 centímetros de distância do *American Pharoah* e a 1 metro e 20 do *Secretariat* e do *Man o'War*. Podia atingir mais de metro e meio num segundo. Enquanto o cavalo desfilava diante deles, Sia via a pose afetada de um animal imóvel e pouco à vontade.

O treinador disse a Vadim que o *Smokey Joe* vencera duas pequenas corridas e o Tavers, o Derby de verão em Saratoga, mas que tinha uma rutura moderada no ligamento suspensor da perna direita traseira e que essa rutura não se curaria. O *Smokey Joe* não voltaria a correr. Chegara o momento de passar a reprodutor.

Quando o treinador deixou de falar, Vadim olhou para o cavalo por um momento e depois cuspiu para a areia.

– Li todos os documentos que o seu pessoal me enviou. Dou-lhe dois milhões por ele.

Sia percebeu que Anna rangia os dentes com a falta de delicadeza.

Max sorriu generosamente.

– Por favor, Vadim – disse. – Não vamos aborrecer toda a gente com esses pormenores. Vamos jantar. Depois tratamos dos negócios, está bem?

Vadim olhou para Max, com as cremalheiras mentais a girar, sem saber se havia ou não de discutir. Depois sorriu e ergueu as mãos.

– Claro. Tudo bem – disse desconsolado, com os olhos a brilhar. – Com certeza. Mas, antes do jantar, vamos dar uma volta pelos campos.

Dirigiram-se para o cercado mais próximo e aproximaram-se da sebe, em direção a um grupo de éguas que se haviam juntado para observar os carros. Os campos tinham um brilho alaranjado.

Uma das éguas de reprodução espetou as orelhas quando se

aproximaram. Estava atrás dos cavalos que se tinham reunido em redor da sebe, mas empurrou-os aqui e ali com o focinho, até arranjar um lugar em que olhasse Anna de frente.

Sia viu a égua fazer contacto visual com a russa. Anna deu um passo em frente e depois outro. A seguir a égua espetou a cabeça por cima da sebe. Anna pôs-lhe suavemente a mão no focinho. Os murmúrios da conversa entre Max e Vadim flutuavam atrás de Sia. Ao virar a cabeça, viu que o veterinário e um dos treinadores olhavam para Anna e para a égua enquanto falavam em voz baixa.

A seguir, Anna passou suavemente para o outro lado da sebe.

Sia não conseguia ouvir, mas viu Anna segredar para o cavalo e, enquanto o fazia, a égua espetava as orelhas, e a esquerda estremeceu na direção daquela voz suave. Não era a mesma égua que Max montara quando a cobra tinha assustado os cavalos?

– Tem uma faca? – perguntou Anna, voltando-se para o veterinário. Este, admirado, disse que sim e entregou-lhe um pequeno canivete através da sebe. Anna ajoelhou-se na erva.

A égua baixou a cabeça para junto da de Anna. A russa continuava a falar em voz baixa com o animal. Sia voltou-se. A expressão de Max era um misto tenso de encanto e susto, mas não se moveu nem perguntou porque quisesse ela a faca. Sia viu a russa erguer delicadamente a pata dianteira esquerda da água. A égua levantou-a num gesto que parecia mais de gozo do que de obediência. Anna usou a faca para limpar e inspecionar a pata. Depois pousou-a com a mão direita. Depois, com a esquerda, palpou o lombo e as ancas do animal.

A luz desvanecia-se, mas Sia via que os lábios de Anna se moviam enquanto falava com o cavalo. Ainda no chão, quase debaixo do animal, Anna passou para a direita e ergueu a pata traseira direita do animal. Estava numa posição vulnerável, um animal assustado provocaria uma desgraça. A mulher do gestor da fortuna de Putin com a cabeça esmagada por um coice numa fazenda do México governada pela CIA. Porém, o pensamento evaporou-se rapidamente, pois Anna estava diretamente debaixo do cavalo, erguendo-lhe a pata traseira direita para examinar o casco e a estrutura óssea. Pousou-a e acocorou-se debaixo do animal para o lado esquerdo. Passou as mãos desde a coxa até à garupa e pelo dorso até às crinas. Colocou-se diante da água e olhou para o animal com precisão.

Depois recuou. Um passo grande para uma mulher pequena. Ficou imóvel. Um cão ladrou em casa. Um motor rugiu do outro lado das cavalariças. Vadim resmungava. Anna e a égua ficaram em sentido durante o que pareceram minutos, embora tenham sido segundos.

Anna recuou mais um passo.

O animal avançou para ela

Anna recuou. A égua avançou.

Anna e a égua avançaram ao mesmo tempo. Sia ouviu-a murmurar, mas

não conseguiu perceber as palavras. Anna parecia acariciar o focinho do animal e Sia pensou ter visto, por um momento, a russa encostar a testa à da égua. A luz do dia desvanecia-se no campo, os pormenores de Anna e do animal desapareciam com ela. Mas na escuridão que caía, Sia viu duas formas: uma mulher e uma égua, uma abraçada à outra.

San Cristobal

Na manhã seguinte, a partir do lugar do condutor de uma carrinha aos solavancos, Max enviou uma mensagem para um contacto chamado Charles: *A/V pronto para trabalhar nas próximas quatro horas*. Enviou mensagens para o gestor da segurança, para o mordomo principal e para o chefe do pessoal da casa, dizendo-lhes que esperassem uns fulanos que chegariam para explicar como melhorar o sistema de *smart sound*. Colocou o telefone no suporte de copos e sorriu para Vadim, que se enfiara no assento do passageiro.

Charles era, na realidade, Artemis Procter, que ligou para um agente da CIA chamado Patrick, que, por sua vez, estava acompanhado por um fulano atarracado num restaurante perto de San Cristobal. Patrick e Pete eram especialistas do Acesso, a equipa de invasão e arrombamento da CIA. Havia equipas especializadas em fechaduras de automóveis, em fechaduras mecânicas, em elétricas, em sistemas de segurança. Trabalhavam num armazém secreto nos arredores de Washington que Max visitara uma vez, antes de Procter o ter enviado para uma operação no Dubai. Toda uma parede do edifício estava coberta por chaves mestras. Estas eram duplicadas, testando as vulnerabilidades das fechaduras, algumas das quais eram bizarras. Um dos fulanos mostrara a Max como abrir o cofre de um hotel, inserindo um clipe de papel entre o 3 e o 4 do teclado e depois carregando no 8. Era o equivalente mecânico de piratear *software*.

Patrick pagou a conta e saltaram para o camião em direção a San Cristobal. Ao portão deu o nome da falsa empresa de audiovisuais. Este ia ser fácil. Fotografar o quarto, captar imagens de algumas coisas. Nada de agressões. Ia ser canja.

E caraças! Aquele lugar era uma beleza. Tinha feito trabalhos de invasão

e arrombamento em várias mansões, mas todo aquele complexo era de primeira classe. Patrick pôs uma mochila ao ombro e cumprimentou o mordomo, que disse que o *hacendado* pedira que começassem na ala dos hóspedes. Atrás do mordomo, Patrick dedicou-se ao seu prazer culpado: identificar coisas que seria interessante roubar (embora jurasse a pés juntos que nunca o faria). Enquanto o mordomo os conduzia pela ala antes de se ir embora, Patrick encheu o seu mental carro de fuga com um quadro a óleo representando uma abastada dama mexicana, algumas caixas de charutos do humidor e a estátua de mármore de um cavalo.

– Porque é que te estás a rir? – quis saber Pete. Mas Patrick nunca respondeu.

À porta e dentro do quarto verificaram a existência de medidas preventivas: fita dupla, cabelo, algo deixado para assinalar aos russos que alguém entrara. Patrick fez uma inspeção com radiofrequência para ver se Vadim ou Anna tinham uma câmara ou um microfone escondidos para vigiar o quarto enquanto estavam fora. Nada.

Pete retirou um tripé extensível do saco e colocou a câmara sobre ele. Carregou num botão do comando e a câmara rodou para tirar fotografias ao quarto. Havia um portátil sobre a secretária. Patrick retirou do saco um disco rígido de imagem e ligou-o ao portátil. Dois minutos depois uma luz verde piscou. Abriu uma bolsa e tirou fotografias do conteúdo. Descobriu um *iPad* e retirou-o com cuidado. Retirou um segundo disco rígido do saco e ligou-o ao *iPad*. Encontraram outro portátil na mala de Anna e fizeram também uma imagem. Nada de telefones, o que não os surpreendeu. As pessoas levavam-nos para todos os lados. Tiraram fotografias de todos os medicamentos, bocados de papel, cartões de identificação. Viram novamente as fotografias para terem a certeza de que tudo fora devolvido aos seus devidos lugares.

Ao sair do quarto, Pete levou os discos num saco e Patrick, com o saco de falso empreiteiro, continuou a volta pela casa em direção ao recetor numa das salas. Chamou-lhe a atenção numa das salas de estar a estatueta de um cavalo coberta de falsa folha de ouro. Certificando-se de que estava só, abriu o fecho do saco e meteu a estatueta lá dentro. Olhou para ela por um momento. Depois colocou o animal dourado novamente sobre a mesa de mogno que lhe servia de pastagem e dirigiu-se para a porta.

Enquanto Patrick fantasiava acerca de roubar os tesouros de San Cristobal – e roubando de facto os dados dos russos – Max e Vadim, o primeiro, sua possível vítima, o segundo, sua futura vítima, encontravam-se debaixo de uns arbustos junto a um campo de trigo empunhando caçadeiras *Benelli* de calibre 20. Os canos estavam ainda quentes, embora já silenciosos, apesar de as rolas continuarem a encher o campo para se alimentarem. Um dos *labradores* amarelos de San Cristobal entregava parte da caça de última hora.

– O negócio do garanhão – disse Vadim, vendo o cão correr para o

campo antes de regressar rapidamente com uma rola na boca.

– *Eso chingón* – disse Max, fazendo uma festa na cabeça do cão. Meteu a ave dentro do cinto de caça que trazia à cintura.

– Ofereceu dois milhões de dólares – disse Max, vendo o cão partir a correr. – Muito pouco, meu amigo. Pelas recentes vendas que conheço, o preço de cobertura do *Smokey Joe* começa nos 25 mil e vai talvez até aos 40 mil, com o seu desempenho e linhagem. O meu amigo já fez as contas e eu também. Por isso, dois milhões, nem pensar, meu caro.

Max tirou do bolso o cartão de San Cristobal gravado com o código QR e entregou-o a Vadim. O russo voltou-o na mão e franziu a testa.

– Que elegante, o que é?

– As contas. Um relatório para si. Preços e ofertas do nosso garanhão e as competições recentes. Faço questão de não aldrabar os meus hóspedes. Sou um homem íntegro. Vai ver que o seu preço é fantasticamente baixo. Os números mostram-no, por isso dois milhões está fora de questão, meu amigo. Mas se esse é o seu orçamento, o relatório mostrar-lhe-á alguns puros-sangues dentro do seu preço.

Max apercebeu-se de um brilho violento nos olhos de Vadim. Sentiu a adrenalina aumentar, até que se lembrou de que a câmara da caçadeira do russo estava vazia.

De qualquer forma, este era mais sensato do que a recente vítima emiradense de San Cristobal. O cartão, recebido com um resmungo, desapareceu no bolso de Vadim.

O cão regressou com mais uma ave, que depositou nas mãos de Max, onde ela bateu uma asa tentando libertar-se. Max torceu-lhe o pescoço e meteu-a na bolsa de caça.

Enquanto o cão fazia um intervalo para beber um pouco de água, um grupo de cinco, talvez seis rolas, apareceu nas árvores no extremo oposto do campo. Vadim apontou a caçadeira e disparou duas vezes. As aves voaram incólumes no campo

– Puta que as pariu – disse ele. Equilibrou a caçadeira no ombro e ofereceu a Max um sorriso em que exibiu todos os dentes.

– Qual é o nome do cavalo com que, ontem à noite, antes do jantar, a minha mulher esteve no campo?

Max viu o cão correr pelo campo.

– *Penelope*.

– A informação sobre ela também consta deste cartão? – perguntou Vadim.

– Não. Dele constam apenas os cavalos à venda – respondeu Max.

– Ofereço-lhe quatro milhões pelo *Smokey Joe*, se lhe juntar a *Penelope*.

Mais bandos de pássaros voaram sobre as árvores. Vadim acenou a Max. *É a sua vez!* Meteu dois cartuchos na *Benelli*, fez pontaria e apertou o gatilho. Ganhava a Vadim vinte e um para seis – mas quem estava a contar? – e começava a suspeitar que o resultado desproporcionado frustrava o russo.

Quatro milhões subia também o valor de mercado de *Smokey Joe*. Ao contrário de Sia, não devolveria dinheiro ao Tio Sam.

– Quatro continua a ser pouco. E a *Penelope* não está à venda.

– Então, meu caro Max. Tudo tem um preço.

– Não a égua que pertencia à minha mãe.

– Ah, percebo. Então, talvez se eu falasse com a sua mãe?

– Receio que seja impossível. Mas, mesmo que ela ainda fosse viva, a *Penelope* continuaria indisponível.

Vadim olhou para os campos.

– Lamento saber da sua mãe. E o senhor é um bom homem, se honra os mortos. Embora os desejos dos nossos pais – fez estalar a língua –, envenenem por vezes os filhos. – Vadim ficou em silêncio. Depois voltou-se para Max e disse: Quatro e meio pelo *Smokey Joe* e pela *Penelope*.

Sacana de merda, pensou Max. Meteu mais dois cartuchos na *Benelli*. Em rápida sucessão, matou dois pássaros no ar. O cão partiu a correr ao ouvir o seu assobio.

– A *Penelope* – insistiu Max –, não está à venda.

Vadim retirou uma garrafa de água da geleira.

– Onde estão as raparigas?

– Foram passear a cavalo.

– Estou a falar do divertimento.

Max olhou-o nos olhos; o fulano estava a falar a sério.

– Desta vez não há – declarou Max. Ao contrário dos russos, a CIA preferia, em geral, dispensar a utilização de prostitutas durante o recrutamento, embora agora fosse evidente que algumas podiam até ter acelerado o trabalho.

Vadim olhou para Max como se este estivesse louco. Depois soltou uma gargalhada.

– Quando me disse que íamos à caça, pensei que nos íamos escapar por umas horas para nos divertirmos. Talvez dar uma olhadela àquela potra que ontem à noite nos trouxe a garrafa de mescal? Na Rússia não há mamas assim. Suponho que por haver muito frio. Que pena.

A rapariga era Antonia. Faria 16 anos dentro de três semanas. No dia 28, se não estava em erro. A mãe era Martina, uma das governantas. O avô de Max contratara o pai de Martina como moço de cavalaria em 1972.

Quebrar aquele *gringo* merdoso numa cavalgada por um caminho sinuoso debaixo de chuva – isso sim, seria divertido. Max olhou para o horizonte a ocidente. Um céu azul, um barómetro equilibrado atrás das suas ténporas, sol. *Pinche sol*. Cuspiu.

– Prefiro mulheres a meninas – declarou Max.

– Oh, então está cego, meu amigo! – disse Vadim, com alguma intensidade na voz. – Essa não tem nada de menina. Seja como for, vá a RusFarm e mostro-lhe o que é divertimento. O russo lançou os olhos pelo campo e ali ficaram num silêncio hostil.

– Gosto muito de ser dono de uma quinta – disse por fim Vadim. – Fui criado em São Petersburgo, a minha família tinha uma *dacha* no campo, mas não havia animais. Nunca pensei interessar-me por uma coudelaria, mas estou a divertir-me bastante.

O cão voltou com o trabalho terminado. Vadim parecia estar à espera que Max lhe perguntasse porque gostava da vida do campo, mas a pergunta não surgiu. Max limitava-se a coçar as orelhas do cão.

Vadim tossiu e continuou.

– Descobri que os cavalos mostram quem somos.

– Como assim, meu caro amigo?

– Você entende de cavalos. Deve perceber.

– Há muitas opiniões sobre esse assunto.

– Pois então esta é a minha. O *Petersburg Knight* é o nosso garanhão sénior. Pomo-lo a cobrir uma agenda completa de 300 éguas por temporada. Trata do assunto cinco vezes por dia. E sabe o que penso? Que adora o que faz. Tem um certo brilho nos olhos quando se afasta a trote.

Max assobiou.

– Uma agenda de 300 éguas? É demasiado. Fale com o seu encarregado da criação. E cinco vezes por dia? Também é demais para um garanhão fértil. Duas vezes, talvez três. Será melhor. E sustentável.

Vadim fingiu não ouvir.

– O garanhão é forte. Por isso fornicava. Simples.

– Foi tudo o que aprendeu acerca desse nobre cavalo? – Max esmurrou o ombro de Vadim. O russo torceu o rosto zangado, mas o sorriso de Max era genuíno, simpático até. E, como costumava acontecer com clientes do tipo de Vadim, o contraste confuso foi suficiente para conseguir um sorriso cauteloso e submisso no rosto do *gringo*.

Max entregou a Vadim uma caixa de cartuchos que retirara da carrinha. O russo meteu dois na *Benelli* e observou o céu vazio. Deviam continuar a percorrer o campo e a disparar, mas Max queria fazê-lo falar e mudou de assunto.

– Como conheceu a Anna? – perguntou.

– Fomos colegas desde a escola secundária – respondeu Vadim e bebeu um longo gole da garrafa de água.

– Amor de juventude – comentou Max.

Vadim riu, mas uma sombra cobria-lhe o rosto.

– O que sabe acerca da Rússia, Max?

– O que leio nos jornais.

– Pois, mas os malditos jornais mentem. A Rússia foi pilhada depois do colapso da União Soviética, e desde aí que a estamos a reconstruir. Ajudo a gerir um banco que permite que as empresas russas compitam e operem em todo o mundo. Que se lixem as sanções americanas. O meu pai faleceu, mas o banco foi criado por ele. Foi uma das pessoas que, nos anos 1990, reconheceu que precisávamos de uma liderança forte para vencermos os nossos

problemas. E desde pequeno que conhecia um homem chamado Vladimir Putin. Crescemos juntos em São Petersburgo.

– Lamento que o seu pai tenha falecido.

Vadim apontou para uma única rola e falhou irremediavelmente.

– Obrigado. Já me conformei.

– E Piter?

– São Petersburgo? Suponho que o meu amigo, sendo mexicano, compreenderá este próximo ponto: nos anos 90 a Rússia estava num caos. Vocês tinham aqui os vossos cartéis. Nós tínhamos lá os oligarcas da Máfia a gerir as coisas. O meu pai, um banqueiro honesto, teve dificuldades nesse ambiente.

– O meu avô também teve de defender a nossa terra e a nossa empresa durante a Guerra Suja – retorquiu Max. – E o meu pai teve de negociar a paz com os cartéis. A anarquia é inimiga dos empresários.

Vadim bateu-lhe no ombro.

– Exatamente. Mas na Rússia, significou que o meu pai, um empresário, teve de fazer alianças com homens da segurança, os antigos fulanos da KGB. O meu pai conheceu o Andrei Agapov. Ou talvez deva dizer major general Andrei Agapov. E o general Agapov tinha uma filha, Anya. O meu pai tornou claras as suas expectativas em relação à minha pessoa.

– Foi um casamento arranjado? – perguntou Max.

– Não formalmente. Pelo menos ninguém o disse desse modo. Mas, com o passar do tempo, o meu pai fez-me entender que o meu lugar na empresa dependia do meu casamento com Anya. – Vadim encolheu os ombros.

Levantara-se vento. Os céus por cima dos campos estavam vazios e as rolas tinham ido empoleirar-se nas árvores, pacientemente à espera da brisa.

– O que pensou a Anna do caso? – perguntou Max, enquanto coçava a parte de trás das orelhas do cão.

– Qual caso?

– O casamento.

Aquilo fez com que os olhos do fulano observassem Max de cima a baixo, como se revisse as oportunidades de exercer violência. Depois a sua compostura regressou, as rolas voaram das árvores em direção ao engodo que girava no campo e Vadim matou duas no céu. O cão foi a correr buscá-las. Vadim enfiou a primeira na bolsa de cintura. A segunda caiu da boca do cão para o solo.

– Tal como o meu amigo – continuou ele –, a Anna tenta honrar os pais. Mesmo que o que eles queiram não seja bom para ela.

A rola bateu inutilmente a asa ferida e tentou caminhar. Vadim torceu a boca enquanto olhava fixamente para o pássaro ferido.

– Cinco pelo *Smokey Joe*, e pela *Penelope* – disse. Vadim enfiou um cartucho na caçadeira e começou a apontar para a ave ferida.

Max ergueu a mão.

– Não vai restar nada se fizer isso.

Vadim baixou a arma.

Max olhou para ele de frente e avançou um passo para o espaço do russo.

– É meu hóspede e já lhe disse que não estou com tretas para com os meus hóspedes ou clientes. Mas deve estar a concluir que o estou a fazer, Vadim, caso contrário não continuaria a fazer ofertas pela égua. Quer fazer outra?

Vadim esboçou um sorriso irónico e apontou para baixo, para a arma.

– Adorava, mas a *Penelope* não está à venda, Max.

Olharam um para o outro durante um penoso momento; mais uma vez passou pela mente de Max o desconcertante pensamento de que, sem dúvida, o russo consideraria divertido matá-lo a tiro. E desta vez a caçadeira estava carregada.

– Qual é afinal o seu interesse por uma égua de 15 anos com uma linhagem assim-assim? – perguntou Max, para acalmar a conversa. Dirigiram-se para a rola.

– A minha mulher quere-a – replicou Vadim.

– A égua seria um presente? – perguntou Max.

– Sim – disse Vadim. – Um presente para mim.

Max torceu o rosto numa careta. Depois baixou-se para pegar na ave e torceu-lhe o pescoço.

San Cristobal

Anna fez *Penelope* atravessar a fazenda num leve galope, enquanto a pastagem acidentada descia para se transformar numa extensão plana de terra e grama. Não tinha sido preciso pedir a égua. Depois do auspicioso acolhimento no campo, Anna chegara ao estábulo e encontrara um moço de cavalaria a preparar *Penelope* para o passeio.

Anna fechou os olhos, sentiu o vento a passar por entre os cabelos e inclinou-se ao de leve para comunicar com *Penelope*, como fazia com o seu velho cavalo. *Penelope* abrandou para um trote. Sia alcançou-a e seguiu a seu lado. Um sol suave batia-lhe no rosto e a terra estendia-se, aberta em todas as direções. Tinham percorrido grande parte da fazenda nessa manhã, embora tivessem tido o cuidado de evitar os locais de caça de Max e Vadim.

Pararam no ribeiro para dar de beber aos cavalos. Sia tinha um frasco de *whiskey* no saco da sela. Serviu um pouco no seu copo de aço inoxidável e entregou-o a Anna. Sentaram-se no chão à sombra de uma nogueira. Anna gostava daquele lado despretenso de Sia. Copos de campismo, *whiskey* e cavalos. O contrário daquilo em que se transformara a RusFarm.

– Podes dizer-me mais acerca dos teus clientes? – pediu Sia.

– Em termos gerais, sim – acedeu Anna. – Mas nada de nomes, claro.

– Claro.

– Há três que estão especialmente interessados nos vossos serviços. Dois estão envolvidos nos recursos naturais: um no carbonato de potássio, o outro em madeiras. Mas há um terceiro e faculto-lhe o nome porque se trata de Vadim. Sou eu.

Sia beberricou o seu *whiskey*.

– Percebo.

– Creio que entre os três haja talvez cem milhões que gostaríamos de retirar da Rússia. Cada um dos clientes tem certos objetivos. Por exemplo, o

barão da madeira tem interesse numa apresentação, através de beneficiários, claro, aos mercados europeus e americanos de bens imobiliários. Tal como nós.

– E estás pronta para começar o processo? – perguntou Sia. – É que preciso de várias coisas...

Anna abanou a cabeça.

– Retirar dinheiro da Rússia é muito delicado neste momento, como deves saber. Há riscos de reputação e outras coisas mais. Pediram-me primeiro para te sondar a ti e à Hynes Dawson. Depois, se todos se sentirem à vontade, podemos avançar. Assim que isso acontecer, provavelmente dentro de algumas semanas, talvez possas ir à Rússia para uma conversa mais aprofundada.

Anna pensou ter visto uma centelha no olhar de Sia.

– Claro – concordou ela. – Diz-me o que queres saber.

– Estamos cientes da reputação da tua firma – começou Anna. – A Hynes Dawson é eficaz a estruturar as finanças dos clientes de uma forma que maximiza a flexibilidade e a segurança. E a discrição. É...

Sia interrompeu-a.

– Vês? É isso que ainda me confunde, Anna. A discrição. Porque não entendo como nos descobriste. Não fazemos publicidade. Não temos um site. A Hynes Dawson é uma empresa conhecida apenas de cliente para cliente, duplamente protegida em relação aos russos. Então, quem foi que te falou de nós? – Sia sorriu ao de leve por cima do copo e depois bebeu um gole.

Houve uma pausa. Uma brisa trouxe até elas um cheiro a pó e a feno e também ao almíscar dos cavalos.

Anna bebeu um gole generoso de *whiskey*.

– Vassily Platonovich Gusev – declarou.

Depois, colocando o copo sobre a erva, entre as suas pernas, Anna pensou. Será que a tua ganância vence, Sia, ou vais pedir-me justificações desta mentira?

– Vassily Gusev – murmurou Sia. – Hmm. O *big boss* do Kremlin? O que é conhecido pelo nome de Ganso, creio?

Anna levantou-se para esticar as pernas.

– Vou falar com franqueza, pois sei que não podes quebrar a confidencialidade dos teus clientes. Sem dúvida que já viste notícias nos *media* britânicos acerca da zanga entre o meu pai e o Ganso. Deixa-me dizer-te isto: são extremamente exageradas. E, além do mais, ignoram a realidade de que, em Moscovo, é difícil manter segredos acerca do dinheiro. Os que pagam subornos e os facilitadores falam uns com os outros. Ouvimos falar da Hynes Dawson a alguns homens do Ganso em Moscovo. É daí a origem das magníficas críticas acerca da tua firma.

Impreciso, Sia não o disse. E porquê falar nas notícias dos media?

Porquê aquela falsa pausa dramática antes de mencionar o nome do Ganso, sua russa mentirosa? Tantas interrogações, mas preferia arrancar lâminas de erva. Tinham vigiado Mickey Lyadov em Londres, calculou Sia. Anna andava à caça do ouro perdido do papá.

– Claro que não posso dizer se o Ganso ou qualquer um dos seus sócios são clientes da Hynes Dawson – disse Sia depois.

– Bem sei. Não te estou a fazer essa pergunta. Mas deves entender que os meus clientes e, muito francamente, a minha família, se preocupam profundamente acerca da tua discrição e da tua capacidade de antecipar as necessidades dos russos. Atualmente, o ambiente é... complicado. Há aqueles que gostariam de pôr as mãos nesse dinheiro ou de publicitar a sua existência fora da Rússia.

Sia apontou para os cavalos, para o rio e para o campo.

– Estamos sozinhas. Podemos ser francas uma com a outra.

– Quero garantias de que tens experiência de lidar com clientes russos, Sia – declarou Anna. – Ricos. Poderosos. Homens como o Ganso, com pouca paciência e impérios financeiros complicados a proteger. Um histórico dessa proteção.

– Tens referências minhas, não é verdade? – perguntou Sia. – De um dos homens do Ganso em Moscovo. Um tipo sem nome. – Ergueu uma sobrancelha e ofereceu à russa um sorriso suave.

– Sim, sim – garantiu Anna, olhando-a nos olhos. – Mas gosto de olhar de frente os potenciais sócios quando o dizem. Os desentendimentos do meu pai com o Ganso não são os mencionados nos jornais, mas não é segredo que não são amigos. Uma referência de um dos encarregados de gerir o dinheiro do Ganso significa que és a melhor. Não quer dizer que possa confiar em ti.

– Tenho uma larga experiência em oferecer aos clientes russos os serviços que solicitam – afirmou Sia. – Sei o que estou a fazer. Mantenho a merda da minha boca fechada e não faço perguntas. Faço o trabalho. É assim que construímos a confiança.

– Acredito. Mas os meus clientes apreciam um pequeno detalhe, Sia. Dão-lhe muita importância. Têm de saber se foste tu quem criou a estrutura do Ganso. Tu, pessoalmente. Sabemos que quem lhe trata do dinheiro usa a Hynes Dawson. Foste-nos indicada. Mas os meus clientes querem estar certos disso...

Os olhos de ambas encontraram-se. Os de Anna eram de um azul frio; duros e remotos.

Depois, cada uma das mulheres lançou à outra um sorriso pouco simpático.

Sia tocou com um dedo no nariz. Um rápido aceno afirmativo.

Sia serviu mais *whiskey* e ergueu o copo. Anna fez o mesmo. Emborcaram o *whiskey*, montaram e abandonaram a sombra dos arbustos para percorrerem a pastagem.

Esta faz parte dos serviços secretos russos, pensou Sia enquanto se

dirigiam para a casa principal. Tem de ser isso. Está a tentar levar-me a melhor, mas está no meu anzol. Está a fazer o meu jogo.

Depois do almoço, sentaram-se na biblioteca com mescal e numa conversa afetada até Max sugerir que ele e Vadim fossem ao humidor. Retiraram uma caixa de *Gurkhas* encharcados em conhaque e levaram-nos para a beira da piscina. Fumaram metade antes que alguém falasse, e uma ou duas vezes Vadim deitou a cinza para dentro de água. O russo deu início a um diálogo espontâneo sobre o estilo de liderança do seu Presidente, depois outro sobre a prudência do raio das aventuras estrangeiras em Moscovo. Os olhos de Vadim assediaram a jovem Antonia, que transportava uma pilha de toalhas e atravessava a varanda em direção aos quartos dos hóspedes.

Sia e Anna saíram da biblioteca, e graças a Deus que se lhes juntaram, para que mais alguém pudesse falar com aquele homem. Como se tivesse lido a sua mente cansada, Sia deu início a uma conversa com Vadim acerca do tempo mexicano. Max levantou-se e caminhou debaixo de um arco coberto por trepadeiras. Sentia a pressão nas têmporas. Apesar do sol luminoso da tarde, via uma orla esbatida de nuvens aparecer a ocidente, logo por detrás das montanhas. O céu lá em cima era azul-pálido. Uma ou duas nuvens finas seguiam arrastadas pelo vento. Mas uma perturbação espreitava. Lançou um jato de fumo para as arcadas e sentiu que Vadim estava atrás de si.

– Disse que o *Smokey Joe* começou os seus novos deveres? – perguntou Vadim. – Algo acerca de uma égua que chegou do Brasil?

– Sim. Chegou na semana passada. Tenho um contrato que me obriga a mandá-la de volta assim que fique prenha.

Com o charuto apertado entre os dentes, Vadim disse:

– Quando é o próximo desempenho?

Max olhou para o relógio.

– Já viu todas as avaliações, Vadim.

Vadim esmurrou o ombro de Max, fazendo com que o charuto lhe saltasse dos dedos. A cinza incandescente espalhou-se enquanto o charuto deslizava sobre as pedras. Quando Max o apanhou, Vadim sorria.

– Mas, meu caro Max, antes de comprar o que quer que seja, gosto de ver como fode.

Houve uma breve discussão sobre se Anna e Sia deviam acompanhá-los. Anna aborreceu-se com Vadim por este insistir que fossem todos, para se divertirem, mas ele não a escutou. Com a mão no ar em direção a Anna, Sia declarou graciosamente que claro que teria todo o prazer em observar o namoro. Max afastou-se e telefonou a Roberto.

– *Sí, patrón.*

– Onde estás?

– Na pastagem dos potros, a tratar de uma sebe.

– Prepara a *Penelope* e a *Rosa* dentro de meia hora. Põe casacos. Nada

mais. Nada de armas.

Max imaginou os olhos do velho semicerrados a olhar na direção das montanhas.

– Paso Sierra, *patrón*?

– O sol brilha – afirmou Max.

Roberto soltou uma gargalhada.

Max levou-os ao abrigo. A égua brasileira era uma baía de dois anos chamada *Midnight*. Os moços de cavalaria dispensaram o pobre garanhão que a viera provocar e que, tendo cheirado os quartos traseiros para lhe alimentar o interesse, já não era necessário. Os moços assobiam quando os potros urinam o que, com o tempo, ensina os cavalos a fazerem o mesmo na hora H. Equipados com coletes e capacetes – para o caso de a égua escoucear – assobiaram enquanto levavam *Midnight* para o cercado de três lados, estreito e acolchoado. Tinham-lhe calçado botas de feltro nas patas traseiras para a proteger e ao garanhão. Um *twitch* colocado num pau comprido foi aplicado no focinho de *Midnight*, seguro por um dos moços para que pudesse manter o controlo do animal. Outro lubrificou-a, atou-lhe a cauda, depois ergueu-lhe a pata dianteira direita para a impedir de escoucear. *Smokey Joe* entrou no abrigo.

– Descobri que – segredou Vadim a Max –, como nós, há garanhões naturalmente arrogantes e irascíveis no abrigo de acasalamento. Nada de preliminares. Montam à bruta, mordem.

– Só se os deixarmos – disse Max. – Aqui os moços de cavalaria estão atentos. Não o toleramos. E o *Smokey Joe* é um cavalheiro.

Ao entrar no abrigo, o garanhão acariciou a égua com o focinho.

Um dos moços ajudou a guiar *Smokey Joe*, outros dois moviam os animais para um lado e para outro, para que o acasalamento ocorresse num espaço vazio e os cavalos não batessem de encontro às paredes do abrigo. O veterinário, tal como Max, vigiava *Smokey Joe*. O garanhão cobriu a égua, colocando as patas da frente sobre o dorso dela. Um dos moços guiou o animal com a concentração de um astronauta a conduzir módulos de um foguetão. Em breves segundos, *Smokey* ficou completamente imóvel, ergueu o focinho no ar e retraiu a boca. Depois fez nova investida, a sua cauda subiu e terminou. Vadim aplaudiu. Max reparou que Anna e Sia estavam imersas numa conversa e talvez nem tivessem reparado. *Smokey Joe* manteve-se junto de *Midnight* numa breve e agradável sensação pós-coital, que os moços de cavalaria terminaram sem qualquer cerimónia e retiraram o garanhão do abrigo.

– Cinco milhões e duzentos para o *Smokey Joe* – disse Vadim.

– Ainda é muito baixo.

– Por amor de Deus, Max, ele nem sequer a mordeu!

Max olhou para Anna e para Sia. As duas sorriam e a linguagem

corporal de ambas evidenciava um bom entendimento. Saiu do abrigo com Vadim e as mulheres seguiram-nos, desfrutando da conversa que estavam a ter. Max olhou para o céu e cuspiu. Depois voltou-se para Vadim.

– E que tal se fôssemos dar uma volta a cavalo?

A chuva começou a cair quando atravessavam as pastagens de erva e as sebes das salinas e chegaram a Paso Sierra, subindo as montanhas. Ainda não tinham subido 300 metros quando o bom senso de Vadim se apercebeu de forma violenta das nuvens densas, o que o fez perguntar a Max o que se passava com o tempo. Este abanou a cabeça e disse que provavelmente só muito depois da meia-noite. Vadim não era baixo e a sua égua pouco mais passava de um metro e meio, mas, mesmo assim, ele passara todo o seu peso para o estribo esquerdo quando subira para a sela e passara a sua perna direita, batendo com força e indiferença nas costelas da pobre égua. Mais do que tudo, cavalgava com o receio de quem nunca confiara num cavalo e, na opinião de Max, nem sequer numa pessoa. A força exercida pelo russo sobre as rédeas era, ora flácida, ora estranguladora, e Vadim montava timidamente, sem qualquer ligação com o animal. Depois chegou a chuva. Vestiram os casacos que estavam nos sacos das selas, mas a chuva vinha em lençóis gelados, que invadiam a lona e lhe encharcavam as costelas e as botas. Também o negócio parecia ter sido levado pela água e esquecido.

Subiram o velho trilho comanche nas montanhas. A água inundava o caminho, atravessando as raízes expostas dos pinheiros tortos e murchos.

– Max. Que caras! – gritou Vadim a alguma distância. – Não podemos voltar esta noite?

– O caminho está inundado – gritou Max por entre a chuva. – Não posso arriscar os cavalos. Dez minutos mais acima há um miradouro com rochas. Um abrigo. Vamos esperar lá.

A água castanha e vermelha escorria da montanha por baixo de *Penelope*. Max inclinou-se para o animal e agradeceu-lhe ter feito aquela viagem desagradável e molhada. Quando chegaram ao miradouro, colocaram os cavalos contra uma parede de rocha que, pelo menos, lhes protegia as costas da chuva. Mantiveram os animais com os arreios, segurando-os pelas rédeas, pois não havia nada a que os prender. Vadim retirou o telemóvel do bolso e fez uma careta.

– Lamento, mas aqui em cima nunca há rede – constatou Max.

– Não podemos ir para baixo?

– O caminho é um rio, Vadim.

Passaram horas em silêncio, as mãos agarrando as rédeas, os corpos alternando entre as selas e o flanco dos cavalos. Antes da noite, o vento começou a bater a chuva contra a parede de rocha. De tempos a tempos, Vadim olhava em vão para o telemóvel. Depois do cair da noite, a chuva parou, e Max começou a assobiar uma antiga melodia acerca de cavalos. As

nuvens tinham desaparecido com a tempestade e o céu estava cheio de estrelas e com uma Lua incandescente. Ouvia Vadim tremer dentro do casaco. Ainda segurando as rédeas, Max dormitou sobre a sela.

Max acordou com o esvoaçar das rolas e o primeiro raio de sol a surgir a leste da fazenda. Vadim estava sentado na sela com os olhos fechados. O orvalho escorria-lhes dos casacos. Max tocou no ombro de Vadim. O russo abriu os olhos e, pela primeira vez, Max não viu raiva neles.

– O preço é seis e duzentos – disse Max. – E não baixa. Tem de entender que não posso negociar abaixo das tabelas do mercado. É esse o preço. É esse o preço para os Kovalchuk. Para os Maktoum. Para os homens do Kentucky. Para todos. É justo, é baseado no preço de cobertura que receberá pela estrutura, músculos e ossos e registos de corridas do animal. Sabe muito bem. Ou sabe-o a sua gente. Espero que possamos fazer negócio, mas, se não fizermos, não há ressentimentos. Ontem à noite, obriguei-o a cavalgar com dificuldades, encharquei-o e, por isso, apresento-lhe as minhas mais sinceras desculpas. O tempo muda de forma incrível nestas montanhas e, por vezes, é impossível prever. – Max voltou-se e cuspiu.

Vadim estendeu lentamente a mão e inclinou a cabeça num leve aceno.

– Seis milhões e duzentos.

Max obrigou-o a endireitar-se. Apertaram as mãos.

– Bom, vamos voltar – disse Max. – E comemorar.

À medida que avançavam, Max sentia a tensão e as vibrações do sangue de *Penelope* nas artérias do seu dorso. A respiração bombeava-lhe das narinas e voltava a cabeça de um lado para o outro, porque queria correr. Enveredaram pela última extensão de erva da pastagem ocidental a galope, tendo Max o cuidado de manter sempre Vadim uns metros atrás enquanto, tal como a mãe fazia, aliciava Penelope a correr, inclinando-se para diante, carregando suavemente com os calcanhares na cova das costelas do animal.

Chegaram à fazenda à hora do almoço.

Anna e Sia estavam a ler junto à piscina. Max e Vadim traziam consigo o cheiro da lama, do suor e dos cavalos e talvez pior. Vadim fizera-os parar no caminho de volta para defecar. Tinha os olhos congestionados e vermelhos. O cabelo despenteado e oleoso. Arrepiava-o ter tido de dormir sobre um acavalo. Pagara demasiado pelo maldito garanhão.

Sia fechou o livro e levantou-se para receber Max com um beijo na face. Ele sentiu na pele os lábios dela, macios e quentes.

Os olhos de Anna pareciam brilhar, divertidos. Não se levantou para cumprimentar o marido, passou a página com um floreado e enterrou os olhos no livro.

– Meu querido – disse. – O que te aconteceu? Estás com mau aspeto.

A boca de Vadim acabava de se abrir para responder, quando Max viu o pai sair pelas portas da sala e dirigir-se ao pátio. Vestia calças de fato de

treino cinzentas, uma *t-shirt* azul demasiado grande e sandálias com meias. Vadim pareceu confuso.

– Papá? Sentes-te bem? – perguntou Max em espanhol.

– É o meu novo treinador? – perguntou o pai, num espanhol rápido, apontando para Vadim. – É porque não o conheço e não me parece um homem da CIA.

San Cristobal

Sia percebia pouco de espanhol, mas tinha a certeza de que ouvira CIA.

O pai de Max, afetado pela demência, acabara de sair dos seus aposentos e confundira o alvo russo com um novo treinador. Os olhos de Sia voaram entre os dois russos para ver se algum deles entendera.

– Onde está o Hoyt? – gritou para Max em espanhol. – Quero falar com o Hoyt.

Max já se tinha levantado, tentando empurrar o pai de volta para a sala. O velho agitou o dedo na direção de Vadim. Max resmungava e segredava-lhe em espanhol. Conseguiu empurrar o pai para dentro de casa fora da vista dos outros. Sia ouviu mais gritos e portas a bater. Anna estava de boca aberta. Que raio. Teria percebido o espanhol?

Quando regressou ao pátio, Max foi ao bar e serviu-se de uma dose generosa de mescal.

Ficaram os quatro em silêncio durante um longo momento. Sia observou Anna e Vadim. Se percebiam espanhol, iam dizer alguma coisa? Max quebrou o silêncio.

– O meu pai tem demência. Vive numa casa aqui na propriedade, mas saiu de lá. – Emborcou o mescal.

Caraças, pensou Sia. Teria um lunático dado cabo da sua operação?

Vadim foi ao armário, pegou num copo e pousou-o com força sobre o balcão de pedra. Bateu no ombro de Max e sorriu enquanto enchia o copo. Mas esse sorriso pouco fez para esconder o facto de ter no rosto uma expressão pouco simpática. E não pelo que o pai de Max dissera. Não, na opinião de Sia, nenhum dos russos compreendera. Era algo mais. Os olhos não pareciam cúmplices. Estavam zangados. O que teria acontecido no caminho?

– Estamos aqui para beber contigo, Max – exclamou Vadim, erguendo o

copo. – E ao teu pai. E à tua fazenda.

Foi o que fizeram. De tarde descansaram. Ao jantar beberam duas garrafas de vinho. A seguir, depois do jantar, mescal na cavalaria, onde Anna e Sia deram umas passas já embriagadas.

Quando regressaram aos estábulos, Max e Vadim encostaram-se à baía de *Smokey Joe* em silêncio. Max ficou aliviado quando a viu. Enquanto os quatro prosseguiam, Vadim deteve-se. Voltou-se para observar o cavalo. Tinha a mão no puxador da porta e passava o peso do corpo de um pé para o outro.

– Tudo bem, Max Castillo – exclamou. – Fazemos negócio com o *Smokey Joe* e apenas com o *Smokey Joe*. Mas há mais uma coisa. Uma condição. Têm de nos vir fazer uma visita à RusFarm. Os quatro, passamos lá um fim de semana. Venham ver-nos a Piter. E em breve.

Vadim estendeu uma mão trémula.

Max avançou, olhou um instante para a mão de Vadim e depois apertou-lha.

Abriram uma garrafa de champanhe para celebrar e conversaram junto à piscina, com música de dança a sair as colunas escondidas sob os arcos de pedra. Max e Sia despediram-se dos russos que partiriam logo de manhã. Vemo-nos em São Petersburgo, exclamou Sia a caminho do quarto. Na sua cabeça começou a delinear as mensagens, tendo em conta o modo como podia aumentar a possibilidade de Langley aprovar aquilo. Max tinha fechado o negócio do maldito cavalo durante o passeio, os técnicos tinham explorado com sucesso a tecnologia dos russos, mas, a julgar pelos olhares de ódio durante o brinde, a possibilidade de mais negócios com Vadim Kovalchuk era baixa. Com Anna, pensava Sia, podia haver esquemas. O facto de o convite de Vadim ter incluído Max, acrescentava uma complicação. Afinal, uma visita a solo seria mais simples, mais limpa. Mas Sia conseguia trabalhar nesse cenário. Havia um caminho em frente. Após dois dias com russos valiosos, só isso seria um milagre.

No quarto, Sia baixou a guarda e deixou-se cair sobre a cama, exausta. Estava quase a adormecer quando ouviu Max sussurrar: Levanta-te, levanta-te, anda Sia. Levanta-te. Tinha o computador aberto, e, embora ela estivesse apenas semiacordada e o seu cérebro obscurecido pelo álcool da noite, ouviu a tensão na voz dele e ficou instantaneamente acordada e alerta. O programa de vigilância estava aberto no computador dele. Podiam ver toda a suite dos hóspedes: duche, casa de banho, armários, sala, múltiplas perspetivas da cama e da secretária embutida. Anna e Vadim estavam de pé, cada um num lado da cama a falar russo em voz baixa. O programa de vigilância produzia uma tradução bruta em tempo real.

Anna: O que queres dizer com isso?

Vadim: Quero dizer que há algo de estranho neles. São amantes?

Não parecem íntimos. Parecem sócios.

Anna: Estás zangado com ele por causa da venda?

Vadim: Oh, isso são trocos, quem quer saber disso?

Anna: Queres tu, Vadim.

[Pausa de cinco segundos]

Vadim: Interessa-me saber que passei uma noite com os tomates gelados na porra das montanhas.

Anna: Talvez ela ande atrás do dinheiro dele?

Vadim: Se for esse o caso, ele devia foder-lhe o juízo em troca, foder o que lhe apetecesse, realmente. E achas que é isso que se passa? Ontem, quando fomos caçar, não havia raparigas. Há sempre raparigas em viagens destas. Sempre. E quando eu disse uma piada... uma piada, Anya... acerca da criada, ele azedou. Zangou-se comigo, o cabrão.

Anna: Francamente.

Vadim: Estou a falar a sério. Não és capaz de intimidade, por isso, como podes perceber?

Anna: Pois sim, esquecia-me de que tu é que és o amante especial. Tão sensível.

Vadim: Vai à merda, Anya.

Anna entrou na casa de banho. Max aumentou duas imagens de vigilância. Uma mostrava Anna sentada na sanita em roupa interior. Depois levantou-se, retirou um comprimido da bolsa dos cosméticos e engoliu-o. A outra imagem mostrava Vadim na beira da cama. Pareciam esperar um pelo outro. Minutos depois, Vadim foi à casa de banho, empurrou Anna para o lado e começou a mexer-lhe na bolsa dos cosméticos. Pegou num frasco de comprimidos e gritou qualquer coisa a Anna, que abanou a cabeça. Neste momento, o programa tinha dificuldade em traduzir, pois os russos falavam demasiado depressa. Vadim despejava os comprimidos no lavatório. Anna foi ter com ele, mas Vadim empurrou-a mais uma vez. Ela cruzou os braços, encostou-se à parede e ficou a vê-lo atirar a bolsa dos cosméticos para o chuveiro. Pelo chão de mármore, espalharam-se comprimidos, uma escova de dentes, estojos e escovas de maquilhagem. Gritavam.

Max abanou a cabeça. Passou o portátil a Sia e começou a andar de um lado para o outro no quarto.

Sia olhou para o ecrã. Anna observava a ação de Vadim com um rosto inexpressivo. Por momentos olharam-se em silêncio, depois Vadim disse algumas palavras que escaparam ao programa de tradução. Apontava o dedo à mulher. *Vira-te.* Anna disse algo, mas as palavras foram pronunciadas em voz tão baixa, que Sia não conseguiu ouvi-las através do microfone. Era como se a russa falasse consigo própria.

Depois Anna baixou as cuecas e voltou-se para a parede.

Sia fechou o portátil e foi ter com Max à janela.

– O que é que lhe fizeste lá fora? – perguntou.

– Nada que ele não merecesse.

Depois Max pegou num castiçal e bateu com ele duas ou três vezes na mesa. *Pinche ruso*, ouviu-o ela dizer, enquanto o fazia. Russo de merda. Depois, Max endireitou calmamente o velho castiçal, reuniu uns quantos fragmentos da mesa e atirou-os para o caixote do lixo. Sentou-se na beira da cama e descalçou as botas enquanto resmungava impropérios em espanhol.

– Fica com a cama esta noite – disse Sia. – Precisas de descansar.

Ele pôs as botas de lado e começou a desabotoar a camisa.

– Só se te deitares comigo. O sofá não é confortável. Não vais conseguir descansar. A cama é grande e eu sou pacífico a dormir.

E rápido, pensou Sia, quando regressou da casa de banho e ouviu a respiração lenta e pesada do sono dele, momentos depois de Max se ter metido debaixo dos cobertores. Sia subiu para a cama, mas o sono não chegou. A sua mente, a sua raiva cada vez maior, concentrava-se no que acontecia no quarto dos russos. Os seus pensamentos só foram interrompidos quando se virou para olhar para Max. Cumprindo a sua palavra, dormia um sono profundo e tranquilo, completamente imóvel, de lado. Sia sentiu-se incomodada por reparar ou sequer pensar nele, ou até na infeliz situação de Anna, pois isso sugeria algo diferente da apatia. E a apatia tinha sido até então uma boa e leal amiga de Sia Fox.

San Cristobal/Langley

Na manhã seguinte, Sia acordou para ver o avião dos russos subir e desaparecer por entre o nevoeiro. Max continuava a dormir na cama. Sia foi buscar uma caneca de café à cozinha e dirigiu-se ao pátio para tratar da ressaca. Nessa manhã, o nevoeiro surgira denso, frio e húmido. Aconchegou-se no roupão para evitar o frio. Ao passar, uma governanta mais velha fez má cara a Sia. Max foi ter com ela e, durante algum tempo, ficaram sentados em silêncio. Nuvens cor de ardósia rodopiavam em volta do cume do monte.

– Vamos dar uma volta – disse ele por fim.

Meteram por um caminho húmido que, a partir da casa, os levava à pastagem ocidental, serpenteando ao longo do mesmo ribeiro em que Sia e Anna tinham dado água aos cavalos.

– Temos de trabalhar numa coisa – declarou Sia, quando se detiveram para observar um pequeno grupo de javalis, porcos selvagens, que fossavam em volta de uma zona de iúcas na encosta do monte. – A Anna não é uma vítima mal-humorada – declarou Sia. – Há algo sob a sua superfície. É teimosa e está disposta a correr riscos. Ninguém sabe o que é capaz de fazer se lhe surgir uma oportunidade. E Vadim não é de modo algum o nosso objetivo. Concordas?

– Absolutamente – respondeu. – E *tu* é que tens a Anna como alvo, Sia. Tens uma razão para a visitar na Rússia. Deu resultado, mas não da maneira que esperávamos.

Ficaram mais algum tempo a olhar para os javalis, depois regressaram. Sia saboreava um belo travo de adrenalina. Anna era a presa. E agora, Sia e não Max, seria o caçador principal.

De volta a casa, Sia compôs a mensagem. Sentaram-se nos sofás da antiga capela. Max ficou a ver corridas de cavalos enquanto ela escrevia.

Sia resumiu os acontecimentos mais importantes dos últimos dois dias,

optando por excluir partes como o pai de Max e a irritação de Vadim no passeio pelo trilho. Uma boa NOC sabia o que excluir. Terminou declarando que estavam preparados para aceitar o convite para se reunirem a Anna e Vadim na Rússia. Escreveu todas as palavras para guiar o Moscovo X e as chefias do Sétimo Andar na direção desse resultado. E embora o subdiretor Bradley fosse considerado operacionalmente agressivo, Sia receava principalmente os longos debates e a consequente inação do Sétimo Andar. Havia ótimos operacionais a morrer à nascença, graças às perdas de tempo de Langley, embora este, tratado pelo Moscovo X, tivesse reconhecidamente uma melhor hipótese, dada a reputação de Procter de destruir burocracias.

Depois de ler e reler a mensagem já terminada, mostrou-a a Max, que assentiu e disse *envia-a já*, antes de voltar às corridas. Ela assim fez, depois pegou no telefone para consultar a sua mais que cheia caixa de mensagens. Afinal, o seu verdadeiro trabalho era a advocacia.

Max tratou de que o jato de San Cristobal a levasse à Cidade do México para o voo de volta a Londres. Levou-a de carro até à pista e estacionou junto à zona de carga.

– Se Langley nos der luz verde, entras nisto? – perguntou Sia a olhar para o avião.

– Depende, suponho eu.

– De quê?

– Do que a Procter perguntar.

– Tudo bem. Mas o que queres *tu* fazer? Podes dizer não, não é verdade? Tens escolha.

Ele encolheu os ombros.

– Talvez gostasse de ver a RusFarm.

Max subiu as escadas com a mala e meteu-a no avião. Despediram-se com um abraço. Depois ele beijou-a nas faces e seguiu pelo corredor.

– Ei! – chamou ela.

Max voltou-se.

– Porque queres ver a RusFarm? – perguntou ela.

– Digamos que se trata de curiosidade profissional.

Enquanto Max descia a escada, Sia apercebeu-se por um breve instante de uma expressão já não disfarçada no olhar dele. Essa curiosidade, pensou ela ao sentar-se, era tudo menos profissional.

Devido às favoráveis perspetivas sobre confidencialidade e fraude da parte do seu patrão, os subordinados de Procter no Moscovo X eliminavam ritualmente qualquer vestígio de espionagem criado pelos seus NOCs. Eliminar ou obscurecer a verdadeira fonte da espionagem, até para os que pertenciam à CIA, era para Procter uma das partes preferidas do trabalho. Como tal, falsificou os relatórios do México, para que não pudessem conduzir outros agentes da CIA a Sia, Max, Vadim ou Anna.

Ao princípio da noite, dois dias após a conclusão da operação San Cristobal, Procter foi visitar George, um dos técnicos superiores, um homem alto e magro que roubara à NSA. George estava instalado num gabinete sem janelas, dentro dos espaços do Moscovo X. A luz saía de uma dúzia ou mais de terminais de computadores para se refletir na pele macilenta de George. Até aí as notícias sobre a operação técnica não haviam sido prometedoras.

Procter deixou-se cair numa cadeira ao lado de George. O técnico, que debicava uma *Pop-Tart* azul de framboesa por torrar, não reparou na Chefe senão quando ela lhe apertou o ombro.

– Novidades, Georgie – disse ela. – Novidades.

– Não há boas notícias – disse ele com algum gozo, o que irritou Procter. George sacudiu as migalhas das mãos.

– Conta-me.

– O computador e o *tablet* do Vadim são para uso pessoal. Tenho a certeza. Não há *emails* de trabalho. Não há ligações à rede do banco Rossiya. Não faz neles a gestão dos negócios da RusFarm. Nada. Creio que o Vadim adota os protocolos de segurança, como nós quando vamos para fora por pouco tempo. Nada que esteja relacionado com o trabalho vai com ele.

– Alguma coisa de interessante a nível pessoal?

– Só fotografias dele, namoradas, *emails* para as namoradas. Há aos montes nas máquinas dele.

– Investigaste as miúdas?

– Sim, aquelas que consegui identificar. Até agora não encontrei ninguém de importância dentro da Rússia. São assistentes, prostitutas, empregadas de lojas. Ninguém com um marido raivoso ou influente, se é isso que procuras.

– É isso mesmo que procuro.

– São estas as más notícias – disse George. – Não consigo usar estas imagens para levar sequer a cabo um reconhecimento básico na rede do Banco Rossiya, muito menos ter acesso a quaisquer informações financeiras do Putin que possam existir nelas.

– Merda! – resmungou Procter. – Passa-se o mesmo com o da Anna?

– O mesmo – disse ele. – Uso pessoal. Pouco. Poucas fotografias. Tem uma história muito fraca de buscas na net. O modelo do portátil tem três anos, mas se me dissessem que ela só o tem há uma semana, acreditava. Sabes o que se diz acerca de pessoas que viajam com tecnologia assim, não sabes?

– Não gosto de adivinhas, Georgie. Perturbam-me.

George continuou:

– A pessoa, ou é terrorista, criminosa ou agente secreto.

Sem pedir licença, Procter retirou a segunda *Pop-Tart* da embalagem de alumínio e deu-lhe uma enorme dentada.

– Espero que a Anna seja apenas uma dessas coisas, Georgie, mas aposto em duas.

Três dias depois de os russos terem saído de San Cristobal, Moscovo X criou uma tapeçaria de dez mensagens operacionais disfarçadas, que Procter enviou apenas para duas pessoas em Langley: para o diretor, que provavelmente não as leria, e para Ed Bradley, que quase certamente trataria de as ler. De facto, não lhe agradava a ideia nem as palavras, mas fosse como fosse, tinha de as enviar a Bradley. E Ed iria decidir se continuavam a aventura na fortaleza da Rússia.

Uma hora após ter enviado as mensagens, Procter recebeu ordens para se dirigir ao gabinete de Bradley.

– Artemis, tenho cinco minutos – disse, depois de ela se ter sentado debaixo do lança-granadas. – Depois, tenho de me preparar para o jantar com o presidente do SSCI.

– Bolas! – exclamou Procter, baixando os dois polegares.

Ele bateu com um dedo no nariz e disse, logo a seguir:

– À parte estas mensagens da treta, preciso de saber se compreendi tudo bem. Temos um convite em aberto para que os nossos agentes visitem uma coudelaria de puros-sangues nos arredores de São Petersburgo, gerida por um dos homens que trata das finanças de Putin.

– Exatamente.

– E a mulher dele é banqueira. Contactou uma das nossas NOCs em Londres.

– Sim.

– E as pistas estão todas confirmadas?

– Exato.

– E a tua NOC pensa que eles a recrutaram?

– Sim. O marido, o gestor do dinheiro, é violento. Não admira que não gostem um do outro. Vou apressar o processo.

– Não podemos empatar, para os fazermos sair novamente da Rússia?

– Duvido.

– Porque não?

– Porque o russo abusador de mulheres comprou um cavalo por seis milhões a um dos meus agentes e insistiu em que a próxima visita seja em São Petersburgo.

Bradley soltou uma gargalhada.

– Não me digas, Artemis. Francamente.

Procter tentou sorrir. Andava já a praticar.

Bradley folheou alguns documentos.

– O verdadeiro nome da NOC... é Hortensia Fox.

Procter interrompeu-o.

– Sia. Dá pelo nome de Sia. Fica irritada quando a tratamos pelo nome próprio.

– Muito bem. A Sia recebe uma chamada de um membro do clã Agapov, semanas depois de ajudar o Ganso, rival do clã, a esconder o dinheiro. Coincidência?

– Não, que raio. Estamos a ser sugados pela retrete do poder da política do Kremlin. O que é bom, porque não fazemos a mínima ideia do que está nos canos, para além da merda, claro. Mas creio que a Anna quer algo da nossa NOC. Daí a aproximação.

– A informação daquilo que fez com o dinheiro do Ganso?

– Provavelmente. Tem de ser, não é verdade? Os russos estão a contar que a Sia seja gananciosa, recebendo honorários se trabalhar para ambas as partes.

– Certo. Que confusão. – Bradley juntou os dedos sobre o nariz. – Qual a opção mais favorável a partir de vários pontos de vista?

– Aqui, o melhor ângulo será Anna ajudar-nos a conseguir acesso à tecnologia de Vadim. O computador e as redes que usa para gerir o dinheiro do Putin. Infelizmente, aqui no México, ficámos emperrados nesse aspeto. A tecnologia trazida pelos russos estava limpa. Completamente limpa. Não tinha nada de útil, nem um burquinho que nos levasse a redes úteis.

Bradley entrelaçou as mãos atrás da cabeça e recostou-se fazendo ranger a cadeira.

– Qual é o pior cenário?

– Se a Anna pertencer aos serviços secretos, provavelmente vai querer a Sia dentro da Rússia, para a poder manobrar. As coisas podem sempre correr mal.

– E por vezes os russos têm falta de paciência nestes casos.

– É verdade, é verdade, com o caraças. Mas a Sia suspeita de que essa miúda russa, a Anna, é diferente. A Sia pensa que ela talvez esteja a tentar recrutá-la, considera-se uma artista, as tretas do costume. Aposto que a Anna é do SVR ou trabalha para eles, embora ainda não tenhamos qualquer prova. Porém, o pai foi o primeiro Chefe do Diretorado da KGB. Faria todo o sentido.

– Lendo aqui nas entrelinhas – prosseguiu Bradley –, tenho razão em pensar que se os mandasses a São Petersburgo, levarias os russos a acreditar que estavam, ao mesmo tempo, a recolher informações sobre a nossa advogada NOC?

– Seria a única maneira de garantir a segurança dela. Teria de ser autorizada a entregar a informação acerca do dinheiro do Ganso. Tem de ser isso que a Anna quer. E, se for, facultamos-lha. Por que diabo não o faríamos?

– Ficaremos numa situação precária, Artemis.

– Bem sei, mas o nosso trabalho é assim mesmo.

– A Sia tem a ligação profissional com a Anna – disse Bradley. – Para quê mandar o Castillo? Normalmente não é assim que o utilizamos.

– Creio que será útil pedir ao Max que venha também – declarou Procter. – Pode manter o Vadim ocupado, dar espaço à Sia. Ele e o Vadim podem ocupar-se com a merda dos cavalos, ou o que for. E merda, Ed, sabemos os dois que o Max pode dizer que não. Provavelmente dirá que não. No pior dos casos, a Sia irá sozinha. No melhor, ele irá como ajudante de

campo, para lhe dar cobertura.

O caloroso sorriso de Bradley escondia o ceticismo que Procter sentia instalar-se no gabinete. Guy teria provavelmente mostrado aqueles dentes a uma centena de agentes de merda no decorrer dos anos – o tipo de sorriso persistente que se enverga para mostrar aos amigos e à família quando se trabalha no terreno.

– Neste momento e sem tretas – disse ele. – Quais são as possibilidades de a Sia recrutar a Anna? Dá-me um número. Faz-me a vontade.

– Sete por cento. Normalmente as possibilidades com os russos ficam abaixo de um por cento. Aqui, temos mais com que trabalhar.

O mesmo sorriso.

– Parece-me alto. A Sia está de acordo em entrar nisto? É óbvio que compreende os riscos.

– É uma agente muito boa. Dura como o aço, mas também o quer provar. Tem uma adrenalina complexa. Sim, que raio, quer entrar. Quer o escalpe da russa.

– E parto do princípio de que pensas que os devemos mandar. Mesmo com os riscos e uma possibilidade de sucesso de sete por cento?

Procter esperou e refletiu um pouco.

– Sem dúvida. O nosso trabalho é coligir, não ficarmos com o rabo sentado à espera de que as informações nos venham bater à porta. Atualmente não estamos a conseguir grande coisa dos agentes secretos russos. E se pudermos tentar apanhar um idiota russo de primeira classe, devemos aproveitar.

Bradley tamborilou com os nós dos dedos na mesa, levantou-se e vestiu o casaco.

– Dá os meus cumprimentos aos agentes. E manda-os para São Petersburgo, assim que pudeses.

RusFarm

O mundo de Anna girava à volta de um homem: Vladimir Putin. Mas estivera com ele apenas três vezes. Duas em aniversários do pai de Vadim e outra na comemoração do Dia da Cheka em Yasenevo. Cada encontro não tinha durado mais do que uns segundos.

Acabara por pensar muitas coisas em simultâneo acerca de Putin. Um czar todo-poderoso e o desanimado gestor de um sistema desgovernado, maior do que ele mesmo. Um déspota e o emissor de uma vaga e, por vezes, ignorada orientação, um ídolo público e a origem privada de anedotas e risos disfarçados. Afinal, pertencera ao antigo Segundo Diretório da KGB. Um bandido, não um artista como os homens dos serviços secretos estrangeiros que rodeavam o pai dela. Como o resto do nosso país, pensou ela, é orgulhoso e inseguro, agressivo e mesquinho, forte e fraco. Era tudo e não era nada, mas, por vezes, tinham de se estar nas tintas em relação a ele, porque ele era o centro do mundo russo. O *khozyain*. O senhor. Sem ele o mundo não girava. A existência dele não era boa nem má. Era – apenas.

Porém, agora, a ausência do *khozyain* governava os acontecimentos. O pai contara partes da sua desagradável discussão com o Ganso no Kremlin. O suficiente para que Anna compreendesse que o Ganso, de momento, tinha liberdade para o desfazer.

Agora Anna entrava nos estábulos da RusFarm acompanhada pelo pai e por Vadim. Todos tinham concordado que os estábulos eram um local pouco provável para o Ganso ter colocado microfones. O pai passava as mãos pelos cabelos, mordida o lábio, pestanejava em demasia, cheio de uma energia maníaca que contagiava os pobres cavalos e os levava a relinchar nas baias. Anna encostou-se à porta e ficou a ver Vadim raspar estrume de um mocassim italiano. O pai fechou a porta do estábulo e perguntou a Anna:

– Quantos dias?

– Chegam dentro de cinco dias – respondeu ela. – Talvez uma semana. Ainda estamos a tratar de confirmar o horário do namorado e a entrega do garanhão. Assim que chegarem, levaremos uns dias a tratar de tudo.

O pai resmungou.

Vadim olhou para o pai dela.

– Talvez tentemos trabalhar o namorado mexicano. O homem dos cavalos – disse. – Mais oportunidades para termos margem de manobra.

O pai, agitado, deu uns quantos puxões aos dedos.

– A advogada tem as informações financeiras do Ganso. Quem quer saber do mexicano?

Vadim dava pontapés na palha com o mocassim.

– Quero eu. Quero a quinta dele. A terra é excelente e há os puros-sangues. Um investimento sólido. Um canal para movimentar dinheiro para dentro e para fora da América do Norte.

Anna tinha de admitir que ele tinha razão.

– Oh, por amor de Deus – disse o pai, esmurrando exasperado o peito de Vadim. – Não te distraias. Precisamos dos podres do Ganso, tudo o resto é ruído, entendes?

Vadim olhava para a palha. Deu meia-volta com ar ofendido.

– Vadim Yurivich – disse o pai dela. – Diz-me que vais deixar a tua mulher gerir esta operação. Diz-me que compreendes.

Vadim cerrou os dentes e afastou os olhos.

– Compreendo, Andrei Borisovich – murmurou.

– Ainda bem – afirmou o pai dela. – Então Anna, qual é o plano?

Ela informou-os.

Quando terminou, viu Vadim sair aborrecido dos estábulos, desculpando-se com a mentira de ter negócios urgentes em Piter.

O pai voltou-se para ela.

– É um bom plano, minha querida. Um bom plano. – Pousou a mão no focinho de um cavalo curioso que espreitava de uma baia. – Houve um pormenor que, para mim, se destacou no relato que fizeste do México. Escreveste que a advogada e o mexicano interagiram um pouco...

– Roboticamente – disse ela. – Sim, foi isso que escrevi.

– E porque achas que isso aconteceu? – perguntou ele.

– Várias razões – disse Anna. – Ele pode ser um católico puritano. Por exemplo, não houve muito contacto físico no México. Não pareciam... conhecer-se bem. Ou talvez estejam a usar-se um ao outro para contactos.

– O mexicano é um homem atraente? – perguntou o pai.

– É bonito – respondeu ela. Rico e bonito. A advogada também é atraente.

– Duas pessoas atraentes numa nova relação deviam comportar-se de certa maneira – disse o pai. Fez um gesto obsceno com a mão. – Se as coisas parecem estranhas... – o pai calou-se, enfiou as mãos nos bolsos e apontou com o queixo em direção à casa. – Dentro de dias terás oportunidade de o

verificar.

– Vamos ter observadores por toda a quinta – declarou Anna. – Saberemos se se comportam como é devido. – Fez o mesmo gesto obsceno e o pai riu-se.

Anna sentia a macia pele de raposa nas suas costas nuas, traseiro e pernas. Estava afogueada e transpirada, assim tão perto do lume, e as sombras lambiam o estuque a descascar do teto. Luka regressou da cozinha com duas cervejas, ela recebeu a sua com um beijo. Beberam a olhar para as chamas.

– Que tal a tua viagem?—perguntou ele.

– Boa.

– O que fizeste?

– Não fiz grande coisa. – Ela inclinou a cabeça sobre o ombro dele e bebeu um pouco de cerveja. Ele gostava de beber cerveja depois do sexo e agora ela também.

– Creio que me estou a apaixonar por ti, Anya – disse ele.

Ela sentou-se com uma gargalhada e empurrou-lhe o ombro.

– Cala-te Luka. – Um gole de cerveja.

Ele riu, depois o seu rosto cobriu-se de sombras e abanou a cabeça.

– Estou tão envolvido – disse em voz comedida, determinada.

– De que estás a falar? – Anna sentia a pele em volta dos olhos estremecer.

– Estou sempre a pensar neste lugar – deu uma volta. – Penso em ti. Preocupo-me contigo.

Esse disparate.

– Sei tomar conta de mim.

– Bem sei. Não é disso que estou a falar.

– Então é de quê, Luka? – Levantou-se para o olhar de frente. – Hã?

– Estou a falar, Anya, de esta noite ter visto cada centímetro do teu belo corpo e de haver pequenas nódoas negras onde não devia haver. E...

Ela bateu com força com a garrafa na prateleira da lareira.

– Para – disse em tom sibilante. – Temos regras, Luka, ou já te esqueceste? Não falamos destas coisas aqui. Este é um lugar à parte, um lugar sagrado. Não falamos da porcaria da minha outra vida, do meu marido de merda, de nada disso. Que raio se passa contigo esta noite?

Ela ficou de pé, a olhar para ele de cima, de mãos na cintura. Ele, agitado, bebeu um gole de cerveja, pousou a garrafa e levantou-se para ficar em frente dela.

– Bem sei que não gostas dele, mas não me agrada partilhar-te. Gostava que tu e eu não tivéssemos tantos segredos.

– Tem de haver segredos, Luka.

– A minha mãe e o meu pai disseram a mesma coisa – disse ele.

Ela observou-lhe os olhos à luz do lume. Tinham uma expressão firme,

confiante – olhos que sabiam o que queriam.

– O que estás a dizer? – perguntou ela. – Queres os meus segredos? A roupa suja? Queres saber mais acerca do Vadim? Do meu pai? Talvez mais acerca do dinheiro? Da coudelaria, das vivendas, dos apartamentos? A guerra em que a minha família está agora metida, com bandidos que nos querem cortar o pescoço?

Luka dirigiu-se à roupa, que tinha ficado apressadamente amontoada assim que entraram. Afastou o sutiã dela para agarrar nas suas boxers e começou a vesti-las.

– Pois claro – disse Anna. – Vá. Vai-te embora, é mais fácil assim.

Ele tinha uma expressão triste. Nem zangada, nem violenta. Triste.

– Não me vou embora – declarou.

Ela ficou ali, nua, a vê-lo vestir-se. Ele entrou no quarto e fechou a porta. Anna acabou de beber a cerveja dele e arrastou o cobertor para o sofá. Fechou os olhos.

Horas depois, ainda não conseguira conciliar o sono.

O lume apagara-se e a sala parecia uma geleira, com o aquecedor a gemer numa luta vã contra o frio. Lá fora, a Street of All-Holidays ainda estava envolta na noite fria de inverno. Anna não sabia o que fazer com Luka, mas sabia que a vida sem ele seria mais negra, o que para já era suficiente. Foi para o quarto e deitou-se ao lado dele. Ele voltou-se e, sonolento, beijou-a nos lábios.

– Vou contar-te uma história – disse ela.

Seis meses antes de, por fim, se ter tornado mulher, Anna Andreevna Agapova ouviu rumores do seu casamento com Vadim Yurivich Kovalchuk. Corria o ano de 2002, ela tinha ela 15 anos, o seu desenvolvimento físico já estava atrasado e o velho apartamento era ainda um poço de sombras tristes, embora tivessem passado cinco longos anos desde a morte da mãe. O pai aposentara-se recentemente do SVR pois, ao contrário de muitos dos ex-agentes da KGB, que se tinham reunido em volta do novo presidente, o pai não deixara o serviço pelos negócios nos anos 1990: ficara para subir até ao terceiro andar executivo em Yasenevo. Anna lembrava-se de que ele se aposentara em 2000, dois anos depois de a mãe ter morrido.

Com a sua pensão e a banal corrupção dos burocratas russos, o pai conseguira uma existência confortável. Reuniu os fundos para comprar a abandonada *konezavod*, uma coudelaria soviética, que posteriormente se transformaria em RusFarm. Mas sentia-se ansioso e à deriva depois da morte da mulher e lançou-se nos negócios após a reforma. Embora não fosse rico, Andrei Agapov tinha amplos conhecimentos políticos e na segurança. E foi assim que ficou próximo de Yuri, o pai de Vadim, um banqueiro de sucesso

com ligações a Putin.

O pai levou-a para um passeio no bosque junto à velha casa na propriedade e perguntou-lhe o que pensava de Vadim. Era três anos mais velho do que ela e não era seu amigo – tinham falado talvez uma ou duas vezes, embora tivessem frequentado a mesma escola internacional. Ele era atraente e popular. A família tinha dinheiro. Mesmo nessa altura, Anna apercebia-se de que eram camponeses em comparação com os Kovalchuk. Vadim, no ano preparatório para a universidade, parecia ocupar um mundo diferente da prepubescente Anna Andreevna, que frequentava o décimo primeiro ano. As perguntas do pai eram bastante inocentes. É um rapaz simpático? Que reputação tem? Porque não falas com ele na escola? Ela tinha pouco a dizer; não o conhecia.

No mês seguinte a família Kovalchuk fez-lhes uma visita.

Anna fora a mais horrenda das criaturas, uma miúda de 15 anos, e as suas recordações da primeira parte desse fim de semana tinham principalmente a ver com o facto de não se ralar nada com coisa nenhuma. Ficara calada, tímida, metida consigo. Anos depois, os psicólogos do SVR ligariam aquilo à morte da mãe. A mãe fora a única pessoa que ela vira impor-se ao pai. Se Anna saísse com ele e encontrassem um dos seus colegas, os homens eram sempre deferentes, curvando-se praticamente e rindo de piadas que ela sabia não terem graça, porque a mãe não se ria delas e dizia-lhe por vezes para não dizer aquelas coisas em casa. Mas a mãe morrera e Anya era uma adolescente taciturna que se sentiria perfeitamente feliz andando amuada pela *dacha* durante todo o fim de semana, evitando os Kovalchuk e o pai, afastando-se para a floresta para ler um livro. Vadim ignorava-a. Ótimo. Ela não se importava.

Ouviu pela primeira vez a palavra *casamento* dos lábios da mãe de Vadim. Claro que Anna não a devia ter ouvido. Estava sobre uma pedra lisa no bosque, sem *t-shirt*, como um lagarto a cozer ao sol. Encontrava-se suficientemente perto do caminho para conseguir ouvir uma conversa em tom zangado, e suficientemente abrigada atrás dos troncos das árvores e dos espinheiros para se manter fora da vista. Anna tinha-se habituado a uma linguagem desagradável nos anos após a morte da mãe, ainda que se tratasse principalmente da raiva incendiada pelo *brandy* do seu pai viúvo, que apenas percebera o quanto amava a mulher após a morte dela.

Mas a mãe de Vadim dissera-o. Anna ouvira a palavra “casamento” de uma forma tão clara como uma noite de verão em Piter, e era óbvio que os Kovalchuk se mostravam cétricos acerca da união. Anna manteve-se completamente deitada e imóvel na pedra enquanto eles passavam, até a conversa se afastar para o céu brilhante de verão e ela deixar de a ouvir. O dia estava quente, mas nunca ela se sentira tão gelada. Casamento? Não conseguia imaginar por que razão o pai sugerira tal coisa.

Quando confrontado, o pai não o negou. Disse-lhe simplesmente, por favor Anya, está calada, estás a fazer uma cena. Estavam na praia de seixos na

margem do lago. Ela tinha exigido falar com o pai e ele sugerira um passeio. A tal veia inchava no seu pescoço. Ela disse-lhe o que tinha ouvido. Ele resmungou para consigo. Depois fez estalar os grandes nós dos dedos e disse-lhe que falasse. Que dissesse o que tinha a dizer.

Eu vou escolher o meu próprio marido, disse ela. Ele não respondeu. Tratou de perguntar a Anna o que queria ela fazer com a sua vida. Tinha 15 anos e o pai nunca lhe tinha feito aquela pergunta. Foi apanhada de surpresa, mas não sabia a resposta.

– Quero fazer o que tu fizeste, pai – disse ela.

Ao ouvir isto, ele deteve-se e abanou a cabeça.

– Por que raio havias de querer fazer isto, Anya?

– Vejo como as pessoas olham para ti – disse ela. – Respeitam-te, pai. Também quero isso.

A resposta pareceu desanimá-lo. Ela não percebia porquê. Ele devia sentir-se entusiasmado ao ouvir que a sua única filha lhe queria seguir as pisadas, ou não?

Os Kovalchuk, disse ele, pensavam que ela não estava a ser sociável. O pai disse-lhe em tom sibilante que falasse com Vadim.

Anna encontrou-o sozinho na praia. O olhar dela desceu-lhe pelo tronco musculoso e pelo fino trilho de pelos escuros que lhe descia do umbigo ao interior dos calções de banho quando, sentindo o olhar dela, ele se voltou para a olhar. Tentou sorrir, mas parecia aborrecido.

– Montas a cavalo? – perguntou ela.

— Sim.

– Queres ir dar um passeio comigo?

Nessa altura, os Agapov tinham duas éguas. A de Anna era *Anastasia*, uma *andaluza*, branca. A segunda era *Sophia*, uma *budyonny*. Pertencera à mãe. Anna confiava nas duas, mais do que na maioria das pessoas, e ficou intrigada ao ver que Vadim as agitava. E Vadim, apesar de ter afirmado que sabia montar a cavalo, também não parecia à vontade. Anna selou ambas as éguas e viu-o ter dificuldade em montar *Sophia*, que tinha pouco mais de um metro e sessenta de altura. Ele dissera que não precisava do bloco para montar. Quase caiu por duas vezes e praguejou antes de se erguer desajeitadamente, atirando com o pé esquerdo para o lado esquerdo da égua. Anna usou o bloco de montar porque era baixa. E sensata. Dirigiram-se para um dos caminhos da floresta.

– Ouviste do que estavam a falar? – perguntou Vadim.

– Um pouco.

– O que achas?

– Acho que é estúpido.

Ele encolheu os ombros.

– Acho que eles apenas querem ver se concordamos. Vou para Oxford para o ano. Vai haver miúdas inglesas. – Solto uma gargalhada.

Baixaram-se ambos para evitar o tronco de um pinheiro que caíra sobre

um emaranhado de ramos de árvore por cima do caminho.

– Onde queres continuar a estudar? – perguntou ele.

– Lomonosov – respondeu. – Como os meus pais.

Ele torceu o nariz.

– Queres trabalhar depois da universidade?

– Vou para o SVR, como o meu pai.

Foi então que ele riu com gosto, e foi ainda pior do que se estivesse apenas a trocar das palavras dela. Riu-se porque pensava que Anna estivesse a brincar. Esta concluiu que os cavalos tinham razão. Não gostava de Vadim Kovalchuk. Ele tentou recuar ao ver que ela falava a sério.

– Pensei que estivesse a brincar – disse.

– Porque havia de estar?

– Não há muitas mulheres a trabalhar no SVR.

– E então?

– Bom, olha, estou só a dizer que não há muitas. Tem calma. Não estou a querer discutir contigo.

– Então o que estás a fazer?

Vadim suspirou.

– Esquece.

Cavalgaram em silêncio até que a floresta se transformou numa pastagem baixa e ondulante. Ali, a mãe ensinara-lhe que devia cavalgar a galope. Vadim acompanhou-a.

– Que tal uma corrida até à primeira colina? – perguntou.

– Não me parece. Não sabes montar.

A égua relinchou e começou a sobressaltar-se como se concordasse.

– O primeiro a chegar à colina – disse ele. Depois puxou as rédeas com violência e bateu com os calcanhares nos lados da égua.

O único instinto de Anna: não perder. Pôs *Anastasia* a galope e começou a encurtar a distância entre ela e Vadim, que seguia agora dez metros, sete metros, mais adiante. Exigia demasiado de *Sophia* sem lhe oferecer o encorajamento que a égua estava habituada a esperar. A mãe fora uma dona gentil e amorosa; o animal cheirava o medo do seu atual cavaleiro. Se *Sophia* não confiava nele, não lhe daria todo o seu melhor.

A égua vingava-se e abrandava a cada chicotada de Vadim nas suas costelas. Anna começou a encurtar a distância: sete metros, depois cinco, depois dois. No comando, pensou, pela primeira vez em todo o fim de semana. O vento quente do verão fazia-lhe ondular o cabelo quando parou ao lado de Vadim, cujos olhos brilhavam de raiva impotente. Olhou em frente, desviando os olhos dele, e à medida que se afastavam, subia o tom dos insultos à égua, o que fez Anna pensar se não lhe seriam dirigidos. Quando atravessaram a erva e galoparam pela colina, ela sorria. E continuou a sorrir quando abrandou para se voltar. Queria ler-lhe a derrota no rosto – gostava de ver os outros perderem quando competiam com ela – mas quando chegou à colina, a égua dele deteve-se com um salto arqueado e Vadim, que não estava

à espera, deslizou por cima das crinas do animal e caiu no chão. Anna riu e dirigiu-se a Vadim, até encontrar um local onde o seu rosto triunfante cobriu o sol e lançou sombras nos olhos dele.

Quando acabou de contar a sua história, pousou mais uma vez a cabeça na almofada e fechou os olhos. Os minutos rolaram intemporais, no quarto apenas se ouvia a respiração de ambos, e ela estava quase a dormir quando Luka disse:

– Quem me dera ter-te conhecido nessa altura.

Anna sorriu, com os olhos ainda fechados.

– Fomos misericordiosamente poupados um ao outro na nossa juventude.

Seguiu-se um agradável silêncio.

– Em que estás a pensar? – disse ele, acariciando-lhe a face.

Anna abriu os olhos e os seus lábios entreabriram-se num sorriso malicioso.

Ele riu-se, como era seu hábito quando ela o controlava, e deitou a cabeça na almofada.

– És uma mulher difícil, Anna Andreevna.

Ela rolou para cima dele, para lhe beijar os lábios, o pescoço, a testa, os lábios. Quando sentiu que ele estava pronto, puxou-o para dentro de si para o sentir erguer-se através dela. No corpo dele não havia segredos, dizia-lhe a verdade. Manteve-o ali por um momento, fechado na imobilidade. Os primeiros traços da madrugada pintavam o gelo na janela quando ele deitou Anna de costas, as pernas dela a envolverem-no. Em breve o ritmo de ambos a aqueceu, expulsou o frio e deixou um fino traço de transpiração na sua testa, com os caracóis louros e húmidos a tocarem na almofada. Ele mexia-se bem e o prazer dela aumentava tão depressa, o seu corpo enrolava-se, prestes a libertar-se em maravilhosas ondas rolantes. Ele reagiu com segurança, suavidade e firmeza. Quando Anna emitiu um som, ele beijou-a e os lábios dele sabiam a cerveja. E ele olhou-a nos olhos, vendo o que lhe estava a fazer. Manteve o olhar. Ela imaginou o que o seu corpo lhe diria. Se não houvesse segredos. Se lhe dissesse a verdade.

St. Ives, Cornualha

Os veraneantes que alugavam a Beasley Cottage eram discretos. Os carros alugados iam e vinham durante a semana em que a ocupavam, e muitos dos habitantes locais, aborrecidos na estação baixa de finais de outono, tentavam estar a par daquilo que calculavam ser um grupo de visitantes abastados vindos de Londres, a gozar uma última escapada antes da chegada do inverno. Shelton, o proprietário da garrafeira, observou que, aparentemente, o pilar do grupo parecia ser o casal, Max e Sia, que ele conhecera quando tinham vindo comprar mantimentos. Uma escapadinha, dissera-lhe Sia, quando ele lhe perguntara porque tinham vindo para St. Ives fora da temporada. Era advogada em Londres, disse, mas tinha um leve sotaque que Shelton não conseguiu identificar. Gostou do modo como fizera contacto visual, porém, algo nela parecia inacessível, coisa que a Sheldon também agradou e que explicava a razão pela qual, apesar da sua significativa herança e modesta beleza, se mantinha solteiro aos 51 anos.

A princípio, pensou que fossem colegas de trabalho. Uma tarde, sendo Sheldon um homem curioso, que se orgulhava de bisbilhotar, seguiu-os pela loja, reparando nos vinhos que compravam e inquirindo se Max trabalhava na mesma firma que Sia. Podia jurar ter notado um brilho assustado ou preocupado no olhar de Sia, mas não tinha a certeza, pois desaparecera tão depressa como surgira. Max pôs-lhe a mão no ombro. Namoravam. Ele era mexicano e tinham-se conhecido através de um amigo comum.

Havia outra mulher que viera à loja apenas uma vez, no terceiro dia da estada do grupo em Beasley. Era baixa, de cabelo negro e encaracolado, e não lhe respondeu ao cumprimento. Comprou apenas doces. A sua energia pôs Sheldon pouco à vontade, o que o tornou falador. Partindo do princípio de que os doces eram para as crianças, perguntou-lhe quantas trouxera para St. Ives. A mulher não respondeu. Shelton tentou sorrir, mas viu que os olhos dela,

verdes e brilhantes, reluziam de violência.

– O tipo da garrafeira é um chato de merda – declarou Procter quando regressou à casa segura. Largou o saco sobre a mesa e dele saíram pacotes de doces coloridos. Apontou para aquela confusão, dizendo que eram para todos. Max abriu um pacote para ser educado.

Procter chegara de Langley cumprindo um itinerário sinuoso através de quatro países do Espaço Schengen. Sia cancelou jantares com clientes, reuniões de trabalho e uma viagem a Paris. Um pouco de descanso e divertimento, explicou a um intrigado – e infeliz – Benny Hynes. Max veio de avião de San Cristobal. Três dias de passeios na praia, compras e descanso em St. Ives cuidadosamente agendados, ajudados por duas equipas de contravigilância que não tinham até aí detetado a presença de observadores russos.

Existem apenas alguns países no mundo para onde não seria aconselhável um NOC viajar com um *software* clandestino de comunicações inserido no seu telemóvel ou computador. A Rússia é um deles. Por isso, um técnico apareceu na casinha e retirou o *software* dos telemóveis, portáteis e *tablets*. Estariam limpos na Rússia. Não haveria comunicações com a CIA durante a viagem, exceto por uma única via: uma mensagem diária de prova de vida. Max ligaria para um telemóvel com o número de Monterrey no Kentucky. O número pertencia a um dos compradores agentes de San Cristobal. O agente pertencia ao Moscovo X. Sia ligaria a um assistente administrativo da Hynes Dawson, de uma linha monitorizada por Langley.

Max já se tinha encontrado com pessoas sombrias em locais sombrios, mas nunca estivera dentro de um local como a Rússia, em que a vigilância era um cobertor sufocante. Procter, que trabalhara em Moscovo, explicou como seria. Teriam o que era habitual vigiado, disse, quarto, casa de banho, armários, corredores. Talvez os estábulos e merdas dessas. Que raio, vejam o que fizemos no México. Mas na Rússia seria cem vezes pior. Nunca estariam sós. E quanto aos serviços secretos deles, não tratam apenas de vigilância para compreender e saber. Tem também a ver com a intimidação. Fazem-nos pensar que controlam tudo. Pregam-nos um susto do caraças se cometermos um erro qualquer na rua.

Um dos técnicos de Procter fez uma demonstração dos dispositivos usados pelos serviços russos. Câmaras finas como papel, com a circunferência da cabeça de um alfinete, alimentadas por baterias de estrôncio, com uma duração mais longa do que qualquer operação secreta. Já tinham sido coladas à roupa dos agentes da CIA em Moscovo, não saíam com a lavagem e comunicavam com o FSB em explosões esporádicas difíceis de detetar. Podiam estar presas na roupa, nas selas ou até mesmo nos cavalos.

Ao contrário do que aconteceu no México, vociferou Procter, os russos estão em casa, como tal podem incluir um número considerável de vigilantes

de carne e osso na operação. Cada funcionário da RusFarm será um informador. Seria provável que circulassem recursos adicionais de SVR e FSB em redor da propriedade. Se fossem passear a cavalo, ou entrassem num carro, os russos estariam de olho neles.

Um idoso de espessas sobrancelhas brancas passou uma noite na casinha de St. Ives. Pelos vistos, o avô dele fora conde na corte do último czar. Deulhes um curso rápido de boas maneiras e etiqueta da alta sociedade russa. A sua filiação na CIA nunca foi explicada. A maior parte do que disse fazia parte do bom senso – manter contacto visual, ter boa postura, não meter as mãos nos bolsos, não comer exageradamente. Mas algumas coisas foram úteis: não mostrar a sola dos pés, apontar com a mão (nunca com um dedo), os homens deviam cumprimentar com um forte aperto de mão, não assobiar dentro de casa (dava azar), deixar um pouco de comida no prato para mostrar que se estava satisfeito. No fim da noite, Max suspeitava que o homem não tinha qualquer ligação à CIA. Ficou mesmo a pensar se Procter não o teria contratado pela internet.

Max e Sia passaram horas a rever as imagens de satélite da RusFarm e do campo que a rodeava. Memorizaram caminhos, para o caso de terem de fugir. Um atento analista de imagem descobriu um pequeno recinto escondido no bosque junto a um celeiro. Fugir seria provavelmente má ideia. Se chegarmos a isso, murmurou Sia a Max, será porque fizemos asneira da grossa.

Como tinham passado anos desde que qualquer um deles praticara luta corpo a corpo, Procter mandou vir um instrutor para os treinar. Durante uma manhã, Max e Sia lutaram na sala, tendo Procter e os técnicos como público, observando-os deliciados. Imaginavam os objetos e os móveis que podiam estar em cada compartimento e visualizavam como podiam ser usados como armas. Alguns eram óbvios: facas de cozinha, ferramentas de ferrador, atizadores de lareira. Outros, menos. As pegadas das malas, disse o instrutor, eram excelentes para estrangulamentos. Procter anuiu com ar conhecedor. Atirando uma cadeira leve de madeira a uma parede, a perna solta-se e fica-se com um bastão. Talvez tenha até pontas afiadas, disse a Chefe, pontuando a frase com um incómodo movimento de apunhalar.

Todos os dias, Max e Sia caminhavam na praia para treinar um sistema de sinais e palavras de código, de modo a poderem comunicar se fossem incomodados pela vigilância. A maioria focava-se no aviso de perigo, desencadear os caminhos de fuga ou alertar o outro para avançar com Anna.

Na terceira tarde caminharam pela praia em direção à aldeia. Estava calor para novembro. Um vento suave tocava as costas de Max e a água era de um brilhante verde-azulado. Havia algumas famílias espalhadas pela praia. Duas crianças tinham lançado um papagaio amarelo e gritavam, deliciadas. De mãos entrelaçadas, a segurar copos de vinho, os pais incentivavam-nos a partir das cadeiras de praia. Sem reparar no alegre cenário, Max tentava perceber o que se passava com Sia.

Durante a estada em St. Ives ela sorria pouco e ria ainda menos. As centelhas de energia entre eles no México eram agora ténues. As refeições faziam-se sem alegria – ensombradas não por raiva ou apatia, julgava ele, mas pela corrente de ar deixada pela viagem interior de Sia Fox, cuja mente afastava tudo que não as considerações operacionais e cujo corpo conservava a energia para a tarefa que se aproximava. Embora as suspeitas de Vadim tivessem oferecido a Max uma impecável justificação operacional para sugerir que tratassem do assunto na cama, não fez essa sugestão. Isso, em parte, porque ela se enfiara na sua armadura. Havia também o orgulho a considerar; a sua hesitação em influenciar a decisão de Alejandra fora sincera, mas não a forçara, pois quisera manter a luta por ela num plano sensato e justo. Assim o fizera e perdera. Mas assim tinha a consciência tranquila. Queria levar Sia Fox para a cama desde o dia em que tinham passeado a cavalo em San Cristobal. Não depois de lições num qualquer insípido teatro operacional. A menos, claro, que ela pedisse.

– Como te sentes? – perguntou-lhe.

– Como se estivéssemos desligados – respondeu Sia.

– Estou a falar na operação.

Sia deteve-se por um momento e olhou para a água com as mãos nas ancas.

– Que temos um bom esquema com a Anna. Que temos hipóteses.

Ele esperava determinação, mas a voz dela soou de outro modo. E Max pensou saber do que se tratava.

– Devias mandar examinar essa tua cabeça – disse ele, sorrindo para as ondas.

– Os psiquiatras de Langley tratam disso – respondeu ela com os lábios apertados num pálido sorriso. – Dizem que estou bem. E, olha, tu também aqui estás, ou não? Por isso, Max, nada de seres tão lugubrememente científico, porque, ao contrário desta tua amiga, tu podes desandar para casa. Vamos examinar tudo isso, é? Queres dizer-me porque disseste à Procter que ficavas por aqui, quando tens um monte de desculpas razoáveis para voltares para a tua fazenda?

– Porque me divirto – declarou.

Os olhos de Sia fixaram-se nos quadrados amarelos vivos e negros do papagaio. Os caracóis soltos do seu cabelo negro dançavam na brisa. Tinha as mãos nas ancas, os dedos a tocar ao de leve nos bolsos do casaco. Os lábios imóveis num leve sorriso. Pegou numa pedra e lançou-a às ondas. Depois, pela primeira vez em vários dias, Sia soltou uma gargalhada.

Depois de assistir à apresentação do velho acerca da etiqueta russa, Procter levou-os para o tópico do álcool.

– Já perceberam o quanto vos vão obrigar a beber? – perguntou. – Pelo menos no México podem controlá-lo. Mas na Rússia? Nem pensem. Vão dar-

vos de beber o dia inteiro. Terão de conduzir esta operação num estado de semi ou completa embriaguez. Preciso de uma prova do vosso desempenho.

Um técnico, encantado com o momento, retirou algumas caixas de *Clif Bars* de uma mochila.

– O vosso teor de álcool no sangue é determinado por muitas variáveis – disse. – Uma muito importante é o vosso nível de esvaziamento gástrico. É preciso tempo para o vosso estômago processar as proteínas e a gordura de modo a mantê-las no vosso organismo. – Entregou a caixa a Sia e a Max. – O Gabinete de Serviços Técnicos criou estas barras especialmente para vocês. Têm o conteúdo de gordura de quatro *Big Macs*. Usem-nas com ponderação. – O técnico entregou-lhes também pacotes de um pó de eletrólitos e vitaminas que podiam misturar na água.

Procter foi à cozinha buscar três garrafas de *vodka*. Explicou-lhes o ritual russo da *vodka*. Nada seria misturado ao álcool, disse, servindo um copo a cada um. Vão bebê-lo simples e gelado. O pé do técnico começou a balançar, agitado. Haverá *zakuski*^[2], disse Procter. E, mais uma vez, como que na hora H, um dos técnicos transformados em empregados de mesa trouxe um prato da cozinha. Havia pickles de pepinos, couve e cogumelos. Uma salada de tomate e pepino. Arenque curado em fatias de pão escuro.

Procter fez um brinde em russo, que Max não entendeu. Todos beberam e depois serviram-se de *zakuski*.

– É considerado indelicado não esvaziar a garrafa – disse Procter. – Serviu-se novamente. Max experimentou uma das *Clif Bars*. Só conseguiu comer metade. Pensou que seria suficiente, visto serem equivalentes a dois *Big Macs*. Sia só engoliu uma dentada.

Depois da segunda rodada, Max comeu um bocado de pão e um pickle de pepino.

Depois da terceira rodada, experimentou o peixe.

Depois da quarta, comeu mais pão.

Depois da quinta, terminou a *Clif Bar* e quase vomitou.

Depois da sexta, tentou um pouco de salada.

Depois da sétima, experimentou os cogumelos e ouviu o técnico a vomitar na casa de banho.

Depois da oitava, sentou-se e esqueceu-se de comer.

Depois da nona, ouviu rressonar e percebeu que Sia desmaiara encostada ao seu ombro. Procter estava no sofá em frente de Max e Sia a olhar para eles e a beber *vodka* pela garrafa.

Foi a última coisa de que se lembra.

[2] Variedade de canapés frios e entradas (N. da T.)

St. Ives

Max acordou com a cabeça a vibrar devido ao barulho que os técnicos faziam a sair da casa. Um deles, ao ver Max acordar, acenou-lhe para se despedir. Max olhou em volta. Sia estava a dormir, direita e encostada a ele. Tinham ainda a mesma roupa. Procter veio da cozinha vestindo um fato de treino de veludo vermelho. Caneca de café na mão, cabelo molhado do duche, a Chefe parecia espevitada apesar de ter consumido a sua garrafa de *vodka*.

– Abana-a para a acordar – disse Procter.

Max empurrou o ombro de Sia, mas esta não reagiu.

– Estás aí, Hortensia? – perguntou Procter, fazendo estalar os dedos no ar. – Iuu-uh, Hortensia, iuu-uh.

Sia bocejou com os olhos ainda fechados. Ele sentiu-a endireitar-se quando percebeu que estava encostada a ele. Depois Sia abriu os olhos e afastou-se um pouco.

– Observei cerca de vinte vezes as imagens de vigilância do México – disse Procter. – A discussão do Vadim e da Anna, quando ele deitou fora os comprimidos. O sexo violento, tudo o que vocês já sabem. Mas há uma coisa de que temos de falar.

Sia sentou-se muito direita.

Procter lançou-lhe um sorriso entendido.

– Vocês já sabem. São profissionais. Não tenho de vos dizer o que quer que seja, mas vou dizer-vos umas coisas, porque vos vou mandar para a toca do lobo. – Fez um movimento com as mãos a imitar garras. – E se não vos disser e vocês desaparecerem, vou ficar com problemas de consciência para sempre. E a minha consciência está impecável. Não está nos meus planos que vocês a sujem. – Procter bebeu um longo gole de café. – O nosso amigo Vadim tem suspeitas acerca da vossa relação. Pelo menos teve-as no México. E passaram semanas. Por isso escutem, não quero merdas. E de certeza que

também não quero que nada, incluindo esta discussão, apareça nas mensagens. Nem antes nem depois de São Petersburgo. Entendido?

Max e Sia anuíram.

– Aquilo que quero é uma solução. Tratem do problema. Não podemos permitir que os tarados dos russos vos vejam nas câmaras deles a dormirem em camas separadas, ou de mãos dadas como se pensassem que o outro tem um fungo. Não estou a dizer que têm de se enrolar. Mas têm de *agir* como duas pessoas que o querem fazer. Por isso digam-me, qual é o vosso plano? – Procter fez um floreado com a mão.

– Talvez ela possa fingir que está com o período – sugeriu Max. – Nada de sexo.

– Oh, que caras – respondeu Sia.

O rosto de Procter franziu-se num sorriso trocista.

– Claro, *vaquero*, porque não? – Depois fez o ruído de um peido e baixou os dois polegares. – Oh, espera – continuou ela, mudando para um horroroso sotaque russo. – Digamos que me chamo Igor qualquer coisa Russkie e sou o desgraçado encarregado de ver todas as imagens dos vídeos do vosso quarto. O Vadim vem ter comigo e pergunta se vocês estão a foder e o desgraçado Igor diz *nyet*, patrão, *nyet*, é aquela altura do mês, e levanta as suas frondosas sobranceiras com a sugestão da menstruação. E o Vadim que, primeiro – Procter contou pelos dedos – não é como tu, e, segundo, pensa que és um completo idiota..., bom, o que faz? Imagina que ela tem tampões ou penos, ou qualquer coisa, não é verdade? Estarão no lixo? Manda alguém verificar, um desgraçado que tem de vasculhar a merda do lixo numa caça aos gambuzinos em busca dos tampões cheios de sangue da Sia. Não os encontra. Então o Vadim pensa que talvez os tenha mandado pela sanita abaixo. A cabra está a dar cabo dos meus canos. Manda o tal Igor Russkie investigar as gravações da casa de banho. Mostram a Sia a deitar os tampões pela retrete abaixo? Se as gravações não o mostrarem, o Vadim tem então uma questão interessante a ponderar. Por que diabo me mentiram acerca do período dela? E então tu, *vaquero*, estás em maus lençóis.

Sia apertou os lábios num breve sorriso.

– Os casais passam dois dias sem sexo. Dormiremos na mesma cama. Fingimos melhor.

Procter voltou-se para Max. Este anuiu.

– Faço o que ela disse.

– Bem – disse Procter. – Agora tenho de apanhar um avião. – Abraçou Sia, apertou a mão de Max e empurrou a mala porta fora. Era o último contacto que os dois teriam com a CIA antes de se infiltrarem. Procter meteu a mala no porta-bagagens. Voltou-se para Max e para Sia, que estavam à porta.

– Vocês são os melhores – disse. – Estou orgulhosa de ambos.

Nessa noite houve uma trovoadra estrondosa em St. Ives. Tinham estado

separados na maior parte do dia: correram, leram, dormiram para curar as terríveis ressacas. Max conduziu o carro alugado desde a aldeia, debaixo de uma chuva torrencial. Tinha ido buscar pão e vinho. Com o saco das compras na mão, correu pelo caminho de acesso debaixo do aguaceiro e arrependeu-se.

O saco molhado rasgou-se quando ele entrou pela porta e Max seguiu a garrafa de vinho que rolava pelos azulejos do hall até à sala. Encontrou Sia a olhar para as obliquas gotas de chuva que batiam na janela. Vestira um robe de seda branca com o desenho de um jaguar negro. Voltou-se para ele com um copo de vinho já vazio na mão. Os seus olhos pareciam sérios. Frios.

– Se chegarmos a isso – disse Sia –, é importante que funcione. E que funcionemos bem juntos. Que o nosso desempenho acabe imediatamente com todas as dúvidas.

Ele baixou-se para apanhar a garrafa de vinho, colocou-a na mesa e sentou-se no sofá em frente dela. Ela fingiu não o ver.

– Concordo – disse Max. – Parece-me um plano muito sensato.

Apontou para o copo de vinho que ela tinha na mão. Quando lho encheu e depois encheu o seu, Sia sentou-se no sofá em frente e cruzou as pernas. O robe subiu-lhe pela perna e a *lingerie* de renda branca fez um espantoso contraste com a sua pele bronzeada. Satisfeito, ele mordeu o isco com um olhar demorado, porque Sia sabia perfeitamente o que estava a fazer.

– Gostas das minhas pernas – disse num tom ainda estéril. Operacional.

– Isso – declarou ele –, é uma pergunta parva.

– Não era uma pergunta. Por isso, Maximiliano, diz-me. Como queres representar?

Ele bebeu o vinho e, a seguir, lançou um olhar à perna que ela ainda exibía de um modo que devia ser malicioso, mas que lhe pareceu clínico.

— O Vadim suspeitou porque estávamos a representar – disse ele. – Seria mais fácil se não representássemos. Se tivéssemos ritmo.

– Ou se tivéssemos de facto prática de representação.

– Prática. Um ritmo. Chama-lhe o que quiseres.

– Não fizeste um único avanço, nem sugeriste o que quer que fosse desde que chegámos a St. Ives – disse Sia.

– Isso agora é uma pergunta? – replicou Max.

– É uma pergunta.

– Não foi por falta de interesse. Tens estado num mundo diferente desde que chegámos aqui.

– Somos profissionais e temos de participar numa operação.

– Claro, mas devo dizer que as exigências da nossa profissão... não são normais, pois não? – perguntou ele em tom lento, medindo o peso das suas palavras. – O nosso trabalho faz-nos estranhas exigências, embora por vezes elas sejam agradáveis.

Ela levantou-se, desatou o cinto e deixou cair o robe. A seguir, a *lingerie* caiu no chão. A respiração dela era regular e despreocupada. E embora ele já lhe tivesse admirado as pernas, não se dera conta de como eram longas. Sia

mostrou-lhe o traseiro, apontando um sinal na nádega esquerda, para o caso de pedirem a Max provas de que conhecia o corpo dela. Depois voltou-se para ele com os braços cruzados .

Ele despiu a camisola cinzenta, as calças de ganga e as boxers. O olhar dela vagueou pelo corpo dele. Aproximou-se, detendo-se a um passo, com os olhos nos dele enquanto lhe pousava a mão fresca no peito e lhe tocava com os dedos na pele.

Puxou-o para si até que os lábios de ambos estavam a dois centímetros de distância e os olhos de um presos nos do outro. Ele sentiu-lhe os mamilos eretos do frio encostados ao seu peito. Os olhos dela pareciam ávidos e a mão dela excitou-o rapidamente.

Max acariciou-lhe as ancas e as coxas e a sua mão vagueou até a encontrar maravilhosamente pronta para ele, mas quando lhe beijou os lábios, estes estavam imóveis e sem sombra de paixão. Ele levou-a suavemente para o sofá, e a mão de Sia, fechada em volta dele, começou a acariciá-lo com mais força, mas manteve-o no mesmo sítio. Beijou-o com um beijo aberto, lento e molhado e, a seguir, afastou-se e ele viu que o sorriso dela era irónico e que fazia deslizar a língua sobre o lábio inferior, como se o tivesse provado com intenção de uma memória futura. Voltara o olhar que lhe tinha lançado no avião de Procter em Palo Alto, e que dizia, vou tratar de ti e talvez me divirta um pouco enquanto o faço. Max caíra numa armadilha, e o pior de tudo é que ia tropeçar nela novamente com todo o prazer. E ela sabia-o perfeitamente.

Sia sorria, olhando para a sua mão.

– Meu Deus – disse ele em espanhol. – És uma mulher má.

Depois, erguendo os olhos para encontrar os dele, Sia deu-lhe uma palmada amigável no ombro.

– Isto serve – disse.

Imóvel e insatisfeito, viu-a apanhar naturalmente o robe e a *lingerie*. A expressão dela alegrara-se e, enquanto apertava o robe, cantarolava uma melodia suave. Depois subiu a escada e lançou-lhe as boas-noites em tom enérgico a partir do patamar, antes de fechar suavemente a porta do quarto.

Na manhã seguinte, Max acordou com o ruído distante das ondas e uma repetição do robe de Sia a cair no chão atrás das pálpebras. Enquanto tomava duche e fazia a barba, apercebia-se de que fragmentos daquela experiência transcendental estavam agora estampados nele. A expressão provocadora dos olhos cinzentos, as pernas infinitas, o aroma floral em redor dos lábios dela. Enquanto se vestia fez duas lânguidas pausas, imaginando-a a despir o robe.

Caminharam mais uma vez pela praia antes de deixarem St. Ives. O frio era cortante, mas ali estava a mesma família, as crianças a lançar o papagaio amarelo, os pais afundados nas cadeiras, embrulhados nos seus casacos e de copo de vinho na mão.

As crianças passaram a correr e uma ideia surgiu enquanto o papagaio

voava lá em cima.

No dia anterior podia não o ter considerado, mas sentia uma crescente sensação de solidariedade com aquela mulher tão fechada. Queria que vencessem.

– Tenho uma coisa que pode ajudar a recrutar a Anna – disse. – A amolecê-la.

– Diz – respondeu Sia.

– A *Penelope* – declarou Max. – Levamos a égua da minha mãe connosco para a Rússia.

Moscovo

As luzes azuis do *Mercedes* faiscaram quando o carro de Chernov atravessou a Rublyovka com o trânsito a afastar-se como água. O condutor passava de faixa para faixa e os tendões das suas mãos cintilavam, pois agarrava o volante como se ele lhe pudesse escapar. A fiada de aldeias ao longo de Rublyovka fora uma fuga da cidade desde os tempos dos Romanov. Ao contrário do centro de Moscovo, o ar não estava marcado pelo cheiro dos fornos de turfa e benzeno. Aqui cheirava a dinheiro. Havia um centro comercial com um stand da *Bentley* e lojas *Prada* para entreter as mulheres que viviam neste jardim zoológico. As casas tinham portões e eram enormes. Poucas eram visíveis das estradas principais, mas através das janelas do *Mercedes*, Chernov avistou uma, pintada de cor-de-rosa claro, como uma casa de bonecas.

Se algum dos residentes de Rublyovka fosse suficientemente idiota ou pobre para sair com aquele tempo gelado – nesse enclave resplandecente não havia compatriotas que se adequassem à descrição – não teria dado atenção ao veloz carro governamental de Chernov. Muitos agentes importantes tinham aqui casa: primeiros-ministros, o ministro da Defesa, magnatas do petróleo. Antigamente, a KGB era dona de grande parte da zona, e muitos dos seus terrenos tinham sido legados ao seu principal sucessor, o FSB. Todos usavam as *migalka*, as luzes azuis, quando andavam a toda a velocidade.

O portão que guardava o caminho para a *dacha* do Ganso abriu-se. Com um aceno, o motorista de Chernov passou por alguns agentes do Serviço Federal de Proteção, que estavam de sentinela numa estrada estreita, flanqueada por pinheiros enormes cobertos de neve recente.

Chernov saiu para o frio e olhou para as cúpulas douradas da capela verde-cáqui que o Ganso construía na sua propriedade. Chernov usava um fato *Zegna* preto, como era seu hábito quando tinha reuniões com o Ganso. O

estilo tornara-se popular no serviço desde que o *khozyain* vestira um fato *vintage* semelhante quando fizera um discurso durante as comemorações do Dia da Cheka em Lubyanka. Atravessou o caminho de gravilha, ladeado por árvores, em direção à capela, tendo o cuidado de caminhar no centro para evitar sujar os mocassins na neve enlameada que cobria as bermas do trilho.

Abriu a porta da capela e foi recebido por painéis de vitrais que se erguiam por cima do altar, mostrando camaradas soldados a erguer a bandeira soviética por cima da multidão de Estalinegrado. Passou por baixo de um arco decorado com um mosaico de cidadãos empunhando uma faixa em que se lia A CRIMEIA É NOSSA. No arco seguinte, passou os dedos ao longo de um friso, no qual um grupo de anjos protegia cuidadosamente soldados russos que impunham a paz na rebelião da Geórgia. Encontrou-se com o Ganso num banco de metal fabricado a partir de um tanque da Wehrmacht fundido, capturado pelo Exército Vermelho durante a derrota dos nazis em Leninegrado. O Ganso não falou durante algum tempo. O chefe puxava distraidamente o tecido das calças e, de vez em quando, fechava os olhos, como se estivesse a rezar, ou talvez com dores. Chernov esperou que o Ganso falasse.

– Chegou o momento – disse por fim o Ganso. – Não nos dá outra alternativa.

– Uma ação de retaliação? – perguntou Chernov, surpreso.

– Não, não, não – declarou o Ganso, olhando através da foice e do martelo dos vitrais. – Temos um nobre incansável. Não há necessidade de incomodar o resto do rebanho. Nada de muito duro. Por amor de Deus, trata-se de um antigo general da KGB. Faz cumprir a lei, para que todos percebam como dobrar o joelho.

Claro que, para destruir Agapov, o seu chefe teria de ter em conta a política. Mas de facto, moralmente, não havia fronteiras nem limites. Como podia haver, se a Rússia era a fonte do divino e ele era a espada do Estado?

Detenções exigiam montanhas de papelada. Felizmente, os documentos que catalogavam a promiscuidade criminosa de Agapov eram simples de reunir, pois ninguém pode viver na Rússia sem infringir a lei – era um matagal traiçoeiro, encravado e contraditório, que transformava toda a gente em criminosos. O truque estava em encontrar a lei certa. Chernov considerava as pessoas sem registo criminal formal exemplos preocupantes da negligência e incúria do FSB. Gostava da máxima do NKVD de Estaline: O facto de não teres registo criminal não é mérito teu. É falha nossa.

Chernov abriu a pasta no seu computador. Não era pública – estava protegida por um Decreto de Privilégio de Segredo de Estado que ocultava os documentos do acusado, do Procurador-Geral e dos tribunais. Para encher a pasta, o FSB compilara relatórios que descreviam as várias infrações de Agapov. Chernov examinou-os à secretária do seu espartano gabinete

sobranceiro a Lubyanka, numa manhã clara e gélida de Moscovo, quando até o sol era frio. Reviu as provas de desvio de fundos do Estado, de elaborados *mirror tradings* dentro do ramo financeiro do conglomerado, reembolso de impostos falsificado. Parte das mensagens intercetadas entre os antigos aliados de Agapov incluíam referências algo veladas a subornos dos agentes da Polícia Fiscal Federal. Nada daquilo era anormal; de facto, era até bem conhecido. Mas Chernov ainda precisava dos documentos. Até Estaline insistira em ter documentos.

Telefonou a Evgenia Yegorova, presidente do Tribunal Municipal de Moscovo. Chamavam-lhe a “Dama de Ferro”, mas nem sempre fora assim. Para subjugar a idosa juíza, Chernov fora uma vez buscar o marido dela a casa no dia do aniversário dele para o levar a comprar um belo carro. Mais tarde, Yegorova diria que tinha sido um rapto. Uma caracterização nada caridosa. Chernov levou-o a um concessionário e disse ao homem trémulo para escolher o carro que quisesse. Afinal, era o dia do seu aniversário! Uma palmada nas costas.

– E se eu não quiser um carro? – gaguejou o homem.

– Não quer um carro? – perguntou Chernov. – Ficaríamos chocados... e arrasados! Recusar um presente de aniversário? – Chernov passou a mão pelo capô brilhante de um *7 Series* negro. – Este é muito bonito – disse. – Não está a pensar recusar um presente do Ganso, pois não?

A voz adocicada de Yegorova atendeu ao terceiro toque. Chernov explicou o caso. Falou de conceitos, de teorias. Nem sequer mencionou nomes. Discutiram possíveis sentenças: proibição de atividades económicas em setores relevantes, uma multa de vinte vezes a quantia dos seus subornos e doze anos num campo prisional com trabalhos forçados. Quando, ou se voltasse, da Sibéria, Agapov podia ir servir às mesas para pagar as suas dívidas.

– Qual pensa que seja a sentença adequada? – perguntou Chernov.

– Qual quer que seja? – perguntou a juíza, num tom muito enfadado.

RusFarm

Na primeira visita que Anna fez à terra que viria a ser a RusFarm, os estábulos estavam a apodrecer e os dormitórios eram esqueletos pendentes e decrepitos. Todos os bocados de madeira, metal e azulejos tinham sido retirados nos últimos dias da cooperativa.

Anna tinha gostado mais nesses tempos. A mãe mantivera a casa renovada, um antigo dormitório, pequeno e acolhedor. Havia canteiros de legumes espalhados ao longo de uma floresta de bétulas, atravessada por ribeiros e trilhos para caminhar. Arranjaram um estábulo para os dois cavalos. Anna tinha belas recordações de antes de a sua vida ter murchado. Claro, nesse tempo não lhe tinham dado esse ridículo nome: RusFarm.

Tinha sido Vadim a insistir que demolissem a antiga quinta. Anna dissera que seria a única coisa que não podia suportar, nela estavam contidas muitas recordações da mãe. Por favor, não precisamos de uma casa grande, e não precisamos dela aqui. Precisamos de um lugar para receber o Presidente quando ele cá vier, dissera Vadim. Deitamos abaixo a casa velha e construímos uma grande.

– Viste o palácio dele em Idokopas? – perguntara ele, com a condescendência de quem tinha conhecimentos secretos.

Ouvi falar, anuiu ela, e não quero a casa da minha pobre mãe transformada num castelo macabro. Sabia que o *khozyain* gostava das coisas que os outros tinham e que as queria um pouco melhores ou maiores. Se alguém tinha uma casa grande, a de Putin tinha de ser maior. Se alguém tinha cavalos, ele queria mais alguns, melhores e mais velozes do que os dessa pessoa.

Vadim não a escutara. Não podia. Nesses tempos andava constantemente a olhar para o relógio, fazendo caretas às ameaças, acenava com a cabeça de vez em quando com ar desdenhoso e depois disse que tinha de voltar a São

Petersburgo para umas reuniões. Disse-lhe que tinha de ser assim. Eram os desejos do Presidente e pronto.

O próprio *khozyain* sugerira o nome, afirmou Vadim. RusFarm. Disse que o nome lhe traria reconhecimento internacional; aos ouvidos dos estrangeiros soaria a Rússia sem o obstáculo de parecer “russa”. Ela mal podia pronunciar o nome em voz alta.

Agora, durante uns dias, tinha de fingir que amava profundamente o local. Tinha público e não apenas Sia e Max.

Anna sentou-se na sala diante do lume que estalava na lareira com Vadim e Grigory, o técnico operacional de linha, atribuído pelo SVR à operação. Reviam a cobertura do atual sistema de segurança e decidiam onde colocar mais câmaras. Uma cabeça de urso, colocada por cima da lareira, assistia à conversa, com os olhos sem vida a observarem-nos com algum embaraço. Vadim elevava a voz e batia com o pé no chão. A conversa acerca do quarto de Max e Sia pusera-o de mau humor.

Anna apontou para o quarto na planta do andar e acenou com a mão, interrompendo Grigory.

– Vadim, tens câmaras aqui?

Sem responder, ele ergueu os pés, apoiou-os na mesinha e começou a mexer no telefone. Anna deitou uma olhadela à mesa, as patas na extremidade das pernas. Tinha sido cara, recomendação de uma decoradora italiana que Vadim contratara, e comprada, imaginava Anna, antes de ele a ter levado para a cama.

– Meu querido – disse Anna. – Bem sei que isto é a tua casa de putas, e assim tem sido desde que deixei de andar a ajudar por aqui e ter voltado para Moscovo. Mas é a minha operação e preciso que me digas se já tens uma câmara aqui – apontou com o dedo para a planta do andar.

Ele bateu com o telefone na mesa e mexeu na orelha.

– Sim. Tenho.

– Onde?

– No teto, por cima da cama.

– Perfeito – disse Anna. – Menos uma para o Grigory instalar.

Percorreram todas as divisões na planta do andar, para determinar se era necessário áudio, vídeo ou ambos. A antiga quinta tinha por fim sido substituída por aquele enorme pavilhão de caça, cheio de luxo de mau gosto: tudo coberto a ouro, mármore, cristal e orlado com madeira escura. Os quartos – e havia tantos – estavam cheios de um opulento mobiliário barroco. RusFarm era uma triste metáfora da sua vida: luxo em abundância, a que faltava algo semelhante a uma alma.

Grigory e Vadim começaram a discutir acerca da colocação de câmaras dentro do balneário.

– O vapor pode prejudicar algumas câmaras – disse Grigory. Passou as mãos pela planta do andar. – Mas precisamos no mínimo de duas dentro de cada compartimento. Podemos colocá-las na madeira. Fazer com que se

pareçam com a cabeça de um prego. Simples.

Grigory apontava para o lado das mulheres do balneário e Vadim começou novamente a remexer-se no seu lugar. Anna revirou os olhos.

– O balneário feminino já tem câmaras, Vadim?

Vadim sorriu irónico para o seu reflexo nos sapatos de couro. Anna sorriu de bom humor a Grigory e bateu com a mão na planta.

– Ora vejam. Metade do trabalho está feito!

Anna atendeu o telefone na cabine cinzenta, junto à morgue de Kirishi. O médico-chefe tocou num botão para a deixar entrar, recebeu-a no vestíbulo e conduziu-a ao seu gabinete húmido e frio. Dasha estava à espera. A mulher quase se qualificara para a equipa olímpica da Rússia em 2012. Tinha sido contactada para ajudar na operação devido aos seus talentos físicos.

Estavam presentes cinco mortos, disse o médico-chefe, cinco possibilidades, a menos que desejasse criar mais algumas. Os lábios dele ameaçavam sorrir, mas Anna não teve a certeza de que o homem estivesse a brincar.

– Só dois são aceitáveis – disse Dasha. – Ambos homens. Sem parentes conhecidos. E não muito gordos. – Voltaram a olhar para as fotografias de cada um que faziam parte das pastas.

– Este – disse Anna, apontando para Kiril Alexeivich Bogdanov.

– Porquê ele? – perguntou Dasha. – É um pouco mais pesado do que o outro.

– É bonito – disse Anna. – E tu és muito bonita. O outro é feio demais para ser teu marido.

– Mas seria rico? – imaginou Dasha. – Era feio, mas tinha dinheiro. Um Forbes. Levava-me a fazer compras, pôs-me num apartamento.

– Achas que ele parece rico? – perguntou Anna.

– Talvez se lhe vestisse um fato caro? E lhe pusesse um relógio? – sugeriu o médico-chefe. – Se o perfumasse com uma boa água-de-colónia. Faça-o cheirar a rico para cobrir os conservantes.

– É a cara dele – disse Anna. – Tem cara de pobre. E não é tão bonito.

Dirigiram-se aos frigoríficos. Os corredores cheiravam a formol e a bolor. Havia dísticos por todo o lado: (TODAS AS PARTES DO CORPO TÊM DE SER REGISTADAS! POR FAVOR COLOQUE OS CADÁVERES NAS GAVETAS COM OS PÉS PARA A FRENTE!). Até o chão dos corredores se inclinava suavemente na direção dos canos. Kiril estava numa maca dentro de uma das gavetas frigoríficas. O médico-chefe retirou-o e abriu o saco. Dasha tentou levantá-lo. Tinha sido atleta de decatlo. Conseguia levantá-lo acima da sua cintura. Voltou a colocar Kiril na maca como estenderia uma toalha de mesa.

– Meu pobre marido – disse Dasha, acariciando-lhe a face.

O médico-chefe fechou o saco de Kiril e meteu-o outra vez na gaveta.

– Partiu demasiado cedo – lamentou Dasha.

Anna voltou à quinta para rever a mansão e os terrenos com Vadim, enquanto Grigory e os seus homens acabavam de instalar as câmaras e os microfones. Na sala de cinema viram os técnicos colocar câmaras nos apliques das paredes. Lá fora, caminharam por um dos jardins. No cimo de escadas, dois homens mexiam nos projetores montados nos troncos das árvores.

Caminharam pelo troço da estrada coberta de neve, escolhido para o campo de jogos. Anna apontou para algumas bétulas nuas.

– Ponham aí as câmaras maiores e mais óbvias – disse ela a Grigory. Passaram pelos *lobos-da-alsácia* que ladravam. Anna meteu instintivamente as mãos nos bolsos do casaco. Não gostava dos animais porque estes por vezes mordiam o pessoal, um deles tinha mandado um jardineiro com menos dois dedos para o hospital. Deixando Grigory a trabalhar, o casal voltou para casa.

– Preciso de passar o maior tempo possível com ela – disse Anna. – O melhor que podes fazer será ocupar o Max.

– Tenho algumas ideias – respondeu Vadim.

Deram a volta à fonte que ficava no caminho de acesso à frente da casa. Acima deles erguia-se a estátua de um garanhão empinado. Com as orelhas e a crina erguendo-se em direção ao céu, tão altas como os beirais. No verão, a água jorrava da boca do animal. Um lugar absurdo; um Versalhes piroso na floresta russa. Quando passaram, Anna cuspiu para a fonte adormecida.

– É importante, Vadim – disse ela –, que nenhuma das tuas ideias provoque o caos na relação deles. Será difícil recrutar essa mulher se a relação deles estiver com problemas.

Os lábios de Vadim fecharam-se firmemente num sorriso apertado.

– E porque haviam uns dias aqui de causar quaisquer problemas a essa relação?

Anna voltou-se para ele.

– Nada de putas, nem de serviços – fez o sinal de aspas com os dedos ao pronunciar as palavras –, a prestarem-te cuidados no balneário. Haver tensão na relação deles não vai ajudar em nada. Percebes?

Vadim ignorou-a.

– A relação deles ainda me parece estranha, Anya. O que faz ele com ela?

Anna olhou mais uma vez para a vigilante fachada da casa. A ideia de que qualquer relação pudesse ser mais do que uma ligação por dinheiro, poder ou sexo, era claramente alheia ao marido. Mas não podia arriscar que ele se fosse embora irritado, por isso, limitou-se a dizer em tom de censura:

– Meu amor, encontraste finalmente uma mulher que não achas atraente?

– É bastante atraente – replicou Vadim. – Mesmo assim... são demasiado formais.

– Veremos como se comportam no quarto – disse Anna. – Para nos certificarmos.

Não discordava necessariamente de Vadim. Algo não estava bem. Mas o modo como tencionava gerir a operação? Bem, simplesmente não interessava nada.

– Bom – disse ele. – Vou portar-me bem. E garantir que o Max se porta bem. Vamos suar na sauna. Talvez caçar.

– Mantém-no ocupado – pediu ela.

Um camião veio aos solavancos pela rotunda e parou junto dos degraus de mármore. A condutora baixou o vidro.

– Olá Dasha – disse Anna. – O agricultor deu-te problemas?

– Não. Mas perguntou porque é que eu só queria o sangue.

– O que lhe disseste?

Dasha levou dois dedos até aos caninos para imitar presas.

– Vampiro – disse.

PARTE III

Zakhvat/Armadilha

RusFarm

Puros-sangues de seis milhões de dólares não podem seguir em voos comerciais do México para a Rússia. Nem em voos diretos. O caminho de *Smokey Joe* e *Penelope* foi um jogo da macaca: de atrelado de San Cristobal para a Cidade do México, de avião para Miami, dois dias de descanso num estábulo de quarentena, junto a Coral Gables, depois um salto transatlântico para Londres para mais uma estada noutra estábulo, e a recolha de Sia Fox antes do último trajeto para São Petersburgo. O 737 alugado estava preparado para viagens aéreas de equinos: as baías substituíam os lugares; *bits*, freios e cravos estavam pendurados no lugar dos compartimentos; o cheiro desagradável do ar reciclado era agora a feno e a estrume.

Dava azar não acompanhar os cavalos. Antes de Max ter nascido, uma vez o pai não viajara com um garanhão premiado, vendido a uma empresa de Lexington; o cavalo assustou-se, os tranquilizantes não fizeram efeito, e o animal enfurecido foi abatido algures sobre o sul do Texas. Desde então, os Castillos viajavam sempre de avião com os seus cavalos.

O processo de embarque era sempre o mesmo: em primeiro lugar, *Penelope* foi para uma baía na cauda do avião. Depois um moço de cavalaria untou as narinas de *Smokey Joe* com *Vicks VapoRub* para o impedir de se aperceber do cheiro da égua. Embora *Smokey Joe* fosse bem-comportado, nada foi deixado ao acaso: uma tentativa imprevista de acasalamento, a 35 mil pés de altitude, poria em perigo não só a honra da muito estimada égua da mãe de Max, como a integridade estrutural do aparelho e das vidas de todos a bordo. Administrou-se *Xylazine* aos cavalos, mescal a Max e aos mexicanos e *Ambien* a Sia – na noite anterior fizera uma direta para a Hynes Dawson. Acordou com o solavanco da pista. O avião deslizava já pelo aeroporto Pulkovo em São Petersburgo.

Dois SUVs *Rolls-Royce* negros, um deles com um atrelado para cavalos,

aproximaram-se velozmente do avião. Uma escada foi encostada à fuselagem. Com o rosto tenso, Max inclinou-se para espreitar a pista pela janela.

Um funcionário abriu a porta e um dos homens que estava lá fora meteu a cabeça, observou o interior do avião até os seus olhos poisarem em Sia. Depois sorriu.

– Bem-vindos à Rússia. O Sr. e a Sra. Kovalchuk lamentam ter-lhes sido impossível vir recebê-los.

Um funcionário da alfândega passou por ele e entrou no avião. A verificação dos documentos podia ser desagradável, mas Vadim organizara uma chegada através daquilo que na Rússia se conhece como o Corredor Verde: Max e Sia teriam apenas uma verificação superficial dos documentos. Aquele agente não lhes ia revistar a bagagem, nem fotografar os aparelhos eletrónicos. Examinou rapidamente os passaportes e vistos; nem se incomodou em verificar os certificados de vacinas de *Penelope* ou de *Smokey Joe*. Depois, com um rápido aceno de cabeça, desapareceu dentro do calor do seu carro e afastou-se a toda a velocidade para o terminal.

Um vento cortante fazia balançar a escada enquanto saíam do avião, o céu era um lençol cinzento-antracite que abafava o sol. Os moços de cavaliça conduziram *Smokey Joe* e *Penelope* pela rampa e meteram-nos no atrelado que os esperava. Sia subiu o capuz forrado de pele e aconchegou-se ainda mais no seu casaco preto.

Nada de comunicações com Langley.

Nada de imunidade diplomática.

Nada de tábua de salvação. Estavam sós. No escuro.

E em perigo de morte. Era ali mesmo que ela desejava estar.

Fizera um intervalo de quatro meses entre a saída da Lyric e a chegada à Hynes Dawson em Londres. Sia contara à família e amigos que tinha aproveitado aquela transitória liberdade corporativa para viajar. Cidade do Cabo, claro, mas também alguns locais por prazer: Roma, depois talvez uma aventura no Alasca. Vou alugar uma autocaravana, ir até lá, e não me preocupar com o alojamento durante um ou dois meses.

Sia foi à Virgínia do Norte para fazer o TOTT quando a família pensava que ela estava no Alasca. Espionagem de alvos especiais[3]. O programa de treino mais importante facultado aos NOCs e agentes colocados nos alvos mais difíceis entre os mais difíceis: Rússia, China, Irão, Coreia do Norte, Bielorrússia. As turmas eram pequenas. A sua tinha apenas seis elementos. Entrou, porque pensaram que ela fosse viajar regularmente para Moscovo.

O primeiro dia foi numa sala de aulas: os seis e um instrutor para cada um. Fez par com um homem de barba grisalha chamado Jon, que era também o principal instrutor geral. Trinta e um anos de serviço, grande parte deles na Casa da Rússia. Cabelo branco como a neve devido aos russos o terem encharcado em luminol durante uma volta a Moscovo. A escola ficava num

prédio colonial de tijolo, na descontrolada zona urbana de Washington. De facto, o local não interessa, disse Jon, porque não se vão sentar em carteiras. Vão andar na rua.

A taxa de chumbos no TOTT é de 50 por cento, disse ele, por sua vez, olhando os seis nos olhos, nessa primeira manhã. Levamos isto a sério porque, se eu vos passar e vocês não prestarem, morre um agente. Se criarem um caminho de merda, abandonamos-vos. Se não identificarem os problemas, abandonamo-vos. Se, por engano, pensarem que têm problemas e abortarem a missão, abandonamo-vos. E sim, se documentarem erradamente o que quer que seja acerca do que quer que seja, abandonamo-vos. Trata-se da segurança dos nossos elementos. São impecáveis e vamo-nos assegurar de que não os matam por vossa causa quando vos libertarmos na selva.

Aquele não era o treino que recebiam os Fuzileiros. Também não era BUD/S^[4] – embora em determinadas alturas Jon e outro instrutor saltassem de uma carrinha, lhe cobrissem a cabeça e a fizessem desaparecer misteriosamente na sua prisão fingida, que era, de facto, a verdadeira prisão local em Madison County, na Virginia. Aí, os instrutores conseguiram reproduzir o interior de um *gulag*: das celas contíguas erguia-se um coro constante de gritos e o cheiro horrível era oferta daquilo que, mais tarde, ela veio a saber serem cinco quilos de ostras deixadas a curar atrás de um radiador. Depois de três dias nessa cela, trouxeram uma vagabunda chamada Lucy – que podia ser uma instrutora, Sia nunca percebeu – uma senhora janada que insistia *ad nauseam* para que Sia confessasse os seus crimes e lhes poupasse o trabalho de lhe meterem uma bala na cabeça.

Todas as noites, durante o TOTT, era privada do sono e o seu corpo implorava o alívio dos movimentos quase constantes do dia – geralmente percorrer 10 ou 15 quilómetros a pé ou de bicicleta nos seus planos de fuga ou viagens de reconhecimento. Nunca havia tempo para comer. Estava sempre com fome.

O TOTT tinha a ver com a necessidade de levar ao limite absoluto a capacidade para multitarefas, para manipular ambientes físicos, criar oportunidades para atos operacionais em locais onde pudessem ser constantemente observados. Significava que a mente de Sia murmurava 20 horas por dia, todos os dias, enquanto preparava e planeava tarefas operacionais, aparentemente simples, numa zona que incluía toda a área do metro de Washington, D.C. Alugaram-lhe um apartamento em Clarendon. O seu escritório ficava no Distrito, à saída de Dupont. Os simuladores imitavam os instrumentos de um serviço secreto hostil nos piores ambientes operacionais: Pequim, Moscovo, Havana, Minsk, Teerão. O Distrito tinha em funcionamento a cobertura completa de câmaras. Os serviços, explicara Jon no primeiro dia, tinham posto escutas e câmaras no apartamento e um localizador no carro. Tinham o telefone dela e limpavam todos os vestígios de dados das telecomunicações.

Raptos, prisões e interrogatórios podiam acontecer a qualquer momento.

As histórias iam sendo conhecidas aos poucos: agentes que tinham desatado a chorar sob as luzes das salas de interrogatórios, aqueles que tinham conseguido fugir às equipas de raptos (papel desempenhado por elementos do FBI, os Feebs), outros que tinham atacado os guardas, os drogados que tinham concordado encontrar-se com agentes hostis da contraespionagem (papel desempenhado pelos instrutores) e que tinham sido imediatamente expulsos do curso.

A única certeza era que o TOTT terminaria dentro de oito semanas e que ou passariam ou chumbariam. Havia apenas duas notas.

E foi aqui que Sia aprendeu que os métodos antigos de espionagem tinham desaparecido.

Com a luz fraca a entrar pelas janelas sujas, Jon ergueu o seu telefone. Aqui há uma média de 72 aplicações, disse ele, todas a cuspir pó digital, a emparelhar com dezenas de sensores e torres invisíveis. Agora já não têm de te apanhar a percorrer o caminho da deteção de vigilância. Rastreiam isto tudo e apanham-te mais tarde. Matam o teu agente.

Dispersaram depois do primeiro dia. No TOTT anda-se sozinho. O que era bom, ela era boa sozinha.

Todas as semanas Jon levava-lhe uma nova tarefa ao apartamento. Encontra a localização de um sítio para colocar uma coisa. Dá instruções para o local de encontro. Disfarça o local e, a seguir, deixa 10 mil dólares para o agente. Assinala o local, depois deixa o sinal. Sia planeou tudo, escreveu, submeteu o plano a Jon e, a seguir, executou o ato operacional. Por vezes Jon interrompia-a, tentava quebrar-lhe a corrente para ver como ela reagia. O agente altera a hora do encontro, ou o local ou, olha, precisamos que te encontres com um voluntário esta noite! Uma vez apanharam-na em flagrante, dez minutos antes de ela conseguir deixar o sinal, e fronha pela cabeça. Uma desagradável instrutora empurrou-a, deixando-lhe um padrão de nódos negros nos pulsos e nas costelas. Voltaram mais uma vez para a prisão de Madison County e, dessa vez, ela passou a noite acorrentada ao radiador, arrotando o cheiro das ostras mortas.

A sua última tarefa foi encontrar um local para levar a cabo um encontro rápido para trocar documentos com um agente no dia 11 de abril às 22h13 e conduzir esse encontro. Quão difícil seria isso?

Sia planeou tudo, perdeu quase 3 quilogramas nessa última semana porque não comia nem dormia, e o seu coração batia acelerado mesmo quando, para o mundo exterior, parecia calma, até serena. Nada de suores, tremores, olhares por cima do ombro, ou cautelas aparentes – os monótonos advogados não praticavam ações de espionagem, não passeavam por Moscovo descontrolados. Eram aborrecidos. Ela parecia aborrecida. Porém, havia sempre um simulacro de incêndio dentro da sua cabeça.

No dia do encontro, Sia obrigou-se a engolir um bocado de torrada seca no seu apartamento. Apanhou o metro em Dupont para o seu “escritório” – um edifício de cimento que pertencia à Johns Hopkins University. Havia um

caos dentro da sua cabeça: catalogava tudo, escrevia notas mentais sobre o mundo inteiro. Almoçou num restaurante mexicano a leste de Kalorama e bebeu um café ali próximo. Uma normal advogada aborrecida a aproveitar um longo intervalo para o almoço.

Mas Sia não era uma advogada normal, nem uma estagiária normal. As pessoas normais pensariam mais ou menos assim sobre o assunto: se apareço num local vigiado, sou posta a andar. E não só do TOTT. A minha ação fica arruinada. Se lixo isto, adeus carreira. Mas não Sia. Nesse dia apenas pensava em vencer, em derrotar Jon e os que a vigiavam. Nem por uma vez considerou o fracasso, nem como a mais remota possibilidade.

Do café regressou ao escritório. Jon estava lá fora, na rua, dentro do carro, a mexer no *iPad*, a murmurar para um auricular. Normal. Era o orquestrador da sua oposição, ela não devia reconhecer a sua presença. Andou pelo escritório até às 5 da tarde e depois regressou ao apartamento. Não detetou na rua nenhum dos vigilantes de Jon, mas no fim de contas eles sabiam do seu telefone, do seu carro e do apartamento. Sabiam onde ela estava. Era altura de mudar isso.

Quando chegou a casa mudou de roupa para uma *t-shirt* e umas calças de *yoga*, foi buscar uma mochila – metida no canto mais escuro do armário – e saiu para o ginásio. Durante o TOTT tinha ido lá todos os dias depois do trabalho. Meteu num cacifo a mochila, que continha o seu telefone. Uma vez levantava pesos, outras vezes nadava. Outras vezes corria.

Nessa noite, levantou pesos durante 20 minutos e depois foi correr. Lá fora, no ar da primavera. Sem telefone, sem carro. Vestida para o exterior: calças de *yoga*, *t-shirt*, casaco leve, boné. Na primeira semana tinha investigado os locais vigiados e apercebera-se de que estava a usar uma saia e uma blusa. Não podes caminhar através do lixo do Rock Creek Park de saia, pois não Hortensia? Foi o que Jon dissera durante o relatório. O caminho que tomou teria parecido aleatório a qualquer observador, como se ela o estivesse a decidir no momento. Mas Sia passara dias a planeá-lo; cada volta, cada paragem para recuperar rapidamente o fôlego. Conhecia todas as câmaras do caminho.

Catalogava tudo enquanto corria: rostos, veículos, roupas, minúsculas alterações no ambiente. Uma casa de tijolo branco tinha as portadas pintadas de fresco; havia flores recém-plantadas no exterior de outra; a porta de uma garagem que costumava estar fechada, estava agora aberta. Durante o curso, percorrera segmentos daquele caminho dezenas de vezes: de dia, de manhã, à chuva, ao sol. Tinha de sentir a rua, cada segmento da deteção de vigilância tinha de falar com ela, murmurar como se Eles a quisessem caçar.

Depois de duas horas a correr, chegou a Crystal City e à zona arborizada junto ao parque onde o encontro teria lugar. Nunca na vida se sentira tão concentrada no mundo; cada cor, cada som, cada cheiro era absorvido, processado e catalogado. Movia-se como um rio, corria bem, ia ganhar, caracças. O mundo murmurava. Vejo tudo. Delineara uma zona provocadora –

a ZP – perto do parque. A ZP era onde iria em busca da vigilância. Uma última verificação antes do encontro. Nessa noite planeava parar, olhar para um contentor e depois saltar lá para dentro. Devia ser o suficiente para atrair quaisquer observadores.

Sia atravessou a zona, desceu a Rua Vinte e Três, junto a uma fiada de lojas e restaurantes. Voltou à direita, de volta para o parque e correu – agora mais veloz – junto a uma farmácia, um clube de *striptease* de má qualidade que parecia um restaurante de bifes, e entrou num parque de estacionamento partilhado com uma bomba de gasolina e um estaminé de *kebabs*.

E ali estavam dois carros negros, parados mesmo no meio da sua PZ. Os malditos rufias de Jon a quererem acabar com a sua PZ. O mesmo que na noite em que a enfiaram num saco e a magoaram. Nessa noite não havia necessidade de mergulhar no contentor. A oposição já se revelara, provocando-a para que agisse. Boa. Vamos ao jogo.

Aquilo era o jogo: perder a vigilância sem que a vigilância pensasse que nos tinha perdido.

Ganhar o jogo significava manipular o ambiente, de modo a obter uns segundos de espaço para realizar a troca e afastar-se.

Correu em direção ao parque. Tinha-o escolhido com cuidado cirúrgico. Era levemente côncavo, quase uma tigela rodeada de pinheiros e abetos. Do parque de estacionamento saíam dois caminhos. Ambos subiam o monte antes de começarem a descer para o parque. Não havia entradas nos outros lados. Cobertura irregular dos candeeiros de iluminação pública e das luzes sobre o campo de futebol. Se conseguisse chegar ao cimo do caminho antes que os homens de Jon saíssem dos carros, teria dez segundos – precisamente dez segundos – para levar a cabo a troca. Se o agente – e nessa noite era Jon que fazia o papel de agente – se atrasasse, abortaria a missão.

Correu pelo parque de estacionamento, subiu o caminho e ziguezagueou por entre um grupo de adolescentes que se tinha reunido depois do jogo de futebol. Depois chegou ao cimo, debaixo das árvores. Porém, ouviu o bater das portas dos carros. É agora, vou ganhar, caraças. E desceu a encosta a correr para o parque, numa contagem decrescente a partir de dez para avistar Jon lá adiante, no trilho, por entre as sombras.

Está vivo nas sombras, pensou, como eu.

E quando abrandou para receber uma *pen* que meteu dentro do bolso do casaco, contou até três e, nesse momento, sentiu algo pela primeira vez desde que entrara para a CIA. Um estremeção que a fez recordar períodos felizes da sua juventude, quando se metia em situações difíceis e descobria que era assim que se sentia mais viva.

Sob o cobertor sufocante, por baixo do olhar atento da sua vigilância, ganhara uma posição firme a partir da qual eles perderiam toda a batalha. E esses pensamentos transformaram-se numa sensação de pura alegria, uma emoção que mais tarde, diria a Jon, a fizera sentir uma deusa. Só, todopoderosa, onnisciente, guardiã de todos os segredos, vencedora de todas as

batalhas a partir daí e para todo o sempre. Ámen.

[3] TOTT – Tier-one target tradecraft (N. da T.)

[4] Basic Underwater Demolition (N. da T.)

RusFarm

A mãe de Max mostrou-lhe um cavalo nas suas primeiras horas neste mundo e, quando ela morreu, ele passou as primeiras horas sem ela a montar um. Tinha andado a cavalo com amigos, inimigos, amantes e pessoas de quem já não se recordava. Tinha andado a cavalo com o pai no dia em que este sugeriu a relação com a CIA. Era raro descobrir uma coudelaria de puros-sangues que lhe desagradasse, e era inédito sentir desdém ao chegar aos limites da propriedade.

Mas uma sensação de vazio invadiu-o no preciso momento em que atravessaram o brutal portão de ferro da RusFarm. As paredes sujas de pedra tinham sido gravadas com imagens de garanhões empinados, lançando olhares de ódio. A estrada era guardada por enormes árvores nuas, que ocultavam o sol fraco. À medida que se embrenhavam na quinta, a estrada escurecia e as árvores pareciam cada vez mais dobradas em contorções quase maníacas. Max não viu sinais de ligação entre a quinta e o mundo exterior à sebe. Lá fora não havia movimento, barulho ou animais. Os bosques pareciam mortos, exceto um leve cheiro a fumo e a gasolina que impregnava o ar, e que era o cheiro ameaçador de um exército invisível que ali se reunia.

A floresta rendia-se. E quando avistaram a casa, o seu vazio meteu-lhe medo. Devíamos ir embora, pensou. Devíamos fugir. E não era porque temesse que o identificassem como espião. Havia algo mais. Algo que ele não sabia nomear, mas apenas sentir: a ausência do bem, uma energia sinistra que pulsava vinda da mansão.

Deram a volta a uma fonte com um cavalo quase da altura da própria casa e deteve-se ao fundo de uma escada de mármore. Estendeu a mão para o manípulo da porta e apercebeu-se de que os seus dedos estavam gelados, mesmo com o aquecimento do carro a trabalhar.

Vadim e Anna cumprimentaram-nos com beijos alegres num vestíbulo

lúgubre. *Não podemos ficar numa estalagem?* Quis Max perguntar. As malas desapareceram, transportadas pelo pessoal silencioso. Sia, pensou ele, parecia aliviada. Alheia ao peso da casa.

O rosto de Anna animou-se ao ver o atrelado. Um grupo de moços de estrebaria da RusFarm foi receber *Smokey Joe*. A chegada de um cavalo de seis milhões de dólares era uma ocorrência rara, mesmo para uma coudelaria estupidamente rica como RusFarm.

– Foi tão simpático da tua parte tê-la trazido – disse Anna, dando-lhe ao de leve um beijo na face. – Pedi-lhes que parassem aqui, antes de irem para as cavalariças. Vou cumprimentá-la. – Desceu para o ar frio pelos degraus de pedra. O atrelado estava isolado, aquecido para o inverno, com compartimentos separados para cada cavalo. Anna abriu a porta da secção de *Penelope* e subiu. Antes de ela desaparecer lá dentro, Max viu algo que o fez pensar que, apesar de tudo, Sia talvez tivesse sorte com esta. Anna estava a sorrir.

Vadim bateu as palmas.

– E se dêssemos uma volta?

Nessa noite, o vento batia nas janelas enquanto as nuvens obliteravam a Lua e as estrelas. A partir da janela do quarto, Sia via a neve a cair. O frio tornara-se tão cortante durante o passeio que o suor do seu corpo congelara como uma fina camada sobre a pele, em vez de passar através da roupa para secar. Tomara um banho quente e depois um duche a escaldar, mas mesmo assim, ainda se sentia gelada e suja.

Buscou o telefone na mesa de cabeceira e tocou na tecla das mensagens. No que parecia ser um *email* para um assistente executivo da Hynes Dawson, perguntou acerca das transações de vários clientes, incluindo as de um magnata grego de navios. A mensagem seria transferida para Procter e a menção do grego era o sinal de que tudo estava a correr de acordo com o plano. A mensagem seguiu. Pegou numa das *Clif-Bars* fabricadas pela CIA. Max surgiu da casa de banho vestido para o jantar com uma camisola de gola alta, calças e botas. Ela vestia um vestido preto e sapatos decotados.

Percorreram o caminho direto para a casa de jantar, levados pela convicção muda, mas clara, de que aquela não era uma casa que devessem explorar. O traçado era espantoso: corredores em ziguezague, alguns compartimentos sem janelas, sem ligação aos corredores, mas aninhados dentro de outros compartimentos.

No fim do corredor, Max deteve-se levando a mão aos lábios. Não tinham falado desde que haviam saído do quarto.

Sia parou também e escutou os murmúrios do outro lado de uma porta.

Apercebeu-se dos gritos de Vadim e depois de Anna a responder-lhe no mesmo tom. Uma garrafa bateu num copo. Sia sentiu um aperto no estômago, sem saber porquê. Alisou o vestido, passou à frente de Max e empurrou a

pesada porta para a abrir. Anna e Vadim estavam de pé diante de uma lareira enorme, com as bebidas na mão. Na parede por cima da lareira estava pendurada uma cabeça de urso. Pareceram surpreendidos ao vê-los.

– Ora, ora – exclamou Sia em tom alegre. – Começaram a festa sem nós? Desculpem termos entrado assim. Acreditem ou não, mas perdemo-nos.

A noite começou com uma rodada do ritual da *vodka*, antes de passarem à sala de jantar. Os lustres de ferro faziam lembrar instrumentos de tortura medievais e pendiam sobre uma mesa, que, aos olhos de Sia, devia ter mais de seis metros de comprimento e gemia sob uma quantidade de comida que a fez sentir-se nauseada. A mostra incluía um prato chamado frango Rodina que, segundo Anna murmurou a Sia, antes da guerra era conhecido como frango à Kiev. Os dois casais sentaram-se em frente um do outro num dos extremos da mesa. Vadim estava bastante embriagado e insistia para que Max o acompanhasse. Os copos de vinho e os *stopki* de *vodka* eram cheios uma e outra vez. A cada rodada, os empregados traziam novos copos gelados. Os vazios, pensou Sia, eram sem dúvida levados para recolher impressões digitais e talvez ADN.

– É bom termos pessoas de fora da Rússia à nossa mesa – disse Vadim. – Estas visitas tornaram-se mais raras por causa das mentiras acerca do nosso país. A propaganda? Meu Deus! – Emborcou a *vodka* e pediu conhaque.

A mudança do tipo de álcool, mudança suicida, imaginou Sia, significava que, dentro de meia hora, ele ou tencionava estar a dormir ou passaria à cocaína. Anna não parecia satisfeita.

– Por exemplo – continuou. – Essa história de os russos envenenarem os dissidentes na Polónia. Alguns dos meus amigos deixaram de ler os jornais ocidentais, mas eu ainda os leio. É importante para os negócios. E sabem o que li no *Financial Times*? Fugas de informação da CIA a afirmar que tinha sido o nosso próprio presidente a ordenar os ataques. – Vadim abanou a cabeça e comeu um pouco. – Os americanos não conhecem limites quando se trata de nos denegrir. Qual é a opinião do México sobre isso, Max? – perguntou.

Max encolheu os ombros e serviu-se de mais frango.

– Os traidores têm o que merecem.

Vadim sorriu.

– Por favor, não somos pessoas políticas – declarou Sia, lançando a Anna um olhar suplicante.

– Na Rússia tudo é político – disse Vadim. – Pelo menos tudo o que é importante. – Voltou-se para Sia. – Bom, e o que pensas?

Sia deu uma dentada numa ponta de tosta coberta de *foie gras* e fingiu refletir na resposta.

– Creio que provavelmente foi a Rússia que o fez.

O riso de Vadim fê-lo lançar um pedaço de pato mastigado para o seu prato. Anna esboçou um sorriso sombrio, abanou a cabeça e fez estalar a língua.

– Meu Deus – disse ele. – A sério?

– Sim. Porque não havia de pensar isso? – perguntou Sia. Procter ensinara-a a lidar com os russos: não mostres fraqueza; mantém a tua opinião. – Como disse o Max, os traidores têm o que merecem.

Antes que Vadim pudesse responder, as portas abriram-se de par em par e um grupo de empregados da cozinha surgiu com um enorme bolo Napoleão e uma nova garrafa de *vodka* no gelo. Cada fatia de bolo, explicou Anna, tinha 12 camadas e era acompanhada por um cavalo de chocolate, com um diminuto Imperador Napoleão de cacau a cavalgá-lo. A perna esquerda do lado esquerdo do cavalo de chocolate de Sia partiu-se quando o prato foi posto diante dela. Os empregados voltaram a encher os *stopki*.

Enquanto Vadim continuava a falar, Sia deu uma dentada no bolo e pensou no que fariam nessa noite. Nunca vira aquele trabalho como trabalho, mas mais como uma vida, e porque era uma vida, raramente o considerava estranho. A vida de cada um era a vida de cada um. Era normal. Mas agora Sia oferecia a si mesma um momento para considerar a insanidade da situação. O risco que corria. Mas imediatamente tudo isso se evaporou com um golpe de adrenalina e a sua mente concentrou-se, preparando-se para o jogo que a esperava.

Anna interrompeu Vadim, dizendo que deviam todos ir dormir.

– Passa da meia-noite. Os corpos deles pensam que já é de manhã.

Iam sair da sala de jantar quando Sia disse:

– Esperem, só uma coisa. – Voltou à mesa, pegou no cavalo de chocolate e mordeu-lhe a cabeça. Do outro lado da mesa viu a boca de Anna franzir-se num sorriso entendido, como se aceitasse um desafio mudo. Sia lambeu os dedos e deu o braço a Max para subirem a escada.

Entrou no quarto sem que os seus pensamentos estivessem focados numa relação amorosa, mas sim na papelada a preencher, embora parecesse uma tolice. Os agentes da CIA tinham de escrever mensagens a documentar encontros sexuais ou a garantir aprovação para uma relação com estrangeiros. E embora Max fosse um FNO, era também um cidadão mexicano, e a maldita burocracia transformava aquilo numa zona cinzenta.

Livrou-se da burocrática ginástica mental e observou Max. Este estava sentado na beira da cama, em silêncio, e ela sentou-se junto dele. Ali ficaram, trocando olhares durante um momento impetuoso, partilhando um sinal que não fora combinado, nada de espionagem, nada operacional, apenas duas pessoas que comunicavam sem palavras para dizer que chegara o momento de acabar com as suspeitas dos russos e limar as arestas possíveis do seu trabalho em conjunto. Tudo aquilo tinha de se desenrolar sob vigilância e ficar gravado para sempre nos arquivos dos serviços secretos russos.

Até Procter dissera que havia justificações operacionais, mas Sia sentira também o desejo de Max em St. Ives. Não o fazia há muito, com o trabalho e

outras coisas, e sentia-se reprimida, como se se negasse a si própria. E era o que estava a fazer: apenas conseguira deter-se na sua sessão de prática porque tinha estado tão nervosa a preparar-se para aquela viagem e queria vencê-lo, para estabelecer algum controlo, que isso fora o suficiente para acabar com o desejo. Mas agora captava esse desejo que fluía no seu corpo. E todas as razões para se deter eram operacionalmente idiotas. Max descera-lhe a roupa interior até aos tornozelos. Beijava-lhe as pernas e, a seguir, ela segurava-lhe os cabelos com força para o guiar, e devia ter havido uma descolagem, uma imponderabilidade.

Mas o seu desejo desapareceu. Olhou para Max, para o quarto.

Havia câmaras por toda a parte, a casa era pesada, ela estava com um homem que era afinal um colega de profissão. E os observadores sentar-se-iam com eles no dia seguinte, ao pequeno-almoço, curando ressacas, arrogantes por saberem que os tinham visto foder. Um interruptor apagara-se. Ela queria meter-se debaixo da roupa, contudo, puxou o vestido mais para cima e deitou-se de costas na cama.

Uma das luzes do teto parecia espreitá-la e pensou que seria ali que instalaria uma câmara. Desviou o olhar, não podia evitar, mas não podia olhar para os observadores. Queria Max. Mas não podia olhar para ele agora. Os olhos dela estavam fechados quando ele começou. A princípio pareceu-lhe um embaraço cósmico de que nunca se livraria.

Mas à medida que ele continuava, o apetite voltou. Max era forte, percebia o que o corpo dela gostava, e Sia deixou a cortina entre o teatro e a realidade afastar-se um pouco. Pôs-lhe as mãos nos ombros, no peito. Beijaram-se e gostou do sabor, de como ele cheirava a cedro e a sal.

O seguimento foi maravilhoso – braços firmes seguravam-lhe as costas e a cabeça para a manter junto a ele, as testas tocavam-se suavemente, os olhos dele olhavam-na de perto e ela percebeu que ele atingira o momento e, em breve, também ela o atingia.

Depois de algum tempo ela empurrou-o para trás e deu uma palmadinha na cama. Ele deitou-se e ela deslizou para cima dele. Lançando a cabeça para trás, tirando o cabelo dos olhos, começou a mover-se e em breve se sentia invadida por uma eletricidade que lhe era familiar. Ele abriu a boca, mas ela encostou-lhe um dedo aos lábios.

– Não – disse. – Ainda não.

Através das seis câmaras de visão noturna ligadas no quarto de Sia e Max, Anna e Vadim assistiam a um ato que fazia lembrar o cavalgar a um galope substancial. Havia frequentes explosões profanas; por três vezes, Sia agarrou-lhe os ombros, lançou a cabeça para trás e estremeceu. Fez com que Anna sentisse saudades de Luka.

– Achas que são verdadeiros? – perguntou a Vadim.

Vadim encolheu os ombros.

– Se não são, o desempenho é convincente.

– Bem, e o que pensas deles agora?

Mais uma vez, Vadim encolheu os ombros.

Os pensamentos de Anna fixaram-se na câmara que Vadim colocara no teto. Tinha um comentário cínico na ponta da língua, mas quando se voltou para o fazer, Vadim tinha desaparecido.

RusFarm

Na manhã seguinte, os homens desapareceram no balneário. Sia e Anna ligaram o atrelado a um SUV *Rolls* no qual fizeram entrar *Penelope* e outra égua, para irem cavalgar nos limites da propriedade. Anna dissera que tinham caído umas árvores que haviam bloqueado os trilhos próximos da casa e dos estábulos. Atravessaram a pastagem da encosta num trote lento, sob um céu cheio de nuvens que filtravam a fraca luz matinal.

A conversa tinha de parecer fluida e natural. Porém Sia ensaiara cada palavra em St. Ives. Cavalgaram em silêncio durante algum tempo. Sia avaliou Anna e percebeu que Max estava certo acerca dela e de *Penelope*; os olhos e a atitude da russa pareciam mais suaves desde o pequeno-almoço. Todo o mundo, pensou Sia, parecia mais suave à medida que se afastavam de casa. Sia olhou para o arnês e para os alforges, imaginando onde podiam ter escondido os microfones. Afastou a ideia, pois não tinha importância – pelo menos de momento.

– A quinta é uma maravilha – mentiu Sia.

– Pois é, obrigada – replicou Anna, enquanto murmurava para o cavalo.

Sia sorriu.

– Ela entende russo?

Anna riu, o que apanhou Sia desprevenida. Aquela mulher raramente ria.

– Estou a ensiná-la – declarou.

Em St. Ives, Procter propusera-lhes um desafio sem rodeios: codesenvolvimentos, uma dança a dois. Uma mulher a irritar a outra. Adoro o codesenvolvimento com os russos, dissera Procter, porque se namoram, consomem. É por isso que os serviços russos não o fazem se souberem que a pessoa no outro extremo pertence à CIA. O pessoal deles vai jantar connosco e num instante se põe à vontade. Então como os levas para a mesa? Pois muito bem, começa por convidá-los.

– No avião, quando vinha para cá – disse Sia –, apercebi-me de que não sei grande coisa acerca da tua família. Podes falar-me dela?

Sia olhou a russa de perto, Anna estava perdida nos seus pensamentos. Tinham-se detido no cimo de uma colina, com uma vista dominante sobre o vale. Um terreno descampado separava as árvores. Conduziram os cavalos para o lado oposto da encosta coberta de neve e os cascos rangiam. Sia acalmou a mente e preparou-se para transcrever cada palavra, cada pausa, cada coisa que não seria dita.

– A família – disse Anna, olhando a meia distância, com um riso que soou suave e triste. – O meu pai é um ex-KGB. Agora é empresário e é tudo o que seria de esperar... autoritário, inteligente, falso e, muitas vezes, bondoso. – Deu umas palmadinhas na garupa de *Penelope*.

– Foi o meu pai que me ensinou a montar. – disse Sia. – O teu também?
Anna resmungou.

– Foi a minha mãe que me ensinou. Faleceu quando eu era pequena. Houve duas épocas na minha vida. Uma com a minha mãe, outra sem ela. A minha mãe encorajou-me, incentivou-me. Tinha um espírito alegre. Muitos russos apenas recordam essa época como um tempo de caos. Mas para mim foi também uma alegria. Eu, a cavalo com a minha mãe. Ela não era como o meu pai. Ou como os Kovalchuk, ou quaisquer outros, afinal. Nem sequer era como eu. Era diferente.

– Como assim? – perguntou Sia.

Anna soltou uma gargalhada. As palavras pareciam flutuar-lhe em redor dos lábios, mas não saíam. Cavalgaram durante uns minutos, o silêncio apenas quebrado pelas patas dos cavalos que se arrastavam pela neve desfeita. No ar havia o cheiro da madeira e o almíscar dos cavalos, e Sia pensou que tudo aquilo seria simplesmente belo se não fosse a realidade de se encontrarem numa arena, rodeando-se uma à outra empunhando facas.

– De que forma é que a tua mãe era diferente, se é que não estou a ser indiscreta?

Anna segurou as rédeas e olhou para o céu como se esperasse neve. Estavam rodeadas de árvores.

– Alguma vez te sentiste uma peça no tabuleiro de um jogo alheio? Movimentada para que outra pessoa possa ganhar? A minha mãe não era assim. Não entrava em jogos.

– Julgo que toda a gente se sente assim uma ou outra vez – declarou Sia. O desagradável pensamento acerca da CIA e de Procter atravessou-lhe rapidamente a mente. – O meu avô disse que me pagaria a universidade, mas apenas se eu estudasse Direito – continuou. – Queria um advogado na família. O meu pai teve a infeliz ideia de dar às filhas nomes de flores. Hortensia? Que raio. Desde o primeiro dia que jogo um jogo alheio.

– Como se chama a tua irmã?

– Daisy.

Anna esboçou um sorriso malicioso.

– É assim com Vadim? – perguntou Sia. – Estás a jogar o jogo dele?

Entreolharam-se, analisando-se uma à outra. A pele do rosto de Anna parecia repuxada, e uma veia pulsava-lhe no pescoço como se rangesse os dentes. A russa foi a primeira a desviar o olhar.

– O meu pai quis fazer dinheiro depois da morte da minha mãe – explicou Anna. – Por isso ajudei-o a arranjar uma sociedade com os Kovalchuk casando com o Vadim. Foi o jogo do meu pai, não o meu. E o Vadim gosta das suas mulheres de boca fechada e pernas abertas, por isso... – Mordeu o lábio inferior e ficou em silêncio.

– Não és muito boa no jogo dele, pois não? – perguntou Sia.

Uma sombra pairou sobre o olhar de Anna.

– Mas que outro jogo posso jogar?

– O teu.

Anna fez com que *Penelope* se aproximasse mais de Sia e disse:

– Isso não existe.

Porém, os olhos brilhantes da russa traíam a mentira. Havia ali outra vida. E era essa que a governava.

Anna avançou mais. O silêncio caiu sobre a floresta. Umas vezes permitimos que aconteça, pensou Sia. Outras esperamos.

Anna censurou-se por se ter confessado, por ter falado da família. Nunca o fazia... com quem quer que fosse. Nem mesmo com Luka. Em vez de insistir com Sia para descobrir um desejo de proteger um ente querido, ou uma necessidade de dinheiro, sexo, poder, ou – ainda melhor – um qualquer vício estranho e inaceitável, Anna parecia abrir caminho para dentro de si própria. Queria parar com aquilo e cavalgar. Apenas cavalgar. Deixou que esse pensamento ecoasse na sua mente. Depois imaginou infligir-lhe uma morte russa apropriadamente desgraçada: lançá-lo de um edifício alto para morrer lá em baixo na rua. Tinha uma operação a realizar. Uma família a proteger. Uma presa a caçar.

Anna afagou as crinas de *Penelope* para aclarar as ideias. A neve começava a cair. A deixa perfeita.

– Será melhor voltarmos – exclamou.

Regressaram às cavaliças a passo rápido, com as cabeças baixas, enfrentando a neve com os olhos semicerrados. Anna seguiu ao lado de Sia quando saíram de entre as árvores e levaram os cavalos a galope leve para a pastagem aberta.

Minutos depois, Anna ficou um pouco atrás de Sia.

Depois Sia ouviu um grito e um gemido.

Voltando a cabeça, Sia viu *Penelope* sem cavaleira. Anna estava estendida, imóvel na neve. Sia deteve o cavalo e desmontou. Anna estava

sentada, agarrada aos rins a praguejar.

– Tropecei num maldito buraco – disse em inglês.

A neve caía agora com mais força. Sia limpou os olhos, frustrada. Uma lesão significava menos tempo sobre a sela, menos tempo para trabalhar a russa.

– Consegues montar?

Anna levantou-se, tentou uns passos, soltou mais impropérios. Abanou a cabeça e olhou em volta.

– Estamos perto da carrinha. E está menos frio do que ontem, mesmo com a neve. Vamos a pé.

Conduziram os cavalos até ao *Rolls*. Sia meteu os dois animais no atrelado e prendeu-os. Fechou a porta do atrelado e dirigiu-se ao lugar do passageiro. Anna já lá estava sentada.

– Podes conduzir? – perguntou Anna, estremecendo. – Tenho espasmos nas costas.

– Claro – Sia conduziu o veículo pelo caminho de terra que em breve chegava à estrada principal a caminho de casa. Anna gemia e mexia-se no assento a cada solavanco. Procurava nos bolsos, praguejando em russo.

– Talvez se te sentasses quieta – disse Sia. Estava inclinada sobre o volante, tentando ver através da neve com os olhos semicerrados

– O meu telefone – disse Anna. – O meu telefone deve estar no alforge.

– Podes ligar ao Max e pedir-lhe que diga ao Vadim que chame o médico? Preciso que alguém me veja as costas. – Sia procurou o seu telefone no bolso do casaco, acelerando o *Rolls* enquanto começava a procurar o nome dele nos contactos com os olhos colados no ecrã.

Depois sentiu uma forma diante dela na estrada. Anna gritou.

Ouviu-se um enorme baque.

Algo saltou sobre o capô e chocou com o para-brisas; apareceu uma cabeleira escura, um casaco castanho, o rosto contorcido de um homem. Sia ficou imóvel por um momento, vendo a coisa a desenrolar-se. O sangue espalhou-se pelo vidro. O homem bateu no tejadilho. Sia travou a fundo. Através do retrovisor viu o homem rolar sobre o carro pelo lado do passageiro. Os cavalos relincharam. O para-brisas estava coberto de sangue.

Começou a sair do carro, mas o *Rolls* avançou até ela puxar mais uma vez o travão e o pôr em ponto morto. Saiu para a estrada. O homem estava imóvel, com o rosto afundado no seu próprio sangue. Uma mulher segurava-lhe a cabeça no colo, alternando o choro com gritos em russo. Oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus, balbuciava Sia. Anna saíra do carro com alguma dificuldade. Também balbuciava em russo. A mulher pegou no telefone. Marcou um número. Começou, mais uma vez, a gritar em russo.

– Morto? – exclamou Sia. – Está morto? – ajoelhou-se na neve junto do homem. A mulher empurrou-a, ainda a gritar para o telefone. Sia afastou-a, dizendo que queria tomar o pulso do homem. Mas a mulher parecia histérica. – Sia tentou por duas vezes verificar se o homem estava vivo e, por outras

tantas, foi afastada pela mulher que gritava para o telefone e para Anna. Sia deixou-se cair na neve, junto ao *Rolls*, enquanto a mulher falava com Anna.

O sangue pingava sobre um dos pneus junto ao rasto vermelho que corria desde o tejadilho do *Rolls*. *Plip-plop-plip*. Havia tanto, como se o impacto tivesse aberto o homem ao meio. O sangue quente sibilava e evaporava-se quando tocava a neve. *Plip-plop-plip*.

As sirenes convocavam o instinto para se mexer, para abandonar o ponto X. Uma ambulância. Como tinha chegado tão depressa? Dois paramédicos saltaram lá de dentro. Tomaram o pulso do homem – viu-os abanarem gravemente as cabeças. A mulher andava de um lado para o outro, a resmungar, a praguejar, a apontar para Sia e para Anna, um dos paramédicos cobriu o corpo com um cobertor. Puseram-no numa maca. Depois chegou um carro da polícia. Anna aproximou-se dele com as mãos na cabeça.

Sia passou um dedo pelo sangue na estrada e apalpou-o entre os dedos. Parecia verdadeiro. Queria levantar-se, mas as suas pernas não se mexiam.

Minutos depois, chegou um segundo carro da polícia. Anna e o novo agente falaram em russo como metralhadoras, Anna apontou para o carro, para Sia e para o homem e repetiu os gestos. Depois os dois agentes afastaram-se para falar. Anna sentou-se junto de Sia.

– O primeiro é da polícia de trânsito – disse ela. – O segundo é da polícia criminal. Vai levar-nos para a esquadra. É na aldeia perto da quinta.

– Podes falar com eles? – perguntou Sia. – Diz-lhes que foi um acidente. Anna assentiu.

– Já falei. – Voltou-se para o corpo coberto pelo lençol. – Conheço o casal. Vivem perto da propriedade. Estão sempre a invadi-la.

A mente de Sia vacilou. Sentira-se em pânico e nauseada quando vira o morto, mas agora atormentava-a um sentimento diferente, a que não estava habituada. Medo. Daria a Anna o que quer que eles quisessem. Meu Deus, não podia ia a uma esquadra da polícia na Rússia.

Um dos agentes voltou e disse a Anna que tinham de entrar no carro-patrulha. Alguém da casa viria buscar os cavalos. Anna disse que tinha a certeza de que se tratava de rotina, que tudo iria correr bem. Anna falou mais uma vez em russo com o agente e depois murmurou a Sia que ele tinha concordado em que ela fosse para traduzir. Sia entrou no carro; o condutor trancou as portas. Anna sentou-se com ela no banco de trás. O tempo deixara de passar ao ritmo normal. Sia não sabia se o caminho levaria um ou trinta minutos. A russa dava-lhe palmadinhas na perna com a mão rígida. Talvez quisesse parecer tranquilizadora, pensou Sia, mas algo em tudo aquilo parecia frio e sinistro. Tac-tac-tac. *Faz o que te digo, miúda, parecia dizer*. Tac-tac-tac. Sia ponderou diferentes hipóteses: um belo suborno, talvez, ou Anna convencer a polícia a deixá-la ir. Em todas elas, estava à mercê de Anna.

E percebia agora que isso a aterrorizava.

RusFarm

Pararam junto a um edifício de cimento de dois andares. Não havia luz nas janelas, nenhuma placa, nem carros no parque de estacionamento de gravilha. Seria aquilo a esquadra? O agente conduziu-as a um gabinete com uma secretária, um computador e cadeiras metálicas desirmanadas. Tirou a fotografia a Sia. Com Anna a servir de tradutora, preencheu um impresso cor-de-rosa com os dados biográficos de Sia. Pediu a Anna que mandasse os documentos de Sia que estavam na quinta: passaporte, visto, a carta de condução do Reino Unido, telefone, computador. Tirou-lhe as impressões digitais. Escreveu o relato do acidente conforme Sia o fez, saindo frequentemente da sala para atender chamadas telefónicas em surdina.

Depois de um determinado telefonema, levou-as para uma outra sala, fria e húmida, com paredes de blocos de cimento a escorrer água. A mesa e as cadeiras eram de metal gasto. Ela sabia que aquilo era uma sala de interrogatórios. Chegavam-lhe as mesmas vibrações das experiências em Madison County, na Virginia.

Onde estariam os outros agentes da polícia? Nada daquilo parecia oficial, mas valeria de alguma coisa? Provavelmente. Talvez. Quem sabe? Estava na Rússia. Podiam fazer com ela o que lhes apetecesse, oficial ou não. O frio do compartimento parecia instalar-se nos seus ossos.

Depois de um telefonema especialmente ruidoso no corredor, o agente da polícia juntou-se a elas à mesa, passando a mão pelo cabelo com o ar frenético de um homem a ser espremido pelos superiores para obter resultados. Pediu a Sia que repetisse o seu testemunho. Quando ela terminou, o agente falou, vincando a sua última frase ao carregar com um dedo na parte de trás do telemóvel que estava sobre a mesa. Fez sinal a Anna para que esta traduzisse.

Porém, antes que ela o pudesse fazer, alguém bateu à porta. O polícia

desapareceu no corredor. Sia ouviu vozes em surdina, passos e portas, que não via, a fecharem-se.

Depois outro homem entrou na sala. Alto, de olhar inexpressivo, com um fato escuro, elegante, com o cabelo louro alisado sobre o crânio. Usava uma camisa bem engomada, uma gravata com um nó bem feito. Falou com Anna durante um minuto, depois fez sinal para que ela traduzisse.

– Este é o capitão Ivanov do Serviço Federal de Segurança, o FSB – começou ela. As três letras sugaram o ar do peito de Sia.

Anna prosseguiu:

– Diz que compreende que estás na RusFarm como nossa convidada especial e que isto foi um acidente. Mas gostaria de falar contigo acerca de uma coisa que surgiu quando a polícia investigou o teu patrão. Gostaria de falar contigo aqui, esta noite.

A porta abriu-se. Entrou um segundo agente que trazia a carteira e a mala dela que estavam na quinta. Colocou o computador e o telemóvel sobre a mesa. O agente do FSB dispensou-o e depois falou com Anna e pediu nova tradução.

– Uma coisa importante chegou ao conhecimento do capitão Ivanov – começou Anna. – Diz que se o ajudares a encontrar, manterá o caso afastado dos tribunais. Podemos resolver isto informalmente. Troca por troca e assim.

Sia olhou para o portátil. O computador estava ali, na Rússia, precisamente para este momento. Dava a Sia algo para oferecer. Podia respirar fundo novamente, a sua mão dormente tornou-se um pouco mais rosada e quente. O espaço deixou que um rápido pensamento lhe atravessasse a mente: não contar a Procter toda a história. Aquele era o tipo de erro que nos Estados Unidos te adiariam a vida, obrigando-te a encontros quinzenais com psicólogos de operações, polígrafos e seguranças de olhos gélidos a quererem chegar ao fundo das coisas. O fim de uma carreira promissora.

Depois, embora já soubesse a resposta, Sia fez uma pergunta, pois seria estranho não a colocar.

– O que é que ele quer fazer com o computador? – perguntou.

Anna traduziu para o capitão Ivanov, que explicou e, a seguir, lhe fez um novo aceno rápido.

– Acesso aos documentos e correspondência da Hynes Dawson – disse Anna. – Julga que pode haver informações nos teus arquivos que revelem atividades financeiras ilegais, levadas a cabo por importantes membros do governo russo e vários empresários influentes. Percebe que o seu pedido é de natureza invulgar, mas pede-te o favor de desbloqueares o teu portátil e que o conduzas aos ficheiros que lhe possam interessar.

– Estás a trabalhar com eles, não estás? – murmurou Sia em inglês. – Diz-me o que se passa, Anna, por favor. O que é isto? Não entendo o que está a acontecer.

O agente do FSB irritou-se com Anna, que acenou e ergueu a mão.

– Por favor, Sia – disse. – Nada de apartes para mim em inglês. Fala para

o capitão Ivanov.

– O que acontece se eu não cooperar? – perguntou Sia.

Anna conversou com Ivanov acerca do assunto. A conversa terminou com um longo jogo de gritos que pareceu estranho a Sia.

– Ele diz que – comentou Anna entredentes –, se não cooperares, o FSB vai insistir com a polícia criminal para que prossiga a investigação. Depois disso, esta noite vão meter-te na cadeia em Kirishi em São Petersburgo. Confiscar-te o passaporte. Deixar que o sistema resolva.

– Anna – disse Sia. – Tens de ser capaz de fazer alguma coisa.

Mais conversa com Ivanov. Anna abanou a cabeça.

– Talvez possa ajudar-te, à medida que o caso progredir. Mas por agora, esta é a oferta do capitão. Lamento.

O primeiro agente abriu o portátil e ligou-o. O segundo trouxe copos de esferovite cheios de chá. Sia viu o portátil arrancar e olhou para o ecrã azul que exigia a sua *password*. Não se mexeu.

Ivanov dispensou o polícia.

– Vai – disse em inglês.

Ela esperou.

Ele disse a Anna algo em russo. Depois apontou para Sia. Anna aproximou a sua cadeira de Sia. Aqueles gélidos olhos azuis não largavam os seus.

E Sia sabia que aquela era a verdadeira versão de Anna, a que avistara antes, no passeio a cavalo. Era fria e aterrorizadora, mas falava numa voz tranquilizadora e prometia fazer o que fosse necessário para ajudar Sia a sair da confusão com o FSB.

Anna, pensou Sia, estava a fingir que traduzia para o agente do FSB. Ou não? Quem mandava ali?

A mão esquerda de Sia tremeu. Não conseguia aquecer. Sentia um zumbido nos ouvidos e mal conseguia ouvir as perguntas.

Anna começou com uma declaração, dizendo que o FSB acreditava que a Hynes Dawson tinha ajudado vários empresários russos a estabelecer contas bancárias no estrangeiro, violando os importantes controlos do Kremlin. A pergunta chegou a Sia com uma sobrançelha levantada.

– Sim, é verdade – Sia ouviu-se dizer.

O FSB, continuou Anna, está especialmente interessado nas atividades e sócios de um homem chamado Vassily Platonovich Gusev. Conhecido como Ganso. Discutimo-lo um pouco no México. Conhece-lo como Ganso, Sia? E Sia disse, Sim, sim, conheço. Digo-vos o que quiserem sobre ele.

E depois os lábios de Anna moviam-se, mas Sia olhava do outro lado da mesa e os seus ouvidos zumbiam novamente e ela não ouviu nada de nada durante algum tempo.

– Mikhail Lyadov? – disse Anna. O russo parecia frustrado, como se já tivesse repetido o nome várias vezes.

– Como?

– Conheces o Mikhail Lyadov? Segundo nos disseram, em Londres dá pelo nome de Mickey.

– Conheço. Conheço-o. O Micks. É um cliente.

A sua mão esquerda tremia outra vez. Meteu-a debaixo da perna para ver se parava, mas, como uma marioneta, o movimento fez a coxa tremer.

– O Ganso roubou uma grande quantidade de ouro – disse Anna. – Demasiado para o podermos ignorar.

– Estou a ver. – A minha mão, pensou Sia. Não consigo que ela pare de tremer. De repente apercebeu-se de que pestanejava repetidamente. Tinha dificuldade em respirar, de cada vez que o ar lhe saía dos pulmões forçava dolorosamente a sua garganta apertada.

– Mas claro que já sabes disso – declarou Anna. – O Mickey Lyadov ajuda o Ganso a movimentar o dinheiro para o estrangeiro e depois lava-o. A Hynes Dawson estabelece a estrutura legal. Tens os documentos, não é verdade? Os artigos da organização e da constituição da sociedade? Um diagrama de todo o sistema? As contas bancárias, localização, balanços, informação escrita, talvez as credenciais de *log in* para alguns? As listas dos indivíduos autorizados para as contas? O capitão Ivanov diz que quer tudo isso. Dás-lhe tudo esta noite e em troca consegues sair da Rússia.

– Anna, por favor, serei expulsa da Ordem. Eu...

Houve uma tortuosa e mais desagradável apresentação traduzida das alternativas: investigações criminais conduzidas pelo FSB, a prisão de Lefortovo, um campo de trabalho na Sibéria.

Anna falava frequentemente em “papelada oficial” e, mais do que uma vez, afirmou taxativamente que as futuras discussões seriam presididas pelos agentes do FSB que *não são amigos da minha família*. A ficção de que era Ivanov quem puxava os cordelinhos tornava-se ténue. Sia percebia que era Anna que comandava, mas não tinha a certeza absoluta e, nessa incerteza, a sua mente partia para locais obscuros. Anna fizera um jogo rude. O treino não lhe trouxe conforto nem algo semelhante a um plano. A sua mente ponderou o fracasso, não a vitória. O companheiro de longa data de Sia, aquele martelo no seu peito, estava perturbadoramente silencioso. Tentou afundar-se mais no seu casaco, mas não conseguia aquecer, por muito que tremesse ou esfregasse os ombros e braços.

Por fim entrou no computador. Faço o que quiserem, disse.

Deu-lhes tudo: os esconderijos do dinheiro que fora outrora o ouro de Andrei Agapov. Um vasto império financeiro espalhado aos quatro ventos por Sia Fox, Hynes Dawson e os banqueiros suíços.

Mostrou-lhes as poucas contas para as quais tinha procuração e em que podia mexer nos fundos sem autorização. Para emergências, dissera Micks. Para o caso de precisarmos de algo rapidamente.

Nunca tive tanto frio, pensou. Por vezes os seus dedos tremiam quando apontava para o ecrã. Pediu um casaco mais grosso ou talvez um cobertor e pensou que Anna pedira a um dos polícias para trazer um, mas ele não o fez.

Nunca mais vou ficar quente, pensou. Tenho o inverno enterrado no meu peito.

A mão esquerda de Sia tremia através da noite, não conseguia fazer com que parasse, e Anna começou a ficar impaciente, porque os dedos trémulos tinham dificuldade em tocar nas teclas. Sia reparou que, durante todo o tempo, Anna estivera direita como um fuso. As costas daquela cabra estavam boas, a queda do cavalo tinha sido um mergulho perfeito.

A ideia de convencer aquela russa psicótica a colaborar com a CIA dissolveu-se numa fantasia absurda com cada dólar, euro e rublo descoberto. És uma perfeita idiota, Hortensia, pensou, porque acreditaste que aquilo era possível.

Por vezes, uma sombra velava os olhos de Anna, e Sia tinha a vaga sensação de que a russa estava desapontada, ou talvez não soubesse o que fazer, agora que tinha o que queria.

Mas Sia sabia que lhe dera tudo e, embora as mãos de Anna tivessem estado bem juntas sobre a mesa durante toda a noite, podiam perfeitamente ter estado a apertar-lhe o pescoço, estrangulando-a, extraindo toda a vida de dentro dela.

RusFarm

Quando terminaram, depois de Sia ter sido transportada para a casa principal e subido com dificuldade a escada, Anna saiu do antigo edifício administrativo. Havia uma ambulância no parque de estacionamento. Anna encontrou Dasha a sorrir no lugar do condutor. O sangue manchava-lhe o sobretudo.

– Que tal fui? – perguntou a ginasta.

– Um lançamento perfeito – disse Anna. – Nota dez.

– Terei usado sangue de mais? – perguntou Dasha. – Talvez demasiados balões?

– A quantidade certa – disse Anna. – Foi perfeito.

Os balões tinham sido uma coisa desagradável. Dasha enchera-os e formara com eles uma espécie de colar que colocara sob o sobretudo do falecido Kiril. O sorriso dela desapareceu e agora parecia um pouco enjoada. O cheiro pútrido a sangue de porco no camião não ajudava nada.

No gabinete do andar térreo da RusFarm, Anna vasculhava as estantes para passar o tempo, acabando por chegar ao pesado armário onde o pai guardava algumas das suas armas mais interessantes. Nunca estava fechado à chave. Não havia crianças por ali, explicara-lhe uma vez o pai. Porque havia de se preocupar? E depois picava-a: “Embora eu gostasse de ter uma desculpa para o fechar à chave. Talvez duas”. Passou a mão pela caixa com o batom. Pensou em disparar contra ele na noite em que a metera naquele sarilho. Depois fechou o armário das armas, fazendo girar a cadeira para ficar voltada para a janela e refletir sobre a noite.

Sia. Tinha ficado assustada após o acidente encenado, mas em breve recuperara a confiança, exceto a mão trémula. Anna pensou que estivesse a representar. E não era próprio de uma advogada num tribunal.

Ou alguém a treinar para aquele tipo de stress.

Alguém como ela.

A porta do escritório abriu-se. Instintivamente revirou os olhos, esperando que fosse Vadim.

– Anya – disse o pai. – O que temos?

– Pai.

O pai sentou-se e o rosto de Anna deve ter refletido a sua mente, porque ele franziu a testa.

– Que se passa, Anya? Diz-me.

A boca dela ainda não se abriu quando ele inclinou o queixo em direção à janela. Os faróis dianteiros manchavam a fonte na rotunda. Seis carros, contou ela. Luzes azuis brilhavam por baixo da churrasqueira. O FSB.

– Esperas companhia? – perguntou o pai.

Quando Sia entrou no quarto, a voz oprimida de Max indicava que ele sabia que algo terrível acontecera, mas quando lhe perguntou pela noite com Anna, ela disse apenas:

– Passámos um bom bocado. Muito animado. – (*Dei-lhe a informação sobre o Ganso.*) O que Max não podia perguntar era como isso acontecera, nem por que razão a mão esquerda de Sia parecia tremer descontroladamente depois de uma noite tão animada. Os códigos eram desajeitados. Sia jurara a pés juntos ao suposto agente do FSB, através de Anna, que não contaria a Max o que acontecera, e certamente não o podia fazer nesse momento, ali, dentro da sua Rodina e cercados pelas câmaras da RusFarm.

Agora os olhos de Sia estavam fechados para mostrar às câmaras que estava a dormir como uma hóspede sensata, mas exausta, mas a sua mente trabalhava. Aquela operação fora completamente pelos ares. Armara uma confusão diante das câmaras. Depois Anna voltara os verdadeiros polícias contra ela. E quem era aquele morto, afinal? Deitada ao lado de Max – também acordado –, incapaz de dizer uma palavra acerca do assunto devido aos aparelhos de vigilância, esses viscosos globos oculares da câmara colados na sua pele. O próprio quarto parecia rastejar em volta dela, as suas escuras paredes de madeira pressionando-a sobre a cama. Imaginou que o cavaleiro mongol, que morria no quadro pendurado sobre a cómoda, virava a cabeça para lhe sorrir.

Abriu os olhos com uma cotovelada de Max. Os faróis na rotunda da frente. Foram à janela. Por um momento, Sia pestanejou, confusa. Seis carros. Luzes azuis, sirenes denunciadoras – veículos do governo – provavelmente do FSB. Porque voltariam?

Deus do céu, um carro de transporte de presos.

– Estamos feitos – murmurou para Max, esquecendo-se dos microfones. Estamos mortos. Este é o tipo de lugar onde morrem pessoas.

E depois Sia sentiu-se fora do corpo. Estava empoleirada no dossel da

cama, vendo a sua pessoa cambalear até à mesa de cabeceira e ao seu telefone. Juntamente com Max, preparava sinais de emergência para Procter, marcando números com dificuldade, perguntando a si própria se não seria melhor abrirem as janelas e saltarem. Não estamos a uma altura suficiente, limitávamo-nos a partir as malditas pernas. Esforçou-se por se concentrar nos números, mas os seus olhos saltavam pelo quarto, procurando um bom local para pendurar o nó de um lençol da cama.

Os faróis que guiavam o carro de Chernov iluminaram a gigantesca estátua de um cavalo, deram a volta à rotunda e detiveram-se junto a um homem que entrava cautelosamente no círculo de luz. Ergueu a mão para proteger o rosto e acenou para que o carro de Chernov avançasse. Os pneus faziam saltar a neve. O homem inclinou-se junto da janela do condutor. Chernov mostrou as suas credenciais.

– Preciso de falar com Andrei Borisovich. Sei que ele se encontra aqui esta noite – disse Chernov.

– Quem é o senhor? – perguntou o homem.

– Tenente-coronel Konstantin Konstantinovich Chernov. Diretorado da Segurança Interna. O senhor é Vadim Yurivich Kovalchuk?

– Sim.

– Diga-me onde está Andrei Borisovich.

– Porque é que está aqui?

– Assuntos de Estado – disse Chernov. – Assuntos de Deus. Onde está ele?

A bota de Chernov bateu na neve fresca. Empurrou Vadim para o lado e olhou para a casa às escuras. A neve cintilava no telhado. Uma espiral de fumo saía do que deviam ter sido cinco, talvez seis chaminés.

– Onde está ele?

Vadim apontou para um quarto iluminado no andar térreo.

– O escritório – disse Vadim.

Chernov inspirou o ar frio. Expeliu-o para cima, em direção ao céu.

RusFarm

Precisamente 15 minutos depois, os carros governamentais partiram. Sia voltou a colocar o telefone na mesa de cabeceira.

Depois ouviu-se o barulho de móveis a cair num quarto em baixo.

Vidros a partirem-se.

O ruído surdo de mais mobília a partir-se.

Gritos de Anna, depois de Vadim.

Quando a discussão se tornou intermitente e depois terminou, Sia partiu do princípio de que apenas teriam dirigido o combate para o quarto, no extremo do segundo andar, ao fundo de outro labirinto de corredores, fora do alcance do ouvido alheio.

Sia mandou uma mensagem a Anna. Ela e Max estavam completamente acordados na cama e cada palavra digna de ser dita era impossível de pronunciar em voz alta. Como depois de algum tempo Anna não respondia à mensagem, Sia voltou-se de barriga para baixo e enfiou a cara na almofada.

Anna escolheu o seu lugar cuidadosamente para evitar os vidros partidos, os cacos de loiça e a caótica desordem dos livros que lançara ao chão. Examinou um dos livros, decorado como uma primeira edição de *Vida e Destino* de Grossman, banido pelo regime soviético. Adequado, pensou. O exemplar da RusFarm é uma caixa vazia, pintada, decorativa.

Atirou com o livro para uma das prateleiras voltadas.

Tinham prendido o pai.

Nessa noite, Anna obtivera de Sia as provas de que o Ganso roubara; tinha as contas e as quantias e a certeza de que o *khozyain* nada sabia. Mas que diferença fazia, se o pai não podia enviar a mensagem ao *khozyain* e com o FSB claramente controlado pelo Ganso?

Inúmeras derrotas no xadrez tinham habituado Anna àquela sensação: o nó no estômago quando a derrota era inevitável.

Mas no xadrez podia desistir.

Agora, não sabia o que fazer.

E Vadim estaria envolvido? Ter-lhes-ia dito que o pai estava ali em casa? Devia tê-lo feito, pensou. Não sabia, mas sabia.

Não devia ir lá acima ao quarto, disse para consigo. Mas já começara a subir a escada. Devia dormir um pouco e pensar no assunto. Mas já apertava a maçaneta da porta. Devia dar meia-volta. Mas girou-a e abriu-a.

A luz fraca do luar entrava pela janela. Vapores de *vodka* invadiram-lhe as narinas quando Anna a fechou atrás de si. O suor masculino misturava-se com a lavanda dos ambientadores, mascarando vagamente o cheiro a bolor. Vadim estava sentado na beira da cama. Os olhos dela ajustaram-se à pouca luz. Estava ainda vestido. Levou uma garrafa aos lábios e olhou em frente. Anna manteve-se imóvel junto à porta.

– Apontaste para o escritório – disse ela. – Apontaste para mim, que sou tua mulher.

Vadim apertou os lábios. Engoliu em seco.

– Qual é a tua ideia, Anna? Que havia eu de fazer? Combater sozinho contra o FSB? A sério? – Um gole de *vodka*.

– Nesta casa temos material que o Ganso gostaria de ver. Abriste-lhes a porta. Depois ficaste na escada e não fizeste nada. Trouxeste-os aqui? Ajudaste-os?

– Que dizes, Anya? – fez um sorriso estranho, expondo os dentes. Deu um passo cambaleante na direção dela.

Ela avançou para ele com um sorriso cruel nos lábios. O cheiro a álcool era forte, Vadim estava encharcado.

– Anya – repetiu. – O que estás a dizer?

Ela olhou-o nos olhos.

– Estou a dizer, Vadim, que és um covarde e um traidor da tua família.

Ele estendeu a mão para o braço dela. Anna desviou-se e esmurrou-lhe o nariz. Depois uma orelha. Bateu-lhe na outra com a mão aberta, não conseguia controlar-se. Recuou. Ele tinha uma mão na orelha latejante, a outra a tapar-lhe a boca para aparar o sangue que lhe corria do nariz.

Depois investiu contra ela. Ela afastou-se para o lado, mas não suficientemente depressa, porque ele puxou-a pela camisola e atirou-a de encontro à parede. Ela desferiu-lhe um pontapé nas canelas e uma joelhada nos testículos. Mordeu-o no pescoço. Ele gritou, recuando para comprimir as marcas dos dentes. Anna procurou uma arma. O despertador da mesa de cabeceira. Arrancou o fio da parede e tentou esmagar-lhe o relógio na cabeça. Falhou; atingiu-o no ombro. Ele caiu na cama.

– Para com isso – disse em tom sibilante. – Para com isso, seu lunático. – Tinha os punhos erguidos, balançava-se como um pugilista. Os olhos de ambos encontraram-se por momentos e ela não gostou do que diziam.

Foge.

Dirigiu-se à porta. Tinha a mão a apertar a maçaneta quando sentiu uma dor aguda na nuca, a cabeça estalou e avançou, ouviu o som da sua testa de encontro à quina da porta. Na imagem seguinte, viu as fibras do tapete e apenas conseguiu ouvir de um lado, porque a outra orelha estava esmagada contra o chão. O ouvido voltado para o teto cumpria a fria promessa de Vadim de que pouparia o embarço ao rosto dela. A dor invadiu-lhe o estômago.

Depois as costelas.

As coxas.

Gritou, grunhiu, soltou impropérios. Inclinou a cabeça para ver o que estava a acontecer. Vadim sentara-se sobre as pernas dela, esmurrando-a ritmadamente, cada soco abaixo dos ombros dela. Tentou erguer um braço. Ele agrediu-o para o afastar. Ela tentou virar-se ao contrário, uma tartaruga esgueirando-se para dentro da sua casca. Ele prendeu-lhe os ombros, mantendo-a exposta. Os olhos dela fixaram o teto dourado e ela perguntou a si mesma se não ia morrer. Pensou em Luka, na mãe e na égua *Penelope* e sentiu-se a cavalgá-la com o vento nos cabelos.

Num galope rápido, Anna cavalgou para a escuridão.

RusFarm

Quando Sia tinha 10 anos, um carro atropelou-a enquanto percorria uma das estradas rurais do rancho. Estava a ouvir música no leitor de CD da irmã. Não ouviu, nem viu o que se aproximava. Num momento estava de pé, noutro estendida numa vala, incapaz de abrir os olhos.

Aquele terror desaparecera da sua vida. Até àquela noite.

Agora, quando fechava os olhos, Sia via o sangue a cobrir o para-brisas. Anna a dar-lhe palmadinhas no banco de trás do carro da polícia. Aquela cabra é do SVR. É uma deles. Agora tenho a certeza. Anna trabalhara-a desde o princípio. Anna era uma versão russa de Sia.

Sia levantou-se para ir à casa de banho, sentindo a ansiedade invadi-la. Tinha acabado de voltar para a cama quando ouviu bater à porta.

Quando Anna recuperou a consciência, Vadim tinha desaparecido. O seu estômago era uma mancha raivosa de vermelhos berrantes e manchas brancas. Conseguia mexer os braços e as pernas, mas quando tentou sentar-se, a zona central do seu corpo gritou de dor e cedeu. Olhou para o teto dourado e pestanejou aos leões, querubins e alces que dançavam ao longo do gesso.

E agora?

Concentrou-se em busca de um refúgio para a dor, procurando sabedoria, um guia que a pudesse levar a casa. Anna imaginou-se a cavalgar ao lado da mãe. Estavam nos campos e era verão. A erva era verde brilhante e nalgumas zonas chegava à garupa do cavalo. Cavalgaram em silêncio até a raiva de Anna se ter consumido e ela conseguir falar, por fim. Contou à mãe sobre a prisão do pai. Falou-lhe de Vadim. De Luka. Daquela estranha sul-africana. Sia, cuja reação ao acidente de carro fingido levantara todo o tipo de perguntas na mente conspiratória de Anna.

A mãe perguntou: Consegues continuar a viver assim, Anya?

Não quero.

Não queres ou não podes?

As duas coisas.

Então?

Anna disse que não sabia.

A mãe sugeriu: Não tens grandes possibilidades, Anya. Mas sabes isso. O que te resta agora com o teu pai preso? Estás fora disso, não é verdade?

A mãe apontou para a entrada da floresta de bétulas. No céu juntavam-se nuvens negras de tempestade e o vento já se fazia sentir. A égua relinchou, já a inquietar-se.

A mãe perguntou: E a Sia? Pensas que é mais do que uma advogada? A mãe dela subiu a gola contra o vento, deu umas palmadinhas no seu cavalo, pegou nas rédeas e cruzou os braços no colo.

Não sei mesmo o que ela é, mãe.

A mãe abanou a cabeça com um sorriso, sabes sim. Sabes exatamente o que ela é, só que não queres admitir em voz alta. Nem para ti própria. Tudo bem. Mas, quanto a ti, o que quer essa mulher?

O cavalo relinchou mais uma vez e Anna acariciou-lhe as crinas. Informações, disse. Talvez acerca do dinheiro, do banco, do SVR. Pode querer muitas coisas. Não sei.

É um começo, Anya, disse a mãe. Um bom começo. Suponho que também queira saber mais sobre o Ganso, não achas? A gente dela, se é que ela é o que pensas que é, bom, não gosta do Ganso, pois não? A gente dela quer certas coisas. Será que não partilhamos um inimigo comum? Volta a perguntar-te: Como pode ela ajudar-te?

Anna pensou nessa questão, cavalgando atrás da mãe através de um campo amarelo-dourado.

Anna pestanejou, afastou os olhos do teto dourado e fez um esforço para se pôr de pé. À entrada da porta fez uma pausa para respirar fundo. A dor era aguda, como se uma costela se lhe tivesse espetado num pulmão. Talvez tivesse acontecido. Numa névoa de dor vestiu o casaco, pôs o chapéu, as luvas, um cachecol. Caminhou com dificuldade pelos corredores, parando por vezes para se encostar a uma parede ou para se agarrar ao estômago.

À porta de Sia, Anna respirou com dificuldade. Depois bateu de mansinho.

A primeira luz fraca da manhã entrava pela janela. Outra pancada.

Outra.

Sia abriu a porta.

Anna tinha o cabelo em alvoroço. Estava curvada; segurava o peito com o braço esquerdo. Entrou no quarto a coxear, espreitando Max, que estava agora sentado na cama.

- Anna, o que aconteceu? – perguntou Sia.
- Veste o casaco. Vamos dar uma volta.
- Anna, o que aconteceu? – perguntou Sia mais uma vez.
- Pega na porcaria das tuas coisas, Sia.

Sia enfiou umas *leggings*, calças de ganga, duas camisolas e o sobretudo. Trocou um olhar com Max à saída. Ficou a pensar se devia enviar o sinal de emergência; não havia tempo para planear.

Dirigiram-se às cavalariças, Anna parou duas vezes para agarrar o estômago, para gemer, ou para recuperar o fôlego. Anna levou Sia para a baia de *Penelope*. A chegada de ambas acordou a égua do sono profundo de um cavalo deitado. *Penelope* levantou-se e meteu a cabeça pela abertura da porta. Anna levou a mão ao focinho do animal. Depois à cara.

– Não posso montar sozinha – disse Anna. – Creio que somos suficientemente pequenas para montar as duas. A égua é grande. Tenho menos de 50 quilos. Já montaste em pelo?

Sia assentiu.

- Ainda bem – disse Anna. – Leva-nos ao bosque.
- Devem estar 10 graus negativos lá fora, eu...
- O bosque – disse ela. – Não fiz uma pergunta.

Sia levou Anna a trote lento, porque a luz da madrugada só agora aumentava e os movimentos de *Penelope* faziam por vezes Anna gritar de dor. Mas seriam os gritos genuínos? Ou outra representação? Anna conduziu-as através de pastagens cobertas de neve e caminhos lavrados. A russa sentava-se à frente de Sia nos fortes quartos da égua. Tinham passado mais de 20 anos desde que Sia montara sem sela. Fê-la sentir-se próxima de *Penelope*. O calor do dorso e da pele da égua nas suas pernas. O cabelo de Anna cheirava a sal, e no pescoço dela surgia um feio hematoma avermelhado. Recusava-se a responder às perguntas acerca do que se tinha passado. Mas o hematoma fazia com que fosse fácil adivinhar.

Sia obrigou a égua a parar. Queria ver os olhos de Anna, mas não havia maneira de poderem desmontar – e Sia não tinha a certeza de que Anna fosse capaz de voltar a subir. Pararam à entrada da floresta junto às altas bétulas. Sia fechou os olhos e inalou o ar frio.

- Anna, estou a ver uma nódoa negra no teu pescoço – disse Sia.
- Avança mais para dentro das árvores – pediu Anna.

Cavalgaram por entre as bétulas, onde a neve amontoada era tão alta que quase lhes chegava aos pés que balançavam.

- Longe das estradas – disse Anna por fim. – Há câmaras.
- Câmaras? – perguntou Sia, fingindo-se de parva.

Um riso.

- Por favor, Sia. Meu Deus. O que trouxeste da cavalariça?
- O freio e as rédeas.

– Nada mais? Nenhum saco?

– Não Anna, o que...

Anna gritou de dor quando estendeu a mão para tocar em Sia. Passou-lhe as mãos pelas calças de ganga. Fez deslizar os dedos pelo casaco e pela camisola.

– Onde está o teu telemóvel?

– Deixei-o no quarto.

– Tens alguma coisa nos bolsos?

– Anna, o que se passa?

– Tens alguma coisa nos bolsos? – repetiu.

– Não. Nada.

Anna encostou-se para trás. A égua parou.

– Tenho de ver os teus olhos, Sia.

Sia agarrou suavemente na russa e voltou-a até as costas dela estarem estendidas sobre as crinas da égua. Anna gritou apenas uma vez. Depois, Sia puxou Anna para cima, até estarem sentadas sobre o animal, em pelo, com os joelhos a tocarem-se, de frente uma para a outra. Mexeram-se um pouco para ajustar a posição; Anna praguejava, cheia de dores.

Depois Anna desabotoou o casaco.

– Levanta um pouco a minha camisola – pediu.

A pele leitosa de Anna desaparecera. Uma manta de retalhos de hematomas vermelhos cobria-lhe agora o estômago. Sia puxou-lhe suavemente a camisola. Anna estremeceu.

– Maldito – disse Sia. – Podes ir à polícia?

Anna olhou-a com pena.

– Há polícias na Rússia – disse ela. – Mas não há segurança. Pelo menos em relação a uma pessoa como o Vadim.

A luz enchia agora o bosque de bétulas. Sia deu por si sem saber o que fazer, sem conseguir cumprir o plano. Tudo parecia tão distante. Estaria Anna a inventar?

– Gostava de ter uma conversa franca contigo, Sia – disse Anna. – Vou começar. Encenámos o acidente de carro, coisa que penso que sabes. O agente do FSB que falou contigo, bom, trabalha para mim. Para a minha família.

– Para o SVR? – murmurou Sia. – Ou para o FSB?

Anna curvou os lábios, mas não respondeu.

– A minha família está em guerra com o Ganso. É um homem poderoso, antigo diretor do FSB, agora presidente do Conselho de Segurança, mas isso tu sabes. Tenho tentado encontrar o dinheiro que nos roubou. Dinheiro que a tua firma ajudou a esconder. Esta noite mandou prender o meu pai. Viste os carros? Ouviste alguma coisa? Claro que sim.

– Sim.

– Receio que estejamos a perder a guerra. Eu estou a perder. Roubaram-nos, privaram-nos do acesso ao nosso Presidente. Levaram o meu pai. E o meu próprio marido maltrata-me. Pode até estar a trabalhar com eles.

Provavelmente fez um contrato com ele para vender a minha família.

– Porque me estás a dizer isso, Anna?

– Porque sei quem tu és.

– E quem sou eu?

Anna acariciou o cavalo.

– Somos o mesmo, não é verdade? Até certo ponto?

Sia ergueu uma sobrancelha.

– Oh, por favor – disse Anna. – Tu e eu temo-nos digladiado há já algum tempo. Suponho que podemos continuar, mas estou demasiado zangada. E cansada. E sem opções. O que me apercebi esta noite durante a tua pequena conversa com o meu falso agente do FSB é que não és advogada. Nem pensar. Ou, mais precisamente, não és apenas advogada. És advogada como eu sou banqueira. O que quer dizer, só até certo ponto. Ou de maneira nenhuma, dependendo de como vemos as coisas. Aquilo que não percebo é por que razão Langley te mandou para a Rússia. Fiquei confusa. Depois percebi. Isco. Sabias o que eu queria e ias deixar que eu o conseguisse se tivesses oportunidade de me recrutes. Acertei em quase tudo?

Durante o treino, tinham-lhe dito para nunca revelar o disfarce sem a aprovação formal de Langley. Mantém a ficção, nunca digas quem és. Mas Anna sabia quem Sia era. E agora Sia sabia quem Anna era. As mentiras podiam fazer com que Anna estrebuchasse e soltasse a linha. Mesmo assim, Sia não confiava naquela cabra esperta.

– Deixa-me ver outra vez esses hematomas – pediu Sia.

Anna lançou-lhe um olhar frio.

– Atiraste um cadáver de encontro ao para-brisas de um carro e tentaste chantagear-me – disse Sia. – Quero ter a certeza de que não se trata de maquilhagem nem de tinta. Ou talvez deva perguntar como estão as tuas costas depois do teu pequeno tombo, quando não conseguias conduzir?

Anna desabotoou o casaco e levantou a camisola mais uma vez. Sia passou um dedo pela pele vermelha e ferida; Anna estremeceu. Sia espetou-lhe um dedo nas costelas, Anna praguejou em russo com os olhos brilhantes de fúria. Sia tentou lembrar-se de uma razão para aquela charada elaborada. Se a gente de Anna suspeitasse de que Sia era da CIA, pensou, davam cabo dela. O facto de Anna ali estar, de as ter levado para o bosque, longe das câmaras e dos microfones, sugeria que Sia podia ter arrancado uma vitória miraculosa das mandíbulas da intriga russa.

– O que queres? – perguntou Sia.

Anna abotoava o casaco.

– Quero falar com alguém do teu serviço – declarou Anna. – Alguém superior. Creio que temos um inimigo comum. Posso fornecer informações sobre esse inimigo.

– E se eu tiver um contacto – disse Sia, acautelando-se com as suas palavras –, o que direi a essa pessoa acerca da tua capacidade para viajar?

– Se tiveres um contacto – disse Anna –, diria que posso viajar nas

próximas semanas. Tenho razões operacionais. Mas os homens que prenderam o meu pai estão a apertar o cerco. Terei de ser rápida. Eficiente.

– Fazes ski? – perguntou Sia, ainda sem poder acreditar que tinham chegado ali.

– Faça, mas agora pode ser difícil. – Com um sorriso amargo, Anna apontou com a mão para o seu estômago magoado.

– Podes inventar uma razão para viajares para a Suíça? – perguntou Sia.
– Talvez uns dias para tratar de assuntos do banco, acrescentar algum tempo pessoal no fim.

Os olhos de Anna vaguearam na direção de um pássaro que esvoaçava entre as árvores.

– Isso é possível.

– Há uma pequena aldeia na Jungfrau – disse Sia. – Gimmelwald. Conheces?

Anna sorriu vagamente.

– Conheço.

Sia regressou ao quarto e pôs a cabeça na almofada. Vão chegar a qualquer minuto, disse para consigo, afundando o rosto no edredão. Nunca chegou a adormecer. Quando se voltou para olhar para Max, este tinha os olhos bem abertos. De manhã tomou duche, fez a mala, trocou um rápido sinal com Max acerca do seu sucesso. (*Conversa fantástica no nosso passeio de ontem à noite. Simplesmente fantástica.*) Cada célula do corpo de Sia ansiava por fugir – daquela casa, daquela quinta, da Rússia. Mas havia a cena final daquela retorcida peça de teatro: um pequeno-almoço de despedida. Mão no puxador da porta, arranjada e sorridente, pronta para o mundo, Max rodeou-lhe os ombros com o braço e puxou-a para si para a abraçar. Beijou-lhe a testa. O gesto fê-la sentir-se mais leve; por um breve instante não pensou na sua prisão, não pensou em Anna, não pensou no que tinham feito.

O *chef* da RusFarm e a cozinha tinham trabalhado toda a noite, durante a armadilha, a prisão, e a agressão. Na enorme sala de jantar, Sia descobriu ovos escalfados, salmão fumado, trufas brancas (chegadas de avião de Itália nessa mesma manhã, gabou-se um dos mordomos) e um *cheesecake* de passas, entre outros pratos de que Sia nunca veio a saber, pois ela e Max perguntaram onde estavam Anna e Vadim e o mordomo explicou que, infelizmente, os Kovalchuk tinham sido chamados a São Petersburgo para tratar de assuntos e não podiam estar presentes nessa manhã. O transporte, disse o mordomo, estava preparado e esperava-os em Pulkovo. Sia olhou em volta à espera de que homens fortes saltassem das paredes com bastões e expressões sérias e uma citação urgente para Lefortovo.

– Então não tomamos o pequeno-almoço – declarou Max.

O *Rolls* que os recebeu na rotunda não tinha o reboque dos cavalos. Ficaram ao frio, no cimo dos degraus de mármore, olhando um para o outro,

ponderando um protesto. Afinal *Penelope* ficava no estábulo. O motorista já trazia as malas pelas escadas. Max olhou para o telefone e começava a dirigir-se para a casa quando a mão de Sia lhe tocou no ombro. Ela abanou a cabeça. *Por favor*, diziam os seus olhos, *por favor, escuta*.

– *Pinche ruso* – disse Max. Cabrão do russo. Cuspiu. Meteu o telefone no bolso. Lançou um último olhar à casa. Entraram no carro.

Sia atreveu-se a um último olhar através do vidro de trás; à estátua do cavalo empinado, coberta de neve, e à própria casa, com as janelas, ainda vigilantes e alerta, a fachada impondo-se, parecendo querer esmagar-se sobre o carro em fuga. Sia fechou os olhos enquanto seguiam por entre o bosque e, quando atravessaram o portão enorme, sentiu profundamente a sua libertação, como se tivesse estado dentro de água durante dias e acabasse de vir à superfície para fazer as primeiras inspirações de ar. Entretanto, continuava a aguardar pelas luzes azuis. Vão aparecer no último minuto, disse para consigo. Esperam até ao fim, prolongam o sofrimento. A viagem aterrorizadora até ao aeroporto foi tranquila.

Na pista em Pulkovo, os motores gemeram para ganhar vida e, do seu assento, Sia ouviu os pilotos do transporte de cavalos, perplexos e ignorantes do que se passava, explicarem que aquela seria a sua primeira viagem sem animais. Max ligou duas vezes a Vadim, duas vezes Sia lhe pediu que esquecesse, duas vezes a chamada foi diretamente para o *voice mail*. Sia observava o tremor contínuo da sua mão esquerda com um fascínio lúgubre. Aquilo nunca tinha acontecido. Nunca. Mas ali estava. A vibrar. Segurou os dedos com força. Libertou-os. Continuavam a tremer. Quando as rodas deixaram a pista, procurou carros que os perseguissem, agarrando mais uma vez os dedos. As vibrações saltaram-lhe para a pálpebra.

Quando o avião se inclinou por cima do mar, Sia procurou no céu um avião russo de combate e, quando não viu nenhum, com a maldita pálpebra a estremecer como um estore elástico, sentou-se durante um momento eterno, com a mão no peito, como se a pressão lhe abrandasse o coração. Quando por fim percebeu que tinham chegado ao espaço aéreo finlandês, Sia passou pelos bancos vazios para ir à casa de banho e pôs a cabeça entre as mãos.

Valha-me Deus, murmurou para consigo. Valha-me Deus.

St. Ives

Na primeira noite, já em St. Ives, apanharam uma bebedeira fantástica; não ao estilo de uma festa, mas da triste maneira dos que vão ao mesmo bar, mas bebem sós. Não havia alegria, não havia divertimento. Tinham simplesmente de o fazer. No dia seguinte, quando acordou com os olhos raiados de sangue e a arder, o relógio disse a Sia que eram 12h17. Uma hora depois, conseguiu sentar-se. Uma hora mais tarde o espectro do vômito desaparecera. A casa estava silenciosa; a porta do quarto de Max continuava fechada. À medida que o sol brilhante chegava às cortinas e a espuma das ondas se esmagava nas rochas, Sia abriu a porta do quarto de Max e descobriu-o a sorrir amargamente para o teto, com os olhos fechados.

– Bom dia – disse, sem abrir os olhos.

– Boa tarde – disse ela. – Dormimos demais.

– Dormimos o que tínhamos de dormir – disse ele. – A Artemis já cá está?

– Não, e ainda bem. Porque temos de falar.

Foram correr para destilarem o álcool e limparem as cabeças. Atravessaram a vila e desceram em Harbour Beach. A maré baixa expusera uma faixa de areia e pedras que criara uma ponte para Portminster, de modo que podiam percorrer quilómetro e meio na praia antes de darem meia-volta. Foi uma corrida lenta e difícil, mas Sia insistiu, até que completaram cinco voltas e a pele dela estava coberta de suor alcoólico. Depois, ataram os cortaventos à cintura e caminharam penosamente pela praia fria, enquanto a tarde avançava. Encontraram um lugar e sentaram-se na areia. Ouvia-se música clássica, vinda de uma das *villas* vitorianas na encosta arborizada. Das chaminés saíam rolos de fumo.

Ficaram a ver as gaivotas e os maçaricos até que um velho com um casaco de lona manchado e uma bengala nodosa lhes perguntou se se sentiam

bem. Que energia estariam a libertar que obrigara o velho a fazer a pergunta? Sim, estou bem, disse ela e Max acenou com a cabeça. O homem continuou o seu caminho. Quando ele não passava de uma mancha ao longe, Max pediu por fim:

– Conta-me.

Ela assim fez. Cada pormenor, cada palavra da conversa. Tudo o que fizera e o que lhe fora feito na Rússia. Não planeava ser tão verdadeira. Certamente não valia a pena contar a Max coisas que não tencionava contar a Procter, mas não pôde evitá-lo. No final, o único detalhe que omitiu foi a mão trémula, que ainda estremecia em St. Ives. Quando terminou de relatar a conversa com Anna no bosque, Max assobiou e bateu-lhe no ombro. Bateu-lhe com o punho e disse Boa, Sia! Boa, caraças! Ela aceitou o elogio com uma careta e um olhar para a mão que estremecia e que rapidamente escondeu debaixo da perna. O golpe de Anna saíra-lhe caro.

Max, também ele um agente solitário, compreendeu-a instintivamente. Olhou para as ondas.

– O que queres contar à Procter? – perguntou. – Qual deve ser a nossa versão?

Cidade do Cabo. Hortensia Fox, jovem de 14 anos, estendida numa vala, à espera de que os faróis lhe passassem por cima. Duas semanas na peregrinação anual à África do Sul e ainda estava, segundo o avô, na fase de ajustamento. A cidade era calma, tal como o Big Bend. Debatia-se também com a língua – todos os verões, enganando-se nos pronomes, os erres rolados, a troca dos tempos verbais. Na sua opinião a língua era lenta, tal como a cidade, e quando Sia praticava com o avô ou a mãe, falava depressa demais e cometia ainda mais erros. Estava cansada, embora soubesse que, dentro de algumas semanas, sonharia de novo no africânder que a mãe falava. Sabia também que parecia estrangeira e tola, o que a fazia sentir-se nervosa e zangada e também impulsiva. E isso explicava porque estava sozinha, naquela vala, na quinta de um estranho, na calada da noite.

Os faróis pintavam as vinhas lá em cima e dirigiam-se bruscamente para a estrada que se afastava da quinta. Sia trepou para as vinhas e ficou de pé, mas curvada, para que a cabeça não sobressaísse muito. A noite estava clara, a Lua brilhava no seu caminho; ficou a pensar se alguém a veria. Atravessou a vinha, corada de prazer. Não se sentia ansiosa, não estava transpirada, tinha a respiração regular. Nenhum outro momento tinha sido mais vibrante ou vivo. Nem por uma vez pensou porque estava a fazer aquela coisa insana; já sabia e compreendia que ninguém ia entender. As consequências eram claras. Eram meramente irrelevantes: uma tênue possibilidade ao fundo de um túnel que não seria percorrido. O cheiro apimentado do mato do Cabo enchia o ar, os picos escurecidos das montanhas erguiam-se acima do telhado de colmo e empenas da casa principal, as vinhas agitavam-se contra as suas pernas numa

brisa suave. A luz brilhava através de algumas janelas da casa. Aquilo devia ter feito com que Sia se detivesse, mas, pelo contrário, contribuiu para a desafiar e aumentou ainda mais a adrenalina que parecia engrossar-lhe as veias e amontoar-se ao fundo da sua boca.

A vinha terminava num relvado ondulante diante da casa: o primeiro lugar onde as coisas podiam descambar. Embora, disse para consigo, não me importe muito que isso aconteça. Sabia que havia ali sensores e luzes. Tinha-os visto quando explorara a quinta, que felizmente não tinha um gradeamento exterior. Sia ultrapassava os obstáculos menores.

Contou: Um, dois, três...

Depois, correu a toda a velocidade em direção a um grupo de árvores, olhando para o chão, para as árvores e para a casa. Uma luz acendeu-se na casa e pintou-a de branco. Desviou o olhar. *Clac* – outra iluminou a relva. Correu mais depressa, mergulhou no bosque, escondeu-se atrás de uma árvore e apercebeu-se de que estava a sorrir. Susteve a respiração, escutando a noite calma, até as luzes se apagarem. Depois estendeu-se no chão e avançou até ter uma visão da porta da casa, onde agora se abria uma pequena fresta. Um homem saiu, para espreitar a noite. Voltou a cabeça de um lado para outro. Manteve-se imóvel durante uns momentos. Depois entrou e as luzes voltaram a acender-se.

Sia estava fora do alcance da luz, oculta na escuridão das árvores. A figura reapareceu no alpendre, a assobiar, e o coração de Sia estremeceu. Um cão? Não pensara que pudesse haver um cão. Vai fazer-me em pedaços, pensou, e agora? Pôs a cabeça na terra e, mais uma vez, apercebeu-se de que tinha o coração a bater acelerado, que os seus pensamentos eram claros, que não estava a transpirar. Estou na escuridão, pensou, estou escondida. Mas o homem devia ter assobiado para si próprio, ou para a noite, pois não apareceu qualquer cão. As luzes apagaram-se. O homem foi para dentro e fechou a porta. Devia ficar aliviada, pensou, mas sinto o mesmo. Sinto-me bem.

Sacudindo o pó, Sia baixou-se e desceu a pequena encosta através das árvores. As cavaliças ficavam na base de uma colina que se curvava sobre o celeiro como uma onda prestes a rebentar. As portas não eram visíveis da casa principal, mas era evidente que alguém estava levantado e acordado, e veria as luzes. Sia considerou este problema à medida que se afastava do bosque e começava a ver as cavaliças. Seis baias ao todo, de madeira antiga. Dois belos cavalos. Malditas luzes, pensou. Dirigiu-se à pedra que tinha descoberto três dias antes, quando examinara o local. Pegou nela.

Com a pedra na mão, desceu a encosta em direção à porta das cavaliças. A luz do teto tremeluzia. Nem sequer olhou, limitou-se a levar a pedra ao pequeno cadeado, bateu, apertou, agrediu, até a tranca ceder e os parafusos saltarem da madeira e caírem no chão. Fez deslizar a porta da cavaliça e dirigiu-se à baia da égua que montara uma semana antes, à luz do dia, com a sanção e aprovação da quinta. Confiava no animal. Este, acordado do seu sono leve, via Sia movimentar-se rapidamente para colocar a sela com

uma postura e uma certeza que disse ao cavalo que ela sabia o que raio estava a fazer. Partiu para a estrada, em direção a uma bifurcação onde se afastaria da casa para poder cavalgar rápida e livremente através de um campo no limite norte da vinha. Mas um motor começara a funcionar junto à casa. E agora mais luzes cintilavam.

Sia pôs a égua a correr, sem lhe fazer mal, mas com força suave. Manteve o contacto desde as rédeas ao freio. Não demasiado, apenas a pressão suficiente para controlar. Pressionou o dorso da égua com as pernas. O animal lançou-se a galope em direção à bifurcação. Moviam-se rapidamente, voltando à esquerda, sem que houvesse faróis, os pensamentos de Sia ainda claros, a noite perfeita porque o ia conseguir. Voltou-se para ver um carro que partia da casa, mas estava resguardada dos faróis. Não podem ver-me, pensou. Olhou para trás para ver se se dirigiam à cavalaria ou se a seguiam pela estrada.

Escolheram a cavalaria.

Sia galopou para a pastagem.

Durante uns minutos luxuriantes, Sia banhou-se em luar, saboreando a vitória do criminoso que não deseja nem mercês nem perdão, porque nunca seria apanhado.

Depois algo restolhou por baixo de uma sebe próxima. O cavalo assustado tomou o freio nos dentes numa corrida louca, fazendo com que ela deixasse de ter controlo sobre o animal. Foi a única vez que teve medo nessa noite. Mais tarde, ao voltar para o Big Bend, praticou dominar com as rédeas um cavalo assustado, mas, nessa noite, na Cidade do Cabo, não tinha muita prática e a sua mente e músculos não conseguiram trabalhar juntos para sustentar a égua.

Quando devia ter puxado a rédea esquerda para o seu joelho, para que o animal descrevesse um círculo mais lento, perdesse velocidade e ela retomasse o controlo, Sia puxou infrutiferamente ambas as rédeas para si, com força insuficiente para acalmar a égua assustada, que irrompia pelo campo aberto a uma velocidade assustadora. Em poucos segundos o animal corcoveou, atirando Sia ao chão com tal violência que esta pensou ter ouvido um osso a quebrar-se.

A égua voltou para casa. Sia ficou deitada no chão, sem saber se conseguia andar. Tinha o lado esquerdo ferido. Costelas magoadas ou partidas, não sabia. Os braços e pernas pareciam funcionar, mas o caminho de quase 5 quilómetros até à quinta do avô parecia-lhe impossível. Durante algum tempo esperou simplesmente que o dono da quinta a encontrasse. O problema era de facto pior, apercebeu-se, pensando bem no assunto. Cavalgara até ao fundo da pastagem; ir a pé até à quinta do avô seria uma caminhada uns quilómetros mais longa do que a que fizera ao princípio da noite. E seria lenta, apercebeu-se ao pôr-se de pé. Talvez chegasse a casa antes do nascer do dia, mas a irmã estaria acordada, já de pé e a escrever na casa que partilhavam durante o verão. Ia Daisy denunciá-la? Não o fizera da

última vez. Nem da penúltima.

Coxeou até casa; atravessou a pastagem, as vinhas, procurando cobertura nas zonas arborizadas, quando as encontrava. É estranho, pensou, como me sinto bem, apesar de estar toda dorida. Arquejou para percorrer o último quilômetro e meio pela estrada, com toda a atenção, sabendo que, se o dono da quinta passasse por ali e visse uma rapariga toda suja e agarrada ao lado esquerdo do corpo, bom, ia parar e fazer perguntas e, provavelmente, chamaria a polícia. Virou no caminho longo e frondoso que levava à quinta do avô, voltando à esquerda para atravessar uma pequena ponte sobre o ribeiro.

A pequena casa de hóspedes surgiu por entre uma cortina de árvores, com as luzes acesas, a sua maldita irmã acordada e vigilante, sem dúvida seriamente em sintonia com a moralidade das coisas. Esgueirar-se sem que ninguém desse por isso seria inútil, por isso Sia abriu a porta de par em par. Daisy estava sentada à secretária da sala comum. A irmã não ergueu os olhos nem falou. Escrevinhava no seu caderno de notas. Sia foi à casa de banho para examinar os hematomas. Vermelhos-vivos, mas não lhe parecia que tivesse partido o que quer que fosse. Tomou um duche, vestiu roupa limpa e, quando chegou ao quarto, encontrou Daisy sentada na cama à luz da manhã.

– O que foi desta vez? – perguntou a irmã em inglês. – Outro carro com as chaves lá dentro?

– Não te preocupes com isto, Daze – respondeu Sia em africânder. – Não roubei nada.

Os olhos de Daisy transformaram-se em fendas.

– Pois, pois – disse. – Acredito.

– Estou a falar a sério.

– Talvez.

– Não achas estranho?

– Talvez.

– Alguma vez pensas nisso?

– Nem por isso.

Daisy deixou-se cair na cama com uma gargalhada.

– Pareces tarada. Sabes isso, não sabes?

– Acontece-me algo, quando vimos para cá, Daze.

– Isso é treta – respondeu Daisy. – Sei que trouxeste umas coisas para casa. Do Porter. Coisas estúpidas: pastilhas elásticas. Frutos secos. Água engarrafada.

– Aqui também é a nossa casa – disse Sia, passando a falar inglês sem dar por isso. – Temos duas casas, por isso não temos nenhuma. – Olhou para a irmã, mas não negou o roubo na loja Porter. E qual é o problema?

– Claro, como queiras, Horthy – disse Daisy. – Como queiras.

– Daze, vais dizer ao pai e à mãe? – perguntou Sia em africânder. – Ao avô?

Daisy escrevia no seu caderno de notas.

– Não vou dizer a ninguém.

– Então o que estás a escrever?

– Nada. – Fechou o caderno, meteu-o na gaveta e foi à casa de banho tomar um duche.

Sia ouvia a água a correr e olhava para a secretária. Talvez precise de roubar esse caderno, pensou.

Sia voltou as costas às ondas para olhar para Max.

– Eis como penso que devemos descrever a RusFarm.

Havia elementos da visita que seria melhor serem deixados na sombra, disse ela, completamente fora do trânsito da troca de mensagens. A tentativa de chantagem de Anna e o vigor do sexo performativo entre ambos, vieram-lhe imediatamente à ideia. Não há qualquer benefício em descrevermos essas ações, se queremos continuar em campo, disse ela. Também não há qualquer outro lugar para nos colocarem – podemos apenas mudar de gabinetes como os drones de Langley. E não há definitivamente qualquer lado positivo, se pensarmos que estamos à beira de ver Anna passar das marcas e produzir algo de útil. O equilíbrio é delicado, disse Sia. Devemos dizer a verdade, mas não toda. Não queremos mentir, só que há alguns pormenores singulares que será melhor deixar no chão da sala de montagem, para bem de todos. Como podem compreender como foi realmente para nós lá fora? A pressão que sofremos. Tomámos decisões no momento, com as informações que tínhamos, disse ela. Além de que a possibilidade de Langley receber informações secretas dos russos que contradigam a nossa história é praticamente nula. Anna gere aquela coisa oficiosamente. Não vai dizer uma palavra ao telefone, disse Sia. Não vai haver segmentos que contem uma história diferente.

Sia não sabia como Max ia aceitar aquilo, mas enquanto falava, observando-lhe cuidadosamente os olhos e o corpo, acabou por acreditar que talvez não fossem assim tão diferentes. Que, como ela, algo se agitava no peito dele – embora talvez não tão exagerado – que o impelia para diante, não apesar do risco, mas por causa dele.

Max escutava-a, mantinha-se em silêncio. Quando Sia terminou, disse:

— Se alguma vez a Procter descobre, as consequências vão ser profundas. Especialmente para ti.

– E como vai descobrir? Somos os únicos a ter conhecimento. Se lhe dissermos, vai tudo parar – disse Sia.

– E tu queres continuar – replicou Max.

– Penso que podemos ganhar – prosseguiu Sia. – Mas diz-me o que pensas.

– Oh, podemos ganhar. Sobre isso não tenho dúvidas. Mas valerá a pena correr o risco? – Encolheu os ombros e pegou num pau. – Não sei.

Max escreveu na areia com o pau. Saberá ele o que quer? Perguntou Sia a si mesma. Ele pode voltar para o rancho, mas algo o mantém aqui, e embora ela sentisse a atração dele por ela, não pensava que fosse essa a única

razão. Talvez, pensou, ele não queira ir para casa.

E sentia que ele confiava nela e ela nele, o que, de facto, era uma estranha ideia. Talvez o seu corpo tivesse sabido durante algum tempo, mas aquela era a primeira vez que a sua cabeça conseguia ligar palavras a essa sensação, e se ela tivesse sido uma mulher completamente diferente, numa profissão, local e num país diferentes, com um homem diferente, talvez o tivesse dito. Mas, pelo contrário, Sia lembrava-se da cama da RusFarm e ainda não conseguia decidir em que compartimento dentro de si devia guardar os sentimentos, que desde esse dia haviam passado de vergonha a negação, de uma corajosa aceitação a um desejo persistente que recomeçava o ciclo.

Max levantou-se, limpou a areia das calças e estendeu-lhe a mão para a ajudar a levantar-se.

– Quero o meu cavalo de volta. Vamos escrever as coisas como disseste. Ela estendeu-lhe a sua única mão firme.

– Obrigada – disse. E Max ajudou-a a levantar-se.

No caminho de volta, compraram cafés aguados num café batido pelo vento. A casa surgiu quando deram a volta no caminho no cimo da colina. Um *Prius* azul encontrava-se no caminho de acesso. Procter chegara.

St. Ives

A Chefe tinha parado para comprar alimentos e, graças a Deus, vinha tudo pré-cozinhado. Encontraram-na na cozinha, a retirar um tabuleiro a esquentar do forno com as mãos nuas e sem vestígios de dor. Aquilo de que falava, sem precisar de incitamento ou preâmbulo, era do abelhudo proprietário da loja de St. Ives. A tendência do homem para bisbilhotar, na opinião de Procter, transformava-o num perverso sexual *borderline* (palavras dela). Porém, do ponto de vista culinário, tinha-lhe apresentado boas sugestões: havia recipientes de *bucatini* fresca, molho de tomate espesso, almôndegas estaladiças fritas em azeite e uma salada com abóbora e cenouras, salpicada com grão-de-bico e amêndoas torradas.

O perverso proprietário sugerira acompanhar os alimentos com umas garrafas de *Chianti*. Mas Procter disse que, quando agia com classe, era uma dama que apreciava vinho branco, por isso serviu-se de um vinho branco doce que também comprara. Era indiferente à Chefe que a bebida não ficasse bem com a massa; nem, pelos vistos, a etiqueta com o preço de 3 libras (ainda visível na garrafa), nem o rótulo multicolorido com uma família de peixes em *cartoon*. Sia reparou que Max olhava fixamente para a garrafa enquanto Procter se servia.

À mesa do jantar, Procter tentou imediatamente espetar uma almôndega, mas esta rolou para o chão, deixando uma réstia de molho sobre a mesa. Procter apanhou-a e comeu-a.

– Então, contem-me tudo – disse, com a boca cheia.

– Claro – declarou Sia. – Por onde hei de começar? – E começou pela “leve pressão” que Anna aplicara.

A seguir passou para a prisão do pai de Anna, para a sova e para a dança final a cavalo, da qual ela saíra vitoriosa. Se Procter ficara entusiasmada, não o mostrou. Concentrava-se principalmente nas almôndegas, cujos bocadinhos

de vez em quando retirava dos dentes. Depois de Sia ter terminado, ficou sentada por um momento, usando o garfo para fazer rolar uma almôndega meio comida em volta da tigela.

– Afinal, o que lhe entregaste? – perguntou a Chefe. Erguendo os olhos da tigela, Procter observou a linguagem corporal de Sia com os seus brilhantes olhos verdes.

– Entreguei-lhe o computador e expliquei-lhe a estrutura das finanças do Ganso. Expliquei-lhe como transformaram o ouro em dinheiro e onde está ele agora.

– E a extorsão?

– Foi suave – mentiu Sia. – A Anna está, ou estava, a jogar um longo jogo comigo. Creio que queria também informações sobre a Lyric, Harry Hamilton e tudo isso. Na primeira tarde em que fomos cavalgar, disse-me que o Ganso e os seus homens estavam a tornar as coisas difíceis para a família dela. Perguntou se eu estava disposta a ajudá-la. Disse-lhe que sim, mas claro que não podia infringir a lei.

– Claro – assentiu Procter. – Como é evidente.

– A seguir, a Anna sugeriu que, se eu não a ajudasse, podia ser presa. Não disse exatamente presa, mas estava implícito. Cooperei. Expliquei as coisas.

– E depois o papá foi detido, o maridinho dá-lhe uma sova e temos um novo jogo entre mãos – declarou Procter. – Com um raio. – Meteu na boca uma almôndega inteira. – Nunca disse se era SVR ou FSB? – perguntou Procter depois de ter conseguido engolir.

– Não por essas palavras. Sugeriu SVR, mas não confirmou.

– Nunca disseste que eras da CIA?

– Não. Mas ela sabe. Como te disse, pediu que uma pessoa do meu serviço se encontrasse com ela. Alguém superior.

Aquilo extraiu um grunhido de Procter, que enrolou a massa no garfo e se voltou para Max.

– O que te pôs o Vadim a fazer?

– A beber, sauna e outra vez o mesmo – disse Max. – Mas a atmosfera era tensa. Ele estava chateado por ter pago a mais pelo garanhão e desapareceu para a porra de São Petersburgo na última manhã. Deixou o pessoal da RusFarm com instruções para ficarem com a minha égua.

– Calculo que, depois disso, já lhe tenhas ligado – sugeriu Procter.

– Claro. Esquivou-se às minhas chamadas na manhã que saímos da Rússia. Quando chegámos aqui, atende e diz-me que pensava que a égua estava incluída na venda. O que é uma treta. Mas dá-lhe uma saída para não ter de dizer que a roubou. O Vadim Kovalchuk é um merdas. Tolerar esta dança porque é a operação da Anna e garanto que alguém do lado deles lhe deu uma palavrinha para se portar bem. Mas tinha de me dar o troco daquela cavalgada louca a que o sujeitei no México. Com ele, não podia ser de outra forma.

– Como se chama o cavalo? – perguntou Procter.

– *Penelope* – respondeu ele. – Era a égua da minha mãe.

– Lamento – disse Procter. – Falaremos no assunto à Anna na Suíça, para ver se ela consegue fazer alguma coisa.

– Ela tem quase a mesma influência que eu sobre esse idiota – declarou Max.

– Mesmo assim – respondeu Procter. – Tentamos. – Depois, na sua habitual maneira abrupta, bateu na mesa para assinalar a mudança de tema e disse: – Falem-me acerca dessa quinta macabra e da vigilância apertada. Quero saber todos os detalhes.

Depois a Chefe fez algumas perguntas sobre o assunto até que, com Max a meio do relatório acerca do jantar com Vadim e Anna, Procter se serviu de um gigantesco copo do enjoativo vinho branco doce e apontou para o quarto.

– As suspeitas sexuais de Vadim regressaram?

Conforme o combinado na praia, Sia deixou Max tratar da questão.

– Fizemos uma atuação um pouco mais convincente – afirmou.

Procter assentiu.

– Hã-hã – OK. – Olhou para ambos. – Sentem-se bem em relação a essas coisas?

Max disse que sim.

– Hortensia? – perguntou Procter.

– Sinto-me bem – disse com os olhos na tigela. – Ele não tem suspeitas. Ninguém tem suspeitas.

– *Bueno* – disse Procter. E esqueceu o assunto.

Na cozinha, Sia explicou o rudimentar plano de comunicação que construíra com Anna durante a cavalgada na floresta. Encontrar-se-iam na Suíça. A Chefe disse que queria ver a fria alma russa de Anna, para saber se podiam fazer uma boa coisa. O brilho nos olhos verdes de Procter sugeria que as esperanças dela para o caso excediam a mera exploração das redes financeiras de Vadim Kovalchuk, com o objetivo de recolher informações secretas. Sia intuía que havia ali um jogo mais importante e a Chefe mantinha-o fechado.

Durante a sua carreira, Sia aprendera que muitas vezes não devemos querer ter o cenário completo. As bestas da sede queriam o máximo de informação possível, porque o conhecimento – quanto mais secreto, melhor – era a arma preferida do combate burocrático. Mas para o NOC solitário no campo, o conhecimento significava mais segredos para revelar quando bêbado ou drogado ou numa sala de interrogatório russo. O aquário da sede era um local seguro para nadar; os NOCs navegavam em mar aberto. E o mar aberto diante de Sia Fox transformara-se num turbilhão. Mesmo assim, dera tudo por tudo naquele caso. Avançou um passo cauteloso em direção às ondas.

– O que queremos que ela nos diga? – perguntou Sia. – E, mais importante, o que queremos que *ela faça por nós*?

– Bom – disse lentamente a Chefe. – Aqui depende mais ou menos da

tua leitura das motivações da Anna. O que quer ela verdadeiramente?

Sia pensou por momentos.

– A Anna é um osso duro de roer. O marido maltrata-a, o pai está na prisão, tem outro clã a perseguir o império financeiro da família, ameaçando a sua posição na sociedade. Por baixo de tudo isso, existe uma mulher teimosa que não percebe como sair de campo sem derrotar o adversário ou ser derrotada. Quer vencer. E creio que se importa como vence. Que isso é importante para ela.

– Então ela não se divorcia do fulano e não foge, porque quer derrotá-lo, derrotar o Ganso e por aí adiante – disse Procter. Não era propriamente uma pergunta.

– Creio que sim – disse Sia. – Fugir da Rússia seria para ela uma perda. O mesmo se se divorciasse do Vadim, o que enfraqueceria a sua posição política e lhe tornaria mais difícil ajudar o pai. Mas não é idiota. Ela ia preferir uma vitória suja a uma derrota. E não fazer nada significa uma derrota.

– Então são estas as cartas que temos na mesa – declarou Procter. – Anna Agapova não quer dinheiro. Muito bem. Quer controlar o ambiente que a rodeia. Bom, tudo bem, porque podemos aparecer com algumas ideias de como esse ambiente pode ser recriado para se alinhar melhor com os interesses da nossa grande república. Ela gostaria de ver a caixa craniana do marido completamente seca. Bom, talvez possamos apanhar algum dinheiro ao Putin e deitar as culpas ao Vadim. Ela gostaria de dar cabo de alguns dos inimigos do pai. E nós gostaríamos de ver um golpe de Estado em Moscovo, mesmo que não fosse verdadeiro. Aumentar a paranoia, derramar um pouco de sangue. De qualquer forma, se nos inclinamos para o estalinismo, porque não nos divertimos um pouco, entretanto? Diz-me se há algum jogo ideológico aqui, minha querida. Talvez ela deteste o sistema, queira piratear as coisas do interior, ajudar o velho Tio Sam a dar uns puxões na caixa de velocidades porque, bom, o velho Sammy é formidável e um raio de esperança e toda essa treta.

– É uma patriota russa – sugeriu Max.

Procter fez um aceno com a mão para desvalorizar a sugestão.

– São sempre patriotas russos. Sempre. Já trabalhei com patriotas sírios, patriotas russos, patriotas sauditas, patriotas franceses. Amam sempre o seu país. A questão é se o querem mudar.

– Não creio que a Anna queira um novo tipo de Rússia – disse Sia. – Nem que se preocupe com o Putin ou com o sistema. Não gosta do que aconteceu na Ucrânia, mas também não ergueria um dedo para o mudar. Não acredita que a Rússia deva ser uma democracia e não creio que o considere sequer uma possibilidade. Para a Anna, a Rússia existe simplesmente. A corrupção não a incomoda minimamente. Nem sequer lhe chamaria corrupção, creio. É um negócio, é como funciona o país. E, a propósito, vê-se a si mesma como se estivesse fora de tudo isso. Está cheia de papel, mas não

quer saber de dinheiro. Trabalha. É uma obreira. Como eu. – As últimas palavras saíram-lhe da boca sem querer e fizeram com que Procter erguesse uma sobranceira.

– Então, Hortensia – Procter fingiu não ver ou não reparou na centelha de raiva nos olhos de Sia –, não respondeste à minha simples pergunta. O que quer de facto a Anna Andreevna Agapova?

Sia pôs as mãos na cintura. A maldita mão esquerda continuava a tremer, embora com menos intensidade do que no avião ou na praia.

– Quer queimar tudo. Jogar o seu próprio jogo.

Procter soltou um grito sonoro.

– Essa, minha querida, é uma mulher com quem eu posso negociar.

Nessa noite, Procter enviou uma mensagem aos *trolls* da contraespionagem e, em breve, eles recebiam um criptónimo. Em todas as comunicações oficiais dentro do compartimento da Gestão Restrita, a partir dali e para toda a eternidade (amém), Anna Andreevna Agapova, banqueira, esposa há muito sofredora, filha sobrecarregada, amazona, provavelmente agente do SVR sob cobertura não oficial, futura conspiradora, espia e traidora, seria então conhecida como GT/PERSEFONE.

PERSEFONE.

A Chefe, cujo fascínio pela mitologia grega alimentava as suspeitas de Sia de que, de facto, os códigos não eram gerados aleatoriamente – soltou uma gargalhada ao ouvir o nome. Perfeito. Demasiado perfeito, caramba.

Mais tarde, no seu quarto, Sia pesquisou o mito.

PERSEFONE. Rainha do mundo inferior. Deusa da morte, da vida, dos cereais, da destruição. Havia muitas histórias e interpretações. Aquela de que Sia mais gostou, dizia que a deusa governava a natureza. Nela criava e destruía. Batia certo, pensou Sia, enquanto os seus devaneios se transformavam em sono. O caso PERSEFONE ia dar-lhe nome, disso estava certa. E, se não tivesse cuidado, também a destruiria.

Washington, D.C.

Procter não acreditava na autoridade dos títulos e pouco lhe importava a suposta pompa de uma reunião na Sala de Crise com o subdiretor Bradley e o Conselheiro para a Segurança Nacional (NSA), James Piper. Mas Bradley insistira na presença dela. Declarou que eram as suas informações secretas – e eram – e queria ajuda para o caso de Piper se perder em detalhes ou complexidades, como era seu hábito.

Procter seguiu Bradley, entrou na Ala Esquerda e desceu a escada. A ementa afixada para a Messe da Marinha anunciava biske de caranguejo, o que parecia fantástico. A escada terminava numa série de salas na cave, conhecidas coletivamente como Sala de Crise. Entretanto, uma secretária de ar maternal guiou-os para a sala de reuniões principal, um espaço que Procter sempre considerara um pouco exíguo e triste, mesmo pelos seus padrões. O teto era baixo. As cadeiras pesadas comiam o espaço para as pernas.

Bradley juntou-se a Piper na mesa principal. Procter sentou-se na fila de trás e meteu a sua mala com fecho de segurança debaixo da cadeira. Não continha papéis: enchera-a de pacotes de bolachas de água e sal *Ritz* para evitar as dores de cabeça no final da tarde. Piper observou-a como se ela fosse um estranho extraterrestre. Bradley disse, por amor de Deus Artemis, só estamos aqui os três. Revirando os olhos, Procter puxou uma das gigantescas cadeiras de couro da mesa e deixou-se cair nela. A cadeira era grande demais. Fazia-a sentir-se uma pessoa pequenina. Piper e Bradley trocaram gracejos. Procter deixou de lhes prestar atenção.

Piper era um antigo analista europeu do Gabinete de Inteligência e Investigação do Departamento de Estado. Já estivera com o homem algumas vezes quando, dez anos antes, ele era o Diretor Sênior do NSC para a Europa. Lembrava-se de que Piper era estranho como o caraças. Viu um pacote de toalhas diante dele e lembrou-se do tique.

Nem de propósito, Piper tirou do bolso das calças um frasco de desinfetante e esguichou uma generosa porção nas mãos. Era um milagre que o tipo não se tivesse ensaboado até desaparecer durante a pandemia. Era baixo e magro, com cabelo cortado rente, óculos modernos de lentes grossas e um rosto juvenil que ela considerava maçador, com uma boca estranha que se movia de uma maneira que a irritava. Tinha crescido no State/INR, trabalhado na Europa e deixado a comunidade dos serviços secretos para entrar na política. O retrato, segundo Procter, de um completo falhado.

– Esta manhã o PDB^[5] *red stripe* russo conseguiu uma certa atenção – disse Piper. – Queriam discutir algumas perguntas do Presidente.

Debman tentara que ela lesse o texto, principalmente porque tinha algumas informações oferecidas por Anna durante a visita a RusFarm. Procter recusara. Estivera a meditar e, além do mais, os analistas usavam uma linguagem tão imbecil que ela nunca entendia o que tentavam dizer. Piper tinha o memorando diante de si; Procter espreitou o título do artigo do *Daily Brief* do Presidente: «RÚSSIA: SINAIS DE FACCIOSISMO DENTRO DO CÍRCULO INTERNO DE PUTIN». De facto, pensou, isto é muito bom.

– A decisão assinada depois da invasão da Ucrânia dá-nos uma larga margem para a perspetiva de uma ação secreta – declarou Piper. – Claro que deixamos aqui um monte de “mamã dá licença” para nos assegurarmos que vocês, os meninos de Langley, não se atiram sem limites ao Sr. Putin. – Piper lançou um estranho sorriso a Procter. – Mas como disse – continuou Piper –, esta manhã, o POTUS^[6] começou a trocar enquanto lia este texto. Chamou-me de lado depois da reunião e pediu-me que partilhasse a ideia consigo.

– De que se trata? – perguntou Procter. Doía-lhe a cabeça. Pensou, mas desistiu da ideia das bolachas *Ritz*. Faziam muito barulho. Muito mau.

Piper endireitou o caderno sobre a mesa e dispôs três canetas de forma que ficassem equidistantes.

– O POTUS queria saber se alguma das fontes do texto desta manhã é capaz de agravar mais a situação doméstica de Putin. Sei que pensámos nisto depois da Ucrânia. Vocês lançaram algumas ideias, nós não fizemos quase nada.

Nada, refletiu Procter, era uma generosa interpretação. O Moscovo X apresentara uma ementa de belas opções. Todas haviam sido ignoradas.

– Não creio que as opções tenham mudado – afirmou Bradley. – Mudou o apetite pelo risco?

– Talvez – anuiu Piper. – O Presidente sentiu-se encorajado pelos sinais de fissuras dentro do regime de Putin. Quer que se realizem verdadeiras operações para alargar essas fissuras. As palavras foram dele. A minha questão é se vocês têm acesso para o fazer. A fonte da peça desta manhã era interessante. Fez-me pensar que talvez tivéssemos aqui uma possibilidade.

Bradley esfregou o queixo.

– A Artemis e eu temos algumas ideias. Coisas que podemos ter em consideração, se de facto quisermos incomodar o Vladimir Vladimirovich. –

Bradley cobriu o PDB com a mão e voltou-se para Procter. Afinal, o conceito tinha vindo dela.

– Preâmbulo – disse Procter. – Esta ideia não é sobre a Rússia passar a ser um país amigo, uma democracia ou outra coisa do género. Nem pensar. Nem nos anos 1990 houve hipóteses, muito menos agora. Nada disso. Aquilo a que devemos aspirar é a uma Rússia dividida. Fraca. A olhar para dentro. Querem atacar os vizinhos? Querem dividir-nos? Bom, dizemos-lhe que se lixe, que são precisos dois para jogar esse jogo. Esta ideia tem a ver com o caos.

Explicou vagarosamente o conceito e as operações de apoio, temperando o discurso com analogias históricas e criminais para demonstrar os seus precedentes lógicos. Era uma daquelas ideias que parecem inteligentes quando uma pessoa está embriagada e também quando está sóbria. Inteligente antes de os russos nos drogarem e enviarem fotografias das nossas partes privadas para toda a internet e, mesmo assim, continuar forte meses depois. Uma ótima ideia. Criativa, mas não construtiva. Exatamente o contrário. Procter disse a Piper como PERSEFONE podia agir como cavilha de segurança. Explicou as motivações de PERSEFONE para trabalhar para a CIA e como se alinhavam perfeitamente com a desordem que o Moscovo X desejava visitar na Mãe Rússia.

Piper bateu com a caneta no caderno e avaliou Procter com uma cautelosa curiosidade, como ela tivesse chegado à sala de reuniões vinda de um jardim zoológico ou, talvez, de um manicómio.

– Digamos que o Putin sobrevive a tudo isso – alvitrou Piper.

– Provavelmente será o que acontece – interrompeu Bradley. Lançou a Procter um dos olhares de reprovação que ela se habituara a esperar quando estava em maré de sorte.

– Pois sim, sobrevive. Mas fica em dificuldades – disse Piper. – Vai ter de passar mais tempo a reforçar as coisas internamente. Suspeita de nós? Escondemo-nos como deve ser?

– Claro que vai suspeitar de nós – confirmou Procter.

– Raios – disse Bradley. – O Putin já pensa que estamos metidos em operações como esta. É inerente ao seu espírito paranoico.

– Mas como reagirá, se *de facto* o fizermos? – perguntou Piper.

– Diria que devemos evitar pensar no nuclear e noutra guerra massiva por terra, e é esse o limite – disse Procter.

– Então, por que diabo fazemos isto? – perguntou Piper erguendo as mãos. – Atacamos, ele responde, vai andar tudo de espiral em espiral e nunca terminará. Ou acabará em escuridão para ambos os países.

– Bom, suponho que podemos continuar a deixá-lo pensar que não prestamos para nada – disse Procter. – Que somos cobardes e que os deixamos fazer o que quiserem. Destruir a Ucrânia. Assar os nossos cérebros...

Bradley interrompeu-a aqui.

– Artemis, obrigado. Eis a questão, James. A mentalidade russa é atizar,

picar e furar até obter uma reação. Irão até onde os deixarmos. Se me dão licença, precisamos de definir um limite, picá-los de volta, obrigá-los a reavaliar a sua abordagem. Poderá ser uma maneira de o fazer.

Procter tinha a sua própria analogia.

– Penso nisto desta maneira, pessoal. Estamos a planear um jogo com os russos em que ambos os lados têm de se enfrentar. De poucos em poucos minutos o russo esmurra-nos. No ombro, nas costelas, nas partes baixas, na cara. Onde for.

Piper franziu o nariz, evitou um espirro a meio, limpou mais uma vez as mãos.

– E se não os agredirmos?

– Eles agridem-nos, mesmo assim – disse Procter. – É isso que não entendemos. Continuam a agredir-nos, meu. E fazem-no com violência, nas partes mais sensíveis, porque podem fazê-lo à vontade e levam a melhor.

– E se ripostarmos? – perguntou Piper.

– Agridem-nos novamente. Talvez ainda com maior violência. Ou com mais suavidade. Talvez, apenas talvez, deixem de nos atingir nas partes baixas e na cara, agridem o ombro umas vezes e isso conseguimos aguentar.

– Então a sua melhor analogia para as relações EUA-Rússia, menina Procter – disse Piper –, é a de dois indivíduos a esmurram-se numa luta sem fim?

– É essa exatamente a minha opinião.

Levantou-se para ir buscar um rebuçado a um boião que se encontrava sobre a mesa e voltou para o seu lugar. O rosto de Bradley endurecera e a sua mão transformara-se num punho fechado.

Piper bateu com os dedos na mesa, a pensar.

– Ed – disse –, vamos pôr o Grupo de Advogados a trabalhar na linguagem para um Memorando de Notificação que vos confira autoridade para fazer isto e proteger a vossa gente. A decisão atual não vai tão longe. Aviso ao Grupo dos Oito, claro, mas digam-me assim que o *Hill*^[7] começar a ficar agitado, para eu fazer uns telefonemas a impedir que uns 200 funcionários adolescentes sejam considerados de má qualidade. – Levantou-se para terminar a reunião.

Felizmente, Bradley ficou ocupado com as notícias da noite na viagem de volta para Langley. Procter consumiu um pacote inteiro de bolachas *Ritz* enquanto percorriam as margens do Potomac. Com a escuridão a aproximar-se das janelas do *Suburban*, Artemis desfrutou de um devaneio colorido, ao ritmo da música profunda e rica do *Lagos dos Cisnes* de Tchaikovsky. A sua fantasia era novamente o caos em Moscovo: protestos, incêndios, megafones, tanques a atravessar as avenidas estalinistas. À medida que o carro entrava nas instalações da sede, Procter assentiu por instantes, enquanto visualizava a imagem opressiva de uma multidão a entrar no Kremlin para o incendiar.

[5] President's Daily Briefing. (N. da T.)

[6] President of The United States. (N. da T.)

[7] *The Hill*, jornal americano e empresa de *media* digital situada em Washinton D.C., e fundada em 1994. (N. da T.)

Moscovo

Seis dias depois da detenção, Anna visitou o pai em Butyrka. Tratava-se de uma prisão-fortaleza desde o reinado de Catarina, construída em tijolo, e nela tinham estado detidos Dzerzhinsky, fundador da Cheka, a semente que gerara a KGB, antes de ele ter escapado por entre o caos da Revolução. Como bom bolchevique, uma vez no poder, o mestre da espionagem construiu o seu serviço à imagem do czar e tratou de encher Butyrka com os inimigos do novo estado. O opositor era diferente, os métodos iguais.

Anna baixou os olhos do retrato torto de Dzerzhinsky, colocado por cima da porta, e tentou banir da sua mente os gritos e grunhidos que se escapavam do compartimento ao lado. Aqueles, como o pai, presos pelo FSB, acusados de crimes políticos, eram habitualmente fechados em Lefortovo. Anna sabia que o Ganso escolhera Butyrka intencionalmente. Fazia parte do sistema geral de prisões e não estava sob o controlo do FSB, o que significava homicídio, violação, drogas, guardas a receberem subornos dos gangues da prisão. A riqueza do pai e a corrupção dos guardas permitir-lhe-iam sem dúvida uma cela privada com televisão e chuveiro. Mas o Ganso tratara de que Butyrka enviasse uma mensagem ao pai a dizer que, a qualquer momento, ele podia ser fodido – literalmente – pela sua insolência.

A porta abriu-se um pouco, deixando entrar os gritos do compartimento ao lado. Um guarda levou o pai algemado até à mesa. Este pôs as mãos sobre o metal frio e sorriu.

O guarda deixou-os a sós, excetuando as câmaras e os microfones. A pele do pai estava mais branca, as rugas mais fundas, os olhos mais vazios. Tinha ainda o nariz torto da agressão de Chernov.

– Estás com bom aspeto, pai – disse ela, fazendo os possíveis por sorrir. Ele riu-se.

– Meu Deus, como é bom ver-te Anya.

Ela pôs a mão na dele. A alga era tão fria.

– Lamento – murmurou ela. – Lamento muito.

O pai fez uma careta para suprimir o que quer que fosse que queria gritar. Olhou em direção à câmara que piscava num canto e começou a bater furiosamente com um pé no chão de cimento.

– Não posso acreditar que ele o tenha feito.

Anna queria falar de estratégia, verificar os seus instintos acerca dos progressos, mas as câmaras tornavam-no impossível. E sabia que ele nunca aprovaria o que ela planeava fazer. Tinham sofrido um xeque-mate, não havia alternativa, mas ele não ia entender. Iria continuar com o disparate de que havia sempre mais uma jogada. Mas era mentira. Por vezes, nada mais havia a fazer do que voltar o tabuleiro. Perder? Virá-lo ao contrário para ver o que acontece. Imaginando um tabuleiro de xadrez no ar, pensou em Luka, e perguntou a si mesma se poderia fugir com ele. Pegar em algum dinheiro e partir. Para onde iriam? Que país aceitaria uma russa proeminente cujo pai acabara de ser detido, acusado de corrupção?

Não sabia o que dizer ao pai. Olharam um para o outro e em volta do compartimento e escutaram os gritos do vizinho invisível. O pai olhou para a parede com ar entendido. Já tinha estado nessa sala em ambas as posições. Sabia como eram os locais como Butyrka. Quando o barulho acabou, fitou a filha. Anna usava uma camisola grossa de gola alta para cobrir os hematomas, agora uma manta de retalhos com azuis, negros e amarelos doentios. O pai não os podia ver, mas sentia algo.

– Fizeram-te mal?

Ela abanou a cabeça, mas deu por si com vontade de chorar. Rezou para que ele não percebesse. Ele observou-a e abanou as algemas fazendo-as tilintar sobre o metal da mesa.

– Não sei porquê, tenho estado a pensar numa festa em Londres há muitos anos – disse. – Creio que era o Dia da Independência, porque estava um calor horrível. Tinhas talvez 9 ou 10 anos. Sabes do que estou a falar?

– Não – disse Anna. – Acho que não.

O olhar do pai manteve-se fixo nela, mesmo quando os gritos recomeçaram no compartimento contíguo.

– Bom. É uma história simples, mas divertida. Pelo menos para mim. Tinham trazido várias geleiras cheias de gelados e sorvetes para a comemoração. Havia uma fila. Parecia uma fila para comprar doces numa padaria soviética. Tu estavas à espera sozinha. Havia um rapaz, filho de alguém da *rezidentura* ou da embaixada, francamente não me lembro. Meteu-se na fila, mesmo à tua frente.

Um leve sorriso entreabriu os lábios dela.

O pai continuou:

– Vi-te hesitar e chegares-te para a esquerda. Depois enfiaste-lhe um direto selvagem nas costelas. – Imitou o movimento e as algemas tilintaram. – Não trocaram palavras, nem avisos. Ele quase caiu, voltou-se e viu que eras

tu. Lembras-te agora?

– Depois de lhe ter batido, o rapaz disse-me que o deixasse em paz, disse-me que podia fazer o que lhe apetecesse – comentou Anna um momento depois.

O pai bateu com os dois punhos na mesa, encantado.

– Afinal ela lembra-se. O que lhe disseste a seguir para ele ter fugido com o rabo entre as pernas?

– Não lhe disse nada.

O pai sorriu.

– Só lhe parti o nariz.

Ele bateu na mesa e soltou um riso alegre.

– E eu senti orgulho de ti, Anya. Um orgulho enorme. Pois eis um conselho sábio de um velho que se lembra de ver a filha lutar com um idiota há muitos anos – Deteve-se para sorrir na direção da câmara. – Se alguém te desrespeita, tu ripostas. Estamos no meio de uma coisa dessas, Anya. Tinhas brincadeiras de rapazes quando eras pequena. E depois de seres mulher continuaste a brincar com homens. Fizeste questão. Se queres continuar a brincar, luta. Nada mais há a fazer.

Ele olhava diretamente para a câmara. Não podia deixar de o fazer. O pai sorria. Depois, voltou-se para ela e continuou:

– Vou mandar os advogados tratar dos documentos para que tenhas uma procuração para controlar a Rossiya Industrial em meu lugar, para gerires as minhas ações no banco. Para garantires que não vamos ser separados e para mantermos as decisões na família. Quero que tenhas o controlo. Não irás gerir os negócios, mas vou garantir que eles não podem ser comprados ou vendidos sem a tua aprovação. Pelo menos enquanto eu estiver aqui.

– Que queres que lhes diga, pai, acerca da oferta?

– *Ot tyurny i ot sumy ne zerekaisya* – disse ele, desviando os olhos dela para entregar a mensagem diretamente à câmara sobre a porta. O que tiver de ser será. Aceitamos a prisão e a pobreza. – A resposta é não.

Em Yasenevo, Anna encontrava-se no gabinete de Maximov, velho amigo do pai, terceiro subdiretor do SVR. Olhou por cima dos pinheiros, para Moscovo, e o seu corpo sentiu-se preso sob o peso dessa cidade no inverno. A mãe morrera em fevereiro e a sensação fê-la recordar esse inverno negro. Maximov, com uma mão a apoiar a barriga, recostou-se na cadeira e começou a tirar qualquer coisa dos dentes com a outra. Estava a ler o relatório de Anna sobre a operação contra Sia. A última vez que ela estivera naquele gabinete tinha sido para começar a preparar a operação.

Quando ele terminou, limpou na perna das calças algo que retirara da boca e foi ter com ela à mesa.

– Aqui podemos falar à vontade – disse. – Como se está ele a aguentar?

– Bem. – Anna não queria falar do pai.

Maximov alisou a gravata vermelha sobre a barriga.

– Trabalhei com o teu pai por mais de duas décadas e nem uma vez o vi desistir.

– É um homem orgulhoso.

– E teimoso – disse Maximov. Inclinou-se sobre a mesa. – Eu conheço-te. Já terminaste isto, Anya. Achas que deva levar esse relatório ao *khozyain*?

– Não.

– E porque não?

– Bom, para começar, consegues arranjar um encontro com ele?

Maximov sorriu.

– Bom, isso depende. Sem o Ganso?

– Sem o Ganso.

– Não – disse Maximov. – Não consigo. Por vezes o teu pai conseguia sozinho essas reuniões. Mas agora... – Um assistente entrou com o serviço de chá num tabuleiro. Maximov encheu a chávena até cima com açúcar e juntou-lhe o chá preto.

Anna encheu a sua e bebeu um gole. As chávenas de porcelana branca tinham gravado o símbolo do estado russo: a dourada águia bicéfala. Uma ave estranha que olhava para leste e para oeste, voando contra si própria. Eu sou esta ave, pensou Anna, Sou todos os russos.

Enquanto Maximov juntava mais açúcar, Anna começou com todas as cautelas.

– Há um caso em Genebra de que estou a tratar. Um banqueiro. Adiei duas visitas lá desde que o meu pai me meteu nisto – apontou para o relatório.

Maximov soprou o vapor da superfície do chá.

– Sei do caso. E então?

– Devia ir vê-lo a Genebra.

– Entendo – disse, como se não quisesse saber por que razão ela mentia.

– Vou encontrar-me com ele, mas estou preocupada que o Ganso possa suspeitar da viagem.

– O que estás a pedir, Anya?

– Quero provas documentadas nos canais que sabes que o FSB costuma ver. Mensagens que alertem o Quinto Departamento para as datas e o objetivo da minha viagem à Suíça.

Ele bebeu um gole, fez estalar os lábios e a mesa recebeu a chávena com estrépito. Limpou com um guardanapo umas gotas que se tinham espalhado. Maximov observou-a durante um momento e ela viu as perguntas que lhe cintilavam no olhar, mas depois ele disse:

– Escreve tu as mensagens. Eu encarrego-me de que cheguem ao destino.

Falls City, Oregon/Palo Alto

No heliporto do *campus* da Lyric, em Palo Alto, Artemis Procter atravessou o turbilhão das pás do helicóptero. A luz ambiente do interior e o acabamento de madeira atraiu-a até uma das assistentes executivas de Harry Hamilton, sentada lá dentro. A mulher conhecia Procter como sendo uma das consultoras de segurança de Harry.

– Mas que merda de helicóptero – disse Procter.

– Infelizmente o Sr. Hamilton não se encontra na sede – disse a mulher quando o piloto fechou a porta. – Mas gostaria que fosse ter com ele. Para jantar.

– E onde está ele?

– No Oregon. Na floresta.

– Tudo bem. Como queira – gritou Procter.

Procter adormeceu quando o helicóptero subiu ao céu e acordou quando a mulher lhe tocou no ombro. Tinham aterrado numa clareira.

Os panos de uma tenda branca ondulavam contra a maquinaria de corte de árvores. A mesa lá dentro rangia sob um enorme churrasco. Garrafas de *vodka Tito* gelavam num balde-de-lixo-transformado-em-balde-de-gelo. Viu um tabuleiro de alumínio cheio de *corn dogs* e nunca tinha recusado um *corn dog* na vida. Serviu-se de vários. Encheu de *vodka* um copo vazio de plástico e começou a comer.

Estava a terminar o terceiro *corn dog* e o sol da tarde declinava quando Harry chegou. Harry ligou três ventiladores de ar quente e começou a servir o seu prato. Ofereceu-lhe um *cocktail*; ela estendeu-lhe o copo vazio. As sobranças dele franziram-se ao ver um copo tão grande, depois arquearam-se ao ver os três palitos dos *corn dogs* que Procter despachara.

– Esses copos grandes são para *Coca Cola* – disse.

– Sim. Eu sei para que são – respondeu Procter.

Ele encheu o copo com *Tito* e entregou-o a Procter. Sentaram-se e começaram a comer.

– Acabo de chegar de Hong Kong – afirmou Procter. – Fiz uma curta visita a uma duvidosa criptocorretagem chamada Polycoin Investments. – Piscou o olho e fez o gesto de uma pistola com os dedos na direção dele para se referir ao nome que acabava de pronunciar. A Polycoin era uma operação de troca de criptomoeda apoiada por Hamilton. Harry pensava que o seu envolvimento era um segredo.

Lançou a Procter um olhar gelado.

– E como correu isso?

– Foi de facto agradável, Harry. Uma boa maneira de comprares e venderes grandes quantidades de cripto, sem que as pessoas saibam o que andas a fazer. E, é estranho, mas trata-se exatamente daquilo em que ultimamente estou interessada.

Harry sorriu enquanto mastigava, e limpou os dedos num guardanapo. Bebeu um longo gole de *vodka*.

– Aquilo que sempre respeitei em ti, Artemis, é que não estás com rodeios.

– É verdade, é verdade. Não sou de rodeios Nunca fui acusada de tal coisa.

– Então – disse Harry –, os meus bons amigos Artemis e Ed pediram-me nos últimos meses que comprasse cavalos de corrida a um criador mexicano. E agora venho a saber que estiveste em Hong Kong a meter o nariz na minha cripto loja favorita.

– O que é que isso te faz pensar, Harry?

– Que gostava saber que caraças se passa.

Procter pousou o copo de *vodka*.

– Então o jogo é este – disse ela. – Estamos a pôr em movimento uma bela intrigazinha. Vamos atirar uns russos maus para o caldeirão. Lixá-los um pouquinho. Daquele tipo que te faz andar uns dias como um *cowboy*.

– Quem é o lesionado nessa analogia? – perguntou ele. – Na verdade, não respondas. Vou buscar outro. – Levantou-se da cadeira com o copo vazio na mão. Procter estendeu o seu na direção dele, que o encheu até cima. Vou fazer uma soneca no helicóptero para São Francisco, pensou ela.

– Esse russo tem os serviços secretos ao seu dispor? – perguntou Harry, regressando com as bebidas.

A expressão de desagrado de Procter dizia: *Tenta outra vez, homem*.

Harry revirou os olhos e sentou-se.

– És o gajo indispensável, Harry – disse Procter. – Sei que sabes isso. Então, estás preparado para ouvir o que eu quero?

– Sim, por amor de Deus – respondeu Harry.

Procter fixou-o com um olhar inexpressivo.

- Quero que compres cripto à Polycoin. Em grandes quantidades.
- Quanto?
- Ainda não sei. Mas muita. Talvez centenas de milhões.
- Que merda, Artemis – disse ele, limpando a gordura das mãos.

Procter reparou que ele batia com o pé no chão e que esfregava os lábios com os nós dos dedos, como se estivesse irritado e incomodado com a ideia.

– Calculo que esses russos irão a dada altura encontrar o caminho para a Polycoin.

Não era uma pergunta. Procter passou um dedo pela beira do copo e não pronunciou palavra.

Harry sorriu.

– Quanto devo esperar receber?

– Partindo do princípio de que o fundo do criptomercado não vai cair nos próximos meses, deves receber quase tudo. Que raio, podes até ganhar algum dinheiro. Mas se balançar para o outro lado, encontraremos uma maneira de te compensar da perda. Bom, as dotações secretas ajudam. Só Deus sabe como ajudam. Agora, ambos sabemos que a cripto é uma grande farsa; afinal, trata-se de um esquema Ponzi, não é verdade? Sem qualquer merda de valor subjacente. Negoceias com a Polycoin, Harry, porque, enfim, podes fazer dinheiro se tudo der para o torto. Mas ainda falta muito, por isso temos tempo para conseguirmos ser bem-sucedidos, tratar desta pequena operação, e tu recebes o dinheiro pelo outro lado. É obvio que não estou a financiar isto desta maneira por ter um fraquinho pelas cripto. Só preciso de um modo de vaporizar um monte de dinheiro, retirá-lo dos mercados monetários o mais depressa possível, e pouco me importa o que vale do outro lado. Só quero movimentá-lo e escondê-lo.

Harry olhou para o teto da tenda e tamborilou com os dedos na mesa.

– Só mais uma coisa – afirmou Procter. – Se disseses que sim, prometo-te uma bela carta do POTUS e uma cerimónia em Langley a agradecer-te pelo serviço. Medalhas, placas e outras merdas que não vais poder retirar do edifício. Não haverá glória para ti, claro, mas saberás o que fizeste. E isso, creio, é o que te importa, Harry. Podes ser um simples milionário que adora comprar florestas e beber milhões de dólares de garrafas de vinho no teu iate, enquanto fazes festas com mulheres muito mais atraentes do que tu. Mas não és assim. És Harold Hepburn Hamilton. Não és um vira-casacas, nem um aproveitador. Vives para isto. E, como eu, estás farto de que os russos se caguem nos Estados Unidos da América.

Entreolharam-se por um breve instante. Ao longe ouviu-se o motor de um trator a trabalhar. As garrafas de *vodka* rangeram e acomodaram-se nos baldes enquanto o gelo derretia.

Harry respirou fundo e abanou a cabeça como se soubesse que era um grande idiota. Estendeu o copo por cima da mesa. Procter bateu nele com o seu. Trataram da logística por cima de mais uma rodada de *Tito*. Depois Procter dirigiu-se ao helicóptero com alguma dificuldade e levantou voo em

Na manhã seguinte, Procter saiu do hotel de Palo Alto e dirigiu-se a um edifício WeWork abandonado, que ficava num frondoso parque de escritórios. As placas anunciavam que estava disponível para ser arrendado, o que já não era verdade. A HLK Solutions, uma empresa da CIA, garantira o arrendamento. O edifício continha todas as características de um centro de informação comercial, compartimentado e sensível, um SCIF: estrutura independente, boas conexões de fibra, bastante espaço para *hardware*.

Mas as instalações também tinham problemas. Tinham encontrado fezes e, depois, os responsáveis: guaxinins. O telhado tinha infiltrações. Descobriram agulhas hipodérmicas enfiadas numa máquina de café do tamanho de um forno comercial. Procter pensou que uma das paredes de cimento tinha sido grafitada por vândalos, até se aperceber que a mensagem dizia: JUNTOS, SOMOS MAIS E MELHORES. Propaganda WeWork. Mandou a equipa passar tinta negra sobre a frase. Para finalizar, a piscina vazia, atrás do prédio, parecia um daqueles locais que os talibãs usavam para matar pessoas.

Digitou o código e entrou. Percorreu o corredor e chegou a outro compartimento. Este fora um espaço de trabalho aberto nos dias da WeWork, cheio de secretárias baratas para o que Procter imaginava ter sido uma horda considerável de idiotas da tecnologia. Agora era o centro de comando das ideias operacionais de Procter. Um rapaz de calções e sandálias e um boné do Rato Mickey espreitava, com um olho fechado, para dentro de uma torradeira raspando em volta com um garfo.

Tirando George, Procter não sabia os nomes deles. Não perguntara absolutamente nada acerca do que imaginava serem os seus passados bizarros. Os instintos de George eram impecáveis no que dizia respeito a *nerds*, e fora aqueles que ele escolhera. Mas, francamente, os putos eram pálidos como tudo, com uma pele quase translúcida. Pareciam camarões, pensou Procter. Tencionava instalar umas luzes de solário para os manter vivos até conseguirem acabar o trabalho.

Procter abriu uma *Jolt* e dirigiu-se ao canto oposto da sala, onde os fulanos do FINO se tinham reunido. Eram três, antigos banqueiros que falavam linguagem bancária. Procter reconheceu um deles da troca de mensagens. Fora um NOC que gerira um banco manhoso nas Ilhas Caimão. Vestiam-se como banqueiros idiotas. Um deles usava até um fato às riscas.

Procter bateu na porta fechada do gabinete.

– Caraças, estamos ocupados – respondeu uma voz.

– É o tipo de comportamento grosseiro que te mandou de castigo para o banco, Snake. – Procter abriu a porta de par em par.

Um homem musculoso, vestindo um polo justo, fez uma careta quando a porta bateu na parede. O seu nome usado nas mensagens era Gerald B.

SNAKERSON. Todos lhe chamavam Snake. Procter não sabia o seu verdadeiro nome. Snake era um agente operacional sénior com um fantástico recorde de recrutamentos e uma igualmente abismal veia administrativa. Tal como Procter, estava de castigo. Tinha sido o Chefe de Equipa Estocolmo, gerindo uma equipa de agentes de caso que haviam recrutado um espantoso número de iranianos. O problema era que Snake tinha levado para a cama várias agentes, uma das quais casada.

– Vou entrar – disse ela, emborcando o último gole de *Jolt* e sentando-se. – Andava por aqui perto a trabalhar na cripto. Imaginei que podia entrar para ver o que se passa.

– Bom, muito bom – disse ele, recuperando a compostura, mas obviamente ainda aborrecido pela aparição de Procter. De uma maneira geral temos o talento de que precisamos. – Pôs um sinal na escala de serviço. Procter prometeu que enviaria Debman, o seu analista do Moscovo X.

Colocando sobre a secretária dele a lata de *Jolt* já vazia, pediu-lhe que ligasse o WINKELVOSS.

– Faz-me uma demonstração.

Dez meses antes, uma operação conjunta da CIA e NSA implantara um *worm* numa parte do equipamento que o FSB usava para monitorizar o tráfego de telecomunicações russo. Essa ferramenta deu à CIA a capacidade de fazer com que o FSB visse nos dados coisas que nunca tinham acontecido. Querem fazer parecer que um agente responsável pela deteção da vigilância de uma determinada rota ficou sem fazer nada num café durante duas horas? Ou, digamos, que um grupo de agentes de alta patente próximos de Putin viajou para a mesma *dacha* na mesma ocasião, talvez pela calada da noite? O WINKELVOSS era a resposta. Até ali pouco fora utilizado; Langley receava que bastassem umas dentadas na maçã até o FSB dar conta e descobrir o *malware*.

Atravessaram a sala principal em direção à secretária de George no canto, levando com eles o rapaz com o chapéu do Rato Mickey.

– Mostra-me, Georgie – pediu Procter.

– Então – começou George, ligando os seus seis monitores. – Digamos que aterramos em cinco conspiradores que temos de denunciar. Há algumas maneiras de os cobrirmos com pó digital. Transações financeiras suspeitas. Comunicações suspeitas. Viagens suspeitas dentro da Rússia. O portátil do Vadim, se o conseguirmos apanhar, vai ajudar com o dinheiro. O WINKELVOSS é a resposta para as comunicações e para as viagens.

– Em que queremos que o Putin acredite exatamente? – perguntou o tipo do Rato Mickey. – Isto é, até que ponto queremos de facto que ele aceite o desafio?

Procter voltou-se para ele, com uma expressão chocada a surgir-lhe no rosto, como se tivesse concluído que ele era incapaz de falar e tivesse preferido que fosse assim mesmo. Um sorriso de crocodilo espalhou-se-lhe pelos lábios, mostrando quase todos os seus dentes,

– A ideia – disse –, é fazer crer a Putin que uma pequena camarilha muito desagradável vem roubar-lhe a coroa, que alguns dos seus boiardos se preparam para lhe enfiar a cabeça numa lança e exibi-la nas muralhas do Kremlin. Queremos que veja que essa camarilha se reúne, conspira e espalha subornos. O objetivo aqui, Brian – inventou aquilo, não fazia ideia de qual era o nome dele – não é apenas uma baforada de fumo, é um fogo que provoque um alarme enorme de que está eminente um golpe de Estado, um sinal de que o Putin devia arrancar as tábuas do chão em busca de traidores. Claro que serão traidores imaginários, mas muito reais no pântano que é a sua mente afetada pela febre dos esteroides e das drogas da quimioterapia.

– Então ele tem um cancro – murmurou o rapaz.

Procter pousou-lhe a mão no ombro e disse, mas são tudo boas perguntas, Brian, e apertou-lho até ele emitir um ruído. – Cabrões russos, ricos e poderosos a matarem-se uns aos outros, é esse o nome do jogo – concluiu ela.

Brian, cujo nome era de facto Chris, anuiu pouco à vontade e afastou-se de Procter com um passo lento e natural. George bebeu um pouco da sua *Jolt* e continuou:

– Decidimos então algumas reuniões importantes para este grupo. Locais e horas onde estejam todos juntos, por isso, uma vez que o FSB comece a escavar, parecerá estranho.

– Mostra-me – pediu Procter.

George abriu o mapa de Moscovo. Procter apontou para um lugar junto ao Rublyovka.

– Ali – disse. – A propriedade do Ganso. – George clicou no local. – E digamos que ele vai para lá, saindo do seu escritório.

George traçou uma série de rotas a partir do Kremlin até à *villa* do Ganso. Juntou as horas do início e da chegada. Incluiu o número de telefone e uma data e carregou no *enter*. Surgiu um novo mapa. Os pontos azuis eram as torres de telemóvel que surgiam na rota falsa. George tocou no ecrã.

– Isto está super simplificado porque não criámos todos os dados falsos, mas mostrará a qualquer unidade de FSB a investigar que este telefone viajou entre o centro de Moscovo e Rublyovka a meio da noite do dia 20 de dezembro.

– És um cromo incrível – exclamou ela, batendo com tanta força nas costas de George que o fez ganir.

– Assegura-te de que incluis tudo o que precisares dela na mensagem da operação – disse Procter, num tom excitado. Aquilo estava a ficar bom. – Fazemos isto na Suíça e depois ela vai-se embora.

Moscovo/Genebra/ Gimmelwald

Anna dormia profundamente e acordou cedo sem despertador. De pijama de seda, tomou um pequeno-almoço de pão de centeio torrado e café simples, sozinha no apartamento de Ostozhenka, passando distraidamente as notícias no seu telefone. Dirigiu-se à casa de banho, despiu suavemente a parte de cima do pijama e examinou as doentias manchas verdes e amareladas sobre as suas costelas. Tocou no estômago com a ponta dos dedos e descobriu que os músculos estavam menos doridos do que no dia anterior. Engoliu quatro ibuprofenos com um copo de água.

Abriu o cofre do armário de onde retirou o passaporte de turista que usaria para ir a Genebra. Muitos russos tinham partido durante a operação na Ucrânia para nunca mais voltarem. Artistas. Escritores. Bailarinas. Jornalistas. Académicos. Muitos ainda matariam pelos passaportes que ela possuía e pela autorização aprovada pelo Estado para sair de Rodina. Mas nunca tinha pensado em fugir. Como podia fazê-lo? Luka estava ali.

Não conseguia atrever-se a pegar no telefone que usava para falar com ele e que também se mantinha atrás da porta trancada.

Anna dormiu durante o voo para Genebra. Reuniu-se com o aborrecido banqueiro suíço durante o almoço no Beau Ruvage, discutiram os negócios dele com as autoridades financeiras americanas e a perspetiva de Washington exercer sanções contra a Rússia. O banqueiro falou dos vários iates russos espalhados pelos portos do Mediterrâneo, que ele esperava que fossem confiscados. Anna pensou que os seus relatórios teriam um certo interesse para o SVR, e reduziram de forma crítica as possibilidades de alguém a

pressionar sobre a sua estada de dois dias reservada para o final da viagem. Ao fim da tarde foi arranjar as unhas e adormeceu depois de beber dois copos de vinho no quarto. Na manhã seguinte fez um percurso pedonal pela baixa e junto à água. O tempo em Genebra era um cálido alívio da garra apertada do inverno de Moscovo. Viu o penacho em arco que saía da fonte no centro do lago, lançando-se bem no alto do céu nublado. Anna usava uma saia comprida e botas com uma camisola de caxemira e um casaco branco que não vestia em Moscovo desde o mês de setembro. Comprou um novo par de *Louboutin* na Rue du Rhone, parou para tomar um café longo, depois voltou para o Beau Rivage por um caminho em zigzag que incluía algumas reviravoltas que, para qualquer praticante de operações clandestinas, teria sido considerado extremamente provocador. Junto a uma boutique na Rue du Marché, Anna avistou um homem a conduzir uma *Vespa* e pensou que já o tinha visto nesse mesmo dia, perto da fonte. Partiu do princípio de que ele fazia parte da sua equipa de contravigilância, mas seria um SVR ou um FSB? Ambos tinham razão para a vigiar. De momento guardou a imagem. Teria tempo de confirmar.

No quarto do hotel fez a mala e sentou-se na beira da cama, pensando num regresso apressado a Moscovo. Mais uma vez, interrogou-se: Haverá outra forma? E, mais uma vez, não conseguiu pensar numa.

Disse para consigo que não iria ao antigo bairro. Mas, cinco minutos depois, deu por si a telefonar para a receção a pedir o horário dos autocarros e responderam-lhe em francês, por favor *mademoiselle* Agapova, deixe que a levemos de carro. No francês entrecortado que aprendera durante os quatro primeiros anos de casamento, os seus primeiros quatro anos empregada na sucursal agora fechada do Banco Rossiya em Genebra, explicou que preferia ir de autocarro. Sempre fora de autocarro. O telefone trouxe-lhe de volta um longo suspiro metálico.

Já dentro do autocarro, Anna entregou-se a um devaneio. Luka estava ali e bebiam café sobre lençóis enrodilhados na luz oblíqua da manhã. Vadim não existia. O SVR não existia. A vida era feita de campos soalheiros e vento quente. O sonho desapareceu com o ruído dos travões.

Na aldeia havia o bulício da hora de almoço. Comprou uma sanduíche quente de manteiga e salame numa padaria que visitava todos os dias na sua antiga vida. Adorava aquele pão e, sabe-se lá porquê, sentira uma esperança idiota de que o sabor a alegrasse, mas afinal atraiu-a para a época horrível em que se encontrava e o pão pareceu-lhe seco. Atirou a sanduíche para um caixote do lixo e continuou o caminho para a vivenda. Dez quartos, extensas vistas sobre o lago e a Cordilheira do Jura. Fora Vadim que a escolhera. Eram russos ricos, jovens e ambiciosos. Ali, pensara ela então, ali poderiam resolver as coisas. Ali poderiam encontrar o caminho do amor.

Do lado de fora do portão da frente via as janelas do antigo quarto de ambos e as janelas do quarto que em breve seria o seu. Ali, em Genebra, decidira que não valia a pena proteger um leito matrimonial partilhado com

um elenco de prostitutas. Tinham praticamente deixado de fazer amor e ela começara a tomar a pílula em segredo para defender o seu útero, caso Vadim tentasse. Aqui, Maximov acenara-lhe com o emprego no SVR, mas depois ela recusara por causa do pai, de Vadim e da então poderosa voz da Boa Filha e Esposa desejosa de agradecer aos senhores, embora a fornalha da resistência já rugisse dentro dela.

Anna esperava que aquela visita imprimisse agora uma verdadeira certeza nas suas decisões, porém sentia que estava a bisbilhotar a vida de uma pessoa morta e voltou as costas à sua antiga casa, mais zangada consigo própria do que com eles.

Regressou à aldeia e ao autocarro que, precisamente às 15h07, partiu para o centro de Genebra. Foi buscar a mala ao Beau Rivage e fez o *check out* na receção.

– E agora para onde, *mademoiselle* Agapova? – perguntou o rececionista.

– Uns dias de ski – respondeu ela.

Sexta-feira era uma noite clássica de direta na Hynes Dawson. Dezenas de chamadas de clientes, algumas entrevistas com contratos em perspetiva, revisão de documentos – o interesse massivo dos funcionários na base desta pirâmide. O piscar da prematura árvore de Natal em novembro pouca animação trazia, servindo apenas para lembrar que o mundo no exterior da firma podia aguardar com alegria a época dos feriados natalícios, em vez de trabalhar numa pretensiosa oficina. Um colega numa das equipas de Sia reparou que a chefe, geralmente muito serena, parecia agora bastante alterada. Mandava muitas mensagens durante as reuniões, o seu cabelo, sempre impecável, estava um pouco amassado, uma das suas mãos parecia tremer. Podia andar a dar na coca, pensou o colega. Só Deus sabia como todos ali precisavam de energia.

Às duas e meia da madrugada bateu à porta do gabinete de Sia para explicar que lhe enviara tudo o que ela pedira e que ia para casa. A chefe estava ali sentada à luz do seu computador e a olhar para o ecrã com uma expressão estranha. Desconcentrada. O colega bateu novamente e Sia endireitou-se.

– Que se passa? – resmungou.

– Mandei-te os ficheiros da Sandelwood – disse. – Sentes-te bem?

– Sim, sim. Estou apenas cansada. Como todos nós. – Não virou a cara para olhar para ele.

– Claro. Boa noite chefe!

Havia dezenas de voos diretos de Londres para Genebra, mas a configuração da viagem de Sia para a Suíça precisava de ser ofuscada; muitas voltas e

reviravoltas, utilização de numerário sempre que possível. De manhã fez uma mala com roupa de inverno e apanhou o Eurostar para Paris, o TGV para Genebra e depois para Interlaken, onde passou a noite. Na manhã seguinte, apanhou um comboio pintado de azul e dourado e seguiu para a região de Jungfrau. Enquanto o comboio troava nas montanhas, Sia lutava contra a necessidade de dormir. A sua mão esquerda sossegara, mas tentava afastar a fadiga.

O comboio deslocava-se passando por igrejas alpinas e chalés de madeira com portadas e janelas enfeitadas a vermelho e verde. Arrastando a mala até ao Hotel Staubbach em Lauterbrunnen, fez o *check in*, deixou lá os seus pertences e guardou o telemóvel e o portátil no cofre porque não os podia levar consigo para a reunião.

Era o dia da abertura do mercado de Natal de Lauterbrunnen. Sia comprou um copo de chocolate quente e sentou-se num banco, fazendo um esforço para se concentrar na reunião. Jon, o seu antigo instrutor, perguntara-lhe uma vez quantas operações significativas um agente conseguia fazer durante a vida. “Cinco”, tentara ela adivinhar. Uma, corrigiu ele, apenas uma que faça de facto a diferença. E esta, sabia ela, era a sua. Da igreja alpina com um pináculo em forma de cone na encosta, chegaram quatro agradáveis badaladas. Em breve chegaria o seu autocarro.

Era a única passageira. Embora a viagem durasse apenas 15 minutos, cumprimentou o condutor dizendo: “Acorde-me em Stechelberg”. Ele lançou-lhe um olhar frio, como se não tivesse entendido o mais do que aceitável francês que ela falava. Sentou-se e a porta fechou-se com um silvo.

Acordou com o condutor a bater-lhe no ombro, a resmungar qualquer coisa acerca do horário. Parecia frustrado, como se não tivesse sido a sua primeira tentativa de a acordar.

Saiu do autocarro a cambalear, meteu-se no teleférico Schilthornbahn e a cabina de vidro balançou em direção ao céu. As viagens de autocarro e de teleférico serviam como mecanismo de encaminhamento para aquilo que se transformara na deteção da rota de vigilância de vários dias. Estivera sozinha no autocarro, estava sozinha no teleférico. Estivera sozinha nos comboios. O seu corpo podia pedir descanso, um descanso infinito, mas não levaria ninguém hostil para a reunião. Não ia desapontar Anna.

Gimmelwald era uma aldeia campestre empoleirada na garganta sobranceira ao vale, com uma única estrada sinuosa, pontilhada por casas de madeira, acessível apenas por teleférico. Havia enormes montes de lenha já à espera do inverno. A aldeia possuía um silêncio sereno e profundo que incomodou Sia. Não havia carros, nem ruído de motores, apenas o distante soar dos chocalhos das vacas anunciando a chegada da noite. Passou por uma pequena manada que pastava enquanto o nevoeiro começava a cobrir a aldeia.

Em breve se tornava tão denso que Sia quase embateu na placa. Parou a menos de um metro e viu que dizia HOSTEL DA MONTANHA. Mas há anos que não o era; era agora um Airbnb, alugado por duas noites por um utilizador

de Airbnb com sede na Alemanha, a quem a CIA pagava para garantir as reservas na Europa. Dois pisos, madeira escura, aninhado mesmo à beira do rochedo. Havia fumo a sair da chaminé e uma luz dourada a dançar nas janelas. Sia bateu com os seus sapatos de caminhada cobertos de neve no tapete e empurrou a porta.

Procter estava acocorada a mexer no lume. A Chefe usava calças brancas e botas de pelo também brancas e com borlas e uma camisola enorme com estranhas almofadas de pelo cosidas nas mangas. Um homem que Sia calculou ser o poligrafista observava nervosamente Procter a mexer no lume.

– Olá, miúda – disse ela olhando Sia de alto a abaixo. – Não estás com muito bom aspeto.

Gimmelwald

A rota fora planeada com um objetivo muito especial: reduzir a possibilidade de que Anna fosse presa e assassinada aquando do seu regresso a Rodina. Uma forte equipa de contravigilância, composta por dez elementos, seguira Anna desde Genebra para confirmar que os seus compatriotas não a vigiavam. À luz do lume da lareira, Procter contou a Sia que a equipa acreditava que Anna não era de fiar. Nessa manhã, um ativo da CIA deixara instruções e a morada da casa segura no cofre do quarto do hotel de Anna em Genebra. Para terem a certeza de que se comportava devidamente, Anna ficara debaixo da vigilância constante da CIA a partir desse momento. Segui-la-iam até Lauterbrunnen.

As instruções incluíam também várias exigências específicas. (“*Em Lauterbrunnen apanhe o autocarro do correio das 7h08 para Stechelberg Schilthornbahn*”). Alguns inexperientes resistiriam à autoridade ignorando instruções, um modo fácil e irritante de fingir que sabiam o que estavam a fazer. Desde a Rusfarm que os analistas do Moscovo X corroboraram vários relatórios de Anna; estava a produzir, mas continuaria assim? Ninguém esperava um controlo total sobre ela, mas se a CIA ia enviar Anna para dentro da Rússia como pivô de uma operação com riscos tão espetaculares, então a CIA queria o máximo de provas possível – mesmo que insignificantes – de que ela seguiria instruções simples. Que podia cumprir o prometido.

Anna apanhou o sujo autocarro amarelo em Lauterbrunnen precisamente às 7h08 e seguiu aos solavancos pelo vale em direção a Stechelberg. O que estás a fazer?, perguntou várias vezes a si própria enquanto espreitava pela janela para os penhascos íngremes que se erguiam lá em cima. Saltar de um deles podia ser mais fácil do que o caminho à sua frente. Quando o teleférico parou

com um rangido em Gimmelwald, Anna saiu para um ar frio, sentindo um cheiro a feno e a lama e os vestígios metálicos da neve recém-caída. Os únicos sons eram os dos chocalhos das vacas e os murmúrios vindos de um hotel uns metros no alto do monte. A velha hospedaria estava coberta de neveiro. Sabia que estava na beira do desfiladeiro, mas não conseguia ver para baixo, muito menos os cumes e as encostas dos penhascos do outro lado do vale. Mal conseguiu ver a placa. Os sinos tocaram, anunciando a sua traição. Não, disse em voz alta, nada disso. É a minha resposta para Eles.

Empurrou a porta e entrou, seguida por uma rajada de neve.

Sia bebia café sentada no sofá. Uma mulher musculada com cabelo negro encaracolado estava sentada ao lado dela. A linguagem corporal deixava entrever que era essa nova mulher que mandava. A mulher de cabelo encaracolado levantou-se para cumprimentar Anna. Era muito baixa, com olhos de um verde elétrico.

– Olá Anna – disse a sua voz grave num russo impecável. – Chamo-me Lulu. Faço muito trabalho na Rússia. A Sia contou-me muita coisa a teu respeito. Quanto tempo tens?

– Tenho esta noite e amanhã de manhã até ao almoço – declarou Anna. – O meu telefone ficou no quarto da estalagem.

– Ainda bem – disse a mulher que afirmara chamar-se Lulu. – Então, podemos todas acampar aqui esta noite. Dá-nos mais tempo. Temos muito que fazer. Muito que fazer.

– Encontraste bem o caminho até aqui? – perguntou a mulher, mas já em inglês. – Sabemos que és uma profissional, mas precisamos de perguntar. Sabes como é.

– Excetuando a vigilância da vossa equipa, a viagem foi ótima – disse Anna. Serviu-se de café de uma cafeteira que estava na cozinha e sentou-se no sofá. – O que queres dizer com isso de profissional? – perguntou com um sorriso irónico.

Lulu pareceu tentar sorrir.

– Quero dizer, como banqueira – a palavra saiu-lhe com desagrado –, pareces saber orientar-te.

Anna anuiu. O que era bom.

– Como chegaste aqui? – perguntou Sia.

Anna explicou o seu caminho, embora pensasse que já o conhecessem. Tinha a certeza de que a tinham vigiado desde Genebra.

– E tu? – perguntou. – As mulheres da CIA descreveram o seu caminho para Gimmelwald e Anna gostou. Cuidadasas, conservadoras. Não eram palhaços. Ainda bem.

Lulu continuou:

– A Sia contou-me o que se passou na quinta. O que o teu marido fez. Lamento. Queremos arranjar maneira de ajudar e pensamos ter interesses comuns. Também quero transmitir-te que fomos atraídos pelas informações que passaste à Sia acerca dos homens que rodeiam o teu pai e o Putin. É o tipo

de coisas que os nossos *clientes* acham interessantes. – Lulu inclinou-se para diante e mordeu uma cutícula, mantendo os olhos nela enquanto falava. – Mas agora a nossa organização atua naquilo que pode ser muito justamente definido como déficit de confiança com a tua gente. De facto, não restaram limites. Sei que tens um motivo para falar connosco. Também temos algumas ideias que podem ser perturbadoras para os nossos inimigos comuns. E gostaríamos de avançar rapidamente. Gostaria que concordasses em fazer um teste de polígrafo para acelerarmos a nossa base de confiança. Não tens de o fazer, podes ir-te embora, mas se nos denunciasses, então estamos feitos.

Anna inclinou-se, fazendo estalar a cadeira de madeira, para apanhar umas amêndoas de uma lata que se encontrava sobre a mesinha.

– Antes de o fazer, quero saber o que têm em mente. Devem saber ambas e dizer à vossa *organização* – disse com desagrado –, que não estou interessada na queda do Putin ou numa mudança de governo na Rússia.

Elas anuíram, mas a Anna o gesto pareceu gratuito. Como podiam compreender? Como podiam saber o que aquilo significava para ela?

– A operação da Ucrânia foi muito mal executada – prosseguiu Anna. – Mas não desejo ver a Rússia de joelhos. Não me interessa mudar o sistema, porque, francamente, não creio que seja possível outro. Haveria novas caras, novos nomes seriam atribuídos às instituições, mas nada *mudaria* verdadeiramente. E não vos falarei da *minha* organização, devem saber isso desde já. Está fora de questão. Querem o quadro da organização, querem que eu ponha algo no computador no meu escritório, querem saber das operações na América? Não. Não vou partilhar nada disso. Não sou traidora da Rússia e não me vão transformar numa.

A tal Lulu refletia com o rosto franzido.

– Talvez se nos dissesse o que queres, Anna... – sugeriu Sia.

– Quero acabar com os meus inimigos. O Ganso. Talvez o meu marido.

– Compreendido – disse Lulu. – E tenho uma ideia de como o podemos fazer. Mas tenho uma pergunta para ti: estás disposta a ajudar-nos a aceder ao computador do teu marido?

– Com que finalidade?

– Quero ver onde está o dinheiro. E talvez queira movimentar algum.

– O dinheiro de quem?

Lulu sorriu.

– Ora...

– O meu pai é dono de uma grande parte do banco – disse Anna. – É-o desde que o pai do Vadim faleceu. Não vou deixar que o arruinem. Se querem que vos ajude, têm de me dizer o que estão a fazer.

– O teu pai detém uma grande parte do Banco Rossiya, não é verdade? – perguntou Lulu.

– Sabem que sim.

– E quanto possuirá, quando o Ganso acabar a sua extorsão?

Anna cruzou os braços. Lulu inclinou-se e pousou-lhe ao de leve a mão

no pulso.

– Temos um preço aqui, Anna. Precisamos do dinheiro para que a nossa pequena ideia funcione. E creio que deve vir do banco. Mas eis o que te posso prometer: nada disso será atribuído ao teu pai ou a ti. Iremos atribuí-lo aos nossos inimigos comuns.

Anna afastou o braço.

– Talvez estejam a tentar fazer-me cair numa armadilha.

Lulu riu. Disse que ela era paranoica.

Anna passou a falar russo e declarou-lhe:

– Com que então, paranoica? Vejam o que as vossas sanções fizeram ao povo russo! – Bateu com a palma da mão no tampo da mesinha. – Os cidadãos comuns voltaram a viver dos seus bocadinhos de terra, como aconteceu nos dias após o colapso soviético. As nossas viagens são restringidas. Somos os párias da Europa. Um bom russo ficaria paranoico com as vossas intenções, Lulu, porque vocês mentem tanto como nós.

Sia ergueu a mão.

– Talvez se poupármos discursos uma à outra? E conversarmos em inglês? Discutir é contraproducente, não achas? Aqui todos queremos o mesmo.

Anna abanou a cabeça e fez estalar a língua.

– Não, Sia, não queremos. Nada disso. Podia perguntar por que razão querem que vos ajude a ajustar algumas contas. Devo perguntar? Não creio que o faça, pois não quero saber a verdade. Ou talvez deva perguntar, porque me vão mentir, não é verdade? Vão encher-me de tretas para conseguirem que participe. E se esta noite também eu vos ligasse ao polígrafo?

Anna bebeu um enorme gole de café, estalou os lábios e deitou a língua de fora.

– Isto é horrível. Vou fazer chá.

Na cozinha andou à procura de uma chaleira.

– Estão a gravar esta reunião? – Baixou-se e encontrou uma num armário em baixo.

– Não – respondeu Lulu da sala. – Tens a minha palavra.

Anna resmungou. Encheu a chaleira no lava-loiça e pô-la ao lume. A palavra de Lulu nada significava.

Voltou para a sala.

– Até que ponto é conhecido o meu nome dentro da vossa organização?

– Por cerca de cinco pessoas – disse Lulu. – Muito compartimentadas.

A chaleira começou a assobiar. Ainda de pé, Anna agarrou-se às costas do sofá.

– Sou patriota. Não creio que o saibam realmente. Talvez como americanas sejam incapazes de compreender. Não me importo que o Putin governe o país. O sistema russo sempre foi assim. Uma pessoa no cimo, todos a apanharem o que podem. Os ativistas e os manifestantes nada significam para mim. Sou uma patriota russa...

Lulu ergueu a mão.

– Como disse, não estou a tentar disfarçar-te de chefe de claqué americana. Acredita, sabemos que não nos estás a ajudar a iluminar o caminho para a democracia em Rodina. Que tal isto: vais escutar-me. Vou contar-te a nossa ideia, cujo conceito foi aprovado pelo mais alto nível da minha organização. Vamos conversar. Se gostares do que tenho para te dizer, fazes o teste do polígrafo e depois entramos em pormenores enquanto bebemos conhaque e cacau.

Anna encontrou um saquinho de chá preto. Boiou na água quente, ensopou-se e, por fim, afundou-se quando ela o pôs em infusão. Voltou à sala.

– Diz-me qual é a ideia.

Lulu fê-lo. Num discurso tão agressivo, tão fervoroso, tão ousado, que Anna ficou a pensar como podia ter vindo de uma mente americana. Anna pensou que aquilo lhe recordava uma típica conspiração russa. Escutou, acenando de vez em quando com a cabeça; por vezes, semicerrava os olhos, parecendo seriamente preocupada. Não interrompeu com uma única pergunta ou comentário. Quando Lulu terminou, Anna pôs de lado a chávena vazia.

– Tragam lá o polígrafo – disse. – Já.

Gimmelwald

O poligrafista escondera-se no piso de cima. Quando Lulu o chamou, veio para baixo e apresentou-se como Morris. Era gorducho, com cabelo castanho despenteado e ofereceu-lhe uma mão suada e um sorriso tímido.

– Menina Agapova – disse –, despachamo-la rapidamente, fica pronta a tempo de beber um copo. Venha por aqui.

O quarto do andar superior ficava de frente para o desfiladeiro, mas ela apenas conseguia ver nevoeiro pela janela. Morris apontou para uma cadeira de madeira no meio do compartimento, entre as duas camas. Anna sentou-se. Ele deixou-se cair numa das camas e começou a carregar nas teclas do seu portátil. Passou-lhe dois tubos de pneumografia em volta do peito. Enfiou-lhe uma manga para medir a pressão arterial em volta do braço esquerdo. Depois colocou-lhe dispositivos nos dedos indicador e médio da mão direita para medir a resposta galvânica – a transpiração que saíria da pele naquela viagem emocional.

Disse-lhe que se descontraísse. E, estranhamente, Anna estava descontraída. Já uma vez seduzira um agente de operações do SVR que tratara de casos americanos, incluindo um pouco importante agente de apoio da CIA que tinha roubado documentos para Rodina. O colega tinha dito que era difícil submeter agentes secretos ao teste do polígrafo por duas razões. Uma, porque sabiam o que esperar. Duas, a mentira era mais comum, pois exageravam o seu acesso, preparando-se para maiores salários e cauções. Aquilo era um jogo e ela sabia ganhar jogos.

Estabeleceram as regras básicas, o ponto de partida, e anteciparam as perguntas. Depois Morris começou.

R: Sim.

P: É diretora-geral do Banco Rossiya?

R: Sim.

P: É agente de um serviço secreto russo?

R: Sim.

P: Os seus superiores ou mais alguém na Rússia sabe desta reunião?

R: Não.

P: Foi enviada para esta reunião a mando de um serviço secreto russo?

R: Não.

P: Consegue obter acesso ao computador do seu marido?

R: Sim.

P: Tenciona ceder informações verdadeiras à nossa organização?

R: Sim.

[Teste do polígrafo terminado às 20h47 CET]

Anna retirou as placas dos dedos suados e a manga que lhe causava comichão. Morris tinha ido falar com Lulu e Sia. Teria ela mentido? Preocupava-a não o saber.

Quando Morris voltou disse que tinha de repetir.

– Qual foi a pergunta que causou problemas? – perguntou ela.

– Todas – disse ele.

Repetiram. Ele saiu e, desta vez, a sua ausência foi mais longa. Anna sentia-se cansada e sabia que a intenção era essa.

Morris voltou com uma das cadeiras da cozinha. Voltando-a, aproximou-a um pouco demais e encostou a barriga às costas da cadeira. Cruzou os dedos e olhou, para lá de Anna, para o cinzento que cobria o exterior da janela. O hálito de Morris fedia como um bar ao nascer do dia.

– Menina Agapova, falou a alguém desta reunião?

– Não.

– A ninguém?

– A ninguém.

– Ninguém da sua família? Pai, marido, cão?

– Não tenho cão.

– A alguém no banco?

– Não.

– Namorado?

– Não.

– Namorada?

– Um pouco perverso, Morris?

Morris fez má cara.

– Namorada?

- Não.
- Alguém dentro do SVR?
- Ela franziu o nariz.
- Não
- GRU?
- Não.
- FSB?
- Não.

Repetiram o teste.

Quando terminaram, Morris disse-lhe que aguardasse. Pegou no portátil e saiu. Anna desligou os cabos, retirou as placas dos dedos, desenrolou a manga. Estendeu-se numa das camas e fechou os olhos. Devo preocupar-me? Nem tenho a certeza se menti.

Procter e Sia fumavam lá fora junto a uma das mesas de piquenique. Sia posicionara-se cuidadosamente para esconder da chefe o tremor da mão e já queimara dois cigarros em busca de calor. Estava agora no terceiro. Morris foi ter com elas à rua. Procter puxou a última passa do seu cigarro e apagou-o na neve.

- Então, Mo? Diz-nos coisas.

Ele sentou-se à mesa e puxou o capuz.

– Creio que nos diz a verdade, quando afirma que não falou a ninguém acerca da reunião. Creio que guardou segredo.

- Ainda bem – disse Sia. – Isso dá-nos liberdade de ação.

- Continua com as tretas em relação à outra? – perguntou Procter.

Acendeu outro cigarro e puxou para a cabeça o capuz da sua *parka* amarelo-banana. Procter meteu as mãos nos bolsos, inspirando e expelindo fumo do cigarro preso entre os dentes.

– Exatamente – declarou Morris. – Está consistentemente pouco à vontade com a pergunta acerca de dizer a verdade.

- Ossos do ofício – declarou Sia.

Procter resmungou.

- Mas não pensas que Moscovo sabe que ela está aqui?

- Claro que não tenho a certeza, estas coisas têm de ser...

– Morris, não quero conversa de advogado. Há umas semanas tive de reformular a conclusão de uma ação secreta junto de autoridades venenosas e tive advogados às costas como escorpiões bebés em cima da mãe. Não estou interessada. Só quero perceber se pensas que Moscovo sabe que ela está aqui.

- A pergunta já não desencadeia uma reação psicológica.

Procter revirou os olhos.

- O que pensas, Sia?

Sia atirou o cigarro e esticou as pernas.

- Penso que temos o suficiente para avançar. Corroborámos as

informações secretas. Validámos a motivação. Razões suficientes para a validação de ativos. O polígrafo parece muito aceitável. As coisas não são imaculadas, mas vale a pena arriscar.

– É como as cuecas do dia anterior – disse Procter. – Não estão limpas, mas fazem o seu serviço. E quando isso acontece, não temos alternativa. – A Chefe atirou o cigarro para a escuridão. – Vamos ao trabalho.

Gimmelwald

Procter serviu café e chá. Morris foi para o andar de cima, para a cama. Sia colocou mais uns troncos na lareira e sentaram-se na sala, a lutar contra o sono, tentando espremer cada minuto, cada informação de Anna Agapova. PERSEFONE. Havia uma longa lista de perguntas dos analistas do Moscovo X acerca do SVR. Operações em curso, prioridades, gráficos organizacionais. Procter lia cerimoniosamente as perguntas a Anna e, a seguir, atirava os papéis para a lareira.

– Nada sobre a tua organização – disse Procter. – Por nós, tudo bem.

A noite arrastava-se. Anna explicava o que sabia acerca do Ganso e dos seus aliados. Cobriram os amigos de Vadim, os seus inimigos. Os amigos do pai, os inimigos.

No fim da terceira chávena de café, Sia voltou a Vadim.

– Quanto dinheiro gere ele?

– Não sei. Centenas de milhões. Talvez mais.

– E esse dinheiro pertence exatamente a quem?

– Conheces o conceito de *obschak*?

Sia abanou a cabeça; Procter assentiu.

– É uma caixa de dinheiro – explicou Anna. – Um mealheiro comum para um gangue criminoso. Os chefes sabem o que possuem, mas não têm nada em seu nome. É esta a estrutura do dinheiro que ele gere. Superintende uma quantia que pertence coletivamente ao Putin e a outros chefes dentro do regime. Conseguem o dinheiro a partir do banco e dos industriais. Há outro *obschak*, tenho a certeza, mas o Vadim gere este.

– Faz esse trabalho a partir do banco? – perguntou Procter.

Anna sacudiu a cabeça.

– O dinheiro tem origem no banco. Assim que o desviam, gostam de o manter separado. O banco tem sistemas, procedimentos, gerentes, *IT*

managers, agentes de reserva ativa do FSB. Não que surpreenda alguém, afinal, trata-se do dinheiro do Presidente, mas é melhor que tudo seja tratado fora da vista. Vadim tem um portátil em casa que usa para os negócios de *obschak*. Está no apartamento de São Petersburgo num cofre, no *closet* do nosso quarto. Talvez seja possível aceder-lhe.

– Então e como funciona isso? – perguntou Procter.

Anna explicou. Sia pensou que havia grande possibilidade de ela levar um tiro, ou, entretanto, disparar contra Vadim, só porque sim. Procter começou a pôr um pouco de conhaque no café dela. A Chefe batia com o pé no chão enquanto Anna falava. Parecia divertir-se.

– Assim que eu tenha acesso ao computador, o que preciso de fazer? – perguntou Anna.

Sia explicou. Reviram o produto que os técnicos da CIA deviam usar para o *pop-up*, como Anna devia esconder as pistas digitais no computador de Vadim. Como devia gerir as impressões digitais.

Anna ergueu a mão sobre a chávena quando Procter apareceu com o conhaque.

– Uma russa a rejeitar álcool – comentou Procter retirando a garrafa. – Olá...

Anna fez um gesto desagradável a Procter, que riu em tom lúgubre e abanou a cabeça.

– Então cá vai mais para mim – disse a Chefe.

– E a compensação para os teus riscos – disse Sia e tossiu. – Gostaríamos de te oferecer qualquer coisa.

– Não quero – disse Anna. – Além do mais, se querem compensar-me com dinheiro, não terão o suficiente para me comprar.

– Mereces algo pelos riscos que estás a correr – tentou Sia mais uma vez. Não era grande coisa, mas queria algo que mostrasse a Langley que tinham ali algum controlo.

Anna abanou a cabeça.

– Nada de dinheiro. Nem sequer uma conta congelada nas Baamas. Entendido? Quero que escrevam na mensagem que recusei o dinheiro. Apenas quero deter o Ganso e implicar o meu marido.

– Tudo bem, menina – disse Procter. – Vamos fazer o trabalho de casa.

Sia estendeu-lhe um bocado de papel que Procter trouxera consigo. Continha uma lista de todos os pormenores que a CIA queria acerca do Ganso e dos homens que o rodeavam: moradas, associados, *emails*. Números de telefone. Anna decorou a lista dos desejos e atirou-a para o lume.

A seguir, Procter disse:

– Vamos falar de comunicações.

Sia bocejou e olhou para o relógio: 3h08 da manhã. Procter retirou um portátil da mochila. Um *Asus*, idêntico ao que Anna levara para o México. Incluindo o risco negro na tampa.

Anna olhou-o como se fosse uma bomba.

– Presumo – disse Procter –, que seja muito parecido com o computador de viagem que levaste para o México, não é verdade?

Anna passou os dedos por ele.

– É.

– Está carregado com aquilo a que chamamos um sistema de comunicações clandestino. *Clancomm* – declarou Procter. – Será também correto eu afirmar que o teu computador de viagem não tem comunicações?

– Exato.

– É um computador do SVR ou pessoal?

– Pessoal.

– Ainda bem – continuou Procter. – Tens esse computador pessoal numa mala na tua estação de ski?

– Sim.

– Tem alguma coisa importante?

– Não. Mas já o sabes perfeitamente.

Procter sorriu.

– Ainda bem. Atira-o para um contentor. Enterra-o na montanha. Não importa. Trata apenas de que essa versão não regresse à Mãe Rússia. – Procter inclinou a cabeça para Sia.

– Vou mostrar-te como usá-lo – disse Sia.

Praticaram com sombria determinação, pois era tudo uma questão de memória muscular e Anna ficaria cega dentro da Rússia se se esquecesse de um único passo. Uma sequência de 23 teclas – letras, números, símbolos. Ao acaso, sem qualquer lógica. Difícil de recordar. Anna passou uma hora a decorar essa primeira sequência. Esqueces-te desta parte, disse Procter que, prevendo a chegada da manhã, se voltara para o café simples, e ficas completamente às escuras. Não podemos ver as belas palavras que nos escreves. Sia continuou: uma vez que te encontres na partição, abres um documento Word. Em branco. Depois fazes outra sequência. Dez teclas. Passaram algum tempo naquilo. Surgiu um botão escondido em que Sia carregou para demonstrar. *Voilà*, disse Procter. Entrou. As mensagens viajam até nós em *blobs* encriptados.

O maxilar de Anna estalava.

– O nosso é semelhante. Ligeiramente menos complicado.

– Mais uma coisa acerca das comunicações – disse Procter. Retirou uma pequena caixa da mala e entregou-a a Anna. Ela abriu-a e encontrou a estatueta de um cavalo.

– O que é isto?

– Um retransmissor – respondeu Procter. – Põe-o no teu gabinete do banco. Diante de uma janela. Por exemplo, no parapeito. Tens um gabinete em São Petersburgo, não é verdade? Com janelas? Preferimos São Petersburgo a Moscovo.

– Sim. Mas porquê? O que é?

– Um retransmissor, a sério – reiterou Sia.

Anna não estava convencida e fez girar a estatueta entre os dedos. Esfregou a linha de junção ao longo da base.

O rosto de Procter assumiu uma expressão vazia ao olhar para Anna. Por vezes, a Chefe conseguia ser estranhamente assustadora.

– Conforme disse a Hortensia, é de facto, um retransmissor. Vais pô-lo no teu escritório de São Petersburgo diante da janela. E não o alteras. De contrário, nada disto funciona e o Ganso continua intocável da parte da nossa organização, o que é frustrante. Compreendes?

Anna olhou atentamente para Procter, hesitando num desafio. Depois enfiou a estatueta no seu saco.

Levaram os conhaques lá para cima, para o *deck* coberto de neve, que se projetava sobre o desfiladeiro. O nevoeiro dissipara-se e o céu anterior à alvorada estava claro, atapetado de estrelas cintilantes. Os picos escarpados e as encostas cobertas de neve, do outro lado do vale, brilhavam sob a Lua. De vez em quando, ouvia-se o toque dos chocalhos das vacas e o balir das ovelhas. Bebiam conhaque e olhavam para as estrelas. O pai dela gostava de dizer que o céu da noite nos fazia perceber o quanto somos pequenos. Agora apenas fazia com que Sia se sentisse cansada. Pesavam-lhe as pálpebras quando Procter disse:

– Vou-me deitar um bocado. Retomamos isto depois do pequeno-almoço.

Os passos de Procter rangeram no interior da casa, a porta girou nos gonzos com um guincho metálico. Sia estava quase a dormir onde estava sentada quando Anna disse:

– Cheirou-me a tabaco durante o teste do polígrafo. Acabaste com o maço ou ainda tens cigarros?

Sia abriu um olho para a observar. O rosto da russa indicava que queria conversa. Sia foi à sala buscar o resto dos cigarros e o isqueiro de Procter. Voltou para o *deck* e acenderam os cigarros.

O fumo despertou-a. Sia atirou uma beata para o desfiladeiro e acendeu novo cigarro. A russa lançava longas espirais de fumo, sugadas pelo vento que percorria o vale.

– Na tua fuga da quinta, deixaste para trás um cavalo – disse Anna. – Um cavalo de que gosto muito.

– Consegues convencer o Vadim a devolvê-lo? – perguntou Sia.

– Não tenho a certeza de querer fazê-lo. E há peixe mais graúdo para cozinhar.

– Para pescar.

Anna desvalorizou aquilo com um aceno da mão que apontava para o desfiladeiro e deu uma longa passa.

– Vou rever todos os movimentos – disse. – Avisa-me quando fizer algo errado.

Sia inclinou-se sobre o corrimão.

– OK.

– Dou-vos acesso ao computador do Vadim. Vocês retiram algum dinheiro. – Anna olhou para Sia.

– Exato – confirmou esta.

– Passam o dinheiro para outras contas. Parte dele desaparece.

– Exato, mais uma vez.

– E depois?

– Como assim?

– Diz-me o que vai espoletar o caos.

Sia atirou o cigarro para o desfiladeiro. Estava quase a retirar outro do maço, quando sentiu a garganta dorida e desistiu. Anna estendeu a mão; Sia entregou-lhe o maço e o isqueiro. Anna acendeu outro, inspirou profundamente.

– O gatilho – repetiu.

– Ainda não sabemos a resposta – disse Sia. – Depende do que encontrarmos dentro do computador do Vadim.

– Isso significa...?

– Quem assistir às transações dele. Quem vir o dinheiro a movimentar-se e fizer soar o alarme.

– E se não houver ninguém a assistir?

– Parece pouco provável, ou não?

Anna encolheu os ombros.

– Se eu fosse o Presidente, não desejaria que os agentes médios do FSB vigiassem um dos homens que me gere o dinheiro. Aquilo que penso, Sia, é que, se por acaso ninguém estiver a vigiar o meu querido marido, caberá à sua infeliz mulher fazer soar o alarme. E, como sabes, estou a ficar sem amigos na Rússia. Podem não me ouvir.

– Tratamos disso depois de vermos o que está no computador.

– Não gosto dessa resposta, Sia. – Anna lançou o cigarro para fora do *deck* e foi para dentro.

– Até daqui a umas horas.

Sia acordou com o cheiro de gordura queimada. As imprecações de Procter erguiam-se da cozinha juntamente com o fumo. Vestiu umas calças de fato de treino e foi ao andar de baixo para encontrar a Chefe a raspar as tiras enegrecidas do que já fora *bacon*. Procter usava uma *t-shirt* de alças preta e, como estava de costas voltadas, inclinada sobre o fogão, Sia podia ver gravadas nos músculos costais da Chefe nove simples estrelas tatuadas em linha, tendo por cima as palavras EM HOMENAGEM. Uma parede comemorativa pessoal inscrita na pele. Sia já tinha visto laivos da tatuagem, mas nunca vira toda a linha e nunca fora suficientemente audaciosa para lho perguntar. Essa manhã não seria exceção. No mostrador do micro-ondas lia-se

9h46. Faltavam talvez duas horas.

Anna estava sentada no *deck*, sob um céu invernal sem nuvens. Sia vestiu um casaco, encheu uma caneca de café simples e foi ter com ela. Sentaram-se num silêncio confortável até Procter as chamar para dentro. O pequeno-almoço, pensou Sia, não parecia grande coisa. *Bacon* queimado, café aguado, panquecas com a consistência de borracha, originárias de uma mistura retirada de uma caixa amolgada. Merda, não há xarope, resmungou Procter. Desculpem. Sia comeu a custo alguns bocados de *bacon* que haviam escapado ao pior da chamas, bebeu principalmente café. O prato de Anna ficou intacto. Encheu uma segunda chávena de café com uma generosa colher de açúcar e bateu com a colher na mesa. Tocou com a caneca em Sia.

– Há umas horas estivemos a falar acerca do que espoletaria tudo isto. Creio que tive uma ideia.

– Claro – disse Procter. – Conta-nos.

– Maximov – disse Anna. O Terceiro Vice-Diretor do SVR. É um aliado muito chegado à minha família. Com as informações certas, podia intervir junto do Presidente. Podia forçar o FSB a investigar, a analisar os números de telefone e as transferências bancárias, por exemplo. Temos de nos assegurar que, no fim, a informação chega ao conhecimento dele.

– Para nós serve – afirmou Procter. – Vamos tratar disso.

Anna voltou-se para olhar para o relógio do micro-ondas.

– Tenho de me ir embora agora.

Procter pôs a mão no ombro de Anna.

– Antes disso, vamos rever tudo mais uma vez, só para termos a certeza.

Primeiro Anna tomou duche, mudou de roupa e arrumou a mochila no piso inferior. Depois, sentaram-se na sala. O nevoeiro cobria mais uma vez a aldeia, ocultando a luz do sol.

Anna abriu a partição *clancomm* no computador novo. Uma e outra vez.

Repetiu o plano para o computador de Vadim e o site que devia visitar assim que tivesse acesso.

Repetiu as informações que devia recolher na lista dos agentes superiores que Procter e Sia lhe tinham fornecido.

Pegou na estatueta do cavalo e explicou que a colocaria no gabinete da sede do Rossiya em Piter. O seu gabinete tinha janelas enormes.

Anna guardou o computador e a estatueta na mochila. Apertou a mão a Procter e abraçou Sia. Depois voltou-se para partir, e caminhou pelo caminho coberto de neve, em direção à única estrada que levava à aldeia, o seu casaco branco a desaparecer no nevoeiro.

– Aquela cabra é fria como o gelo – disse Procter.

– Quer ganhar – disse Sia. – É tudo o que deseja.

O balir das ovelhas descia a encosta; as duas mulheres voltaram para casa.

– E tenho o estranho pressentimento – murmurou Sia –, de que ela vai fazer com que a matem.

Moscovo

Luka já estava sentado à mesa no Jean Martel, com o tabuleiro de xadrez preparado. Cortara o limão. Ia comendo pão escuro e arenque em azeite, juntamente com cebola e batatas cozidas. Sorriu, mas ela não reparou; por isso sentou-se, virou o tabuleiro para jogar com as brancas e avançou o primeiro peão. Equilibrando o queixo nas mãos, o mundo dela era o tabuleiro e o conhaque. Nessa noite queria conhaque, xadrez e Luka, talvez por essa ordem. De momento nada mais havia que a pudesse fazer sentir-se bem. E era tudo o que queria: sentir-se bem.

Depois de dois jogos, derrotou-o a ele e a uma grande parte da garrafa. Jogaram mais um jogo e ela ganhou. Continuava a dar conta da garrafa. Come qualquer coisa, Anya, disse ele nervoso. Vais ficar maldispоста. Ela disse-lhe que não a interrompesse. Jogaram mais uma vez. Um massacre. Ele não se esforçava? Gritou-lhe. Os três homens sentados na mesa atrás de Luka olharam-na com cara de poucos amigos.

– Metam-se na vossa vida – disse-lhes, irritada, e fez um gesto desagradável.

Começou a falar de outra garrafa, mas Luka já estava a guardar o tabuleiro. De pé, Anna tropeçou para cima dele e exigiu outro jogo. As garrafas atrás do balcão giraram e reluziram. Ela firmou-se na mesa. Agarrou o ombro de Luka, mas o mundo continuava a inclinar-se.

Anna apenas se lembrava de fragmentos do caminho a passos arrastados, desde o Jean Martel até ao seu apartamento: de deixar cair o tabuleiro de xadrez, de Luka procurar as peças na neve; de escorregar e cair no passeio gelado e de sentir nas narinas o fumo malcheiroso que saía de uma grelha. A noite de Moscovo era fumo. Nem uma estrela, nada de Lua. Fumo.

De manhã acordou enrolada nos lençóis, de sutiã e *leggings*. O apartamento cheirava a café. Onde estava a sua camisola? A sua camisa?

Credo, ele tinha visto os malditos hematomas no seu estômago. Merda. Sentou-se e segurou a cabeça dorida durante uns minutos. Só conseguiu abrir um olho à luz. Onde está o resto das minhas roupas? Dirigiu-se na ponta dos pés à casa de banho e encontrou a camisola e a *t-shirt* penduradas no toalheiro a secar.

– Vomitaste para cima delas – disse Luka, à porta da casa de banho, com uma chávena de café simples na mão. Ela enfiou a camisola para cobrir as nódoas negras. Na sala, tomaram um café lento e em silêncio, enquanto Anna tentava descobrir o que se passara na noite anterior. Estava zangada consigo mesma, por ter ido sequer ter com ele. Prometera a si própria que esperaria até as nódoas negras desaparecerem.

– Anya, vais contar-me o que se passou? – perguntou Luka.

Ela voltou-lhe as costas para olhar pela janela.

– Nada.

– Anya, por favor. Sei que temos as nossas regras, mas, por favor, eu amo-te. Por favor conta-me o que aconteceu. Só desta vez.

Ela bebeu o café com ar de desafio.

– Anya, sei que eles te fizeram isso. *Ele* fez-te isso. Por favor, fala comigo. É seguro. Amo-te.

Ela olhou-o nos olhos. Azuis, como os seus. Odiou-se.

– Caí de um cavalo – afirmou.

Depois fechou os olhos porque não conseguia suportar ver o rosto dele. Se o fizesse, ia chorar, e não queria chorar por ele.

Ouviram-se passos e a porta a fechar-se. Quando Anna abriu os olhos, ele tinha ido embora.

Mesmo se Luka fosse um agente treinado do SVR ou do FSB, de início não teria encontrado nada de errado durante o seu caminho pela Street of All-Holidays. Os seus olhos não largavam o chão e tinha saído do apartamento de Anna a uma velocidade mais rápida do que o normal, mesmo para um atormentado moscovita a tentar vencer o vento gelado. Era óbvio, até para os mais jovens que o observassem, que Luka estava zangado. Se tivesse executado várias paragens e voltas, prolongasse a caminhada por um período de horas e fosse um homem diferente, com outro treino, podia ter reparado que uma equipa de seis homens o seguia até ao seu apartamento. Cada um deles levava câmaras mínimas ocultas nos botões do casaco e nas lapelas.

Claro que o vídeo não era estritamente necessário do ponto de vista da vigilância. Já tinham o rosto dele em várias fotografias tiradas na noite anterior, quer à porta do Jean Martel quer de um dos pontos fixos num apartamento vazio do outro lado da rua do ninho de amor da miúda Agapov. O rosto fora passado nas bases de dados do FSB, já tinham a morada, o nome do seu empregador, os registos telefónicos. Não, a equipa seguia Luka Fedorov, porque o patrão queria opções. As pessoas tinham uma certa tendência para ficarem assustadas quando lhes apresentavam vídeos de si próprias gravados clandestinamente.

Representamos o terror organizado, tinham dito os chekistas, o que teria de se admitir.

Tal como havia feito nas duas semanas anteriores, a equipa de vigilância entregou as gravações e um relatório escrito anexo nos escritórios de Lubyanka do Directorate da Segurança Interna, onde, por sua vez, um funcionário os entregou a Chernov. Os homens de Chernov tinham tido alguma dificuldade em localizar o apartamento, já que este não estava no nome de Anna, ou no do pai, nem no de qualquer conhecido associado aos negócios da família. Claro que tinham conhecimento do apartamento de Ostozhenka, bem como do telefone de Anna e qualquer floco de poeira digital que cuspsse e tilintasse nas antenas das comunicações e nas centenas de sensores invisíveis em volta de Moscovo. Estabelecer o seu padrão de vida fora simples.

Tinham também os telefonemas e mensagens através da recolha não seletiva do FSB. E aquilo que os vigilantes de Chernov rapidamente perceberam é que havia alguns períodos – geralmente noites e manhãs subsequentes – em que Anna deixava o telefone no apartamento de Ostozhenka para caminhar pela cidade num *obnaruzhit hvost*, um caminho de deteção de vigilância, que dava uma falsa impressão do conhecimento detalhado das ruas, parques e cobertura de câmaras de vigilância dentro do Anel de Jardins. A princípio, as equipas móveis não eram suficientemente grandes para a seguirem, era muito hábil e paciente nas ruas e, por vezes, desaparecia na noite de Moscovo após várias horas. Numa ocasião, regressara por acaso ao apartamento de Ostozhenka; Chernov abortou o encontro, pois acreditava que ela tinha descoberto a vigilância. Onde vais tu, Anya, sem o teu telefone? Afinal, ela já cometera um erro semanas antes.

Tendo acesso ao telefone dela, os técnicos do FSB analisaram o histórico das chamadas em busca de anomalias. Encontraram um número anónimo para o qual ela ligara uma vez do seu apartamento. Quem era? Passaram o número por uma série de bases de dados de comunicações e descobriram que o telefone estava no apartamento de Ostozhenka quando Anna ligara. E tinha sido ela a ligar. Chernov suspeitou que comunicara com um misterioso segundo telefone, servindo-se do primeiro, para o ouvir tocar. Talvez o telefone estivesse esquecido debaixo da almofada de um sofá. Perguntou a si mesmo se ela não teria estado a beber.

Um erro, era tudo do que precisavam.

Fizeram uma análise do histórico do segundo telefone e descobriram que se encontrava no apartamento de Ostozhenka. Não saíra de Moscovo. Mas, nas noites em que Anna deixava ali o seu telefone principal, o segundo viajava com ela. E passava a noite num prédio localizado na zona de um antigo bairro residencial perto de Novokuznetskaya que sobrevivera a Lenine, Estaline, Brejnev e Putin e ao *blagoustroistvo*, que revolvera grande parte da velha Moscovo, substituindo-a por arranha-céus, boutiques e lojas de luxo. Os registos dos impostos mostravam que o apartamento pertencia a uma estranha

empresa de fachada, com sede nas Seychelles. Assim que aquilo foi descoberto, uma equipa da 17.^a, o Directorate das Operações de Busca do FSB, entrou no apartamento para o pôr sob vigilância com câmaras e microfones.

Chernov serviu-se de mais chá preto. Uma pancada na porta afastou-lhe a atenção dos relatórios.

– Entre!

Daniil, um dos seus tenentes, pousou um monte de papéis na secretária e sentou-se junto à janela. Tinha um palito nos dentes, que fazia girar com os seus dedos longos e esguios. Era major, mas, com o seu rosto juvenil, não parecia ter mais de 20 anos.

– Os relatórios de um dos nossos em Yasenevo – disse. – Ele puxou os cordelinhos. A viagem é legítima. Aprovada. Foi a Genebra. Tem lá um assunto económico. Parece que está de volta ao trabalho.

Chernov resmungou. Daniil apontou para os relatórios da vigilância sobre a secretária.

– Já viste o vídeo?

– O passeio do namorado? Sim.

– Não. O vídeo que os rapazes fizeram depois de ele se ter ido embora. Dentro do apartamento.

– Ainda não. – Chernov ergueu uma sobrancelha. – Porquê?

Daniil meteu uma *pen* no computador de Chernov e andou com o vídeo para a frente. Grande parte da noite, explicou, mostrava a Agapov a vomitar e o namorado a tentar acalmá-la. O ecrã mostrava o namorado de pé. Anna deitada no sofá. Nada parecia acontecer.

– Precisamos do som, chefe – disse Daniil. Chernov ligou o som no vídeo.

O namorado perguntava o que lhe tinha acontecido. Chernov recordou-se de ter reparado na audível surpresa de Luka Fedorov na noite anterior, ao ver algo no peito de Anna. Depois, ela fora para a casa de banho, e os ângulos da câmara eram maus. Mas quando Anna dissera a Luka que tinha caído de um cavalo, ele levantou-se e foi-se embora. Por momentos o apartamento ficou em silêncio. O único som era o do ruído de um jogo de hóquei no pátio em baixo.

Depois, Anna Andreevna Agapova começou a chorar. O som surpreendeu Chernov: era surpreendentemente suave para uma mulher tão dura, uma agente operacional, embora pertencesse ao incapaz SVR. Era filha e herdeira de Andrei Agapov. Chorou durante dois minutos e trinta e um segundos. A seguir, levantou-se e dirigiu-se à casa de banho. Daniil desligou o vídeo.

– Credo – disse a Daniil. – Está apaixonada por ele. Pode até nem o saber. Mas está.

Daniil exibia um largo sorriso. Chernov levantou-se para olhar para a praça. Uma neve suave caía sobre Dzerzhinsky.

– E as pessoas fazem coisas por amor, chefe.

Chernov refletiu.

– Sim, pois fazem. Coisas estúpidas, coisas corajosas, coisas violentas.

Mas fazem sempre qualquer coisa. Não se pode evitar.

PARTE IV

Tyazhelyi/Pesados

Moscovo/São Petersburgo

Quatro dias depois de ter regressado da Suíça, Anna dirigiu-se a Yasenevo para fazer os relatórios. No Quinto Departamento, sobre as informações secretas produzidas pelo seu agente em Genebra e o plano de operações para o caso em questão. Com Maximov, acerca do pai. Com Grigory e os Técnicos OT, no edifício onde tudo começara, para encerrar oficialmente o caso não oficial contra Sia Fox. Os documentos foram passados pelas trituradoras de papel alimentadas a ácido. Os computadores e os telefones foram limpos. O equipamento, encaixotado. Despediu-se de Grigory já a noite ia avançada, explicando-lhe que fecharia tudo. Fez chá e sentou-se no seu gabinete, a beber a terceira chávena, quando, por fim, percebeu que estava sozinha.

Grigory trouxera o equipamento de vigilância da RusFarm em caixas negras de plástico e noutras de cartão, usadas para transportar bebidas. Grande parte fora armazenada no seu gabinete bafiento, onde aguardava para regressar ao inventário da Linha OT. Grigory armaria confusão por faltarem algumas coisas? Anna pensava que não. O equipamento partia-se ou perdia-se com frequência. Abriu uma nesga da porta do gabinete. As caixas estavam num canto.

Tinha prestado pouca atenção ao equipamento, pois confiava em Grigory, e o aparelho de vigilância da operação era simples. Afinal, tinham agido na quinta da sua família dentro de Rodina. Mas agora lia atentamente as etiquetas e descrições coladas nas caixas e estojos. Afastou as caixas das câmaras que necessitavam de eletricidade – não teria tempo para passar fios ou abrir buracos. Encontrou uma com etiquetas mais prometedoras que indicavam modelos e quantidades.

Câmaras minúsculas com um adesivo adaptável a superfícies inorgânicas ou tratadas (madeira, mármore, pedra, plástico, alumínio, aço, etc.) Duração da bateria: 24 a 36 horas.

PLM-1700—(6)

Pequenas unidades ligadas a um emaranhado de fios que lhes davam a aparência de alforrecas e, por isso, se chamavam Jellyfish. As 1700 podiam ser ligadas a telefones e computadores para receberem dados das câmaras. Já as tinha usado.

Iam servir. Adiante.

O traço de luz que se escoava por baixo da porta iluminava o seu trabalho. Meteu as pequenas câmaras e uma *jellyfish drive* dentro da mala. Adiante. Percorreu o pavimento velho e danificado. Saiu para o vento frio e seguiu pelos caminhos que levavam ao parque de estacionamento. Os pinheiros gemiam ao vento. A central de energia ronronava e descarregava gás. Se perguntarem, conto a verdade. Adiante. Sem saber porquê, enquanto caminhava, pensou em fugir da Rússia com Luka. Que diria ele, se ela lho pedisse? Sabia que aceitaria. Não tinha coragem de pensar e ainda menos de dizer, porque o faria. Esqueceu aquilo para se concentrar nas suas deixas. No teatro. Vou vigiar o meu marido, disse para consigo, pisando a neve suja em direção à última fila do parque de estacionamento sudeste de Yasenevo. Adiante.

Anna olhou para o cofre no seu apartamento de Ostozhenka e o telefone e o computador devolveram-lhe o olhar. Seis chamadas não atendidas de Luka, incluindo duas mensagens de voz. Queria ligar-lhe de volta, mas sabia que, se o visse, ia contar-lhe o que planeava fazer e iria tudo por água abaixo. Sentia-se também autodestrutiva e insignificante e pensava que, como a sua ligação com ele era tão bela, podia estrangulá-la um pouco. Vamos ver se sobrevive. Meteu novamente o telefone no cofre.

O portátil. Movendo-se com rapidez, cometendo apenas um erro na sequência do teclado, abriu a partição *clancomm* e enviou uma série de moradas e números de telefone memorizados para Sia e para a mulher que dizia chamar-se Lulu. Anna investigara-as num diretório do Kremlin que Maximov lhe entregara sem muitas perguntas. As mulheres eram da CIA, dizia-lhe uma vozinha. Cala-te, por favor, disse à voz. Preciso de silêncio.

Aplicou o batom, unindo os lábios de um vermelho-vivo para o seu próprio reflexo. Abriu a bolsa de maquilhagem para se certificar de que a

pílula necessária ainda estava lá dentro. Verificou mais uma vez se o equipamento de Grigory estava escondido na sua mala. Pegou na caixa com a estatueta do cavalo que Lulu lhe dera e ficou a pensar que raio seria aquilo. O seu espírito de lagarto dizia-lhe que a partisse, mas preferiu guardá-la na mala.

Foi até à sala e ligou calmamente para Vadim, como se duas semanas antes ele não a tivesse moído de pancada. Agora não pensava nessa noite – em vez disso, fez um esforço por se lembrar de recordações agradáveis. Viagem de núpcias a Paris e ao Mar Negro, quando tinham sido dois idiotas e acreditavam que, com o tempo, suavizariam as arestas do casamento. Quando o telefone tocou, recordou-se dos poucos momentos agradáveis em que fizera amor com ele. Paris: as cortinas a esvoaçar num quarto de hotel perto do Panteão, a brisa sobre a sua pele suada. Susteve o pensamento nessa recordação.

– Anya – disse ele, surpreendido. – Como estás?

– Estou bem. Ligo-te porque tenho estado a pensar nas coisas. A pensar em tudo, por assim dizer. E não quero discutir o que aconteceu. Nem uma palavra. Estava furiosa por causa do meu pai. Disse coisas ofensivas porque estava zangada. Vou hoje a Piter. Fico algum tempo no escritório. Pensei que depois podíamos jantar. Talvez no Palkin? Podíamos conversar.

O dia estava gélido, mas com sol, o céu de Piter limpo e azul, por isso Anna foi a pé para Rossiya desde a estação de caminho de ferro de Moskovsky. Desviou-se do banco para caminhar para sul, uns quantos quarteirões ao longo do Neva, coberto de neve e ornamentado de gelo, e parou para ver erguer-se a ponte do palácio. O enorme Z branco e azul pintado no fundo, erguido para o céu. Parecia que a guerra tinha recrutado até a parte de baixo das pontes. Anna franziu o nariz, meteu as mãos nos bolsos do casaco e dirigiu-se para leste em direção ao banco, um gigantesco neoclássico na Praça Rastrelli. Ao chegar, passeou a mala pela praça, arranjando coragem. Anna olhou para cima, para as torres azuis e brancas da catedral, e depois para baixo, para uns quiosques decrépitos que vendiam fruta e revistas. Antes da guerra, a praça estaria cheia de turistas, por vezes até de inverno. Agora havia quiosques abarracados, decorados com fotografias de soldados mortos, caminhos com neve a precisar de limpeza e um bando de pedintes e bêbados a dormir em caixas, encostados à catedral para se abrigarem do vento húmido.

Encaminhou-se para o banco. Cabeças espreitaram dos cubículos, quando ela entrou no gabinete. Fechou a porta depois de mandar embora a sua solitária secretária.

Anna limpou o pó do teclado e iniciou o computador. Colocou uma mesa por baixo da janela que dava para Rastrelli. Nela pousou duas vela antigas, que tinha na sua secretária, um quadro com patinadores no gelo do Neva – não fazia ideia de quem o teria posto ali; podia até ter escutas – e a macabra estatueta do cavalo sobre as patas traseiras que Lulu lhe dera.

Apontou as patas dianteiras para a praça, depois pegou nele para passar os dedos pela junção da base. Devolveu-o ao seu lugar e recostou-se na cadeira, tamborilando vagarosamente com os dedos no tampo da mesa.

Nessa noite, no apartamento no Cais de Kutuzov, Anna serviu-se de um copo de vinho e andou melancolicamente de um lado para o outro, como se visitasse uma casa nova, verificando o sítio das câmaras de segurança em relação à localização original. Teria Vadim instalado uma nova série, ou coberto algumas falhas? Tinha visto os planos; parecia-lhe que ali ele não optara por câmaras escondidas por cima das camas. Havia espaço para manobras no quarto principal.

Começou pelo *closet*. Uma das suas sapateiras encontrava-se ao mesmo nível do cofre onde guardava o portátil. Encontrou um par de *Jimmy Choos* pretos que condiziam com a cor da câmara e colocou-os na sapateira em frente ao cofre. Meteu uma das câmaras minúsculas no sapato esquerdo. Empurrou uma cadeira, subiu e pôs-se na ponta dos pés para colocar outra câmara no projetor que apontava para a secretária do quarto. Colocou mais uma na luz que iluminava o quadro abstrato por cima da cama deles... dele. Era berrante, violento. Vermelhos desagradáveis, atirados para uma tela que mais parecia a cena de um crime. Em bicos de pés sobre a cadeira, afastou a cabeça do projetor. A câmara não era visível.

– Estou a vigiar o meu marido – declarou em voz alta. – Porque sou uma mulher ciumenta e ele dorme com outras.

Inserida a *jellyfish drive*, abriu o portátil para verificar a colocação das câmaras, quando ouviu um ruído. A porta? Vadim? Talvez não fosse nada. Meteu o portátil na mala e foi para a sala. Atravessou a cozinha, os quartos e o piso de baixo. Até espreitou o *closet* da parte da frente. Não estou bem, pensou. Não está aqui ninguém.

As câmaras já tinham enviado ficheiros para a *jellyfish drive* ligada ao seu portátil. Ao abrir um, Anna recebeu uma imagem nítida da cama. A outra mostrou a secretária. A qualidade era muito boa, mesmo fazendo *zoom*. Colocou o portátil na secretária e começou a escrever um *email* para si mesma como teste. Vadim era muito rápido a teclar. Bateu nas teclas cada vez mais depressa até a mensagem teste não fazer sentido, uma mistura de letras e números. Carregou no “enviar” e viu-a chegar. Foi até à porta do quarto, não fosse ouvir Vadim. Silêncio. Voltou para dentro e viu que um novo ficheiro tinha chegado à *jellyfish drive*. O vídeo dela a escrever no computador. Fez *zoom* e viu as suas mãos sobre as teclas. Anna experimentou imobilizar a imagem quando os seus dedos tocavam no teclado, depois fez mais uma vez um *zoom* para ver que letras, números e símbolos tinham sido especificamente pressionados. Satisfeita, meteu o computador na carteira.

Anna enfiou um vestido de cetim e botas de camurça negras até ao joelho. Foi até à sala para obter uma vista ampla e agradável do Neva gelado.

Não voltara a ver a cara do marido, desde que ele lhe batera. Seria capaz de se controlar? Sim, disse para consigo. Claro que és.

Verificou mais uma vez o frasco de aspirinas, que continha um único comprimido que não era aspirina. Não era o seu anticoncepcional. Era flunitrazepam. Um drunfo. Correu o fecho da bolsa e foi até à sala, a tempo de ouvir o ruído da fechadura. Ficou diante do bar como uma boa esposa e fez um enorme sorriso quando ele entrou no apartamento. Vadim trazia um gigantesco ramo de rosas. Ela não gostava de rosas. A pasta dele bateu no chão. Anna fez um esforço por manter o sorriso aberto, com os dentes a brilhar para o seu amado marido.

– Anya, peço muita desculpa – disse ele.

Anna foi ter com ele, encostou-lhe um dedo aos lábios e beijou-lhe a face.

– São maravilhosas – disse. – Arranja-te. Vou pô-las na água.

Na cozinha, Anna cortou os pés das rosas e meteu-as numa jarra de cristal. Depois serviu dois conhaques. Entregou-lhe um quando ele saiu do quarto. Brindaram.

– Preciso de trabalhar um pouco antes do jantar – disse ele, distraído por algo no seu telemóvel.

Desapareceu no quarto, dando-lhe um beijo na face. Anna ficou junto às janelas enormes a olhar para o rio. Ouviu o *bip* do cofre. Depois do teclado.

O sol brilhante refletiu no vidro um pequeno sorriso malicioso.

No Palkin beberam *Martinis* e riram sob a luz cor de mel do bar. Comeram *burrata* com rodela de rabanete e santola com *carpaccio* de beterraba e caviar Beluga. Beberam um ótimo champanhe *Boerl & Kroff*. Comeram empadas de javali e falaram de antigas viagens, acabando uma garrafa de *Bellefont-Belcier* com *gush* de vaca e um bife *chateaubriant*, e Anna disse-lhe tudo acerca do caso e pediu desculpas. Ele pôs as mãos sobre as dela. Falaram de fazer uma nova viagem, talvez umas travessuras nas costas do Mar Negro?

Anna meteu-lhe o flunitrazepam no copo de vinho quando ele foi à casa de banho. Depois quis saber da pergunta dele.

– Da última vez que aqui estivemos – disse –, tinhas uma pergunta para me fazer. O que era? Diz-me, por favor.

Vadim já estava embriagado e a lembrança dela provocou-lhe no rosto surpresa e raiva. Engoliu o vinho e pareceu ficar a olhar para ela durante muito tempo. Trinta minutos até a droga fazer efeito, pensou ela. Talvez até um pouco menos.

– Queria saber porque não queres ter filhos meus – disse ele.

Ela pôs a mão na dele e abanou a cabeça.

– Tenho sido uma cabra – disse ela. – Zangada. A lutar contra ti em vez de o fazer a teu lado. Talvez devêssemos tentar de um modo diferente. Talvez

devêssemos tentar esta noite.

– Mas tu tomas...

– Não tomo desde o México – mentiu ela.

– Anna, o que aconteceu?

– Vamos para casa – pediu ela. – Esta noite vamos ser marido e mulher, para variar.

Vadim perdeu os sentidos à porta do quarto. Anna levou-o para a cama, despiu-o e pôs a roupa dele sobre uma cadeira. O telemóvel ficou na mesa de cabeceira.

Aconteceu rapidamente: abrir o computador, encontrar os ficheiros certos – observá-los para anotar os códigos, verificar constantemente se ele estava a dormir. Tinha a respiração leve e superficial. Cada inspiração exigia um pensamento consciente. Primeiro a palavra-passe de segurança. Quatro números. A sua data de nascimento. Fácil. Depois o portátil. Mais difícil: uma série de letras, números e símbolos ao acaso. Teve de ver o vídeo várias vezes e apontar o código num bocado de papel, pois era demasiado longa para decorar rapidamente. Graças a Deus que não usava os biométricos. Recuperou as câmaras minúsculas do *closet* e do projetor. A do quadro seria um pouco mais difícil. Subiu para a cama, com cuidado para não fazer mexer o marido drogado e retirou-a da moldura.

Meteu tudo na sua bolsa e calçou um par de luvas de nitrilo. Depois ficou ali uns instantes, a questionar se não seria melhor desistir de tudo. Pensou em Luka e em fugir. Depois lembrou-se de que o marido lhe batera até a deixar inconsciente. E de Chernov a esmurrar o nariz do pai no banco traseiro da carrinha, durante a detenção. Adiante. Levou o bocado de papel com a palavra-passe até ao *closet*.

Abriu o cofre, retirou o computador e escreveu a palavra-passe, mas estava errada. Merda, disse. Merda. Merda. Merda. Tentou mais uma vez. Funcionou. Os seus dedos pingavam transpiração dentro das luvas. Anna reparou que engolia em seco. Tinha a garganta arranhada como tudo. Era só nisso que pensava. Engole, raios. Tinha os dedos a nadar dentro das luvas. A humidade passaria para o teclado? No *browser* da internet, conforme combinado com Sia e Lulu na Suíça, escreveu “Maktoum”, “Godolphin” e “GQ”. Surgiu o artigo que Sia mencionara. Clicou e foi baixando até encontrar uma janela que a agitou e a fez sentir o peito apertado. Um perfume Clive Cristian feito com coentros russos. “O que compras para o Vadim?”, perguntara Sia na casa da montanha. Água-de-colónia, respondera ela por fim. Um frasco de água-de-colónia que comprava distraidamente para lhe oferecer todos os Natais.

O cursor de Anna pairou sobre a janela. Depois clicou. Para si, foi como um tiro de pistola.

É só isso, dissera Lulu. Simples.

O *browser* levou-a para a página de Clive Cristian. Por alguns segundos limitou-se a olhar para a página. Fizeste-o, merda, pensou. Fizeste-o mesmo. Apagou o historial da última hora, fechou o *browser* e colocou novamente o computador no cofre.

Meu Deus, que fiz eu? Mordeu o lábio e varreu a ideia da mente.

Por alguns momentos, Anna escutou Vadim a ressonar e observou o seu corpo nu. Talvez parar por aqui? Normalmente só queria distância do marido. Mas não podia magoá-lo à distância.

Anna apagou as luzes. Por um instante ficou junto à porta, deixando que os olhos se ajustassem à escuridão. Na casa de banho agarrou numa toalha. Descalçou os sapatos. Despiu o vestido e a roupa interior. Meteu-se na cama, tomou-o nas suas mãos e masturbou-o para dentro da toalha. Evaporou-se daquele quarto, subiu ao céu, a um mundo distante. Este braço e esta mão não me pertencem, pensou. São de outra pessoa.

Quando aquilo terminou, Anna passou a toalha entre as suas pernas. Isto é o que pode acontecer quando perdes o juízo, pensou ela, sentindo a acidez subir-lhe na garganta, mas engoliu-a. A toalha foi parar ao lavatório para que ele a descobrisse de manhã. Ainda nua, meteu-se entre os lençóis, ao lado dele, à espera de que o sono não chegasse. O cheiro a barro e o toque da pele dele causaram-lhe, a princípio, réstias de náusea no esófago. Mas o sono chegou muito depressa e o seu último pensamento consciente foi que não sentira nem o medo nem a culpa que esperara, mas sim paz.

São Petersburgo/ RusFarm

A porta do apartamento fechou-se com um suspiro. Anna estava sozinha na cama, encostada à mancha pegajosa que lhe fazia dar voltas ao estômago. Fez chá. Havia uma única mensagem de texto, enviada por Vadim minutos antes. Um *smiley* a piscar o olho. Sentiu o maxilar rígido. Apagou a mensagem. Abriu o portátil que trouxera da Suíça e entrou na partição *clancomm* para enviar uma mensagem dizendo que a antena de comunicações estava colocada, que carregara na janela e que esperava novas instruções.

Ia na segunda chávena de chá quando o telefone tocou. Número desconhecido. Ignorou-o e deitou-se de costas na cama de um dos quartos dos hóspedes a pensar em como e quando voltaria para o seu verdadeiro trabalho no SVR. Conseguiria? E se apenas resistisse e fizesse o seu verdadeiro trabalho? Havia casos para tratar na Suíça, Grécia, França. E deixar o pai apodrecer?, perguntava a tal vizinha. O número desconhecido ligou mais uma vez. Desta vez atendeu.

– Anna Andreevna – disse a voz. – Lembras-te de mim?

Sentiu o estômago apertado. O chá veio-lhe à boca. Quando o conseguiu engolir, disse:

– Lembro-me, tenente-coronel.

– Gostava de falar contigo, Anya. Posso tratar-te por Anya?

– Já estamos a falar.

– Não assim. Vais ter comigo à tua quinta?

– Já estamos a falar – repetiu ela.

Ele fez uma exclamação de desprezo e riu-se, baixinho, mas ameaçador.

– Não, não. Vem ter connosco à quinta. Já cá estamos. Porque não vens

– Posso ir mais ao fim do dia.

– Estou a ver – uma pausa, uma fungadela e o estalido do auscultador a mudar de ouvido. – Bom, capitã Kovalchuk... – maldito, pensou Anna... –, vou dizer-lhe como vai ser. Encontra-se em São Petersburgo neste momento. A RusFarm fica a duas horas de carro. Sou generoso. Dou-lhe três. Cada hora para além disso, arranco uma perna a este cavalo mexicano de que tanto parece gostar. Como se chama? *Penelope*? – Depois desligou.

Houve uma discussão idiota com o maldito motorista gordo de Vadim por causa do *Mercedes*, equipado com as luzes azuis de emergência, antes de ela atirar a carteira para dentro do carro, entrar e verificar para ter a certeza de que essas luzes funcionavam, e saiu a toda a velocidade da garagem subterrânea, com elas a gemer e a gritar, os pneus de inverno a chapinharem na neve e no gelo e voou para sul, junto ao Neva. As fábricas e os lúgubres apartamentos quebravam o céu de chumbo daquele maldito lugar gelado que a todos devorava, correndo sempre, para sempre, e sem fim. Na 105 segurou o volante com os joelhos, enquanto acendia um *Dunhill* e abria um pouco da janela para lançar o fumo ao vento. Ultrapassou carros a toda a velocidade, buzinando, praguejando, à medida que os prédios de cimento, as casas escuras e as chaminés fumegantes desapareciam na vasta floresta russa de bétulas e pinheiros, de colinas castanhas cobertas de neve, que se estendiam do para-brisas até à eternidade. Talvez o mates, pensou, lançando a ponta do cigarro pela janela e desviando-se com uma guinada – quase que falhara – para evitar um carro que parecia uma tartaruga, excedendo apenas uns quilómetros o limite estabelecido. Maldição! Carregou na buzina quando o ultrapassou. Mas queria mais do que uma morte e estava preocupada, pois sozinha só conseguiria aquela.

No portão da RusFarm, um assustado segurança indicou-lhe os estábulos. Lá dentro, Chernov olhava para um cavaleiro prudente que escovava *Penelope* dentro da sua baia. A égua relinchou ao ver Anna aproximar-se. Depois Anna viu o Ganso. O velho usava uma *ushanka* e um casaco *Loro Piana*. Vadim tinha um casaco igual. Lembrou-se de que custara mais de 10 mil libras. O chapéu era uma versão *Prada* do tradicional chapéu de inverno russo. Como a maioria, não pareciam demónios. Chernov usava um fato azul-escuro por baixo do sobretudo e uma camisa engomada. A sua água-de-colónia cheirava a citrinos. O nó da gravata era um *Winsor* perfeito. O aspeto era o mesmo do pai dela. Empresários.

Chernov sorriu-lhe e estendeu-lhe a mão que ela não aceitou. O Ganso não se voltou para ela. Via o cavaleiro escovar *Penelope*.

– Sei muito pouco de cavalos – disse. – Mas são belos animais. Nobres. – Voltou-se para ela. – Não está muito frio para a primeira semana de

dezembro e trouxemos botas. Vamos dar um passeio. Que tal?

Todos trocaram o calçado por botas e saíram dos estábulos, serpenteando sobre a estrada de lama para se afastarem da casa principal. Ela manteve-se ao lado do Ganso; Chernov alguns passos atrás. Anna abriu a cancela que dava para a pastagem. Há muita neve e ervas aqui, disse ela, podemos evitar a lama. Entraram no campo e Chernov fechou a cancela atrás de si. Levantara-se um vento que açoitava a neve e, de vez em quando, lançava-lhe nos olhos bocados de gelo.

– Desde que me encarreguei do Conselho de Segurança, não vou a Piter tantas vezes quantas gostaria – disse o Ganso algum tempo depois. – Mas tenho saudades. Cresci na antiga comuna, a uns quarteirões do Palácio Yusupov. Não havia luz nos corredores e tínhamos uma caixa de correio pintada de verde, como toda a gente. O teu pai e eu andámos na mesma escola. Número 211. Jogámos hóquei os dois, lutámos um com o outro e andámos atrás das mesmas raparigas. Acabámos na Escola Superior da KGB em Moscovo. Voltámos a Leninegrado e fizemos juntos o serviço militar. Que diabo, conheci o Agapov toda a minha vida. – Fez uma pausa. – O teu pai falou-te de mim, menina?

– Bastante, creio.

O Ganso voltou-se para o horizonte com um sorriso afetado.

– Eu amava a tua mãe, Anya. Fiquei de rastos quando o Andrei me roubou. Mas agora não lho levo a mal. Nada disto tem a ver com a Galina. São negócios. És banqueira. És outras coisas, mas também és banqueira. Deves entender isto, menina, são negócios. E são negócios importantes, pois o que é a Rússia agora senão uma fortaleza cercada? Temos uma missão especial neste mundo. E não podemos cumprir essa missão se a Rússia se afundar em si própria ou se for partida em bocados. Tenho de admitir que o abraço de Rodina pode ser sufocante. Chechénia, Bielorrússia, Abcásia, Ossétia do Sul, Ucrânia. Não é fácil. Meu Deus, não é fácil manter unido o mundo russo. A única maneira de o conseguirmos é através da força e da purificação, minha querida. O que significa que os boiardos têm de ser leais. O centro, o nosso Estado, exige recursos nestes tempos de provação. Temos de crescer, temos de prevalecer, estás a ver, não é verdade? Precisamos das linhas de produção do teu pai para a eletrónica, robótica, armas, por amor de Deus, para defender o mundo russo. Há 20 anos, o teu pai ajudou a consolidar os *cash flows*. Ele sabe, meu Deus, ele sabe. Esteve comigo no Kremlin pouco antes da sua detenção e vi que ele sabia. Mas é teimoso. Vejo-o nos teus olhos. Vocês são ambos teimosos. A tua mãe era teimosa. Bela e inteligente, mas teimosa. O governo precisava do ouro, minha querida. Só que o teu pai não conseguiu perceber. Sabes o que me disse quando o fui visitar a Butyrka? Disse que era dele. Dele, Anya, meu Deus, não é dele. Tudo isto – fez um gesto para designar os campos ondulantes –, tudo isto é da Rússia. É...

Anna interrompeu-o.

– Vassily Platonovich – disse. – Quem se está a aproveitar dos bens e negócios do meu pai? A Rússia ou o senhor?

Os olhos do Ganso faiscaram. Abanou a cabeça olhando para o chão.

– Mas não há diferença, minha querida. Não há qualquer diferença, não entendes?

Caminharam por vários minutos, durante os quais apenas o vento falou. Anna deteve-se na baixa encosta, onde o cavalo de Vadim se empinara muitos anos antes.

– O que é que quer?

Ele voltou-se diretamente para ela, retirou a sua ossuda mão direita do bolso e ergueu dois dedos.

– As mesmas coisas que queria do teu pai – disse. – Vais vender-nos a Rossiya Industrial e as ações dele do banco com um elevado desconto. – Baixou um dedo. – Vais vender-nos as vossas propriedades, Moscovo, Piter, esta quinta. – Baixou o segundo dedo.

Uma rajada de vento lançou-lhe neve para a cara. Anna limpou os olhos. O Ganso deteve-se.

– Aqui termina o meu passeio. Sou um velho – disse, fazendo sinal com a cabeça a Chernov.

– É isso que o *khozyain* quer? – perguntou Anna nas costas dele.

O Ganso voltou-se e sorriu. Atrás dele, Chernov também sorria.

– Devias perguntar-lho tu mesma – respondeu o Ganso.

Anna olhou para a entrada da floresta, com as bétulas a balançarem e a estalarem ao vento. A temperatura descia rapidamente, ao mesmo tempo que o sol.

– Qual é a tua resposta, minha querida? – quis saber o Ganso.

– Deixe-me pensar durante o resto do passeio – respondeu.

Ele ergueu as mãos e dirigiu-se à casa. Quando chegaram, o Ganso passou pelo seu *Maybach* blindado e subiu os degraus de mármore até à mansão. Anna seguiu-o pelo átrio, viu-o meter a sua *ushanka* debaixo do braço e entrou na sala, com Chernov agarrado aos calcanhares como um cão fiel. O Ganso aqueceu-se ao lume.

– A circulação é terrível – disse, esfregando as mãos.

Tinham entrado ambos com as botas enlameadas. Aquele velho corvo esquelético e o seu cão de fila caminhando por ali como animais. Isto é pior do que extorsão, pensou Anna. Isto é uma falta de respeito. Sou uma mulher compreensiva, mas isto é demais, mesmo segundo as regras do nosso joguinho macabro. O Ganso raspou parte da lama na lareira.

Diante do lume, raspando a outra bota, o Ganso comentou:

– Ouvi dizer que não gostas deste sítio. Que deitaram abaixo a antiga casa para construírem este castelo. Nós, os antigos, preferimos quase todos que destruam as nossas casas. Não queremos saber de recordações. Tens sorte em ter uma com memórias agradáveis. – Observou a sala, perplexo. – Qual é a

tua resposta, minha filha?

– Se eu concordar, o que acontece ao meu pai?

O Ganso baixou a cabeça e fez estalar a língua.

– O Procurador-Geral tratará do caso. O juiz decidirá. Está nas mãos da lei.

Anna soltou uma gargalhada. Meu Deus, a lei.

– Pois bem, Vassily Platonovich – afirmou ela. – Dececiona-me, porque é o senhor que faz a lei.

– Menina, creio que não entendes o que vai acontecer se recusares.

– Mas sei o que acontecerá se concordar.

O Ganso pestanejou, os seus olhos dirigiram-se para Chernov, e depois novamente para Anna.

– A sério? Sei que o teu pai te disse que me recusasses, compreendo que estejas numa posição difícil. Mas deu-te autoridade para falares por ele enquanto está na prisão. Agora debes exercer essa autoridade. Usa o teu bom senso, porque depois disto, deixamos de pedir, negociar ou até incitar. Depois disto, há apenas o castigo. Compreendes, menina?

Anna já não o ouvia, olhava apenas para as pegadas de lama. Dirigiu-se ao vestíbulo para os mandar sair. Abriu a porta e o inverno entrou em força, mas ela não o sentiu. O Ganso pôs a sua *ushanka*, continuando a falar da Rússia, do pai dela, do bom senso, mas ela nada ouvia, apenas olhava para as malditas pegadas nas escadas de mármore quando começou a observá-las e Chernov estava ao telefone com alguém a falar dos estábulos e de um presente, o Ganso a resmungar que aquilo era um erro, menina, não sejas estúpida. Mas ela não o pôde evitar, pensou em fazê-lo ela mesma ao Ganso, mas teve medo de que ele morresse literalmente e deitasse tudo a perder.

Voltou-se então para o lado e desferiu em Chernov um pontapé rápido e vigoroso na parte de trás do joelho. Ele caiu pelas escadas, rolando como um tronco, gemendo uma ou duas vezes enquanto batia com a cabeça no mármore. Parou ao lado do Ganso, sobre um monte de neve suja ao fundo dos degraus. Espantado, o velho olhou para Chernov e depois para ela, admirado. Chernov levantou-se. Pôs a mão sobre um lanho na testa. Olhou para o sangue nos dedos. Riu. Aqueles olhos, pensou Anna. Estão brilhantes de alegria.

– Só há guerra se tiveres armas e soldados – disse o Ganso. – E tu, minha menina, não tens nem uma coisa nem outra. Mas se é isto que queres, então seja. Seja o castigo. – O motorista, com os olhos muito abertos, abriu uma das portas traseiras do *Maybach*. O Ganso desapareceu dentro do carro.

Chernov coxeou e deu a volta ao carro. Lançou um sorriso a Anna: largo, ansioso, infantil. A violência dela entontecera-o.

– Há um presente para ti – disse ele. – Nos estábulos.

Anna correu. A porta dos estábulos estava aberta para deixar entrar o inverno. Chamou lá para dentro, mas nenhum dos cavaleiros respondeu. Fechou a

porta. Os cavalos faziam um barulho imenso, relinchos e gritos e aqueles assustadores rugidos e bramidos, batiam com as garupas contra as portas das baias. Um pânico. Os animais tinham visto qualquer coisa. O presente, talvez tivesse sido apenas a presença de Chernov ou dos seus homens. Algo se passava.

Seguiu pelo corredor e espreitou para todas as baias até chegar, por fim, à de *Penelope*, que estava vazia. Depois viu o que era através da grade da porta.

No chão da baia havia uma caixa comprida, embrulhada como um presente. Do tamanho da perna de um cavalo. Valha-me Deus, pensou ela, por favor, meu Deus, não.

Anna abriu a porta da baia. Outro cavalo emitiu um horrível bramido e Anna estremeceu e caiu de joelhos junto à caixa, muito bem embrulhada em papel grosso, creme, com um laço vermelho vivo. Havia uma pequena nota por baixo. Outro bramido. Abriu a nota com os dentes a bater.

Estava em branco.

Virou o cartão. Talvez tivesse os olhos tão cheios de lágrimas que não distinguia as palavras. Mas estava em branco. Colocou-o sobre o feno, retirou o laço e começou a desembulhar a caixa. Enquanto ela o fazia, um fino fio de sangue pintava o papel. De onde viera? Um dos seus dedos sangrava. Lambeu o dedo que lhe tremeu sobre a língua.

Retirou o papel da caixa de madeira e levantou-se, olhando para baixo, percebendo pela primeira vez o que fizera. Talvez retirasse tudo. Talvez pedisse desculpas. Retirava-se e deixava-os vencer.

A tampa da caixa estava pregada. Foi buscar uma caixa de ferramentas de ferrador a um dos cacifos. Estava tão trémula que a deixou cair no chão com enorme ruído. As ferramentas espalharam-se e os cavalos relincharam. Encontrou uma faca e levou-a para a baia. Meteu a lâmina na fenda entre a madeira e fez força até que ela cedeu com um estalo. Mal conseguia respirar. Fez mais força para a levantar.

A tampa saiu.

Ela olhou lá para dentro.

A caixa estava vazia.

A faca caiu no feno e Anna atrás dela.

Palo Alto/Parcellville

As informações de PERSEFONE e o material extraído do computador de Vadim deram corpo ao sonho febril de Procter. Uma conspiração sem forma tomava agora uma forma abençoada. Tinha na sua posse contas, nomes, moradas. Tinha ideias que os advogados com cara de rato e o hipocondríaco Conselheiro da Segurança Social podiam agora aceitar ou rejeitar. Procter voou em classe económica (no assento do meio, a uma distância de metro e meio da porta da casa de banho) para fazer uma visita à equipa de Palo Alto.

Na primeira noite, Procter levou-os a um rodízio de *pizza* no Cicis para lhes levantar o moral. George, o técnico principal, aproveitou a ausência de Snake para fazer pressão em relação ao criptónimo da equipa. Fez contacto visual com todos e, a seguir, assentiu solenemente.

– Queremos ser designados por TROIANOS.

Procter quase cuspiu um *marshmallow* da sua *pizza* de sobremesa.

– Como os preservativos? – perguntou.

– Não – replicou George, afogueado. – Como o cavalo de Tróia.

– Porque tudo isto é uma grande mentira – disse uma técnica mais jovem. Nora. Seria o nome dela?

– Pessoal – disse Procter. – No fim os troianos foram lixados pelos gregos. A sério?

TROIANOS. Insistiram e Procter fez-lhes a vontade, embora não pudesse esquecer a história dos preservativos. Snake ficou louco quando ela lhe disse. Contou-lhe que os malditos *nerds* andavam há semanas a chateá-lo por causa disso. Porque estava ela a perder tempo com aquela merda? Mas o problema era esse. Procter sabia que tinha de manter os subordinados alerta e preparados, mostrar-se de vez em quando superior, gastar dinheiro num rodízio de *pizzas*. Mostrar-lhes quem mandava, de contrário, cortavam-lhe a cabeça como aos reis franceses.

Como qualquer vigilante de carne e osso, a carga colocada no computador de Vadim seguira o seu alvo, captando o seu padrão de vida, vulnerabilidades e o seu negro coração. Todas as manhãs, um *keylogger* enviava ficheiros compactados aos TROIANOS. Viam o que ele escrevia quando consultava alguns ficheiros de empresas no disco rígido. Tinham as *passwords*. Tinham os históricos de pesquisa. Os TROIANOS acederam a centenas de documentos legais. Artigos de organização e incorporação. Diagramas de empresas-fantasma e respetivas contas. Resmas de correspondência com firmas de advogados. Esta merda tão chata, disse Procter a Bradley, é precisamente aquilo que queremos. Nem uma única conta, nem um único documento tem o nome de Putin. Isso teria sido a loucura.

Nora, talvez a bolacha mais esperta daquele pacote de malucos, engoliu uma embalagem de *Jolts* e executou a fraude essencial da operação. Os TROIANOS tinham de mascarar as suas atividades escondendo-as de Vadim, enquanto deixavam fios que mais tarde os investigadores puxariam. Nora construiu uma imagem do computador de Vadim, tal qual era antes de a CIA lhe ter acesso. Havia agora dois computadores com os mesmos dados: o portátil em São Petersburgo e a imagem no de Nora em Palo Alto. Depois Nora criou uma *layer* através da qual Vadim não a podia ver. As atividades de Vadim seriam visíveis aos TROIANOS, mas a *layer* garantia que Vadim não via as de Nora. Quando terminassem, Nora destruiria a imagem do computador de Vadim, substituindo-a pela sua.

Estabelecido o acesso, os TROIANOS começaram a ligar a falsa versão de Vadim ao mundo real das criptomoedas. Vadim (Nora) criou uma conta no Proton Mail para se corresponder com corretores e para pesquisar as várias denominações de cripto: Bitcoin, Dogecoin, Ethereum. Nora protestara inicialmente contra este trabalho, dizendo: “Afinal, quem raio não sabe já isto tudo?”

– O Vadim é um homem do sistema – declarou Procter. – Não sabe um corno acerca de cripto. É um menino fino. Provavelmente veste-se ali como os nossos manos. – Apontou para um fulano do FINO, de cabelo escuro, envergando um fato castanho.

Procter encaminhou Nora para uma loja privada de criptomoeda em Hong Kong. Polycoin Investments.

– Têm negócios com eles – disse Procter. – Têm ligações com as grandes empresas mineiras e servem de corretores nos negócios com os grandes do cripto: instituições importantes, gestores de fortunas, jogadores. A Polycoin é para ti.

Os banqueiros do FINO farejavam o dinheiro. Conforme os advogados lhe tinham declarado centenas de vezes, brincar com contas bancárias era uma grande merda, pois basicamente todas as transações financeiras no mundo ocidental eram liquidadas da noite para o dia através de Nova Iorque. O

Tesouro passara-se nas reuniões iniciais das interagências, queixando-se de que as belas ideias de Procter iam arruinar a fé global no dólar e no sistema bancário americano. Tinham chegado a um compromisso: Procter não podia roubar tanto quanto gostaria e eles tinham de ter a certeza absoluta de quem estavam a roubar.

Debman e dois linguistas do Moscovo X estavam como que agrafados aos banqueiros. De manhã, Procter trouxe *donuts*. De tarde *Pop-Tarts* de melancia. Os fulanos do FINO localizaram a rede financeira de Putin num mapa traçado no quadro branco. Linhas de cores e espessuras diferentes espalhavam-se como uma teia de aranha entre os pontos. Do lado direito, Snake colocou uma fotografia de Putin a escorregar no gelo durante um jogo de hóquei. Por cima, Procter escreveu a palavra de PERSEFONE: *obschak*. Caixa de dinheiro. O pote comunitário usado pelo gangue criminoso do presidente russo.

Durante o *briefing* ao fim da noite, Debman disse que tinham finalmente aquilo que Procter queria: tinham descoberto o que julgavam ser 684 milhões de dólares do dinheiro de Putin sob a gestão de Vadim. Tinham os números das contas. Tinham informações dos códigos para entrarem nessas contas em mais de uma dezena de bancos. Quase metade localizava-se dentro da Rússia, no próprio Banco Rossiya. Difíceis de alcançar. Nora escreveu o código para automatizar os *emails* e as transações que lançariam o Dia-V (Dia de Vadim). O apocalipse final, quando os TROIANOS lançassem o seu cavalo de Tróia na corrente sanguínea digital de Rodina.

Procter estava cada vez mais paranoica com as fugas de informação, dado o número de funcionários do Congresso e de aduladores da Casa Branca descobertos no programa de ação secreto. Escreveu o seu discurso final à mão, em papel amarelo, numa caligrafia ilegível, meteu-o num saco fechado e foi buscar a mala ao antigo escritório da WeWork onde tinha estado a dormir. Reuniu os TROIANOS e disse-lhes o quão orgulhosa estava. Depois, meteu-se num avião para a Virginia para ir ter com Bradley.

Procter aterrou em Dulles, mas tinha-se esquecido de que era sábado, por isso Bradley pediu-lhe que fosse à sua quinta de Purcellville. Dois Agentes de Proteção e Segurança, SPOs, seguramente aborrecidos de morte e a beber canecas de um café horrível, estavam sentados sem fazer nada num *Suburban* preto no extremo do caminho de acesso. Procter acenou-lhes quando passou por eles no seu *Prius*. Angela Bradley abriu-lhe a porta. Parecia um pouco fria, mesmo com o seu sotaque sensual, e Procter calculou que, vendo-a com as botas de montar e atitude aborrecida, a sua visita tinha provavelmente dado cabo de uma manhã feliz a cavalgar. Mas como a operação estava prestes a entrar pelos feriados do Natal, bom, Procter imaginou que aquela contrariedade em breve seria o menor dos problemas de toda a gente. Bradley apareceu vindo da cave, acenou com ar sinistro para Angela, como se tivesse

acabado de lhe atropelar o cão, depois serviu duas chávenas de café e desceu para o seu SCIF, a que chamava Caixa. Bradley entregou a Procter uma caneca com o logótipo da Embaixada de Damasco. O primeiro trabalho dela com funções de chefia, há uma catrefada de anos. Cumprimentaram o segurança que vigiava a cave e Bradley entrou na Caixa com Procter.

A Caixa era metade da antiga cave de Ed, uma sala transformada, onde as filhas dele tinham visto filmes e curtido com os colegas da escola secundária. Estava agora dividida em duas. A metade que era ainda uma sala, tinha um único cadeirão reclinável. A parte do SCIF continha uma secretária, duas cadeiras, um computador, monitores do sistema de segurança da casa e um telefone seguro. Sentaram-se em frente um do outro, com os joelhos quase a tocarem-se.

– A conclusão é que temos os olhos em cima da gestão de sete milhões de dólares do Putin – disse Procter. – A PERSEFONE deu-nos as informações necessárias para deixarmos uma pequena pista que identifique um grupo de conspiradores. Os analistas do Moscovo X pensam que faz sentido, complementa-se com o relatório disponível, não apenas com os dados da PERSEFONE. – Entregou-lhe um papel amarelo com os nomes. Ele semicerrou os olhos, disse que não conseguia ler nada. Procter arrancou-lhe o papel e disse os nomes em voz alta. Lá estava o Ganso e alguns dos seus subalternos, declarou, Vadim, alguns coronéis com unidades em redor de Moscovo, umas altas patentes do FSB.

Bradley repetiu os nomes pausadamente e em voz baixa, como se receasse azarar a operação. Bebeu um gole de café.

– Quem é o Chernov? – perguntou. – Nunca ouvi falar dele.

– Konstantin Konstantinovich Chernov – esclareceu Procter. – Tenente-coronel do Diretorado de Segurança interna. Ex-operacional da Vympel que faz as coisas más para o Ganso. A PERSEFONE diz que ele é mesmo muito mau. Um desses neofascistas da Terceira Posição que agitam a Rússia, credo, e a eles próprios, transformando-se numa mistura de tarados. Os advogados deviam dar-se bem com isso.

Bradley assentiu.

– Conta-me a história da conspiração.

Procter assim fez, misturando os nomes, graças aos falsos movimentos, obra da ferramenta WINKELVOSS, transações financeiras, e uma troca fabricada pela CIA numa *app* de mensagens para um maravilhoso alinhamento de circunstâncias que apenas podiam apontar para uma conspiração contra Vladimir Putin, levada a cabo por um pequeno grupo de russos de elite. Os conspiradores que a CIA iria incriminar tinham dinheiro. Tinham as ligações certas dentro dos pretorianos, dos militares, dos serviços de segurança. Tinham quase todos crescido juntos em Piter. Putin ordenaria detenções. Seria convencido – ou antes, obrigado – a dar-lhes tiros na nuca, concluiu Procter.

Bradley uniu os dedos e pensou por momentos.

– Vamos precisar de conseguir autorização para o uso da força letal sobre outros – disse. – Não podemos fazer isto de ânimo leve. Se o fizermos, vamos provavelmente conseguir que os matem a todos.

– É esse o caraças do objetivo, não? – disse Procter.

Bradley coçou a face com a barba por fazer. Pelos vistos, o tipo contava passar aquele fim de semana em paz, sem se barbear e a andar a cavalo na companhia da mulher.

– Como está a parte do branqueamento de tudo isto? – perguntou ele, mudando de assunto. Também já aceitara os termos mais exatos e criminosos para designar aquilo que pensavam fazer. Só que os altamente competentes e, por isso, extremamente nervosos advogados do Departamento de Justiça ainda não. Os advogados chamavam ao roubo um “levantamento involuntário” e à parte da cripto uma série de “captações financeiras” – um modo escorregadio de descrever onde a CIA guardaria o dinheiro depois de o roubar.

– O branqueamento é excelente – garantiu Procter. – O Harry tem arranjado reservas de bitcoins através de um corretor, Polycoin Investments, que ele protege. Vadim, ou antes, a nossa versão fantoche, está em conversações com o dito corretor para comprar grandes quantidades. O Harry começa a assinalar devidamente ao dito corretor que talvez queira desfazer-se da sua moeda. Estamos a puxar os cordelinhos desta história de ambos os lados, os corretores intermediários nem se dão conta, muito felizes com as suas gordas comissões.

– Quanto é que o Harry já comprometeu? – perguntou Bradley.

– Cerca de 200 milhões e ainda mais.

Bradley assobiou.

– Esse homem é um patriota.

– De facto – concordou Bradley. – Mas vai devolver tudo. A menos que o esquema Ponzi entre em colapso nos próximos meses.

– E vamos conseguir mantê-lo fora da mira dos russos quando isto terminar?

– Sim – garantiu Procter. – Os *nerds* estão a construir o nosso próprio *mixer*. Os russos nunca saberão que o Harry está na outra ponta.

Os *mixers* ocultariam o caminho das criptomoedas de carteira para carteira. A versão fantoche de Vadim compraria cripto a corretores de Hong Kong, explicou Procter. Os técnicos enviariam a moeda através de *mixers* e depois dividi-la-iam por dezenas de carteiras, todas desligadas da internet. Puf! Desapareciam. A investigação russa ficaria estagnada em Hong Kong.

– Como está o Túmulo? – perguntou Bradley. Tinham chamado “Túmulo” ao terminal de “captação”. A campã final do dinheiro de Putin.

Procter segurou uma caixa preta achatada mais ou menos do tamanho de um telemóvel. Tratava-se de uma carteira criptográfica de armazenamento a frio. Um sorriso atravessou o rosto de Bradley.

– Que diabo vamos fazer com isso quando acabarmos?

– Qual é a opinião dos advogados? – perguntou Procter.

– Ainda estão a discutir.

– Voto para ficar com ela – declarou Procter. – Sou uma funcionária pública mal paga.

Angela bateu à porta do SCIF para dizer que ia sair e poderia voltar tarde. Ele disse “amo-te querida”, mas não houve resposta. Bradley abanou a cabeça e resmungou. Bebeu mais café. Olhou para o relógio.

– Que mais?

– A Angela foi-se embora, homem. Tens o dia todo com a tua velha amiga Artemis. – Tentou um sorriso.

Ele levantou-se, espreguiçou-se e disse-lhe que se pusesse a mexer dali.

– Sabes, Artemis – disse enquanto subiam a escada. – Começas a pensar como uma russa. Esta é provavelmente a coisa mais conspirativa em que já trabalhei em quase 30 anos. Impressionante.

– Obrigada, Ed – disse ela. – Vindo de ti, quer dizer muito.

Moscovo

Anna esperou pela mudança do semáforo. Vestia uma *dubylonka* forrada a vison e comprara *lingerie* preta de renda a pensar nele. Estava numa esquina com uma mulher forte, de meia-idade, que conseguiu lançar a Anna um fraco sorriso, com o pin em forma de Z na sua lapela a faiscar ao sol. O semáforo mudou e Anna atravessou a rua, deixando a mulher para trás. Percorrendo a avenida e entrando no labirinto de antigos trilhos e caminhos cheios de curvas em direção à Street of All-Holidays, Anna aproximou-se do final da sua rota. Tinha a certeza de que ninguém a seguira.

Virou uma esquina – de forma bastante provocadora, parando por um breve instante para ver se alguém a seguia – e entrou num parque acolhedor a alguns quarteirões do seu apartamento. E ali estava.

Parou. E olhou para os olhos azuis do homem.

À altura de três andares, num fundo azul-forte, o Presidente Vladimir V. Putin erguia-se, fazendo continência a três soldados que, em primeiro plano, erguiam a bandeira russa sobre Mariupol, rasgada, claro, como tinham dito a todos os russos, pelos neonazis durante a sua retirada da cidade. Rangeu os dentes. Soubera da campanha do Ministério da Cultura, mas tinham passado meses desde que entrara no bairro vinda daquela direção e não se apercebera de que tinham pintado aquilo tão perto do seu apartamento. Anna olhou para Putin, que lhe devolveu o olhar. Não voltaria a entrar por ali. Atravessou o parque, seguindo pelos caminhos limpos de neve, escutando as crianças que brincavam e riam pois não compreendiam o mundo.

No seu apartamento, pousou sobre a mesa um tabuleiro de xadrez que embrulhara com papel de presente. Começara a suspeitar que Chernov e a sua equipa tinham posto câmaras ou microfones no seu apartamento de

Ostozhenka. Sentia-se mais à vontade se ligasse o seu computador a partir dali, principalmente no *closet*. Fechou a porta, acendeu a luz e sentou-se no chão. Digitou a sequência de teclas e leu uma mensagem de Sia.

1.
OS NOSSOS CLIENTES AGRADECEM AS MORADAS, ELEMENTOS IMPORTANTES E INFORMAÇÕES PESSOAIS QUE FORNECESTE. OBRIGADA.
2.
OS NOSSOS ANALISTAS PEDEM A TUA REAÇÃO E COMENTÁRIOS SOBRE UM PROJETO REFERENTE A UMA TROCA E A LOCALIZAÇÃO DESIGNADA PARA AS REUNIÕES.
3.
RESPONDENDO À TUA QUESTÃO ACERCA DA MEDIDAS DE SEGURANÇA TOMADAS EM RELAÇÃO AO PORTÁTIL DO TEU MARIDO: OS ANALISTAS JULGAM QUE O SPYWARE – PROVAVELMENTE COLOCADO PELO FSB – FORNECE DADOS SOBRE TRANSAÇÕES, ETC. UMA VEZ QUE A OPERAÇÃO ESTEJA EM CURSO, ESPERAMOS QUE O FSB RELATE DISCREPÂNCIAS E DESENCADEIE UMA AÇÃO.
4.
GOSTARÍAMOS DE PLANEAR OS PASSOS APÓS CONCLUÍDA A OPERAÇÃO, INCLUINDO A TUA SEGURANÇA PESSOAL. PODES VIAJAR MAIS UMA VEZ NAS PRÓXIMAS SEMANAS? SE ASSIM FOR DÁ-NOS AS DATAS E A LOCALIZAÇÃO PARA PODERMOS PÔR A COISA EM PRÁTICA.

A mensagem anexada incluía uma conversa entre um grupo de conspiradores a preparar um golpe de Estado. Segundo a introdução, combinavam um encontro numa vivenda, cujo proprietário era um dos amigos de infância do Ganso, um pintor famoso, agora fabulosa e inexplicavelmente rico. Anna leu as mensagens e pareceram-lhe muito boas. Tinham sem dúvida sido escritas por um falante nativo russo. Sugeriu algumas alterações e começou a ponderar a viagem. O confronto com o Ganso e Chernov irritara-a. Se partisse, podiam revogar o seu passaporte, impedi-la de voltar a casa? Duvidava. Principalmente se fosse em viagem de negócios do SVR. Mas como podia saber? Escreveu a resposta, indicando que em breve enviaria uma mensagem com datas e localizações. Terminou a resposta com uma pergunta: Quando começam a operação? Meteu o computador numa gaveta do *closet* e deitou-se na cama.

Nas noites desde que lançara Chernov pela escada abaixo, desde que encontrara a maldita caixa vazia nas cavalariças da RusFarm, apenas para, minutos depois, avistar *Penelope* a trotar por uma das pastagens cobertas de neve, deitava-se na cama, à noite, dormia sobre uma antiga recordação, tendo em conta os ataques e contra-ataques, como se de um jogo de xadrez se tratasse. Conseguia avançar cinco movimentos antes de os cenários se dissolverem numa confusa especulação. Como levar a melhor sobre o Ganso e Chernov e continuar a manter a sua dignidade, a sua vida e o que restava do seu futuro? Como vencer? Porque tinha de vencer. Nos jogos, vencer era

apenas um resultado. Na vida, o significado de vencer era o que se decidia que pudesse ser.

Mas a imaginação de Anna tinha-lhe misericordiosamente oferecido uma visão da vitória, e a sua beleza dera-lhe confiança para os terríveis riscos que corraera até ali. Sabia que estava a meio do jogo, tinha tomado decisões e não podia voltar atrás. Mas haveria sempre escolhas, caminhos alternativos. Nos momentos mais tristes, vacilava entre matá-los ela mesma e simplesmente meter-se num carro com Luka e sair de Rodina. Partir, deixar tudo para trás, exceto ele. Só que, irritada e às voltas entre os lençóis, os ataques e contra-ataques continuavam a passar-lhe pela mente e essas duas opções levavam sempre a locais mais sinistros. Morria rapidamente e de forma horrível dentro da Rússia. Morria lentamente e mal, fora da Rússia. O pai morria num campo de prisioneiros. Perdia Luka. Uma vez ele era baleado, outras desaparecia. Eram pensamentos dolorosos. Estava zangada consigo mesma porque o amava. Tornava os jogos mais complicados.

E depois, no seu belo apartamento, deitada na cama, uma sensação inquietante interrompeu-lhe o devaneio. Percorriam-lhe a espinha pequenas ondas de energia.

Conhecia a sensação desde a Academia. O seu mundo reduzia-se ao pó que bailava na faixa de luz do sol da tarde, a língua a raspar na superfície dos dentes. Na cozinha ferveu água para o chá e usou os cantos para observar algumas janelas dos apartamentos do outro lado do pátio. Pareciam vazios, mas não seriam tão estúpidos para serem apanhados assim. Dirigiu-se à sala, mergulhando o saquinho do chá, caminhando sobre o tapete de pelo em frente à lareira. A sensação invocava imagens de suor, de grande prazer e dela a beber cerveja com ele depois de fazerem amor, o rosto de Luka um pouco afogueado do esforço. Agora, olhava para os dedos dos seus pés que se agitavam no tapete e bebeu um gole de chá, sentindo os pelos do pescoço e dos braços erguerem-se ao deixar que a sua mente considerasse a terrível perspectiva de que eles sabiam daquele apartamento.

De Luka.

A sua mente vacilava, não conseguia concentrar-se ou processar grande coisa, mas sabia que tudo lhes devia parecer normal. Aconteciam coisas más quando as equipas de vigilância sabiam que o vigiado sabia. Olhou para o relógio, tentou visualizar uma rota para o Jean Martel que lhe permitisse verificar a vigilância. Mas não havia tempo suficiente para ter a certeza. Tinham certamente as suas comunicações, mas teriam o segundo telefone? Teriam o portátil? Quem eram afinal Sia e Lulu? Trabalhariam para o Ganso? A paranoia total fez a sua mente sair da órbita. Anna vestiu o casaco, pegou na mala e no tabuleiro de xadrez embrulhado e saiu do apartamento em direção ao Jean Martel.

Nessa noite ia pedir desculpa. Oferecer-lhe o tabuleiro no Jean Martel – *Comprei isto no GUM, no mesmo balcão onde nos conhecemos*, pensava dizer – depois, de volta ao apartamento, deixaria que ele a libertasse da *lingerie* e

sentar-se-ia sobre ele junto à lareira, até ser impossível ficarem mais próximos. Quando terminasse, reclinar-se-ia naquele tapete, nua e agradavelmente transpirada, com a cerveja nos lábios, e pedir-lhe-ia para visitar o seu apartamento e conhecer alguns dos seus amigos. Claro que ele lho propusera muitas vezes, mas ela sempre recusara, por favor, as regras, Luka, as regras, e ele tinha sempre um sorriso simpático, mas triste, e não falava mais no assunto.

Agora tudo isso desaparecera e Anna tinha apenas medo.

Caminhou rapidamente sobre os miseráveis passeios de *plitki*, cobertos de neve. As pedras estalavam, erguiam-se, mostravam-se num caos, já não havia dinheiro do orçamento da cidade para as arranjar todas as primaveras. Quase tropeçou por duas vezes. Embora caminhasse de cabeça voltada para a frente, os seus olhos giravam em todas as direções, verificando movimentos rápidos na periferia, chiores de travões, veículos estacionados com as rodas prontas a sair para a rua. O caminho não era longo. Nada viu nem ouviu de estranho, o que nada significava, e significava tudo. Mas aquele formigueiro maldito mantinha-se, percorrendo as suas costas. A biologia a antecipar algo que a sua mente em breve saberia.

No Jean Martel olhou diretamente para o *barman* e tentou um sorriso agradável.

– O costume? – perguntou ele.

– Sim – respondeu ela. – E desculpe. Aquilo da última vez.

Ele ergueu a mão, voltou-se e foi buscar uma garrafa à prateleira. De um armário mais abaixo retirou um prato, soprou-lhe o pó e foi direito ao frigorífico. Colocou um limão no prato, atravessou-o com uma faca e pô-lo diante dela. Agarrou o balcão com as duas mãos gordas e baixou a cabeça.

– Obrigada – disse Anna. – Obrigada.

Anna pousou o conhaque, o limão e os copos numa mesa e atirou o casaco para uma cadeira. Colocou o presente na mesa e, quando se sentou, transpirava e enrolava nervosa uma madeixa loura de cabelo. Olhou para o relógio, pôs a mão na garrafa, mas retirou-a. O *barman* trouxe pão escuro. Tentou uma dentada, mas era-lhe difícil engolir. Pô-lo de lado. Viu novamente as horas. Estava atrasado. Não era estranho, disse para consigo, por vezes Luka atrasava-se. Tinha chegado atrasado da última vez.

Esperou. Uns bêbados cambalearam até ao bar e lá se instalaram. Quando voltou a olhar, um deles tinha a cabeça em cima do balcão. O outro discutia com o *barman*. Já os teria visto antes?

Ligou para Luka. Não obteve resposta.

Pensava apenas em como estava transpirada. Transpirada e fria. Tremia. Vestiu o casaco, olhou para o presente, sentiu-se subitamente envolvida numa onda tão profunda e triste de desespero que parecia ser apenas o que restava dela.

Ligou novamente a Luka. Sem resposta. Dessa vez deixou uma mensagem a pedir-lhe por favor que lhe devolvesse a chamada.

Os bêbados tinham trocado de lugar ao balcão. O que estivera a dormir, discutia agora com o *barman*. O amigo deixara-se cair.

Talvez um cigarro lhe aclarasse as ideias.

Lá fora, sentou-se num banco e acendeu um *Dunhill* com dedos trémulos. O pátio estava em silêncio. As luzes piscavam enquanto a noite caía sobre Moscovo. Numa janela viu as luzes de uma árvore de Ano Novo. Queimou três cigarros num rápido nervosismo, sem prazer. As sirenes soavam à distância.

Anna regressou à sua mesa. Os dois bêbados discutiam agora com o *barman*. Um casal numa das mesas de canto picava pratos de arenque e pão escuro. O homem olhou para ela com ar estranho, pensou. Talvez. Passou o dedo pelo lábio superior e reparou que estava brilhante de suor. Limpou-o no casaco.

Ligou mais uma vez para Luka. Sem resposta. Olhou para o relógio.

Meteu o presente e o conhaque na mala e empurrou os bêbados para pagar ao *barman*.

- Se ele aparecer, diga-lhe que estou no apartamento – pediu.
- Assim farei – garantiu. Olhou para ela preocupado. – Sente-se bem?
- Tudo bem.
- Ele deu-lhe uma tampa?
- Não sei.

Na noite de inverno, as sirenes continuavam a tocar. Ainda mais alto, à medida que se aproximava do apartamento. Tropeçou num monte de *plitki* partido e aparou a queda com as mãos antes de ir parar a um monte de neve negra. O conteúdo da sua mala espalhou-se na lama congelada. Examinou o tabuleiro de xadrez. O papel rasgara-se. Metade do laço estava coberto de lama. Limpou-o com a manga, conseguindo apenas manchar o papel. Praguejou mais uma vez. Mais sirenes. Um transeunte olhou para ela, franziu a testa e continuou a andar. Anna enfiou parte do tabuleiro na mala, arrancou a garrafa de conhaque da neve e pô-la entre as pernas. Ainda sentada, tirou o telemóvel da mala e ligou-lhe mais uma vez.

Nada de resposta.

Levantou-se, praguejou e atirou a garrafa de conhaque para a rua, só que ela não se partiu. Foi até à estrada e ergueu a mão para fazer sinal a um carro, para tentar que parasse, mas o condutor buzinou, desligou e ligou os faróis, e ela saltou para o lado no último momento e gritou enquanto o carro se afastava a toda a velocidade. Depois pegou no conhaque e partiu devidamente a garrafa. Uma velha no passeio abanou a cabeça, como que a dizer, malditos miúdos bêbados. Os sapatos de Anna estalaram sobre os vidros partidos, apertou a mala de encontro ao corpo e deixou a mulher para trás.

Sentiu o cheiro a fumo ainda antes de voltar a esquina para a Street of All-Holidays. Luzes azuis e vermelhas dançavam sobre uma camada de neve na estrada, no para-brisas de um carro estacionado, nas janelas escurecidas do prédio da esquina.

Ao virar, viu carros de bombeiros e um fumo acre chegou-lhe às narinas. Não era fumo de madeira queimada. Era fumo mau, químico. As chamas saíam pelas janelas.

As minhas janelas.

Uma densa espiral de fumo erguia-se sobre o seu apartamento.

Correu para os carros de bombeiros.

As mangueiras entravam nos apartamentos vizinhos. Devia ter apagado por um momento, pois quando conseguiu pensar novamente, estava a discutir com um bombeiro e havia mais dois dela. Tinha a sensação macabra de que batera num deles, talvez porque ele esfregava o queixo e resmungava que ela era louca.

– O fogo era muito grande, a temperatura muito alta, chegámos aqui tarde demais – continuava ele a dizer. – Não está ninguém lá dentro. Não conseguimos salvar o seu apartamento. Temos de impedir que as chamas se espalhem.

Provavelmente pensavam que ela estava embriagada. O conhaque salpicara-lhe os sapatos e as calças, tinha um ar de louca e um presente quase desfeito, com um laço coberto de lama, espreitava-lhe da mala suja. Deixaram-na em paz. Havia bombeiros por todos os lados, os carros iam e vinham, as pessoas juntavam-se e dispersavam.

O seu apartamento ardeu durante muito tempo.

Quando as chamas se transformaram em brasas e a mansão numa casca escura, voltou-se para ver um velho curvado, ao lado dela, a observar a casa morta. Usava um sobretudo negro, uma *ushanka* velha e óculos redondos com armações metálicas. Parecia ter fugido de uma fotografia de Estalinegrado. Segurava um embrulho comprido debaixo do braço.

– Era a sua casa? – perguntou.

– Sim – respondeu Anna.

Os olhos dele cintilaram atrás dos óculos grossos enquanto humedecia os lábios.

Anna reparou que o embrulho tinha o comprimento da caixa que haviam deixado nos estábulos da RusFarm. Talvez mais curto. Era difícil perceber no escuro. A energia do homem fez com que Anna tivesse vontade de fugir. Sentiu-se como os pobres cavalos encurralados nos seus estábulos.

Algo pingava do canto do embrulho. Outro pingo caiu no chão. *Plof, plof, plof*. Salpicos vermelhos na neve. Aquele homem teria estado nos estábulos?

Pôs-lhe o embrulho nas mãos, com o sangue a pingar do canto, molhando-lhe as luvas. Reparou então como o homem era baixo, ainda mais baixo do que ela, porque teve de erguer o embrulho para lho pôr nos braços. Humedecia os lábios, empurrando o papel molhado para junto do corpo dela, com a ponta da língua de fora, os olhos brilhantes e concentrados. Com o embrulho ensopado na mão, Anna recuou um passo.

– O Chernov mandou-me para lhe dizer isto – declarou. – Houve um

sacrifício e correu mal, Anya. Correu mal porque não me escutaste. Por vezes os sacrifícios são doces, por vezes a Rússia é misericordiosa, mas nem sempre. Nem sempre, coitados. E por vezes há uma mensagem no sacrifício, mas desta vez não há. A mensagem neste é apenas castigo.

Depois endireitou os óculos, deu meia-volta e partiu.

Anna não sabia quantas vezes caíra no passeio no caminho de volta para Ostozhenka, mas, em determinado momento, feriu o lábio e magoou a face no gelo. Quando abriu a porta do apartamento, quase esperava ver o diabo do velho lá dentro. Fechou a porta atrás de si e examinou a casa, alguns blocos de luz entravam pelas janelas enormes para o poço de sombras que era a sua sala. Pelo menos parecia vazia. A sua respiração era arquejante.

Deixou-se cair no chão e começou a desembulhar a caixa. Aqueles animais teriam esquartejado *Penelope*? Isto é provavelmente o que se sente quando se está em choque, porque as coisas estão a acontecer e não consigo processar nada. Apenas flutuava, não conseguia pensar, mal sabia onde estava. Rasgou o papel.

A pele deste cavalo é branca.

É pele humana.

Um braço humano.

O braço de Luka.

Depois de vomitar, depois de chorar, depois de deitar abaixo as estantes, desfazer a mesa, arrancar os quadros inúteis das paredes e abrir buracos nelas a pontapé, Anna foi para o quarto e sentou-se numa cadeira durante o resto da noite, com os seus gélidos olhos azuis brilhantes de ódio.

Moscovo/Estrada para RusFarm

Quando chegou a manhã, Anna enrolou o braço de Luka em filme plástico e colocou-o em gelo dentro da banheira. Depois tapou a banheira com mais filme plástico, fechou a porta da casa de banho e calafetou as fendas com luvas de nitrilo para abafar quaisquer cheiros. Não sabia bem que mais fazer. Pensou que os homens de Chernov podiam ter aquele apartamento sob escuta. Que tratem disso. Esfregou os azulejos da entrada, onde deixara cair o embrulho na noite anterior. Não queria deixar o sangue de Luka assim, lá fora.

Tomou um duche na casa de banho dos hóspedes para limpar o sangue das mãos e do lábio cortado. Aplicou maquilhagem, com todo o cuidado, para ocultar o hematoma do rosto e vestiu roupa limpa. Do cofre do *closet* retirou um envelope cheio de euros. Escolheu outra mala lá de dentro, saiu e apanhou o metro para a Universidade Estatal de Moscovo. Caminhou pelo *campus* e pelos arredores durante várias horas, até se convencer que não se tinham incomodado em vigiá-la. Claro que tinham sob escuta o seu telefone, o apartamento, provavelmente os carros. Porquê darem-se ao trabalho de a seguir?

Contornando a multidão, Anna procurou um perfil adequado: jovem, estudante, não obviamente rica, paciente, inteligente, olhar impressionável. Junto a uma sala de aula, Anna avançou para junto de uma jovem com uma *dublyonka* branca, que não devia ter mais de 20 anos. Sorriu alegremente e disse-lhe em voz firme:

– Olá. Vais para uma aula?

– Dentro de minutos – disse a jovem, surpreendida. Deteve-se e semicerrou os olhos. – Eu conheço-te?

Anna abanou a cabeça.

– Deixei o meu telefone no apartamento. Podes ajudar-me?

– Sim, claro. – A rapariga começou a mexer na mala.

Suavemente, mas com autoridade, Anna pousou a mão no braço da jovem.

– Podes comprar-me um?

A jovem já estava assustada. Não mexeu o braço; parte dele ainda estava metido na mala.

Anna passou habilmente o envelope com dinheiro do bolso do seu casaco para a mala aberta da jovem. Os seus olhos pediam: *Olha*.

A jovem espreitou o envelope e abriu muito os olhos à vista do dinheiro: pouco mais de 2 mil euros. Parecia receosa, mas igualmente entusiasmada.

– Compras-me um telemóvel? – perguntou Anna. Não um *iPhone*. Pode ser reciclado. Sabes como é. Talvez um *Nokia* antigo? Não um *smartphone*. Um dos que abre. E guardas o troco.

– Guardo o troco? – repetiu a jovem. Mordia o lábio.

– Sim, e em troca de guardares o troco – continuou Anna –, depois de comprares o telefone, desmonta-lo: cartão SIM, bateria, tudo. Desmonta-lo fora da loja e metes as peças no saco. Depois vens trazer-mo. Compreendes?

– Sim.

– Sabes de alguma loja de eletrónica aqui perto?

– Há uma lá em baixo, perto de Leninsky. É perto.

– Mesmo assim consegues ir à aula?

A jovem viu as horas e assentiu.

– Então? – perguntou Anna. – O que achas?

Os dentes da pobre rapariga quase se enterravam no seu lábio inferior.

– Trago-o aqui?

Anna abanou a cabeça.

– Não. Há um pequeno beco atrás do edifício do outro lado da praça. – Apontou com a cabeça. – Leva-o lá. E mais uma coisa, assegura-te de que tem pelo menos uns minutos de carga antes de saíres da loja.

Durante 20 minutos, Anna andou pelo *campus* para verificar se havia vigilância física; como não a encontrou, foi ter com a rapariga ao beco e aceitou o saco com as peças do telefone.

Regressou à garagem por baixo do seu apartamento, pegou no *Range Rover* e saiu de Moscovo em direção a norte. Uma hora depois, dentro da infundável floresta russa, estacionou o carro do lado da estrada. Meteu o seu *iPhone* no porta-luvas. Verificando se não havia ninguém por perto, pegou no saco com as peças do *Nokia* e entrou na floresta. Vinte minutos depois, chegou a uma pequena clareira. Montou o telefone e a seguir marcou um número que tinha memorizado com Sia na Suíça. Não era uma solução permanente, mas o portátil desaparecera, destruído pelo fogo.

Conforme esperava, ninguém atendeu. Uma voz russa disse que a KLP Shipping Solutions lamentava não poderem atender a chamada, mas que, por favor, deixasse mensagem e um funcionário ligaria em breve. Na sua

mensagem Anna explicou que tinha havido problemas com os envios, que não podia viajar para se reunir com os clientes para tratar desses problemas, e que desejava ter uma maneira melhor de falar com as pessoas na KLP Shipping Solutions, mas tinha havido um acidente. Era tudo o que podia fazer de momento. Explicou que uma visita de amigos podia ser útil para retificar o problema das comunicações. Disse que não teria aquele número por muito mais tempo. Talvez apenas durante mais 30 minutos. Desligou. Limpou a neve de um tronco e sentou-se a olhar para as árvores.

Quinze minutos depois um homem devolveu a chamada e disse chamar-se Anatoly. Perguntou se Anna continuaria a ter aquele número. Ela disse que não.

- Podemos usar o seu *email* do banco? – perguntou.
- Não creio – respondeu. – Problemas técnicos.
- Estou a ver – disse Anatoly. Uma pausa. – Vai para onde, exatamente?
- Para a quinta.
- Percebo.
- Quero vê-la – disse. – Percebe? Diga-me que percebe, Anatoly.
- Percebo.

– Devem vir o mais depressa possível – disse Anna. – Tragam equipamento. Mas tragam-na principalmente a ela. Quero olhá-la nos olhos e fazer-lhe umas perguntas. Se aterrarem em Polkovo, provavelmente posso tratar das coisas. Ela deve vir com ele, de contrário, vai parecer estranho. Venham com boas notícias acerca de um cavalo, de uma venda. Podem pensar numa coisa qualquer.

- Talvez possa vir ter connosco – sugeriu ele.
- Não – disse ela em tom sibilante. – Foda-se, não posso, agora não.

Diga-me que entende.

- Entendo.

Anna desligou, desmontou o telefone, meteu as peças no saco e voltou para o carro. Nos arredores de Kirish, parou numa bomba de gasolina e levou o *Nokia* para a casa de banho. Espreitou os cubículos para ter a certeza de que estava sozinha. Desfez o telefone em bocados, meteu tudo na sanita e puxou o autoclismo.

Depois de terminar, continuou o caminho para RusFarm.

Langley

O sinal de emergência de PERSEFONE causou imediatamente um frenesim desenfreado no Sétimo Andar da CIA: todos queriam uma dentada. Procter limitara a assistência, mas o Diretor recebera o aperitivo, e quando o Diretor provava, isso significava reuniões, do tipo em que se materializavam hordas em torno das secretárias para tirar notas e partilhá-las com as suas organizações componentes em listas de distribuição de *email*, tão grandes que provavelmente incluíam os capatazes das equipas de manutenção ilegais que limpavam as casas de banho.

É o que está a acontecer, Ed, gritou Procter ao telefone quando viu a lista para o Diretor acerca da atualização da Rússia, os malditos gajos das retretes vão receber estas informações. Vamos ter o nome da PERSEFONE estampado nos jornais quando eu acabar de vomitar depois da reunião. E será de nojo, Ed. Vou vomitar mesmo enojada. Esta reunião é um vômito, Ed, pura e simplesmente. Tens de me tratar desta lista, tu, talvez o Diretor. Temos de fazer com que isto se pareça com os *pow-wows* dos filmes de espionagem, em que, no máximo, há três pessoas implicadas na operação.

Bradley desligou-lhe o telefone.

Agora Procter encontrava-se no corredor do Sétimo Andar, à porta da sala de reuniões do Diretor. Havia um grupo de cerca de 20 pessoas à espera de que a porta se abrisse. A sessão de atualização do contraterrorismo da tarde estava demorada.

Foi Bradley quem, por fim, abriu a porta.

– O Diretor agora não pode – disse. – Desta encarrego-me eu. Entrem todos.

Procter apoderou-se de um lugar ao lado dele. O pessoal do corredor espalhou-se pela sala sem janelas, ocupando as enormes cadeiras em redor da mesa comprida e também as desirmanadas da retaguarda junto às paredes. Um

analista – na mesa, que lata! – retirou uma ordem de trabalhos de um dossiê, como se alguém lhe tivesse pedido uma merda de um *briefing* sobre a Rússia. A parede atrás do lugar de Bradley estava cheia de relógios, mas, ao contrário da maioria das sedes, na sala de reuniões do Diretor, os números vermelhos estavam perfeitamente sincronizados.

Antes de Bradley poder abrir a boca, Artemis Aphrodite Procter deu início a uma comunicação espontânea. Não haveria atas da reunião, disse, nem transcrições. Um analista do Moscovo X que estava sentado num canto, lá atrás e fora da sua vista, conseguiu escrevinhar umas notas, mas em breve sentiu demasiado receio de as distribuir mais tarde. Se o tivesse feito, os seus colegas teriam recebido um discurso prometendo danos físicos, ocupacionais, emocionais, psicológicos e espirituais a todos os que repetissem uma palavra que fosse daquela conversa. Quando ela terminou, Bradley deu início à reunião e pediu a Procter que descrevesse o caso.

Procter começou com o sinal de emergência de PERSEFONE através do *cutout*. E sabem que mais? Acredito, disse. A miúda tem sido produtiva, atravessou várias fronteiras, temos um polígrafo muito satisfatório e, além do mais, ela ouve o que lhe dizemos. Um dos nossos ativos, fingindo ser um turista na Praça Rastrelli, tirou uma fotografia à estatueta do cavalo no gabinete do banco da PERSEFONE. A estatueta nada faz, claro. Está vazia, mas é um teste e ela passou. Fez o que, na Suíça, eu lhe pedi para fazer. Os técnicos confirmaram que o *clancomm* dela não está ativo, por isso o sinal de emergência faz sentido.

Claro que é sempre possível que ela seja descoberta, admitiu Procter, aqueles trogloditas sebosos e suados do FSB estão do outro lado das comunicações, mas também, disse pensativa, porquê dar-se ao trabalho de fechar o *clancomm* e usar o *cutout*? Parece-me desnecessário. Também temos uma gravação da chamada da PERSEFONE para o *cutout*. O especialista em tom de voz da OMS diz que ela parece mais zangada do que assustada, o que, digo eu, é um sinal contra um controlo hostil.

– Muito bem, Artemis – disse Bradley. – Digamos que vamos acreditar na PERSEFONE. Mas o que lucramos em enviar agora um ou os nossos dois agentes de volta? Temos muito a perder... tal como da primeira vez. Mas agora, com a entrega russa, qual é a pressa? Deixar um computador na Rússia não é pera doce, mas podemos eventualmente arranjar outro para a PERSEFONE sem expor mais uma vez a nossa gente.

Procter disse que havia alguns problemas com a ideia de esperar para ver. Um era que PERSEFONE era um elemento necessário na operação; de facto, declarou Procter, era o elemento principal. A sua espionagem tornava-a possível e temos de comunicar com ela em tempo real quando começarmos, porque precisamos de saber como está a correr ou se precisamos de fazer ajustes. O segundo e maior problema com a opção de esperar para ver, é que deixamos a PERSEFONE encalhada. Há aqui uma componente emocionalmente piegas, insistiu Procter. Não se pode negar. Temos um trunfo

no campo, dentro da Rússia, que tem cumprido o que lhe pedimos e que quer saber o que vamos fazer e se as nossas ações lhe vão dar cabo da vida. E temos gente que pode ir à Rússia. De facto, temos plataformas destinadas para uma viagem assim.

E devemo-lo a PERSEFONE fazer alguma coisa, disse Procter. E, dizendo isto, fez sinal a Bradley para indicar que terminara.

Bradley pensou por um momento, com as mãos entrelaçadas e a cabeça voltada para o teto.

– Hoje não vou dizer nem sim nem não. Quero reunir com os NOCs – disse, voltando-se para Procter. – Trata disso.

San Cristobal

Max viu um potro nervoso defecar na areia. Estava rodeado de americanos, conselheiros e agentes em matéria de puros-sangues de corrida, dispersos pelo picadeiro de San Cristobal, para examinarem os cavalos que ele optara por não incluir nas vendas do Kentucky, guardando-os para aquele leilão privado. Um cavaleiro conduziu um potro castanho até ao picadeiro. Max abriu o livro de vendas e o treinador começou a falar. O *pedigree*, depois as informações, as pernas, a definição muscular, a estrutura óssea, comprimento do pescoço em relação à cabeça. Max gostava da simetria nas pernas. Os agentes escreviam furiosamente nos seus blocos.

Um potro baio entrou a trotar. Já tinha nome. *Mr. Octopus*. Max fez sinal a um dos treinadores para que falasse com alguns agentes.

Max deu um pontapé no solo molhado da chuva fraca do princípio da manhã. A visão dos seus empregados, aqueles potros, a bruma pairando sobre a sua terra ancestral – preocupava-o. Não se sentia em paz desde que voltara a San Cristobal. Dormia mal, sentia o peito apertado. A vida parecia mais frágil, como se uma grande tempestade se tivesse aproximado lentamente do seu mundo e agora ele visse, por fim, com assustadora nitidez, o negro banco de nuvens de trovoadas rolando em direção à sua quinta. Outro potro entrou no picadeiro com um passo longo. Belo, pensou. Nobre.

Desde o dia em que lhe tinham dado acesso ao segredo da família, Max fora preparado para pensar que San Cristobal e a CIA eram parceiros mútuos. O que era bom para um, era bom para outro. As pequenas descargas de adrenalina de conseguir uma vitória para a CIA ou bloquear uma *drive* no computador de um objetivo, eram recompensas pelo serviço, não só para a CIA, mas para a própria San Cristobal.

Porém, o tratamento de Sia na RusFarm tinha-lhe dado uma amostra daquilo que determinados russos faziam quando se sentiam encurralados – e

fizeram-no ponderar se aquela operação seria de facto um pagamento em adrenalina ao serviço da CIA e da sua fazenda. Se não seria, pelo contrário, um convite para pôr a cabeça no cepo. Sabia que havia uma maneira simples de escapar: dizer “não, já chega”. A CIA não o ia impedir.

Ao jantar, Max ouviu os agentes contarem histórias. Acerca de barcos, carros, vivendas, armas, peles, relógios, prostitutas, *skydiving*, cocaína, heroína. Piadas ditas com a subtileza de um elefante. No meio de uma história retorcida acerca de uma caçada de bêbados a um urso pardo no Alasca, Max ergueu o telemóvel a vibrar e pediu desculpa aos convidados. Tenho de tratar de uns assuntos, declarou, até amanhã.

Max bebeu mescal e foi ver as mensagens de Procter. Havia apenas uma, urgente, para ele e para Sia.

1.
PERSEFONE ENVIOU UM SINAL DE EMERGÊNCIA A 13 DE DEZEMBRO. NA SUA CONVERSA COM O CUTOUT, EXIGIU UMA REUNIÃO CARA A CARA NA RUSFARM, DECLARANDO QUE NÃO PODIA VIAJAR PARA FORA DA RÚSSIA.
2.
PEDE-SE REUNIÃO DE PLANEAMENTO NA INSTALAÇÃO PREPARATÓRIA MANTIS NA TARDE/NOITE DIA 18 DE DEZEMBRO. CONFIRMAR ASAP. CUMPRIMENTOS.

Max andou pela biblioteca com a bebida na mão. Folheou o livro de capa de cabedal com todos os cavalos e linhagens desde a fundação de San Cristobal e refletiu sobre o que o pai e avô pensariam dele. Parvo, pensou, por estar a considerar o que pensariam os seus antepassados. Tinham vivido, tomado as suas decisões, aquela era a sua terra. O que podia agora dizer o seu velho pai? Ficou a pensar. Depois Max apagou as luzes da biblioteca e, vestindo o casaco, dirigiu-se à *capilla*. O túmulo do seu pai em vida.

Durante uns minutos falou com Benito, um dos trabalhadores de cara gorducha, de guarda desde o episódio do pai durante a visita dos russos. Benito acendeu um *Marlboro* e ofereceu um a Max. Porque não? Que noite. Fumaram na escuridão silenciosa até uma luz se acender no primeiro andar, no quarto do pai. Era tarde, o cérebro de Max nadava em mescal. Mesmo assim, entrou.

O mobiliário da *capilla* era novo – tinha-o renovado há dois anos para o pai – mas permanecia o cheiro a bolas de naftalina, pó e urina que se agarra àqueles que estão na última etapa da vida. O passado decorava a casa: bugigangas, retratos de família, recordações de glórias do velho *hacendado*. Max não tinha coragem para olhar. Subiu a escada. Uma única faixa de luz desenhava-se no chão do corredor. A água corria no lavatório. O pai cantava.

*De esos caballos
Que vende usted
Ninguno me gusta
Como el que se fue*

As palavras agarravam-se a uma linha cosida ao longo dos anos e Max viu-se com 4 anos, fingindo fazer a barba junto do pai, que cantava a plenos pulmões canções infantis sobre cavalos.

*Hágase pa' cá
Hágase pa' llá
Que mi caballito
Te derribará
Vem para cá
Vai para lá
Porque o meu cavalinho
Derrubar-te-á*

Max pisou a faixa de luz. Quando era rapaz considerava o pai inacessível; distante e fechado, rápido a zangar-se e lento a sorrir. Agora que era homem, Max desejava ter tido mais tempo, mais oportunidades. Papá, disse, papá, sou eu, o Maximiliano. Bateu várias vezes à porta e entreabriu-a. O velho espreitou com metade da cara barbeada e sorriu. Bocado de creme de barbear caíam no chão.

– Meu filho. Senta-te, senta-te.

Max sentou-se na beira da cama e ficou a ver o velho barbear-se.

– Vi uns homens que andavam contigo por aí – disse o pai. – Quem são?
Era a pergunta mais lúcida que o pai lhe fizera nos últimos meses. Espantoso.

– Agentes e consultores – respondeu Max. Do Kentucky.

– A Agência convenceu-te?

O que era aquilo?

– Não. Faz parte do dia a dia normal. Um leilão privado. Estou a trabalhar noutra coisa com a Agência.

O bater da gilete na loiça do lavatório, o lavar da lâmina.

– Então qual é o objetivo da Agência? – O pai limpou o rosto com uma toalha. Espalhou *Aqua Velva*. O frasco de rótulo apagado indicava que o *aftershave* fora fabricado antes de a mente do pai se ter perdido. Quanto tempo duraria aquilo? O que devia Max dizer? Não sabia; só tentava continuar.

– O objetivo é um fulano que gere uma empresa de cavalos para o

presidente russo. Também ajuda a esconder dinheiro. Estávamos a trabalhá-lo para conseguirmos acesso a parte do dinheiro.

O pai assobiou.

– “Estávamos”? – repetiu. – No passado.

– A mulher dele era um objetivo melhor.

O pai limpou as mãos e enfiou um robe com um monograma. Apanhou da mesinha de cabeceira a sua primeira edição de *El Complot Mongol*, um crime *noir* na Cidade do México. Um dos preferidos do velho. Deixou-se cair numa cadeira de cabedal estalado que antes decorara o escritório do avô, pôs os óculos de ver ao perto e abriu o livro, aparentemente, numa página ao acaso. Enquanto lia, assobiava a última estrofe da velha canção.

Vem para cá

Vai para lá

Porque o meu cavalinho

Derrubar-te-á

Teria ficado ausente? Assim de repente?

A expressão que se lhe formara no olhar parecia mais ténue. Ergueu os olhos; os óculos escorregaram-lhe pelo nariz.

– Ah, pois – disse, pestanejando e metendo um dedo no ouvido. – O russo. O que vais fazer com ele?

– Penso que temos uma maneira de chegar a ele.

– Ainda bem, ainda bem. – Mas “temos”? Não estás sozinho?

– É complicado.

O pai riu a bandeiras despregadas, o que fez Max sorrir. Não se lembrava de ouvir o pai rir assim.

– Sou um velho – disse o pai. – Para onde vou? Conta-me a história.

Max falou-lhe de Procter, de Sia, de Anna e de Vadim. Desde o princípio até à situação atual, que esperava que fosse o fim. Falou ao pai das suas preocupações – acerca da quinta e do seu futuro.

– Sabes – disse o pai –, houve um tempo, em meados da década de 1980, em que nos preocupámos com a possibilidade de os nossos operacionais na Arábia Saudita nos terem denunciado. O teu avô e eu tínhamos acesso a alguns membros da realeza e a CIA pensou que eles podiam saber o que andávamos a fazer. Falámos acerca do que aconteceria. Viriam à Cidade do México investigar? Pagariam a alguém para incendiar a quinta? Esqueceriam o assunto? Por fim aquilo passou, mas tivemos de pensar no dia em que a nossa pequena sociedade podia ser descoberta.

– O que decidiram?

Novamente o profundo riso de barítono.

– Pois foi esse o problema. Nunca há uma boa resposta. Claro, a Agência

arranjaria sempre alojamento na América, mas nunca o quisemos. A nossa casa é aqui. Não tínhamos para onde fugir. Se alguém alguma vez descobrisse este lugar, decidi que me sentaria no alpendre com uma arma, à espera. Nada mais há a fazer, Maximiliano. Fizemos escolhas.

– Mesmo assim eu podia retirar-me – afirmou Max.

O pai passou os dedos pela capa gasta do romance.

– Sim, Maximiliano, creio que sim. Então, porque não o fazes?

– Talvez o faça.

– O que te impede?

E qual é a resposta?, pensou Max. Quando ficou claro que não conseguia exprimi-lo por palavras, o pai sorriu e disse:

– Quando o teu avô me falou da CIA, percebi que tinha sido convidado para um mundo secreto que eu nem sabia que existia. Tinha sido sempre um forasteiro e depois, bum, um dia estava lá dentro, com os olhos muito abertos para as cores vibrantes do mundo cinzento. Tinhas o mesmo olhar quando saímos de Langley, depois da tua primeira visita, há tanto tempo. Nisso somos parecidos, Maximiliano. Pensaste que se dissesse que não, terias sido posto de parte. Um cavaleiro mexicano, sem rosto. Um civil.

– Mesmo que por vezes se trate de uma treta imaginada – declarou Max, anuindo –, agrada-me a ideia de que, de vez em quando, o mundo se move porque secretamente eu puxo os cordelinhos.

– Também eu, filho. – Piscou um olho a Max. – O formigueiro nos tomates. É o que me faz continuar, correr riscos, dizer que sim a Langley.

– Não quero ser o civil que se pôs de fora e deixou a Sia e Langley terminarem o caso.

– Há alguma coisa entre ti e a Sia?

– Não sei. Ela é difícil de entender. Complicada.

– Tal como o era Alejandra Garza Sada. – O pai sorriu com o conhecimento de um homem que fora completamente informado sobre a relação em épocas anteriores, mas não sobre a sua história mais recente e deprimente. – Intermitente na escola secundária. Intermitente na faculdade. Intermitente depois de teres voltado para casa. Ela amava-te, brincava contigo, deixava-te, voltava a correr, ou atraía-te até ela. Sempre intermitente até ficar noiva. E lembras-te do que disse a tua mãe, não é verdade? Arranja uma jovem doce e simples que tome conta de ti, Maximiliano. Mas quiseste andar atrás da Alejandra Sada, a mulher das belas pernas sem fim e dos olhos maliciosos. Pareces gostar das complicadas.

– Achas que devia arranjar uma jovem simples e doce, pai?

– Eu não arranjei.

– Encontrei a minha mãe.

– E como descreverias a tua mãe, meu filho?

Max sorriu e limpou os olhos. Ficaram em silêncio por muito tempo, sorrindo um para o outro, o queixo do pai a tremer ao mesmo ritmo que a pele em redor dos seus olhos.

– Respeitas a Sia – disse por fim o pai. – Como parceira? Profissional?

– Gosto do jogo que tenho de levar a cabo com ela.

Os olhos do pai iluminaram-se. Bateu as palmas e voltou a pôr os óculos de ver ao longe.

– Pois então joga, meu filho. Joga.

Abriu o livro para o ler numa outra página e começou a assobiar outra vez. A melodia fez Max pensar, não nos dias passados de uma doce infância que, afinal, nunca fora sua, mas naqueles dias banais, antes de lhe terem traçado o caminho, quando ainda não tinha consciência das decisões já tomadas, das horas passadas enquanto o velho se barbeava.

Quando o pai deixou de assobiar, Max disse o seu nome, mas o olhar vítreo regressara e o pai resmungou para que Benito saísse. Sou um velho, disse, preciso de descansar, Benito. Preciso de descansar.

À saída, Max beijou a testa do pai e foi cantando a velha canção dos cavalos a cada degrau que descia.

Vale de Napa

Não podia haver pegadas digitais, itinerários de viagem, registros dos números de voos, que ligassem Max, Sia, Procter e Bradley. Max e Sia pediram cobertura para viajar até ao ponto de reunião. Sia, por exemplo, não tinha razões para ir a Washington. Se fosse descoberta, os russos desconfiariam de um voo de Heathrow para Dulles. Investigariam. Porém, os agentes da CIA possuíam cobertura para uma viagem até à zona norte do Vale de Napa, à quinta de um tal Harry Hamilton, e onde atualmente se encontravam três cavalos adquiridos durante uma visita recente a San Cristobal. Bradley e Procter usariam um jato da Air Branch da CIA, companhia de fachada que ainda não tinha sido denunciada. Max apanhou o jato de San Cristobal. Sia apanhou um avião comercial em Heathrow, depois de combinar algumas reuniões na Lyric para justificar a viagem a Benny. A sua equipa de associados em Londres cobriria o resto da sua exaustiva quantidade de trabalho durante alguns dias.

Sia chegou à quinta a meio da manhã a debater-se com o *jet lag*. Max, à hora do almoço. Depois de uma curta sesta num sofá num gabinete transformado, Sia ligou o portátil e abriu as mensagens.

E havia uma, cujo assunto era: Parabéns!

Fora promovida a GS-14.

O nível 14. Uma coisa importante, e cerca de dois anos antes do esperado. A sua comissão de avaliação, dizia a mensagem, fora informada acerca dos pontos fortes do recrutamento de PERSEFONE e decidira promovê-la fora do ciclo e com efeito imediato. O que importava eram os troféus e ela tinha conseguido um: uma russa loura e importante. Sia ficara entusiasmada com as suas anteriores promoções; não por causa do dinheiro – o pagamento do governo era ridiculamente pouco – mas porque eram degraus na escada que subia. As promoções significavam que estava a ganhar, e a

vitória trazia-lhe ímpeto. Onde estava agora essa sensação?

Max estava sentado lá fora junto ao lume.

– Temos ainda umas horas até que cá cheguem – disse ela. – Vamos dar uma volta.

Foram tomar uma bebida a um restaurante perto de Calsitoga. Steve's Social Club. A sala principal era comprida, com tetos altos, cadeirões de cabedal e paredes com painéis amarelos. Parecia o pavilhão de um campo de férias. Instalaram-se numa mesa, num canto sossegado, e pediram dois copos de vinho. Beberam durante algum tempo no silêncio de um casal com *jet lag* que partilha uma refeição.

– Fui promovida – disse ela. – Acabo de saber.

– Boa! Fantástico. Parabéns. É merecido. – Ele ergueu o copo. O dela ficou na mesa. Ele pousou o seu. – Que se passa? Não te sentes feliz?

– Pareço-te feliz?

– Não pareces feliz. Sabes que não pareces?

– Não sabia se tinha ou não ar de estar feliz.

– Mas não te sentes feliz? Porquê? O que disseram eles?

– Que a PERSEFONE foi uma bela conquista. E foi-me atribuída.

– Então, qual é o problema?

– Não tenho a certeza.

Uma empregada aproximou-se da mesa para saber se queriam algo mais. Max fez sinal para que se fosse embora.

– Vou falar durante um bocado – disse Sia. – Escuta-me apenas, não te importas?

– Não tenho para onde ir.

– Pois. Estás aqui preso.

– Estamos ambos presos – disse ele. – E, de qualquer forma, de que outra coisa vamos falar?

– Pois. Exatamente. Do caso? Não, obrigada. Por isso, falo eu. – Os lábios dela abriram-se num sorriso relutante que parecia dizer. *Muito bem, vamos fazer isto.* – Já alguma vez roubaste alguma coisa? – perguntou.

– Pensei que só tinha de ouvir.

– Isso é um sim?

Ele endireitou-se um pouco na cadeira.

– Bem – disse. – Creio que tudo depende.

Ela disse, não, escuta, não estou a falar de roubar informações. Estou a falar de coisas: carros, vinho, cavalos. Cavalos? Perguntou ele. Cavalos, respondeu ela. Uma vez. Durante um verão na Cidade do Cabo. Não, mentira. Duas vezes. Uma na Cidade do Cabo, outra no Texas. Eu tinha 13 ou 14 anos. Enfim, a parte mais estranha é que nunca ficava com as coisas. Não era essa a ideia. Vou contar-te uma história: o fulano, dono do rancho vizinho ao nosso, tinha uma *pick up King Ranch* enorme. Preta. Impecável, ao contrário da

maioria dos veículos do rancho. Dentro dela não havia geleiras, nem armas, nem lixo. Imaculada. Lavava-a. Não fazia sentido, mas estava sempre a lavá-la. O fulano, cujo nome era Masterson, não deixava que ninguém a conduzisse. Víamos o carro na estrada do condado e sabíamos que era o Masterson atrás do volante. No Big Bend toda a gente deixa as chaves dentro dos carros, porque não há de facto criminalidade. Então comecei a pensar que seria giro levar a carrinha para dar uma volta. Mas sabia que tinha de ser esperta, caso contrário não ia conseguir enganá-lo. Durante várias noites fiquei na cama a pensar. Como entrar no carro. Como fazer um inventário do interior. Como limpá-lo depois.

– O conta-quilómetros? – perguntou Max.

Ela levou um dedo ao nariz.

– Não podia resolver isso sem o conduzir uns quarteirões de marcha atrás como no *Rei dos Gazeteiros*. Não tinha tempo. E sabes o que pensei?

– Que estavas a gostar.

– Exatamente. Gostava do facto de ser um pouco arriscado. Podia safar-me, com a certeza de que ele nunca ia saber. Mas não totalmente. Gostava da adrenalina. Fazia-me sentir bem.

– Fizeste-o? – perguntou Max.

– Uma volta de quilómetro e meio – disse ela. – Ajustei o banco e os espelhos, depois coloquei-os nas posições iniciais. Limpei o pó com umas garrafas de água e um trapo que tinha levado. Estacionei-o exatamente no mesmo lugar onde o encontrei. Meti-me na cama antes do nascer do sol, mesmo antes de a minha irmã me apanhar.

– Alguma vez disseste ao Masterson?

Ela riu.

– Sabes como é quando se joga às escondidas e nos metemos num armário, e o que anda à procura entra no quarto e olha à volta para nos tentar encontrar, e nós estamos a vê-lo, mas ele não nos vê. Estamos na sombra. Pois foi assim. Eu estava lá fora, com o maior segredo deste mundo, a jogar o único jogo que me importava. E a ganhar. Sentia-me assim durante as operações. Sentia-me assim quando era promovida. E agora? Nada. E não sei porquê. – Terminou o vinho. – É tudo – disse e olhou para o relógio. – Ainda temos umas horas. Outro copo?

Ele pediu a conta.

Ela empurrou o copo vazio na direção dele.

– Ainda tenho sede.

A empregada chegou com a conta. Max pôs o dinheiro sobre a capa de couro e levantou-se.

– Não vens? – perguntou, vestindo o casaco.

Ela não se mexeu.

– Para onde? De volta? Não, já te disse. Preciso de outro.

– Anda – disse ele. – Tenho uma ideia.

O jantar de sexta-feira no Steve's Social Club era geralmente geriátrico, o que significava que o serviço de estacionamento de carros ficava à pinha desde cedo. Geralmente por volta das 17h15. Havia uma fila de carros parados desde o parque de estacionamento até à rua. Buzinadelas ocasionais. O arrumador era recebido com acenares de cabeça e testas franzidas quando entregava os bilhetes aos clientes. Um bom negócio significava geralmente gorjetas simpáticas, mas nessa noite estavam muito ocupados e com pouco pessoal. Os clientes não davam gorjetas quando tinham de esperar tanto tempo. Olhou para a fila de clientes que esperavam pelos carros. Em primeiro lugar, estava uma mulher alta de cabelo escuro. Atrás dela, um latino que gritava ao telefone e andava pela esplanada. Cerca de seis pessoas atrás dele. Ouviu o homem falar para a empresa de arrumadores a pedir mais gente. Seria um dos gerentes? O arrumador não tinha a certeza. A rotação do pessoal era grande no Steve's.

– Já está atendida, minha senhora? – perguntou o arrumador à mulher de cabelo escuro.

Os olhos dela eram sombrios, interessantes. Abriu a porta de um *G Wagon*. A seguir estava um *Bentley Flying Spur* vermelho, o carro do Sr. Henderson. Cliente habitual. Dava fracas gorjetas, mas ele estacionava-lhe o carro de graça.

– Sim, estou bem – disse a mulher. – Estou à espera.

Que sotaque era aquele? O arrumador nunca o tinha ouvido. Entregou um bilhete ao dono do *G Wagon*, entrou e estacionou o carro no parque próximo. Veio a correr de volta para o Steve's e descobriu o outro arrumador a entrar num *Porsche Panamera* branco. O *Bentley* desaparecera.

– Já trataste do carro do Sr. Henderson? – perguntou ao outro arrumador. O homem levantou as mãos e entrou no *Porsche*. Era esse tipo de noite.

O gerente latino já tinha entrado. A mulher com o sotaque bonito desaparecera. O condutor de um *McLaren 720S* preto abriu a janela.

– Ó chefe, estou à espera há 15 minutos. Vai-me estacionar o carro ou não?

O arrumador apressou-se a dar a volta ao carro para abrir a porta ao condutor. O fulano pegou no bilhete com maus modos. Isto é mau, pensou o arrumador, enquanto arrancava no carro. Esta noite as gorjetas vão ser miseráveis.

Procter e Bradley subiram o caminho de acesso no banco traseiro de uma carrinha sem janelas que os tinha transportado desde o hangar do Aeroporto de Napa County. Entraram na casa da quinta precisamente quando o sol lançava os últimos raios sobre o horizonte. Max e Sia estavam sentados à mesa da cozinha.

Passava-se qualquer coisa, sentia-o. Procter diria que tinham estado na cama, mas não era propriamente isso. Aprendera a ler os sinais depois de estes lhe terem escapado uma vez, por um breve período de tempo, havia muito, numa outra vida, na Síria com um bom agente secreto que tomara más

decisões. O que tornava ainda mais estranha a leitura de Procter naquela sala era o facto de saber que eles andavam enrolados, pelo menos em termos gerais. Mas não achava que tivessem ido para a cama nesse dia. Era desconcertante, mas sabia que escondiam qualquer coisa.

Bradley apertou-lhes a mão e sentou-se.

– A minha mulher, Angela, gere a nossa quinta de cavalos, o nosso *hobby*, na Virginia do Norte – começou ele por dizer. – De todos os segredos que escondi dela, a sociedade com San Cristobal pode ser a mais prejudicial, se alguma vez for descoberta. É uma admiradora sua, e creio que ia dar cabo de mim se soubesse que me encontrei consigo. Ou ia obrigar-me a comprar um cavalo.

– Os nossos preços são muito razoáveis – afirmou Max. – Será bem-vinda quando quiser.

– O Vadim Kovalchuk pode discordar – respondeu Bradley, lançando-lhe aquele sorriso de recrutador, cintilante e cheio de dentes, num tom cheio de energia, preparando o terreno.

Procter viu-o apontar para os dois agentes e dizer:

– Excelente trabalho. Impecável. Vai ser um estudo de caso este ano na Quinta[8]. Não tenho dúvidas. Estou orgulhoso de vocês. O Diretor envia-vos os agradecimentos. E é uma mensagem pessoal. Não é treta. Já tive conversas em família com agentes importantes que quiseram engraxar-me e acreditem que não foi nada disso. O Presidente lê todas as informações que vocês produzem. Mas agora, chegámos a uma encruzilhada. E quero saber como acham que devemos fazer isto.

Falaram durante cerca de uma hora acerca de PERSEFONE e do caso. Procter ficou quase sempre em silêncio. Já dissera o que tinha a dizer no Sétimo Andar. E, embora gostasse de arrasar um subordinado tanto como os outros responsáveis da Agência, Procter sentia que, naquele momento, era importante dar aos seus agentes espaço para falarem. Deixá-los ficar com os louros. Sabia que tinham preocupações acerca do caso e Bradley – felizmente não tinha de o fazer – perguntaria. Mas não iam responder com a verdade, porque ele era o subdiretor, e há muitas coisas neste mundo que não se podem dizer a um superior, por muito importante que seja dizê-las. *Andamos a foder por aí*, por exemplo. Ou, *preferia que me cortassem um pé a ter de o pôr outra vez em solo russo*.

– Gostávamos de aprovar isto – disse Bradley por fim. – Com base na recomendação da Procter e na minha conversa convosco esta noite. A Casa Branca foi informada, partilham as minhas preocupações acerca dos riscos, mas sentem que os ganhos as justificam. Quero saber o que pensam. Porque é uma possibilidade deixarmos simplesmente a PERSEFONE ficar à espera.

Foi então que Sia interrompeu sem pausa ou hesitação.

– Não. Devemos entrar nisto. Prepare a PERSEFONE.

Procter viu Bradley erguer uma sobrancelha, quase de modo impercetível, antes de se voltar para Max.

– Concordo – disse este. – Devemos fazê-lo.

Bradley olhou primeiro para um, depois para o outro, num silêncio opressivo, aguardando reservas ou restrições. Nada disso aconteceu.

Bateu na mesa.

– Vocês os dois e a Artemis revêm os detalhes dentro de dias em St. Ives, assim que tivermos a dissimulação e o lado técnico tratados em Langley.

– Bradley levantou-se e apertou-lhes novamente a mão. – Vão gerir uma operação única. Deixem que vos agradeça mais uma vez. Obrigado pelo que estão a fazer. Pelo sacrifício. Orgulho-me de vos chamar, a ambos, colegas e amigos.

Procter abraçou Sia e apertou a mão a Max. Saíram da casa.

E foi então que Procter viu.

Estacionado no caminho de acesso, do outro lado da carrinha, aquilo que não tinha visto quando entrara.

Um *Bentley* vermelho.

– Espera Ed – disse Procter, dirigindo-se à casa. – Dá-me só um segundo.

Max e Sia continuavam à mesa.

– Está lá fora um veículo obscenamente caro – disse Procter. – Sabiam?

– Fui eu que o aluguei – declarou imediatamente Max.

Ela semicerrou os olhos, desconfiada. Conhecia as pequenas preferências de Hortensia, claro. Procter era a sua agente superior; tinha lido as suas avaliações psicológicas. Mas agora? Caraças, não era boa altura.

– Se for lá fora, encontro os documentos do aluguer no porta-luvas? – perguntou. – Talvez descuidadamente atirados para cima do lugar do passageiro? Ou enfiados no suporte dos copos? Que tal se eu der uma olhadela?

– Artemis, nós... – A resposta de Sia foi interrompida, pois Procter estava de facto a mandá-la calar, a cabeça da Chefe a balançar a cada bafo de ar que soprava no dedo que ela levava aos lábios.

– Devolve aquela porcaria imediatamente, Hortensia – disse Procter. – OK, querida?

Sia anuiu, disse OK.

Depois Procter voltou-se para Max.

– Usaste a única mentira a que tinhas direito, amigo – disse Procter. – Bom, há coisas que eu não quero saber, claro. E percebo que sejas um caso especial, Maximiliano, e, ao contrário aqui da nossa amiga Hortensia, podes ir-te embora. Que diabo, podes dizer que não, e pouco posso fazer quanto a isso. Mas isso não significa que tenhas o direito de me mentir. Fiz-te uma pergunta e espero a verdade. Por exemplo, sei que vocês os dois andam enrolados, mas não perguntei. Não têm de me dizer. Usem o bom senso. Que raio, pago-vos para terem bom senso. No fim, tudo o que me resta é o vosso bom senso, honra e fervor patriótico. Nada mais. Mentem-me outra vez e mando os bandidos a San Cristobal incendiarem-te a fazenda. *Capeesh?*

– Si. *Capeesh*.

Olhou os dois agentes de forma intensa e inquietante e depois disse:

– Vejo-vos em St. Ives.

Depois foi-se embora. Fechou a porta da carrinha. Bradley lia um livro. O motorista seguiu pelo caminho de gravilha em direção à estrada secundária.

– Está tudo bem? – perguntou Bradley.

– Tudo bem – respondeu Procter, prendendo o cinto. – Fixe.

– Por que diabo está um *Bentley* aqui estacionado? – resmungou ele, ainda com os olhos no livro.

– Foi o Castillo que o alugou – declarou Procter. – Gajos ricos, Ed. Sabes como é.

[8] Camp Peary: reserva militar americana situada na Virgínia. (N. da T.)

Moscovo/São Petersburgo

O balneário de Rublyovka, propriedade do Ganso, estava resguardado por uma parede de árvores junto aos canis onde ele guardava os seus *pastores-belgas-malinois*. Os cães ladraram a Chernov quando este acompanhou o Ganso no ar gelado; os cães pareciam sempre ladrar a Chernov. Atravessaram o salão de chá, até aos vestiários com bancos e prateleiras. Aí retiraram dos cabides os chapéus de feltro, as toalhas e os roupões.

Vestiram estes últimos e regressaram ao salão de chá com os chapéus e as toalhas. Um mordomo deixou-lhes um tabuleiro com chá de menta. Despiram os roupões para a sauna e sentaram-se uns minutos em silêncio, apenas com os chapéus de feltro, antes de entrarem para o compartimento adjacente com chuveiros e uma piscina de água fria. O Ganso estremeceu ao entrar na água. Apenas com a cabeça à superfície, bateu na água e disse:

– Não queria uma guerra aberta. O Andrei e a filha... são ambos uns idiotas muito teimosos.

Chernov mergulhou mais fundo. Sabia que a água estava fria, mas não o sentia tanto como os outros.

O Ganso continuou:

– E as gravações de Butyrka? Credo, o Andrei provoca-nos, diz à sua única filha que recuse. Vai em frente e mata-te, querida. Deixa que os cães te comam. O papá adora-te. Sempre foi assim. – Salpicou a cara com água, como se tentasse acordar. – A filha é igual. É exatamente como o pai, sem pila, mas com os mesmos tomates. Aquele olhar dela quando lhe tratámos do namorado? Pura loucura. – Passou com o polegar pelo pescoço para amaldiçoar os Agapov.

O Ganso arrastou-se, saindo de dentro da piscina, e Chernov seguiu-o

até à sauna. Sentaram-se com a cabeça baixa, por momentos.

– Estou a ficar velho, meu amigo – comentou o Ganso. – O inverno juntou-se às minhas articulações.

O suor corria como berlindes pela careca de Chernov. Depois voltaram a meter-se na piscina. Chernov abriu os braços, segurando-se aos lados do tanque e esperou que o Ganso continuasse. Habituará-se a servir o patrão durante os anos passados juntos na guerra sagrada. E Chernov sabia muito bem esperar.

O Ganso olhou-o de frente.

– Precisamos da Anna para a venda legal dos negócios do Agapov. E ela não vai ceder. Precisamos de documentos para a podermos enviar para a Sibéria com o velho. E, para isso, podemos usar alguém no seu círculo. Arranja o que for preciso, tudo limpinho e rápido para que a prisão, o julgamento e a sentença não dê azo a uma explosão entre os boiardos. *Neofitsialnye mery*, medidas não oficiais, mas isto vem de cima.

Chernov assentiu.

– Quais são as regras?

– Nada de sangue – disse o Ganso. – Pelo menos não da Anna.

O Ganso dirigiu-se ao vestiário, Chernov foi atrás.

O chefe tirou um bocado de papel do bolso do roupão pendente e meteu-o na mão de Chernov. Umas linhas escritas num bocado de papel amarelo, já húmido. Das margens de um livro. Nada de assinaturas. Só a caligrafia do Ganso e as notas do *khozyain*.

Leu a mensagem.

Na casa de banho, rasgou o papel em pedaços, meteu-o na sanita e puxou o autoclismo.

Pelos serviços prestados numa das unidades Vypmel, que tinham libertado centenas de reféns das garras dos terroristas chechenos da Escola Número 1 em Beslan, Chernov recebera a Ordem da Coragem. Durante a cerimónia da condecoração, o Presidente não citara a desagradável estatística de que 333 pessoas, incluindo 186 crianças, tinham morrido no caos da operação de socorro.

Mais de duas décadas depois, Chernov ainda gozava dos subsídios residuais do prémio, que lhe permitiam viver acima das possibilidades da maioria dos agentes dos serviços secretos russos. Não pagava a renda do seu apartamento de Moscovo. Conduzia um *Mercedes* blindado fornecido pelo Estado. Podia passar férias nas estâncias fechadas do FSB. Quanto ao FSB, tal como anteriormente a KGB, era um estado dentro de um estado. A nobreza da Rússia do *khozyain*.

Mas, embora Chernov vivesse e trabalhasse dentro do luxo de Moscovo, até ele ficou surpreendido com o apartamento de Vadim Kovalchuk no Cais de Kutuzov em Piter. Da rua parecia estender-se por quase todo o prédio,

dominando extensas vistas do Neva e da Fortaleza de São Pedro e São Paulo. Aquilo, pensou, devia ser muito parecido com ser um Romanov.

Os agentes do FSB não usavam distintivos, mas a identificação da polícia de Chernov foi suficiente para desmobilizar o grupo de capangas que montava guarda lá em baixo; a equipa que tratava das câmaras de segurança desligou-as, obedecendo ao mandado do Procurador-Geral; o serralheiro abriu a porta. Chernov entrou e respirou fundo. Arkady e Daniil, dois dos seus tenentes, seguiram-no.

No apartamento pairava um exagerado perfume de mulher e almíscar masculino. Cheirava, pensou ele, a sexo. Deu uma volta rápida. Prolongava-se por três andares, com varandas nos quartos do segundo e terceiro pisos. Chernov investigou o bar. Escolheu uma garrafa de *vodka* com uma tampa bulbosa e um complexo padrão dourado.

– Essa é famosa, chefe – disse Arkady. – Receita do Czar. Filtrada através de diamantes e ouro e, provavelmente, da rata da Romanov – soltou uma gargalhada.

– Vamos lá ver – disse Chernov. Apesar de estarem apenas a meio da manhã, encheu dois *stopki* com a *vodka* do Czar. Pousou-os na mesa da área de refeições.

Chernov ia sentar-se num dos sofás quando reparou numa mancha. Seria provavelmente de gordura, mas nunca se sabia. Optou por uma cadeira de verga numa zona sobranceira ao Neva gelado. O dia estava luminoso. Patinadores deslizavam pelo rio. O telefone de Daniil tocou.

– Já está a vir do banco.

O tempo passava em silêncio, apenas interrompido pelo toque do telefone de Daniil.

– Lá em baixo – disse. Arkady abriu a porta da rua.

O banqueiro entrou, com os olhos muito abertos de admiração, depois brilhantes de raiva. Em momentos destes, ficavam todos com aquela expressão, com aquela cara. *Estão a invadir a minha casa*, diziam os olhos dele. Atirou com um saco de cabedal contra a parede e exigiu saber quem era o responsável, até descobrir Chernov.

– Oh!

Olharam um para o outro por um instante. Chernov apontou para a *vodka*.

– Sente-se e beba um copo comigo, Vadim Yurivich.

– A minha *vodka*. Que atencioso.

– Sente-se, por favor.

– O que quer?

– Quero que se sente e que tome uma bebida comigo.

– Tenho de fazer um telefonema – disse Vadim.

– Não vai haver telefonemas, Vadim Yurivich.

Vadim retirou o telemóvel do bolso.

– A menos que tenha a merda dos documentos para me prender, vou

fazer o telefonema.

Começou a marcar o número no telefone, mas Arkady agarrou-lhe a cabeça num mata-leão antes que ele o conseguisse fazer. Vadim debateu-se, mas Daniil agarrou-lhe as pernas. Arkady esmurrou-lhe o rosto, claramente com força, pois o soco lançou um jato de sangue vindo do nariz para o tapete zebreado. Chernov engoliu o resto da sua *vodka*. Esvaziou o copo de Vadim no chão. Os nobres armavam sempre confusão, ameaçavam chamar gente, usavam linguagem pouco educada. Malditos boiardos.

Vadim debateu-se, mas Daniil obrigou-o a subir até à varanda do terceiro andar de um quarto vazio, empurrando-o até à porta. Arkady abriu-a. Os gritos de Vadim intensificaram-se novamente com a rajada do vento gelado e Chernov saboreou uma deliciosa bola de saliva salgada que rolava no fundo da sua boca.

Arkady limpou uma mancha de sangue debaixo do seu próprio nariz.

– Os ricos nunca se contentam em beber – resmungou. – Têm sempre de se fazer difíceis.

Vadim gemia quando Chernov o segurou pelos tornozelos e o pendurou da varanda, com a cara voltada para o rio. Tentou agarrar as pernas de Chernov, mas acabou por levar um pontapé. Depois ficou ali pendurado, a murmurar, uma e outra vez. Não, por favor.

– Ofereci-lhe uma bebida, Vadim Yurivich. E agora...

– Não faça isso – gritou Vadim. – Eu falo. Faça o que quiser, mas suba-me. Não faça isso.

Chernov baixou Vadim para o balançar contra a janela de baixo, como se ele fosse uma bola de demolição. Vadim praguejou, gritou, implorou. Chernov fê-lo chocar mais uma vez contra a janela do piso inferior, depois puxou-o para cima, para que a cabeça de Vadim balançasse junto aos seus tornozelos.

– Sempre achei o rio maravilhoso no inverno – gritou-lhe Chernov sobre o vento uivante. – Mas quer que seja a última coisa que vê? Claro que não. Quer morrer de velho na sua cama, e que a sua última visão desta vida seja uma mulher muito mais nova em cima de si. Vou perguntar-lhe mais uma vez. Só mais uma. Se não me der a resposta certa, deixo-o cair e Deus tratará de si. E pronto. O desafio será uma aposta e tanto. Pode ter a certeza daquilo que lhe digo, e falo por Deus e pela Rússia, e vai ter de me responder. Então, Vadim Yurivich, quer tomar uma bebida comigo?

Chernov encheu mais dois copos com a *vodka* do Czar e levou-os para um escritório interior. Não queria que Vadim pensasse em saltar pela janela. Havia pessoas que não queriam que as atirassem, mas após uns minutos de conversa, saltavam de moto próprio. Chernov sentou-se entronizado atrás da secretária, Vadim na cadeira do suplicante. O seu rosto estava desprovido de cor, salvo as escamas de sangue seco em volta do nariz e o vergão que

aumentava e lhe atravessava a testa.

Vadim estremeceu e olhou para a *vodka* em que não tocara. Chernov olhou em volta. Não havia medalhas. Nem uma única fotografia da mulher ou da família. Um homem rico, sem nada.

Chernov bebeu a sua *vodka* e insistiu para que Vadim fizesse o mesmo. Este bebeu um pequeno gole e bateu com força com a *stopka* sobre a secretária.

– O meu chefe fez uma oferta à sua mulher para a venda dos negócios de Agapov e as suas ações no banco – começou Chernov. – Ela recusou. No fim, tivemos de a castigar. Ela tinha um namorado. E receio que o tenha sacrificado.

Chernov viu que Vadim, pálido como um fantasma, corava antes de olhar para baixo, mostrando um súbito interesse no chão.

Chernov coçou a cabeça, recostou-se na cadeira.

– Estou a ver que não sabia da existência do namorado. – Chernov engoliu uns centímetros da sua *vodka*. – O senhor está em maus lençóis. – Passou os dedos pela madeira da secretária. Nem uma partícula de pó. – Não lhe parece?

Vadim passava a língua pelos dentes. Mordeu o lábio.

– Deixe-me explicar-lhe como vejo as coisas – continuou Chernov. – Queremos que Andrei Agapov seja um exemplo. Um sacrifício sagrado pelo povo russo. A sua teimosa filha... a sua mulher, que tem andado a divertir-se com outro homem nas suas costas... recusa submeter-se. Há forças profundas que estão a reforçar as estruturas que apoiam este governo e Andrei Agapov não se curvou. Os boiardos moscovitas pagaram aos mongóis. As propriedades do país pagaram aos czares Romanov. Andrei Agapov paga ao Kremlin. E o Ganso fala pelo Kremlin. Mas Andrei não o escuta. E quem traz Andrei para esta luta? A filha. Meu Deus, traz a sua única *filha*. A sua mulher. Não pode vencer. Andrei está na prisão. É um cavalo morto. A sua contínua lealdade aos Agapov, Vadim Yurivich, foi recompensada com uma mulher infiel, e podia muito bem ter acabado consigo a cair da janela abaixo da sua própria casa. Uma infeliz posição para um jovem tão prometededor e ambicioso.

– O que quer? – perguntou Vadim. Bebeu um agitado gole de *vodka* e estendeu o maxilar.

– Quero que a sua mulher diga que sim. O Ganso apresentou-lhe a sua melhor oferta. Tem de a convencer. Chame-a à razão.

Vadim sorriu tristemente.

– Mais depressa lhe diz que sim a si do que a mim. Creio que terá de a matar para a quebrar.

– Anna Andreevna é certamente uma mulher difícil – disse Chernov. – É por isso que o pai a meteu nesta embrulhada?

Vadim agitou-se na cadeira. Levou a *vodka* aos lábios.

– Ele queria que ela encontrasse o dinheiro que o Ganso roubou.

Chernov deu um soco na mesa. Vadim estremeceu e deixou cair o copo.

Chernov apontava para ele.

– Não – berrou. – *Roubo* seria a palavra apropriada se lhe pertencesse. Tente outra vez.

Vadim gaguejou, de joelhos, para apanhar a *stopka*, a pousar na mesa e limpar o líquido que lhe caíra em cima.

– Nós estamos, isto é, ela está à procura do ouro retirado do Banco Rossiya.

– Como é que a sua mulher andava à procura dele?

Vadim esfregou uma têmpora.

– A Anna encontrou uma pessoa de fora que sabia onde o dinheiro estava escondido. E como tinha sido escondido.

– Quem?

– Uma advogada sediada em Londres. Hortensia Fox. Trabalha para a firma do gestor do dinheiro do Ganso no Reino Unido, Mikhail Lyadov, contratado para criar as empresas-fantasma e as contas. A minha mulher está a trabalhá-la.

– A trabalhá-la como?

Chernov sabia do engodo, da viagem ao México, da visita a RusFarm. As informações que Hortensia Fox tinha fornecido sobre as finanças do Ganso. Enquanto falava, Vadim passava ao de leve os dedos sobre o alto que se formava na sua testa.

Chernov ouvia-o com atenção, com as mãos cruzadas no colo.

– A sua mulher tem agora essas informações?

– Sim.

– Qual era a ideia do Andrei, antes de mais?

Vadim fechou os olhos e inspirou com força.

– O Andrei acreditava que a única maneira de provar que o Ganso tinha roubado, bem, levado o ouro e o escondera do Presidente era encontrá-lo. Ou, mais especificamente, o dinheiro em que o ouro foi convertido. Depois levaria essa prova ao *khozyain*. O Andrei é um antigo SVR. A Anna pertence ao SVR, têm contactos e influência fora do país. O Andrei acreditava que seria mais fácil para eles provarem que o dinheiro estava fora da Rússia do que provarem que *não* estava cá dentro. Era isso que ele queria fazer.

– A sua mulher tem tudo isso, mas ainda não fez nada? – perguntou Chernov.

– Não. Está a guardá-lo.

– Porquê?

– Era tudo mais fraco do que esperava, o pai foi preso, e ela pensava que não podia levar as coisas ao Presidente sem que o Ganso soubesse. Pensava que não ia servir o propósito.

– Que era?

– Que o Ganso desistisse.

Vadim mordida o lábio, perdido nos seus pensamentos. Estava a recuperar, sentado, direito, de pernas cruzadas, e sacudia o cotão das calças,

como se se encontrasse numa reunião de direção extremamente aborrecida. O sangue seco no nariz, o doloroso alto na testa e a *vodka* entornada eram as únicas pistas que sugeriam o contrário. Tudo, desde a história da janela, tinha sido muito profissional. Ver que Vadim estava a ficar à vontade, fazia com que Chernov se sentisse pouco à vontade.

– Vai dar-me o que a sua mulher tem – disse Chernov. – As informações da advogada.

– Não as tenho.

Chernov levantou-se, inclinou-se por cima da mesa, agarrou Vadim pelos ombros e bateu-lhe com a cabeça na secretária. Vadim rolou para o chão, inconsciente. Chernov tamborilou com os dedos na mesa. Assobiou por momentos. Como Vadim não se mexesse, foi à sala e escolheu outra garrafa de *vodka*. Serviu-se de um copo e regressou ao escritório para encontrar Vadim a gemer, dobrado sobre si mesmo. Chernov sentou-se na cadeira, unindo os dedos para regressar à discussão.

– Não tem as informações – disse. – Pode arranjá-las?

– Nem sequer sei onde estão – declarou Vadim, sufocado. – Fazemos vidas separadas. Ela é agente dos serviços secretos. Não vive aqui, como deve saber.

– O meu chefe não quer uma luta consigo, Vadim Yurivich – afirmou Chernov. —Andamos atrás dos Agapov. Queremos apagá-los da História, que vão fazer botas para uma fábrica de curtumes na Sibéria ou para as minas de urânio nos Urais. Por favor volte para a sua cadeira. Quero olhar para si.

Vadim levantou-se a custo, segurando a cabeça, sem dúvida com a mente às voltas, perguntando a si mesmo se aquela traição não ia terminar com a liquidação da mulher. O que, suspeitava Chernov, talvez ele achasse atraente.

Quando Vadim se sentou, Chernov continuou, calmamente.

– A sua mulher está a trabalhar essa advogada de Londres, não é verdade?

Vadim anuiu.

– Então vai convencer a Anna a atrair a advogada novamente à Rússia. E você vai ser o meu pequeno canário dentro da gaiola, que cantará quando ela chegar.

RusFarm

Anna estava deitada no sofá de veludo numa das várias salas da RusFarm, com uma garrafa de *brandy* arménio, os Queen no gira-discos, e tão embriagada que não tinha a certeza de qual era a canção. Tinha passado a semana depois do incêndio acampada e a beber na Rusfarm. Não tinha outro sítio para onde ir. Nada para fazer. E estava à espera de Sia.

A sua mente ensopada em *brandy* vagueou para Luka. O braço. O que lhe teriam feito primeiro? Abafou um grito na almofada de veludo. Não se iria lembrar dele daquela maneira, cortado aos bocados pela Rússia, pelos inimigos dela. Anna afastou esses pensamentos, preferindo canalizar o resto da sua fraca energia para construir uma imagem doce do sorriso alegre de Luka, depois de uma vitória à luz do candeeiro no Jean Martel. O mundo começou a fragmentar-se quando tentou reconstruí-lo no seu antigo apartamento. A música terminara, o prato girava com o raspar da agulha sobre a cera morta. Também ela girava, cada vez mais depressa, e temia que a sua mente talvez nunca mais fosse capaz de pintar o rosto dele. Desistiu e o mundo girou e girou até desaparecer.

Abriu os olhos para ver Vadim a fazer festas a um dos *lobos-da-alsácia* e sentiu a cabeça tensa como um balão demasiado cheio. O cão inclinou a cabeça na direção dela. Como se chamava o animal? Vadim retirou a mão e começou a debicar um prato de ovos. A visão e o cheiro dos ovos enjoaram-na. Fechou os olhos e voltou a cara para as almofadas. Não o via desde o jantar em Piter. Porque tinha vindo agora para a quinta? E porque tinha uma ferida na cabeça?

– Foi mais alguém convidado para a festa? – perguntou ele. Um riso hesitante, um arranhar do garfo no prato. Ela sentiu náuseas e afundou-se mais

nas almofadas.

– Não posso ver-te comer – disse.

Um suspiro, um bater no prato, o amarrotar de papel. Quando abriu os olhos, um jornal dobrado censurava os ovos. O cão tinha-se instalado junto à lareira.

– Tenho estado a pensar em conseguir uma sociedade com San Cristobal – disse Vadim. Um acordo mais alargado, para lá da compra única do garanhão *Smokey Joe*.

Ela tentou sentar-se. O seu cérebro movia-se como se estivesse atolado em cola – por mais que se esforçassem, os pensamentos não iam a parte alguma.

– Uma sociedade – repetiu. – Porquê?

– Pelas linhagens – respondeu Vadim. – Assim conseguimos a primeira oportunidade, antes dos americanos ou dos ingleses ou de quem quer que seja. Dá-nos uma vantagem. Estava a pensar que podíamos convidar o Max e a Sia para virem cá passar uns dias. Discutíamos o assunto e ele pode também recolher a égua que cá deixou. Aquela de que tens cuidado.

Sorria de uma forma agradável. Passava-se qualquer coisa, mas ela não conseguia perceber o que era. Sia e Lulu preparavam-se para responder – ou no mínimo ter em consideração – ao seu pedido para que Sia voltasse à Rússia. Seria uma coincidência que Vadim estivesse agora a fazer esse trabalho por ela? Lembrava-se da estranha sensação que tivera, no rescaldo da prisão do pai, de que o marido representara um papel qualquer na traição do Ganso. Estaria a mando de quem?

– O que aconteceu à tua cabeça? – perguntou Anna.

Ele tocou ao de leve na testa e sorriu, como se já se tivesse esquecido do alto.

– Esbarrei numa porta. Anna, sei que estás de ressaca, mas concentra-te por um minuto. O que achas de os convidar?

Vadim estava a pô-la em cheque. Não antecipara tal coisa. E, no seu estado de confusão, apercebeu-se de que já não conseguia ver o jogo que se desenrolava diante de si. Não tinha a certeza de conseguir planear o movimento seguinte.

– Não creio que a Sia queira regressar – objetou Anna. – O infeliz acidente de carro, a chantagem. Maus pressentimentos e tudo isso.

– Queres vê-la? – perguntou Vadim.

– Suponho que sim – respondeu Anna, cautelosa. – Há coisas em que pode ser útil. Tem um acesso interessante à Lyric, a empresa de tecnologia.

– Achas que contou ao Max? – perguntou Vadim. – Acerca do acidente.

– Não sei. Ameacei-a de que entregaria aos tribunais provas irrefutáveis de que tinha comprometido documentos de clientes se contasse a quem quer que fosse. Mas voltou para Londres. E, afinal, ele é namorado dela.

Vadim encolheu os ombros.

– Bom, deves ter-lhe pregado um susto de morte, porque creio que

manteve a palavra. O Max atendeu a minha chamada esta manhã acerca da sociedade. Pareceu disposto a conversarmos. Até muito amigável.

– Qual é a tua ideia? – perguntou ela.

– Gostava que o Max cá viesse para falarmos de negócios. No mínimo, pode sentir-se tentado a recuperar o cavalo... Como se chama o maldito animal?

– *Penelope*. E não faço tenções de a devolver – Anna falava num tom estridente, que lhe soava aos ouvidos como se as palavras não lhe pertencessem. A menção de *Penelope* fizera-lhe lembrar a caixa no estábulo... e depois o embrulho ensanguentado no seu apartamento. Queria chorar, mas isso ia dar prazer a Vadim, e nada lhe desagradaria mais. Fez um esforço para engolir tudo. Tudo, tudo, tudo.

Ele acenou com a mão, para pôr o assunto de lado.

– Muito bem. Nada de cavalo. Só negócios. Talvez pudéssemos pedir à Sia que viesse também, já que nós... tu... tens algum controlo sobre ela.

Anna fechou os olhos enquanto a sua mente tentava encontrar um ponto de apoio. Teriam Sia e Lulu tratado de que Max entrasse em contacto com Vadim, criando uma razão para a viagem? Talvez fosse aquele o seu modo inteligente de combinar a visita.

– Que tal este fim de semana? – perguntou Anna.

St. Ives

Juntaram-se mais uma vez no chalé de St. Ives. Mas se as suas primeiras sessões de planeamento tinham sido marcadas por algum entusiasmo, esta reunião mais parecia um velório. A noite estava nublada, o ar húmido e frio, e os cuidados de Procter não tinham sido suficientes para fazer com que as luzes de Natal do pátio cintilassem como deviam. Por coincidência, estavam todos vestidos de preto, o que não ajudava ao ambiente. Sentaram-se em redor de uma mesa de ferro, colonizada pela ferrugem, aconchegados nos casacos contra as agressões ocasionais do vento marítimo. A Chefe parecia imperturbada pelo clima; vestia um casaco de cabedal negro, aberto. Sia soprava, tentando aquecer as mãos frias, e depois metia a trémula mão esquerda no bolso do casaco.

O primeiro ponto da ordem de trabalhos era o telefonema de Vadim a Max, dois dias antes, com um convite para o casal regressar à RusFarm. Max explicou que o tom dele lhe parecera estranho. Obsequioso, até, compungido acerca da confusão da última vez com a *Penelope*, por ter ficado com a égua e tudo isso. Sugeriu que regressassem para ir buscar a égua e falar de negócios. Era estranho, dizia Max, que Vadim tivesse falado com ele. Sem parecer um imbecil.

- E ainda mais estranho ter-se oferecido para devolver o meu cavalo.
- Talvez a Anna o tenha convencido e ele a tenha ouvido – sugeriu Sia.
- Certamente que é um meio de chegar a nós, depois de nos ter enviado o sinal de emergência.

Max ergueu uma sobrancelha.

- Ele não é do tipo de se deixar convencer.
- Talvez ela lhe tenha dado uma sova – sugeriu Procter. – Só Deus sabe como a miúda tem as suas razões.

Uma rajada de vento atravessou o pátio. A Chefe disse, vamos para

dentro para falar das comunicações. E foi nesse momento que um pensamento incômodo invadiu a mente de Max: se deviam contar a Procter a operação de Anna contra Sia durante a última visita. Nomeadamente, o ter atirado um cadáver contra o para-brisas de um carro em movimento com a intenção de causar choque, chantagear e controlar. Mas Sia acreditava que Anna valia a pena, e ele quase acreditava em Sia e, se em parte ainda tinha questões a colocar, lembrava-se de que a tinham submetido na Suíça ao teste do polígrafo e que, provavelmente, estava tudo bem.

Durante os preparativos para mais uma incursão a Rodina as palavras do pai passavam-lhe pela mente. *Somos iguais nisto, Maximiliano. Pensas que se disseres não, serás expulso. Um cavaleiro mexicano sem rosto. Um civil.*

E agora eles – ele – ocultara informações de Procter, da CIA. Dera um fatídico passo em frente. Recuar ia exigir uma confissão, e uma confissão exigia castigo. Suspeitava de que seria banido, que lhe cortariam a ligação com o serviço.

Passaria a ser um civil.

Mas agora um novo pensamento se erguia contra esse antigo medo familiar. Por uma vez, a vida civil parecia-lhe estranhamente apelativa. O canto das sereias. Talvez passasse mais tempo no clube em Monterrey e levasse uma rapariga simpática a conhecer o rancho e andassem a cavalo, entrassem nas corridas e, por fim, provasse que o pai estava errado – entregar San Cristobal a um filho que trabalharia a terra e aprenderia as linhagens como ele fizera. Retirar-se da CIA ia ajudá-lo a honrar o pai e o avô? Ou ia dececioná-los? Não sabia. Mas estava certo de uma coisa: desistir significava dececionar Sia.

A ideia de se retirar, de confessar, incomodava-o, e os sentimentos incômodos não eram bem-vindos nas vésperas de outra viagem à RusFarm.

Nos filmes de espionagem, a tecnologia funcionava sempre. Mas isso não acontecia com o portátil que Procter trouxera de Langley e no qual estava instalado o *clancomm*. A Chefe tentou abri-lo durante uns minutos para fazer as verificações.

Nerds de merda, disse ela, quando a terceira tentativa falhou. Sia lia a sequência em voz alta para confirmar e Procter batia nas teclas cada vez mais zangada. Uma mensagem urgente seguiu para Langley e a resposta chegou rapidamente: Deem-nos umas horas.

– Horas? – gritou Procter incrédula. – Mas que merda? A melhor chafarica de informações secretas uma gaita. Caraças!

A seguir: ocultação. Procter foi buscar um alforge ao carro alugado e atirou-o para a mesinha da sala. A sela de presente, disse, estava nesse momento a caminho de Londres vinda de Langley. O departamento de Mobiliário e Equipamento da OTS gravara o logótipo da RusFarm no couro avermelhado do saco; dois garanhões em direções opostas com três coroas

sobre as cabeças. Uma homenagem à águia bicéfala russa. A OTS tinha arranjado o couro numa fábrica de curtumes de Monterrey. Procter exemplificou como abrir o compartimento escondido num dos sacos. Um puxão numa das fivelas ativava uma roldana escondida que soltava um pino. Depois carregava-se com os dedos em três molas de metal escondidas. Um leve estalido e puxava-se a aba de couro para revelar um compartimento apropriado para o miniportátil *Asus* que fora substituído.

Sia praticou durante algum tempo, preocupada que as mãos de Anna fossem demasiado pequenas para comprimir as molas, até que Procter o fez três vezes com as suas mãozinhas. Nada podia ser deixado ao acaso, de modo que Sia enviou mais uma mensagem para Langley, desta vez pedindo as medidas exatas das mãos de Anna, com base no vídeo de contravigilância da Suíça. Depois comparariam a mão de Anna com a de Procter.

À espera de respostas, Procter agarrou num envelope. Vamos voltar para o alpendre, disse. Apanhar ar.

– A retirada – disse Procter. Colocou um bocado de papel sobre a mesa do pátio e segurou-o com uma pedra que tirou do muro. A imagem de satélite do terreno da RusFarm. – Há umas semanas que estamos a trabalhar nisto. Vocês os dois e a Anna têm as saídas de emergência sete, oito e nove. É necessária uma lavagem completa, dada a vigilância doentia durante a vossa última visita. – Procter apontou para um autocolante azul afixado no extremo norte da propriedade. – Isto é o melhor que podemos fazer, sem arriscar a Terceira Guerra Mundial. O sítio é enorme, por isso, conseguir elementos de apoio ali perto é difícil. Porém, exatamente aqui – bateu com o punho no mapa. – Aqui podemos colocar algo durante a vossa estada. Pelo sim, pelo não.

– O que há aí? – perguntou Sia, apontando para o lugar em que Procter apoiara o punho. – Andei por lá a cavalo com a Anna e não vi edifícios ou estradas. Apenas a floresta.

– Uma linha de transmissões elétricas – disse Procter, seguindo o mapa com o dedo. – Segue paralelamente aos limites a norte da propriedade. É aí que ficarão os elementos de apoio. A plataforma SCORPION. Têm um camião que praticamente pertence à Rosseti Lenenergo, a empresa distribuidora de eletricidade da região.

– O que significa “praticamente pertence à companhia de eletricidade”? – perguntou Max.

– Quer dizer que têm lá um camião – esclareceu Procter. – E se alguém os incomodar, o camião não será investigado. Os SCORPION são finlandeses. De Carélia. A pátria dos carélios, ou lá como se chama, está dividida entre a Federação Russa e a Finlândia, a cerca de dez horas de carro, seguindo para norte da RusFarm. Podem entrar e sair da Rússia e odeiam os estúpidos dos russos. Uma coisa maravilhosa. – A Chefe voltou ao mapa. – Vão ter um camião estacionado na estrada de serviço. Não sabem os vossos nomes, nunca

viram as vossas caras, mas sabem que, se alguém aparecer junto do caminhão a dizer que precisa de um bilhete para norte, devem retirá-lo imediatamente. Podem também cortar a energia, se necessário.

Estudaram os mapas, discutindo as saídas de carro, a pé e a cavalo. A neve podia ser um problema. Levariam botas e *parkas* grossas.

Decidiram-se por um código – o uso da palavra *melancolia* num qualquer sinal para Langley.

– Se nos metermos em sarilhos – disse Sia. – Não vamos conseguir chegar à linha de transmissões. – O vento invadiu o pátio, espalhando-lhe pelo rosto e pela cabeça as madeixas de cabelo negro, que ela afastou para o lado.

– Bem sei – disse Procter, olhando para um e para outro. A orla do mapa esvoaçava ao vento. – Por isso, não se metam em sarilhos.

Ainda à espera de que Langley enviasse a sequência para o teclado, abriram uma garrafa de *Riesling* e atacaram embalagens de frango *tikka masala*. Entre generosos goles de vinho, Sia decidiu fazer a pergunta que a importunava desde a Suíça.

– Chefe, o que pensas que vai acontecer à PERSEFONE quando isto terminar?

Procter empurrou a comida para o lado, meteu as mãos nos bolsos do casaco e ficou a ver as folhas de palmeira girarem e balançarem ao vento. Uma embalagem vazia de *tikka masala* virou-se com a brisa.

– Francamente, não sei. Os russos não devem ter provas importantes sobre ela, ao contrário de Vadim. Mas de certeza que não se vão preocupar com isso. Têm muito que falar com ela, e de certeza que não vai ser agradável. Claro que ela entende. Algures na sua cabeça doente, sabe quais são as consequências. Mesmo assim, devem frisar isso quando estiverem com ela. Fugir fará todo o sentido quando chegar o momento.

Escutaram o ruído distante das ondas. Procter olhou para cada um deles durante um momento. Que estranho, pensou Sia, ver a incerteza brilhar naqueles olhos verdes.

Mas depois o brilho desapareceu.

– Em qualquer dos casos – continuou Procter –, a inevitável investigação do FSB vai concentrar-se em vocês os dois. Mais uma vez, não terão provas, mas sim suspeitas. Que diabo, começaram uma relação com o Vadim e a Anna nos meses anteriores a tudo se desmoronar. Isto podia acabar de muitas maneiras, mas creio que teremos de ter cuidado no final. Esta operação não está prestes a engravidar. Está completamente prenha. E vocês os dois são os responsáveis.

Max debicava os restos da sua *tikka masala*, fitando o fundo da embalagem com o seu olhar sombrio. A Sia, os olhos dele pareciam abatidos, concentrados e atentos, como se, nesse momento, devesse reduzir o mundo a uma embalagem de cartão para não ser devorado. Sia olhou para o céu da

noite e lembrou-se do muito que desfrutara de St. Ives antes da operação e que, se conseguisse ser bem-sucedida, nunca mais ali regressaria.

Duas mensagens aguardavam na máquina de Sia. A primeira tinha as medidas da mão de Anna, uma régua esbatida confirmava que as de Procter eram mais pequenas do que as de Anna, um facto operacionalmente crítico e também uma fonte de preocupação para a Chefe, que resmungava que as dela funcionavam muito bem, muito obrigada. A segunda mensagem pedia desculpas pela sequência do teclado que estava a dar problemas e sugeria outra, que funcionou. Até que enfim, disse Procter, que merda. A memorização exigiu uma hora exaustiva. Um intervalo para mais um copo de *Riesling*, e depois voltaram a experimentar, 23 vezes, até conseguirem. Sia repetiu a sequência mais seis vezes em voz alta, enquanto a Chefe acabava a segunda embalagem de frango e comia quatro biscoitos.

Às duas da manhã, Procter estava satisfeita, completamente acordada e animada, apesar do vinho e das cinco horas de caminho eminentes até Heathrow para apanhar o voo para os Estados Unidos. A Chefe desceu a mala pela escada até à cozinha, que Sia e Max estavam a limpar.

– Esta operação tem vida própria – disse Procter. – Até podia ser ela a gerir-nos. Vamos ser todos implicados quando houver merda em Moscovo. E a parte mais difícil é que não interessa o que fizemos a partir de agora. Se decidirmos todos retirarmo-nos e juntarmo-nos a um circo, as nossas impressões digitais continuam a estar nesta coisa. Vocês os dois estiveram na Rússia, estiveram com a Anna e o Vadim no México. O meu nome está em todas as mensagens para Langley. Estamos todos metidos nisto, quer queiramos quer não. Demos todos os passinhos em frente. Não há como voltar atrás.

– A Casa Branca podia impedi-la – disse Sia. – Terminá-la.

– Recomendarias que o fizessem? – perguntou Procter.

Sia meteu um prato na máquina da loiça. Pegou num copo de vinho. Pousou-o no lava-loiça e voltou-se para a Chefe.

– Não. Não recomendaria.

– *Jefe?* – olhou para Max.

Ele abanou a cabeça.

– Nem eu – disse Procter. Apertou mãos e distribuiu abraços. Aguentem. Está quase. Depois arrastou a mala porta fora e desapareceu na noite.

A partida da Chefe provocou uma chuva torrencial. Max acordou sobressaltado com a trovoadas e ficou a ouvir a tempestade com os olhos colados ao teto, a pensar em tudo e em nada, com o cérebro incapaz de se concentrar por mais de uns segundos.

O súbito rangido mal lhe chegara aos ouvidos quando se ergueu com as

costas apoiadas na frágil cabeceira da cama. Um relâmpago iluminou a forma de Sia à entrada da porta, envergando calças de fato de treino e uma *t-shirt*. Braços cruzados. Pigarreou.

– Apetece-te? – perguntou.

Como se tinha vindo a revelar no plano operacional, trabalhavam bem juntos. Ele adiantava-se a ela quando ela precisava, e sabia como se movimentar com ela. Podia muito bem perceber que, assim que ela se meteu na cama, não queria despir a *t-shirt* e não se sentia atraída pelos beijos dele, embora tivesse retribuído a primeira e única tentativa. O que queres?, perguntou ele, e ela respondeu colocando-se sobre ele. Sabia do que ela gostava quando lhe agarrava as mãos e, por vezes, lhe apoiava os ombros, para que ela pudesse balançar as ancas e cavalgar as ondas. Não era forçado, nem sequer mecânico. Mas não era apaixonado. Mesmo ao montá-lo, com a pele junto à dele e pegajosa de suor, estava muito longe da paixão. Quando Sia inclinou a cabeça para trás, as suas ancas balançaram, os seus joelhos saltaram e a cama rangeu, Max continuava com a curiosa sensação de que agora representava o papel daquele que aplica o protetor solar, coça as costas, corre o fecho-éclair do vestido. Engraçado quando se gosta da miúda, e ele gostava, mas sobretudo, e antes de tudo, prático. Esta tinha coisas a resolver.

Depois, ficaram abraçados na cama a ouvir a tempestade. O ar tinha um cheiro doce.

– Não acredito que estamos a fazer isto – disse ela, quase num murmúrio, quebrando o silêncio. Não se percebia se o significado era carnal ou operacional.

– Nem eu – disse ele. A resposta dele servia para ambos os casos.

E, na luz ténue, viu que os olhos dela o convidavam para o lar, para a casa caótica que era a mente dela; o gesto foi ainda mais íntimo, devido à condição daquela casa. Olha para isto, diziam os olhos dela. Ele espreitou para o chão desgastado, as paredes com a tinta a cair e os pratos empilhados na bancada. Observou uma mulher na sala, com as mãos na cintura, encolhendo os ombros, como que a dizer, *Bom, e é isto. Ficas ou vais-te embora?* Max pensou em dizer qualquer coisa. Mas preferiu agarrar-lhe na mão para traçar as feições dela, e voltaram-se para a janela açoitada pela chuva até que, sem palavras, se enlaçaram debaixo da roupa da cama, à espera de que o uivo da tempestade se dissolvesse em sono.

PARTE V

Predatel/Traidor

São Petersburgo/ RusFarm

Quando o avião desceu em direção à pista em Pulkovo, os tremores da mão esquerda de Sia começaram, depois de um breve período de acalmia durante as primeiras horas do voo. Voavam num *Dassault Falcon 7X*, cortesia de Vadim, que dissera a Max que enviaria o avião para os ir buscar a Londres. Uma oferta de paz. Sia olhou para o compartimento por cima da sua cabeça, que continha a mala em que estava guardado o alforge com o portátil que os levaria à prisão, à tortura e à morte, se os agentes da alfândega em Pulkovo decidissem que o dinheiro de Agapov já não servia ou que, afinal, não era suficiente.

O comissário de bordo abriu a porta e o inverno entrou. O piloto chilreou de forma inaudível através da coluna, sem dúvida, um qualquer derivado de boas-vindas a São Petersburgo! Vestiram os casacos, Max recolheu a mala que continha o alforge, os assistentes de bordo juntaram a restante bagagem e a própria sela, e saíram do avião para a escada com o entusiasmo de novos condenados metidos numa prisão. Um agente alfandegário impassível aceitou os documentos na pista. Sia exibiu um enorme sorriso e tentou ignorar a sensação de pânico de estar a ser enterrada viva. Uma rápida observação aos documentos, um olhar demorado, e o agente alfandegário fez um rápido assentimento e devolveu os passaportes a Max, pois Sia escondera as mãos nos bolsos.

Um único *Mercedes* negro lançava fumo do escape sobre a pista varrida pelo vento. Vadim e Anna estavam no exterior. Um toque pessoal. Os assistentes de bordo atiraram as malas e a sela para a parte traseira. Ao ver os russos, Sia teve vontade de fugir, mas esboçou um sorriso rasgado e agradável, de hóspede agradecida e impaciente. E imediatamente começaram

a mentir uns aos outros.

Que prazer tê-los de volta, disse Vadim a Max, dando-lhe uma forte palmada no ombro.

Igualmente, Vadim, igualmente, disse Max, apertando a mão pálida de Vadim e beijando as faces de Anna.

Meu Deus, Anna, estás fantástica, disse Sia, combatendo o terror, fantástica. Beijos aos dois russos.

Mas a mentira de Anna era a maior de todas. Bem-vindos a São Petersburgo, disse.

Bem vindos à Rússia.

Sia apercebeu-se do leve e ameaçador cheiro do fumo e da gasolina quando o *Mercedes* atravessou a toda a velocidade os portões pontiagudos e entrou no caminho frondoso que levava à casa principal.

Quando saíram da zona das árvores e a mansão apareceu, Sia foi atacada por um medo atávico que nunca experimentara. Não havia pressa nem emoção. Não se tratava da euforia de alguém viciado em adrenalina; era o terror negro do cativo preso e vendado lançado para a cave de um louco.

Os porteiros desceram a escada para recolher as malas. Max ordenou-lhes que levassem a sela para o estábulo de *Penelope*. Sia saiu do carro, surpreendida por cada passo que o seu corpo permitia. Sentou-se num enorme sofá circular numa das salas, para escutar o brinde que Vadim fazia com champanhe, conversando de forma sensata, tentando, em vão, ignorar a indisposição que parecia invadir-lhe o corpo. Perdeu a noção do tempo; o mundo parecia girar apenas em redor da casa. Despertou-a um toque de Anna, que olhava para o relógio.

– Sia, se queremos dar um passeio a cavalo, devemos ir agora. O céu está limpo e restam-nos poucas horas de luz.

– Trouxe uma coisa – disse Sia, talvez demasiado alto, firmando-se na cadeira. – Está lá em cima.

Dirigiu-se ao quarto, onde se recusou a olhar para os objetos sinistros: o cavaleiro mongol do quadro, a cama enorme na qual tinham representado para as câmaras. Tinha trazido um laço vermelho para colocar na sela, mas tinha os dedos suados e o adesivo não colou. Deixou-o e regressou à sala com o alforge. Disse a Anna que a sela propriamente dita a esperava nas cavalariças, mas que estava ansiosa por lhe oferecer o alforge. O nó na garganta de Sia era tão grande, que talvez fosse visível.

– É lindo – disse Anna, passando os dedos pelo logótipo da RusFarm. A russa testou a capacidade do bolso com uma garrafa de água de aço inoxidável que um empregado foi buscar à cozinha. – Perfeito – disse.

Nos estábulos, Sia colocou os arreios na sua égua. Puseram a sela nova em *Penelope*. Sia sentiu o pânico invadir-lhe o peito quando Anna, segurando com força uma faca de ferrador, cortou o logótipo da RusFarm gravado no

couro do alforge. De qualquer forma, não estava ligado ao dispositivo de ocultação, disse Sia para si mesma, tenho a certeza de que vai correr tudo bem. Meu Deus, que corra tudo bem. Anna passou a lâmina sobre o couro trabalhado até conseguir soltar alguns pedaços, ocultando o logótipo. Atirando-os para um monte de estrume, Anna pisou-os na lama e cuspiu-lhes em cima. Com um aceno, afastou um moço das cavaliças que se aproximava e conduziu *Penelope* para fora do estábulo, seguida por Sia com a respetiva égua.

Subiram para as selas e trotaram para norte, em direção à floresta de bétulas e à linha de transmissão em que Sia não queria pensar. A mansão e as cavaliças desapareceram atrás delas, substituídas pelos campos revestidos de neve e gelo. O fraco sol de inverno, que se erguera havia poucas horas, em breve começaria a sua descida. Tocaram as éguas pela encosta abaixo, em direção à entrada da floresta. Cavalgaram em silêncio sobre parcelas de terra negra e gelada, sob bétulas e pinheiros derrubados. Seguiram um regato coberto de gelo esverdeado. Tratava-se de um caminho diferente do funesto trilho que Sia seguira através da RusFarm, mas mesmo assim recordava-a do horror com grande detalhe. Podia confiar em Anna? E estariam a ser observadas? Depois de uma hora de cavalgada, Sia começou a interrogar-se.

Chernov observou as duas mulheres a cavalo a partir do sinal do drone de vigilância do FSB, um *Orbiter UAV*, comprado aos israelitas na década anterior. Não era novo, mas podia transportar as câmaras e os transmissores necessários, o motor elétrico era silencioso, podia subir a quase três mil metros e manter-se a pairar por mais de três horas. Era mais do que suficiente para filmar aquele estranho passeio a cavalo.

Chernov trouxera vários agentes para a quinta – os operadores do drone, uma pequena equipa de vigilância, Daniil e Arkady para ajudarem em qualquer dificuldade, se fosse necessário.

Tinham-se apoderado de um antigo edifício administrativo à entrada da propriedade, um monte de blocos de cimento, bastante afastado da casa principal. Chernov pensara em prender toda a gente ao chegarem a Pulkovo. Agora perguntava-se se devia arrancá-las de cima dos cavalos.

Mas o caso desagradável do namorado mudara a opinião de Chernov acerca de Anna Agapova. Era uma mulher dura. Do tipo de não se confessar, mesmo que os pecados o exigissem. Podia prendê-la, talvez arrancar-lhe as unhas dos pés e das mãos, mas no fim, seria infrutífero. Havia pessoas que não se vergavam e Anna era uma delas. Se a levasse para Butyrka e a obrigasse a ver o desmembramento do pai, ela dir-lhe-ia calmamente que se fosse foder. Chernov revira várias vezes as imagens do apartamento dela em Ostozhenka, na noite em que descobrira o braço do namorado. O ódio puro naqueles olhos. Já vira semelhante. Na Chechénia, em Beslan, na Síria. Era difícil vergar um ódio assim. Veria o que ela estava a fazer com a advogada.

Depois avançaria.

As mulheres detiveram os cavalos à entrada da floresta de bétulas. Enquanto o drone circulava, Chernov revia o mapa. O seu dedo deteve-se na estrada mais perto dos cavalos. Seria demasiado para os microfones parabólicos. Ligou o rádio e chamou a equipa de segurança, dando-lhes as coordenadas.

– Tomem a estrada norte – disse Chernov. – A que contorna o sopé do monte. Há uma linha de transmissão no cume.

Anna obrigou *Penelope* a parar e Sia deteve-se ao seu lado. Anna parecia concentrada num lago gelado, numa clareira mais adiante. A égua relinchou. Perto do lago havia palha seca espalmada pelo vento.

– Onde fica a estrada mais próxima? – perguntou Sia.

Anna apontou com o queixo para norte, em direção às colinas.

– Vamos entrar mais na floresta.

Trotaram mais uns minutos por entre as bétulas frondosas.

– Temos novas comunicações para ti – disse Sia, desmontando e fazendo com que os pés rangessem na neve. Anna olhou-a com curiosidade ao vê-la aproximar-se de *Penelope*.

Sia ergueu os olhos para Anna.

– Devias desmontar. – Anna obedeceu com um leve sorriso. Sia abriu um dos compartimentos do alforje, retirou os copos de alumínio, ajustou a correia e comprimiu as três molas. Fez sinal a Anna para que olhasse lá para dentro. Sia moveu o painel de couro solto que ainda estava dentro do compartimento e puxou-o para trás para mostrar o portátil.

– A mesma máquina de antes.

– Como se abre o compartimento? – perguntou Anna. Sia mostrou-lhe. Anna praticou e olhou para o computador. Mordeu o lábio e fechou o compartimento.

– A sequência do teclado é diferente – disse Sia. – Problemas técnicos. Precisamos de praticar.

– Não consegue que se veja melhor? – perguntou Chernov ao operador do drone.

– Vou tentar – foi a resposta. – Estão muito dentro das árvores.

Chernov comunicou com a equipa de vigilância.

– O áudio está uma merda – disse o chefe. – Estão muito longe.

– Faça-o passar, de qualquer maneira – exigiu Chernov.

Tocou na tecla da transmissão ao vivo transmitida para o computador. Era Anna que falava.

– Espaço... control... – Depois ficou cortado por uns segundos. – Outra vez – ouviu a advogada dizer. – J enter... – Continuou assim. Estática, vozes

distorcidas. Coçou a cabeça careca. Que estranho.

Semicerrando os olhos, observou as imagens de vídeo no computador do operador do drone.

– Mas o que estão elas a fazer?

– Não sei dizer. Estão junto dos cavalos. Talvez a tomar uma bebida.

– Espaço... control...

Muito estranho.

Após 15 tentativas, Anna pensou que tinha conseguido. Abriu e fechou uma vez mais o compartimento para ter a certeza. Acariciou o dorso e a espádua de *Penelope*, dirigindo os olhos semicerrados para norte, em direção aos montes. Estes pareciam enviar-lhe pequenos choques elétricos pela coluna vertebral. Abriu a boca, montou *Penelope* e olhou para o pálido sol de alumínio. Sia dirigia-se para norte, para a entrada da floresta e para a pastagem aberta.

– Vamos por aqui – exclamou Anna, voltando *Penelope* para sul. – É muito bonito por aqui.

Embrenharam-se mais na floresta, rodeando o lago em direção ao sopé da colina cheia de árvores e rochas. Havia uma saliência escarpada na base do monte. Desmontaram e Anna pensou ver a mão de Sia tremer quando acariciou o cavalo. Teria também ela notado uma alteração qualquer? Anna encheu os copos de *brandy*. Sentaram-se nas pedras sob a saliência e olharam uma para a outra por momentos. Anna sentiu um lampejo de camaradagem em relação àquela mulher. Estava ligada a ela pela mecânica sóbria do que tinham posto em marcha.

– Tens alguém por aí? – murmurou Sia.

– Não – disse Anna. Sentaram-se em silêncio. Um ramo estalou à distância. Depois Anna pensou ter ouvido um gemido baixo, quase impercetível. Talvez no céu. – Não creio que alguém nos possa ouvir aqui – disse Anna. – Mas não devíamos ficar muito tempo.

O rosto de Sia endureceu.

– Se alguém te viu a praticar...

Anna embocou o *brandy* num único gole.

– Então já estamos mortas.

– O que acha, chefe? – perguntou Daniil. A equipa do FSB olhava para as imagens do drone. As mulheres tinham desaparecido nas rochas.

Saíam estalidos incompreensíveis dos microfones parabólicos.

– Talvez sejam amantes – imaginou Daniil, franzindo o nariz. Um encontro amoroso por entre as rochas cobertas de neve. O marido detesta-a, ela detesta-o. Quem sabe?

Chernov pensava agora que tinha encontrado algo muito mais interessante do que uma advogada corrupta a vender os segredos do patrão a uma rival. A menos que fossem amantes – e nem por um momento acreditava em tal coisa – não via razão para aquela ida à floresta. Tinham o balneário, a

mansão, toda a Rússia. Não, aquele passeio a cavalo não fazia sentido. Aquilo era mais do que Agapov e a filha em busca do dinheiro perdido. Cheirava-lhe a mal, a pecado. Cheirava-lhe a traição.

RusFarm

Anna rolava uma pedra macia entre os dedos. Atirou-a ao chão.

– Quando começa? – perguntou.

– Dentro de duas, talvez três semanas.

– É muito tempo. Por que esperam?

– Mais informações. Quando ligares o computador, vais encontrar uma mensagem à tua espera, com mais algumas coisas que queremos. Moradas, números de telefone. Andámos para trás e para a frente com os nossos advogados para sabermos o que podemos e o que não podemos fazer. E a quem. Temos mais alguns alvos.

Anna anuiu, mas tinha o rosto enrugado de agitação.

– Olha para mim – disse a Sia. – Olha bem de perto.

Sia olhou Anna nos olhos.

– Estou a fazer isto porque quero o Ganso morto ou fragilizado – declarou Anna. – Quero o meu pai em liberdade e que o Vadim desapareça. É simples. Garantes-me que a operação fará isso?

– Posso garantir-te que as informações incriminatórias serão colocadas nas mãos de importantes agentes russos. Mas o resto? Anna, por favor, sabes tão bem como eu que não há garantias.

Anna parecia ter perguntas, mas não as fez. Pássaros negros restolhavam nas árvores. O quê, quem estaria ali com eles?

– Quero ver as rotas de fuga contigo – murmurou Sia.

– Já te disse que não na Suíça – declarou Anna, irritada. – Não me pressiones outra vez. Caraças, Sia!

Sia tinha estado tão ativa que nem reparara no maldito tremor que aumentava na sua mão esquerda. Fechou-a com força. Que russa petulante. Num silêncio desconfortável, Anna tirou o chapéu para coçar a cabeça. Sia não reparara antes, mas à luz, reparou que uns fios grisalhos se misturavam

com o cabelo louro. Parecia vazia, com olheiras enormes.

– Anna – disse Sia em voz baixa. – Aconteceu-te alguma coisa?

Os olhos da russa iluminaram-se.

– Roubaram-me uma coisa.

– Diz-me o que foi – murmurou Sia. – Quem foi. Por favor. Temos pouco tempo.

– Tinha um amante – disse Anna. – O Ganso matou-o. O Chernov, o cão dele, matou-o. Mataram-no todos.

O vento levou as palavras de Anna. Sia pensou em apanhar o avião. Meter-se no carro e dirigir-se imediatamente a Pulkovo.

Anna pôs-se de pé.

– Olha, tenho a certeza de que estás a pensar se a minha informação é válida. Talvez esteja com problemas emocionais. Uma menina angustiada. – Anna deu um pontapé numa pedra. – Diz aos teus psicólogos que se lixem, por favor. Nunca estive tão certa de uma coisa na minha vida, o nosso caminho está livre.

Volto para casa, pensou Sia, e vou buscar o Max. Dizemos que surgiu uma coisa urgente. Dizemos que o pai dele morreu. Dizemos qualquer coisa para irmos para o aeroporto.

– Anna, lamento muito – disse Sia, escolhendo as palavras com o cuidado próprio de uma advogada. – Espero que o nosso trabalho em conjunto te ajude a encontrar um pouco de paz.

Anna fez uma careta.

– Conheci o amor duas vezes na minha vida. O da minha mãe e o dele. Agora partiram os dois. Levaram-mos. Há contas a ajustar. Procuro coisas, Sia, mas paz, bom, a paz não é uma delas. A paz significaria que eles ganharam. E eu quero ganhar.

Seguiram para norte, pela pastagem em direção aos estábulos. No crepúsculo que se aproximava, os montes lá em cima pintavam sombras escuras pelos campos. Depois algo brilhou no céu, uma aparição que deslizava por entre as nuvens de linho cinzento.

E depois, por fim, Sia percebeu.

Sentiu calafrios e calor ao mesmo tempo. Podia sentir o suor a descer-lhe pelas costelas.

A noite caía quando penduraram os arreios. Os cavalos meteram as cabeças por entre as aberturas das baias. Sia puxou Anna para a divisória de *Penelope*. A égua olhou-as espantada, mastigando a sua refeição da noite. Sia puxou a orelha de Anna para junto da sua boca e murmurou.

– Estão a vigiar-nos. Precisamos de um plano, Anna. Imediatamente.

O drone pairou lá em cima, vendo as duas mulheres saírem dos estábulos para

se dirigirem à casa. Chernov mudou para as imagens do interior. A advogada foi para cima, para o quarto, e ligou o chuveiro. Anna foi para um escritório, no primeiro piso, que não estava coberto pelas câmaras. *Porra!* Raios do inferno! Voltou à advogada. Tinha o telefone numa mão, a outra estendia-se para o duche, para experimentar a temperatura.

– Olá Rhonda, aqui Sia. Olá, sim, está tudo bem por aqui. O tempo está um pouco melancólico, mas a companhia é fantástica. Simplesmente fantástica. Estou a ligar por causa do relatório das reuniões da Acton desta manhã. Sê uma querida e diz-me as coisas mais importantes.

A advogada escutou, fez algumas perguntas. Depois despiu-se e entrou no duche.

Chernov passou para as câmaras que cobriam o corredor do lado de fora do escritório. A porta estava fechada e Anna Andreevna estava lá dentro. O que estaria a fazer?

Palo Alto

Caíra uma chuva leve em Palo Alto, mas os TROIANOS tinham coberto as janelas do centro de comando do WeWork para que ninguém se apercebesse. Uma caixa vazia de alcaçuz *Red Vines* tinha sido posta no lixo, e a sua substituta exibia-se orgulhosamente numa mesa junto a um gigantesco recipiente de café com aroma a cereja e umas embalagens de *Twizzlers*. O bastão de baseball autografado estava encostado num canto escuro. Procter pegou nele e dirigiu-se à luz azulada de um monitor, à frente do qual Snake estava sentado com as mãos sobre a boca num triângulo solene. Clicou no *play*.

“– Olá Rhonda, aqui Sia. Olá, sim, está tudo bem por aqui. O tempo está um pouco melancólico, mas a companhia é fantástica. Simplesmente fantástica. Estou a ligar por causa do relatório das reuniões da Acton desta manhã. Sê uma querida e diz-me as coisas mais importantes.”

Durante a troca de palavras de dois minutos e vinte e cinco segundos que se seguiu, Sia assinalou, através das pouco sofisticadas palavras de código, que estavam sob vigilância hostil e espoletou a retirada. Tinha a voz tensa como tudo, pensou Procter, emocionalmente exausta. As suas mãos pequeninas apertaram o bastão.

Pensou ligar para Bradley, mas decidiu não o fazer por ora. Bebeu metade do café com aroma de cereja, limpou a boca. Nada daquilo fazia sentido.

– Manda os SCORPIONS apagarem as luzes – disse a Snake. – Diz a esses malditos finlandeses que estejam a postos para três pessoas.

RusFarm

Anna bateu com toda a força com a porta do escritório do primeiro andar da RusFarm. A casa estava em silêncio, Max e Vadim estariam ainda, como era evidente, no balneário. Movimentou-se rapidamente, sem saber quantos seriam os elementos da equipa, ou o que pretendiam. Os vigilantes eram sem dúvida homens de Chernov. Trabalham com o Vadim, pensou. De que outra forma podia ser? Têm câmaras. O escritório tinha uma segunda porta que se abria para outro corredor e levava ao parque de estacionamento do pessoal. As chaves ficavam geralmente nos carros. Ligou a Vadim. Não houve resposta, foi imediatamente para o *voice mail*. Canalha.

Abriu o armário das armas. Verificou a segurança, meteu um carregador na MP-443 e enfiou-a no bolso da sua *dublyonka*. Pelo sim pelo não, pegou noutro carregador. Como encontrou munições soltas numa caixa, carregou a arma batom e escondeu-a no interior do bolso do peito do casaco. Essa não tinha segurança. Inclinou-a para não ficar na direção da sua cabeça.

Saiu do escritório pelo corredor e em direção ao parque de estacionamento. Encontrou um *Land Rover*. Trancado. Outro. Também trancado. Um *BMW* preto mate, com as portas decoradas a ouro com o logótipo da RusFarm. Aberto. Com as chaves no suporte dos copos. Ameaças por todo o lado, mas vigiavam-na, aguardavam. Para quê? O movimento ia responder à pergunta.

Pôs o motor a trabalhar e o *BMW* resvalou no caminho gelado. Teria de verificar a vigilância e depois regressar para recolher Sia e Max, se se visse aflita ou tivesse oportunidade. Dirigiu-se para a estrada norte. Sem que a seguissem, sem luzes, sem barreiras no caminho. Em poucos minutos estava sozinha numa estrada escura, ladeada por bétulas e pinheiros, como se as árvores fossem rochedos enormes. Ligou mais uma vez para Vadim. *Voice mail*. Os faróis do *BMW* mostraram dois veados a atravessar a estrada como

setas. Procurou por mais, com os olhos saltando entre a berma e a estrada.

Levantou-se uma saraivada de neve. Anna pousou o telefone e agarrou-se ao volante por mais uns quilómetros. Tentou concentrar-se no problema. Nada lhe parecia claro, não conseguia ver a fase final. Não conseguia ver a maldita estrada à sua frente. A neve caía cerrada e rápida.

Depois, ao subir uma encosta, os faróis iluminaram uns olhos dourados. Pisou os travões e esmagou a buzina. Dois veados fugiram. O terceiro não. O carro chocou contra o veado cego pela luz, atirando-o para a estrada. Merda, resmungou Anna. Merda. Fez marcha-atrás e saiu da estrada vazia. Sem *airbags*. Sem luzes de presença. O motor sussurrou e o aquecimento funcionou. O veado tentou levantar-se. Caiu. Tentou mais uma vez, mas tinha uma das patas traseiras partida. Não encontrou apoio e caiu mais uma vez. Anna olhou para as árvores.

Anna sabia que não haveria clareza.

A partir dali seria apenas intuição, instinto.

Pegou no casaco à procura da MP-443, pesando-a nas suas mãos pequenas. No dia em que enterraram a mãe, o pai disse que a morte era liberdade. Pensou, já naquela altura, que ele estava cheio de tretas, pois agarrara-se tão amargamente à dor daquela vida. A cabeça do veado virou-se para o carro. Morte é liberdade, ouviu o pai dizer à menina que ela já não conhecia.

Peezdetz, murmurou para o volante. Que se foda!

Abriu a porta do carro e saiu com a arma na mão. Os enormes flocos de neve cobriram-lhe imediatamente o casaco. Ao encaminhar-se para o animal, procurou escutar o leve ruído de um motor que se aproximasse, mas ouviu apenas a respiração entrecortada e difícil do animal e o ranger dos seus próprios passos sobre a neve.

Descendo através do teto de nuvens em busca de uma visão desobstruída, o drone de vigilância apanhou Anna a examinar as feridas de um veado moribundo. Erguia a mão para a pousar na cabeça do animal e baixou-se para lhe murmurar algo junto às orelhas. Se a neve não fosse tão densa, o drone poderia ter-lhe apanhado os olhos fechados, como se estivesse a rezar.

Anna fitou os olhos assustados do veado, que brilhavam húmidos e cintilantes sob a neve que caía. Passou-lhe suavemente os dedos pelo focinho e pela cabeça.

Então, como se olhasse para o tabuleiro a partir de um novo ângulo, como se tivesse avançado no tempo, os movimentos seguintes tomaram forma na sua mente, uma mancha de terra num horizonte distante, a fase final. Anna acariciou a cabeça do animal.

– Desculpa-me – disse. – Desculpa-me por ter levado tanto tempo a

decidir-me.

Talvez afinal a morte fosse liberdade. Mas Anna não desfrutaria de tal clemência. Venceria. Viveria.

Anna recuou um passo, retirou a segurança e disparou três balas na cabeça do veado. Os tiros ecoaram pelas bétulas. O peito do veado acalmou e a neve por baixo da cabeça do animal ficou vermelha, enquanto a sua vida se esvaía.

Anna viu um brilho vermelho na neve muito para lá do veado. Depois passou a azul. E, quando se voltou, ouviu o ronronar de um motor que flutuava através da neve, e um carro negro descia a pequena encosta em direção a ela. Parou junto ao veado. Saíram dois homens de armas apontadas. Ela ergueu lentamente a sua acima da cabeça. Depois, colocou-a sobre a neve e levantou as mãos.

RusFarm/Palo Alto

O balneário da RusFarm, tal como a própria quinta, não era um local onde o conforto se encontrasse facilmente. Max pedira para ver *Penelope*, talvez fazer uma visita a *Smokey Joe*, mas Vadim insistira para que começassem com uma sauna. Seria relaxante, disse Vadim, o calor vai acalmar as nossas mentes antes de tratarmos de negócios. Mas a sauna estava tão quente que Max não a conseguiu aguentar por mais de uns minutos. O mergulho na piscina gelada aspirou-lhe os pulmões de ar e encolheu-lhe os *cojones* para o tamanho de figos secos. Vadim mostrava-se de vez em quando concentrado, a face colada ao telefone, enquanto tocava nas teclas e lia as mensagens. Mas parecia também desorientado, com o telefone a tocar e a tocar, sem atender ou lhe dar atenção. Desde que entraram no balneário não tinham trocado uma única palavra. À terceira passagem pela sauna, Max despejou uma concha de água sobre as pedras amontoadas no fogão de ferro fundido. Olhando para a triste sala onde estava a piscina, sentou-se no banco com um rangido, fez estalar a língua e interrompeu o silêncio:

- Onde estão as miúdas, Vadim?
- A Anya insistiu em que eu me portasse como deve ser. Por ti, suponho.
- Uma mulher atenciosa.
- Mas não comigo. – Falava num tom uniforme e frio, como se descrevesse um eletrodoméstico avariado.
- Porque me convidaste para vir cá, Vadim?
- Para falarmos de negócios.
- Não falámos muito até agora.
- Então fala.
- A égua, a *Penelope*, volta para San Cristobal. O animal é o nosso primeiro e único negócio a discutir.

Através do ar quente, com o queixo apoiado nos pulsos, Vadim olhou

para Max com um ar de triste divertimento.

– Deixemos que os advogados tratem do assunto. Podemos ser sensatos, não é verdade? Dignos, até. Afinal, as corridas de cavalos são um desporto de reis, uma luta está abaixo do nosso nível, Max.

Max sorria, mas sem que o humor lhe chegasse aos olhos.

– Creio que lutar é o que nos resta.

Aquilo valeu-lhe um enorme sorriso, antes que um bafo de vapor vindo das pedras apanhasse Vadim por trás da sua cortina. Quando a nuvem se ergueu, o russo olhava para o chão.

– Posso dizer-te algo que julgo interessante?

Max cuspiu para o chão e fitou Vadim.

– Não cresci nesta quinta – disse Vadim. – Mas até eu sei quando há uma tempestade a caminho. Sinto-a antes de aparecer no radar. Não cresci na terra como tu em San Cristobal, mas tenho uma ligação com este lugar e ele fala comigo. Sei, por exemplo, que há uma tempestade de neve a caminho. Uma forte tempestade para esta noite. E juro-te que não liguei absolutamente nada às informações meteorológicas de hoje. A pressão está a mudar. O ar está mais húmido e há nele um leve cheiro a metal. Consegues sentir, Max? Cheirar? Diz-me, Max.

– Estamos na merda de uma sauna, Vadim. Não sou assim tão calibrado.

Vadim soltou uma gargalhada lúgubre em direção aos joelhos.

– Hoje queres montar a *Penelope*, não é verdade? Foi o que disseste há pouco junto aos estábulos.

– Talvez não, se vem aí uma tempestade de neve.

Vadim prendeu a toalha em volta da cintura, atravessou o compartimento e sentou-se no banco junto de Max.

– É sensato evitar cavalgadas quando está mau tempo – disse. Agarrou o ombro de Max e depois bateu-lhe com a palma da mão molhada nas costas nuas. – E como és sensato, Max, gostava de saber porque voltaste.

– Convidaste-me.

Vadim agitou a mão.

– Sim, sim, claro. Mas tu e eu sabemos que há coisas sob a superfície. Coisas mais simples do que um simples convite, que, claro, não era uma coisa assim tão simples. Forças invisíveis, mas muito reais, e poderosas. Mais poderosas do que nós. Somos peões, Max, somos uma atração secundária em tudo isto. Pelo menos agora. Talvez não tenhamos começado aqui, mas receio que foi aqui que chegámos. – Vadim olhou em frente, os seus olhos a debaterem-se com a madeira nodosa da parede.

– Explica-te, Vadim.

– Tenho uma boa história acerca de Napoleão, queres ouvir?

– Não.

– Talvez seja apócrifa, mas gosto muito dela. Perguntaram-lhe uma vez qual o traço que mais apreciava nos seus generais. E sabes o que ele disse?

Um som metálico no compartimento da piscina. Murmúrios.

– Sabes? Já a ouviste? – repetiu Vadim. Passos. Vozes.

Vadim lançou outra concha de água sobre as pedras. O rosnar do vapor afogou os murmúrios.

– Merda, Vadim, não, não sei.

– O Napoleão disse que preferia que os seus generais tivessem sorte. – Vadim passou as mãos pelo cabelo lustroso, com os lábios firmes num sorriso cruel. – Tive a sorte de desfrutar da tua hospitalidade no México antes de nos visitares aqui na RusFarm. Afinal, foste tu quem desferiu o primeiro golpe, naquela noite à chuva. E fizeste-o sem saber a forma da luta e até onde eu podia ir para ganhar. Cometeste um erro, mas como podias saber? E agora regressaste. Por um cavalo? Era bom! Odeias-me por ter ficado com a égua da tua mãe, mas estás aqui por razões mais profundas, coisas invisíveis que a tua Sia julga que estão escondidas de mim. De nós. Ela é uma mulher má, Max, uma mulher muito má. E uma advogada corrupta que leva a cabo um jogo duplo muito perigoso, não achas? Esconder dinheiro para os rivais da nossa família e depois tentar esconder o nosso. A fazer jogo duplo. Mas qual é afinal o jogo dela? Tenho ideias. Teorias. Mas seja o que for, voltaram à minha teia – Vadim começou a imitar uma aranha com os dedos em direção à perna de Max. – Tal como eu fui parar à vossa em San Cristobal. Estas mulheres..., mas em que más companhias andamos. Credo, por vezes, julgo que nunca me devia ter casado, mas sim andar de puta em puta. Teria sido um preço menos violento do que o que paguei pela minha mulher, que é um demónio com um coração disforme. A espécie de mulher cujas lutas são sempre justificadas, então ela é obrigada a matar pela causa. Matar quem ela quiser. Ela matava-nos a todos, se fosse preciso. E talvez o faça, meu amigo. Talvez ainda o faça. Os dedos a imitar a aranha detiveram-se, para se transformarem em garras que atacaram o ar, e depois se retiraram para ajudar à dejeção de ranho das suas narinas.

Os murmúrios rolaram de encontro à porta fechada. Vadim olhou para Max, que recebeu o seu olhar com uma expressão dura e sem pestanejar.

– Devolve-me a merda do cavalo!

– Está um calor insuportável aqui – disse Vadim. Levantou-se e abriu a porta. Por ela entrou o som de vozes, o chapinhar das botas na água e o cheiro do cimento frio. A porta fechou-se com um estrondo. Vadim desapareceu e tudo o que restou foi a pulsação nas suas têmporas.

Max ficou em silêncio por momentos, com o medo preso na garganta.

– *Dios mio* – murmurou. – *Dios mio*. – Pôs a cabeça entre as mãos. Respirou fundo através das narinas. Prendeu com força a toalha em redor da cintura. Depois levantou-se, saiu do compartimento de sauna e encolheu-se. Mas não houve golpe, saco sobre a cabeça, tiro ou fogo de uma lâmina no seu corpo.

Havia simplesmente dois homens junto de Vadim.

Usavam *parkas* forradas de pele e botas, e os seus olhares inexpressivos sugeriam que podiam muito bem trabalhar por turnos na linha de montagem

de um matadouro. E era esse o seu ofício. Este era mais um dia de trabalho.

Max ficou ali. Vadim prendeu a toalha em volta da cintura, puxando-a para verificar que estava bem segura.

– Não estou habituado a violência, Max. Só uns arranhões na escola e apenas matei uma pessoa. Um peão em São Petersburgo, uma mulher em quem bati com o meu carro. Foi um acidente.

– O meu cavalo – disse Max. Quero a merda do cavalo.

– Quando acabarem de tratar de ti, vou esquartejar a tua égua, ou antes, a minha égua. Se ainda estiveres vivo, verás o que vai acontecer. Os meus *chefs* vão congelar a carne dela e todas as semanas, talvez todos os dias, vou comer uma porção. Não gosto muito de carne de cavalo, mas vou deleitar-me com esses cortes. Eu...

Um suspiro pesado, metálico. Depois houve um corte de energia.

E, por um momento, o mundo parou.

Se enviarem o sinal de emergência, dissera Procter em St. Ives, mandamos os SCORPIONS cortar a energia. Apagar as câmaras.

Impropérios russos e ruído de passos.

O silvo das *parkas*, grunhidos furiosos.

Mexe-te.

Depois um estalido, e uma lanterna examinou o compartimento.

Corria em direção à porta quando um segundo e sinistro estalido anunciou a chegada de uma dor incrível. Os músculos retesaram-se e arderam. Caiu no cimento, e imediatamente aquelas formas caíram sobre ele. O compartimento estava às escuras, tinha a visão desfocada, a dor disparava em todos os tendões e músculos e via fios a balançar a partir do seu próprio peito sob o brilho da lanterna.

A voz de Vadim chamava-o da escuridão lá em cima, depois a dor relampejava-lhe nas costelas e no peito e sentia o cheiro do suor masculino e via o rosto do russo mesmo por cima do seu. Os dois homens puxaram Vadim e este desapareceu nas profundezas do compartimento.

– A *Penelope* vai ser transformada em bifes, *amigo* – ouviu Vadim gritar na escuridão. – Em bifes, *amigo*.

O bater de uma porta.

Hálito quente no seu rosto. Depois o vociferar furioso de palavras russas e...

Tinham levado Sia menos de um minuto após o corte de energia. Dois homens. Abriram a porta do quarto ao pontapé, mas ela conseguiu atirar uma mesa contra um deles, antes do estalido de um *taser*. Teve uma convulsão, ficou entorpecida, desmaiou.

Agora estava acordada, planava, e estava tão escuro dentro do capuz como estivera na casa ou nas cavernas da sua mente inconsciente. Estavam a transportá-la. Consegua enviar um sinal de socorro a Anna? A Langley? Para

bloquear o medo, a sua mente agarrou-se àquele problema, enquanto a empurravam contra as paredes do corredor. Não tinha ideias. Quem a transportava depositou-a num chão duro. Tentaram ligar um interruptor, mas não havia luz. Mais impropérios. Escuridão. Silêncio. Ficou a pensar no que teriam feito com Max. Voltou-se e ficou à espera da morte.

Procter amachucou a lata vazia de *Jolt* com as mãos e atirou-a para o caixote do lixo, falhando irremediavelmente. Snake estava a ligar a Bradley pelo SVTC, a videochamada segura, a dizer palavrões, irritado, pois a ligação estava constantemente a cair. Procter encostou o bastão à secretária, abriu outra *Jolt*, bateu na mesa e perguntou a Georgie se estava pronto, meu, que porra, temos de avançar e já. Se alguém tivesse medido a pressão arterial à Chefe nesse momento, teria sido desculpado por sair a correr em busca de um desfibrilador. E mesmo Procter que, como um animal selvagem, estava em sintonia com os ritmos do seu corpo, sem qualquer noção consciente de que estes existiam, perguntou a si mesma se a merda do seu coração não ia rebentar como uma uva pisada.

Os técnicos preparavam os telefones. Ela chupou a lata de *Jolt*.

– Estamos prontos – resmungou George. – Este vai parecer o restaurante a tentar confirmar as reservas que ela fez para a próxima semana. Chama-se...
– Folheou o documento. – Saint Bethany.

Procter ergueu o queixo e ensaiou silenciosamente as suas deixas, como se fosse a chefe de mesa do Saint Bethany. Satisfeita, marcou o número. Diretamente para o *voice mail*. Bateu com o auscultador.

– Foda-se. Põe em fila de espera outra chamada para o Castillo – berrou para o técnico. – A que se parece com a vivenda do pai. – Estava completamente envolvida e, apesar de, em teoria, existirem várias explicações razoáveis para os seus agentes terem falhado os três *pings* que exigiam prova de vida, não considerou nenhuma delas plausível. Pelo menos, depois do telefonema de Sia. Procter engoliu alguns *Twizzlers* enquanto considerava as opções. O bastão de baseball ressuscitou recordações agradáveis do seu estilo mais cinético em campo. Faltava-lhe a espingarda *Mossberg* apreendida. Estava agora nos Estados Unidos com um bando de *nerds*, enquanto os russos atacavam os seus agentes. A maldição do banco dos castigos. O seu bastão escorria suor em Palo Alto, em vez de escorrer sangue russo no local apropriado. Snake insultava o SVTC. A ligação a Langley continuava estática.

Já chegava. Procter pousou suavemente a embalagem roubada de *Twizzlers* na mesa. Raspou um pouco de lama seca da face sorridente do Chefe Wahoo que enfeitava o bastão. Dirigiu-se aos quadros brancos com o bastão ao ombro.

Olhou para a fotografia de Vladimir Putin a cair no gelo durante um jogo

de hóquei. Colocou-se numa boa posição, firmou os pés e balançou o bastão na direção dele. A cara gorda e merdosa do presidente russo desapareceu. Fragmentos do quadro e de papel voaram por todo o lado. Depois tratou de um dos ecrãs de TV, até que este se transformou numa teia de aranha e caiu da parede. Viu numa secretária uma foto de Putin a beijar a barriga de um jovem, dirigiu-se para lá e também deu cabo dela. Partiu algumas partes da secretária e do computador, mas foi um acidente. Os técnicos e os fulanos do FINO gritavam e procuravam abrigar-se. Ela não os ouvia. De bastão ao ombro, voltou-se para Snake.

– Diz-me quando entrares em contacto com o Chefe. Vou meditar para o meu gabinete.

Sia ouviu uma fresta da porta a abrir-se, mas apenas via a escuridão do capuz. Sentiu que mãos rudes a erguiam e que depois era empurrada para fora do quarto na escuridão. Ninguém falou. Seguiram por um labirinto de corredores. O movimento podia criar oportunidades. De mandar um sinal, de lutar ou negociar. Queriam *qualquer coisa*. Afinal, ainda estava viva. E isso, na sua opinião, era preocupante.

Talvez fossem os homens de Vadim. Talvez a entregassem ao FSB. Talvez *fossem* do FSB. Pareciam ser os vencedores. Instalaram-na numa cadeira e retiraram-lhe o capuz. Pestanejou. Firmou o corpo à espera da dor.

Max estava amarrado a uma cadeira diante dela. Trocaram olhares de confusão e terror e depois Sia tentou descobrir onde se encontrava. Uma lareira à direita encimada por uma cabeça de urso. Viu na sombra os contornos de um piano. Grossos reposteiros emolduravam as janelas iluminadas pela Lua. Sentia os dedos dos pés gelados a tocar em pedra fria.

Vadim observava dois homens a amarrotar papel de jornal. Esfregava febrilmente os nós dos dedos; coçava os olhos, passava a mão pelo cabelo uma e outra vez, como se não conseguisse alisá-lo. Não tinha a energia de um homem com autoridade.

– Onde está a Anna? – perguntou Sia.

Vadim olhou para ela.

– Onde está? – repetiu Sia. – É a tua mulher, Vadim.

Ele olhou-a como se lhe fosse bater, mas como ela se firmasse preparando-se para o embate, voltou-se de repente para a lareira.

Os dois homens saíram. Regressaram com troncos e um jerricã de gasolina. Golpearam a madeira e meteram o papel amachucado nas fendas. O maior encharcou os toros e atirou um fósforo. Sia inclinou-se para se afastar das chamas. O homem mais pequeno tratou do lume com um atizador. O mais gordo meteu mais troncos na lareira. Vadim falava sozinho sentado no sofá.

Santo Deus, onde estaria Anna?, pensava Sia. Max olhou para Sia, depois para alguém que estava atrás dela, o brilho das chamas dançava no seu rosto coberto de suor.

Depois sentiu umas mãos nos ombros e um forte golpe do lado direito.

Um homem altíssimo avançou e a luz da lareira refletiu-se-lhe na cabeça calva. Puxou um cadeirão que estava junto ao sofá, de modo a formar um círculo de assentos em volta da lareira. Usava um fato preto de bom corte, sem gravata. Sia calculou que os mocassins fossem *Brunello Cucinelli*. Benny Hines tinha um par igual.

– Hortensia Fox e Maximiliano Castillo – disse em inglês. – Bem-vindos à Rússia.

Sia reconheceu-lhe o rosto; aquele era um dos agentes do FSB de quem Anna sugerira que tratassem juntamente com o Ganso. Chernov. Tenente-coronel Konstantin Chernov. Diretorado da Segurança Interna. Numa das mensagens depois da Suíça, Anna dissera que ele era um tarado. É um verdadeiro crente, escrevera. Considera-se um sacerdote. E a Rússia é o seu deus.

RusFarm

Um dos agentes apanhou a pistola de Anna da neve.

– O Chernov quer falar consigo – disse o outro. – Em casa.

Revistaram-na: pernas, braços, dentro do casaco. Faltou-lhes o batom. Um dos homens sentou-se com ela no assento traseiro do carro. Seguiram em silêncio.

As luzes de sódio penduradas nos pinheiros altos que ladeavam o caminho de acesso estavam apagadas. Não havia qualquer iluminação sobre os estábulos ou na pista. Chernov teria cortado a energia? Do cercado dos *lobos-da-alsácia* vinham latidos agitados.

– Porque estão as luzes apagadas? – perguntou.

Os homens não responderam.

Entraram na rotunda e contornaram a fonte. Ela avistou uma mancha de chamas alaranjadas vinda da janela da sala. O resto da casa estava na escuridão. Um dos agentes do FSB tirou-a do carro segurando-lhe o cotovelo. A neve atingiu-a na cara e derreteu-se nas suas faces, entrando-lhe na boca. O outro homem falou para um rádio e voltou a entrar no carro. O agente do FSB quase escorregou ao subir os degraus de mármore, e segurou-se ao cotovelo de Anna. Quando entrou, Anna examinou a câmara de segurança por cima da porta, interrogando-se se estaria a funcionar.

É advogada, sim? Perguntara Chernov antes de mais, num inglês com um sotaque carregado. Sim, ouviu-se Sia dizer, sou. Diga-me o que entregou a Anna Agapova, disse ele, e ela disse-lhe. Os homens dele foram ao andar de cima e retiraram telefones e computadores dos estojos. Trouxeram-nos para baixo e obrigaram-na a abri-los. Disse-lhe como trabalhava com Mickey Lyadov em Londres, como escondera o dinheiro. Depois Chernov perguntou

acerca do passeio de Sia com Anna nessa tarde. Os números, as letras, disse, ouvi coisas estranhas no bosque e quero que me explique. Estiveram lá durante muito tempo.

– De que falaram? – perguntou.

– Das informações que lhe dei acerca do dinheiro do Ganso.

– O quê, especificamente? – perguntou ele. – Dê-me um exemplo.

Chernov acreditava fervorosamente no poder da violência, mas não era sádico. O sangue derramado não o entusiasmava de sobremaneira, e não precisava de infligir dor para exercer o seu poder sobre os outros. Sempre se sentira assim. Mas praticara a violência com tal zelo, matando centenas de pessoas em tempos, lugares e modos tão diferentes, que a sua fé amadurecera. Conhecia os seus benefícios e os seus limites. E havia de facto limites quando se interrogava um agente treinado dos serviços secretos. Podia torturar a advogada até ela confessar, mas ela iria sem dúvida excluir informações valiosas. Admitiria falsidades. Haveria fios impossíveis de puxar. Os cúmplices pecadores ficariam irritantemente impunes.

Mas a violência podia acelerar uma confissão. E agora, com o aspeto da espionagem à mistura, Chernov tinha uma justificação banal e burocrática para acelerar o processo: múltiplas prisões com acusações de espionagem acalmariam as águas no interior de Lubyanka e de Yasenevo, incentivando um frenesim alimentar que atrairia o *khozyain*. E Chernov não queria o *khozyain* a nadar em direção a um interminável caso de espionagem, envolvendo um monte de ouro que tinha sido retirado ilegalmente de Rodina sem o seu conhecimento e participação. Uma rápida confissão ali, naquela sala iluminada pela lareira, eliminaria grande parte dos espinhos burocráticos após o regresso de Chernov a Moscovo.

– Perguntei – disse Chernov –, o que discutiu especificamente com a Anna Andreevna no seu passeio de hoje.

A advogada começou a tremer. Um disparate acerca das contas. Pousou um dedo nos lábios dela.

– Sei que a Anna preparou esta operação há muitas semanas – disse ele. – Não há necessidade de falar de tudo isso se ela abandonou a operação, pois não? E se começássemos por uma coisa simples: vai dizer-me a que agência de informações pertence. E, se não o fizer, as coisas vão correr mal aqui para o seu namorado. – Pousou a mão sobre a cabeça de Max. Despenteou-lhe o cabelo e depois agarrou-o firmemente entre os dedos. Desferiu-lhe um soco no queixo, segurando-lhe a cabeça para que ele não caísse. Agrediu-o novamente. E outra vez. A advogada começara a gritar. Esta parte provocava sempre gritos.

Sia gritava, mas os gritos nada fizeram para impedir o estalido de um punho

contra o maxilar de Max, que metralhava a mãe de Chernov com insultos em espanhol. A camisa de Sia estava encharcada em suor e o seu cabelo parecia uma esfregona molhada, balançando-lhe diante dos olhos. Após algum tempo a sua voz desvaneceu-se; ficou a ver, já incapaz de gritar.

Nas primeiras formações que Sia fizera, havia muito tempo, os seus orientadores tinham-lhe explicado como gerir um interrogatório. Era completamente diferente para um NOC, disseram-lhe. Sem passaporte diplomático. Sem imunidade. Se te apanham, não há possibilidade de sair. Porque te deixariam ir? Enquanto bebiam umas cervejas e longe dos ouvidos alheios, um orientador sugerira ideias criativas de suicídio em cativeiro. Tens lençóis de cama e uma esteira? Enforca-te. Talvez te deixem em paz durante uns segundos com algo afiado. Corta os pulsos. De momento, a melhor ideia de Sia era atirar-se para dentro da lareira.

Chernov deixou de bater em Max. Voltou a sentar-se para olhar para ela. O suor escorria-lhe da testa.

– Diga-me quem é, Hortensia.

Não sei, pensou ela. Nem eu sei a resposta a essa pergunta,

Chernov aproximou mais a cadeira da de Sia.

– CIA? SIS? BND? Então, Hortensia, ouvi coisas estranhas nesses bosques. Estava a dar qualquer coisa à Anna, não é verdade? Estou a ficar impaciente para que me diga.

– Sou uma advogada – disse Sia. – Uma advogada que trabalha com clientes russos. Mais nada.

Ele limpou o suor da testa com mão trémula.

– Hortensia, por favor, seja inteligente. Vou prendê-la esta noite, a si, ao seu namorado e a Anna. Irão todos para Lefortovo. Vão quebrar-vos, desgastar-vos até que digam a verdade. Estou a fazer-lhe um favor acelerando as coisas de uma forma um pouco mais dura. Vamos despachar isto depressa, o que diz?

– Sou advogada. Não sou espia.

– Vou magoá-lo outra vez a menos que me diga a verdade, compreende? Não quero. Sou um investigador. Não tenho qualquer prazer nisto. Está a deixar-me sem alternativas. Diga-me o que é, Hortensia.

Valha-me Deus, pensou ela, por favor, Max, perdoa-me. Por favor, perdoa-me.

– Sou uma advogada – disse ela em voz apagada. – Nada mais. Por favor. Por favor não lhe faça mal.

Chernov fez estalar os dedos, depois falou em russo com um dos seus homens, que saiu da sala. Ficaram sentados durante vários minutos, como se estivessem em redor de uma fogueira, a escutar os estalidos da madeira. O homem voltou com uma caixa de couro e abriu-a sobre a mesinha de pau-brasil. Era um kit de tratamento de caça. O pai dela tinha um na carrinha do rancho. Chernov fixou os olhos no lume.

– Durante muitos anos fui soldado – disse Chernov. – Servi na unidade

especial FSB a que chamamos Vymped. Não sei bem qual é o vosso equivalente na América. Talvez Delta Force? Em 2015 fui mandado para a Síria. Aleppo. Tinha chegado há menos de duas semanas quando fui capturado durante um raide terrorista juntamente com três dos meus homens. Fizeram de nós o que quiseram enquanto dormíamos num edifício que cheirava a sangue, a pó e a merda. Não eram, como dizer, selvagens. Não estavam interessados em filmes pornográficos. Meteram-nos num buraco para tentar uma troca por alguns dos seus camaradas. Só saí de lá quando a minha unidade nos resgatou três meses depois.

Chernov mexeu no lume e, com a outra mão, limpou a cabeça ensopada.

– Na escuridão, pensava muitas vezes no meu avô. Foi criado numa aldeia perto de Estalinegrado. A família fugiu quando chegaram os nazis. Caminharam durante dias pela estepe com outros refugiados. Sem alimentos, com pouca água. Constantemente bombardeados pelos *Stukas* nazis, as sirenes avisavam da sua aproximação e da morte eminente. Encontraram abrigo nos pântanos com outros refugiados. O meu avô tinha três irmãs. A mais nova não parava de chorar, as famílias receavam serem descobertas e assassinadas por causa do barulho, de modo que a mãe dele levou-a para o lodaçal e a irmã implorava para não ser afogada, chorava dizendo que nunca mais pediria de comer. Não voltou. Eu era pequeno quando ouvi essa história pela primeira vez, suponho que demasiado novo, mas nesse buraco na Síria comecei a perceber. Deus está longe. O mundo é um absurdo, porque o próprio ato da sua criação foi pecaminoso.

Chernov acordou do seu devaneio e pegou numa faca com a ponta curva. Ajoelhou-se aos pés de Max.

– Após mais ou menos um mês, suponho que as negociações não deram em nada, e os nossos captores acharam que seria necessária uma demonstração. Qualquer coisa para mostrar que eram homens duros e sérios. Quando o socorro chegou, os meus homens tinham morrido havia muito, tinham-me dado cabo da coluna e cortado partes de mim. – Depois Chernov tocou no dedo mindinho do pé direito de Max. – Começaram por aqui. – Olhou para Sia. – Diga-me quem é, Hortensia.

– Sou advogada – disse ela, a bater os dentes.

Ele abanou a cabeça.

Os dois homens seguraram Max pelos ombros. Chernov encostou a faca curva à ponta do dedo. Max agitou o corpo na cadeira.

– Para! – murmurou. – *Para! Para! Para!* – Esticou a perna, lutando contra a mão que o prendia. Agitava o pé no chão. Chernov agarrou-o para o imobilizar e colocou a faca em posição.

Estou aqui, estou aqui, diziam os olhos de Sia, mas Max não olhava para ela.

Chernov fez pressão com a faca sobre o dedo, concentrado, com a língua junto ao lábio.

Para! Pinche culero!

As delicadas veias do pescoço de Max engrossaram, erguendo-se através da pele. A lâmina curva rolou uma, duas, três vezes sobre o dedo até o cortar do pé com um rangido húmido.

Pinche ruso hijo de tu reputadíssima madre!

Depois saiu um jato de sangue e outra saraivada de insultos em espanhol, tão abafados por grunhidos e arquejos que a Sia não se assemelhavam a palavras. Chernov pegou no dedo e examinou-o. Depois atirou-o para o lume. Max deixou cair a cabeça, inconsciente. Um fino fio de sangue atravessava a lareira de pedra.

– Max, acorda – gritou Sia. – Estás a ouvir-me? Acorda.

Chernov bateu-lhe numa orelha como se ela fosse um cão malcomportado. Ela tentou cuspir-lhe para a cara, mas tinha a boca seca. Sentiu um pequeno zumbido nos ouvidos. Chernov falou russo, parecendo-lhe estar a uma grande distância. O segurança mais baixo derramou um copo de água por cima de Max. Bateu-lhe na cara, ordenando-lhe que acordasse num inglês entrecortado. Depois, Sia ouviu a voz abafada de uma mulher.

RusFarm

Anna tentou perceber a cena. Uma fogueira intensa. Max e Sia amarrados a cadeiras. O mexicano em mau estado – a cabeça pendia-lhe para o lado e tinha a cara manchada de sangue. Chernov tinha uma faca na mão. Vadim afundado no sofá. Dois homens de Chernov, do FSB, estavam sentados ao lado dele. Também o marido parecia prisioneiro. Qual *era* o papel dele em tudo aquilo?

A sua escolta do FSB deteve-se a uns passos da sala para anunciar a sua presença a Chernov, que pousou a faca na mesa. A escolta conduziu-a para dentro da sala. Os dois homens sentados no sofá levantaram-se e, juntamente com Chernov, falaram com a escolta, trocando sussurros, murmúrios e grunhidos até que, chegando a um qualquer entendimento, a escolta abandonou a sala. Um motor fez-se ouvir na rotunda e afastou-se, desaparecendo ao longe.

Chernov e dois dos seus homens. Ainda eram muitos, pensou,

– Anna Andreevna – disse Chernov. Sentara-se para limpar algumas gotas de sangue dos seus mocassins e manteve-se concentrado nessa tarefa enquanto se dirigia a ela. – Estava aqui a perguntar à Hortensia qual o serviço secreto a que ela pertence. – O olhar de Anna fixou-se nas chamas atrás de Chernov. – Vim em busca de respostas acerca do dinheiro da Rússia – continuou Chernov. – Mas deparei-me com uma conspiração muito mais grave. O teu estranho comportamento hoje será suficiente para te prender, claro. Mas gostava de ter a tua confissão. Tu, mais do que ninguém, sabes que será mais fácil para ti se confessares. – Ergueu os olhos dos mocassins com um suspiro. – Mas não és uma mulher habituada a caminhos fáceis. Contigo é sempre tão difícil.

Por um momento quase impercetível, Anna fechou os olhos e teve uma visão de Luka. Abriu os olhos e baniu toda a fraqueza. Manteve a sua personagem. Seria a única maneira de escapar a Lefortovo.

– Está profundamente enganado – disse ela. – Há vários meses que estou a levar a cabo uma operação contra estes dois agentes da CIA. E soube que estão a colaborar com o meu marido e um pequeno grupo de importantes oficiais russos para roubar os cofres do Estado. A CIA começou a sua operação, os fundos estão prestes a sair das contas neste momento, e eles planeiam sair da Rússia esta noite.

Chernov inclinou a cabeça, quase com pena, como se ela tivesse enlouquecido. Os seus olhos cintilaram com a certeza dos estúpidos ou dos loucos.

– Como? – Anna ouviu Vadim dizer. Ela voltou-se para o marido. Mal-encarado e confuso, Vadim franziu a cara.

– Sei disto porque o Vadim me disse – declarou Anna. – Insistiu para que eu fosse com ele.

Um dos agentes no sofá esboçou um sorriso irónico.

– Mas houve uma discussão acerca do dinheiro – prosseguiu Anna.

– Anna Andreevna – disse Chernov, levantando-se –, para com isso. Sei que trabalhas para a Hortensia. Ela é da CIA, não é verdade? Não foste ter com ela à Suíça?

Anna deu um passo em direção a ele, lentamente, ignorando o impulso para fugir. Menos um metro. Demasiado longe. Preciso dele mais perto. Outro passo. Conseguia agora sentir o cheiro a sangue e a couro do sapato de Chernov, mas ele ainda estava demasiado longe.

Cuspiu-lhe nos olhos.

Ele pestanejou duas vezes. Limpou a face sorridente com a manga. Depois deu um grande passo e ergueu a mão para a esbofetear, mas os dedos dela já estavam no bolso em redor do tubo metálico. A mão dele chocou contra a cara dela com um estalo agudo. Ele estava tão próximo, quase sobre ela, mas ela já tinha o tubo livre e encostou-lho ao coração, girou a parte superior com a palma da mão, ouviu-se um *clic* e um barulho forte, e os dedos dela ficaram em chamas e molhados de sangue. O corpo sem vida de Chernov caiu sobre ela, prendendo-a ao sofá.

Anna tacteou o cinto do morto, em busca de uma arma. Encontrou uma pistola, retirou-a suavemente do coldre, encostou-a à têmpora do agente do FSB mais próximo e apertou o gatilho, o sangue e a massa cinzenta pintaram o abajur. O agente mais baixo, já de pé para sacar a sua arma, arrancou-lhe a arma da mão e lançou-a por cima do sofá, fazendo com que ela batesse no chão e ficasse perdida no meio das sombras.

Anna viu Sia arrastar a cadeira na direção dele. Anna começou a tentar sair de debaixo do cadáver de Chernov, depois ouviu um estrondo quando Sia caiu sobre as pernas do homem do FSB que restava. Este caiu para a frente, outra vez para o sofá. Livre de Chernov, Anna lançou-se para a faca que estava sobre a mesa. O agente do FSB disparou um tiro que falhou e fez voar bocados de pedra da lareira. Antes de ele conseguir fazer pontaria, ela precipitou-se e ergueu a faca curva para lhe espetar no peito, empurrou-a e fê-

la girar até chegar ao cabo. O corpo do homem imobilizou-se em choque. Ela retirou a lâmina e enfiou-lha no coração. Agora a vida esgotava-se nos olhos dele, o sangue borbulhava-lhe nos lábios e ela rolou do sofá com o coração a bater acelerado. Vadim estava ali, a pestanejar e sem se mover.

Ele é o veadado, pensou Anna, encandeado com as luzes. Ela levantou-se, apanhou a arma do agente do FSB e puxou Vadim pelos cabelos, atirando-o ao chão. Meteu-lhe a biqueira da bota nas costelas e deu-lhe mais um pontapé. E outro, com mais força, porque lhe soube tão bem. Só se deteve porque aquilo não fazia parte do seu teatro.

Vadim afastou-se e encostou-se ao sofá. Ergueu as mãos para se render.

– Anya – ofegou. – Mas que porra, Anya.

Ela olhou-o nos olhos. Havia tudo para dizer, meia vida de vingança para executar, contudo, sentiu paz no silêncio. A culpa dele era a sua recompensa. Não lhe importava que sofresse.

Olhou-o e baixou a arma para a cabeça dele.

Vadim procurou os olhos de Anna por trás do cano da arma e foram esses olhos que falaram com ele.

– Ganhaste – disse.

Anna deu um tiro na testa do marido.

Deixou a arma escorregar-lhe dos dedos e cair no chão. Reparou que os seus ouvidos não funcionavam. As bocas de Sia e Max moviam-se, mas ouviu apenas o pulsar de zumbidos. Olhou para o corpo sem vida de Vadim. Tinha um pequeno buraco ensanguentado na testa. Era isso. Avança. O que vem a seguir?

Quando o som voltou, ouviu-se perfeitamente a repetir as suas deixas.

– Vadim, por favor não faça isso, Vadim.

Soltou um grito primitivo na direção do fogo até ficar sem ar, com as pernas tão trémulas que caiu de joelhos. Gritou uma vez mais até que, por fim, acreditou que ele a tinha deixado ali para arder.

– Houve uma luta – disse Anna, segundo as suas deixas. – E o Vadim dominou-me.

– Anna, mas que merda se passa? – gritou Sia.

– O Vadim tentou mais uma vez convencer-me a partir. Recusei. Lutámos. O Vadim bateu-me muito. Estava zangado. Embriagado. Vocês os dois disseram que tínhamos de partir antes de eles repararem que o dinheiro tinha desaparecido. O Vadim bebeu. E bebeu muito. E lutámos. – Anna pegou na faca do kit de caça. Cortou as cordas das pernas e dos pulsos de Sia. – Houve uma luta – repetiu. Cortou aquilo que prendia Max.

Este pôs-se de pé com dificuldade; Sia ajudou-o a levantar-se. Anna deixou de representar para explicar a cena.

– Vou dar-vos um avanço – disse. – E uma forma de porem a operação em movimento. Mas têm de me ouvir. E fazer exatamente o que eu disser. De contrário mato-vos aos dois. Vão tomar o caminho que discutimos nos estábulos, Sia. Vais tentar. Vais levar o Vadim contigo. O corpo dele é a chave. Vais levá-lo custe o que custar. Vais dizer à tua gente que comece imediatamente a canalizar o dinheiro. Dá início à operação. Peguem nos vossos telefones e avisem imediatamente. E ponham-se a andar o mais depressa possível.

– Anna, podes vir connosco – disse Sia. – Podemos ir juntos.

– Não, não quero. – Apontou para os cadáveres, mas não conseguiu olhar para o de Vadim. – Levam o Vadim. Quando regressarem aos Estados Unidos, vão arranjar maneira de convencer Moscovo de que ele era vosso agente, mas que foi colocado noutra sítio. É o único caminho. Conseguem levar a cabo a operação.

– E tu? O que ganhas com isso? – perguntou Max. – Vão matar-te, não percebes? Vais morrer.

Anna permitiu-se olhar para o marido morto.

– Consigo ganhar. Levem o corpo. Têm de levar o corpo. Têm de dar início à operação. Apenas morro se vocês não cumprirem o vosso papel.

Sia e Max trocaram olhares apressados e nervosos. Sia correu lá acima em busca dos telemóveis.

– Há carros estacionados no parque do lado de fora do escritório – disse Anna a Max. – Hão de encontrar um que tenha as chaves.

Sia regressou com os telemóveis, a mala e o equipamento de inverno. Vestiram as *parkas*, puseram os chapéus e calçaram as luvas. Max vomitou quando meteu o pé na bota. Anna desviou o olhar.

RusFarm

Max e Sia içaram os cadáveres para o sofá manchado de sangue. Anna fez uma tocha com a camisa do agente morto e o atiçador da lareira. Empilhou casacos e almofadas em volta do morto. Não tinha notado antes o muito que transpirava, mas sentia agora um gotejar contínuo e salgado nos seus lábios. Tornava-lhe os dedos escorregadios. Caía-lhe para os olhos. Pegou na arma de um dos agentes mortos do FSB. Não reconheceu o modelo, o que era o objetivo. Pertencia a Vadim, disse para consigo. Esta arma é do Vadim. Meteu-a num dos bolsos do casaco.

Anna rasgou um conjunto de cortinas e regou-o com a gasolina restante. Encharcou as estantes e o piano; tirou todos os cobertores de um armário e colocou-os noutra sofá numa sala no outro extremo do primeiro andar. Trouxeram mais recipientes com gasolina da garagem. Encharcaram as escadas, as estantes, as cortinas. Anna espalhou gasolina pelos quartos destinados às crianças que nunca tinham existido, pela vasta coleção da biblioteca, sem se preocupar com as primeiras edições por abrir de Turgenev e Chekhov que pertenciam a Vadim, e pelos escritórios do segundo andar. Abriram as janelas para que o ar circulasse e alimentasse as chamas. Formaram ao todo quatro piras pela casa. Não houve tempo para mais.

Anna pegou fogo à pira da sala, enquanto Max e Sia puxavam o corpo de Vadim do compartimento. As chamas passaram por cima dos cadáveres empilhados. Virou costas assim que as roupas de Chernov se incendiaram.

A neve cintilava ao luar com um brilho inquietante. Linda, pensou. Levou a chama à base das cortinas. O fogo devorou o veludo e começou a percorrer o teto, comendo a tinta e o estuque.

Chernov não atendia o telefone. O operador do drone do FSB tentou o de

Arkady. Nada. Por fim, ligou para a equipa de vigilância. Estavam sentados numa carrinha à saída do edifício de cimento. Duas pessoas acabavam de sair da casa, disse o operador do drone. Saía fumo das janelas. Seria de chamar os bombeiros?

O chefe da segurança, que era o superior hierárquico, disse que não. Um não enfático. Não podiam ter civis idiotas a correr por ali, disse. Ele e a sua equipa entrariam. Pediriam reforços a Kirishi. O operador do drone ouviu o motor da carrinha começar a trabalhar à entrada do edifício administrativo. Saiu a toda a velocidade da mansão, que, segundo o que via nas imagens, estava a arder.

As chamas espalharam-se rapidamente, mais do que Anna imaginara. O fumo enchia-lhe a garganta e as narinas e ela sentiu-se furiosa por ter acabado no extremo oposto de uma das salas, longe da porta. Sentia-se tonta, o mundo parecia não ter ar e pensou: Vou morrer aqui. O calor era agora incrível. A sua pele e cabelo pareciam fumegar e perguntou a si mesma se não arderia também. Rastejou até à porta. Estava tudo em silêncio, num silêncio misterioso. Assobios, estalidos e um leve crepitar, mas nada de explosões ou estrondos. Vou morrer em silêncio, pensou. Nem sequer estou a gritar.

Depois ouviu Sia gritar o seu nome. Vidros a partirem-se. Um lustre a render-se ao inferno de chamas. Uma lâmpada rebentou. Estava de barriga para baixo no chão, em busca de ar puro e limpo, mas o fumo começara a assentar e estava agora num túnel. Mais vidro a estalar. O teto soltou um gemido quando cedeu. Rastejou mais depressa. Ar, não havia ar. Já não conseguia deslizar. Encostou o rosto ao chão e tentou sugar o ar através da madeira ardente. Vou morrer, Luka, disse. Vou morrer agora.

Sia viu Anna imobilizar-se.

– Sia, temos de ir – gritou Max do átrio. – Vamos, Sia, vamos. Mexe-te.

Sia deu um passo em direção ao átrio, mas quando pensou que ia abandonar Anna às chamas, atirou-se para o maldito chão e começou a rastejar. Havia apenas fumo. Os seus pulmões suplicavam ar. Tacteu a procura de Anna. Pousou a mão no metal ardente. Retirou-a. Tacteu mais uma vez. O chão. Nada a não ser o chão ardente. Depois sentiu uma mão. Cabelo. Um ombro. Agarrou a mão e começou a recuar, arrastando Anna até chegarem a um corredor enevoadado. Ainda quente, mas já conseguia ver. O ar encheu-lhe os pulmões. Durante um instante sufocaram no chão. Quando Anna vomitou, Sia riu, mas o seu cérebro faminto de ar não percebia porquê.

– Precisamos de tempo – disse Sia. – Dá-nos tempo.

Anna limpou um fio de vómito com a manga. Assentiu.

Sia levantou-se e estendeu a mão a Anna, que a aceitou. Sia ajudou-a a levantar-se.

– Agora – disse Anna. – A catástrofe.

Anna tinha os olhos lacrimejantes e o fumo químico mantinha-se dentro dela, quase no fundo do estômago. Sentiu uma vontade de vomitar mais uma vez, mas apenas conseguia tossir, engasgar-se e tossir, e a sua voz era rouca e arrastada quando gritou:

– Corre, Sia, corre! Corre! Corre!

Na sala, um bocado do teto veio abaixo.

Meu Deus, pensou, esta casa a arder é uma maravilha.

Quando Anna se voltou, Sia tinha desaparecido.

Anna viu o fogo divertir-se e dançar. Nuvens de chamas ondulavam nas traves do teto, o fogo a cintilar em tons alaranjados e branco brilhantes. Do branco mais puro que Anna já vira. O incêndio apagaria aquela casa. Roubaria a honra do marido e de Chernov. Devoraria o seu mundo moribundo. Mas credo, o calor. Nunca sentira nada assim. E em pleno inverno russo.

Recuou a tropeçar até ao átrio, onde o fumo era menos denso. Retirou do bolso a arma do oficial morto.

– O Vadim deu-me um tiro durante o incêndio – gritou para as chamas. – Deixou-me aqui para morrer no fogo.

Anna encostou o cano da arma ao seu próprio ombro, tendo o cuidado de evitar ossos e ligamentos. Fechou os olhos com força. Depois apertou o gatilho.

RusFarm

Sabiam que as equipas do FSB estariam de volta do carro em menos de uma hora, por isso Max deitou Vadim no assento traseiro e envolveu-lhe a cabeça destroçada numa manta. Não queria sangue por toda a parte, a convencê-los de que ele tinha morrido. Sia saiu a correr pela porta da frente e desceu os degraus de mármore. Tinha o rosto coberto de cinzas, o cabelo viscoso e queimado. Por momentos, o mundo de Max focou-se nos detalhes: geada a cintilar sobre o para-brisas, um bocado de papel metido no suporte dos copos, as unhas de Sia, pintadas de vermelho e partidas, quando ela se sentou no lugar do passageiro e se voltou para trás para examinar o cadáver de Vadim.

O carro guinou sobre o gelo enquanto passavam pelos estábulos, pelas instalações veterinárias e pelo hipódromo, e pensou em como perdera o diabo do cavalo da mãe para sempre, para aqueles russos malditos. Felizmente que a energia continuava cortada e a única luz era a mancha ocasional da Lua, a neve brilhante e as chamas que saltavam do telhado da mansão atrás deles. Quando o carro galgava os buracos, as pernas sem vida de Vadim saltavam no assento traseiro.

Na bifurcação tentou visualizar as imagens de satélite com as linhas vermelhas que indicavam a possibilidade de fuga. Travou, e a dor subiu-lhe pela perna desde o pé. Esquerda, tinha a certeza absoluta de que tinha de virar à esquerda. Seria? Esquerda, disse Sia. Virou à esquerda. Conduziu a boa velocidade numa reta que levava à floresta. Em direção às colinas a norte da quinta e da linha de transmissão. Max subiu lentamente a encosta para evitar derrapar, mas na base gelada do monte deslizaram para um barranco pouco profundo. As rodas giravam sem parar.

– Estamos longe de mais para seguir a pé – disse ela.

– Temos de escavar – replicou Max. Saiu do carro para a neve.

Escavaram a neve de baixo dos pneus. Grandes aglomerados gelados,

que entorpeciam as mãos de Max através das luvas. Limpou a neve até as rodas tocarem a terra castanha e congelada e os seus dedos arderem do frio. Voltaram para o carro. Empurrou-o para a frente, para a estrada, e derraparam mais uma vez, mas ele evitou que caíssem noutra vala. Agarrou o volante com as mãos vermelhas do frio. A neve caía, rápida e densa, e não conseguia evitar que o carro derrapasse. Ele e Sia tentavam calcular se o plano de Anna daria resultado, mas era difícil falar com o carro a deslizar e a derrapar e o morto no banco traseiro, mais o seu maxilar magoado e o pé cheio de sangue.

– Não podemos deixar que nos apanhem – declarou Sia. Os seus dedos brancos agarravam com força a pega por cima da porta, sempre que saltavam uma lomba.

– O Vadim tem uma arma com ele? – perguntou Max.

Sia voltou-se para o banco traseiro para investigar os bolsos de Vadim.

– Não – disse. – Merda. Merda. Merda.

– Então temos de fazer com que nos matem – disse ele.

O caminho terminava numa frágil sebe de madeira no sopé de um monte. Max ainda não conseguia divisar a silhueta da linha de transmissão lá em cima. Esperava ouvir a qualquer momento o ronronar das pás de um helicóptero, o ladrar dos *lobos-da-alsácia*, os gritos e os passos de uma equipa de perseguição.

– Vou levar o Vadim – disse Max, e espreitou o cume escuro. – Meu Deus!

RusFarm

Anna deixou-se ficar na escuridão do estábulo. Viu pela janela uns faróis a serpentearem em volta da estátua junto da casa. Dois carros. Carrinhas. Saíram oito homens. Viu um a falar para um rádio; outro a fazer uma chamada no telemóvel. Experimentaram pelo menos três portas, mas o fogo era tão extenso que não puderam entrar na casa e ficaram a olhar para o incêndio. Eram demasiados para os matar. E, de qualquer forma, não os conseguiria ocultar. Fez deslizar a porta o suficiente para que coubesse um cavalo.

Penelope relinchou e meteu a cabeça pela abertura da sua baia ao ver Anna aproximar-se. Esta afagou o focinho do animal e tentou pôr-lhe os arreios. O seu braço esquerdo pendia sem força ao longo do corpo. Arrastou um banco para junto da égua e colocou desajeitadamente a sela e o freio. Depois, com a mão direita, levou o braço esquerdo até ao freio e colocou os dedos em volta dele. Pontos brancos dançavam-lhe diante dos olhos. Segurou o freio e conseguiu contorcer-se para montar a égua, de barriga para baixo. Com o nariz encostado à crina do animal, Anna endireitou-se. Apalpou o casaco em busca do telemóvel e da arma. Ainda ali estavam, felizmente. Levou *Penelope* a trote para dentro da noite.

O fogo chegava agora às janelas do segundo andar. Algumas chamas chegavam ao telhado. Ligou a Maximov. Não obteve resposta, mas deixou uma mensagem apressada a explicar os acontecimentos da noite e avisando-o da ameaça eminente.

Depois levou *Penelope* a trote em direção ao norte. Estás morta, gritou para trás, para a casa que se extinguia. Estás morta. Dobrou a mão em volta do contorno tranquilizador da arma. Procurando abstrair-se da dor do ombro, levou *Penelope* em direção ao cume, seguindo os rastros dos pneus através da neve fresca. Anna não sabia se seria capaz de matar Sia. O zumbido baixo dos

helicópteros indicava que talvez alguém o fizesse primeiro.

A princípio, Sia ouviu o leve zumbido por entre o brilho da neve, mas este em breve foi abafado pelos grunhidos e impropérios de ambos e pelo deslizar das botas através da neve recém-caída. Caminharam a custo pelo trilho, subindo em ziguezague até ao cimo do monte, que não parecia ficar mais perto. As rajadas de vento açoitavam a encosta e lançavam uma bruma ofuscante para o rosto de Sia. Max avançava à frente dela com Vadim às costas. Quando o vento se aquietou, o zumbido transformou-se num *tump-tump* de hélices invisíveis. Sia sentia os ossos frios, os pés e os dedos das mãos dormentes. Não lhe restava adrenalina. Queria deitar-se. Max gritava-lhe lá de cima e o seu contorno era quase invisível através dos flocos. Sia arrastava os pés sobre o manto de neve. Só o fogo na casa distante iluminava o vasto céu branco.

Quando chegou junto de Max, encontrou-o de joelhos, com o corpo de Vadim a seu lado. Estavam à beira de um precipício. Max apontou para baixo. A princípio, Sia via apenas branco. Depois os flocos tornaram-se menos densos e ela viu o *BMW* abandonado. E um cavalo. Com alguém a montá-lo. Anna ergueu o braço na direção de Sia e ouviu-se um tiro que ecoou no céu. Sia caiu para trás na neve. Rastejou ao lado de Max.

– Mas que porra está ela a fazer? – perguntou Sia.

Max não respondeu. Nessa noite ambos tinham estado na casa e sabiam do que aquela mulher era capaz. Devia tê-la deixado morrer no incêndio, pensou Sia, devia ter apenas fugido. Afastaram-se da beira do precipício e levantaram-se, Max pôs mais uma vez o cadáver de Vadim aos ombros e continuaram a subir.

Palo Alto

Olá Rhonda, é a Sia, só para te dizer que vamos voltar um pouco mais cedo do que o previsto. Vamos partir agora, oh, merda, Max [Gritos e resmungos inaudíveis]. Desculpa lá, Rhonda. Estamos a caminhar neste momento e tropecei. Nem acredito! Vamos encontrar-nos com os amigos. Devemos chegar dentro de minutos. Somos três e, bom, gostaria que os avisasses para que tudo esteja pronto. Eu... [nove segundos de uma enfiada de palavrões, berros e gritos inaudíveis] Desculpa lá isto, Rhon! OK, sim, por favor assegura-te de que estão preparados, porque estamos tão desejosos de partir imediatamente e com os amigos. Preciso de falar com a Lulu imediatamente, tenho mensagens importantes e assim, por isso, podes dizer-lhe que ligue já aos amigos para que eu possa ter uma pequena conversa com ela? Já, percebeste? Obrigada!

[S. Fox termina a chamada às 2h47 da manhã, hora de Moscovo]

Procter acenou a George, que parou o áudio. Snake acendeu um cigarro dentro do centro de comando. Ninguém se queixou, nem sequer pareceu notar.

– De quando é esse corte? – perguntou Procter.

– É de há seis minutos – respondeu George. É o tempo padrão.

– Estão vivos – disse Procter. – Caramba, estão vivos. – Procter abanou George pelos ombros até os óculos lhe caírem.

– Liga para os SCORPIONS. Já. Foda-se, já!

RusFarm/Palo Alto

Pekka Juhani nunca ouvira o irmão mais novo, Arvo, falar, mas as palavras não eram necessárias para compreender a agitação com os americanos. Sobre eles havia uma linha de transmissão e, cem metros mais adiante, a subestação que tinham sabotado ao princípio da noite. PJ afastou-se do seu frustrado irmão e ligou os limpa-para-brisas. A cada movimento distinguia o leve brilho do incêndio e as manchas azuis e vermelhas das sirenes que cintilavam em volta do fogo. Langley tinha-lhes dito que cortassem a energia. E fizeram-no. Depois a casa começou a arder.

Arvo continuava a usar a língua gestual.

– Não é a mim que tens de te queixar – disse PJ.

Chegou uma mensagem no programa *covcom* integrado no telemóvel de Arvo. Arvo espetou-lhe o ecrã na cara.

Lulu: Aguenta-te. Vão chegar três encomendas para guardares. Quando chegarem liga-me para o +358 9 3935243.

Era um número de Helsínquia.

– *Cowboys* americanos – resmungou PJ.

Esperaram. Arvo comeu três maçãs tão depressa que PJ ficou preocupado, não fosse ele engasgar-se. Depois vieram as hélices. Espreitou através do para-brisas, mas nada viu. Dois, talvez três helicópteros, não tinha a certeza. Pairavam junto da casa. Se tiverem câmaras de infravermelhos a bordo, pensou PJ, vamos morrer.

Arvo atirou um carço de maçã para o chão e fez sinal a PJ.

– Não creio que tenhamos muito tempo – disse PJ.

Arvo anuiu e voltou para o programa *covcom* para mandar uma mensagem à mulher – isto é, PJ calculava que fosse uma mulher. Sem saber porquê, imaginava que Lulu fosse uma surfista loura de pernas altas da Califórnia. Nunca estivera nos Estados Unidos, mas a imagem correspondia às

comunicações mercuriais, alegres e ocasionalmente sugestivas que recebiam dela. Arvo bateu com o seu pulso enorme no painel dos instrumentos. PJ sabia que Lulu insistia mais uma vez que esperassem.

– Diz-lhe que precisamos de um bônus se o fizermos. Um grande bônus – disse PJ. – Apontou para as traseiras do caminhão. Vamos meter ali três pessoas. Se os russos nos detiverem e abrirem o caminhão, estamos feitos, Arv.

Arvo carregou furiosamente nas teclas do telefone.

Nesse momento, a núbil loira californiana da imaginação de PJ batia com o punho numa secretária WeWork desativada, por pouco não acertando nos *Twizzlers* e nos *Red Vines*. Os números enormes do relógio diziam 3h02 a.m. em São Petersburgo. Procter encontrava-se atrás do ombro de Snake, absorvendo a mensagem dos SCORPIONS.

– Os malditos finlandeses estão a apertar-nos – disse Snake.

– Diz que sim à merda do dinheiro – afirmou Procter. – E mais 500 mil quando saírem de lá e se enfiarem nas suas saunas.

Um único tiro soou no ar.

Os irmãos trocaram olhares. PJ saiu para a tempestade de neve e abriu um dos compartimentos laterais do caminhão. Retirou uma velha espingarda M/28 e pô-la ao ombro. Pertencera ao avô. Ele e Arvo usavam-na para caçar animais. O avô usara-a para caçar soviéticos durante a Guerra de Inverno[9]. Meteu dois *Makarovs* nos bolsos. Abriu a porta da cabine e entregou um a Arvo. PJ odiava os russos. O avô tinha sido morto por uma bala russa em Kollaa e, mais recentemente, um grupo de agentes do FSB extorquirá de uma das lavandarias que ele e Arvo possuíam no lado russo da fronteira a exorbitante quantia de metade dos seus lucros anuais. A perspectiva de matar homens do FSB espicaçava-o.

– Vou dar uma espreitadela – disse.

Com a espingarda do avô ao ombro, PJ dirigiu-se ao caminho que levava ao cume do monte e posicionou-se num bosque de abetos. No princípio do caminho viu apenas a neve branca e, por vezes, o contorno fantasmagórico dos abetos e pinheiros. O vento uivava, mas, por entre as rajadas, ouviu o ruído das sirenes junto da casa. Minutos depois ouviam-se vozes mais abaixo, no trilho. Apoiou a espingarda num ramo e espreitou através das pequenas orelhas de ferro da mira. Primeiro apareceu uma mulher. O motor sussurrou e os faróis acenderam-se. Arvo também a tinha visto.

Arvo inundou a mulher com a luz dos faróis; mesmo assim PJ não conseguia ver-lhe bem o rosto. Não parecia russa, muito menos da polícia ou do FSB. Acenava, gritava. O vento levava-lhe as palavras.

Ele meteu a cabeça dela entre as miras da espingarda.

[9] A Guerra de Inverno, também conhecida como Guerra Soviético-Finlandesa ou Guerra Russo-Finlandesa, começou quando a União Soviética atacou a Finlândia, bombardeando a capital Helsínquia a 30 de novembro de 1939, três meses após o início da Segunda Guerra Mundial. (N. da T.)

RusFarm

Anna falava com *Penelope* num murmúrio, com a neve a cair sobre o casaco, enquanto subiam a trote as voltas e as curvas da encosta. Já antes percorrera aquele caminho a cavalo e recordava-se de que os últimos metros eram íngremes, estreitos e muito arborizados. Teria de acabar o caminho a pé. Tocou com os calcanhares nas costelas de *Penelope* e o animal ganhou velocidade. A neve abrandava. Ainda bem, pensou, os investigadores do FSB poderão ver o meu rasto. Encontrarão as balas da minha arma. Ao descrever uma curva, conseguiu ver ao longe a casa em chamas, depois, mais uma volta e viu o fim do caminho aberto.

A seguir, um branco total e o nada por alguns segundos.

Continuou o seu caminho, apesar de sentir a energia a diminuir, mesmo com a sua obsessão. O seu braço esquerdo era uma manga de vento ao sabor da brisa. Não sentia a carne, estava fria, não doía, mas já não fazia parte dela. Meteu a mão direita no bolso do casaco para retirar o telemóvel e abriu o histórico das chamadas. Viu o número de Maximov, com os olhos a piscar enquanto os flocos de neve lhe açoitavam o rosto.

Mais uma vez, um branco total.

Obrigou o cavalo a parar e olhou para baixo. Não sentirei se cair sobre o ombro, pensou. Tentou passar a perna direita por cima de *Penelope*, mas sem a conseguir elevar o suficiente, acabou por cair sobre a neve e ficar sem fôlego. Deixou-se ficar no chão até conseguir encher os pulmões. Levantou-se devagar.

Ligou para casa de Maximov e deixou o telefone tocar três vezes, depois desligou. Deixou cair o telemóvel.

Depois, quando a tempestade abrandou um pouco, viu Max na base da encosta íngreme, a tentar subir com Vadim às costas.

Apontou a arma para Max. Desviou o alvo para a direita. Apertou o

gatilho.

Os pés de Max estavam gelados, mas o dedo ardia-lhe a cada passo. Outra bala passou de raspão. Anna falhava por pouco e atirava por entre uma tempestade de neve, *Pinche rusa culera!* Enfiou um pé na neve, caiu para a frente com o cadáver de Vadim sobre ele. Afastou o corpo e sentou-se ali, aturdido, até ouvir Sia gritar do cimo do monte e depois um estalido e uma pressão passar-lhe pelos ouvidos. Muito próximo. Agarrou no braço de Vadim e deu-lhe três puxões, até que acabou por cair novamente e deslizar mais para baixo na neve.

Firmou os pés.

Puxou e empurrou Vadim até sentir outro par de mãos começar a puxar o corpo até ao cume. Max escorregou outra vez e ouviu-se mais um tiro. Sia aproximava-se dele. Gritava acerca de uma passagem para norte. Os gritos dela alternavam entre o inglês e o africânder. Max levantou-se a coxear. Sia agarrou-lhe o casaco, puxou-o, e ele reparou que ela tinha um olhar exausto e acabaram por cair um sobre o outro no final do caminho.

RusFarm

PJ viu Arvo puxar os dois agentes da CIA para o caminhão quando o nevoeiro se instalou novamente no cume do monte. A mulher gritava num misto irascível de inglês e de outra língua que nenhum dos finlandeses conseguia reconhecer, muito menos entender. O homem desmaiara. Os finlandeses meteram-no primeiro a ele no caminhão e depois o cadáver, que lhe parecia ser de um russo. Provavelmente um agente secreto a trabalhar no próprio país, coitado, apesar de ser russo. Ficou a pensar se teria sido o atirador lá em baixo no trilho que o teria matado. Falaram com Lulu ao telefone e passaram-na à mulher do cabelo escuro. Ouviu outro tiro disparado mais abaixo. Um revólver, pensou.

Regressou à sua posição entre as árvores, olhou na direção do cano da espingarda, exatamente para onde pensava que se encontrava o princípio do caminho. O mundo era branco, apenas iluminado pelos faróis do caminhão. Quando o muro branco se dissipou, viu uma mulher baixa no cume. Marcou-lhe o peito com a mira e soltou o ar dos pulmões, preparando-se para atirar. A mulher olhava para o caminhão. O vento amainou, o cume ficou em silêncio, sentia as mãos firmes. Ela tinha um revólver ao lado. Quem quer que fosse, perseguia os agentes da CIA. PJ enquadrrou a cabeça dela na mira. Àquela distância não erraria.

O caminhão fez Anna sorrir. Inteligente. Um homem grande arrastava Max para trás do veículo. Sia gritava, mas a língua em que o fazia era-lhe desconhecida e o vento levava as palavras dela.

Sinto o cheiro do fogo aqui em cima, pensou Anna. O fumo doce daquela casa morta.

Ouviu-se o tiro de uma espingarda. Teria sido atingida?

Deu por si de barriga para baixo.

Depois começou a aquecer. Estou demasiado quente para morrer na neve, pensou.

Palo Alto/Washington

Um ecrã de 292 polegadas, comprado a um preço considerável pelo contribuinte americano e, mesmo assim, muito pouco nítido e com pixels, começou a funcionar na parede do centro de comando da WeWork para revelar o Gabinete de Crise da Casa Branca. Piper e Bradley acompanhavam o Presidente, que parecia nervoso mesmo através do ecrã. Fora aparentemente arrancado do jantar com a família na sua residência e trouxera um prato de onde comia qualquer cosia que parecia frango frito. Bradley informou-o dos acontecimentos dessa noite. O Presidente empurrou o prato para o lado com uma expressão de desgosto e agitação.

Bradley passou então a gravação da chamada telefónica de Sia para Procter. Descrevia a rota de fuga quando o Presidente o interrompeu.

– Quanto falta para passarem a fronteira? – perguntou.

– Semanas – respondeu Bradley. – É demasiado arriscado passá-los de forma oficial. Principalmente se PERSEFONE cumprir a sua ameaça. Terão de se esconder durante algum tempo.

– Isto é uma confusão incrível – disse o Presidente. – Que raio está essa PERSEFONE a fazer?

Ninguém tinha resposta para a pergunta, nem sequer Procter. Manteve-se de boca calada.

Piper passou desinfetante nas mãos.

– Deixem-me então ver se percebo isto. Na quinta, há uma vigilância hostil aos nossos agentes da parte do FSB. Essa Sia passa o computador à PERSEFONE. Voltam para casa. Os nossos agentes são agarrados, interrogados...

Procter interrompeu-o.

– Cortaram um dedo do pé ao nosso homem.

O Presidente fez uma careta ao olhar para o frango.

– Muito bem – continuou Piper. – Torturam o fulano. Onde está a PERSEFONE durante tudo isto?

– Depois de terem confirmado a vigilância – disse Procter já a perder a paciência –, a Sia e a PERSEFONE elaboraram um plano de ação para a fuga. Esse plano... bom, devo precisar que recebi informações truncadas da parte da Sia, pois a sua chamada telefónica foi feita da cabine de um camião às guinadas sobre estradas não pavimentadas durante um nevão, entalada entre um cadáver e o agente sem o dedo, e acaba de assistir a vários assassinatos naquela casa e o FSB anda atrás deles. Só para que saibam. De qualquer forma, esse plano implicava aparentemente que PERSEFONE se dirigisse a um compartimento da casa que acreditavam não estar vigiado por câmaras, que fosse buscar um carro e tentasse confirmar ou anular essa vigilância e que depois usasse o carro para se dirigirem os três para o ponto de fuga. Era isso que a PERSEFONE estava a tentar fazer.

– Bom, pouco importa, como é óbvio não devemos seguir em frente – disse Piper. – Mas que raio andava a PERSEFONE a fumar para pensar que íamos começar agora? Esta noite? Que loucura.

O Presidente arrancou a pele da perna do frango. Procter não chegara àquele ponto para deixar que as vigarices políticas e os olhares para o próprio umbigo arrasassem uma ótima operação. E pior, ignorassem o sacrifício feito pelos seus agentes. Na sua mente surgiu uma explosão na Base de Khost, uma espingarda a disparar dentro da Embaixada de Damasco, o esmagar de uma garrafa na cabeça daquele idiota em Dushanbe. Cada memória surgia como uma bola de sabão no seu cérebro. Então levantou-se, puxou para cima a camisa rosa fluorescente e voltou-se para que os homens no gabinete de crise vissem as nove estrelas tatuadas em linha sobre os seus músculos dorsais. Ouviu o bater metálico do garfo do Presidente a cair na mesa.

– Artemis, caramba... – disse Bradley em voz sumida.

– Sete são de Khost – declarou. – Duas da Síria, quando fui chefe em Damasco e Amã. As estrelas vão continuar depois de eu vingar a nossa gente. E se não pusermos isto em marcha, bom, cavalheiros, cagamos nas informações que os nossos dois agentes recolheram com tanto esforço. A contribuição deles vai pela sanita abaixo. Porque todos sabemos que a glória não está guardada para estes dois. O que os espera esta noite talvez seja a presença de duas estrelas anónimas na parede e depois nas minhas costas. Então pronto. Aniquilação. E sabe uma coisa, Sr. Presidente, essa merda não funciona para mim. Preocupo-me com duas regras: recolher informações e proteger os seus agentes. Pois, caraças, não estamos a cumprir a última. Podemos conseguir a primeira. A única maneira de os vingar será terminar o que começaram. Peguem no maldito dinheiro e comecem a nossa pequena conspiração. Vejam o que acontece em Moscovo. É o mínimo que devemos a esses dois.

Voltou-se de frente para o ecrã. O Presidente levava a mão à boca. Olhou para Bradley, para Piper, e os seus olhos pousaram em Procter. Anuiu.

– Ponham a equipa a trabalhar. E, por amor de Deus, menina Procter, baixe essa maldita blusa.

Nem todos estavam acordados, de modo que Procter entrou pelos quartos aos gritos, acendendo as luzes, arrancando os pálidos desgraçados aos lençóis à maneira frenética do acordar num campo de prisioneiros. Reuniram-se diante do ecrã de videochamada.

Bradley apontou para Procter. *O palco é todo teu.*

– Quando começarmos isto – começou Procter –, agindo como Vadim Kovalchuk, o nosso programazinho apocalíptico vai exigir a compra de 345 milhões de dólares de bitcoins através de uma casa de câmbio em Hong Kong. Este dinheiro tem origem em dezenas de contas em jurisdições situadas em todo o mundo. Separadamente, fundos que vão de várias centenas de milhares a dezenas de milhões de dólares serão transferidos de contas geridas por Vadim para contas privadas de sete indivíduos dentro da Federação Russa... todas elas vistas e assinadas por si, Sr. Presidente. Isto inclui Vassily Gusev, conhecido como Ganso, um dos seus tenentes chamado Chernov, diretor do FSB, subchefe da Rosgvardia, e três coronéis que julgamos comandarem unidades que os militares colocarão em Moscovo no caso de uma sublevação. A nossa plataforma WINKELVOSS, de que o senhor também foi informado, espalhará grande parte do pó digital necessário para convencer os investigadores de que se preparava uma conspiração – Procter fez uma pausa. – Depois esperamos que se comecem a matar uns aos outros.

– Quanto dinheiro pensa poder movimentar? – perguntou o Presidente.

– Não sei – respondeu Procter. – Menos do que inicialmente pensávamos. O FSB estará no apartamento de Vadim numa questão de horas e alguém vai estar dentro do seu computador, dentro das contas que conhecem, tentando deslindar as coisas.

– Pode começar – disse o Presidente.

Procter ouviu alguém murmurar oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus, respirar fundo, e depois o som das teclas.

O caos começou em Washington, saltou entre Palo Alto e Hong Kong e explodiu, por fim, em Moscovo.

Procter sentou-se durante toda a noite com técnicos e o pessoal do FINO e, ao amanhecer, o espaço de trabalho cheirava a *Pop-Tarts* queimadas e ao perfume da água-de-colónia a ceder ao odor corporal. Algumas transações foram bloqueadas. Por exemplo, o dinheiro do Banco Rossiya não podia seguir para comprar criptomoeda em Hong Kong. Mas muitas transferências de outros bancos foram devidamente aprovadas. Os TROIANOS tinham penetrado de tal forma na vida de Vadim que o FSB estava a ver-se em sérias dificuldades para o extirpar.

No fim da noite, Procter ligou a televisão por satélite na Rossiya-1. A televisão estatal russa.

Havia quatro bailarinas envergando tutus brancos a dançar ao ritmo da música rica e lírica dos sonhos febris de Procter.

Os russos passavam os mesmos programas que tinham acompanhado a morte dos líderes soviéticos: Brejnev, Andropov e Chernenko.

Era o mesmo *ballet* que tinham passado durante três dias aquando da tentativa de golpe de Estado no governo de Gorbachev em 1991.

O Lago dos Cisnes de Tchaikovsky.

Procter sorriu.

Langley

Artemis Aphodite Procter lembrar-se-ia sempre desses quatro caóticos e gloriosos dias de dezembro e guardá-los-ia no seu coração.

Viu no *Telegram* um vídeo amador de tanques e veículos blindados reunidos em redor do quartel-general do FSB em Lubyanka.

A estátua reinstalada de Iron Felix olhava com o que Procter calculava ser ansiedade – mas com algum respeito relutante – para a conspiração que se desenrolava à sua volta. As trémulas câmaras dos telemóveis captaram os tanques estacionados na Praça Vermelha e operacionais vestidos de negro a patrulharem o Kremlin. Havia um vídeo de helicópteros ligados a unidades de contraespionagem militar do FSB a voarem para bases aéreas na região de Moscovo. A CIA recebeu relatórios não confirmados de que várias unidades militares tinham sido presas em bloco e enviadas para leste em vagões. Imagens de satélite e interceções confirmavam que o caos em Moscovo paralisara de forma confusa a movimentação das tropas russas dentro da Ucrânia.

O Kremlin mantinha-se em silêncio.

Os apresentadores especulavam que Putin se retirara para a sua *villa* em Idokopas, ou talvez para um dos *bunkers* presidenciais nos Urais. Na verdade, a CIA não fazia ideia de onde ele se encontrava.

Os protestos antigovernamentais em Moscovo e São Petersburgo, ausentes em grande parte desde os primeiros dias da guerra da Ucrânia, aqueceram quando os russos se aperceberam da fraqueza entre a incerteza. Os protestos aumentaram – as imagens de satélite revelaram que havia cerca de dez mil pessoas em algumas manifestações – até que os boinas negras, as forças especiais russas, reprimiram uma em Bolotnaya com munições verdadeiras. No quarto dia, os tiroteios e uma desagradável onda de frio desencorajaram todos, exceto os manifestantes mais fervorosos.

Mesmo assim, o Kremlin mantinha-se em silêncio.

O rublo desvalorizou-se ainda mais, e o preço global da Bitcoin disparou durante os quatro dias de negociações. Apenas alguns comentadores ligaram os dois acontecimentos e, mesmo assim, só para notar que os investidores podiam estranhamente recorrer à criptomoeda como proteção contra o risco claro e crescente de uma instabilidade global.

E, na manhã do dia de Natal, a CIA recebeu por fim o SIGINT a confirmar o que os membros da oposição russa já diziam havia um ou dois dias – Vassily Platonovich Gusev, o Ganso em pessoa, há muito aliado de Putin, secretário do poderoso Conselho de Segurança, fora detido e preso em Lefortovo.

Putin fez um discurso na noite de Natal.

Estava pálido, o seu rosto ainda mais inchado do que o habitual. Como costumam fazer os homens fortes perante uma população arrogante, Putin apelou à calma. Acusou “agentes estrangeiros” de incitarem à conspiração contra o povo russo e aos seus representantes devidamente eleitos. Não sorriu. Raras vezes pestanejou. Usava um relógio *Richard Mille Tourbillon* (preço de venda 583 mil dólares) com uma caveira dourada no mostrador que indicava tratar-se do dia 24 de dezembro, o dia anterior. Ligou o ataque à Rússia aos Estados Unidos, ao nacionalismo ucraniano (embora não pronunciasse uma única vez a palavra *Ucrânia*) e ao nazismo, todos unidos numa cabala hostil à existência da Rússia e à sua missão especial no mundo. Aludiu a novas purificações da nação e a glórias não especificadas que a esperavam.

Putin foi interrompido no meio de um monólogo furioso acerca dos manifestantes (referiu-se a eles apenas como “colaboradores”) exatamente às 20 horas, hora de Moscovo. Conforme o seu relógio sugeria, o discurso fora gravado anteriormente para ser adaptado ao horário noturno do Canal 1 e Putin alargara-se. Mais tarde, a CIA soube que o original se estendia por 72 minutos, excedendo em 12 minutos o espaço designado. Depois do discurso, Putin desapareceu. Para os labirintos do Kremlin, para a sua propriedade no Mar Negro. A CIA ignorava.

Procter leu tudo o que surgia de mais de uma dezena de centros globais de informação russa. O que se percebia, para grande gozo de Procter, era o retrato de um caos generalizado. A investigação do FSB acerca das transferências bancárias de Vadim Kovalchuk e os registos telefónicos tinham desencadeado uma onda de prisões. A Prisão de Lefortovo fora esvaziada para poder conter os alegados conspiradores. Vários morreram enquanto resistiam à detenção, incluindo um coronel da polícia militar, morto a tiro em casa, diante da sua árvore de Ano Novo. Porém, o FSB estava a libertar os presos a conta gotas, pois era evidente que muitos não tinham qualquer ligação à tentativa de golpe. Mas uma fonte relativamente nova sugeria o que a Chefe pensava ser uma leitura acertada do estado de espírito do presidente russo. Este acreditava que o Ganso, Vadim Kovalchuk e um grupo de colaboradores bem colocados tinham tentado derrubá-lo.

A Rússia a virar-se contra si própria, escreveu Procter a Bradley numa nota apensa ao relatório.

E o que era feito de Vadim Kovalchuk? O misterioso banqueiro no centro do *putsch* não surgia nos títulos das notícias, mas o seu nome aparecia em vários documentos com informações secretas vindos de uma fonte russa sediada na base de Paris. A fonte afirmava que Vadim Kovalchuk fora retirado da Rússia. O FSB percorrera cada centímetro do país. O SVR *rezidentury* de todo o mundo tinha sido encarregado de localizar o seu paradeiro. Ninguém sabia, afirmava a fonte, mas toda a gente perguntava: Onde está Vadim Kovalchuk?

Procter fez uma visita ao gabinete de Bradley numa tarde pardacenta de janeiro para aprovar a resposta da CIA a essa pergunta.

Era a hora de saída dos trabalhadores que tinham de picar o ponto. O trânsito pedestre no sétimo andar passava por ela como água enquanto se dirigia ao gabinete dele. Levava apenas uma *pen* muito fina. Nela estava pendurada uma pequena etiqueta indicando que tinha autorização da segurança para transportar o dispositivo eletrónico dentro do edifício. Bradley acenou-lhe para que entrasse. Ela tocou no lança-torpedos e no lança-mísseis para lhe darem sorte e sentou-se à mesa.

Empurrou a carteira de criptomoedas na direção de Bradley. O Túmulo. Bradley sorriu.

– Então? O que queres fazer com isto?

– Quero uma lancha rápida. Talvez consigas aquele cavalo de San Cristobal para a Angela, antes que os mercados de criptomoeda vão ao fundo.

Bradley soltou uma gargalhada.

– Alguma coisa dentro dos limites permitidos pelos advogados?

– Nem por isso.

– Tenho a certeza de que te lembrarás de qualquer coisa. – Devolveu a carteira. Procter meteu-a no bolso.

– O Vadim? – perguntou.

– Sim.

– Li o teu recado, Artemis. Não sei se concordo.

– Por que diabo não hás de concordar?

Ele sorriu.

– Bom, para começar, porque havíamos de nos implicar formalmente nessa loucura de Moscovo?

– Tens lido os relatórios, Ed, pensam que já têm informações sólidas. O Putin culpa-nos publicamente. Ouviste o discurso dele.

– E ganhamos o quê, exatamente, se dermos mais força a essa ideia dentro do Kremlin?

– Damos uma oportunidade à PERSEFONE de se safar.

Bradley alisou a gravata e coçou a cabeça.

– Depois do que aconteceu – disse –, não sei se haverá vontade para isso. De qualquer forma, provavelmente estará morta.

– Duas coisas, Ed – ripostou Procter. – Depois calo-me. Uma, a operação da PERSEFONE possibilitou tudo isto. Literalmente, nada teria sido possível sem ela. Devemos-lhe isso.

– Tretas, Artemis – exclamou Bradley. – Não lhe devemos nada. Ela deu cabo da operação e talvez tenha tentado matar os nossos agentes.

– Há alguma verdade nisso – concedeu Procter. – Mas primeiro salvou-os. Se não fosse pela sua intervenção, estariam mortos, enterrados em campas anónimas naquela quinta satânica. E mais, o Castillo tinha quase a certeza de que ela tentava falhar quando disparou sobre ele durante a fuga.

Bradley não respondeu.

– E qual é a segunda coisa?

– A segunda – continuou Procter –, é que o *clancomm* que lhe demos continua a funcionar. A PERSEFONE não o destruiu. Podia tê-lo feito com facilidade. Que raio, percorreu metade da maldita quinta a cavalo à procura do Castillo e da Fox. O alforge seria a primeira coisa que eu teria atirado para o lume e ela não o fez.

– Está morta – disse Bradley. – Ou pelo menos é o que pensam os finlandeses. Mataram-na.

– Bem sei, bem sei – afirmou Procter. – Por isso não temos nada a perder se tentarmos. Na pior das hipóteses, acabamos como estamos: a PERSEFONE fora da história e os russos a considerarem-nos responsáveis por termos dado cabo da merda deles.

– Ninguém acredita, nem por um segundo, que a PERSEFONE possa voltar. Nem o Piper, nem o Presidente. Se calhar, nem eu.

– OK! – Procter encolheu os ombros como se não quisesse saber. – Mas Ed, repara que disseste “se calhar”. O que é que uma miúda tem de fazer para que digas que sim?

Bradley lia o cartão impresso com a sua agenda diária e franzia as sobrancelhas, agitado.

– Qual é a tua proposta?

Na obscuridade do seu gabinete do Moscovo X, Procter encostou o bastão de basebol à secretária para arranjar espaço para o cofre. Parte da tinta e da estimada assinatura de Jim Thome estavam danificadas, mas o aglomerado de má qualidade da WeWork ficou muito pior. Dois homens das mudanças transportaram o cofre novo. Mostraram-lhe como mudar a combinação, lançando olhares cautelosos ao bastão. Ela preencheu um pequeno monte de papéis e ele foram-se embora.

Procter abriu o cofre e mudou a combinação de seis números para a data de nascimento de Vladimir Putin: 100752. Na parede do fundo colou a fotografia de Putin a cair no gelo durante um jogo de hóquei. Imprimira uma nova versão depois do que tinha feito com o bastão em Palo Alto. Forrou a base do cofre com uma impressão da sua fotografia nua, a que metera nas

calças de Anton antes de sair a toda a pressa do quarto do hotel em Dushanbe. Aquela que exibia a sua robusta feminilidade. A sua maldita força silenciosa.

Procter puxou da *pen* que tinha no bolso e fê-la girar por entre os dedos.

– Duzentos e vinte cinco milhões, trezentos e vinte e dois mil, quatrocentos e dezassete dólares e sessenta e um cêntimos – disse Procter, como um feitiço. Uma quantia insignificante do dinheiro de Putin. Mas virados contra ele, tinham feito toda a diferença.

Deu-lhe um beijo. Depois, com cuidado para não tapar a sua fotografia, colocou a *pen* ao lado e fechou suavemente o cofre.

Karelia

A aurora boreal brilhava no céu como fitas verdes. Duas pessoas calçando raquetes de neve saíram da cabana horas antes do nascer do sol, dirigindo-se ao prado do outro lado do lago. Karelia era um silencioso globo de neve, uma terra de água gelada – lagos, lagoas, ribeiros. No verão, disse PJ, os campos e os prados eram verde-esmeralda, a água como cristal azulado. Agora, um cobertor branco fora puxado sobre tudo aquilo. Era o lugar mais limpo onde ela já estivera, o ar tão frio e puro que, durante os primeiros dias, era difícil, quase doloroso respirar. Mas agora, deslizando sobre o gelo com as suas raquetes calçadas, Sia sentia-se mais forte do que nas últimas semanas. Olhando para Max à sua frente, reparou que os passos dele eram mais largos, mais fortes do que nos dias anteriores.

Os primeiros dias tinham sido marcados pela tristeza da impotência que acompanha um bombardeamento de artilharia, passados numa cave fria, com colchonetes sujos e um lavatório ferrugento. As paredes de cimento escorriam água. Duas lâmpadas pendiam do teto, suspensas por finas correntes, o finlandês mudo trouxe água, pão escuro, salsichas e um balde de plástico cheio de ligaduras e pomada para o dedo de Max. Souberam que PJ era o irmão mais baixo e mais velho. Arvo era mudo.

Na primeira noite na cave meteram-se nus debaixo dos cobertores em busca de calor e à espera de que o FSB deitasse a porta abaixo. Por vezes Sia levantava o pescoço e olhava para o teto, parecendo-lhe ouvir as pás dos helicópteros. O tempo avançava apenas segundo os grandes números verdes de um relógio digital. Nessas longas horas, colocar uma almofada sobre os ouvidos não abafava os helicópteros que não existiam; enfiar o nariz na almofada velha não suprimia o fumo que há muito se erguera da RusFarm;

fechar os olhos não apagava a imagem de Chernov a cortar o dedo de Max.

Três dias depois, quando o relógio indicou que era já noite, Arvo apareceu lá em baixo com roupas grossas e fraldas para adulto. Apontou insistentemente para o pulso, onde deveria estar um relógio. Sia olhou para a caixa das fraldas. Foi a única vez que viu Arvo sorrir.

Apenas as fraldas serviam. Por isso, com um sobretudo enorme, uma camisola apertada e luvas de criança, Sia subiu a escada e entrou numa garagem. O frio era cortante. PJ estava ao volante de um SUV. O escape recordou-lhe o incêndio da RusFarm e sentiu o coração acelerado. Arvo mostrou-lhe o compartimento por baixo do porta-bagagens. Lá dentro havia garrafas de água e de oxigénio e pacotes de bolachas. Encostou o dedo aos lábios num gesto solene. Entraram.

Viajaram durante horas. O cabelo de Sia estava emaranhado da transpiração; sentia os polegares dormentes. Urinou na fralda. A escuridão apertava, até que ela desistiu e usou o oxigénio para se equilibrar. Max encostou a testa à dela e Sia sentiu a mão dele. Tinha fome, mas receava vomitar se comesse. O piso mudou e passou a ser de gravilha e pedras.

Por fim, o carro parou. O *clic* de uma tranca. Luz ofuscante e ar gelado entraram no compartimento malcheiroso. Pestanejou. Uma forma pairou sobre eles. Atrás havia copas de árvores cobertas de neve e um céu azul brilhante. A forma era Arvo. O mundo estava silencioso. Franziu o nariz ao sentir o cheiro que vinha do porta-bagagens. Voltou-se e estendeu-lhe a sua grande mão para a ajudar a levantar-se.

– Desculpe – disse Sia.

A cabana situava-se numa península que entrava por um lago gelado. A pequena cozinha tinha um fogão de lenha e havia um único quarto com lareira. As traves do teto eram tão baixas, que tiveram de se curvar para evitar bater com as cabeças. Sia abriu as cortinas presas por uma corda. Não via mais nenhuma cabana junto ao lago. Nada se mexia nas árvores ou no gelo. Arvo e PJ transportaram caixas de mantimentos – comida, água, fósforos, dois kits de primeiros-socorros, líquido de isqueiro, jornais, duas espingardas, munições. Livros (todos em finlandês ou russo).

Atrás da cabana, PJ levantou uma lona e revelou uma pilha de lenha. Acenderam o lume e sentaram-se em frágeis bancos em volta do fogão a lenha a aquecer as mãos.

– Karelia – disse PJ, apontando para fora da janela.

– Rússia ou Finlândia? – perguntou Sia.

Arvo fez uma careta.

– Rússia – respondeu PJ, coçando a barba de dias. – Talvez mais umas semanas. Muita pressão. A Lulu explica, não há boas opções na fronteira

agora. Muito arriscado de carro. Não submarinos. Não aviões. A Lulu está a tratar. Vocês esperam aqui. Muito, muito a norte. Sozinhos. Nós voltamos. Quatro, talvez cinco dias. Mais mantimentos.

O sono profundo só chegou na quarta noite. No seu sonho, Sia cavalgava na RusFarm enquanto esta ardia. Pôs o cavalo a galope para ultrapassar as chamas. O calor ondulava nas suas costas. Depois, RusFarm era o antigo rancho Fox no Big Bend e ela pisava a erva o chaparral e o figo-da-índia da terra que outrora considerara a sua casa. Aberta, dura e livre. Um cavalo solitário aguardava no cimo do monte, o seu contorno pintado pela Lua do deserto. Dirigiu-se a ele.

Quando acordou, Max bebia café.

– Queres ir dar um passeio?

Vestiram a roupa de inverno, calçaram as raquetes e percorreram um caminho em volta do lago. O silêncio era total, tirando o ranger dos pés a pisar a neve. Ela andava depressa, desfrutando do calor nos seus músculos e da sede de ar puro dos seus pulmões. Uma hora depois chegaram a um lugar do outro lado do lago de onde se via a cabana. Limparam a neve de duas pedras e sentaram-se a comer as barras de granola que tinham trazido.

Sia arrastou uma luva pela neve para fazer a letra S. Depois I. A. Passou a bota por cima. Talvez seja melhor estar calada, pensou, mas em breve começava a falar.

– Se sairmos daqui vão espremer-nos durante meses. Polígrafos. Exames psicológicos. Interrogatórios intermináveis. Um pesadelo. Vai ser impossível pensar. Por isso, penso agora.

– Em quê? – perguntou Max.

Sia tossiu.

– Em que já não trabalho como deve ser. Que talvez já não saiba quem sou. – Riu-se. Era uma loucura ouvir aquilo em voz alta. Começou a fazer uma bola de neve.

– Quando entrámos na RusFarm – prosseguiu –, senti algo que nunca tinha sentido na minha vida. Andar por entre as sombras já não me entusiasmava. Aterrorizava-me. Queria saber o que mais havia ali. Se alguma coisa me perseguia. Ainda sinto isso.

Ela viu-o inclinar-se para diante, abrindo a boca, a pensar nas palavras. Mas estas não surgiram. Ele esperava. Sia tirou a luva e levantou a mão esquerda.

– Por exemplo, isto é novo. – Ficou por um momento a ver os seus

dedos tremerem. A seguir calçou a luva e continuou a fazer a bola de neve. Depois continuou. – E pergunto a mim mesma se a minha mão treme porque o meu corpo sabe qualquer coisa que a minha mente ignora: que eu não sei quem sou. Sou uma advogada ou uma NOC? Sim, sou as duas coisas. Sou americana, sul-africana ou britânica? Sim, também. Esta operação ficou lixada ou teve um sucesso incrível? Sim, sim. Enganámos a Anna ou foi ela que nos enganou? Sim. Sou uma impostora ou uma honrada patriota? Sim e sim. E por aí adiante. Francamente, já não consigo distinguir. Sei que estou a fugir de qualquer coisa. Só não sei do quê. – Atirou a bola de neve a uma árvore. – É isso – disse. – Não é claro. Nunca será.

Max ficou a vê-la fazer bolas de neve.

Não é claro. Desde o apocalipse da RusFarm que Max fantasiava com estranhos cenários, nos quais regressava triunfante a San Cristobal, como se nada tivesse acontecido. Um sonho idiota.

Tinha posto San Cristobal em perigo. Colocara-a no cepo.

Mas tinha sido ele a decidir? Talvez se eu tivesse dito, não obrigado, a Hoyt e à CIA, pensou, então não estaríamos aqui. Talvez se eu tivesse dito à Procter que estava farto depois da primeira visita à RusFarm. Talvez se eu tivesse querido descansar fora do ringue, sentar-me, gozar a vida civil. Deixar Sia, deixar a CIA, deixar que o mundo secreto se inclinasse e girasse sozinho. Então, talvez. O que não era um talvez, era que não importava. Estava feito. Max tinha guardado tudo tão no fundo que ficou surpreendido quando começou a falar.

Sia atirava preguiçosamente uma bola de neve contra outra árvore.

– Passei toda a minha vida a construir San Cristobal – disse. – A minha família, a minha alegria, está tudo lá. Conheço cada cavalo da fazenda. Cada animal. Tento honrar esse lugar, eu... – Sentiu o maxilar tão apertado, que pensou que ia rachar os dentes. Olhou para a outra margem do lago. Sia estava sentada na pedra e pôs-lhe uma mão nas costas.

– *Que se vaya todo a la chingada.* Que se foda tudo.

– Vão oferecer-se para nos recolocarem a ambos nos Estados Unidos, sabes – afirmou Sia. – No meu caso, não haverá problema, mas tu podes escolher.

– Nem por isso – respondeu. – Só tenho uma coisa a fazer.

– O que é?

– Ir para casa.

Agarrou num ramo caído e partiu-o sobre o joelho. Depois atirou com violência os paus para as árvores. Estavam a olhar para a neve a deslizar dos abetos quando Max ouviu um ramo estalar e passos na neve.

Karelia

Algo rangia através dos arbustos cobertos de neve das margens. Raquetes? Esconderam-se atrás das pedras para espreitar. Ouviram o quebrar de mais ramos. Baixaram-se mais, quase junto à neve.

Max deixara de respirar. A mão esquerda de Sia vibrava, os dedos estremeciam na pedra como um diapasão e ela tinha os olhos fechados.

As pegadas eram mais audíveis.

Apareceu um animal, a correr nas quatro patas. Era um grande urso castanho, com as narinas levantadas para farejar o ar. Max preparou-se para o ataque. O urso farejou a neve, em busca de qualquer coisa, depois olhou para Max com o focinho branco da neve. Olharam-se fixamente durante um momento aflitivo.

Depois o urso foi-se embora.

Max meteu mais troncos no fogão de lenha quase apagado. Sia ferveu água para fazer café. Sobre uma tábua cortou fatias de pão escuro, chouriço de alce e queijo finlandês que cheirava a queijo suíço. O queijo estava congelado, mas comeram todo o pão e o chouriço num agradável silêncio. Max serviu mais café a ambos. Tinha a certeza de que Sia não comera grande coisa depois do incêndio. Depois de terem comido, Max pegou num dos livros em língua finlandesa e deixou-se cair no sofá.

– Que raio, PJ e Arvo! – exclamou, folheando-o ao acaso. Nem um único em espanhol ou em inglês.

Sia riu-se. Estava junto à estante a examinar a seleção incompreensível. A camisola de gola alta que vestia ficava-lhe horrivelmente, mas as calças de ganga serviam-lhe na perfeição. Quando se voltou, apanhou-o a olhar. E também isso a fez sorrir.

Foi ter com ele ao sofá, apertou-lhe a mão e beijaram-se. Ele segurou-lhe a cabeça entre as mãos e acariciou-lhe as têmporas e a nuca. Não precisavam de falar, sabiam que deviam lentamente dar tempo aos seus corpos exaustos para que recuperassem. Ele beijou-lhe a nuca, as orelhas, as mãos dela acariciaram-lhe o cabelo.

Sia pôs-se de pé e despiu-se; fez-lhe o mesmo, mas com todo o cuidado, lembrando-se do dedo do pé. Olharam um para o outro na implacável luz da tarde. Sem roupa, sem sombras, sem máscaras. Max viu-lhe os sinais, os cortes, as nódoas negras, as pernas maravilhosas e intermináveis. Tudo. Era como o chalé de St. Ives, há muito tempo. O início daquele teatro, a história em que se tinham amado para o público. Agora não estavam a representar. Há muito que o público tinha partido.

Ele viu os olhos dela sobre ele, movendo-se para cima e para baixo, a refletir nas coisas. Fez o mesmo.

O momento parecia poder seguir em qualquer direção. Ela avançou um pequeno passo em direção a ele, ele em direção a ela.

Ela pegou-lhe na mão e ficaram no sofá, beijando-se e acariciando-se. A pele de Sia parecia diferente do que ele se lembrava. Mais suave, pensou. Nova para ele. Sentaram-se por um momento com as testas muito juntas, os narizes a tocarem-se, escutando a respiração um do outro. Aquilo seria o fim ou o princípio?

– Em que estás a pensar? – murmurou-lhe Sia ao ouvido.

Ele abriu a boca.

Ela beijou-o para lha fechar e puxou-o para si.

– Cala-te e diz-me.

Ao longo de 17 dias, o horário não se alterou. De manhã calçavam as raquetes e iam até ao lago. Almoçavam na cabana. Ao princípio da tarde dormiam a sesta e, por vezes, faziam amor e cortavam lenha antes que escurecesse. O sonho dela acerca da casa do rancho a arder transformara-se num ritual noturno, surgindo sempre antes de ela apanhar o cavalo iluminado pela Lua.

Apenas as visitas dos finlandeses quebravam a rotina. No sétimo dia, PJ trouxe material de leitura adequado: romances ingleses, revistas e jornais. Quando Max perguntou aos finlandeses se Lulu queria falar com eles, Arvo abanou o dedo. PJ explicou: Como pensam que apanharam o Bin Laden? Telefones. Aqui não há migalhas digitais. PJ disse que partiriam assim que Lulu considerasse que era seguro atravessar a fronteira, e eles só trocavam mensagens com Lulu muito mais a sul. Não sabia quanto tempo faltava.

No nono dia, Sia fez um esforço para passar os olhos por um exemplar do *New York Times*, com data de 27 de dezembro. Na primeira página havia um artigo com o título “Noite das Facas Vermelhas? Novas Pistas Esclarecem o Golpe Frustrado em Moscovo”.

Sia guardou o jornal até à noite e depois serviu-se dele para acender o

fogão de lenha.

No décimo sétimo dia, Max e Sia voltavam do passeio pela neve quando ouviram latidos e descobriram dois trenós estacionados junto da carrinha de PJ. Os *huskies* descansavam sobre a neve acumulada. As cortinas da cabana estavam fechadas. Arvo apareceu com grandes bacias de água para dar de beber aos cães.

Lá dentro, Sia viu que a cabana tinha sido limpa: os lençóis dobrados, e os seus poucos artigos de vestuário tinham desaparecido. Havia uma mochila à porta.

– O pior já passou – disse PJ. – Conhecemos os tipos da fronteira. Vamos hoje.

Os agentes da CIA seriam passados clandestinamente para a Finlândia, escondidos em compartimentos nos trenós. Arvo entregou-lhes sacos com cereais e duas garrafas de água. PJ retirou coisas da carrinha: uma arma, binóculos, cobertores, uma tenda, uma geleira. Sia deu uma última olhadela à cabana. Os dias ali passados haviam sido simples. Aborrecidos. Os seus dias não voltariam a ser aborrecidos por muito tempo, o que a entristecia. Os finlandeses meteram-nos nos compartimentos dos trenós e penduraram as coisas no exterior. Se alguém se cruzasse com eles, ficaria com a ideia de que os finlandeses seguiam de trenó para caçar.

O gelo e a neve resvalaram por baixo do trenó quando este se pôs em movimento. Viajaram durante quatro horas. Onde será a fronteira?, interrogava-se Sia. A maldita fronteira russa.

Por fim, abrandaram. Conversa em russo, PJ e duas vozes desconhecidas. Pararam. Mais conversa, desta vez mais irritada. Sia fechou os olhos com força. Escutou o coração. Alguém pôs a mão no trenó por cima dela. Mais conversa. Mais tensa. Algo restolhou sobre ela. Ia reagir se abrissem o compartimento: matá-los ou fazer com que a matassem. O que tinha PJ no trenó? Armas, facas, varas de tenda. Se este compartimento se abrir e eu não reconhecer os olhos, enfio-lhes os dedos, pensou. Meu Deus, o meu coração. Mais conversa.

Depois risos. Mais conversa em russo.

O trenó acelerou. Sia levou a mão trémula à boca.

Uma hora depois, a luz inundou o compartimento. Sia pestanejou, olhou em volta. Neve, abetos, outra cabana. Quase idêntica, mas com mais um piso.

– Finlândia – disse PJ a sorrir.

Curvada sobre um fogão, muito agitada, Artemis Procter, envergando uma *parka* púrpura fluorescente, estava no final de uma sessão de preparação de café. Os grãos tinham-se espalhado pelo chão e o café açucarado escorria pelo lado do fogão a lenha. A caneca de Procter estava toda suja por fora. Ao

ver Sia e Max, bateu com ela na chaminé e abraçou-os com força. Apertou Sia e disse que não podia estar mais orgulhosa.

Procter acenou a Arvo e a PJ para que lhe dessem uns minutos. Os três agentes da CIA sentaram-se no sofá e em cadeiras. Procter falou dos acontecimentos em Moscovo, do dinheiro de Putin, da sua mentalidade de *bunker*.

Sia e Max escutaram o lume a crepitar, refletindo na realidade de que os russos, ou antes, Putin, podia em breve colocar uma recompensa sobre as suas cabeças. Estranhamente, aquilo não provocou em Sia nenhuma emoção.

Por fim, Procter ditou a sentença. O veredicto que Sia esperava e temia desde St. Ives. A linguagem corporal da Chefe alterou-se, mas havia que reconhecer que não esteve com rodeios. Não os enganou. Não lhes deu falsas esperanças.

– Fizemos uma revisão exaustiva desde a noite em RusFarm – começou Procter. – E não há maneira de continuarmos a apoiar as vossas plataformas. Estão queimadas. Sia, vamos realojar-te nos Estados Unidos. Novo nome, tudo novo. Vais ligar para a Hynes Dawson e dizer ao Benny que tens de te despedir. Esgotamento nervoso. Qualquer coisa dramática. Vamos mandar uma equipa limpar o teu apartamento.

E, com isto, selada pelo seu próprio assentimento mudo, terminava a brilhante carreira de Sia Fox como jovem NOC. Uma série de façanhas, ao mesmo tempo ilustres e acidentadas, estimulantes e aterradoras, tinha descarrilado. A rutura era tal, que não conseguiu energia para a exprimir por palavras, muito menos compreender as suas implicações. Talvez fosse o choque. Talvez uma ignorância cega ou confusão. Mas o que quer que fosse, nesse momento, Sia Fox nada sentiu. Nada disse. Nada fez.

Um tronco caiu no lume.

Procter voltou-se para Max.

– Colocámos um dispositivo de segurança suplementar em San Cristobal. Até agora não se detetou qualquer interesse russo no local. Em cima da mesa está o mesmo pacote para ti e para o teu pai. Realojamento. Novos nomes. Remuneração. Essa coisa toda. Ofereço, tenho de oferecer. Faz parte do acordo contigo e com a tua família.

– Vou voltar para San Cristobal – disse ele. – Não posso viver noutro lado.

– Estás preparado para morrer lá? – perguntou Procter. – Se os olhos maléficos do Vladimir encontrarem o caminho?

– O que achas, Artemis?

Olharam-se com firmeza, até Sia perceber que Procter e Max se entendiam perfeitamente.

– Como te disse, tinha de oferecer – resmungou Procter.

Max franziu a cara. Acenou a Procter, levantou-se e saiu.

Procter e Sia ficaram a olhar para o lume.

– Vocês sabiam tudo isto, não é verdade? – perguntou Procter sem

antipatia.

– Sim – confirmou Sia. – Só que ainda não o tínhamos ouvido da tua boca.

Sia serviu-se de mais café e olhou pela janela. Max conversava com PJ e Arvo, que estava a atrelar os cães, dispondo-os em duas equipas para puxarem os trenós.

Sia largou a cortina.

– A Anna? – perguntou quase em surdina.

Procter abanou a cabeça.

– Não sei. Incumbimos as fontes russas em que confiamos de a procurar. Estamos a tentar obter uma lista de quem está preso em Lefortovo, para ver se ela faz parte. Ou registos das morgues em redor da RusFarm. Até agora não tivemos sorte.

– O PJ pensa que lhe deu um tiro – disse Sia.

– Bom, não temos uma única informação que a mencione – declarou Procter. – Morta ou viva. O que achas?

– Como assim?

– Quero dizer – repetiu Procter –, o que achas disso, Hortensia? – Procter fitava-a, pronunciando o maldito nome

Sia tinha pensado tanto em Anna desde a noite na quinta, que cada vez que o fazia sentia a mente às voltas. O que era Anna Agapova? Espia ao serviço de um país estrangeiro? Correio? Amiga? Inimiga? Tudo ao mesmo tempo? Aquela mulher tinha um pouco de tudo.

– Espero que a Anna tenha encontrado a sua vitória – disse Sia. – Mesmo que esteja morta.

Aquilo pareceu bastar a Procter, que bebeu um gole de café, assentiu e nada disse.

PJ seguiu Arvo para dentro da cabana. A última luz do crepúsculo entrou com eles.

Arvo usava a língua gestual, movendo os dedos com urgência.

A cidade mais próxima, onde os finlandeses e um agrupamento completo de agentes da Agência os iam receber, ficava a uma hora de distância da cabana, e o caminho era mais direto de trenó puxado por cães, do que por carro. Mais uma vez viajariam nos compartimentos, não por sigilo, mas por falta de espaço, e Procter foi metida no trenó de PJ. O finlandês entregou a Procter um saco de cereais e uma garrafa de água. A viagem era curta, por isso não levavam fraldas. Ora que merda, disse Procter. A Chefe baixou-se atrás de uma árvore e depois voltou a subir para o trenó. A luz do dia extinguiu-se rapidamente.

Arvo instalou Sia e Max no compartimento e foi metendo coisas em volta deles, até que a luz se esgotou. Sia encostou o seu pescoço ao de Max. Envolveram-se, pernas e braços. O trenó partiu. Em breve tudo era escuridão

e silêncio, interrompidos apenas pelos ritmos tranquilizadores da respiração de ambos, pelo deslizar do trenó, pelo suspiro ocasional de um dos cães. Sia estava só com os seus pensamentos e nessa solidão eram eles que lhe falavam. Enquanto deslizavam pela noite, tinha uma sensação de leveza, de se erguer na escuridão acima de si. As faixas verdes da aurora boreal estendiam-se pelo espaço. Estava no céu e, lá do alto, olhava cá para baixo, para si e para Max.

Moviam-se rapidamente, entrelaçados.

Como que num caixão no fim da vida, ou num ventre materno, no seu princípio. Sia não sabia ao certo.

Moscovo

Semanas mais tarde

Os guardas de Lefortovo abriram, com um ruído metálico, a porta da cela de isolamento do Prisioneiro 36. Levaram-no, encapuzado, para o corredor. Andavam rapidamente e as pernas enfraquecidas do preso arrastavam-se por vezes no chão. Deram várias voltas através do sinistro bloco negro das celas e entraram em corredores mais claros, pintados de azul-turquesa e bege. Em Lefortovo não era permitido o contacto entre prisioneiros: não havia maneira de passarem recados, nem de olharem para a cara uns dos outros. E guardas e prisioneiros não podiam trocar uma única palavra. Como acontecia em Lefortovo desde o tempo dos czares, os guardas usavam botões metálicos para comunicar se duas equipas de escolta se encontrassem num corredor estreito. O *clic-clac* indicava qual das equipas devia enfiar o seu prisioneiro dentro da caixa de madeira no extremo do corredor, para haver espaço para o outro passar.

Aquela dança tornara-se um lugar-comum nas últimas semanas. Todas as alas da prisão em forma de K rebentavam pelas costuras com tantos prisioneiros. No dia 21 de dezembro constavam das listas de Lefortovo 30 prisioneiros. Agora eram 251. As celas comuns haviam sido convertidas em câmaras exíguas e solitárias. Muitos dos ex-oficiais mais importantes do governo russo estavam agora confinados a espaços pouco maiores do que um caixão. A prisão não estava assim tão superlotada desde os antigos tempos do Terror, quando Lefortovo fora a prisão preferida de Estaline.

Os guardas que transportavam o Prisioneiro 36, agarrando-o pelos braços e pelas pernas, fizeram soar os seus dispositivos metálicos para a equipa que se ocupava do Prisioneiro 77. Tinham de passar rapidamente. O Prisioneiro 36 era esperado numa das salas da cave. O Procurador-Geral tinha

assinado ordens de execução naquela mesma manhã. Contrariamente à crença popular, as execuções são muito raras em Lefortovo. A moratória russa sobre a pena de morte, que durara décadas, fora recentemente retirada, mas era mais um aceno patriótico à posição de guerra do país do que um instrumento prático. As liquidações formais necessitavam de mais papelada do que atirar uma pessoa de uma varanda. Independentemente disso, a verdade é que ninguém daquela importância tinha ali sido liquidado desde os tempos de Estaline, ou talvez de Brejnev. Os guardas não acreditavam que se chegara àquilo.

A equipa que escoltava o Prisioneiro 77 fez sinal de concordância. Meteriam o seu prisioneiro na caixa no extremo do corredor, para que os dois presos não se pudessem ver, cheirar ou ouvir quando passassem um pelo outro.

Clic-clac, clic-clac.

E foi assim que dois guardas acompanharam uma encapuzada Anna Andreevna Agapova, Prisioneira 77, até uma fria caixa de madeira.

O Prisioneiro 36, Vassily Platonovich Gusev, o próprio Ganso, foi levado para uma velha cave, onde, após três horas, o oficial superior do FSB de serviço leu o decreto do Procurador-Geral e pediu uma declaração.

– Estou inocente de todas as acusações – declarou o Ganso. Continuava encapuzado e com o seu fato de treino largo da prisão. Não sabia que estava voltado para uma parede de tijolo: não via os ralos instalados na base. Não ouviu o chiar do manípulo da torneira, nem o ruído surdo da água a encher a mangueira de pressão para a limpeza.

A última visão do Ganso foi a escuridão do capuz, o último ruído foi o de passos que se aproximavam por trás dele.

O seu corpo foi para a morgue. A água ensanguentada gorgolejou pelos ralos enquanto os guardas limpavam os tijolos e a pedra com a mangueira de pressão. O fato de treino largo ficou intacto e, como se tratava de propriedade do Estado, foi lavado nessa noite, dobrado e devolvido ao inventário na manhã seguinte.

Tal como acontecia com todos os russos agentes da CIA, a causa de morte ficou em branco na sua certidão de óbito.

A escuridão afetara profundamente a sensação que Anna tinha do tempo, até que, por fim, já não distinguia os minutos das horas, as semanas dos meses. O que sabia era que a escuridão da sua cela era quebrada apenas pelas visitas de uma médica anónima e por uma equipa de guardas a tresandar a álcool, couve e água-de-colónia. A cada visita encapuzavam-na e transportavam-na por um corredor a cheirar a cloro.

A viagem para Lefortovo era composta de fragmentos: um tiro num monte junto à RusFarm, um breve acordar dentro de um helicóptero, depois novamente uma luz crua, bips e o gorgolejar sinistro de um equipamento

invisível. Havia um médico com um fato esterilizado azul e um saco de soro intravenoso e, logo a seguir, Anna cavalgava *Penelope* em direção à inconsciência. Algures, pelo caminho, tinham-lhe operado o ombro.

Nos primeiros dias, ou talvez primeiras semanas, os guardas haviam-na transportado para as salas de interrogatório do segundo andar, com homens sem nome que lhe ofereciam chá ou café e depois lhe faziam perguntas. Tal como da cirurgia, pouco se lembrava desse tempo. Ter-lhes-ia falado de Sia e de Lulu? Da Suíça? Suspeitava agora que lhe tinham posto SP-117 naquilo que bebera. Pentotal de sódio. O soro da verdade do FSB. Porém, o que quer que tivesse dito, acabou por perceber que eles não sabiam. A dada altura terminaram as sessões sob o efeito de drogas. Anna não confessara. Depois levaram-na para as mesmas salas e um homem chamado Ilya sentou-se junto dela a vê-la escrever repetidamente o seu testemunho dessa noite. Ilya fizera perguntas, oferecera versões alternativas da história dela que tinham sempre – sempre – a ver com a presunção da sua culpa. Aquilo era, conforme Ilya gostava de dizer, uma questão de descobrir os detalhes da traição e não se ela a cometera. Isso tinha sido estabelecido, insistia. Quantas versões escrevera? Mesmo assim, não confessara.

Depois da escrita, passaram ao polígrafo e à eletricidade.

Achou que acontecera três vezes. Tinha a certeza de que não tinham sido mais do que cinco. Uma série de guardas transportava-a para uma sala branca e limpa, com azulejos de cor viva no chão, nas paredes e no teto. A sala inclinava-se para um ralo instalado no centro. Havia uma mesa gasta com um computador, rodeada por duas cadeiras. Uma enfermeira forte, com cabelo grisalho já muito fino e olhos brilhantes, colocou-lhe elétrodos nos rins. Afagou-lhe suavemente a face e pediu-lhe que fosse uma boa menina. Depois chegou um homem com uma cabeleira branca e encaracolada e um bigode de morsa, que lhe aplicou sensores nos dedos, uma manga para medir a pressão arterial no braço e um pneumógrafo no peito. Depois foi mexer no computador.

A seguir perguntou a Anna se trabalhava para CIA.

Não, insistiu ela. Não.

Depois carregou num botão, e a eletricidade queimava-a e arrepanhava-lhe a pele, e a sala passava do dia para a noite e da noite para o dia.

Ele tinha outras perguntas (*Sabia do trabalho do seu marido para a CIA? Incendiou a RusFarm? Hortensia Fox recrutou-a no México? Na RusFarm? Em Genebra?*). Cada pergunta acompanhada por uma dose de corrente.

Ou não. A eletricidade surgia ao acaso. Numa visita, o operador do polígrafo nem sequer tocou no botão. Noutro, cada *nyet* provocava a corrente e durante dias (semanas?) não conseguia endireitar-se. Na última visita urinara o fato de treino da prisão só ao ouvir a voz dele.

Mesmo assim, não confessou. Seria pior se dissesse que sim, dizia para consigo uma e outra vez. Assim perdia e teriam todos morrido para nada. No

pântano febril da sua mente, sabia que a incerteza e a antecipação, mais do que a eletricidade, eram o verdadeiro tormento. Já saberiam? O que lhes teria dito? Há quanto tempo estava ali? Alguma vez sairia? O seu *nyet* obrigaria o Bigode de Morsa a carregar no botão? Perguntas simples. Nenhuma resposta.

Depois acabaram-se os polígrafos. Os guardas chegavam, encapuzavam-na e levavam-na para outra sala de interrogatórios para mais discussões com Ilya.

À chegada, Ilya assinava papéis que justificavam a transferência de Anna da sua cela para aquela sala. Os guardas dispersavam, Ilya ligava um interruptor que iluminava uma luz vermelha à entrada da porta:

Interrogatório a decorrer. Anna sentava-se à mesa. Diante dela estava um copo de esferovite cheio de chá salobro. Não havia vapor à superfície, provavelmente nem sequer estivera quente. Nunca o provara; Ilya nunca a obrigara. Um aquecedor a água sussurrava, preso na parede bege. Do teto pendiam lâmpadas tão antigas que Beria devia tê-las usado para iluminar a sua loucura.

Na meia-luz, Anna via a pele amarelada das suas mãos. Os seus seios tinham encolhido; nadavam agora submissos dentro do fato de treino malcheiroso. Sentia os pés sempre frios. Agitava os dedos dentro dos ténis sujos para ter a certeza de que conseguia mexê-los. Os sapatos eram pelo menos um tamanho acima do seu e não tinham atacadores – aos prisioneiros não eram permitidos cordões, por muito fracos ou curtos. Anna ensaiava todos os pormenores do pesadelo em RusFarm. Quando a sua mente se instalava nas coisas reais – por exemplo, no tiro que disparara contra o seu próprio ombro ou no incêndio que ateara – imaginava meter esse pensamento incómodo numa grande saca e atirá-lo de uma torre. Os canos do aquecedor murmuravam e estalavam enquanto ela ensaiava silenciosamente as suas deixas.

Ilya fechou a porta e sentou-se a sorrir à frente dela. Tinha uma cabeleira escura que afastava obsessivamente do rosto. Entrelaçava as mãos sobre a mesa, olhava gravemente para os olhos dela e fazia as perguntas. Não havia amenidades, preâmbulo, nunca lhe era oferecida qualquer informação.

– A noite na RusFarm – começou Ilya. – Porque estava no carro?

– Queria confirmar que alguém me vigiava.

– Porque pensa que alguém a vigiava?

– Era uma sensação. Nessa tarde tinha ido passear a cavalo com a Hortensia Fox. Senti-os. A saída de carro foi para o confirmar. E estava certa.

Ilya abriu as mãos e começou a puxar uma cutícula.

– Porque voltou à casa?

– Os homens do Chernov apanharam-me.

– Sabe – Ilya continuava a fixar a cutícula. – Vários homens da equipa do Chernov fizeram um relato completo dessa noite. Disseram que se encontravam lá para a vigiar a si e à Hortensia Fox. Depois dizem que o Chernov decidiu, depois do seu passeio a cavalo, entrar na mansão para terem

uma conversa com a Hortensia, o namorado, Maximiliano e o Vadim. Entrou com dois homens, dois agentes do FSB. E... o problema é este: você é a única sobrevivente dessa pequena reunião, que terminou com uma violência espetacular. Então, você voltou à casa. Diga-me o que aconteceu depois. Todos os pormenores. Por ordem.

– A energia tinha sido cortada em toda a propriedade. Eu...

A porta abriu-se. Anna endireitou-se na cadeira. Aquilo era uma novidade. Entrou outro guarda, que lhe abriu as algemas.

– Quer chá? – perguntou Ilya. – Ele pode trazer-lhe chá quente.

– Anna abanou a cabeça,

– Não tem nada – disse Ilya. – Juro.

Anna abanou mais uma vez a cabeça.

Ilya revirou os olhos.

– Já usámos o pentotal de sódio. Não o vamos usar outra vez. Tem a minha palavra.

Aquilo nada significava, mas ela queria chá quente mais do que tudo no mundo, por isso assentiu.

O guarda trouxe-lhe uma chávena fumegante de chá preto. Anna bebeu o em três goles, apesar de a língua lhe arder. Nunca provara nada tão delicioso.

Anna ergueu a chávena vazia. Ilya chamou o guarda, que trouxe outra. Desta vez saboreou-a: goles lentos, o rosto sobre o vapor, as mãos rodeando a chávena, como se de um filho se tratasse.

Ilya fez um movimento súbito com a mão: Continue.

– Entrei na casa principal – disse ela. – Continuava a não haver eletricidade. Estavam a falar na sala. Tinham acendido a lareira e estavam a discutir. Só mais tarde percebi do que se tratava. Há meses que o Ganso e o Chernov andavam atrás da minha família. Ameaçavam-nos, puseram o meu pai na prisão. O que soube nessa noite foi que havia uma ligação à CIA e que havia um plano para extrair fundos e usá-los para financiar um golpe de Estado. Mas, como sempre, houve uma discussão acerca do dinheiro. Vadim queria tirar uma parte maior do que a que tinham aparentemente negociado. Planeava fugir com o Castillo, o seu gestor, retirando o máximo de dinheiro possível enquanto o faziam. Provavelmente o Chernov já suspeitava disso há tempo. Discutiram muito e, por fim, o Vadim e o Max mataram o Chernov e os seus homens. O Vadim disse-me para ir com eles, mas recusei. E eles não gostaram.

– E então o que fez?

– Impedi-os.

O guarda trouxe mais daquele maravilhoso chá e Anna repetiu toda a história para Ilya. Descreveu a desagradável discussão com Vadim. A luta quando tinha tentado fugir da sala. A sua detenção. Max e Vadim desaparecidos não

sabia para onde, provavelmente a tratarem da fuga.

– Sempre pensei que eles tinham escapado – disse Anna. – Mas sei que não me vai dizer.

Ilya esboçou um leve sorriso. Nesse ponto da história, era hábito ele interrompê-la, acusando-a de mentir. Dizia que ela matara alguém, geralmente Vadim, ou declarava que ela conspirara com Sia. Por vezes recapitulava falsamente a história, acrescentando os seus próprios pormenores ou tecendo uma história completamente nova que confirmava a culpa de Anna. Depois tentava convencê-la a concordar com a sua versão.

Mas desta vez disse:

– A Hortensia... Sia, como lhe chama... O papel dela nisto é estranho, não é verdade?

– É.

– O Maximov diz que o seu trabalho era recrutá-la. Que o SVR tinha suspeitas de que a firma em que ela trabalhava, a Hynes Dawson, ajudou o Vassily Gusev... o Ganso, como lhe chama... a retirar fundos estatais do país. Depois de tudo isto, ficamos a pensar quem trabalhava realmente para quem.

Era a primeira vez que Ilya mencionava o nome de Maximov.

– Não sei o que é a Sia Fox – disse Anna. – Mas para mim é evidente que Max Castillo recrutou o meu marido. Não sei se a Sia é uma verdadeira agente da CIA, ou simplesmente uma cúmplice com conhecimento de causa. E suponho que não interessa. O que sei é que ela me deu informações indicando para onde tinham viajado esses fundos. Uma peça do quebra-cabeças em torno dos planos do Ganso, mas infelizmente, não o bastante para fazer uma queixa à justiça.

– Então, o que aconteceu depois? – perguntou Ilya.

– Como me recusei a partir com eles, a raiva do Vadim transformou-se em loucura. Começou a resmungar acerca dos cadáveres. A dizer disparates. O Max enviou uma mensagem pelo telefone. A Sia implorou-me que os acompanhasse. O Vadim começou a empilhar coisas no sofá para atear o incêndio. O Max e a Sia ajudaram. O Vadim percorreu a casa a atear o fogo. Voltou para onde eu estava, na sala, e não conseguiu chegar até mim por causa do fumo. Atirou às cegas pela sala, e foi então que me atingiu no ombro. Nessa altura eu estava na cadeira, caída no chão. Já não ouvia as vozes deles. Fugiram das chamas. Consegui libertar-me .

– Diga-me como.

– Tinham planeado prender-me. Usaram fita adesiva, mas não foi suficiente, e nos sítios errados.

– Muito conveniente para a sua história.

Anna bebeu mais chá e usou a deixa habitual para esta parte da conversa.

– É a verdade.

Depois desta insistência, Ilya respondeu com o habitual encolher de ombros.

– Assim que consegui soltar-me, fugi da casa – prosseguiu Anna. –

Liguei para o Maximov no SVR. Claro que tem as gravações.

– Há uma coisa que não entendo – disse Ilya. – Porque havia o Vadim de a querer levar com ele? Sei que o vosso casamento não era feliz.

– Eu era propriedade dele – afirmou Anna. – Tinha de ser erradicada com ele. Como um gato enterrado com o faraó. Ou uma escrava atirada para a pira com um rei morto. Onde quer que ele fosse, eu teria de ir também.

– Bom – disse Ilya, enquanto batia na mesa. – Mas não desta vez.

Anna tomou um duche quente. A sua pele esticava-se sobre as costelas, que mais pareciam varas de tenda; de cada vez que se esfregava, trazia mais cabelo entre os dedos. Ensaboou-se quatro vezes e, mesmo assim, sentia-se suja. Uma mulher bem arranjada, com um coque de cabelo ruivo e encaracolado, trouxe-lhe uma caixa de cartão contendo um estojo de maquilhagem, roupa interior descartável, uma saia, sapatos rasos e uma blusa. A roupa com que chegara tinha-se extraviado, disse a mulher. Dentro de dois ou três meses chegaria um reembolso do Estado. A mulher entregou Anna a uma médica que se encontrava num gabinete sem qualquer designação. Esta, sem pronunciar palavra, entregou-lhe um tabuleiro com pão escuro, uma sopa e outra chávena de chá. A médica viu-a comer e beber e, a seguir, deu-lhe uma garrafa de água cheia de um líquido cor de urina escura. Anna cheirou-o, era açucarado, e bebeu metade do conteúdo. A médica conduziu-a por um labirinto de corredores e, a cada curva, a luz acendia-se. Chegaram a uma sala de espera com sofás vermelhos, aveludados. Sobre um deles havia um sobretudo preto. A médica ajudou-a a vesti-lo.

– Quando é o Ano Novo? – perguntou Anna.

A médica franziu a testa.

– Hoje é 19 de fevereiro – respondeu.

Anna enfiou-se no enorme casaco e descobriu que o seu cérebro conseguia fazer contas. Sessenta e um dias. Sessenta e um dias desde o incêndio.

Saiu para o frio cortante e atravessou um alto portão de metal. Um *Mercedes* preto com matrícula do governo estava ali estacionado, lançando nuvens de fumo de escape sobre a neve lamacenta. Anna apoiou-se no ombro da médica para não escorregar no gelo. A porta traseira do carro abriu-se.

Anna espreitou lá para dentro. Maximov acenou-lhe.

– Capitã Agapova, entre. Está um frio terrível.

Moscou

Maximov não falou durante o caminho para Yasenevo. A calva no alto da sua cabeça parecia ter encolhido desde a última vez que Anna o vira. Talvez tivesse feito um implante. Depois de saírem da MKAD, passaram a guarita e pararam diante da entrada dos executivos. Maximov apanhou-a a lançar um olhar de incerteza na direção da porta.

– Isto não pode esperar – disse. – Lamento.

Encaminharam-se lentamente para o gabinete dele. Ele não lhe ofereceu ajuda e ela ficou satisfeita, pois tê-la-ia recusado. Maximov puxou uma cadeira para ela se sentar a uma brilhante mesa de pinho. Um assistente trouxe chá.

– Isto vai ser rápido – disse Maximov. – Depois vais para casa descansar.

Para casa, pensou. Onde era isso agora?

Maximov colocou um dossiê diante dela. Bateu sobre ele com os nós dos dedos e sentou-se.

– O que sabes exatamente acerca do que tem acontecido neste país?

– Estive presa em Lefortovo – respondeu Anna.

– Sim, claro – disse ele. – Bom, terás tempo para te pôr a par. Vamos colocar-te de baixa administrativa durante seis meses para recuperares.

– OK – concordou ela, sem dizer mais.

– Quando me ligaste nessa noite, capitã – disse Maximov –, essa foi a primeira indicação de que o teu marido, o Ganso, o Chernov e outros preparavam um golpe de Estado com a ajuda da CIA. Agimos de acordo com esse aviso e suprimo-lo. Mas as investigações continuam. – Maximov falava para o seu reflexo nas janelas enormes. – Mas os acontecimentos dessa noite foram... e continuam... confusos. Para ser franco, nada daquilo faz sentido. Agentes do FSB assassinados, a fuga do teu marido. As análises

forenses foram muito complicadas, como podes imaginar. O incêndio destruiu quase tudo. E ainda não há sinais do Vadim, nem dos teus dois misteriosos visitantes.

Agora Anna começava a pensar se ele não a teria trazido ali para mais um interrogatório. Seria mais uma ronda?

– Capitã, estás a perceber como toda esta situação parece emaranhada – continuou Maximov. – Até ontem, os rapazes do FSB estavam dispostos a encostar-te à parede para te fuzilar. Esses amigos não se dão bem com ambiguidades, como sabes. Era melhor verem-se livres de ti. Percebi a ideia deles, mas tive dúvidas. Por exemplo, ligaste-me naquela noite para me informar da conspiração. Porquê fazê-lo se estivesse envolvida? Mas, por outro lado, seria verdadeiramente possível que não estivesse ao corrente da traição do teu marido? Será verdade que Maximiliano Castillo recrutou o Vadim sem o teu conhecimento? O que era, ou é, essa Hortensia Fox?

Anna ainda não estava certa de que a fossem soltar, mas há muito que decidira, nas profundezas de Lefortovo, que não se importava.

– Leste os relatórios dos meus interrogatórios, não é verdade? – A resposta foi um aceno afirmativo. – Bom, então ouviste as minhas respostas às perguntas. Queres que as repita?

Maximov apontou para o dossiê sobre a mesa.

– Não, mas gostava que folheasses.

Lá dentro encontrava-se uma pasta agrafada. A primeira página continha uma cópia da carta de condução de Vadim. Havia também uma mensagem da CIA. Anna vira algumas passadas por fontes do SVR. Esta estava marcada RH – manuseamento restrito e, além das marcas de classificação típicas, continha seis letras únicas que Anna reconhecia – significavam que o documento se encontrava dentro de um compartimento de uma ação secreta da CIA. Começou a ler.

MEMOTTL> ASS: 15 JANEIRO SITREP: REINSTALAÇÃO NROC DE VADIM KOVALCHUK

1.

DOCUMENTAÇÃO: MUDANÇA DE NOME LEGALIZADA, CARTA VERDE. NSS, CARTA DE CONDUÇÃO, PROVA DE RESIDÊNCIA. COORDENAÇÃO COM O GABINETE DE CAMPO DO FBI DE MINNEAPOLIS PARA GARANTIR LOCALIZAÇÃO PERMANENTE NO UPPER MIDWEST.

2.

AValiação psicológica da OMS da CIA, no seguimento da visita de seis horas com o suj na zona de WDC revela um contínuo desconforto emocional pós deserção. suj continua a sentir culpa e raiva acerca da recusa da deserção da mulher. suj mencionou pensamentos suicidas.

3.

suj continua a albergar o delírio de regressar à Rússia. da mesma forma o risco provável de fuga leva o assessor da OMS a manter a recomendação da monitorização de 24h/7d até

MELHORIA DO ESTADO DO SUJ.

4.

A EQUIPA CONJUNTA NROC / REINSTALAÇÃO DE MOSCOVO X CONTINUA A SOLICITAR A FONTES DE TODO O MUNDO INFORMAÇÕES SOBRE O DESTINO E PARADEIRO DA MULHER.

5.

A PRÓXIMA ATUALIZAÇÃO DA EQUIPA DO NROC SERÁ FEITA ÀS 1500 AMANHÃ CONFORME A INFORMAÇÃO PROGRAMADA. CUMPRIMENTOS.

Anna folheou mais umas páginas e pôs a pasta de lado. Caramba, pensou, quem teria escrito aquilo? Ou se tratava de uma armadilha elaborada ou significava liberdade. Vitória. Maximov avaliou-a com um olhar perplexo. Como se, para ele, tal como para ela, aquilo não pudesse fazer sentido.

– Temos uma fonte no FBI com algum acesso a informações de desertores – disse-lhe Maximov. – Esta foi a última a chegar. O que pensas, capitã Agapova?

Ela empurrou o dossiê sobre a mesa.

– O que penso? Passei dois meses em Lefortovo a dizer-lhes o que penso disto.

Maximov apontou para a cadeira diante do samovar enfeitado com uma desbotada águia imperial.

– Enquanto estiveste em Lefortovo, o coronel do FSB que dirigia a investigação veio aqui para dar informações. Sentou-se aí nessa mesma cadeira e resumiu tudo impecavelmente. Disse que, na verdade, tu eras ou uma traidora ou uma heroína. Que talvez nunca fôssemos capazes de o provar... que, de qualquer forma, teríamos de te liquidar, mas que eras uma coisa ou outra. – Maximov encolheu os ombros, agarrou no dossiê e atirou-o para cima da sua secretária.

Ela alisou a sua triste saia. Uma traidora e uma heroína. Sou ambas as coisas, pensou. Como todos os bons russos.

Moscovo/Sochi/Cabo Idokopas/Quinta da Anna

Anna não sabia para onde ir. Tinha feito *check in* no Ritz antes de a mandarem para uma das estâncias fechadas do SVR em Sochi, uma aldeia olímpica de ski reconvertida, um conjunto de edifícios amarelo-girassol com passeios por baixo de arcadas, onde antes houvera restaurantes e lojas. Caminhos pavimentados a vermelho serpenteavam ao longo do rio. O relógio da torre já não funcionava. O degelo estava a começar, a água da montanha corria pelos passeios e trilhos.

Durante uma semana dormiu até ao princípio da tarde, acordava para um almoço de chá e pão escuro seco e visitava um fisioterapeuta por causa do ombro, que ainda se mexia como se tivesse areia nas articulações. Era-lhe difícil levantar tudo o que fosse mais pesado do que um copo de água. Durante os passeios que dava, o peso do seu braço esquerdo acabava por explodir numa dor aguda, como se estivesse pendurado por ganchos.

De vez em quando ligava para Maximov para falar do pai. Esquece Anna, dizia ele. Tentámos, mas o Ganso pôs engrenagens em movimento e tem sido difícil deter a lei. Continua em Butyrka. Maximov disse-lhe que se mantivesse afastada, em Sochi. Espera algum tempo. Não é um pedido.

Nas noites calmas, e na sua cama, pensava em Luka.

Praticava pintá-lo na mente para não o perder. Começou com coisas simples: um sorriso, uma gargalhada, o toque da sua mão. Na segunda semana conseguia reproduzir jogos no Jean Martel, o caminhar na Street of All-Holidays e entrarem no apartamento dela para fazerem amor. Quando o sono se aproximava, a imagem de Luka começava a dissolver-se e Anna pedia-lhe

desculpa. Por vezes imaginava que o retrato dele a tranquilizava, validando as suas escolhas. Mas eram as palavras de Anna, não as dele, e trazê-las à mente faziam-na sentir uma ladra. Já lhe roubaste o futuro, dizia para consigo, também vais fazer o mesmo às palavras dele?

Não pensava na realidade acerca de Sia, Max ou Vadim. Quando os seus pensamentos vagueavam até eles, a sua mente, submersa na estufa de Lefortovo, pura e simplesmente desligava-se.

No princípio da sétima semana, quando os caminhos se inundaram de neve derretida, chegou um correio do Kremlin com uma carta do chefe da Administração Presidencial. Leu-a três vezes, enquanto o correio esperava à porta do seu quarto.

– O que devo meter na mala? – perguntou, devolvendo-lhe o recado.

– Absolutamente nada – disse o correio.

Um *Mercedes* do governo levou-a a um prédio de escritórios em Sochi. Aí, numa sala sem janelas, duas mulheres levaram a cabo uma inspeção completa do corpo de Anna. Tiraram-lhe radiografias a todas as cavidades para se assegurarem de que não escondera uma bomba dentro de si. Trocaram-lhe as roupas por uma nova saia preta, uma blusa branca deslavada e um par de grossos sapatos práticos que batiam no chão de forma desagradável. As suas roupas, mala e telefone foram metidos em sacos de plástico e fechados num cacifo. Uma enfermeira fez-lhe um esfregaço em busca de doenças infecciosas. Fizeram-lhe um PCR e recolheram amostras de fezes.

Anna esperou duas horas numa sala antisséptica, até confirmarem os resultados. As duas mulheres inspecionaram-lhe mais uma vez o corpo e depois conduziram-na a uma nova sala onde permaneciam seis membros da equipa de segurança do Presidente, lendo revistas em compridas cadeiras de couro. Entregaram-lhe uma *dublyonka* com forro de pelo e fizeram-na passar por baixo do vento provocado pelas pás do helicóptero que os esperava. Anna sentou-se no meio, com seguranças por todos os lados. Estes não falaram, não sorriram, e olhavam-na sem pestanejar. Minutos depois, aquilo tornou-se normal. Depois de Lefortovo, pensou, nada mais seria desconfortável. Anna olhou ao longe. Por vezes esfregava a cicatriz do ombro. Mas seguiu de olhos fechados a maior parte do tempo.

O helicóptero pousou dentro da propriedade do Presidente em Idokopas, no Mar Negro. Os heliportos situavam-se numa colina verde-vivo, que, segundo o pai lhe dissera uma vez, escondia o ringue de hóquei no gelo que pertencia ao Presidente, enterrado quase cinco pisos abaixo, dentro da montanha. Os seguranças levaram-na do helicóptero por um largo caminho de pedra que descia até à *villa* italiana sobranceira ao mar. Era a maior residência privada da Rússia. O pai dissera-lhe uma vez, encolhendo os ombros, que o homem mais poderoso devia ter a maior casa. O caminho serpenteava encosta abaixo, passando por uma capela ortodoxa, atravessando jardins luxuriantes,

repletos de imponentes ciprestes, pinheiros e sebes cuidadas, onde se ouvia o zumbido do corte dos instrumentos dos jardineiros, o correr e o borbulhar da água e o crepitar da conversa pelo rádio.

Os seguranças levaram-na até à casa principal, atravessando um portão encimado pela imperial águia bicéfala. Seguiram por um pátio sombrio com uma enorme fonte gorgolejante e entraram num enorme átrio, apoiado por duas filas de pilares quadrados de cor creme. Em seguida entraram num corredor, depois de passarem por uma sala baixa que brilhava com uma neblina lilás. Avistou um palco com um poste. Chegaram, por fim, a uma sala comprida com uma mesa castanha, sofás de couro castanho e janelas com caixilhos de madeira escura, voltadas para a única coisa que não era castanha. O mar. Trouxeram a Anna sanduíches e chá. Ficaram a vê-la comer enquanto olhava para as arenosas colinas verdes que desciam até à água.

Uma hora depois, um homem baixo, gordo, de olhos inexpressivos e gestos agitados sentou-se diante dela. Não lhe apertou a mão, mas passou a dele pela mesa, pela cabeça, pelos ombros.

- Tem alguma pergunta? – perguntou, esfregando as mãos.
- Creio que não.
- Compreende a generosidade deste encontro?
- Compreendo.
- Compreende que não deve aproximar-se nem tocar nele?
- Compreendo.

O homem fez-lhe sinal para que o seguisse. Seguiu à frente, ela dois passos atrás, rodeada pelos seguranças. Anna foi conduzida a outra sala, esta mais comprida, com janelas ainda maiores, sobranceiras ao mar, chão de madeira, um teto coberto de frisos dourados e estuque, reluzentes cortinas douradas e uma parede interior ladeada por pilares de estuque branco com incrustações de folha dourada. O tapete dourado engoliu-lhe os sapatos. Isto parece a RusFarm, pensou, detesto este lugar. Havia duas cadeiras junto à mesa, uma em cada extremo, separadas por nada menos que cinco metros. A mesa era de um branco brilhante. O reflexo do sol feriu-lhe os olhos, as mãos agitadas do homem conduziram-na a um extremo, a uma cadeira demasiado baixa para a mesa e, obviamente, mais pequena do que a outra.

– Ele chegará dentro de momentos – disse o homem. – Precisa de usar a casa de banho?

Ela abanou a cabeça.

- Muito bem. Sente-se na cadeira. Nada de andar por aí, sim?
- Sim.

Anna sentou-se com as mãos no colo, como uma boa menina, vendo as ondas acumularem-se em triângulos brancos antes de se quebrarem. Aves marinhas passavam pela janela, mas ela não ouvia os seus gritos e grasnidos na sala silenciosa. É à prova de som, pensou, um lugar onde dois mundos se encontram. Ali ficou pelo menos durante 30 minutos, mas desde Lefortovo que perdera a fé na sua noção do tempo.

A porta abriu-se e o Presidente Vladimir Vladimirovich Putin, o *khozyain*, presidente e senhor de toda a Rússia, entrou na sala.

Vestia um fato preto, camisa branca e gravata azul. Quando anos antes ela o conhecera, era um homem vibrante. Agora tinha o rosto e o pescoço inchados dos esteroides. Não sorria. Não se aproximou para lhe apertar a mão. Instalou-se na cadeira, quase curvado, e estremeceu como se lhe doessem as costas. Agarrou a mesa, apertou os lábios e, a seguir, começou a falar.

– Capitã Agapova – disse o *khozyain* –, ainda não tenho a certeza do que fazer com o seu caso. Com o Ganso as coisas eram mais claras; havia muitas provas. Mas quase a mandei matar a si também. Não foi uma decisão fácil. Terei cometido um erro?

– Comigo ou com o Ganso?

Os lábios dele estremeeceram, quase como se estivesse divertido.

– Consigo.

– Não. Não sou traidora.

O *khozyain* curvou-se mais. Anna sentiu o seu cheiro, transportado sobre a mesa pelas poderosas saídas da ventilação. Esperava naftalina ou morte; mas não. Era roupa lavada.

– Li os relatórios de Lefortovo – disse ele. – Os investigadores andaram para a frente e para trás consigo. Não conseguiam decidir-se. Mantê-la presa, matá-la, soltá-la. Andaram às voltas. Está livre porque, no fim, decidi mantê-la viva.

– É lógico – disse Anna. – Estou inocente.

O *kozyain* encolheu os ombros e voltou-se para a janela. Lá fora, uma gaiivota descrevia círculos preguiçosos. O rosto dele brilhava na luz refletida pela mesa. O mar cintilava na tarde muito branca. Tudo o que era dourado naquela sala brilhava ao sol. Ele voltou-se para a encarar.

E, nesse momento, Anna foi invadida por uma sensação discordante, quase divina. Ainda és forte, pensou. Mas tu, *khozyain*, estás diminuído. Os olhos azuis dela brilharam de certeza, os dele, de mera suspeita. Eu sei, pensou Anna, e tu não sabes.

Roubei um ladrão.

E vou escapar impune.

Uma semana depois de Idokopas, Anna estava junto aos portões de Butyrka com uma garrafa de *Dagestani*, o seu *brandy* preferido. Tinham-no bebido pela última vez enquanto conspiravam na carreira de tiro da RusFarm, num mundo ainda jovem. Os gonzos rangeram em protesto quando o portão se entreabriu.

O pai saiu sozinho, espantado, o portão bateu atrás de si. Trazia um saco de plástico. Vestia um casaco azul debotado e calças que lhe cobriam mais do que completamente os sapatos. Abraçaram-se. Ele deixara uma dezena ou mais de quilos e algum cabelo na prisão. Não tinha o mesmo cheiro.

Pagámos tão caro por isto, pensou ela,
– Meu Deus, Anya – disse ele. – Meu Deus.

Abraçou a filha com força, beijou-lhe a testa, o cabelo, as faces.
Inundou-lhe o rosto com as suas lágrimas.

– Estamos em segurança, pai – disse ela. – E vencemos.

A obra da nova *dacha* começou em abril. Anna vinha aos fins de semana supervisionar a construção e montar *Penelope*. O trabalho andava lentamente. Nesse ano, o degelo fora tardio e ainda tratavam dos alicerces. Anna não tinha pressa. Por vezes galopava pela pastagem perto do bosque. Outras, trotava no hipódromo. Agora, com o ar mais quente, deixara crescer o cabelo, para que esvoaçasse ao vento enquanto cavalgava a galope.

Foi ao estábulo aparelhar *Penelope*. Colocou na égua um alforge que não era usado havia algum tempo. Aquele em que ela não gostava de pensar, que o seu bom senso a incentivara a destruir meses antes. Mas Maximov deixara escapar algo que não devia e ela tinha decidido não o ignorar. Percorreu o mesmo caminho onde perseguira Max e Sia. Uma das bolsas do alforge continha um cantil de água retangular e uns bocados de pão escuro, a outra uma bateria portátil. Cavalgou durante uma hora pelo cume do monte, certificando-se de que estava só.

O local parecia sossegado, embora quase tivesse morrido ali. Gostava do murmúrio dos cabos elétricos, do cantar dos pássaros, do sussurrar das árvores, das vistas extensas das pastagens e dos estábulos.

Desmontou no fim do trilho e retirou o alforge a *Penelope*. Moveu-se rapidamente, experimentando a correia e fazendo-a estalar uma, duas, três vezes. Havia meses que Sia lho demonstrara. Ao falhar a quarta tentativa, soltou uma enfiada de impropérios e olhou em volta. Estáς sozinha, disse para consigo, tens tempo. O painel abriu-se à décima tentativa. Retirou o portátil, ligou-o à bateria e esperou que ligasse. A sequência do teclado requereu dezenas de tentativas, e em breve se sentia tão frustrada, que imaginou abandonar tudo aquilo. Mas continuou. Quando por fim conseguiu, escreveu uma curta mensagem, o mais rapidamente que os seus dedos conseguiram mover-se:

SVR/FSB EM CONJUNTO EQUIPAS MECÂNICAS AVANÇAM PERSEGUIÇÃO
FOX E CASTILLO. TRABALHAM EM PISTAS DENTRO DOS ESTADOS
UNIDOS DE PREFERÊNCIA TEXAS. TENHAM CUIDADO.

Anna fechou o portátil. Fechou os olhos. Aquilo estava certo. Não o lamentava.

Passou a mão pelo computador.

Depois, colocou-o sobre uma pedra, pegou noutra, e começou a parti-lo

em bocados.

Destruiu o ecrã, a caixa, os circuitos. Meteu os fragmentos no alforge e montou *Penelope* para descer o monte. Cavalgou a trote durante muitas horas junto ao ribeiro e às lagoas, parando de vez em quando para desmontar e espalhar bocados da máquina dentro de água.

Quando voltou para casa, o coração batia-lhe num ritmo normal. Não transpirava. Os seus pensamentos eram claros. À entrada da pastagem, Anna observou os campos e os bosques frondosos que ficavam para trás, soltou o cabelo e acariciou as espáduas de *Penelope*.

Depois inclinou-se para a frente para a obrigar a galopar. O sol era brilhante e quente. O vento açoitava o longo cabelo de Anna, formando uma capa loura. Moviam-se graciosamente sobre a erva, cada passo encurtando a distância até ao final da pastagem. Ao aproximarem-se do monte, Anna inclinou-se para segredar junto à orelha da égua. Corre, menina, corre.

Corre.

AGRADECIMENTOS

Pensei que o segundo romance seria mais fácil do que o primeiro. Como me enganei! Este livro tentou evitar a sua própria criação com várias falsas partidas, bocos sem saída, caminhos pouco avisados e a invasão da Ucrânia pela Rússia, que se desenrolou exatamente quando eu estava a terminar a primeira versão. O facto de este livro existir é um testemunho às muitas pessoas que se apresentaram para me ajudar ao longo do caminho: amigos e família que transformaram o trabalho solitário da escrita num desporto de equipa que, pelo menos para mim, é necessário.

Estou, mais uma vez, extremamente grato ao meu editor na Norton, Star Lawrence, que apoiou este romance, desde o seu nascimento e, em várias ocasiões, o salvou da morte certa. Muito obrigado por teres continuado a apostar em mim e por teres insistido na minha escrita para a melhorar.

A equipa da Norton, ICM/CAA e Curtis Brown uniram-se em volta do livro e fizeram com que todo o processo parecesse menos solitário. O meu agente, Rafe Sagalyn, acompanhou-me em cada etapa deste projeto. Muito obrigado. Nneoma Amadi-obi pôs tudo em marcha; Dave Cole salvou-me de erros incómodos; Kyle Radler e Steve Colca bateram a determinadas portas e garantiram a divulgação; Emily Sacks ofereceu sábios conselhos e uma ajuda desinteressada; Helen Manders e Peppa Mignone difundiram o livro em todo o mundo. Alicia Gordon e Brooke Ehrlich serviram de guias de confiança no estranho labirinto de Hollywood. Essa orientação fez toda a diferença. A Mark Richards, à indomável Lisa Shakespeare e a Rachel Nobilo da Swift Press, por trazerem os meus romances para o Reino Unido, o meu muito obrigado.

Jan Neumann, ex-oficial do FSB, foi durante todo o projeto um inestimável conselheiro acerca da mentalidade, das operações e da linguagem dos serviços secretos russos. Estou em dívida com Jan por me ter revelado esse mundo perigoso, secreto e muitas vezes incompreendido. Jan, tenho a sorte de ser teu compatriota.

Bill Witman ofereceu-me ensinamentos magistrais sobre tudo o que se relaciona com cavalos, incluindo uma introdução ao mundo das corridas e

criação de puros-sangues. Estou-lhe imensamente grato por me ter permitido acompanhá-lo – de caderno na mão, munido de tantas perguntas – durante um longo dia num rancho no oeste do Texas. Obrigado também por cultivares uma enorme estima por essas nobres criaturas.

Vários ex-camaradas da CIA contribuíram gentilmente com o seu tempo e conhecimento para este romance. Glenn Chafetz, John Sipher e Marc Polymeropoulos aconselharam-me sobre as operações do Moscovo X na Rússia e ajudaram Procter, Sia e Max a evitar inúmeras confusões operacionais. Charles Finrock ofereceu uma visão presciente sobre as operações humanas e técnicas da CIA, enquanto passeava pelo quarteirão a fumar charutos. Steve Slick ajudou a escrever a descoberta (fictícia) da ação secreta realizada pela equipa do Moscovo X levada a cabo por Procter, dando-lhe a possibilidade de ser aceite na reunião com os advogados (também fictícia). Christina Hillsberg, ex-agente da CIA e autora de um livro a ser publicado sobre a contribuição e experiências das mulheres na Agência, fez o favor de ler o manuscrito e ofereceu-me sugestões de grande utilidade. Don Hepburn atuou mais uma vez como consultor de todo o tipo de atividades da CIA, respondendo a dezenas de perguntas deste analista impenitente sobre os meandros das operações. Como sempre, são meus todos os lapsos que possa haver dos conhecimentos operacionais e profissionais.

Dave Michael, mais uma vez, colocou a minha escrita sob um terrível escrutínio, garantindo que a história ficasse ainda melhor. Obrigado, Dave, pela educação contínua e muito dolorosa sobre como escrever bem.

Kent Woodyard, amigo de longa data (e um ser humano consistentemente mediano), disse-me, mais uma vez, o que era terrível e o que não era tão terrível. Obrigado, Kent, por não o esconderes.

Michael Wasiura ofereceu-me gentilmente os seus conhecimentos sobre Putin e a Rússia moderna. Agradeço os seus sinceros pensamentos e o perspicaz *feedback* do manuscrito, bem como as suas informações da Ucrânia.

Griffin Foster, advogado (alegadamente) íntegro, prestou aconselhamento jurídico *pro bono* aos advogados corruptos da fictícia Hynes Dawson. Seja como for, quaisquer erros de linguagem jurídica, são da minha responsabilidade.

Alex Holstein continua a ser um maravilhoso conselheiro de escrita, uma caixa de ressonância e um grande camarada.

O capitão Jack Stewart, excecional autor de *thrillers*, ofereceu-me úteis sugestões acerca de aeronaves para que eu não desse cabo das rotas. Todas as operações de voo equivocadas são, obviamente, de minha autoria.

O romance abrange continentes e países, pondo à prova a memória deste autor acerca das suas viagens, algumas de curta duração e, em alguns casos, aventurando-se para lá das fronteiras do seu diário de viagem mental. Michael Weiss, Kevin Rothrock, Molly McKew e Andrei Soldatov foram guias inestimáveis para a Rússia e para a mentalidade russa. Vários ex-residentes de Moscovo e São Petersburgo ofereceram amavelmente os seus conselhos sobre

restaurantes, bairros, alimentação, ruas, trânsito, roupas, seleção de bebidas alcoólicas e costumes locais. Josie Linaker verificou as minhas recordações de Genebra e da Jungfrau e ajudou a dar vida a essa região deslumbrante. Gordon Corera, ilustre escritor e especialista em operações dos serviços secretos russos, também me recordou de que os britânicos não comem doces e que, muito provavelmente, os chalés de St. Ives não têm ventoinhas no teto. Chantal Whiteley instruiu-me sobre a África do Sul e o sotaque do africânder. Diego Chavez leu as cenas de San Cristobal e salvou-me de vários deslizos, ajudando-me a aprimorar a utilização ocasional do calão espanhol por Maximiliano Castillo. Por isso, estou-lhe profundamente grato.

Mike Green, o médico residente deste livro, aconselhou-me alegremente sobre todas as horribéis calamidades, incluindo dedos do pé decepados, traumatismos causados por garrafas de leite, suspensões de uma varanda e tiros nos ombros. O autor (e as personagens) agradecem por ele ter estado de serviço.

Agradecemos também a Jeff B., cujo conhecimento acerca de fogos ajudou Anna Agapova a incendiar a RusFarm de forma rápida e eficiente.

Versões deste romance foram lidas por outros amigos que ofereceram a sua ajuda ao longo do caminho. Erin Yerger, Becky Friedman, Anna Connolly, Hunter Allen, John Wilson, Jenny Green: todos tiveram tempo para ler e dar um *feedback* útil e um incentivo.

Convidado por Terry Barrington, estive um dia inteiro num rancho no Texas. Ele e a mulher, Angela, prepararam-me um delicioso jantar de bifos e deixaram-me passar a noite em casa deles, em nome de pesquisa que acabaria no chão da sala de edição. Lamento profundamente por isso, e agradeço a incrível hospitalidade de Terry e Angela. Mas há a possibilidade de que parte dessas pesquisas venham a servir para outro livro.

Muitas outras pessoas ofereceram o seu tempo e conhecimentos sobre tópicos tão variados como as operações comerciais da CIA, armas de fogo, branqueamento de capitais, refinação de ouro, transliterações cirílicas e os caprichos dos mercados de criptomoeda. Estou em dívida para com todos elas pelo seu tempo e experiência.

Quero também agradecer aos meus filhos, Miles, Leo e Mabel, e ao seu coro de alegre insanidade, que me recorda todos os dias do que é a escrita hoje em dia. Adoro-vos a todos, mais do que alguma vez possam imaginar, e espero que algum dia gostem deste romance – de preferência, daqui a muitos, muitos anos.

E, o mais importante, todo amor e elogios devem dirigir-se à minha mulher, Abby, que, mais uma vez, foi a primeira leitora deste romance, uma campeã e, quando necessário, a sua crítica mais dura – mas amorosa. Ajudou-me a desenterrar a história, pouco a pouco, desafiando-me, mesmo quando ela estava num péssimo estado e o caminho a seguir era sombrio e cheio de obstáculos. Este livro nunca existiria sem ela.

Contents

1. Ficha Técnica
2. PARTE I Zagavor/Conspiração
 1. 1 Dunshanbe, Tajiquistão
 2. 2 Langley
 3. 3 São Petersburgo
 4. 4 RusFarm, perto de São Petersburgo
 5. 5 Londres
 6. 6 Moscovo
 7. 7 São Petersburgo
 8. 8 Repino/São Petersburgo/Londres
 9. 9 San Cristobal, México
 10. 10 Langley
 11. 11 Palo Alto
3. PARTE II Razrabotka/Desenvolvimento
 1. 12 San Cristobal
 2. 13 Moscovo
 3. 14 Moscovo
 4. 15 San Cristobal
 5. 16 San Cristobal
 6. 17 San Cristobal
 7. 18 San Cristobal
 8. 19 San Cristobal/Langley
 9. 20 RusFarm
 10. 21 St. Ives, Cornualha
 11. 22 St. Ives
 12. 23 Moscovo
 13. 24 RusFarm
4. PARTE III Zakhvat/Armadilha
 1. 25 RusFarm
 2. 26 RusFarm
 3. 27 RusFarm
 4. 28 RusFarm
 5. 29 RusFarm
 6. 30 RusFarm
 7. 31 RusFarm
 8. 32 St. Ives
 9. 33 St. Ives
 10. 34 Washington, D.C.
 11. 35 Moscovo
 12. 36 Falls City, Oregon/Palo Alto

13. 37 Moscovo/Genebra/Gimmelwald
14. 38 Gimmelwald
15. 39 Gimmelwald
16. 40 Gimmelwald
17. 41 Moscovo
5. PARTE IV Tyazhelyi/Pesados
 1. 42 Moscovo/São Petersburgo
 2. 43 São Petersburgo/RusFarm
 3. 44 Palo Alto/Parcellville
 4. 45 Moscovo
 5. 46 Moscovo/Estrada para RusFarm
 6. 47 Langley
 7. 48 San Cristobal
 8. 49 Vale de Napa
 9. 50 Moscovo/São Petersburgo
10. 51 RusFarm
11. 52 St. Ives
6. PARTE V Predatel/Traidor
 1. 53 São Petersburgo/RusFarm
 2. 54 RusFarm
 3. 55 Palo Alto
 4. 56 RusFarm
 5. 57 RusFarm/Palo Alto
 6. 58 RusFarm
 7. 59 RusFarm
 8. 60 RusFarm
 9. 61 RusFarm
 10. 62 RusFarm
 11. 63 Palo Alto
 12. 64 RusFarm/Palo Alto
 13. 65 RusFarm
 14. 66 RusFarm
 15. 67 Palo Alto/Washington
 16. 68 Langley
 17. 69 Karelia
 18. 70 Karelia
 19. 71 Moscovo
 20. 72 Moscovo
 21. 73 Moscovo/Sochi/Cabo Idokopas/Quinta da Anna
7. AGRADECIMENTOS

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Acknowledgments](#)